STEPHEN KING

O Apanhador de Sonhos

Stephen King

O Apanhador de Sonhos

Tradução
José Arantes

EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Dreamcatcher

Capa
Pós Imagem Design

Revisão
Ana Kronemberger

Coordenador de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64a

King, Stephen, 1947-
O apanhador de sonhos [recurso eletrônico] / Stephen King ;
tradução José Arantes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.
recurso digital : il.
Tradução de: Dreamcatcher
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8105-145-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Arantes, José Antonio II. Título.

13-00273.

Este é para Susan Moldow e Nan Graham.

Sumário

Primeiro, as Notícias

Do East Oregonian, 25 de junho de 1947

BOMBEIRO VÊ "DISCOS VOADORES"
Kenneth Arnold fala de nove objetos discoides
"Cintilantes, prateados, com velocidade incrível"

Do Daily Record de Roswell (Novo México), 8 de julho de 1947

F. A. CAPTURA "DISCO VOADOR"
EM FAZENDA DE ROSWELL
Agentes do Serviço Secreto resgatam disco que caiu

Do Daily Record de Roswell (Novo México), 9 de julho de 1947

F. A. AFIRMA QUE "DISCO"
É BALÃO METEOROLÓGICO

Do Daily Tribune de Chicago, 1º de agosto de 1947

F. A. "NÃO SABE EXPLICAR"
O QUE ARNOLD VIU
850 pessoas viram "objetos voadores"
desde o primeiro relato

Do Daily Record de Roswell (Novo México), 19 de outubro de 1947

TRIGO ESPACIAL É TROTE,
AFIRMA FAZENDEIRO IRADO
Andrew Hoxon nega "conexão com disco voador"
Trigo vermelho "Não passa de embuste", insiste

Do Courier Journal (Kentucky), 8 de janeiro de 1948

CAPITÃO DA F. A. MORRE AO CAÇAR ÓVNI
Última transmissão de Mantell:
"Metálico, de tamanho espantoso"
Força Aérea não comenta

Do Nacional (Brasil), 8 de março de 1957

ESTRANHA ESPAÇONAVE REDONDA CAI
EM MATO GROSSO!
DUAS MULHERES EM PERIGO PERTO

DE PONTA PORÃ!
"Ouvimos sons agudos que vinham de dentro", afirmam

Do Nacional (Brasil), 12 de março de 1957

HORROR EM MATO GROSSO!
Relatos de homens cinza com olhos pretos enormes
Cientistas zombam! Relatos persistem!
POVOADOS EM PÂNICO!

Do Oklahoman, 12 de maio de 1965

POLICIAL ESTADUAL ATIRA EM ÓVNI
"Disco voador 120 metros acima da Rodovia 9", diz
Radar da Base da F. A. de Tinker confirma

Do Oklahoman, 2 de junho de 1965

"VEGETAÇÃO ALIENÍGENA É EMBUSTE",
DECLARA PORTA-VOZ DA AGRICULTURA
"Ervas vermelhas" seriam obra
de adolescentes, tinta em aerossol

Do Press-Herald de Portland (Maine), 14 de setembro de 1965

MAIS UFOS VISTOS EM NEW HAMPSHIRE
Maioria na região de Exeter
Moradores temem invasão de extraterrestres

Do Union-Leader de Manchester (New Hampshire), 19 de setembro de 1965

OBJETO ENORME VISTO PERTO DE EXETER
ERA ILUSÃO DE ÓPTICA
Investigadores da F. A. refutam o que policial estadual viu
Oficial Cleland inabalável: "Sei o que vi"

Do Union-Leader de Manchester (New Hampshire), 30 de setembro de 1965

EPIDEMIA DE INTOXICAÇÃO ALIMENTAR
EM PLAISTOW AINDA INEXPLICADA
Mais de 300 vítimas, a maioria em recuperação
"Talvez os poços estejam contaminados",
diz funcionário da FDA

Do Journal de Michigan, 9 de outubro de 1965

GERALD FORD PEDE
INVESTIGAÇÃO DE ÓVNI
Líder republicano diz: "Luzes de Michigan
podem ter origem extraterrestre"

Do Los Angeles Times, 19 de novembro de 1978

CIENTISTAS DO CALTECH DIZEM TER VISTO
ENORME OBJETO DISCOIDE EM MOJAVE
Tickman: "Estava rodeado de pequenas luzes brilhantes"
Morales: "Vi vegetação vermelha como cabelo-de-anjo"

Do Los Angeles Times, 24 de novembro de 1978

POLÍCIA ESTADUAL, INVESTIGADORES
DA F. A. NÃO ENCONTRAM "CABELO-DE-ANJO" EM MOJAVE
Tickman e Morales passam por detector de mentiras
Excluída possibilidade de embuste

Do New York Times, 16 de agosto de 1980

"SEQUESTRADOS POR ALIENÍGENAS" PERSUADIDOS
Psicólogos contestam desenhos dos chamados
Homens Cinza

Do Wall Street Journal, 9 de fevereiro de 1985

CARL SAGAN: "NÃO, NÃO ESTAMOS SOZINHOS"
Proeminente cientista reafirma crença em ETs
Diz: "Possibilidades de vida inteligente são enormes"

Do Sun de Phoenix, 14 de março de 1997

ÓVNI IMENSO VISTO PERTO DE PRESCOTT
OBJETO TERIA "FORMA DE BUMERANGUE"
Telefones da Base da F. A. de Luke
inundados por relatos

Do Sun de Phoenix, 20 de março de 1997

"LUZES DE PHOENIX" SEM EXPLICAÇÃO
"Fotografias não são falsificadas", diz especialista
Investigadores da F. A. não comentam

Do Weekly de Paulden (Arizona), 9 de abril de 1997

INTOXICAÇÃO ALIMENTAR SEM EXPLICAÇÃO
RELATOS DE "ERVA VERMELHA" NÃO SERIAM FALSOS

Do Daily News de Derry (Maine), 15 de maio de 2000

NOVO RELATO DE LUZES MISTERIOSAS
NA ÁREA DE JEFFERSON
Gerente na cidade de Kineo: "Não sei o que são,
mas continuam voltando"

SSDD
Ficou sendo o lema deles, mas Jonesy não conseguia se lembrar de modo algum quem começou a dizer primeiro. O troco é um sufoco, este era dele. Freddy me foda e quase uma dezena de obscenidades mais pitorescas quem inventou foi Beaver. Foi Henry quem lhes ensinou a dizer O que vai em volta vem de volta, coisa de babaquice zen. Henry gostava, mesmo quando eram meninos. Mas SSDD; o que dizer de SSDD? De que cuca fundida tinha saído?

Isso não importava. O que importava era que eles acreditavam na primeira metade dessa coisa quando formaram um quarteto, na coisa inteira quando formaram um quinteto, e depois na segunda metade dela quando tornaram a formar um quarteto.

Quando só os quatro tornaram a se reunir, os dias ficaram mais sinistros. Havia mais dias de Freddy me foda. Sabiam disso, mas não por quê. Sabiam que alguma coisa estava errada com eles — pelo menos diferente —, mas não o quê. Sabiam que tinham sido apanhados, mas não exatamente como. E tudo isso bem antes das luzes no céu. Antes de McCarthy e Becky Shue.

SSDD: às vezes é só o que a gente diz. E às vezes a gente não crê em outra coisa senão nas trevas. E aí, como é que a gente segue em frente?

1988: até Beaver fica na fossa

Dizer que o casamento de Beaver não deu certo é o mesmo que dizer que o lançamento do ônibus espacial Challenger deu um pouco errado. Joe "Beaver" Clarendon e Laurie Sue Kenopensky viveram juntos oito meses e depois tchau, minha garota se mandou, me ajudem a dar a porra da volta por cima.

O "Beav" é basicamente um sujeito feliz, qualquer um da turma vai dizer isso, mas está numa fase negra. Não vê nenhum dos velhos amigos (os que ele considera amigos para valer), a não ser numa única semana em novembro, mês em que se reúnem todo ano, e novembro passado ele e Laurie Sue ainda estavam se segurando. Por um fio, claro, mas ainda se segurando. Agora ele passa um bocado de tempo — demais, ele sabe — nos bares do distrito de Old Port, em Portland. O Porthole, o Seaman's Club e o Free Street Pub. Anda bebendo demais, fumando demais da velha erva, e de manhã quase sempre evita se olhar no espelho do banheiro; os olhos vermelhos se desviam do reflexo e ele pensa: Tenho que parar com as boates. Logo, logo vou ter o mesmo tipo de problema que o Pete teve. Vou pirar de vez.

Parar com as boates, parar com as farras, uma puta ideia, e depois lá está ele de volta, lambe-porre, que se dane. Nesta quinta-feira é o Free

Street, e aposto que vai estar com um chopinho na mão, um fuminho no bolso, alguma antiga música instrumental, que lembra um pouco The Ventures, tocando na vitrola automática. Não se lembra direito do nome desta, que foi popular antes do tempo dele. Mesmo assim, conhece; ouve bastante a rádio de música antiga de Portland desde que se divorciou. Música antiga acalma. Uma porção de música nova... Laurie Sue conhecia e gostava de um monte delas, mas Beaver não curte.

O Free Street está praticamente vazio, mais ou menos uma meia dúzia de sujeitos no bar e uma outra meia dúzia jogando bilhar nos fundos, Beaver e três dos camaradas da turma num dos reservados, bebendo cerveja Millers e tirando cartas de um baralho engordurado para ver quem vai pagar cada rodada. O que é esta música instrumental com essas guitarras murmurantes? "Out of Limits"? "Telstar"? Não, tem um sintetizador em "Telstar" que nesta não tem. E quem é que liga para isso? Os outros camaradas estão conversando sobre Jackson Browne, que tocou no Centro Cívico ontem à noite e fez um show duca, na opinião do George Pelsen, que estava lá.

— Vou contar pra vocês uma outra coisa que foi duca — diz George, olhando para eles de um jeito de impressionar. Ergue o queixo saliente, mostrando uma mancha roxa no pescoço. — Sabem o que é isto?

— Um chupão, não é? — Kent Astor pergunta, com certa timidez.

— Você é inteligente pacas — George retruca. — Eu estava parado do lado da porta dos bastidores depois do show, eu e um bando de caras, na esperança de conseguir um autógrafo do Jackson. Ou talvez, não sei, do David Lindley. Ele é legal.

Kent e Sean Robideau concordam que Lindley é legal — não um deus da guitarra, de jeito nenhum (Mark Knopfler, do Dire Straits, é um deus da guitarra; e Angus Young, do AC/DC; e — claro — Clapton), mas mesmo assim legal. Lindley faz um som de ritmo acelerado; tem também um cabelo rasta de impressionar. Até os ombros.

Beaver não entra na conversa. De repente, quer se mandar daqui, deste bar fedido que não leva a nada, e tomar um pouco de ar fresco. Sabe aonde é que George vai chegar com a história, e é tudo mentira.

O nome dela não é Chantay, vocês não sabem como é que ela se chama, ela passou como vento por vocês como se vocês nem estivessem lá, o que é que vocês iam significar para uma garota como ela, de qualquer modo, só mais um cabeludo classe-operária numa outra cidade classe-operária da Nova Inglaterra, subiu no ônibus da banda e sumiu da vida de vocês. A porra da vidinha desinteressante que vocês levam. Chantays é o nome do grupo que a gente está ouvindo, não Mar-Kets ou Bar-Kays, mas Chantays, é "Pipeline", com o Chantays, e essa coisa no teu pescoço não é um chupão, é um arranhão do aparelho de barbear.

É nisso que pensa, e depois ouve um choro. Não no Free Street, mas na cabeça dele. Um choro que rolou faz tempo. Entra bem na cabeça da gente, esse choro, entra como cacos de vidro, e ah! porra, Freddy, me foda, alguém faça ele parar de chorar.

Fui eu quem fez ele parar, Beaver pensa. Fui eu. Fui eu quem fez ele parar. Eu o abracei e cantei para ele.

Enquanto isso, George Pelsen está contando para eles que a porta dos bastidores finalmente se abriu, mas quem saiu não foi Jackson Browne, muito menos David Lindley; foi o trio das gatinhas cantoras, uma chamada Randi, uma chamada Susi e uma chamada Chantay. Gostosinhas, ah, tão altas e apetitosas.

— Cara — diz Sean, revirando os olhos. É um sujeito gorducho cujas aventuras sexuais consistem em de vez em quando fazer umas excursões até Boston, onde fica observando as garotas do Foxy Lady fazerem striptease e as garçonetes do Hooters. — Ô, cara, a danada da Chantay. — Faz um gesto de tocar punheta. Nisso, pelo menos, pensa o Beav, ele parece um profissional.

— Aí comecei a papear com elas... com ela, praticamente, a Chantay, e perguntei pra ela se ela não queria conhecer um pouco da vida noturna de Portland. Então a gente...

O Beav tira um palito do bolso e o enfia na boca, saindo de sintonia. De repente, tudo o que ele quer é o palito. Não a cerveja na frente dele, não o fuminho no bolso, decerto não o papo-furado do George Pelsen de como ele e a mítica Chantay subiram na traseira da caminhonete dele, bendita seja aquela coberta de acampamento, quando o astral do George rola não teima que ele não dá bola.

É tudo uma canseira, Beaver pensa, e de uma hora para outra fica desesperadamente deprimido, mais deprimido do que quando Laurie Sue fez as malas e voltou para a casa da mãe. Isso não é do feitio dele, e de repente só quer se mandar daqui, encher os pulmões do ar fresco e salgado da beira-mar e achar um telefone. Quer fazer isso e então ligar para Jonesy e para Henry, ou um ou outro, dá na mesma; quer perguntar: Escuta, cara, o que é que está acontecendo, e ouvir de um deles a resposta: Ah, você sabe, Beav, SSDD. Sem animação, sem diversão.

Ele se levanta.

— Ô, cara — George diz. Beaver estudou com George no Westbrook Junior College, e naquela época parecia bastante cuca-fresca, mas isso foi muitas cervejas atrás. — Aonde é que está indo?

— Mijar — Beaver responde, rolando o palito de um canto da boca para o outro.

— Bom, então vai depressa e senta esse rabo aí porque eu estou chegando na melhor parte — George diz, e Beaver pensa: calcinhas sem fundilhos. Puxa, rapaz, hoje a antiga e esquisita vibração está forte, quem sabe o tempo vai mudar ou sei lá eu. Baixando a voz, George diz: — Quando ergui a saia dela...

— Já sei, estava usando calcinhas sem fundilhos — diz Beaver. Registra o olhar de surpresa, quase choque, nos olhos de George, mas não dá atenção. — Claro que quero ouvir essa parte.

Afasta-se, anda na direção do banheiro dos homens, que tem aquele cheiro róseo-amarelado de urina e desinfetante, passa por ele, passa pelo

das mulheres, passa pela porta em que está escrito ESCRITÓRIO e sai na viela. O céu acima dele está cinzento e chuvoso, mas o ar está bom. Tão bom. Ele o respira muito fundo e torna a pensar. Sem animação, sem diversão. Dá um sorrisinho.

Anda por uns dez minutos, mastigando palitos e desanuviando a cabeça. Num determinado ponto, não consegue se lembrar exatamente quando, joga fora o fumo que estava no bolso. E depois liga para Henry do telefone público na loja Joe's Smoke, perto da Monument Square. Aguarda a secretária eletrônica — Henry ainda está na escola —, mas na verdade Henry está em casa e tira o fone do gancho na segunda chamada.

— Como vai? — Beaver pergunta.

— Ah, você sabe — Henry responde. — A mesma merda, um outro dia. E você, Beav?

Beav fecha os olhos. Por um momento, tudo está bem de novo; tão bem quanto dá para estar neste mundo fodido, de qualquer modo.

— Quase na mesma, companheiro — responde. — Mais ou menos na mesma.

1993: Pete ajuda uma moça em apuros

Pete está sentado à escrivaninha ao lado do showroom da Macdonald Motors, em Bridgton, enrolando a corrente do chaveiro. O berloque consiste em quatro letras azuis laqueadas: NASA.

Os sonhos envelhecem mais depressa do que os sonhadores, este é um fato da vida que Pete descobriu com o passar dos anos. No entanto, quase sempre os últimos sonhos surpreendentemente demoram mais para morrer, berrando em vozes baixas e angustiadas no fundo da memória. Faz muito tempo que Pete dormiu num quarto cujas paredes estavam forradas com fotografias dos foguetes da Apollo e da Saturn, astronautas e passeios espaciais (EVAs, para quem conhece), cápsulas espaciais de escudos chamuscados e derretidos pelo espantoso calor da reentrada, LEMs, Voyagers e uma fotografia de um disco brilhante acima da Interstate 80, as pessoas paradas na via paralisada e olhando para o alto, protegendo os olhos com as mãos, a legenda da foto dizendo: ESTE OBJETO, FOTOGRAFADO PERTO DE ARVADA, COLORADO, EM 1971, NUNCA FOI EXPLICADO. É UM ÓVNI AUTÊNTICO.

Faz muito tempo.

Mesmo assim, ele passou uma das duas semanas de férias deste ano em Washington, D.C., onde todos os dias foi ao Smithsonian's National Air and Space Museum e passou quase o tempo todo andando entre as exposições com um sorriso de assombro no rosto. E a maior parte desse tempo ficou olhando as pedras da Lua e pensando: Estas pedras vieram de um lugar em que o céu é sempre preto e o silêncio é eterno. Neil

Armstrong e Buzz Aldrin recolheram 20 quilos de um outro mundo e agora aqui estão eles.

E aqui está ele, sentado à escrivaninha num dia em que não vendeu um carro sequer (as pessoas não gostam de comprar carro quando chove, e está garoando nesta parte do mundo de Pete desde que amanheceu), enrolando a corrente do chaveiro da NASA e de olho no relógio. O tempo avança devagar à tarde, mais devagar ainda quando as cinco horas se aproximam. Às cinco tomará a primeira cerveja. Não antes das cinco; de jeito nenhum. Você bebeu durante o dia, talvez seja bom contar quantos copos de cerveja andou tomando, porque isso é coisa de alcoólatra. Mas se puder esperar... vá enrolando a corrente do chaveiro e espere...

Além da primeira cerveja do dia, Pete está esperando o mês de novembro. Foi bom ir a Washington em abril, e as pedras da Lua eram atordoantes (ainda o atordoam, cada vez que pensa nelas), mas estava sozinho. Estar sozinho não foi tão bom. Em novembro, quando tirar a outra semana, vai estar com Henry, Jonesy e o Beav. Aí sim vai se permitir beber durante o dia. Quando se está na floresta, caçando com os amigos, tudo bem beber durante o dia. É praticamente uma tradição. É...

A porta se abre e entra uma morenaça. Mais ou menos 1,80m (e Pete gosta das altas), talvez trintona. Ela dá uma olhada nos modelos do showroom (o novo Thunderbird, cor vinho-escuro, é a nata do resto, apesar de que o Explorer não é mal), mas não como quem tem interesse em comprar. Então avista Pete e caminha na direção dele.

Pete se levanta, largando a corrente do chaveiro da NASA em cima do mata-borrão, e a recebe à porta do escritório. Agora está estampando seu melhor sorriso profissional — 200 watts, pode crer —, com a mão estendida. O aperto de mão dela é calmo e firme, mas está perturbada, agitada.

— Acho que não vai dar certo — diz.

— Bom, não se deve começar a falar assim com um vendedor de carros — diz Pete. — Gostamos de um desafio. Meu nome é Pete Moore.

— Prazer — ela retruca, mas não lhe diz como se chama. Chama-se Trish. — Tenho um compromisso em Fryeburg daqui a... — olha para o relógio na parede, do qual Pete não tira os olhos durante as arrastadas horas da tarde — ... daqui a 45 minutos. Com um cliente que quer comprar uma casa, e acho que tenho a casa perfeita, há uma comissão bastante grande envolvida e... — Os olhos começam a se encher de lágrimas e ela engole em seco para destravar a voz na garganta. — ... e perdi a droga das chaves! A droga das chaves do meu carro!

Abre a bolsa e rebusca.

— Mas tenho a minha carteira... e uns outros documentos... uma porção de números, e achei que talvez, talvez, o senhor pudesse me fazer chaves novas para eu chegar ao meu destino. Esta venda poderia vir a cobrir o meu ano inteiro, senhor... — Esqueceu. Ele não se ofende. O nome Moore é quase tão comum quanto Smith ou Jones. Além do mais, ela está agitada. Quem perde as chaves fica assim. Viu isso uma centena de vezes.

— Moore. Mas pode me chamar de Pete.

— Pode me ajudar, Sr. Moore? Ou há alguma outra pessoa no departamento de assistência que possa?

O velho Johnny Damon está lá no fundo e teria prazer em ajudá-la, mas a mulher com certeza não chegará a tempo para o encontro.

— Podemos lhe dar chaves novas para o carro, mas é bem capaz que demore pelo menos 24 horas, ou mesmo 48 horas — ele diz.

Ela o encara com os olhos marejados, que são de um castanho aveludado, e deixa escapar uma exclamação de desalento.

— Droga! Droga!

Então, um estranho pensamento ocorre a Pete: ela se parece com uma garota que conheceu há muito tempo. Não bem, não a conheceram bem, mas bem o suficiente para lhe salvar a vida. Josie Rinkenhauer, este era o nome dela.

— Eu sabia! — diz Trish, desistindo de disfarçar o embargo na voz. — Ai, eu sabia! — Afasta-se dele, agora começando a chorar copiosamente.

Pete vai até ela e lhe toca nos ombros de leve.

— Espere, Trish. Espere um pouquinho.

É um lapso, dizer o nome que ela não lhe deu, mas Trish está transtornada demais para notar que não se apresentaram direito, então não importa.

— De onde veio? — pergunta. — Quero dizer, não é de Bridgton, é?

— Não — ela responde. — Nosso escritório fica em Westbrook. Dennison Real Estate. Aquele prédio com o farol.

Pete assente com um movimento de cabeça, como se isso significasse alguma coisa para ele.

— Vim de lá. Só parei na farmácia de Bridgton para comprar aspirina, porque sempre tenho dor de cabeça antes de uma apresentação importante... é a tensão, e nossa, como está latejando...

Pete torna a assentir com a cabeça, compreensivo. Conhece dores de cabeça. Claro que as dele são provocadas mais pela cerveja do que pela tensão, mas as conhece muito bem.

— Eu tinha algum tempo sobrando, então fui à venda ao lado da farmácia para um café... cafeína, sabe, quando a gente tem dor de cabeça, a cafeína ajuda...

Pete assente. Henry é o psicólogo, mas, como Pete lhe disse mais de uma vez, é preciso ter uma noção de como funciona a mente humana para ser bem-sucedido na área de vendas. Agora está satisfeito de ver que a nova amiga está se acalmando. Isso é bom. Tem uma ideia de como ajudá-la, se ela deixar. Sente o clique querendo acontecer. Gosta do clique. Não é grande coisa, não vai fazer a fortuna dele, mas gosta.

— Também atravessei a rua e fui ao Renny's. Comprei um lenço de cabeça... por causa da chuva, sabe... — Toca o cabelo. — Depois voltei para o carro... e não encontrei a porcaria das chaves! Refiz o caminho... fui do Renny's para a venda e até a farmácia, e não estavam em parte alguma! E agora vou perder o meu compromisso!

A angústia vai se insinuando na voz de novo. Os olhos dela recaem sobre o relógio. Os ponteiros arrastando-se para ele; voando para ela. Essa é a diferença entre as pessoas, Pete pondera. Uma delas, de qualquer modo.

— Acalme-se — diz. — Acalme-se um pouquinho e me escute. Vamos voltar à farmácia, a senhora e eu, e procurar as chaves do carro.

— Não estão lá! Procurei em todos os corredores, vistoriei a prateleira onde peguei a aspirina, perguntei para a moça que atendia ao balcão...

— Não custa procurar de novo — ele retruca. Está conduzindo a mulher para a porta agora, a mão lhe pressionando a nuca ligeiramente, fazendo-a caminhar junto com ele. Gosta do cheiro do perfume e gosta ainda mais do cabelo, ah, sim, como gosta. E se é assim tão bonito num dia de chuva, como será num dia de sol?

— O meu compromisso...

— A senhora ainda tem 40 minutos — ele diz. — Como os turistas do verão já se foram, vai levar só 20 minutos daqui a Fryeburg. Vai demorar dez minutos para tentar achar as chaves. Se a gente não achar, eu a levo até lá.

Ela olha para ele, em dúvida.

Ele olha para um dos escritórios atrás dela.

— Dick! — chama. — Ei, Dickie M.!

Dick Macdonald ergue o olhar da pilha de faturas que examinava.

— Diz para esta dona aqui que sou um bom sujeito para levá-la para Fryeburg, se for preciso.

— Ah, ele é bom, sim, dona — diz Dick. — Não é maníaco sexual nem dirige que nem louco. Vai só tentar vender um carro novo.

— Não é fácil me convencer a comprar alguma coisa — ela retruca, sorrindo um pouco —, mas acho que o senhor vai conseguir.

— Dick, fica de olho no meu telefone, sim? — Pete pede.

— Ah, claro, vai me dar um trabalhão. Com esse tempo, vou ter que espancar os clientes com uma vara.

Pete e a morena — Trish — saem, atravessam a viela e caminham uns 12 metros até a rua principal. A Bridgton Pharmacy é o segundo prédio à esquerda. A garoa engrossou; agora é quase chuva. A mulher ajeita o lenço novo sobre o cabelo e lança um olhar para Pete, que está com a cabeça desprotegida.

— A gente vai se molhar — diz.

— Sou do norte — ele diz. — Lá a gente está acostumado a isso.

— Acha que vai encontrar as chaves, não acha? — ela pergunta.

Pete encolhe os ombros.

— Talvez. Sou bom para encontrar coisas. Sempre fui.

— Sabe de alguma coisa que eu não sei? — ela pergunta.

Sem animação, sem diversão, ele pensa. É o que sei, dona.

— Não — responde. — Ainda não.

Entram na farmácia, e a sineta acima da porta soa. A moça atrás do balcão desvia o olhar da revista que estava lendo. Às 15h20 de uma tarde

chuvosa do fim de setembro, a farmácia está vazia, a não ser os três e o Sr. Diller, atrás do balcão de receitas médicas.

— Oi, Pete — a moça saúda.

— Oi, Cathy, como está o movimento?

— Ah, você sabe… calmo. — Olha para a morena. — Desculpe, dona, procurei outra vez em toda parte mas não encontrei.

— Tudo bem — diz Trish, com um sorriso amarelo. — Este cavalheiro se dispôs a me oferecer uma carona até o meu compromisso.

— Bom — diz Cathy —, Pete é legal, mas não sei se o chamaria de cavalheiro.

— Cuidado com o que diz, coração — Pete comenta com um sorrisinho. — Tem uma drogaria um pouco abaixo na 302 em Naples. — Olha para o relógio na parede. O tempo voou também para ele. Sem problema, é uma mudança interessante. Olha para Trish. — A senhora veio aqui primeiro. Procurando uma aspirina.

— Foi. Peguei um frasco de Anacin. Depois, estava com tempo e fui…

— Eu sei, foi tomar um café na Christie's, aí do lado, depois atravessou a rua até o Renny's.

— É.

— Não tomou a aspirina com café quente, tomou?

— Não, eu tinha uma garrafa de água Poland no carro. — Aponta para a janela de um Taurus verde. — Tomei com um gole da água. Mas inspecionei o banco, também, senhor… Pete. Também verifiquei a ignição. — Olha-o com um ar de impaciência, que significa: Sei o que está pensando: mulher tonta.

— Só mais uma pergunta — ele diz. — Se eu encontrar as chaves do carro, aceita jantar comigo? A gente pode se encontrar no West Wharf. Fica na rua entre este lugar e…

— Sei onde fica o West Wharf — ela o interrompe, com uma expressão de satisfação, apesar de perturbada. Atrás do balcão, Cathy nem sequer finge ler a revista. Isso é mais divertido do que Redbook, de longe. — Como sabe que não sou casada nem nada?

— Não está usando aliança — responde ele prontamente, embora ainda não tenha olhado para as mãos dela, não com atenção, pelo menos. — Além do mais, eu só estava pensando em mariscos fritos, salada de repolho cru, bolo de morango, não num compromisso para a vida inteira.

Ela olha para o relógio.

— Pete… Sr. Moore… Sinto muito, mas neste exato momento não tenho o menor interesse em flerte nenhum. Se quiser me dar uma carona, eu teria o maior prazer em jantar com o senhor. Mas…

— Isso é muito bom — ele retruca. — Mas a senhora vai dirigir o seu próprio carro, acho, de modo que eu possa encontrá-la. Cinco e meia é uma boa hora?

— Sim, é, mas…

— Então está bem. — Pete se sente feliz. Isso é bom; sentir-se feliz

é bom. Durante muitos dias nos últimos dois anos não se sentiu nem um pouco perto de feliz, e não sabe por quê. Muitas noites pesadas até tarde de bar em bar ao longo da 302 entre este lugar e North Conway? Tudo bem, mas só isso? Talvez não, só que agora não é hora de pensar a respeito. A dona tem um compromisso. Se chegar a tempo, e se vender a casa, quem sabe o quanto Pete Moore será feliz? E, mesmo que não tenha essa sorte, poderá ajudá-la. Sente isso. — Vou fazer uma coisa bastante esquisita — diz ele —, mas não se preocupe, está bom? É só um truquezinho, como pôr o dedo embaixo do nariz para parar de espirrar, ou botar a mão na testa quando se está querendo lembrar do nome de alguém. Está bem?

— Acho que sim — ela responde, toda intrigada.

Pete fecha os olhos, ergue uma das mãos ligeiramente fechada em frente do rosto e depois estica o dedo indicador. Começa a oscilar o dedo diante de si, para cá, para lá.

Trish olha para Cathy, a balconista. Cathy encolhe os ombros, como quem diz: Quem sabe?

— Sr. Moore? — Trish fala com ansiedade agora. — Sr. Moore, talvez eu devesse...

Pete abre os olhos, respira fundo e abaixa a mão. Olha para além dela, para a porta.

— Muito bem — diz. — Então a senhora entrou... — Os olhos se mexem, como se vendo-a entrar. — E foi até o balcão... — Olha na direção do balcão. — Provavelmente, perguntou: "Em que corredor fica a prateleira de aspirina?" Algo assim.

— Sim, eu...

— Só que a senhora também pegou outra coisa. — Ele a vê na prateleira de doces, uma marca amarela brilhante, como a impressão digital de uma mão. — Barra de chocolate?

— Confeitos. — Os olhos castanhos se arregalam. — Como sabe disso?

— Pegou os confeitos, depois foi pegar a aspirina... — Está olhando para o corredor número 2. — Depois pagou e saiu... Vamos lá para fora só um instante. Tchau, Cathy.

Cathy apenas assente com a cabeça, olhando-o com os olhos arregalados.

Pete sai, ignorando o soar da sineta, ignorando a chuva, que não é chuva de verdade. O amarelo está na calçada, mas enfraquecido. A chuva o está lavando. Contudo, ele consegue vê-lo, e agrada-o vê-lo. Aquela sensação de clique. Delicioso. É a linha. Faz muito tempo que a viu assim tão claramente pela última vez.

— Voltou para o carro — diz, falando consigo mesmo agora. — Voltou para tomar dois comprimidos de aspirina com a água...

Atravessa a calçada, lentamente, na direção do Taurus. A mulher o segue, o olhar mais preocupado do que antes. Quase amedrontado.

— Abriu a porta. Tinha a bolsa... as chaves... a aspirina... os confeitos... tudo isso... passando-os de uma mão para a outra... e foi então

que...

Abaixa-se, remexe na água que corre na sarjeta, enfia a mão até o pulso e fisga alguma coisa. Faz um passe de mágica. As chaves reluzem prateadas no dia opaco.

— ... deixou cair as chaves.

Ela não as pega de imediato. Apenas olha para ele admirada, como se ele tivesse feito uma mágica (bruxaria, no caso dele, talvez) diante de seus olhos.

— Ande — diz ele, o sorriso diminuindo um pouco. — Pegue as chaves. Não foi nada assim tão sobrenatural, sabe? A maior parte, só dedução. Sou bom nesse tipo de coisa. Escute, seria bom eu estar um dia no seu carro quando se perder. Sou bom para achar coisas perdidas.

Ela então pega as chaves. Depressa, cuidando para não lhe tocar os dedos, e logo ele entende que ela não irá ao encontro mais tarde. Não é preciso ter qualquer dom especial para perceber isso; basta olhar nos olhos dela, que estão mais assustados do que agradecidos.

— Obrigada... obrigada — diz. De repente, começa a medir a distância que os separa, não desejando que ele se aproxime muito.

— Não há de quê. Agora, não se esqueça. No West Wharf, às cinco e meia. Os melhores mariscos fritos nesta parte do estado. — Sustentando a mentira. A gente tem de sustentá-la, às vezes, não importa como a gente se sinta. E, embora um bocado da alegria da tarde tenha se ido, ainda resta um pouco; viu a linha, e isso sempre lhe dá uma sensação boa. É um truquezinho, mas é confortador saber que ainda existe.

— Cinco e meia — ela repete, mas, ao abrir a porta do carro, o olhar que lança por cima do ombro é o tipo do olhar que se daria para um cão que morderia se escapasse da coleira. Está feliz por não ter de ir para Fryeburg na companhia dele. E Pete também não precisa ter o dom da telepatia para saber disso.

Fica parado na chuva, observando-a sair de ré do espaço inclinado do estacionamento e, quando ela se afasta, faz-lhe um alegre aceno de vendedor de carros. Em resposta, ela agita os dedos num distraído tchauzinho, e, evidentemente, quando ele chega ao West Wharf (às 17h15, só para ser mais do que pontual, por via das dúvidas), ela não está, e uma hora depois ela ainda não está. Mesmo assim, ele espera, sentado ao balcão e tomando cerveja, olhando o trânsito lá fora na 302. Pensa tê-la visto passar sem diminuir a velocidade mais ou menos às 17h40, um Taurus verde a toda na chuva que agora caía pesada, um Taurus verde que poderia ou não deixar como rastro uma clara auréola amarela que logo some no ar cinzento.

A mesma merda, um outro dia, ele pensa, mas agora a alegria se foi e a tristeza voltou, a tristeza que parece merecida, o preço de uma traição não inteiramente esquecida. Acende um cigarro — no passado, quando menino, fingia que fumava, mas agora não tem por que fingir — e pede uma outra cerveja.

Milt traz a cerveja, mas diz:

— Melhor forrar o estômago com alguma coisa, Peter.

Então Pete pede um prato de mariscos fritos, chega mesmo a comer alguns com molho tártaro, e, a certa altura, antes de ultrapassar a fronteira até um lugar onde não é muito conhecido, tenta telefonar para Jonesy, em Massachusetts. Mas Jonesy e Carla estão curtindo a rara noite fora de casa, e quem atende é a baby-sitter, que lhe pergunta se deseja deixar uma mensagem.

Pete quase responde que não, depois volta atrás.

— Diga só que o Pete ligou. Diga que o Pete disse SSDD.

— S... S... D... D. — Ela anota. — Ele sabe o que...

— Ah, sim — Pete interrompe —, ele sabe.

À meia-noite está embriagado numa espelunca de New Hampshire, o Muddy Rudder, ou talvez o Ruddy Mother, tentando contar para um brotinho tão embriagado quanto ele que uma vez achou que seria o primeiro homem a pisar em Marte, e, embora ela balance a cabeça e diga sim-sim-sim, ele tem uma noção de que tudo o que ela entende é que ela gostaria de tomar mais um conhaque antes de o bar fechar. E tudo bem. Tanto faz. Amanhã ele acordará com dor de cabeça, mas irá trabalhar assim mesmo e talvez venda um carro, ou talvez não, mas de qualquer modo as coisas vão continuar. Talvez venda o Thunderbird vinho, adeus, beleza. Antes as coisas eram diferentes, mas agora são iguais. Acha que pode viver com isso; para um sujeito como ele, o método empírico é apenas SSDD, e o resto que se dane. Você cresceu, tornou-se um homem, teve de aprender a aceitar menos do que desejou; descobriu que havia um aviso enorme na máquina de sonhos: ENGUIÇADA.

Em novembro fará uma caçada com os amigos, e basta estar na expectativa disso... disso e, quem sabe, de um tremendo sexo oral lambuzado de batom desse brotinho embriagado em seu carro. Esperar mais do que isso é uma receita para o sofrimento.

Sonhos são para crianças.

1998: Henry trata de um paciente de divã

O cômodo está na penumbra. Henry sempre deixa-o assim quando atende pacientes. Acha interessante que poucos deles o notem. Acha que, para começar, é porque o estado mental em que se encontram é também uma penumbra.Trata, principalmente, de neuróticos (As florestas estão cheias deles, disse uma vez para Jonesy quando estavam, veja só, na floresta) e estima — numa base inteiramente não científica — que os problemas que têm atuam como uma espécie de escudo polarizador entre eles e o resto do mundo. À medida que a neurose se aprofunda, aprofunda-se a treva interior. Na maioria das vezes, o que ele sente pelos pacientes é uma espécie de solidariedade a distância. Às vezes, pena. Pouquíssimos o

deixam irritável. Barry Newman é um deles.

Os pacientes que entram pela primeira vez no consultório de Henry têm uma escolha que em geral não registram como escolha. Quando chegam, veem um cômodo agradável (embora escuro), com uma lareira à esquerda. Está equipada com achas duradouras, aço disfarçado de bétula com quatro bicos de gás normalmente instalados embaixo. Ao lado da lareira, há uma bergère, onde Henry sempre se senta sob uma excelente reprodução dos Cravos-de-defunto de Van Gogh. (Henry às vezes diz para os colegas que todo psiquiatra deveria ter pelo menos um Van Gogh no consultório.) No outro lado do cômodo, há uma poltrona e um divã. Henry está sempre interessado em ver qual deles um novo paciente escolherá. Decerto exerce a profissão há um tempo suficiente para saber que o que um paciente escolhe na primeira vez é o que escolherá quase todas as vezes. Há um ensaio sobre isso. Henry sabe que há, mas não consegue encontrar a tese. E, de qualquer modo, hoje em dia se interessa cada vez menos por coisas como ensaios, periódicos, convenções e colóquios. Antes, eram importantes, mas agora as coisas mudaram. Dorme menos, come menos, ri menos também. Uma treva baixou sobre sua própria vida — esse filtro polarizador —, e Henry constata que não faz objeção a isso. Menos fulgor.

Barry Newman é um homem de divã desde o início, e Henry nem uma vez sequer cometeu o erro de supor que isso tivesse a ver com o estado mental de Barry. O divã é simplesmente mais confortável para Barry, embora Henry às vezes tenha de ajudá-lo a se levantar ao cabo dos 50 minutos. Barry Newman mede 1,90m e pesa 190 quilos. Por isso é amigo do divã.

As sessões de Barry Newman costumam ser demoradas, incluindo monótonos relatos de cada aventura semanal na gastronomia. Não que Barry seja um gastrônomo com discernimento, ah, não. Barry é a antítese disso. Barry come qualquer coisa que apareça em sua órbita. Barry é uma máquina glutona. E sua memória, nesse assunto, é, no mínimo, eidética. Ele está para a comida assim como Pete, o velho amigo de Henry, está para senso de orientação e geografia.

Henry praticamente desistiu de tentar fazer com que Barry se distanciasse um pouco do factual para poder examinar o todo. Em parte, isso se deve ao moderado porém implacável desejo de Barry de falar sobre os detalhes da comida; em parte, deve-se a que Henry não gosta de Barry, e jamais gostou. Os pais de Barry faleceram. O pai morreu quando Barry tinha 16 anos, a mãe, quando ele tinha 22. Deixaram-lhe uma herança bastante grande, mas está em fideicomisso até Barry completar 30. Pode retirar o principal, porém, se continuar na terapia. Se não, o principal permanecerá em fideicomisso até ele completar 50.

Henry duvida que Barry chegue aos 50.

A pressão arterial de Barry (contou isso para Henry com certo orgulho) é 20 por 16.

O índice de colesterol é 290; ele é uma mina de lipídios.

Sou um derrame ambulante, sou uma parada cardíaca ambulante, disse para Henry, falando com a jubilosa solenidade de quem pode declarar a verdade nua e crua porque, no fundo, sabe que não está destinado a tais fins, ele não, não, ele não.

— No almoço, comi dois Burger King Extras — conta agora. — Gosto deles, porque o queijo é mesmo quente. — Os lábios carnudos, lábios estranhamente pequenos para um homem tão grande, os lábios de uma perca, se estreitam e tremulam, como que saboreando o queijo primorosamente quente. — Também tomei um milk-shake e, no caminho de casa, comi dois Mallomars. Tirei uma soneca e, quando me levantei, botei no micro-ondas um pacote inteiro de waffles congelados. "Não Neggo meu Eggo! " — exclama e ri. É o riso de um homem tomado pela recordação afetuosa — a visão de um crepúsculo, a sensação dos seios firmes de uma mulher através de uma fina camiseta de seda (não que Barry tenha, na avaliação de Henry, sentido alguma vez uma coisa dessas), ou o intenso calor da areia da praia. — A maioria das pessoas usa a grelha do forno para os waffles Eggo — Barry continua —, mas isso deixa eles muito tostados. No micro-ondas simplesmente ficam quentes e macios. Quentes... e macios. — Estala os pequenos lábios de perca. — Senti um pouco de culpa por comer o pacote inteiro. — Fala isso como quem faz um aparte, como que se lembrando que Henry está aqui para trabalhar. Joga pequenas pérolas como essa quatro ou cinco vezes em cada sessão... e depois retoma a comida.

Barry chega agora à noite de terça-feira. Uma vez que é sexta-feira, ainda faltam muitas refeições e lanches. Henry o deixa divagar. Barry é a última consulta do dia. Quando Barry terminar o inventário calórico, Henry irá para o apartamento fazer as malas. Amanhã acordará às seis horas e, entre sete e oito, Jonesy estará estacionando na entrada de carros. Colocarão a bagagem no velho Scout de Henry, o qual ele usa unicamente para as viagens de caça no outono, e, por volta das 8h30, os dois homens estarão rumando para o norte. No caminho, pegarão Pete, em Bridgton, e depois Beav, que ainda mora perto de Derry. De tardezinha, estarão na Hole in the Wall, em Jefferson Tract, jogando cartas na sala de estar e escutando o uivo do vento no beiral. As armas estarão encostadas no canto da cozinha, as licenças para caçar penduradas no gancho da porta dos fundos.

Estará com os amigos, e isso dá sempre a sensação de uma volta ao lar. Por uma semana, o filtro polarizador talvez se dissipe um pouco. Conversarão sobre os velhos tempos, rirão com as abusivas obscenidades de Beaver, e, se um ou mais entre eles de fato abater um cervo, isso será uma atração adicional. Juntos ainda são bons. Juntos ainda vencem o tempo.

Longe, em segundo plano, Barry Newman continua a falar monotonamente. Costeletas de porco e purê e sabugo de milho com manteiga derretida escorrendo e bolo de chocolate Pepperidge Farm e uma tigela de Pepsi-Cola com quatro bolas de sorvete Chunky Monkey de Ben

and Jerry flutuando e ovos fritos e ovos cozidos e ovos poché...

Henry assente com a cabeça em todos os momentos certos e escuta tudo sem de fato ouvir. Esta é uma velha habilidade psiquiátrica.

Deus sabe que Henry e os velhos amigos têm seus problemas. Beaver é péssimo quando se trata de relacionamento, Pete bebe demais (demais mesmo, é o que Henry pensa), Jonesy e Carla por pouco não se divorciaram, e Henry está agora lutando contra a depressão que para ele parece em tudo tão sedutora quanto desagradável. De modo que, sim, têm seus problemas. Mas juntos ainda são bons, ainda capazes de trazer animação, e, amanhã à noite, estarão juntos. Por oito dias, este ano. Isso é bom.

— Eu sei que não devia, mas é que tenho essa compulsão de manhã cedo. Talvez seja por causa de um nível baixo de açúcar no sangue, acho que pode ser. De qualquer maneira comi o resto do bolo inglês que estava na geladeira, depois peguei o carro e fui até o Dunkin' Donuts e comprei uma dúzia de tortas de maçã e quatro...

Henry, ainda pensando na viagem anual para a caçada que começa amanhã, não presta atenção alguma ao que ele está dizendo.

— Quem sabe esse comer compulsivo, Barry, quem sabe tenha a ver com pensar que matou sua mãe. Acha que isso é possível?

As palavras de Barry estancam. Henry ergue os olhos e vê Barry Newman olhando-o fixamente com os olhos tão arregalados que até se tornam visíveis de fato. E, embora saiba que deveria colocar um ponto final nisso — não há por que continuar de modo algum, não tem absolutamente nada a ver com terapia —, Henry não deseja interromper. Um pouco talvez por pensar nos velhos amigos, mas sobretudo por ver a expressão de choque no rosto de Barry, a palidez das bochechas. O que realmente irrita Henry com relação a Barry, ele supõe, é a satisfação que Barry tem de si mesmo. Sua convicção interior de que não há necessidade de mudar seu comportamento autodestrutivo, muito menos investigar suas raízes.

— Você pensa mesmo que a matou, não pensa? — Henry pergunta. Fala despreocupadamente, quase levianamente.

— Eu... eu nunca... isso me mortifica... Ela chamou, chamou, disse que estava sentindo dores no peito, mas, claro, vivia dizendo isso, não é mesmo? Semana sim, semana não. Dia sim, dia não, era o que parecia. Me chamando lá embaixo no térreo. "Barry, telefona para o Dr. Withers. Barry, chama uma ambulância. Barry, disca 911."

Nunca falaram sobre os pais de Barry. De um modo brando, corpulento e implacável que lhe é próprio, Barry não o permite. Começa a se referir a eles — ou parece que sim — e então, pronto, torna a falar de cordeiro assado, ou de frango assado, ou de pato assado com molho de laranja. De volta ao inventário. Daí que Henry nada sabe acerca dos pais de Barry, decerto não acerca do dia em que a mãe de Barry morreu, caindo da cama e urinando no tapete, ainda chamando e chamando, 150 quilos e tão repulsivamente gorda, chamando e chamando. Não pode saber nada acerca disso porque o paciente não lhe contou, mas sabe. E Barry era mais magro

na época. Um jovem relativamente esbelto de 95 quilos.

Esta é a versão de Henry da linha. Ver a linha. Faz uns cinco anos que não a vê (a não ser quando às vezes a vê em sonhos), pensou que estava tudo acabado, e agora aqui está de novo.

— Você ficou sentado na frente da televisão, ouvindo-a gritar — diz. — Ficou sentado assistindo a Ricki Lake e comendo… o quê? Um bolo de queijo Sara Lee? Uma tigela de sorvete? Não sei. Mas deixou-a gritar.

— Para com isso!

— Deixou-a gritar e, de fato, por que não? Ela deu alarme falso a vida inteira. Você não é estúpido e sabe que é verdade. Esse tipo de coisa acontece. Acho que sabe disso também. Você se deu um papel em sua própria peçazinha de Tennessee Williams simplesmente porque gosta de comer. Mas quer saber de uma coisa, Barry? Ela vai acabar te matando. No fundo do coração, você não acredita nisso, mas é verdade. O seu coração já está batendo como o de uma pessoa sepultada viva que esmurra a tampa de um caixão. Como é que vai ser quando estiver com 40 ou 50 quilos a mais?

— Chega…

— Quando você cair, Barry, vai ser como a queda da Torre de Babel no deserto. Quem testemunhar a sua queda vai falar dela por anos a fio. O tremor vai derrubar toda a louça das prateleiras…

— Para com isso! — Barry agora está sentado, não precisou da ajuda de Henry desta vez, e está extremamente lívido, exceto pelas pequeninas rosas silvestres, aflorando uma em cada face.

— … vai derramar o café das xícaras e você vai se mijar todo exatamente como ela fez…

— PARA COM ISSO! — Barry Newman grita. — PARA COM ISSO, SEU MONSTRO!

Mas Henry não consegue. Henry não consegue. Vê a linha, e, quando a gente a vê, não pode deixar de vê-la.

— … a não ser que acorde desse sonho pervertido que está tendo. Veja, Barry…

Mas Barry não quer ver, definitivamente não irá ver. Sai correndo pela porta, as vastas nádegas gingando, e desaparece.

A princípio, Henry fica sentado onde está, sem se mover, escutando a partida estrondosa de uma manada de búfalos feita de um único homem que é Barry Newman. A sala adjacente está vazia; ele não tem recepcionista, e, com a saída de Barry, a semana chega ao fim. Ainda bem. Foi uma trapalhada. Vai até o divã e se deita.

— Doutor — diz —, acabei de fazer uma besteira.

— Como assim, Henry?

— Disse a verdade para um paciente.

— Se conhecemos a verdade, Henry, não nos libertamos?

— Não — responde para si mesmo, fitando o teto. — Nem um pouco.

— Feche os olhos, Henry.

— Está bem, doutor.

Fecha os olhos. A sala é substituída pelas trevas, e isso é bom. As trevas se tornaram suas amigas. Amanhã verá seus outros amigos (três deles, pelo menos), e a luz parecerá boa mais uma vez. Mas agora… agora…

— Doutor?

— Sim, Henry.

— Este é, sinceramente, um caso de a mesma merda, um outro dia. Sabia disso?

— O que isso significa, Henry? O que isso significa para você?

— Tudo — responde, os olhos fechados, e acrescenta: — Nada. — Mas isso é mentira. Não a primeira que já se disse aqui.

Fica deitado no divã, os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito, e instantes depois adormece.

No dia seguinte, os quatro irão para Hole in the Wall, e serão oito dias ótimos. As excelentes viagens de caçada estão chegando ao fim, restam apenas algumas, embora, naturalmente, não saibam disso. As verdadeiras trevas ainda estão alguns anos à frente, mas se aproximam.

As trevas se aproximam.

2001: a reunião professor-aluno de Jonesy

Não sabemos que dias mudarão nossas vidas. O que talvez seja bom. No dia que mudará a dele, Jonesy está no escritório do terceiro andar do John Jay College, olhando para seu pedacinho de Boston e pensando em como T. S. Eliot estava errado ao chamar abril de o mais cruel dos meses, só porque um carpinteiro ambulante de Nazaré foi supostamente crucificado por fomentar a rebelião. Qualquer um que viva em Boston sabe que o mais cruel dos meses é março, oferecendo alguns dias de falsa esperança e depois com prazer jogando a merda na cara. Hoje é um dos dias menos dignos de confiança, porque dá a impressão de que a primavera está mesmo para chegar, e ele pensa em fazer um passeio quando um pouco da feiura à frente tiver acabado. Evidentemente, agora Jonesy não tem ideia de quão feio um dia pode ficar; não tem ideia de que terminará este dia num quarto de hospital, estraçalhado e lutando pela porcaria da vida.

A mesma merda, um outro dia, pensa, mas esta será mesmo uma outra merda.

Nisso o telefone toca, e ele o tira do gancho imediatamente, cheio de uma esperançosa premonição: deve ser o garoto Defuniak, telefonando para cancelar a entrevista das 11 horas. Ele tem um faro para o que o vento sopra, Jonesy pensa, e isso é bastante possível. Em geral, os estudantes é que marcam entrevistas com o professor. Quando um rapaz recebe a mensagem de que um dos professores deseja vê-lo… bom, não é preciso ser nenhum gênio, como se diz.

— Alô, é o Jones — diz.

— Oi, Jonesy, como vai a vida?

Reconheceria a voz em qualquer lugar.

— Oi, Henry! Bem, a vida vai bem!

A vida não parece, na verdade, tão bem assim, não porque Defuniak está para chegar daqui a 15 minutos, mas tudo é relativo, não é? Comparado com o que será daqui a 12 horas, dependente de todas aquelas máquinas que fazem bip, uma operação feita antes e outras três a serem feitas, Jonesy está, como se diz, com a corda no pescoço.

— Bom saber.

Jonesy deve ter ouvido o peso na voz de Henry; porém, mais provável, é algo que ele pressente.

— Henry, alguma coisa errada?

Silêncio. Jonesy está para perguntar de novo quando Henry responde.

— Um paciente meu morreu ontem. Por acaso vi o necrológio no jornal. Chamava-se Barry Newman. — Henry faz uma pausa. — Um homem de divã.

Jonesy não entende o que ele quer dizer com isso, mas o velho amigo está sofrendo. Sabe disso.

— Suicídio?

— Ataque cardíaco. Aos 29 anos de idade. Cavou a cova com garfo e faca.

— Sinto muito.

— Faz três anos que ele tinha deixado de ser meu paciente. Eu o afugentei. Tive... uma daquelas coisas. Sabe do que estou falando?

Jonesy acha que sim.

— Foi a linha?

Henry suspira. Para Jonesy, não soa como arrependimento. Soa como alívio.

— Foi. Eu mais ou menos dei um basta nele. Saiu correndo como se o rabo estivesse pegando fogo.

— Isso não torna você responsável pela coronária dele.

— Talvez você tenha razão. Mas não é assim que parece. — Uma pausa. Depois, com um tom divertido: — Esse não é um verso de uma canção do Jim Croce? E você, Jonesy, vai bem?

— Eu? Vou. Por que pergunta?

— Não sei — Henry responde. — É que... andei pensando em você desde que abri o jornal e vi a foto do Barry na página de necrológios. Espero que se cuide.

Nos ossos (muitos dos quais logo estarão quebrados), Jonesy sente um leve calafrio.

— Do que é que está falando, exatamente?

— Não sei — responde Henry. — Talvez de nada. Mas...

— É a linha agora? — Jonesy está sobressaltado. Gira na cadeira e, pela janela, olha para o indeciso sol de primavera. Ocorre-lhe que o garoto Defuniak talvez esteja transtornado, talvez esteja portando um revólver (um

berrante, como dizem nos romances de mistério e suspense que Jonesy gosta de ler nas horas livres), e Henry de algum modo captou isso.

— Não sei. O mais provável é que eu esteja apenas tendo uma reação deslocada por ter visto a foto do Barry na página dos falecidos. Mas você se cuide por enquanto, sim?

— Bom... sim. Vou me cuidar.

— Ótimo.

— E tudo bem contigo?

— Tudo bem.

Mas Jonesy não acha que Henry esteja de modo algum bem. Está para dizer algo mais quando alguém pigarreia às suas costas e ele se dá conta de que Defuniak provavelmente chegou.

— Bom, excelente — responde e gira na cadeira. Sim, ali está o entrevistado das 11 horas, de modo algum parecendo perigoso: apenas um rapaz metido num grande e velho casaco de baeta que é pesado demais para o dia, parecendo magro e subnutrido, usando um brinco e um corte de cabelo punk que se espeta sobre os olhos preocupados. — Henry, tenho um compromisso agora. Te ligo mais tarde...

— Não, não é necessário. Honestamente.

— Certeza?

— Certeza. Mas há uma outra coisa. Dispõe de mais 30 segundinhos?

— Claro que sim. — Ergue um dedo para Defuniak e Defuniak assente com um sinal de cabeça. Mas fica parado onde está até Jonesy lhe apontar uma cadeira no pequeno escritório ao lado da sua, não tomada por pilhas de livros. Defuniak vai até a cadeira com relutância. Ao telefone, Jonesy diz: — Mande.

— Acho que a gente devia voltar a Derry. Uma passagem rápida, só você e eu. Para ver o nosso velho amigo.

— Você se refere ao...? — Mas não quer dizer o nome, o nome que soa como o de um bebê, na presença de um estranho no escritório.

Não é obrigado a ir; Henry diz isso por ele. Uma vez, formaram um quarteto, depois, por um período, formaram um quinteto, e depois voltaram a formar um quarteto. Mas o quinto elemento nunca se foi de fato. Henry diz o nome, o nome de um garoto que ainda é, magicamente, um garoto. Quanto a ele, as preocupações de Henry são mais claras, mais facilmente expressas. Nada que ele saiba, diz para Jonesy, só uma sensação de que o velho amigo precisa de uma visita.

— Falou com a mãe dele? — pergunta Jonesy.

— Acho — responde Henry — que seria melhor se a gente... você sabe, pintasse por lá. Como está a sua agenda este fim de semana? Ou no próximo?

Jonesy não precisa verificar. O fim de semana começa depois de amanhã. Há um compromisso com o corpo docente no sábado à tarde, mas pode se livrar dele com facilidade.

— Tenho os dois dias livres este fim de semana — responde. — Se for no sábado, às dez está bom?

— Perfeito. — Henry soa aliviado, mais normal. Jonesy se descontrai um pouco. — Certeza?

— Se acha que a gente deve ir ver... — Jonesy hesita — ... ver Douglas, então penso que sim. Faz muito tempo.

— A pessoa chegou para a reunião, não é?

— Hã-hã.

— Está bem. Espero você às dez no sábado. Ah, talvez vá com o Scout. Dar uma rodada com ele. Que tal?

— Sensacional.

Henry ri.

— A Carla ainda prepara o seu lanche, Jonesy?

— Prepara. — Jonesy olha para a pasta.

— Qual é o menu de hoje? Atum?

— Salada de ovos.

— Hã. Está bem, vou me despedindo. SSDD, certo?

— SSDD — concorda Jonesy. Não pode pronunciar o nome do velho amigo na frente de um aluno, mas não há problema com SSDD. — A gente se fala...

— E se cuide. Falo sério. — A ênfase na voz de Henry é inequívoca e um tanto alarmante. Mas, antes de Jonesy responder (e não sabe o que diria, com Defuniak sentado no canto, a observar e ouvir), Henry desliga.

Jonesy olha pensativamente para o telefone por um momento, depois o coloca no gancho. Vira uma folha do calendário na escrivaninha e, no sábado, risca Drinques na casa de Dean Jacobson e escreve Cancelar — ir para Derry com Henry ver D. Mas este é um compromisso a que ele não atenderá. No sábado, Derry e os velhos amigos estarão muito distantes de sua mente.

Jonesy respira fundo, aspira e transfere a atenção para a complicação das 11 horas. O rapaz se mexe todo inquieto na cadeira. Faz uma boa ideia do motivo pelo qual foi chamado, Jonesy supõe.

— Muito bem, Sr. Defuniak — diz. — É do Maine, de acordo com os seus registros.

— Hã, sim. Pittsfield. Eu...

— Consta também nos seus registros que está aqui com uma bolsa de estudos, e que tem tido um bom desempenho.

O rapaz, ele vê, está na verdade bem mais do que preocupado. Está a ponto de chorar. Caramba, isso é difícil. Jonesy jamais teve de acusar um estudante de trapacear, mas imagina que esta não será a última vez. Espera apenas que isso não ocorra com muita frequência. Porque é difícil, o que Beaver chamaria de “fodaréu”.

— Sr. Defuniak... David... você sabe o que acontece com as bolsas de estudo se por acaso descobrimos que o aluno que tem uma está trapaceando? Por exemplo, num exame do trimestre?

O rapaz dá um sobressalto, como se um moleque brincalhão escondido embaixo da cadeira tivesse disparado uma carga elétrica de baixa voltagem numa de suas nádegas magras. Agora seus lábios tremem e a

primeira lágrima, ah meu Deus, começa a escorrer pelo rosto não barbeado do garoto.

— Eu lhe digo — Jonesy responde. — As bolsas de estudo se evaporam. É o que acontece com elas. Puf, somem no ar rarefeito.

— Eu... eu...

Há uma pasta de papéis em cima da escrivaninha de Jonesy. Ele a abre e tira um exame de História da Europa, uma daquelas monstruosidades de múltipla escolha na qual o Departamento de História, em sua santa teimosia, insiste. No alto do teste, com os traços pretos de um lápis IBM ("Certifique-se de que suas marcas sejam espessas e uniformes, e, se precisar apagar, apague completamente"), está escrito o nome DAVID DEFUNIAK.

— Revisei seus trabalhos do curso, David; reexaminei sua redação sobre o feudalismo na França durante a Idade Média; passei os olhos nas suas transcrições. Você não foi brilhante, mas não se saiu mal. Sei que está simplesmente cumprindo um requisito aqui... seus verdadeiros interesses não se encontram na minha área, não é mesmo?

Defuniak balança a cabeça em silêncio. As lágrimas cintilam nas faces, ao sol indigno de confiança do meado de março.

Há uma caixa de Kleenex na quina da escrivaninha de Jonesy, e ele a atira para o rapaz, que a apanha com facilidade mesmo em apuros. Bons reflexos. Quando a gente tem 19 anos de idade, toda a fiação da gente é boa e tensa, todas as conexões são boas e estáveis.

Espere alguns anos, Sr. Defuniak, ele pensa. Tenho apenas 37 anos e alguns dos meus fios estão se soltando.

— Talvez você mereça uma outra oportunidade — diz Jonesy.

Devagar e intencionalmente, começa a amassar o exame de Defuniak, que é suspeitamente perfeito, um A-mais, formando uma bola.

— Talvez você estivesse doente no dia daquele exame e, na verdade, nunca tenha chegado a fazê-lo.

— Eu estava doente — diz David, todo animado. — Acho que estava com gripe.

— Então, talvez eu deva lhe dar um ensaio para escrever em casa, em lugar do teste de múltipla escolha a que os seus colegas foram submetidos. Se quiser. Para compensar o teste que você perdeu. Gostaria de fazer isso?

— Sim — o rapaz responde, enxugando os olhos doidamente com um enorme bolo de lenço de papel. Pelo menos não embarcou em toda aquela coisa barata e mesquinha de que Jonesy não tem condição de provar, não tem condição de provar coisa alguma, levaria o caso ao Conselho de Assuntos Estudantis, formalizaria uma queixa e blablablá-boseira. Em lugar disso, está chorando, o que é desagradável testemunhar mas, provavelmente, um bom sinal, 19 anos é cedo, mas muitos deles perderam a consciência antes de chegar a essa idade. Defuniak confessou com franqueza, o que sugere que pode haver ainda um homem dentro dele, esperando sair. — Sim, isso seria ótimo.

— E você entende que, se alguma coisa parecida tornar a acontecer…

— Não acontecerá — o rapaz responde com convicção. — Não acontecerá, professor Jones.

Embora Jonesy seja apenas professor-assistente, não se dá ao trabalho de corrigi-lo. Algum dia, afinal de contas, será o professor Jones. É bom que seja; ele e a mulher têm filhos e, se não houver pelo menos alguns saltos salariais no futuro, a vida tenderá a ser o pão que o diabo amassou. Eles já comeram um pouco desse pão.

— Espero que não — ele retruca. — David, escreva 3 mil palavras sobre os resultados imediatos da Conquista Normanda, está bem? Cite as fontes, mas não há necessidade de notas de rodapé. Mantenha o texto informal, mas apresente uma tese convincente. Entregue-me na próxima segunda-feira. Estamos entendidos?

— Sim. Sim, senhor.

— Então, por que não vai e começa? — Aponta para os calçados surrados de Defuniak. — E da próxima vez que pensar em comprar uma cerveja, em lugar disso compre um par de tênis novos. Eu não gostaria que você pegasse uma outra gripe.

Defuniak anda até a porta e se volta. Está ansioso para se ir antes que o Sr. Jones mude de ideia, mas está também com 19 anos de idade. E curioso.

— Como sabia? O senhor nem estava lá naquele dia. Alguns estudantes graduados supervisionaram o teste.

— Eu sabia, e pronto — Jonesy responde com certa rispidez. — Vá, meu filho. Escreva um bom ensaio. Não perca a bolsa de estudos. Eu também sou do Maine… de Derry… e conheço Pittsfield. É um lugar melhor para se estar longe de lá do que para voltar para lá.

— O senhor acertou — diz Defuniak com ardor. — Obrigado. Obrigado por ter me dado uma outra oportunidade.

— Feche a porta ao sair.

Defuniak — que gastará o dinheiro do tênis não com cerveja, mas com um ramalhete de “estimo suas melhoras” para Jonesy — sai, obedientemente fechando a porta. Jonesy gira na cadeira e olha de novo pela janela. O sol não é digno de confiança, mas é tentador. E porque a questão de Defuniak teve um resultado melhor do que o que ele esperara, pensa que gostaria de sair ao sol antes que mais nuvens de março — e talvez neve — rolem para cobrir o céu. Tinha planejado comer no escritório, mas ocorre-lhe um novo plano. É de longe o pior plano de sua vida, mas, claro, Jonesy não sabe disso. O plano é pegar a pasta, levar consigo um exemplar do Phoenix de Boston e caminhar para o outro lado do rio até Cambridge. Irá sentar-se num banco e comer seu sanduíche ao sol.

Levanta-se para guardar a pasta de Defuniak no arquivo assinalado D-F. Como sabia?, o rapaz perguntou, e Jonesy acha que esta é uma boa pergunta. Uma excelente pergunta, mesmo. A resposta é esta: sabia porque… às vezes sabe. Esta é a verdade, e não há outra. Se alguém encostasse o cano de um revólver em sua testa, diria que descobriu

durante a primeira aula na segunda metade do período letivo, que estava bem ali na frente da cabeça de David Defuniak, grande e brilhante, piscando em culpa de néon vermelho: TRAPACEIRO TRAPACEIRO TRAPACEIRO.

Mas, cara, isso é coisa de entorpecente — ele não pode ler a mente das pessoas. Às vezes, coisas faíscam dentro da cabeça dele, sim — soube dos problemas da mulher com as pílulas dessa maneira, e supõe que soube dessa mesma maneira que Henry estava deprimido quando telefonou (Não, transparecia na voz dele, seu pateta, só isso), mas coisas assim quase não acontecem mais. Não houve nada realmente estranho desde o caso de Josie Rinkenhauer. Talvez alguma vez tenha havido, e talvez os tenha afastado da infância e da adolescência, mas sem dúvida já passou. Ou quase passou.

Quase.

Circula as palavras ir para Derry no calendário da escrivaninha, depois pega a pasta. Enquanto faz isso, ocorre-lhe um novo pensamento, repentino e sem sentido, mas bastante poderoso: Tome cuidado com o Sr. Cinza.

Detém-se com a mão na maçaneta da porta. Foi sua própria voz, sem dúvida.

— O quê? — pergunta para a sala vazia.

Nada.

Jonesy sai do escritório, fecha a porta e verifica a fechadura. No canto do quadro de avisos em sua porta há um cartão branco sem nada escrito. Jonesy remove o alfinete que o prende, pega-o e o vira. No verso está impressa a mensagem VOLTO À UMA — ATÉ LÁ, ENTREI PARA A HISTÓRIA. Espeta o lado com a mensagem no quadro de avisos com uma segurança perfeita, mas quase dois meses se passarão antes de Jonesy tornar a entrar nesta sala e ver o calendário na escrivaninha ainda mostrando o dia de São Patrício.

Cuide-se, Henry disse, mas Jonesy não está pensando em cuidar de si mesmo. Está pensando no sol de março. Está pensando em comer o sanduíche. Está pensando que deveria observar algumas garotas em Cambridge — as saias são curtas e os ventos de março são brincalhões. Está pensando em todo tipo de coisas, mas tomar cuidado com o Sr. Cinza não é uma delas. Muito menos cuidar de si mesmo.

Isso é um erro. Isso é também como uma vida muda para sempre.

PARTE 1

CÂNCER

Esse tremor me estabiliza. Eu devia saber.
O que se dissipa é sempre. E é próximo.
Acordo do sono, e o acordar aceito lento.
Indo aonde tenho de ir é que aprendo.

THEODORE ROETHKE

Capítulo Um

McCarthy

1

Jonesy quase alvejou o sujeito quando este saiu da floresta. Por um triz. Mais outro meio quilo de pressão no gatilho da Garand, talvez só mais 250 gramas. Depois, estimulado pela claridade que às vezes lhe toma a mente horrorizada, desejou que tivesse atirado antes de ver o boné laranja e o colete laranja de sinaleiro. Matar Richard McCarthy não teria feito mal e poderia ter ajudado. Matar McCarthy poderia ter salvado todos eles.

2

Pete e Henry tinham ido ao mercado do Gosselin, o armazém mais próximo, para se abastecer de pão, enlatados e cerveja — coisas realmente essenciais. Tinham o suficiente para os dois dias seguintes, mas a rádio noticiara que poderia nevar. Henry já tinha caçado seu cervo, uma corça de bom tamanho, e Jonesy sabia que Pete se preocupava bem mais com o suprimento de cerveja do que com pegar seu próprio cervo — para Pete Moore, caçar era um passatempo, a cerveja, uma religião. Beaver estava em algum lugar, mas Jonesy só ouvira o disparo de uma espingarda a uma distância de uns 7 quilômetros, de modo que supôs que o Beav, assim como ele, ainda estava aguardando.

Havia uma plataforma no alto de um velho bordo a cerca de 70 metros do acampamento, e era lá que Jonesy estava, tomando café e lendo um romance de mistério de Robert Parker, quando ouviu algo se aproximar e pôs o livro e a garrafa térmica de lado. Em anos anteriores, chegara a derramar o café, tomado de excitação, mas dessa vez não. Dessa vez, teve tempo até mesmo para enroscar a tampa de um vermelho-vivo da garrafa.

Os quatro costumavam caçar naquele lugar na primeira semana de novembro havia quase 25 anos, contando-se as vezes em que foram levados pelo pai do Beav, e Jonesy nunca dera importância à plataforma na árvore até então. Nenhum deles dera; restringia-os demais. Nesse ano, Jonesy a escorara com estacas. Os amigos achavam que sabiam por quê, mas sabiam apenas parte do motivo.

Em meados de março de 2001, Jonesy fora atropelado por um carro

ao atravessar uma rua de Cambridge, não muito distante do John Jay College, onde lecionava. Fraturara o crânio, quebrara duas costelas e fragmentara o quadril, que foi substituído por uma invulgar combinação de Teflon e metal. O homem que o atropelou era um professor de História aposentado da Universidade de Boston que estava — pelo menos de acordo com seu advogado — nos primeiros estágios do mal de Alzheimer, merecendo por isso mais piedade do que punição. Quase sempre, Jonesy pensou, não havia a quem culpar depois de a poeira assentar. E, mesmo que houvesse, de que adiantaria? Ainda assim, seria preciso viver com o que restava e se consolar com o fato de que, como lhe diziam todos os dias (até que por fim esqueceram completamente o caso), poderia ter sido pior.

E poderia ter sido. A cabeça estava inteira, e a fratura, curada. Não se lembrava da hora ou do momento que levara ao acidente perto da Harvard Square, mas o resto de seu aparelho mental funcionava bem. As costelas se curaram em um mês. O quadril era o pior, mas em outubro as muletas já haviam sido dispensadas e agora o fato de que ele mancava só se tornava visível ao final do dia.

Pete, Henry e o Beav pensavam que o quadril, e apenas o quadril, fizera com que ele optasse pela plataforma da árvore em lugar da floresta úmida e fria, e o quadril era, sem dúvida, um fator — só que não o único. O que ele não lhes contara era que agora tinha pouco interesse em caçar cervos. Isso os teria desapontado. Ora, desapontara o próprio Jonesy. Mas ali estava, algo novo na vida de que ele nem sequer suspeitara antes de irem àquele lugar no dia 11 de novembro e de ele tirar a Garand do estojo. Não estava revoltado com a ideia de caçar, de modo algum — apenas não sentia um impulso genuíno de fazê-lo. A morte passara por Jonesy num dia ensolarado de março e ele não desejava chamá-la de volta, mesmo que fosse o mediador e não o receptor.

3

Surpreendia-o o fato de que ainda gostava de ficar no acampamento — de certa forma, parecia melhor do que nunca. Conversando à noite — livros, política, os apuros em que se meteram quando crianças, os planos para o futuro. Estavam na casa dos 30 anos, ainda bastante jovens para fazer planos, muitos deles, e os antigos laços ainda eram fortes.

E os dias eram bons, também — as horas passadas na plataforma da árvore, sozinho. Levava consigo um saco de dormir, enfiando-se dentro dele até a cintura quando sentia frio, um livro e um walkman. Depois do primeiro dia, parava de ouvir o walkman, ao descobrir que preferia a música da floresta — o som sedoso do vento nos pinheiros, a cor ferruginosa dos corvos. Lia um pouquinho, bebia café, lia um pouco mais, de vez em quando saía do saco de dormir (era vermelho como um holofote) e mijava na

beirada da plataforma. Era um homem com uma família numerosa e um grande círculo de colegas. Um homem gregário que apreciava todos os diferentes relacionamentos que a família e os colegas acarretavam (e os alunos, claro, a interminável torrente de alunos), e os equilibrava bem. Era apenas ali, naquele lugar, que se dava conta de que os atrativos do silêncio eram ainda reais, ainda fortes. Era como reencontrar um velho amigo depois de uma longa ausência.

— Tem certeza de que quer ficar aí em cima? — Henry lhe perguntou ontem de manhã. — Quero dizer, seria legal vir comigo. Não vou abusar dessa sua perna, prometo.

— Deixe-o sozinho — disse Pete. — Ele gosta de ficar lá. Não gosta, Jonesy?

— Mais ou menos — ele respondeu, sem vontade de falar mais, por exemplo, o quanto realmente gostava daquilo. Algumas coisas a gente não se sente seguro de contar nem mesmo para os amigos mais íntimos. E, de qualquer maneira, às vezes os amigos mais íntimos sabem.

— Vou dizer uma coisa — falou o Beav. Pegou um lápis e começou a mordê-lo de leve, seu tique preferido mais antigo, que remontava aos tempos da escola primária. — Quando eu voltar, quero te ver aí em cima, como um vigia num cesto de gávea num desses livros porcaria de aventuras no mar. De olho nas coisas, sabe como é?

— Navio à vista! — exclamou Jonesy, e todos riram, mas Jonesy sabia o que o Beav queria dizer. Sentia-o. De olho nas coisas. Só pensando seus pensamentos e ficando de olho nos navios ou nos tubarões ou em quem sabia o quê. Seus quadris doíam ao descer, a mochila com suas tralhas pesava nas costas, e ele se sentia lerdo e desajeitado nos degraus de madeira pregados no tronco do bordo, mas isso estava bem. Bom, de fato. As coisas haviam mudado, mas só um tolo acreditava que mudaram apenas para pior.

Isso era o que ele achava então.

4

Ao ouvir o farfalhar da moita cerrada que se agitava e o leve estalo de um galho — sons que, nunca duvidou, eram produzidos por um cervo que se aproximava —, Jonesy pensou em algo que o pai lhe disse: Ter sorte não depende da sua vontade. Lindsay Jones era um dos derrotados na vida e dissera poucas coisas dignas de serem lembradas, mas essa era uma delas, e, de novo, ele era uma prova disso: dias depois de ter resolvido que jamais voltaria a caçar cervos, apareceu um, e um enorme, a julgar pelo som — um gamo, quase com certeza, talvez tão grande quanto um homem.

Não passou pela cabeça de Jonesy que fosse um homem. Aquela era uma comunidade não incorporada ao município, que se situava a cerca de

70 quilômetros de Rangely, e os caçadores mais próximos se encontravam a duas horas de caminhada. A estrada asfaltada mais próxima, a que enfim dava no mercado do Gosselin (PAUSA PARA CERVEJA FORA DO MUNICÍPIO, A SORTE GRANDE DA BEBIDA ALCOÓLICA), ficava, pelo menos, a 24 quilômetros.

Bom, ele pensou, não é que eu tenha feito um juramento ou coisa assim.

Não, não tinha feito um juramento. No mês de novembro seguinte talvez voltasse com uma Nikon em vez de uma Garand, mas ainda não era o ano seguinte e a espingarda estava à mão. Afinal, a cervo dado não se olham os dentes.

Jonesy enroscou a tampa vermelha da garrafa térmica de café e a pôs de lado. Depois, afastou o saco de dormir da parte inferior do corpo como se fosse uma enorme meia soquete acolchoada (estreitando os olhos com a rigidez do quadril ao afastá-lo) e pegou a arma. Não havia necessidade de carregar o depósito, fazendo um clique que assustaria o cervo; hábitos antigos custam a morrer, e a arma estaria pronta para ser disparada assim que ele desprendesse a trava de segurança. O que fez ao se firmar de pé. A antiga e impetuosa emoção se perdera, mas ficara um resíduo — a pulsação acelerou e ele acolheu essa intensidade. Depois do acidente, acolhia todas as reações desse tipo — era como se agora existissem dois Jonesy, um anterior ao atropelamento na rua e o sujeito mais velho, mais prudente, que acordara no Mass General... se fosse possível chamar aquela consciência lenta e drogada de estar acordado. Às vezes ainda ouvia vozes — de quem, não sabia, mas não era a voz dele — gritando: Pare, por favor, não suporto mais, me dê uma dose, onde está Marcy, quero Marcy. Achava que se tratava da voz da morte — a morte o deixara escapar na rua e depois fora ao hospital para terminar o serviço, a morte mascarada de homem (ou talvez fosse uma mulher, difícil dizer) que sofria, alguém que disse Marcy, mas queria dizer Jonesy.

A ideia passou — todas as ideias esquisitas que lhe ocorreram no hospital por fim passaram —, mas deixara um resíduo. A cautela era um resíduo. Não se lembrava de Henry ter telefonado e dito que se cuidasse por enquanto (e Henry não o lembrou disso), mas desde então Jonesy vinha se cuidando. Era cauteloso. Porque talvez a morte estivesse rondando, e talvez às vezes o chamasse pelo nome.

Mas o passado era passado. Sobrevivera ao breve encontro com a morte e nada estava morrendo naquela manhã, a não ser o cervo (um gamo, ele esperava) que vagueara na direção errada.

O som do farfalho da moita e do estalo do galho chegava até ele vindo do sudoeste, o que significava que não precisaria atirar junto do tronco do bordo — muito bom — e se posicionar contra o vento. Ainda melhor. As folhas do bordo haviam caído, em grande parte, e ele tinha uma boa, se não perfeita, linha de visão por entre os ramos entrelaçados. Jonesy ergueu a Garand, encaixou a base da coronha na cavidade do ombro e se preparou para fazer um disparo que seria assunto de conversa.

O que salvou McCarthy — ao menos temporariamente — foi o desencanto de Jonesy com a caçada. O que quase fez com que McCarthy morresse foi um fenômeno que George Kilroy, um amigo de seu pai, chamava de “febre de olho”. A febre de olho, segundo Kilroy, era uma forma de nervosismo na hora de agir, conhecido como “febre de gamo”, e, provavelmente, a segunda causa mais comum dos acidentes em caçadas. “Primeiro, é a bebida”, dizia George Kilroy — assim como o pai de Jonesy, Kilroy também conhecia um bocado esse assunto. “Primeiro, é sempre a bebida.”

Kilroy dizia que as vítimas da febre de olho se espantavam, invariavelmente, ao descobrir que tinham atirado contra um moirão de cerca, um carro que passava ou a borda de um celeiro, ou mesmo um companheiro de caçada (em muitos casos, o companheiro era um cônjuge, um parente ou uma criança). “Mas eu vi o gamo”, contestavam, e muitos deles, de acordo com Kilroy, conseguiriam passar num teste de detecção de mentiras sobre o assunto. Tinham visto o cervo, o urso ou o lobo, ou apenas o galo silvestre movendo-se aos pulos no capinzal alto do outono. Eles o viam.

O que acontecia, segundo Kilroy, era que esses caçadores sofriam de uma ansiedade de fazer o disparo, de acabar com aquilo, de um modo ou de outro. Essa ansiedade se torna tão forte que o cérebro convence os olhos de que veem o que ainda não é visível, com o propósito de pôr fim à tensão. Isso é a febre de olho. E, embora ciente da inexistência de uma tal ansiedade — seus dedos se achavam perfeitamente estáveis ao enroscar a tampa vermelha na garrafa térmica —, Jonesy mais tarde admitiu para si mesmo que sim, que poderia ter sido vítima desse mal.

Por um momento, viu o gamo com clareza no fim do túnel formado pelos ramos entrelaçados — com a mesma clareza com que vira cada um dos 16 cervos (seis gamos, dez corças) que abatera ao longo dos anos na Hole in the Wall. Vira a cabeça acastanhada, um olho tão escuro que era quase tão negro quanto o veludo de um joalheiro, a superfície uniforme de sua montra.

Atire agora!, uma parte dele gritou — era o Jonesy anterior ao acidente, o Jonesy inteiro. Este falava com mais frequência de um mês para cá, ou coisa assim, à medida que ele foi se aproximando de uma espécie de estado mítico ao qual as pessoas que nunca foram atropeladas por um carro se referem alegremente como uma “recuperação total”, mas nunca falara tão alto como agora.

E seu dedo comprimiu o gatilho. Não imprimiu aquele último meio quilo de pressão (ou talvez tivesse sido metade, uns meros 250 gramas), mas comprimiu. A voz que o interrompeu foi a do segundo Jonesy, o que acordara no Mass General, dopado, desorientado e sentindo dores, não mais seguro de qualquer coisa, a não ser de que alguém queria interromper algo, alguém não o suportava — não sem um disparo, de qualquer maneira —, alguém queria Marcy.

Não, ainda não — espere, observe, disse esse novo Jonesy cauteloso,

e essa foi a voz que ele escutou. Imobilizou-se na posição, a maior parte de seu peso concentrada na perna esquerda boa, a espingarda levantada, o cano colocado naquele túnel de luzes entrelaçadas a um bom ângulo de 35 graus.

Os primeiros flocos de neve caíram deslizando do céu branco nesse exato momento, e, ao caírem, Jonesy viu uma linha de cor laranja brilhante abaixo da cabeça do cervo — era como se a neve de algum modo a tivesse invocado. Por um instante, a percepção simplesmente cedeu, e o que ele via por cima do cano da arma se transformou num mero borrão indistinto, como tinta misturada na paleta de um pintor. Não havia cervo e não havia homem, nem mesmo floresta, somente um intrigante e desordenado borrão de preto, marrom e laranja.

Depois houve mais laranja, numa forma que fazia sentido: era um chapéu, desses com abas que se desdobram para cobrir as orelhas. Quem não era da região os comprava no L. L. Bean's por 44 dólares, cada um deles com uma etiqueta no lado de dentro que dizia: ORGULHOSAMENTE FABRICADO NOS EUA POR MÃO DE OBRA SINDICALIZADA. Ou comprava-se um no Gosselin por sete dólares. A etiqueta num boné do Gosselin dizia apenas: FABRICADO EM BANGLADESH.

O boné colocou tudo num foco horrendo: o marrom que ele tomara pela cabeça de um gamo era a frente do casaco de lã de um homem, o veludo preto de joalheiro do olho do gamo era um botão, e os chifres eram apenas mais ramos — ramos que pertenciam à própria árvore em que ele estava. O homem fora imprudente (Jonesy sentiu dificuldade em usar a palavra louco) ao usar um casaco de lã marrom na floresta, mas Jonesy ainda não era capaz de compreender como ele mesmo teria cometido um engano de consequência potencialmente terrível. Porque o homem também estava usando um boné laranja, não estava? E também um colete laranja-vivo de sinaleiro, por cima do casaco marrom, sem dúvida imprudente. O homem...

... escapou da morte por uma pressão de dedo de meio quilo. Talvez menos.

Ele então tomou consciência de si mesmo de um modo visceral, destacando-se do próprio corpo. Por um terrível e brilhante momento do qual jamais se esqueceu, não era nem o Jonesy Número Um, o seguro Jonesy de antes do acidente, nem o Jonesy Número Dois, o sobrevivente mais hesitante que passou tanto tempo num exaustivo estado de desconforto físico e confusão mental. Por esse momento, era algum outro Jonesy, uma presença invisível que olhava para um homem armado em cima da plataforma de uma árvore. O cabelo do homem armado era curto e já grisalho, o rosto alinhado em torno da boca, as faces pontilhadas de barba, e magro. O homem armado estava prestes a usar a arma. A neve começara a dançar em torno de sua cabeça e a cair na camisa de flanela marrom por fora da calça, e ele estava prestes a atirar num homem de boné e colete laranja do mesmo tipo que estaria usando se tivesse decidido ir à floresta com Beaver em vez de ficar no alto da árvore.

Voltou a si mesmo com um baque, exatamente como alguém torna a afundar no assento depois de um solavanco do carro ao passar em alta velocidade sobre um buraco grande. Para seu horror, constatou que ainda estava seguindo o homem na mira da Garand, como se algum crocodilo teimoso no fundo de seu cérebro se recusasse a abandonar a ideia de que o homem de casaco marrom era uma presa. Pior, parecia não conseguir afrouxar o dedo no gatilho da espingarda. Houve até mesmo um ou dois segundos terríveis em que ele pensou que ainda estava de fato pressionando, inexoravelmente consumindo os últimos poucos gramas de peso entre ele e o maior erro de sua vida. Mais tarde reconheceu que ao menos fora uma ilusão, algo semelhante à sensação de rodar para trás num carro parado quando a gente vislumbra pelo canto do olho um carro se mover devagar ao lado.

Não, estava somente imobilizado, mas isso era em si bastante ruim, era um inferno. *Jonesy, você pensa demais*, Pete costumava dizer quando o flagrava fitando o vazio a meia distância, sem acompanhar a conversa, e o que ele talvez quisesse dizer com isso era: *Jonesy, você imagina demais*, o que muito provavelmente era verdade. Sem dúvida, estava imaginando demais agora, ali de pé no meio da árvore e da primeira neve da estação, o cabelo esvoaçando em tufos, o dedo preso ao gatilho da Garand — não ainda apertando, como ele receou por um momento, mas também não afrouxando, o homem agora quase abaixo dele, a mira da Garand no alto do boné laranja, a vida do homem num fio invisível entre a boca do cano da Garand e o boné, o homem talvez pensando em revender o carro, trair a mulher ou comprar um pônei para a filha mais velha (Jonesy mais tarde encontrou motivo para saber que McCarthy não estava pensando em qualquer uma dessas coisas, mas, claro, não no momento, não na árvore, com o dedo indicador imobilizado numa curva em torno do gatilho da espingarda), sem saber o que Jonesy não sabia enquanto esteve parado no meio-fio da calçada em Cambridge, com a pasta na mão e um exemplar do *Phoenix* de Boston embaixo do braço — ou seja, que a morte se achava na vizinhança, ou talvez mesmo a Morte, uma figura ansiosa como que saída de um dos primeiros filmes de Ingmar Bergman, uma figura que portava um instrumento oculto nas dobras do manto grosseiro. Tesoura, talvez. Ou um escalpelo.

E o pior disso era que o homem não morreria, ou pelo menos não de uma vez. Cairia e ficaria lá deitado, gritando, assim como Jonesy ficou gritando estendido na rua. Não se lembrava de gritar, mas evidentemente o fizera; contaram-lhe isso, e não havia motivo para não acreditar. Gritara até estourar os miolos, muito provavelmente. E se o homem de casaco marrom e acessórios de cor laranja começasse a gritar por Marcy? Sem dúvida não gritaria — não realmente —, mas a cabeça de Jonesy poderia registrar gritos de Marcy. Se havia uma febre de olho — se olhava para o casaco marrom de um homem e o via como a cabeça de um cervo —, então era possível que houvesse também um equivalente auditivo. Ouvir um homem gritar e saber que a gente é o motivo — Deus do céu, não. E ainda

assim seu dedo não afrouxava.

O que rompeu a paralisia foi algo simples e inesperado: a uns dez passos da base da árvore de Jonesy, o homem de casaco marrom caiu no chão. Jonesy ouviu o som de dor e surpresa que ele emitiu — mrof!, foi assim que soou — e o dedo soltou o gatilho sem ele nem sequer pensar nisso.

O homem caíra sobre as mãos e os joelhos, os dedos marrons das luvas (luvas marrons, outro erro; o sujeito bem que poderia ter saído com um cartaz nas costas com os dizeres ATIREM EM MIM, Jonesy pensou) estendidos no chão, que já ia ficando branco. Quando tornou a se pôr de pé, o homem começou a falar alto com uma voz impaciente e indagadora. Jonesy não percebeu no início que ele também chorava.

— Meu Deus, meu Deus — o homem dizia enquanto procurava se manter numa posição ereta. Os pés vacilavam como se ele estivesse embriagado. Jonesy sabia que homens na floresta, homens que deixam as famílias por uma semana ou um fim de semana, cometem todo tipo de pequenas travessuras, beber às dez horas da manhã era uma das mais comuns. Mas Jonesy não achava que aquele sujeito estivesse embriagado. Nenhum motivo para isso; apenas uma vibração.

— Ah não, meu Deus, ah não. — E depois, ao começar a andar de novo: — Neve. Agora é a neve. Por favor, Deus, meu Deus, agora é a neve, ah não.

Seus primeiros passos foram cambaleantes e vacilantes. Jonesy por isso concluiu que sua vibração era incorreta; o sujeito estava bêbado, e depois seu andar se normalizou e ele começou a caminhar com um pouco mais de equilíbrio. Coçava a face direita.

Passou bem embaixo da plataforma, por um instante deixando de ser um homem, apenas um círculo de boné laranja com ombros marrons em cada lado. Sua voz subia à deriva no ar, líquida e cheia de lágrimas, sobretudo Ah não com os ocasionais Meu Deus e Agora é a neve como complementos.

Jonesy ficou onde estava, observando enquanto o sujeito primeiro desapareceu embaixo da plataforma e depois reapareceu no outro lado. Girou o corpo, sem se dar conta disso, para manter sob a visão o homem que caminhava com dificuldade — não se deu conta também de que abaixou a espingarda ao lado do corpo, até mesmo fazendo uma pausa longa o bastante para travar o dispositivo de segurança.

Jonesy não o chamou, e supunha saber por quê: pura culpa. Temia que o homem lá embaixo se virasse para olhá-lo e visse a verdade em seus olhos — mesmo através das lágrimas e da neve que engrossava, o homem veria que Jonesy estava lá em cima com a arma apontada, que Jonesy quase o matara.

Vinte passos adiante da árvore, o homem se deteve e simplesmente ficou parado, a mão direita enluvada sobre a testa, protegendo os olhos contra a neve. Jonesy constatou que ele avistara Hole in the Wall. Provavelmente percebera também que se encontrava numa senda. Ah não e

Meu Deus cessaram, e o sujeito começou a correr na direção do som do gerador, oscilando de um lado para o outro como um homem no convés de um navio. Jonesy conseguia ouvir a respiração ofegante e entrecortada do estranho que caminhava pesadamente na direção da cabana espaçosa, de cuja chaminé subia uma preguiçosa espiral de fumaça que sumia na neve quase que de imediato.

Jonesy começou a dificultosa descida pelos degraus pregados no tronco do bordo, com a arma pendurada no ombro (a ideia de que o homem poderia representar algum tipo de perigo não lhe ocorreu, não no momento; ele simplesmente não queria deixar a Garand, uma espingarda de qualidade, na neve). O quadril havia enrijecido e, ao chegar ao pé da árvore, o homem que ele quase alvejara já tinha percorrido quase todo o caminho até a porta da cabana... que não estava trancada, claro. Ninguém trancava, não naquelas paragens.

5

A uns 3 metros da laje de granito que servia de alpendre na frente da Hole in the Wall, o homem de casaco marrom e boné laranja tornou a tombar. O boné caiu, revelando uma massa de cabelo castanho ralo e suarento. Apoiou-se num joelho por um instante, a cabeça baixa. Jonesy ouvia a respiração acelerada e estridente.

O homem recolheu o boné e, assim que o pôs de novo na cabeça, Jonesy o chamou.

O homem titubeou sobre os pés e se virou, trêmulo. A primeira impressão de Jonesy foi que o rosto do homem era bastante alongado — ele era quase o que as pessoas querem dizer quando chamam alguém de "cara de cavalo". Depois, quando chegou mais perto, coxeando um pouco, mas não mancando de fato (o que era bom, porque o chão sob os pés ia ficando rapidamente escorregadio), Jonesy percebeu que o rosto do homem não era particularmente comprido de modo algum — ele estava apenas muito assustado e muito, muito pálido. O lugar vermelho na face que ele estivera coçando ressaltava com um brilho. O alívio que sentiu ao ver Jonesy correr em sua direção foi grande e imediato. Jonesy quase riu de si mesmo, de pé na plataforma da árvore e preocupado que o sujeito decifrasse seus olhos. O homem não era de decifrar rostos, e sem dúvida não tinha interesse em saber de onde Jonesy surgira ou o que estivera fazendo. O homem mais parecia querer lançar os braços em torno do pescoço de Jonesy e cobri-lo de beijos molhados.

— Graças a Deus! — exclamou o homem. Estendeu uma mão para Jonesy e arrastou os pés na direção dele através da fina camada de neve. — Puxa vida, graças a Deus, estou perdido, estou perdido na floresta desde ontem, achei que ia morrer aqui. Eu... eu...

Seus pés escorregaram e Jonesy o segurou pelos braços. Era um homem forte, mais alto do que Jonesy, com mais de 1,80m de altura, e mais corpulento também. No entanto, a primeira impressão de Jonesy era a de falta de substância, como se o medo do homem o tivesse de algum modo esvaziado e deixado leve como paina.

— Calma, companheiro — disse Jonesy. — Calma, está certo agora, está tudo bem com você. Vamos entrar para você se aquecer, que tal?

Como se a palavra aquecer fosse uma deixa, o homem começou a bater os dentes.

— Cl-cl-claro. — Tentou sorrir, sem muito êxito. Jonesy mais uma vez se surpreendeu com sua palidez. Fazia frio naquela manhã, uns seis graus negativos, na melhor hipótese, mas as faces do sujeito eram cinza. A única cor no rosto, além da mancha vermelha, eram as olheiras marrons.

Jonesy passou um braço em torno dos ombros do homem, tomado de repente por uma absurda e tola ternura por aquele estranho, uma emoção tão forte que parecia sua primeira paixão no colegial — Mary Jo Martineau, que usava uma blusa branca sem mangas e uma saia de brim justa que batia nos joelhos. Agora tinha certeza absoluta de que o homem não tinha bebido — era o medo (e talvez a exaustão) e não a bebida que fazia seus pés vacilarem. No entanto, havia um cheiro em seu hálito — algo que parecia banana. Lembrava a Jonesy o éter que ele borrifava no carburador de seu primeiro carro, um Ford da época do Vietnã, para fazê-lo funcionar nas manhãs frias.

— Vou levar você para dentro, está bem?

— Sim. Fr-frio. Graças a Deus que você apareceu. Esta cabana é...

— Minha? Não, é de um amigo. — Jonesy abriu a porta de carvalho envernizado e ajudou o homem a passar pelo limiar. O homem ofegou ao sentir o ar quente, e um rubor começou a lhe tomar o rosto. Jonesy se sentiu aliviado com o fato de que enfim havia nele algum sangue.

6

A cabana Hole in the Wall era um bocado grandiosa para os padrões de uma floresta profunda. Entrava-se numa única sala grande no térreo — a cozinha, as salas de jantar e de estar, tudo num espaço —, mas havia dois banheiros atrás dela e outro no andar de cima, debaixo de um único teto. A grande sala estava saturada do aroma de pinho e do brilho de verniz velho. Havia um tapete navajo no soalho e uma tapeçaria micmac numa parede que representava corajosos pequenos caçadores com lanças cercando um enorme urso. Uma mesa de carvalho simples, comprida o bastante para acomodar oito pessoas, delimitava a área de jantar. Havia um fogão à lenha na cozinha e uma lareira na sala de estar; quando ambos estavam acesos, o calor do lugar era de estontear, mesmo que a temperatura lá fora

estivesse abaixo de cinco graus negativos. A parede do lado oeste era constituída por um janelão, que dava vista para o longo e íngreme talude que baixava na direção oeste. Na década de 1970, houve um incêndio naquela área, e as árvores mortas se erguiam negras e retorcidas na neve que se adensava. Jonesy, Pete, Henry e o Beav chamavam esse talude de Ravina, porque assim o tinham chamado o pai do Beav e seus amigos.

— Ah, meu Deus, graças a Deus, e graças a você também — disse o homem de boné laranja para Jonesy, e, quando Jonesy sorriu, era um monte de "graças", o homem riu um riso agudo como que para dizer sim, sabia disso, e era uma coisa engraçada de se dizer, mas não conseguia evitar. Começou a respirar fundo, por alguns momentos parecendo um daqueles gurus em exercício que se veem nos canais de tevê a cabo. A cada exalação, ele falava.

— Deus do Céu, eu realmente achei que estaria acabado ontem à noite… estava tão frio… e o ar úmido, eu me lembro… me lembro de pensar: ah meu amigo, ah não, e se depois disso nevar… peguei uma tosse que eu não conseguia parar… apareceu uma coisa e achei que tinha de parar de tossir, porque se for um urso ou coisa assim eu vou… você sabe… provocar ele ou coisa assim… só que não consegui, e dali a pouco ele… você sabe, foi embora sozinho…

— Você viu um urso de noite? — Jonesy estava ao mesmo tempo fascinado e estarrecido. Ouvira falar de ursos na região, o velho Gosselin e seus companheiros beberrões no mercado gostavam de contar histórias de ursos, principalmente para os de fora, mas a ideia de que o homem, perdido e sozinho, fora ameaçado por um à noite era horrível demais. Era como ouvir um marinheiro falar de monstro marinho.

— Não sei se era — disse o homem, e de repente lançou um olhar oblíquo de dissimulação de que Jonesy não gostou e o qual não conseguiu compreender. — Não posso afirmar com certeza, já não tinha mais relâmpago.

— Relâmpago também? Caramba! — Não fosse o esgotamento obviamente genuíno do sujeito, Jonesy teria desconfiado de que estava sendo vítima de uma peça. Na verdade, desconfiou um pouco, de qualquer maneira.

— Relâmpago sem descarga, acho — o homem respondeu. Jonesy quase o viu encolher os ombros em sinal de dúvida. Coçou a mancha vermelha no rosto, que poderia ser uma inflamação provocada pelo frio. — Já vi isso no inverno, anuncia tempestade.

— E você viu isso? Ontem de noite?

— Acho que vi. — O homem lhe lançou um rápido olhar de esguelha, mas dessa vez Jonesy não notou nele qualquer dissimulação e supôs que não vira nenhuma antes. Vira apenas a exaustão. — Está tudo muito confuso na minha cabeça… o meu estômago tem doído desde que me perdi… sempre dói quando fico medroso, desde que eu era menininho…

E era um menininho, Jonesy pensou, olhando para todos os lados com uma perfeita falta de constrangimento. Jonesy conduziu o homem até o

sofá em frente da lareira, e o homem se deixou conduzir. Medroso. Disse até mesmo medroso em vez de assustado, como um menininho. Um menininho.

— Me dê o casaco — disse Jonesy. Enquanto o sujeito primeiro desabotoava o casaco e depois corria o zíper sob os botões, Jonesy pensou de novo em como fora possível achar que estava vendo um cervo, um gamo, caramba, confundira um dos botões com um olho e quase o atravessara com a droga de uma bala.

O sujeito puxou o zíper até a metade e então este emperrou, um lado dos pequenos dentes dourados mordiscando o tecido. Olhou para ele — pasmou-se com ele, na verdade — como se nunca tivesse visto isso acontecer. E, quando Jonesy esticou a mão para pegar o zíper, o homem largou as mãos ao longo do corpo e simplesmente deixou que Jonesy o fizesse, assim como um ginasial ficaria quieto e deixaria o professor ajeitar as coisas, depois de ter calçado as galochas nos pés errados ou vestido a jaqueta pelo avesso.

Jonesy fez o cursor do zíper recomeçar a correr nos dentes dourados e puxou o restante para baixo. No lado de fora da parede com o janelão, a Ravina ia desaparecendo, embora ainda se visse um esboço das formas negras das árvores. Havia quase 25 anos subiam juntos até aquele lugar para caçar, quase 25 anos sem faltar uma única vez, e em nenhum desses anos houvera uma neve mais pesada do que uma borrasca ocasional. Parecia que isso estava prestes a mudar, mas como saber? Nos dias de hoje, os apresentadores do rádio e da tevê fazem 10 centímetros de neve soar como a próxima era glacial.

Por um momento, o sujeito ficou ali parado com o casaco aberto pendendo, a neve derretendo em volta das botas e pingando no soalho polido, olhando para os caibros de boca aberta, e, sim, parecia um menino grandalhão de 6 anos de idade — ou Duddits. Quase que se poderia esperar ver meias-luvas pendendo dos punhos do casaco, presas por clipes. Ele se livrou do casaco de um jeito que se identificava perfeitamente com o de uma criança, só abaixando os ombros depois de o casaco ter sido aberto e deixando-o cair. Se Jonesy não estivesse presente para pegá-lo, teria pousado no soalho e se encharcado nas poças de neve derretida.

— O que é aquilo? — perguntou.

Por um momento, Jonesy não fez ideia do que o sujeito estava falando, mas depois acompanhou o olhar do estranho até o objeto entretecido que pendia do caibro central. Era colorido — vermelho e verde, com ramificações de amarelo-canário também — e semelhante a uma teia de aranha.

— É um apanhador de sonhos — disse Jonesy. — Um amuleto indígena. Acho que serve para afastar os pesadelos.

— De quem é?

Jonesy não sabia se ele se referia à cabana toda (talvez o sujeito não tivesse prestado atenção antes) ou apenas ao apanhador de sonhos, mas, fosse um ou outro, a resposta era a mesma.

— Do meu amigo. A gente vem caçar aqui todo ano.

— Em quantos vocês estão? — O homem tremia, mantendo os braços cruzados sobre o peito e cobrindo os cotovelos com as mãos em concha enquanto Jonesy pendurava o casaco no cabide ao lado da porta.

— Quatro. Beaver, o dono deste acampamento, está caçando agora. Não sei se vai voltar ou não para cá, por causa da neve. Provavelmente sim. Pete e Henry foram ao mercado.

— Do Gosselin? Esse?

— Hã-hã. Venha se sentar no sofá.

Jonesy o levou até o sofá, um modular absurdamente comprido. Móveis assim caíram de moda décadas atrás, mas não exalava mau cheiro e nada o infestara. Estilo e gosto não importavam muito na Hole in the Wall.

— Agora não saia daí — disse, e deixou o homem sentado, tremendo e tiritando, as mãos entrelaçadas entre os joelhos. Suas calças de brim tinham o aspecto de salsicha de quando são usadas com ceroulas por baixo, e ainda assim ele tremia e tiritava. Mas o calor lhe dera uma cor que tomava o rosto todo; em vez de parecer um cadáver, o estranho agora parecia uma vítima de difteria.

Pete e Henry partilhavam o maior dos dois quartos no térreo. Jonesy se curvou, abriu o baú de cedro à esquerda da porta e de dentro dele tirou um dos dois acolchoados de pena dobrados. Ao tornar a atravessar a sala até o sofá onde o homem continuava a tremer, Jonesy se deu conta de que não fizera a pergunta mais elementar de todas, a que faria até mesmo um menino de 6 anos de idade incapaz de puxar um zíper.

Ao estender o acolchoado sobre o estranho no enorme sofá da cabana, perguntou:

— Como se chama? — E se deu conta de que quase sabia. McCoy? McCann?

O homem que Jonesy por um triz não alvejara olhou para ele, puxando logo o acolchoado até o pescoço. As olheiras marrons se enchiam de púrpura.

— McCarthy — respondeu. — Richard McCarthy. — A mão, surpreendentemente roliça e branca sem a luva, surgiu de debaixo do acolchoado como um animal arisco. — E você?

— Gary Jones — ele respondeu, e lhe apertou a mão com a que quase puxara o gatilho. — O pessoal me chama de Jonesy.

— Obrigado, Jonesy. — McCarthy o olhou com seriedade. — Acho que você salvou a minha vida.

— Ora, eu não fiz nada — Jonesy retrucou. Tornou a olhar para a mancha vermelha. Inflamação provocada pelo frio, só uma pequena mancha. Inflamação, só podia ser.

Capítulo Dois

O Beav

1

– Você sabe que não posso chamar ninguém, não sabe? — disse Jonesy. — As linhas de telefone não chegam nas proximidades deste lugar. Há um gerador para a eletricidade, mas é só.

McCarthy, apenas a cabeça fora do acolchoado, fez que sim com a cabeça.

— Eu cheguei a ouvir o gerador, mas sabe como é quando a gente se perde... os barulhos são estranhos. Às vezes, parece que o som vem da esquerda ou da direita, depois a gente jura que vem de trás e tem que virar para trás.

Jonesy assentiu com um movimento de cabeça, embora na verdade não soubesse como era. A menos que contasse a semana ou coisa assim imediatamente após seu acidente, tempo que passara vagueando numa névoa de remédios e dores, nunca se perdera.

— Estou tentando pensar o que seria melhor — disse Jonesy. — Acho que, quando Pete e Henry voltarem, será melhor tirá-lo daqui. Quantos estão no seu grupo?

Aparentemente, McCarthy precisou refletir. Isso, somado à maneira irresoluta com que caminhara, fortaleceu a impressão de Jonesy de que o homem se encontrava em estado de choque. Ponderou que uma noite perdido na floresta causaria isso; perguntou a si mesmo se isso poderia lhe ter acontecido.

— Quatro — McCarthy respondeu, depois de pensar por um minuto. — Igual a vocês. A gente estava caçando em duplas. Eu estava com um amigo meu, Steve Otis. Ele é advogado, assim como eu, em Skowhegan. Nós todos somos de Skowhegan, sabe, e, para nós, esta semana é... um acontecimento.

Jonesy assentiu com a cabeça.

— É. Para nós também.

— Bom, acho que eu simplesmente me desgarrei. — Balançou a cabeça. — Não sei, eu estava escutando o Steve no meu lado direito, às vezes vendo o colete dele entre as árvores, e depois eu... Simplesmente não sei. Andei pensando nas coisas, acho... a floresta é boa para a gente pensar nas coisas... e aí me vi sozinho. — Tornou a balançar a cabeça. — Está tudo confuso aqui na minha cabeça, mas, sim... estamos em quatro, acho que disso posso estar certo. Eu, Steve, Nat Roper e a irmã do Nat, Becky.

— Eles devem estar superpreocupados.

McCarthy pareceu primeiro surpreso, depois, apreensivo. Aquela era, sem dúvida, uma ideia nova para ele.

— É, devem estar. Claro que estão. Ah não, puxa vida.

Jonesy teve de conter o riso ao ouvi-lo. Quando continuava a falar, McCarthy soava mais ou menos como um personagem daquele filme, Fargo.

— Então é melhor a gente tirar você daqui. Ou melhor, se...

— Não quero ser um estorvo...

— Vamos tirar você daqui. Se der. Quero dizer, esse tempo mudou depressa.

— Se mudou — disse McCarthy, com tristeza. — Era de esperar que essas porcarias de satélites e radares de observação, e sabe-se lá o que mais, funcionassem melhor. Chega do frio moderado e próprio à estação, não é?

Jonesy olhou com certa perplexidade para o homem debaixo do acolchoado, apenas o rosto rubro e a rala cabeleira castanha aparecendo. As previsões que ele tinha ouvido — ele, Pete, Henry e o Beav — incluíam a possibilidade de neve para os últimos dois dias. Algumas das previsões evitaram ser categóricas, informando que a neve poderia se transformar em chuva, mas naquela manhã o locutor da emissora de Castle Rock (a WCAS era a única rádio que se podia sintonizar naquele lugar, e mesmo assim o sinal era fraco e perturbado pelo ruído de estática) falara que a queda de neve provocada pela área de baixa pressão de Alberta mudava com rapidez, 15 ou 20 centímetros, talvez seguida de um vento noroeste, se as temperaturas permanecessem baixas e a zona de baixa pressão não avançasse para o mar. Jonesy não sabia onde McCarthy ouvira as previsões do tempo, mas sem dúvida não fora na WCAS. O sujeito estava apenas confuso, isso sim, e tinha toda razão para estar.

— Posso preparar uma sopa. Que tal, Sr. McCarthy?

McCarthy sorriu agradecido.

— Acho que seria sensacional — disse. — O meu estômago doeu ontem e mais um bocado esta manhã, mas agora me sinto melhor.

— Estresse — retrucou Jonesy. — Eu teria vomitado as entranhas. Provavelmente borrado as calças também.

— Eu não vomitei — disse McCarthy. — Tenho certeza que não. Mas... — Uma outra sacudidela de cabeça, era como um tique nervoso. — Não sei. Do jeito que as coisas estão complicadas, parece que tive um pesadelo.

— O pesadelo acabou — retrucou Jonesy. Sentiu-se um pouco tolo ao dizer isso, um tanto "tio", mas o sujeito precisava claramente recuperar a confiança.

— Bom — disse McCarthy. — Obrigado. Eu gostaria mesmo de tomar uma sopa.

— Tem tomate, galinha e acho que uma lata de Chunky Surloin. O que prefere?

— Galinha — respondeu McCarthy. — A minha mãe sempre dizia que

sopa de galinha é a melhor coisa quando a gente está ruim do estômago. — Sorriu ao dizê-lo, e Jonesy procurou afastar a expressão de choque de seu rosto. Os dentes de McCarthy eram brancos e uniformes, de fato uniformes demais para terem jaqueta, considerando-se a idade do homem, que devia ser por volta dos 45 anos. Mas faltavam pelo menos quatro deles, os caninos superiores (que o pai de Jonesy chamava de "dentes de vampiro") e dois bem na frente, embaixo, Jonesy não sabia o nome deles. Sabia uma coisa, porém: McCarthy não estava ciente de que faltavam. Ninguém que soubesse dessas brechas na fileira de dentes os exporia com tanto desembaraço, mesmo nessa circunstância. Ou pelo menos assim pensava Jonesy. Sentiu um nauseante calafrio lhe percorrer a barriga, um telefonema de lugar nenhum. Virou-se na direção da cozinha antes que McCarthy pudesse ver a mudança em seu rosto e perguntar o que estava errado. Talvez perguntar o que estava errado.

— Um pedido de sopa de galinha está a caminho. Gostaria de um queijo grelhado para acompanhar?

— Se não der trabalho. E me chame de Richard, está bem? Ou Rick, melhor ainda. Quando as pessoas salvam a minha vida, gosto que logo passem a me chamar pelo primeiro nome.

— Rick, então, claro. — Melhor consertar esses dentes antes de se apresentar diante de um outro júri, Rick.

A sensação de que algo estava errado era bastante forte. Era o clique, assim como o fora quase adivinhar o nome de McCarthy. Estava muito longe de desejar que tivesse alvejado o homem quando teve a oportunidade, mas já começava a desejar que McCarthy tivesse ficado bem longe de sua árvore e fora de sua vida.

2

A sopa estava no fogão e ele preparava os sanduíches de queijo quando bateu o primeiro pé de vento — um poderoso golpe que fez a cabana estalar e ergueu a neve numa furiosa guinada. Por um momento, até mesmo o esboço das formas negras das árvores na Ravina foi coberto, e nada havia no outro lado do janelão a não ser a brancura: era como se uma tela de cinema de drive-in tivesse sido montada lá fora. Pela primeira vez, Jonesy sentiu um fio de inquietação, não só em relação a Pete e Henry, presumivelmente a caminho de volta do Gosselin no Scout de Henry, como também a Beaver. Podia dizer-se que, se alguém conhecia essa floresta, esse alguém era o Beav, mas ninguém conhecia coisa alguma num manto branco — todas as apostas estão descartadas, esta era outra das máximas do pai imprestável, provavelmente não tão boa quanto Ter sorte não depende da sua vontade, mas nada má. O som do gerador talvez ajudasse o Beav a encontrar o caminho, mas, como McCarthy observara, os sons de

algum modo iludem a gente. Sobretudo quando o vento começa a se intensificar, tal como, parece, resolveu fazer agora.

Sua mãe lhe ensinara todas as coisas básicas que conhecia acerca de culinária, e uma delas tinha a ver com a arte de fazer sanduíches de queijo grelhados. Primeiro passe um pouquinho de mussetarda — dizia, falando mussetarda como Janet Jones pronunciava mostarda — e depois passe manteiga no pão, não na frigideira. Unte a frigideira e frite o pão com as fatias de queijo. Ele jamais entendera como o lugar onde se põe a manteiga, no pão ou na frigideira, alterava o resultado final, mas sempre o fazia do jeito da mãe, mesmo que fosse uma chatice passar manteiga na parte de cima dos sanduíches enquanto a parte de baixo fritava. Tampouco ficava com as botas de borracha calçadas, uma vez dentro de casa... porque a mãe sempre dizia: "Elas levam os seus pés." Não fazia a menor ideia do que isso significava, mas mesmo hoje, um homem já entrando na casa dos 40, tirava as botas assim que chegava à porta, para que não levassem seus pés.

— Acho que eu também vou comer uma dessas delícias — disse Jonesy, e colocou os sanduíches na frigideira, a parte amanteigada voltada para baixo. A sopa começara a ferver, e desprendia um cheiro agradável, como aconchego.

— Boa ideia. Eu espero mesmo que os seus amigos estejam bem.

— Pois é — Jonesy retrucou. Mexeu a sopa. — Onde fica o seu acampamento?

— Bom, a gente costumava caçar em Mars Hill, num lugar que era propriedade do tio do Nat e da Becky, mas um bendito idiota botou fogo nele dois verões atrás. Enchendo a cara e depois não tomando cuidado com os velhos cigarros, pelo menos foi o que me contou o chefe dos bombeiros.

Jonesy assentiu com a cabeça.

— Não é uma história incomum.

— O seguro pagou o valor da propriedade, mas ficamos sem lugar para caçar. Pensei que esse fosse o fim de tudo, mas aí o Steve encontrou um lugar muito bom em Kineo. Acho que é uma cidade não incorporada ao município, só mais uma parte de Jefferson Tract, mas chamam o lugar de Kineo, as poucas pessoas que moram lá. Sabe a que lugar me refiro?

— Sei — disse Jonesy, falando por entre lábios que pareciam estranhamente dormentes. Estava recebendo mais um dos telefonemas de lugar nenhum. Hole in the Wall se situava cerca de 30 quilômetros a leste do Gosselin. Kineo talvez ficasse uns 45 quilômetros a oeste do mercado. Eram cerca de 75 quilômetros ao todo. Poderia ele acreditar que o homem sentado no sofá, com apenas a cabeça fora do acolchoado, tinha caminhado a esmo ao longo de 75 quilômetros desde que se perdera na tarde anterior? Era absurdo. Era impossível.

— Está cheirando bem — disse McCarthy.

E cheirava, mas Jonesy tinha perdido o apetite.

3

Estava levando a comida para o sofá quando ouviu pés batendo na pedra no lado de fora da porta. Um instante depois a porta se abriu e Beaver entrou. Flocos de neve remoinharam em redor de suas pernas numa névoa dançante.

— Bananas-por-deus — o Beav exclamou. Pete uma vez fizera uma lista dos beavismos, e "bananas-por-deus" ficava entre os primeiros, ao lado dos reservas "fofodagem" e "lambe-porre". Eram exclamações tanto zen como profanas. — Achei que ia acabar passando a noite por lá, mas aí vi a luz. — Beav atirou as mãos espalmadas na direção do teto. — Eu vi a luz, ó Senhor, sinsenhor, louvado seja Je... — As lentes dos óculos começaram então a se desembaciar e ele viu o estranho no sofá. Abaixou as mãos, lentamente, e sorriu. Esse era um dos motivos pelos quais Jonesy o adorava desde a escola primária, embora o Beav pudesse ser maçante e não fosse, de modo algum, a lâmpada mais brilhante no candelabro: sua primeira reação ao não planejado e ao imprevisto não foi uma carranca, mas um sorriso.

— Oi — disse. — Me chamo Joe Clarendon. Quem é você?

— Rick McCarthy — ele respondeu, levantando-se. O acolchoado escorregou pelo corpo, e Jonesy notou que ele era dono de uma bela pança que se pronunciava na frente do suéter. Bom, pensou, pelo menos nada há de estranho nisso, é a doença do homem de meia-idade, e vai nos matar aos milhões ao longo dos próximos 20 anos, mais ou menos.

McCarthy estendeu a mão, começou a dar um passo à frente e quase tropeçou no acolchoado que caíra. Se Jonesy não tivesse estendido os braços e lhe agarrado o ombro, equilibrando-o, McCarthy provavelmente teria tombado para a frente, quase com certeza limpando a mesinha de centro onde estava a comida. Mais uma vez, Jonesy se surpreendeu com o estranho desajeitamento do homem — fazia-o pensar um pouco em si mesmo na última primavera, enquanto aprendia a andar novamente. Olhou com mais atenção a mancha no rosto do sujeito, e desejou que não o tivesse feito. Não era, de maneira alguma, inflamação. Parecia algum tipo de tumor de pele, ou, talvez, uma mancha de vinho do Porto com a barba crescendo por ela.

— Que, quem, requebre mas não quebre — disse Beaver, avançando. Pegou na mão de McCarthy e a apertou e sacudiu até que Jonesy pensou que McCarthy iria enfim fazer um salto de anjo sobre a mesinha de centro. Sentiu-se aliviado quando o Beav, 1,70m de altura, a neve ainda derretendo e escorrendo pelo longo cabelo preto de hippie, recuou. O Beav ainda estava sorrindo, um sorriso mais largo do que nunca. Com o cabelo que batia nos ombros e os óculos de lentes grossas, tanto parecia um gênio da matemática como um assassino sequencial. Na verdade, era um carpinteiro.

— O Rick já teve a má experiência dele — disse Jonesy. — Perdeu-se ontem e passou a noite de ontem na floresta.

O sorriso de Beaver continuou estampado, mas com um toque de apreensão. Jonesy pressentia o que estava por vir e desejou que Beaver não o dissesse — tinha a impressão de que McCarthy era um homem razoavelmente religioso que talvez não se importasse muito com profanidades —, mas, claro, pedir a Beaver que vigiasse a boca era pedir que o vento não soprasse.

— Buda que barril! — exclamou. — Mas isso é terrível pacas! Sente-se! Coma! Você também, Jonesy.

— Não — retrucou Jonesy —, vai e come você. Você acabou de chegar debaixo dessa neve.

— Certeza?

— Certeza. Vou fazer uns ovos mexidos para mim. Rick pode pôr você a par da história. — Talvez faça mais sentido para você do que para mim, pensou.

— Está bem. — Beaver tirou a jaqueta (vermelha) e o colete (laranja, claro). Começou a jogá-los sobre a pilha de lenha, depois refletiu. — Espere, espere, tenho uma coisa que acho que você vai querer. — Enfiou a mão no fundo de um dos bolsos da jaqueta acolchoada, remexeu e tirou um livro brochura, relativamente amassado, mas não gasto pela manipulação. Diabinhos com forcados dançavam de um lado a outro na capa: Small Vices, de Robert Parker. O livro que Jonesy estivera lendo em cima da plataforma.

O Beav o estendeu para ele, sorrindo.

— Deixei o seu saco de dormir, mas concluí que você não conseguiria pegar no sono esta noite sem saber quem é afinal o puto do criminoso.

— Você não devia ter subido lá — Jonesy retrucou, mas ficou sensibilizado de um jeito que só Beaver era capaz de sensibilizá-lo. O Beav voltara no meio da nevasca e não teria como deduzir se Jonesy tinha ou não estado na plataforma. Poderia ter chamado, mas para o Beav não bastava chamar, apenas ver para crer.

— Tudo bem — Beaver disse, e se sentou ao lado de McCarthy, que olhava para ele como uma pessoa olharia para uma nova e bastante exótica espécie de animalzinho.

— Bom, obrigado — disse Jonesy. — Coma esse sanduíche. Vou preparar uns ovos. — Começou a se afastar e então se deteve. — E o Pete e o Henry? Acha que vão conseguir voltar sem problemas?

O Beav abriu a boca, mas, antes que respondesse, o vento arfou em torno da cabana mais uma vez, fazendo as paredes rangerem e produzindo um sinistro zunido nos beirais.

— Ora, isso é só um copo de neve — disse Beaver, quando a rajada amainou. — Vão conseguir voltar. E sair de novo, se vier um vento norte de verdade, essa seria uma outra história. — Começou a devorar o sanduíche de queijo grelhado. Jonesy foi à cozinha fazer os ovos mexidos e esquentar uma outra caneca de sopa. Sentia-se mais tranquilo em relação a McCarthy, agora que Beaver estava presente. A verdade era que sempre se sentia

tranquilo quando Beaver estava presente. Maluquice, mas verdade.

4

Quando os ovos mexidos ficaram prontos e a sopa esquentou, McCarthy estava batendo papo com Beaver como se os dois fossem amigos há uma década. Se McCarthy estava ofendido com a litania de irreverências quase sempre engraçadas do Beav, isso havia sido ultrapassado pelo poderoso encanto do Beav. "Não há como explicá-lo", Henry disse uma vez para Jonesy. "Ele é magnético, só isso: impossível não gostar dele. É por isso que a cama dele nunca está vazia; com certeza não é pela aparência dele que as mulheres se sentem atraídas."

Jonesy levou os ovos e a sopa para a sala de estar, procurando não mancar — era inacreditável o quanto o quadril doía mais em tempo ruim; sempre achou que isso fosse uma superstição, mas aparentemente não era —, e se sentou numa das cadeiras perto da extremidade do sofá. McCarthy, ao que parecia, falava mais do que comia. Mal tocara na sopa e comera apenas metade do queijo grelhado.

— E aí, como vão os companheiros? — perguntou Jonesy. Espalhou um pouco de pimenta sobre os ovos mexidos e os atacou com vontade; parecia que o apetite voltara com tudo.

— Somos dois devassos felizes — Beaver respondeu, mas, embora soasse jovial como de hábito, Jonesy o achou um tanto preocupado, talvez até sobressaltado. — Rick me contou as aventuras dele. São tão boas quanto as histórias naquelas revistas masculinas das barbearias no meu tempo de moleque. — Voltou-se para McCarthy, ainda sorrindo; o Beav era assim, sempre sorrindo... e passou a mão na densa cabeleira preta. — O velho Castonguay era o barbeiro no nosso lado de Derry, quando eu era pequeno, e ele me assustava tanto, mas tanto, com as tesouras dele, que desde então fujo delas.

McCarthy esboçou um sorrisinho, mas nada disse. Pegou a outra metade do sanduíche de queijo, olhou para ela e tornou a colocá-la no prato. A mancha vermelha na bochecha se esbraseava como marca de ferro. Beaver, enquanto isso, apressava-se, como se receasse o que McCarthy diria, se tivesse a oportunidade. Lá fora a neve caía com uma intensidade ainda maior, sendo carregada pelo vento também, e Jonesy pensou em Henry e Pete, provavelmente na Deep Cut Road, no velho Scout de Henry.

— O Rick não só quase foi devorado por algum animal no meio da noite, ele acha que foi um urso, como também perdeu a espingarda. Uma Remington calibre 30-30, de primeiríssima classe, novinha em folha, que nunca mais vai ver, de jeito nenhum, em mil anos.

— Eu sei — retrucou McCarthy. A cor de suas faces ia esmaecendo de novo, aquela aparência plúmbea voltava pouco a pouco. — Nem sequer

me lembro de quando a coloquei no chão ou...

Houve um repentino ruído áspero, como os da pata de um gafanhoto. Jonesy sentiu o cabelo na nuca se arrepiar, achando que poderia ser alguma coisa presa na chaminé da lareira. Então percebeu que era McCarthy. Jonesy tinha ouvido na vida explosões ruidosas de ventosidade, algumas demoradas, também, mas nenhuma se comparava àquelas. Pareciam intermináveis, embora não tivessem durado mais do que alguns segundos. Depois subiu o cheiro.

McCarthy estava segurando a colher; soltou-a de novo dentro da sopa que mal tocara e levou a mão direita à face marcada num gesto quase feminino de constrangimento.

— Ah meu Deus! Me desculpem — disse.

— De jeito nenhum, mais espaço fora do que dentro — disse Beaver, mas isso era apenas o instinto se expressando verbalmente, o instinto e os hábitos de toda uma vida. Jonesy notou que ele estava tão chocado com aquele cheiro quanto ele mesmo. Não era o odor sulfuroso de ovo podre que faz a gente rir e revirar os olhos e agitar as mãos diante do rosto, gritando: Ah meu Deus, quem cortou o queijo? Tampouco era um daqueles puns de gás metano de pântano. Era o cheiro que Jonesy detectara no hálito de McCarthy, só que mais forte — uma mistura de éter com bananas passadas, como o fluido de arranque que a gente despeja no carburador numa manhã com temperatura abaixo de zero.

— Ah não, esse foi terrível — exclamou McCarthy. — Eu sinto muito, mas muito.

— Está tudo bem, mesmo — retrucou Jonesy, mas seu estômago se retraiu numa bola, como algo protegendo-se contra um ataque. Não terminaria de comer o lanche; de modo algum poderia terminá-lo. Em geral não tinha pudor em relação a peidos, mas aquele realmente cheirava mal.

O Beav se levantou do sofá e abriu uma janela, deixando entrar um remoinho de neve e uma corrente de bendito ar fresco.

— Não se preocupe, companheiro... mas esse está mais do que passado. O que andou comendo, afinal? Cocô de marmota?

— Mato, musgo e umas outras coisas, não sei bem o quê — respondeu McCarthy. — Eu estava com tanta fome, sabe, que eu tinha de comer alguma coisa, mas eu não entendo muito disso, nunca li nenhum livro do Euell Gibbons... e é claro que estava escuro. — Disse a última frase como se tomado por uma inspiração, e Jonesy olhou para Beaver, encarando-o para ver se ele sabia o que Jonesy sabia — McCarthy estava mentindo. McCarthy não sabia o que tinha comido na floresta, ou mesmo se tinha comido. Queria apenas explicar aquele medonho e inesperado coaxo de sapo. E o fedor que a ele se seguiu.

O vento soprou de novo, uma forte e arfante rajada que arremessou chumaços de neve pela janela aberta, mas que ao menos estava, graças a Deus, renovando o ar.

McCarthy se inclinou para a frente de maneira tão repentina que era como se tivesse sido impelido por uma mola, e, quando abaixou a cabeça

entre os joelhos, Jonesy teve uma boa ideia do que aconteceria em seguida; adeus tapete navajo, foi bom enquanto durou. O Beav claramente pensou a mesma coisa; encolheu as pernas, que estavam esticadas diante dele, para evitar que se encharcassem.

Mas, em lugar de vômito, o que saiu de McCarthy foi um longo e grave zumbido — o som de uma máquina de fábrica submetida a um uso extremado. Os olhos de McCarthy saltaram do rosto como bolas de gude e suas faces ficaram tão tensas que pequenas meias-luas de sombra surgiram embaixo do canto dos olhos. Isso prosseguiu sem parar, um ruído áspero e estrepitoso, e quando por fim cessou o gerador no fundo da cabana parecia muito mais ruidoso.

— Ouvi arrotos barulhentos, mas esse aí ganha todas as medalhas de distinção — disse o Beav. Falou com um respeito sereno e sincero.

McCarthy se recostou de novo no sofá, os olhos fechados, a boca caída no que Jonesy entendeu ser uma manifestação de constrangimento, dor, ou ambos. E mais uma vez sentiu aquele aroma de banana e éter, um cheiro ativo de fermentação, como algo que começara a apodrecer.

— Ah, meu Deus, me desculpem — disse McCarthy, sem abrir os olhos. — Andei fazendo isso o dia inteiro, desde que amanheceu. E o meu estômago está doendo outra vez.

Jonesy e o Beav trocaram um olhar silencioso e preocupado.

— Sabe o que eu acho? — Beaver perguntou. — Acho que você precisa se deitar e dormir um pouco. Provavelmente ficou acordado a noite toda, ouvindo aquele urso irritante e sabe Deus o que mais. Você está tenso e esgotado e o diabo. Precisa só de uma soneca, algumas horas, e vai ficar retinho feito chuva.

McCarthy olhou para Beaver com uma gratidão tão deplorável que Jonesy se sentiu um tanto envergonhado por estar assistindo àquilo. Embora a cor da pele de McCarthy ainda estivesse plúmbea, ele começara a transpirar — grandes gotas de suor que se formaram na testa e nas têmporas e depois escorreram nas faces como óleo cristalino. Isso a despeito do ar frio que agora circulava na sala.

— Sabe — disse —, aposto que você tem razão. Estou cansado, só isso. O meu estômago dói, mas em parte não é mais que esgotamento. E eu estava comendo todo tipo de coisa, mato e... ah, meu Deus, não sei... todo tipo de coisa. — Coçou a bochecha. — Essa porcaria na minha cara está muito feia? Está sangrando?

— Não — Jonesy respondeu. — Só está vermelha.

— É uma reação — disse McCarthy, desconsolado. — Acontece a mesma coisa quando como amendoim. Eu vou me deitar. Sim, é disso que eu preciso.

Levantou-se e em seguida cambaleou. Beaver e Jonesy esticaram os braços para ampará-lo, mas McCarthy equilibrou os pés antes que os dois o tocassem. Jonesy teria sido capaz de jurar que o que lhe parecera ser uma pança havia praticamente desaparecido. Seria possível? Poderia o homem ter liberado tanto gás? Ele não sabia. Tudo o que sabia com certeza era que

foram uma potente ventosidade e um arroto ainda mais potente, o tipo de coisa que se poderia contar ao longo de 20 anos ou mais, começando assim: A gente costumava ir ao acampamento de Beaver Clarendon na primeira semana da temporada de caça, todo ano, e num mês de novembro — era 2001, o ano da grande tempestade do outono — um sujeito apareceu no acampamento... Sim, daria uma boa história, as pessoas ririam do grande peido e do grande arroto, as pessoas sempre riem de histórias sobre peidos e arrotos. Mas omitiria a parte referente a quase ter imprimido 250 gramas de peso no gatilho da Garand e tirado a vida de McCarthy. Não, não gostaria de contar essa parte. Não gostaria.

Pete e Henry dividiam um quarto, de modo que Beaver levou McCarthy para o outro quarto do térreo, o qual Jonesy estava usando. O Beav lhe lançou um breve olhar justificativo, e Jonesy encolheu os ombros. Era o lugar adequado, afinal de contas. Jonesy poderia dividir um quarto com o Beav naquela noite — quantas vezes o fizeram quando crianças! — e, de fato, não estava certo de que McCarthy conseguiria subir a escada, de qualquer maneira. Gostava cada vez menos do aspecto suarento e plúmbeo do homem.

Jonesy era o tipo de homem que arrumava a cama e depois a encobria — livros, papéis, roupas, sacolas, artigos de higiene. Recolheu tudo isso o mais rápido que pôde, depois puxou o cobertor.

— Está precisando ir ao banheiro, amigo? — o Beav perguntou.

McCarthy balançou a cabeça. Parecia quase hipnotizado com o lençol azul limpo que Jonesy descobrira. Jonesy mais uma vez se surpreendeu com o aspecto vítreo dos olhos do homem. Como os olhos de uma cabeça de animal empalhado. De repente, e espontaneamente, viu sua sala de estar em Brookline, aquela cidade mais opulenta vizinha de Boston. Tapetes trançados, mobília norte-americana antiga... e a cabeça de McCarthy colocada acima da lareira. Cacei esse aí no Maine, diria para os convidados numa festa. O baita do danado, vestindo com ostentação roupinhas baratas.

Fechou os olhos e, ao abri-los, o Beav o fitava com um ar assustado.

— Uma pontada no quadril — disse. — Desculpe. Sr. McCarthy... Rick... talvez queira tirar o suéter e as calças. As botas também, claro.

McCarthy olhou ao redor como quem desperta de um sonho.

— Sim — disse. — Claro.

— Quer uma mãozinha? — Beaver perguntou.

— Não, por Deus. — McCarthy parecia sobressaltado ou entretido, ou ambos. — Ainda não perdi a noção das coisas.

— Então vou deixar Jonesy aqui para supervisionar.

Beaver se retirou e McCarthy começou a se despir, puxando primeiro o suéter por sobre a cabeça. Debaixo do suéter, usava uma camisa de caçador vermelha e preta, e debaixo da camisa, uma camiseta de malha. E, sim, não havia tanta pança pronunciando-se na frente da camisa, Jonesy estava certo disso.

Bom... quase certo. Uma hora atrás apenas, lembrou-se, tinha tido a certeza de que o casaco de McCarthy era a cabeça de um cervo.

McCarthy se sentou na cadeira ao lado da janela para tirar as botas e, ao fazê-lo, soou outro peido — não tão longo como o primeiro, mas igualmente rouco e estrondoso. Nenhum dos dois comentou a respeito dele, ou do cheiro subsequente, que naquele quarto pequeno era forte o bastante para que os olhos de Jonesy lacrimejassem um pouco.

McCarthy tirou as botas — que produziram sons de baque no soalho —, levantou-se e desafivelou o cinto. Ao abaixar a calça de brim, revelando a parte inferior da camiseta, o Beav voltou com um penico de louça que trouxe do andar de cima. Colocou-o ao lado da cabeceira da cama.

— Caso precise, você sabe, urinar. Ou se receber uma dessas chamadas a cobrar urgentes que tenha de atender imediatamente.

McCarthy olhou para ele com uma inércia que Jonesy julgou preocupante — um estranho no que até então fora seu quarto, de algum modo fantasmagórico com a roupa de baixo folgada. Um estranho doente. A questão era saber o quanto estava doente.

— Caso não consiga ir ao banheiro — o Beav explicou. — Que, aliás, fica aqui do lado. Basta virar à esquerda da porta do quarto, mas lembre-se de que é a segunda porta na parede da esquerda, está bem? Se esquecer, e entrar pela primeira porta, vai fazer o serviço no armário de roupas de cama e mesa.

Jonesy se surpreendeu ao soltar uma risada e não se preocupou nem um pouco com a sonoridade — alta e um tanto histérica.

— Me sinto melhor agora — disse McCarthy, mas Jonesy não detectou sinceridade alguma na voz do homem. E o sujeito continuou ali parado só com a roupa de baixo, como um androide cujos circuitos da memória haviam sido 75% apagados. Antes demonstrara alguma vida, se não exatamente vivacidade; agora isso havia desaparecido, assim como a cor de suas faces.

— Vamos, Rick — disse Beaver com serenidade. — Deite-se e tire uma pestana. Isso vai lhe restaurar a energia.

— Sim, está bem. — Sentou-se na cama forrada com o lençol limpo e olhou pela janela. Seus olhos estavam arregalados e vazios. Jonesy achou que o cheiro no quarto estava se dissipando, mas talvez estivesse se acostumando a ele, assim como a gente se acostuma ao cheiro da jaula dos macacos no zoológico, quando fica lá bastante tempo. — Puxa, olhem só a neve.

— É — disse Jonesy. — Como está o estômago?

— Melhor. — Os olhos de McCarthy se transferiram para o rosto de Jonesy. Eram os olhos solenes de uma criança assustada. — Me desculpe por ter soltado gases desse jeito... Nunca fiz isso antes, nem mesmo no Exército, quando a gente comia feijão praticamente todos os dias... mas me sinto melhor.

— Tem certeza que não precisa urinar antes de se deitar? — Jonesy tinha quatro filhos, e essa pergunta foi feita quase que de maneira automática.

— Não. Fiz na floresta um pouco antes de você me encontrar.

Obrigado por ter me trazido para cá. Obrigado a vocês dois.

— Ora bolas — retrucou Beaver, e trocou a posição dos pés com embaraço. — Qualquer um faria isso.

— Talvez sim — comentou McCarthy. — E talvez não. Diz a Bíblia: "Eis que estou à porta e bato." — Lá fora o vento soprava com uma fúria ainda maior, fazendo estremecer Hole in the Wall. Jonesy esperou McCarthy concluir, dava a impressão de que tinha algo mais a dizer, mas o homem apenas se deitou e puxou o cobertor sobre o corpo.

Em alguma parte nos recessos da cama de Jonesy, soou mais um dos longos e estrondosos peidos, e Jonesy resolveu que bastava. Uma coisa era deixar entrar um estranho andarilho que chega à porta pouco antes de uma tempestade; outra, ficar ao lado dele enquanto despeja uma série de bombas de gás.

Beaver saiu junto com ele e cuidadosamente fechou a porta atrás de si.

5

Quando Jonesy começou a falar, o Beav balançou a cabeça, pousou o dedo indicador nos lábios e o conduziu pela enorme sala até a cozinha, que era o mais longe que poderiam ficar de McCarthy sem precisarem se refugiar no galpão atrás da cabana.

— Cara, esse sujeito é um mundo de chagas — disse Beaver, e, no brilho forte e desagradável das lâmpadas fluorescentes da cozinha, Jonesy viu o quanto o velho amigo estava preocupado. O Beav vasculhou os enormes bolsos da frente do macacão, encontrou um palito de dentes e começou a mordê-lo. Em três minutos, a duração de tempo que leva para um fumante dedicado consumir um cigarro, ele o reduziria a um punhado de lascas fibrosas. Jonesy não entendia como os dentes (ou o estômago) do Beav aguentavam, mas vinha fazendo isso a vida inteira.

— Espero que esteja enganado, mas... — Jonesy balançou a cabeça. — Alguma vez sentiu um cheiro como o daqueles peidos?

— Não — Beaver respondeu. — Mas alguma outra coisa está acontecendo com esse sujeito, além de um estômago ruim.

— Como assim?

— Bom, para começar, ele pensa que é 11 de novembro.

Jonesy não entendeu o que o Beav estava falando. Onze de novembro era o dia em que eles mesmos tinham chegado para a caçada, metidos todos no Scout de Henry, como sempre.

— Beav, é quarta-feira. É dia 14.

Beaver concordou com a cabeça, sorrindo um pouco sem querer. O palito, que já havia adquirido a perceptível deformação fibrosa, rolava de um lado para o outro na boca.

— Sei disso. Você sabe disso. Rick não sabe. Rick pensa que é domingo.

— Beav, o que foi exatamente que ele te contou? — O que quer que tenha sido, não poderia ter sido muito; não levava tanto tempo para mexer dois ovos e esquentar uma lata de sopa. Isso desencadeou uma série de pensamentos, e, enquanto Beaver falava, Jonesy abriu a torneira para lavar os poucos pratos. Não se importava de acampar ao ar livre, mas de modo algum viveria no meio da sujeira, tal como inúmeros homens se dispõem a fazer quando abandonam os lares e vão para a floresta.

— Ele contou que o grupo dele chegou no sábado, para caçar um pouco, e depois passar o domingo consertando o telhado, que tinha duas goteiras. Ele disse: "Pelo menos assim não violei o mandamento de não trabalhar no domingo. Quando a gente está perdido na floresta, o único trabalho é não enlouquecer."

— Hã... — murmurou Jonesy.

— Claro que eu não juraria num tribunal que ele pensa que estamos no dia 11, mas é isso, ou então recuar uma semana, até o dia 4, porque ele sem dúvida pensa que é domingo. E eu simplesmente não posso acreditar que ele andou perdido por dez dias.

Jonesy também não acreditava. Mas três? Sim. Nisso poderia acreditar.

— Isso explicaria algo que ele me contou — disse Jonesy. — Ele...

O soalho estalou e ambos se sobressaltaram um pouco, olhando para a porta fechada do quarto na outra extremidade da enorme sala, mas nada havia para ver. O soalho e as paredes da cabana sempre estalavam, mesmo quando o vento soprava sem muito ímpeto. Entreolharam-se, um pouco envergonhados.

— Sim, estou apreensivo — disse Beaver, talvez decifrando o rosto de Jonesy, talvez captando o pensamento de Jonesy. — Cara, você tem de admitir que isso é um tanto horripilante, ele sair da floresta nesse estado.

— É, é sim.

— O traque soou como se alguma coisa estivesse socada nos intestinos dele, morrendo com inalação de fumaça.

O Beav pareceu ter surpreendido a si mesmo, como sempre parecia ao dizer algo engraçado. Começaram a rir juntos, agarrando-se um ao outro e imitando com a boca aberta, expelindo os sons como uma série de suspiros roufenhos, procurando mantê-los baixos, não querendo que o pobre sujeito os ouvisse, se ainda estivesse acordado, e soubesse que estavam rindo dele. Para Jonesy, era particularmente difícil fazê-lo com discrição, porque o alívio era uma necessidade — havia um comedimento histérico e ele se dobrou, arfando e resfolegando, lágrimas escorrendo dos olhos.

Por fim, Beaver o agarrou e o levou para fora. Lá ficaram, sem casaco, na neve que se adensava, finalmente capazes de rir alto em meio ao vento estrepitoso que abafava os sons que produziam.

6

Quando tornaram a entrar, as mãos de Jonesy estavam tão insensíveis que ele mal sentiu a água quente ao mergulhá-las nela, mas rira à beça e isso fora bom. Perguntou a si mesmo, mais uma vez, a respeito de Pete e Henry — como estariam e se conseguiriam voltar sem problemas.

— Você falou que isso explicaria uma coisa — disse o Beav. Estava mordendo outro palito. — Que coisa?

— Ele não sabia que ia nevar — Jonesy disse. Falou devagar, procurando se lembrar das palavras exatas de McCarthy. — "Chega do frio moderado e próprio à estação", acho que foi o que ele disse. Mas isso faria mais sentido se a última previsão que tinha ouvido fosse para o dia 11 ou 12. Porque até ontem à tarde estava moderado, não estava?

— Sim, a droga do frio próprio à estação — Beaver concordou. Pegou da gaveta ao lado da pia um pano de prato estampado com desenhos desbotados de joaninhas e começou a enxugar os pratos. Enquanto o fazia, olhou para a porta fechada do quarto no outro lado da sala. — Que mais ele disse?

— Que o acampamento deles fica em Kineo.

— Kineo? Fica a 60 ou 75 quilômetros a oeste daqui. Ele... — Beaver tirou o palito da boca, examinou as marcas de mordidas e pôs a outra extremidade na boca. — Ah, entendo.

— Pois é. Ele não conseguiria andar toda essa distância numa única noite, mas se estivesse por lá por três dias...

— ... e quatro noites, se tivesse se perdido na tarde de sábado, isso daria quatro noites...

— Sim, e quatro noites. Então, supondo-se que ele caminhasse sempre para leste o tempo todo... — Jonesy calculou pouco mais de 20 quilômetros por dia. — Eu diria que é possível.

— Mas como foi que ele não morreu de frio? — Beaver baixou a voz para quase um sussurro, provavelmente sem se dar conta disso. — Tem um bom casaco e está usando ceroulas, mas tem feito uns seis graus negativos à noite em qualquer parte do norte da região desde o Halloween. Então me explique como é que ele pôde passar quatro noites na floresta e não morrer de frio. E parece que não sofreu nem mesmo uma queimadura, só aquela porcaria no rosto.

— Não sei. E tem outra coisa — disse Jonesy. — Como é que a barba dele não cresceu?

— Hein? — A boca de Beaver se abriu. O palito caiu do lábio inferior. Depois, muito lentamente, ele concordou com a cabeça. — Sim. Tudo o que há é uma barba por fazer.

— Eu diria que apenas de um dia.

— Acho que andou se barbeando, não?

— Exato — retrucou Jonesy, imaginando McCarthy perdido na floresta, assustado, com frio e faminto (não que parecesse que tivesse

ficado sem comer por muito tempo, isso era outra coisa), mas mesmo assim se agachando na beira de um rio todas as manhãs, quebrando gelo com a bota para obter a água que corria por baixo, depois tirando o confiável aparelho Gillette de... de onde? Do bolso do casaco?

— E então, nesta manhã, perdeu o barbeador, por isso a barba está por fazer — disse o Beav. Sorriu de novo, mas não parecia haver muito humor no sorriso.

— Sim. À mesma hora em que perdeu a arma. Viu os dentes dele?

Beaver fez uma careta de intrigado.

— Faltam quatro. Dois em cima, dois embaixo. Parece o garoto maroto que está sempre na capa da revista Mad.

— Isso não quer dizer nada, amigo. Eu mesmo perdi uns dois triturantes. — Beaver ergueu um canto da boca, expondo a gengiva esquerda num sorriso unilateral que Jonesy poderia ter dispensado. — Hein? Um he'ct're a'qui.

Jonesy balançou a cabeça. Não era a mesma coisa.

— O sujeito é advogado, Beav... se apresenta em público o tempo todo, a aparência dele faz parte da vida dele. E as brechas estão bem na frente. Ele não sabe que perdeu os dentes. Posso jurar.

— Não desconfia que ele foi exposto a radiação ou coisa assim, desconfia? — Beaver perguntou com inquietação. — Os dentes da gente caem quando expostos à intoxicação radiativa, vi isso num filme uma vez. Um desses que você vive assistindo, esses shows de monstros. Não desconfia que seja isso, não é? Talvez tenha pegado aquela mancha ao mesmo tempo.

— Sim, ele foi submetido a uma dose quando a Usina Nuclear de Mars Hill explodiu — Jonesy retrucou, e a expressão intrigada de Beaver fez com que se arrependesse imediatamente da ironia. — Beav, quando a gente se expõe à intoxicação radiativa, acho que os cabelos também caem.

A expressão de Beaver se normalizou.

— Sim, é verdade. O sujeito no filme acaba ficando carequinha como o Telly não-sei-quê, o que fazia o policial na tevê. — Fez uma pausa. — Aí o sujeito morre. O do filme, quero dizer, não o Telly, apesar de que agora, pensando bem...

— Esse sujeito tem bastante cabelo — Jonesy interrompeu. — Se você deixar Beaver sair pela tangente, ele provavelmente jamais retomará o assunto. Ele notou que, fora da presença do estranho, nenhum dos dois o chamava de Rick, nem mesmo de McCarthy. Só "o sujeito", como se, inconscientemente, desejassem transformá-lo em algo menos importante do que um homem, algo genérico, como se isso tornasse menos relevante se... bom, se.

— Sim — disse Beaver. — Tem, sim, não é mesmo? Muito cabelo.

— Deve sofrer de amnésia.

— Talvez, mas se lembra de quem ele é, de com quem está, coisas assim. Cara, o que ele soprou foi um trombone, não foi? E o fedor! Igual a éter!

— Sim — disse Jonesy. — Pensei no fluido de arranque. Os diabéticos pegam cheiro, quando se injetam. Li isso num romance de mistério, acho.

— É como fluido de arranque?

— Não me lembro.

Ficaram ali, entreolhando-se, ouvindo o vento. Ocorreu a Jonesy contar para Beaver a respeito do relâmpago que o sujeito afirmou ter visto, mas de que serviria? Quando chega, chega.

— Achei que ele ia rachar a cuca quando se curvou daquele jeito — disse o Beav. — Você não?

Jonesy concordou com a cabeça.

— E ele não parece bem, de jeito nenhum.

— Não.

Beaver suspirou, jogou o palito na lixeira e olhou para fora pela janela, onde a neve caía com mais intensidade e com mais peso do que antes. Correu os dedos pelo cabelo.

— Cara, gostaria que Henry e Pete estivessem aqui. Principalmente Henry.

— Beav, Henry é psiquiatra.

— Eu sei que é, mas é a pessoa mais perto de um médico de que dispomos... e acho que esse camarada precisa de um tratamento.

Henry era, na verdade, um médico — tinha de ser, para obter o diploma de retificador de cuca fundida —, mas jamais praticara outra coisa além da psiquiatria, até onde Jonesy sabia. No entanto, entendeu o que Beaver quis dizer.

— Ainda acha que vão conseguir voltar, Beav?

Beaver suspirou.

— Meia hora atrás, eu diria com certeza que sim, mas a neve está ficando realmente intensa. Acho que sim. — Olhou para Jonesy com gravidade; não havia no olhar muito do geralmente despreocupado Beaver Clarendon. — Espero que sim — disse.

Capítulo Três

O Scout de Henry

1

Agora, de olho nos faróis dianteiros do Scout que atravessavam a neve que engrossava, entocando-se como se num longo túnel ao longo da Deep Cut Road na direção da Hole in the Wall, Henry se ocupava em descobrir maneiras de fazer o que tinha em mente.

Havia, claro, a Solução Hemingway — no passado, ainda graduando da Harvard, escrevera um ensaio cujo título era esse, de modo que mesmo naquele momento devia estar pensando nela —, de um jeito pessoal, não apenas uma outra etapa para preencher um simples requisito de curso. A Solução Hemingway era uma arma, e Henry tinha agora uma dessas... não que fosse fazê-lo ali, na companhia dos outros. Os quatro passaram bons momentos na Hole in the Wall, e seria injusto fazê-lo ali. Macularia o lugar para Pete e Jonesy — para Beaver, também, talvez sobretudo para Beaver, o que não seria correto. Mas aconteceria em breve, sentia isso, algo como um espirro. Engraçado comparar o término de uma vida a um espirro, mas era a isso que, provavelmente, chegara. Só atxim, e depois olá trevas, minhas velhas amigas.

Ao implementar a Solução Hemingway, a gente tira os sapatos e as meias. Apoia a base da coronha no chão. Enfia o cano na boca. Envolve o gatilho com o dedão. Lembrete a mim mesmo, Henry pensou, enquanto o Scout se desgovernava um pouco na neve recém-caída e ele o corrigia — os sulcos ajudavam, isso é o que na verdade a estrada era, um monte de sulcos cavados pelos tratores que a utilizavam no verão. Se fizer desse jeito, tome um laxativo e não o faça antes da última evacuação, não há por que deixar uma sujeira maior para as pessoas que o encontrarem.

— Talvez fosse melhor ir mais devagar — disse Pete. Tinha uma garrafa de cerveja entre as pernas, já pela metade, mas uma não bastaria para embriagá-lo. Três ou quatro mais, porém, e Henry poderia rolar por essa estrada a 60 por hora e Pete apenas ficaria ali sentado no banco do carona, cantarolando junto com as porcarias dos discos medonhos do Pink Floyd. E poderia alcançar 60, provavelmente, sem colocar outro protetor no para-choque da frente. Percorrer os sulcos da Deep Cut, mesmo com eles cheios de neve, era como estar rodando em trilhos. Se continuasse a nevar, a coisa seria diferente, mas, por enquanto, estava bem.

— Não se preocupe, Pete... está tudo normal.

— Quer uma cerveja?

— Não enquanto estiver dirigindo.

— Nem mesmo aqui, em West Overshoe?

— Mais tarde.

Pete se calou, deixando Henry vigiar a sondagem dos faróis, ziguezaguear ao longo da estrada branca entre as árvores. Deixando-o com seus pensamentos, que era onde ele desejava estar. Era como retornar a um lugar ensanguentado dentro da boca, explorando-o sem cessar com a ponta da língua, mas era onde desejava estar.

Havia as pílulas. Havia o velho truque do saco plástico enfiado na cabeça dentro da banheira. Havia o afogamento. Havia pular de um lugar alto. Um tiro no ouvido era muito incerto — grande demais a possibilidade de acordar paralisado —, assim como cortar os pulsos, coisa para quem está apenas praticando, mas os japoneses têm um jeito de fazer que interessa bastante a Henry. Amarre a ponta de uma corda no pescoço. Amarre a outra extremidade a uma pedra grande. Ponha a pedra no assento de uma cadeira, depois sente-se com as costas atadas, de modo a não cair para trás, mas permanecer sentado. Incline a cadeira e a pedra cai. O indivíduo pode viver de três a cinco minutos num profundo sonho de asfixia. O cinza passa a negro; olá trevas, minhas velhas amigas. Lera sobre esse método, quem diria, num dos romances de detetive de Kinsey Milhone que Jonesy adora. Histórias de detetive e filmes de horror: era nessas coisas que o barco de Jonesy flutuava.

De um modo geral, Henry pendia para a Solução Hemingway.

Pete terminou de beber a primeira cerveja e abriu a segunda, parecendo bem mais satisfeito.

— O que é que você acha? — Pete perguntou.

Henry sentiu que estava sendo chamado naquele outro universo, aquele em que os seres vivos desejam de fato viver. Como sempre, naqueles dias, isso o deixava impaciente. Mas era importante que nenhum deles desconfiasse, e teve uma ideia que Jonesy já tinha tido, mais ou menos. Beaver também, talvez. Eles às vezes viam o íntimo. Pete não desconfiava de nada, mas poderia contar a coisa errada para um deles, que o velho Henry parecia muito preocupado, como se alguma coisa passasse pela cabeça dele, alguma coisa grave, e Henry não queria isso. Aquela seria a última viagem dos quatro até Hole in the Wall, a velha gangue de Kansas Street, os Piratas Sanguinários da 3ª e 4ª séries, e queria que fosse boa. Queria que ficassem chocados quando soubessem, mesmo Jonesy, que via o íntimo dele com muita frequência e sempre o fizera. Queria que dissessem que não tinham a menor ideia. Melhor assim do que os três se reunirem de cabeça baixa, incapazes de se olharem, a não ser os rápidos relances de olhar, pensando que deveriam ter sabido, tinham captado os sinais e deveriam ter feito alguma coisa. Então retornou àquele outro universo, simulando interesse de maneira serena e convincente. Quem conseguiria fazer isso melhor do que um psiquiatra?

— O que acho do quê?

Pete revirou os olhos.

— No Gosselin, seu pateta! Aquele negócio que o velho Gosselin estava falando.

— Pete, eles não o chamam de velho Gosselin à toa. Ele não nasceu ontem, e, se há alguma coisa que não falta a velhas e velhos, é histeria. — O Scout, que também não era brotinho, 14 anos e já na segunda volta do hodômetro, escapou dos sulcos e logo derrapou, tração nas quatro rodas ou não. Henry controlou a derrapagem, quase rindo quando Pete derrubou a cerveja no piso, e gritou:

— Ô, caralho! Presta atenção!

Henry afrouxou o pé no acelerador até sentir o Scout se reequilibrar e então tornou a pisar no pedal, intencionalmente muito depressa e muito súbito. O Scout derrapou de novo, dessa vez primeiro da esquerda para a direita, e Pete tornou a gritar. Henry desacelerou mais uma vez e o Scout sacolejou ao reentrar nos sulcos e rodar com estabilidade, como se estivesse sobre trilhos. Um ponto positivo de decidir pôr fim à vida da gente é que já não se gasta o suor com ninharias. As luzes recortavam o dia branco e instável, repleto de um bilhão de flocos de neve, nenhum igual ao outro, se a gente acredita na sabedoria convencional.

Pete pegou a cerveja (só um pouco se derramara) e bateu no peito.

— Não está indo depressa demais não?

— Nem um pouco — Henry respondeu, e depois, como se a derrapagem jamais tivesse acontecido (acontecera) ou interrompido o fluxo de seus pensamentos (não interrompera), prosseguiu: — A histeria coletiva é bastante comum nos muito velhos e nos muito jovens. É um fenômeno bem documentado, tanto na minha área quanto na sociologia pagã que lhe é vizinha.

Henry baixou os olhos e viu que estava rodando a 35, que era, de fato, um tanto rápido demais para aquelas condições. Diminuiu a velocidade.

— Melhor?

Pete fez que sim com a cabeça.

— Não me entenda mal, você é um excelente motorista, mas, cara, está nevando. E também temos os suprimentos aqui. — Apontou o polegar para trás por sobre o ombro, indicando as duas sacolas e as duas caixas no banco traseiro. — Além das salsichas, a gente comprou as últimas três caixas de Kraft Macaroni com queijo. Beaver não passa sem isso, você sabe.

— Eu sei — Henry disse. — Também gosto. Lembra-se das histórias de satanismo no estado de Washington, as que os jornais noticiaram nos meados da década de 1990? Elas se referiam a várias pessoas velhas que viviam com os filhos ou netos, num caso, em duas cidadezinhas no sul de Seattle. As informações sobre abuso sexual em creches aparentemente começaram quando mocinhas que trabalhavam meio expediente como ajudantes fizeram denúncias ao mesmo tempo em Delaware e na Califórnia. Talvez tenha sido coincidência, ou talvez simplesmente chegara a hora de as histórias ganharem credibilidade e as mocinhas captaram a onda no ar.

As palavras saíam de sua boca com uma grande serenidade, quase

como se tivessem importância. Henry falava, o homem ao lado escutava com silenciosa admiração, e ninguém (decerto não Pete) poderia supor que ele estava pensando na arma, na corda, no cano de escape, nas pílulas. Sua cabeça estava repleta de uma fita que rodava sem parar, só isso. E sua língua era um toca-fitas.

— Em Salem — Henry continuou —, os velhos e as mocinhas combinaram a histeria, e voilà, os julgamentos das bruxas de Salem.

— Vi o filme com o Jonesy — disse Pete. — Vincent Price estava no elenco. Fiquei com o cu na mão.

— Não duvido — comentou Henry, e riu. Por um instante irrefletido, achou que Pete se referia a As Bruxas de Salem. — E quando é mais provável que ideias histéricas ganhem credibilidade? Quando é tempo de colheita e o mau tempo baixa, claro… então, é o momento de contar histórias e fomentar a discórdia. Em Wenatchee, Washington, são o satanismo e os sacrifícios de crianças nas florestas. Em Salem, as bruxas. E em Jefferson Tract, sede do único mercado do Gosselin, são as luzes estranhas no céu, caçadores desaparecidos, movimentos estratégicos de tropas. Para não falar de coisas vermelhas esquisitas crescendo nas árvores.

— Não sei nada dos helicópteros e dos soldados, mas uma porção de gente viu essas luzes, e por isso vão ter essa reunião extraordinária dos munícipes. O velho Gosselin me contou isso, quando você foi buscar os enlatados. E depois, aqueles sujeitos em Kineo realmente desapareceram. Isso não é histeria.

— Quatro breves observações — disse Henry. — Em primeiro lugar, não pode haver uma reunião de munícipes em Jefferson Tract porque não há uma cidade… mesmo Kineo é só um povoado com nome, não incorporado ao município. Em segundo lugar, a reunião vai se dar em volta do fogão Franklin do velho Gosselin e metade dos participantes vai se encher de schnapps de hortelã-pimenta e de conhaque com café.

Pete soltou um risinho.

— Em terceiro, o que mais eles têm para fazer? E em quarto, com relação aos caçadores, eles provavelmente se cansaram e voltaram para casa, ou encheram a cara e resolveram enriquecer no cassino de Carrabassett.

— Acha, é? — Pete pareceu desconcertado, e Henry sentiu uma grande onda de afeição por ele. Esticou a mão e deu uma palmadinha no joelho de Pete.

— Não tenha medo — disse. — O mundo está cheio de coisas estranhas. — Se o mundo estivesse realmente cheio de coisas estranhas, Henry duvidaria que estivesse tão ansioso para deixá-lo; mas, se havia uma coisa que um psiquiatra sabia fazer (quer dizer, além de receitar Prozac, Paxil e Ambien), era dizer mentiras.

— Pois o desaparecimento de quatro caçadores ao mesmo tempo me parece uma coisa bem estranha.

— Nem um pouco — retrucou Henry, rindo. — Um, sim, seria

esquisito. Dois seria estranho. Quatro? Foram embora juntos, pode apostar.

— Henry, a gente está muito longe da Hole in the Wall? — O que, traduzindo, significava: Tenho tempo para tomar outra cerveja?

Henry tinha zerado o hodômetro do Scout no mercado do Gosselin, um antigo hábito que remontava ao tempo em que trabalhou para o estado de Massachusetts, onde o acordo eram 12 centavos de dólar por um quilômetro e meio, mais toda a geriatria psicótica que ele pudesse relatar. A quilometragem entre o armazém e a cabana era muito fácil de lembrar: 32,04. O hodômetro marcava no momento 18,14, o que significava...

— Cuidado! — Pete gritou, e Henry logo voltou a olhar para o para-brisa.

O Scout tinha começado a subir a rampa íngreme de um monte coberto de árvores. A neve ali era ainda mais espessa, mas Henry rodava com os faróis altos e viu claramente a pessoa sentada na estrada cerca de 100 metros à frente — uma pessoa que usava um casaco de baeta, um colete laranja que era soprado para trás como a capa do Super-Homem à força do vento que se intensificava e um daqueles chapéus russos de peliça. Fitas laranja estavam presas no chapéu, também agitando-se ao vento, lembrando a Henry as bandeirolas que às vezes se viam adejando em depósitos de carros usados. O sujeito estava sentado no meio da estrada como um índio que deseja fumar um cachimbo da paz e não se mexeu quando os faróis incidiram sobre ele. Por um instante, Henry viu os olhos da figura sentada, bastante abertos, mas imóveis, tão imóveis, brilhantes e vazios que ele pensou: Assim meus olhos seriam se eu não os vigiasse tão de perto.

Não dava tempo de frear, não com a neve. Henry girou o volante para a direita e sentiu os solavancos quando o Scout tornou a sair dos sulcos. Vislumbrou de novo o rosto branco e impassível e teve tempo para pensar: Puta merda! É uma mulher.

Uma vez fora dos sulcos, o Scout começou a derrapar novamente. Dessa vez Henry girou para o lado oposto, para deliberadamente remover a neve das rodas e intensificar a derrapagem, sabendo, sem sequer pensar nisso (não havia tempo para pensar), que era a única chance para a pessoa sentada na estrada. E mesmo assim não a considerava uma chance.

Pete gritava e, pelo canto dos olhos, Henry o viu erguer as mãos na frente do rosto, espalmadas num gesto de proteção contra uma colisão. O Scout ameaçou bandear e então Henry girou o volante de volta, procurando controlar a derrapagem apenas o suficiente para que a traseira não batesse no crânio da mulher, esmagando-o por trás. O volante girava com folga leviana e azeitada sob as mãos enluvadas. Por talvez três segundos o Scout deslizou pela Deep Cut Road coberta de neve a um ângulo de 45 graus, um objeto pertencente em parte a Henry Devlin, em parte à tempestade. Os flocos de neve esvoaçavam no ar e em redor numa rajada perfeita; os faróis dianteiros pintavam os pinheiros arqueados de neve à esquerda da estrada com um par de borrões em movimento. Três segundos, não muito longos, mas longos o bastante. Ele viu o vulto da mulher passar como se

ela estivesse em movimento e não eles, só que ela não se moveu, nem mesmo quando a borda enferrujada do para-choque do Scout raspou não mais do que 2 centímetros de ar cheio de neve entre o aço e o rosto dela.

Errei o alvo!, Henry se regozijou. Errei o alvo, sua vaca! Em seguida, o último fio de controle se perdeu e o Scout deu uma guinada. Houve uma violenta vibração quando as rodas reentraram nos sulcos, só que, dessa vez, ao contrário. O veículo continuava querendo completar a volta, invertendo as extremidades — de-trás-pra-frente!, costumavam gritar quando em fila na escola primária —, e então chocou-se com um estrondo terrível numa pedra enterrada, ou talvez uma pequena árvore caída, e depois capotou, primeiro sobre o lado do passageiro, as janelas se desintegrando em estilhaços reluzentes, depois sobre o teto. Um lado do cinto de segurança de Henry rebentou, lançando-o na direção do teto, sobre o ombro esquerdo. Seus testículos bateram contra a coluna da direção, provocando instantaneamente uma dor lancinante. A haste das lanternas de sinalização se partiu contra sua coxa, e ele sentiu o sangue correr imediatamente, ensopando a calça de brim. O vinho do Porto, como os antigos comentadores de boxe na rádio chamavam o sangue, como em Olhe só, minha gente, o vinho do Porto começou a circular. Pete estava urrando, berrando, ou ambos.

Por vários segundos o motor do Scout capotado continuou em funcionamento, depois a gravidade exerceu sua função e o motor parou. Agora o veículo era apenas um casco tombado na estrada, as rodas ainda girando, os faróis ainda iluminando as árvores carregadas de neve no lado esquerdo da estrada. Um deles se apagou, mas o outro continuou a brilhar.

2

Henry conversara muito com Jonesy a respeito do acidente do amigo (escutara, na verdade; a terapia era uma escuta criativa) e sabia que Jonesy não tinha lembrança do momento da colisão. Tanto quanto Henry podia dizer, ele mesmo não perdeu a consciência depois que o Scout capotou, e a sequência de lembranças permaneceu intata. Lembrava-se de ter procurado a fivela do cinto de segurança, desejando o tempo todo sair da porcaria do veículo, enquanto Pete berrava que a perna estava quebrada, a porra da perna estava quebrada. Lembrava-se do inheque-baque, inheque-baque dos limpadores do para-brisa e do fulgor das luzes do painel de instrumentos, que agora estavam em cima, em vez de embaixo. Localizou a fivela, perdeu-a, tornou a localizá-la e a puxou. A faixa do cinto que lhe prendia o colo o libertou e ele bateu desesperadamente contra o teto, espatifando a cobertura de plástico da luz do teto.

Rebuscou num ímpeto com as mãos, encontrou a maçaneta, mas não conseguiu movê-la.

— A minha perna! Ô, cara, a merda da minha perna!

— Para com isso — disse Henry. — Sua perna está bem. — Como se o soubesse. Tornou a localizar a maçaneta, puxou-a, e nada. Então percebeu por quê, estava de cabeça para baixo e puxando-a do lado errado. Inverteu a pressão e a lâmpada exposta do teto brilhou quente em seus olhos quando a porta se abriu. Empurrou a porta com o dorso da mão, certo de que não haveria qualquer resultado; a estrutura estava provavelmente amassada e ele teria sorte se a abrisse uns 15 centímetros.

Mas a porta cedeu rangendo e de repente ele sentiu a neve remoinhando fria em redor do rosto e do pescoço. Empurrou a porta com mais força, golpeando-a com o ombro, e apenas quando as pernas se desembaraçaram da coluna da direção ele percebeu que haviam estado para cima. Executou um meio salto mortal e de súbito estava encarando de perto a própria virilha, como se tivesse resolvido tentar beijar os testículos latejantes, reconfortando-os. O diafragma se dobrou sobre si mesmo e ficou difícil respirar.

— Henry, me ajuda! Estou preso! Estou preso, caralho!

— Espera um pouquinho. — Sua voz soou espremida e estridente, de modo algum como sua própria voz. Agora via o brim da calça na coxa esquerda enegrecendo-se de sangue. O vento nos pinheiros soava como o próprio Electrolux de Deus.

Agarrou o batente da porta, satisfeito por ter conservado as luvas enquanto dirigia, e deu um tremendo puxão — tinha de sair, tinha de desdobrar o diafragma para poder respirar.

Por um momento nada aconteceu, mas então Henry saiu, estourando feito rolha de garrafa. Permaneceu deitado por um instante, ofegando e olhando no alto a neve que caía numa ciranda. Nada havia de estranho no céu; poderia jurar num tribunal sobre uma pilha de bíblias. Apenas os bojos cinza e baixos das nuvens e os jorros psicodélicos de neve.

Pete não parava de gritar por seu nome, num pânico cada vez maior.

Henry rolou no chão, apoiou-se nos joelhos e, quando sentiu que o conseguira, ergueu-se vacilando sobre os pés. Parou apenas por um momento, oscilando ao vento e aguardando para ver se a perna esquerda que sangrava iria vergar e derrubá-lo de novo na neve. Não vergou, e ele foi mancando até a traseira do Scout tombado para ver o que poderia fazer para ajudar Pete. Lançou um breve olhar para a mulher que provocara todo o fodaréu. Continuava sentada como estivera, de pernas cruzadas no meio da estrada, as coxas e a frente do casaco cobertos de neve. Seu colete se agitava no ar e se inflava. O mesmo faziam as fitas do chapéu. Não se voltara para olhar para eles, mas olhava na direção do mercado do Gosselin, tal como o fazia no instante em que eles surgiram na rampa e depararam com ela. Um rastro de pneu na neve, curvo e precipitado, estava a uns 30 centímetros da perna esquerda dobrada, e Henry não tinha ideia, a menor ideia, de como não a atropelou.

— Henry! Henry, me ajuda!

Apressou-se, escorregando na neve recente enquanto dava a volta

até o lado do carona. A porta de Pete estava emperrada, mas, quando Henry se ajoelhou e forçou com ambas as mãos, abriu-se quase pela metade. Henry estendeu a mão para dentro, agarrou o ombro de Pete e puxou. Nada.

— Solte o cinto, Pete.

Pete tateou desajeitadamente, mas parecia não localizá-lo, embora estivesse bem na sua frente. Agindo com cautela, sem a menor sensação de impaciência (acreditava que estava sob choque), Henry desprendeu o cinto e Pete caiu no teto, a cabeça curvando-se de um lado. Gritou, tomado por uma mescla de dor e surpresa, e então foi debatendo-se e impulsionando o corpo por entre a porta semiaberta. Henry o agarrou por baixo dos braços e o puxou contra si. Ambos tombaram na neve e Henry se afligiu com um déjà-vu tão forte e tão repentino que era como desmaiar. Não tinham brincado justamente disso quando crianças? Claro que tinham. Por exemplo, no dia em que ensinaram Duddits a fazer anjos de neve. Alguém começou a rir, deixando-o muito sobressaltado. Depois percebeu que era ele mesmo.

Pete se soergueu, o olhar apavorado e fulgurante, as costas cheias de neve.

— De que merda você está rindo? O imbecil quase matou a gente. Vou estrangular aquele filho da puta.

— Não o filho, mas a puta propriamente dita — Henry retrucou. Riu com mais gosto do que antes e achou que, muito provavelmente, Pete não entendera o que ele estava dizendo, sobretudo com o sopro do vento, mas não importava. Poucas vezes se divertira tanto.

Pete cambaleou como Henry, e Henry estava prestes a dizer algo sensato, algo acerca do fato de que Pete se movimentava muito bem para quem estava com uma perna quebrada, quando Pete desmoronou com um urro de dor. Henry se curvou sobre ele e lhe apalpou a perna, estirada diante dele. Parecia intata, mas como saber através de duas camadas de roupa?

— Não está quebrada não — disse Pete, mas se contorcia de dor. — A merda é que está travada, igual quando eu jogava futebol. Cadê ela? Tem certeza que é uma mulher?

— Sim.

Pete se levantou e deu a volta até a frente do veículo, cambaleando, massageando o joelho. O farol dianteiro restante ainda brilhava heroicamente neve adentro.

— Tomara que seja aleijada ou cega, é só o que eu digo — falou para Henry. — Se não for, vou chutar o rabo dela o caminho inteiro até o mercado do Gosselin.

Henry começou a rir de novo. Era a imagem mental de Pete, indo aos pulinhos... depois chutando. Como uma rockette abobalhada.

— Peter, não a machuque para valer! — gritou, suspeitando que qualquer seriedade que pudesse expressar era negada pelo fato de que falava entre golfadas de risos maníacos.

— Não vou, a não ser que ela banque a atrevida comigo — disse

Pete.

As palavras, que chegavam a Henry transportadas pelo vento, continham um quê de velhota ofendida que o fez rir ainda mais. Abaixou a calça de brim e ficou de ceroulas para verificar quão grave era o ferimento causado pela haste das lanternas de sinalização.

Era um corte pouco profundo de cerca de 6 centímetros de comprimento na parte interna da coxa. Sangrara em abundância — ainda estava vertendo —, mas Henry não achava que era profundo.

— Mas que diabo você achou que estava fazendo, hein? — Pete a repreendeu do outro lado do Scout capotado, cujos limpadores do para-brisa ainda estavam inheque-baqueando de um lado para o outro. E embora a invectiva de Pete tivesse uma mescla de irreverência (boa parte dela sem dúvida típica de Beave), o amigo ainda soava, para Henry, como uma professora velhota ofendida, e isso fê-lo rir de novo, enquanto tornava a vestir a calça.

— Por que está sentada aí no meio da merda desta estrada no meio da merda desta tempestade de neve? Está bêbada? Está de barato? Que tipo de fofodagem estúpida é esta, hein? Ei, fala comigo! Você quase me matou e o meu amigo aqui, o mínimo que pode fazer é... aaaiii, FREDDY ME FODA!

Henry deu a volta ao casco do veículo a tempo de ver Pete cair ao lado da dona Buda. A perna devia ter travado novamente. Ela não olhou para ele nem uma vez. As fitas laranja do chapéu adejavam atrás dela. O rosto estava erguido no meio da tempestade de neve, os olhos arregalados sem piscar enquanto os flocos de neve remoinhavam dentro deles e se derretiam nas lentes vivas quentes, e Henry sentiu, a despeito de tudo, a curiosidade profissional ser despertada. O que teriam descoberto ali?

3

– Aaaiii, que foda-foda, merda-merda, que esta porra DÓI!

— Você está bem? — perguntou Henry, o que fez com que risse de novo. Que pergunta mais tola.

— Estou soando bem, seu psiquibói? — Pete perguntou em resposta, irritadiço, mas, quando Henry se debruçou sobre ele, ergueu uma das mãos e fez sinal para que recuasse. — Não, deixa, está passando, de olho na princesa de Bosta. Só sentada aí.

Henry caiu de joelhos na frente da mulher, encolhendo-se de dor — as pernas, sim, mas o ombro também doía no ponto em que batera contra o teto e o pescoço ia enrijecendo-se rapidamente —, mas ainda soltando risinhos.

Não se tratava de uma donzela aflita coberta de orvalho. Tinha pelo menos 40 anos de idade e era atarracada. Embora o casaco fosse grosso e

ela usasse só Deus sabia quantas camadas de roupa por baixo, o peito era visivelmente protuberante, indicando o tipo de mamões prodigiosos para os quais a cirurgia de redução de mamas foi criada. O cabelo, que escapava agitado da copa e das abas do chapéu, não tinha um estilo de corte discernível. Tal como eles, ela trajava brim, mas uma de suas coxas daria duas das de Henry. A primeira palavra que ocorreu a ele foi camponesa — o tipo de mulher que a gente vê pendurando roupas no pátio apinhado de quinquilharias ao lado do trailer de tamanho duplo enquanto Garth ou Shania gemem no rádio apoiado numa janela aberta... ou talvez comprando comestíveis no mercado do Gosselin. O aparato laranja sugeria que ela devia ter estado caçando, mas, se fosse esse o caso, onde estava a espingarda? Teria sido coberta pela neve? Os olhos arregalados eram azul-escuros e completamente vazios. Henry procurou suas pegadas e não as viu. O vento as desmanchara, sem dúvida, mas ainda assim era lúgubre; ela devia ter caído do céu.

Henry tirou a luva e estalou os dedos na frente dos olhos que fitavam. Piscaram. Não era muito, mas era mais do que ele esperara, dado o fato de que um veículo de toneladas não a pegara por uma questão de centímetros e ela nem sequer se contraíra.

— Ei! — gritou diante de seu rosto. — Ei, acorda! Acorda!

Estalou os dedos mais uma vez e mal os sentiu — quando se tornaram tão frios? Estamos numa situação daquelas, pensou.

A mulher arrotou. O som foi alarmantemente alto, mesmo com o zunir do vento nas árvores, e, antes de ter sido arrebatado pelo ar em carreira, ele sentiu um cheiro leve de algo ácido e amargo — cheirava a álcool medicinal. A mulher se deslocou um pouco e esboçou uma careta, em seguida soltou gases intestinais — um longo e ronronante peido que soava como tecido sendo rasgado. Talvez, Henry pensou, seja o modo como as pessoas deste lugar dizem olá. A ideia fê-lo rir novamente.

— Santa merda — disse Pete, quase dentro de seu ouvido. — Parece que com esse ela rasgou os fundilhos. O que andou tomando, dona, Prestone? — Voltou-se para Henry: — Ela andou tomando alguma coisa, Deus do céu, e, se não foi um anticongelante, eu sou um mico.

Henry também sentiu o mesmo cheiro.

Os olhos da mulher de repente se moveram, encontraram os dele. Henry ficou chocado com a dor que percebeu neles.

— Onde está Rick? — ela perguntou. — Tenho que encontrar Rick... ele é o único que sobrou. — Fez uma careta e, quando os lábios se entreabriram, Henry viu que lhe faltava metade dos dentes. Os que restaram pareciam tocos numa cerca dilapidada. Ela arrotou de novo, e o cheiro foi forte o bastante para fazê-lo lacrimejar.

— Ai, santo Deus! — Pete quase berrou. — O que há de errado com ela?

— Não sei — retrucou Henry. As únicas coisas que sabia com certeza eram que os olhos da mulher se esvaziaram de novo e que eles se encontravam numa situação daquelas. Se estivesse sozinho, teria pensado

em se sentar ao lado da mulher e colocar o braço em torno dela, uma resposta bem mais interessante e rara ao problema decisivo do que a oferecida pela Solução Hemingway. Mas tinha de pensar em Pete, Pete ainda não tinha passado pela primeira reabilitação da bebida alcoólica, embora isso estivesse, sem dúvida alguma, nas cartas.

E, além do mais, estava curioso.

4

Pete estava sentado na neve, massageando o joelho de novo com as mãos, olhando para Henry, esperando que ele fizesse alguma coisa, o que era natural, uma vez que com frequência fora o homem de ideias do quarteto. Não tinham tido um líder, mas Henry chegara muito perto disso. O que valia mesmo para os tempos de colégio. A mulher, enquanto isso, não olhava para ninguém, apenas fitava a neve.

Acalme-se, Henry pensou. Respire fundo e se acalme.

Respirou, segurou o ar e o soltou. Melhor. Um pouco melhor. Pois bem, o que estava acontecendo com aquela mulher? Não importava de onde vinha, o que fazia ali ou por que cheirava a anticongelante diluído quando arrotou. O que estava acontecendo com ela naquele momento?

Choque, evidentemente. Um choque tão profundo que era como uma forma de catatonia — tanto é que nem sequer se contraiu quando o Scout passou derrapando rente a ela. E no entanto não se enclausurara de um modo tal que apenas uma injeção de algo excitável teria acesso a ela; reagira ao estalo de seus dedos e falara. Perguntara acerca de alguém chamado Rick.

— Henry...

— Fique quieto um instante.

Tirou as luvas de novo, ergueu as mãos diante do rosto dela e rapidamente bateu palmas. Achou o som baixo demais em comparação com o constante uivo do vento nas árvores, mas a mulher tornou a piscar.

— De pé!

Henry lhe segurou as mãos enluvadas e se entusiasmou quando elas se fecharam reflexivamente em torno das suas. Inclinou-se para a frente, aproximando-se do rosto dela, cheirando aquele odor de éter. Ninguém que cheirasse assim poderia estar muito bem.

— De pé, levante-se! Comigo! Vou contar até três! Um, dois, três!

Ele se levantou, segurando-lhe as mãos. Ela se pôs de pé, os joelhos estalando, e arrotou de novo. Soltou gases de novo também. Seu chapéu caiu de lado, afundando sobre um olho. Quando ela não fez um gesto sequer para ajeitá-lo, Henry disse:

— Arrume o chapéu dela.

— Hã?

Pete também se levantara, embora não parecesse se equilibrar.

— Não quero soltá-la. Arrume o chapéu, afaste o chapéu do olho.

Cautelosamente, Pete esticou o braço e ajeitou o chapéu. A mulher se curvou de leve, fez uma careta e peidou.

— Muitíssimo obrigado — disse Pete, mal-humorado. — Tem sido um público sensacional, boa noite.

Henry a sentiu ficar bamba e apertou as mãos.

— Ande! — gritou, aproximando-se do rosto dela novamente. — Ande comigo! Vou contar até três! Um, dois, três!

Começou a andar para trás, na direção do capô do Scout. Ela agora o olhava, e ele sustentou o olhar. Sem dar nem uma olhadela para Pete — não queria correr o risco de perdê-la —, disse:

— Agarre o meu cinto. Me conduza.

— Para onde?

— Para o outro lado do Scout.

— Não sei se posso...

— Tem que poder, Pete, então faça.

Por um momento nada aconteceu, mas então sentiu a mão de Pete deslizar por baixo de sua parca, remexer e agarrar o cinto. Caminharam vagarosa e desajeitadamente pelo estreito trecho de estrada, como se formassem uma fila para dançar a conga, através da luz amarela do único farol observador do Scout. No outro lado do veículo capotado, enfim, encontraram uma proteção parcial contra o vento, e isso era bom.

A mulher libertou bruscamente as mãos das garras de Henry e se curvou para a frente, a boca se abrindo. Henry recuou, não querendo ser atingido pelo vômito... mas, em vez de vomitar, ela arrotou, o mais alto arroto até então. Em seguida, ainda curvada, tornou a soltar gases. O som não se assemelhava a nada que Henry ouvira antes, e ele poderia jurar que tinha ouvido de tudo nas enfermarias do oeste de Massachusetts. Ela se manteve firme em pé, no entanto, respirando pelo nariz, farejando o ar feito um cavalo.

— Henry — Pete disse. Sua voz saíra rouca de terror, assombro, ou ambos. — Deus do céu, olhe.

Estava olhando para o céu, de queixo caído e boquiaberto. Henry acompanhou seu olhar e mal pôde acreditar no que estava vendo. Círculos de luzes cintilantes, nove ou dez deles, navegavam devagar pelas nuvens baixas. Henry precisou semicerrar os olhos para vê-los. Pensou, por um instante, em holofotes que perfuravam o céu noturno em estreias de filmes de Hollywood, mas, evidentemente, não havia esse tipo de luzes na floresta, e, se houvesse, teria visto os próprios feixes elevando-se no ar nevoso. O que quer que estivesse projetando aquelas luzes deveria estar acima das nuvens ou dentro delas, não abaixo delas. Corriam o espaço de um lado para outro, aparentemente a esmo, e Henry sentiu um repentino terror atávico invadi-lo... só que parecia de fato surgir do íntimo, de algum lugar profundo no íntimo. Imediatamente, sentiu a medula espinhal como uma coluna de gelo.

— O que é aquilo? — perguntou Pete, quase num queixume. — Meu Deus, o que é aquilo, Henry?

— Eu não...

A mulher olhou para o alto, viu as luzes em ciranda e começou a gritar. Eram surpreendentemente altos os gritos, e tão carregados de terror que Henry achou que também gritaria.

— Voltaram! — ela berrou. — Voltaram! Voltaram!

Em seguida, tampou os olhos e apoiou a cabeça no pneu dianteiro do Scout capotado. Abandonou os gritos e apenas gemeu, como alguém pego numa armadilha, sem esperança de se libertar.

5

Por uma duração de tempo desconhecida (provavelmente não mais do que cinco minutos, embora parecesse mais tempo), observaram as luzes brilhantes percorrer o céu — circulando, glissando, suspendendo-se à esquerda e à direita, aparentemente brincando de eixo-badeixo. A certa altura, Henry percebeu que havia apenas cinco, em vez de quase uma dúzia, e depois, apenas três. Ao lado dele, a mulher, o rosto contra o pneu, peidou de novo, e Henry se deu conta de que eles estavam parados no fim do mundo, embasbacados com algum tipo de fenômeno celeste associado à tempestade de neve que, embora interessante, não ajudaria em nada a levá-los a algum lugar seco e aquecido. Lembrou-se perfeitamente da leitura final do hodômetro: 18,14. Estavam a quase 14 quilômetros da Hole in the Wall, uma boa caminhada na melhor das hipóteses, e ali estavam eles, numa tempestade, apenas duas fases abaixo de uma nevasca. Além do mais, pensou, eu sou o único que pode andar.

— Pete.

— Tem alguma coisa, não tem? — Pete ofegou. — São os UFOs de merda, não são, como no Arquivos X? O que acha de...

— Pete. — Henry segurou o queixo de Pete e o fez desviar os olhos para longe do céu, e encará-lo. Lá no alto, as últimas duas luzes empalideciam. — É algum tipo de fenômeno elétrico, só isso.

— Acha mesmo? — Pete pareceu absurdamente decepcionado.

— Acho... algo relacionado à tempestade. Mas mesmo que seja a primeira leva dos extraterrestres-borboletas do planeta Alnitak, não fará a menor diferença se a gente virar sorvete. Agora eu preciso que você me ajude. Preciso que faça aquele seu truquezinho. Pode ser?

— Não sei — Pete retrucou, arriscando uma última olhada para o céu. Havia agora apenas uma luz, tão fraca que a gente não poderia dizer que estava lá se não a procurasse. — Dona? Oi, dona, estão quase indo embora. Se acalme, sim?

Ela não respondeu, ficou apenas com o rosto pressionado contra o

pneu. As fitas no chapéu se batiam e esvoaçavam. Pete suspirou e se virou para Henry.

— O que quer?

— Sabe dos abrigos dos lenhadores ao longo desta estrada? — Havia oito ou nove deles, Henry supunha, nada além de quatro colunas cada um, com folhas de zinco enferrujado no alto formando a cobertura. O pessoal que produzia a polpa armazenava as toras ou as peças de equipamento embaixo deles até a primavera.

— Claro — Pete respondeu.

— Onde fica o mais próximo deles? Sabe me dizer?

Pete fechou os olhos, ergueu um dedo e começou a movê-lo de um lado para outro. Ao mesmo tempo, produzia um leve som de tique-taque com a ponta da língua contra o céu da boca. Esse era um hábito de Pete desde os tempos do colégio. Não era mais antigo do que os lápis mordidos e os palitos mastigados de Beaver, ou do que a paixão de Jonesy por filmes de horror e histórias de assassinato, mas remontava a um bom tempo. E era, em geral, confiável. Henry aguardou, esperando que fosse confiável naquele momento.

A mulher, os ouvidos talvez captando o baixo e regular som de tique-taque em meio ao zunido do vento, levantou a cabeça e olhou em volta. Havia uma enorme mancha escura na testa, deixada pelo pneu.

Enfim Pete abriu os olhos.

— Por ali — disse, apontando na direção da Hole in the Wall. — Passando aquela curva, tem uma colina. Do outro lado da colina tem uma trilha. No fim da trilha tem um desses abrigos. Fica à esquerda. Uma parte do telhado caiu. Uma vez, um homem chamado Stevenson sofreu uma hemorragia nasal lá.

— É?

— Ah, cara, não sei. — Pete desviou o olhar, como se constrangido.

Henry se lembrou vagamente do abrigo... e o fato de que o teto havia em parte caído era bom, ou poderia ser bom; se tivesse caído do lado certo, teria transformado em telheiro o abrigo sem paredes.

— Fica longe?

— Meio quilômetro. Talvez uns 600 metros.

— Certeza?

— Certeza.

— Consegue caminhar essa distância, com esse joelho?

— Acho que sim... mas e ela?

— Ela, melhor — disse Henry. Pôs as mãos nos ombros da mulher, virou o rosto de olhos arregalados de frente para o seu e se aproximou até ficarem cara a cara. O cheiro do hálito era medonho, anticongelante com um resíduo de algo oleoso e orgânico, mas permaneceu próximo e não fez um movimento de recuo. — Temos que andar! — disse-lhe, não gritando, exatamente, mas falando alto e num tom de ordem. — Ande comigo agora, quando eu contar até três! Um, dois, três!

Pegou-lhe a mão e a conduziu dando a volta à traseira do Scout e

tomando a estrada. Houve um momento de resistência e depois ela o seguiu com uma perfeita docilidade, não parecendo sentir a pressão do vento quando por ele atingida. Caminharam cerca de cinco minutos, Henry segurando com sua mão esquerda a mão direita enluvada da mulher, Pete cambaleando atrás.

— Espere — ele disse. — A porra deste joelho está querendo travar de novo.

Enquanto se curvava para massagear o joelho, Henry olhou para o céu. Não havia luz alguma.

— Você está bem? Vai conseguir?

— Vou conseguir — Pete respondeu. — Vamos, vamos indo.

6

Passaram a curva sem problemas e subiram metade da colina sem problemas, mas então Pete tombou, urrando, xingando e agarrando o joelho. Viu o modo com que Henry olhou para ele e emitiu um som peculiar, algo entre um riso e um rosnado.

— Não se preocupe comigo — disse. — O tadinho do Pete vai conseguir.

— Certeza?

— Siiimm. — Para espanto de Henry (embora houvesse uma diversão também, a diversão sinistra que agora parecia jamais abandoná-lo), Pete cerrou a mão enluvada e começou a socar o joelho.

— Pete...

— Vamos, seu encrenqueiro, vamos! — Pete gritou, ignorando-o completamente. Durante essa cena, a mulher ficou parada, de ombros caídos, com o vento batendo em suas costas e as fitas laranja do chapéu se agitando na sua frente, tão silenciosa como uma máquina desligada.

— Pete?

— Estou bem agora — Pete respondeu. Olhou para Henry com os olhos exaustos... mas neles também não faltava diversão. — Isso é ou não é um fodaréu total?

— É.

— Não acho que conseguiria andar todo esse chão de volta até Derry, mas vou chegar ao abrigo. — Estendeu uma das mãos. — Me ajude a me levantar, chefão.

Henry segurou a mão do amigo e o puxou. Pete se ergueu com a perna rija, como um homem que se erguesse de uma mesura formal, imóvel por um momento, e depois disse:

— Vamos. Estou doido para me livrar dessa ventania. — Fez uma pausa e acrescentou: — A gente devia ter trazido algumas cervejas.

Chegaram ao topo da colina, e o vento estava mais ameno do outro

lado. Quando chegaram ao trecho da trilha embaixo, Henry começou a admitir para si mesmo que pelo menos aquela parte da caminhada seria sem problemas. Então, a meio caminho da estrada, com um vulto à frente que não deveria ser outra coisa a não ser o abrigo, a mulher se prostrou — primeiro caindo sobre os joelhos, depois de rosto contra o chão. Ficou ali de bruços por um instante, a cabeça virada, apenas a respiração a sair pela boca aberta indicando que ainda estava viva (seria tão mais simples se não estivesse, Henry pensou). Depois, rolou de lado e deixou escapar um arroto longo, áspero e forte.

— Ô, sua vaca inoportuna — Pete disse, soando não zangado, mas cansado. Olhou para Henry. — E agora?

Henry se ajoelhou ao lado dela, ordenou-lhe com uma voz mais alta que se levantasse, estalou os dedos, bateu palmas e contou várias vezes até três. Nada funcionou.

— Fique aqui com ela. Quem sabe eu encontre alguma coisa por lá para arrastá-la.

— Boa sorte.

— Tem uma ideia melhor?

Pete se sentou na neve com uma careta, a perna ruim estirada diante dele.

— Não, senhor — respondeu. — Não tenho. As minhas ideias acabaram de acabar.

7

Henry levou cinco minutos para caminhar até o abrigo. Sua perna ia também se enrijecendo no lugar rasgado pelo eixo das lanternas de sinalização, mas pensou que estava bem. Se conseguisse levar Pete e a mulher até o abrigo, e se a motoneve Arctic Cat na Hole in the Wall funcionasse, achava que ainda seria bem-sucedido. E, merda, era interessante, tinha isso. As luzes no céu...

O telhado de zinco corrugado do abrigo caíra de uma maneira perfeita: a frente, voltada para a estrada, era devassada, mas a parte de trás estava quase inteiramente fechada. E, sobressaindo-se na fina camada de neve que caíra dentro, despontava um pedaço de lona cinza e suja com uma cobertura de pó de serra e velhas lascas a ela aderidas.

— É isso aí — Henry exclamou e a agarrou. No início, permaneceu presa ao chão, mas, ao pressioná-la com as costas, a lona se desprendeu com um áspero som de rompimento que lembrava a mulher soltando gases.

Arrastando a lona atrás de si, caminhou de volta com dificuldade até onde Pete, a perna rija ainda estirada diante dele, sentava-se na neve ao lado da mulher caída de bruços.

8

Foi muito mais fácil do que Henry poderia ter esperado. De fato, depois que a colocaram sobre a lona, foi facílimo. Ela era pesadona, mas deslizava na neve como graxa. Para Henry, era uma alegria que não estivesse cinco graus mais quente; a neve grudenta teria mudado tudo de maneira significativa. E, claro, ajudava o fato de estarem numa reta.

A neve agora batia nos tornozelos e caía mais densamente do que antes, mas os flocos eram maiores. Está parando, diziam um para o outro em tom de desapontamento quando eram crianças, ao verem flocos assim.

— Ei, Henry? — Pete parecia arfar, mas não havia problema; o abrigo se achava logo à frente. Enquanto isso, Pete caminhava empertigado, arrastando a perna enrijecida, para impedir uma outra desarticulação do joelho.

— Quê?

— Tenho pensado muito no Duddits nesses últimos tempos... acha estranho?

— Sem animação — Henry respondeu de imediato, sem sequer pensar a respeito.

— É isso aí. — De algum modo, Pete soltou um riso nervoso. — Sem animação, sem diversão. Você acha mesmo estranho, não acha?

— Se for — Henry retrucou —, nós dois somos estranhos.

— Como assim?

— Eu também ando pensando no Duddits, e por um bom tempo. Pelo menos desde março. Jonesy e eu íamos lá vê-lo...

— Iam?

— É. Aí Jonesy sofreu aquele acidente...

— Aquele velho doido filho da puta não devia dirigir nunca mais — Pete disse com uma carranca. — Jonesy teve sorte de sair vivo.

— Você acertou — Henry disse. — O coração dele parou na ambulância. Os enfermeiros tiveram de aplicar choque elétrico.

Pete se deteve, os olhos arregalados.

— Puta merda! Foi ruim assim, é? Por um triz?

Ocorreu a Henry que acabara de cometer uma indiscrição.

— Pois é, mas não comente nada com ninguém. Carla me contou, mas acho que Jonesy não sabe disso. Eu nunca... — Agitou o braço de um modo vago, e Pete anuiu com a cabeça, entendendo perfeitamente. Eu nunca senti que ele soubesse, Henry queria dizer.

— Vou guardar segredo — disse Pete.

— É o melhor que pode fazer.

— E você não foi ver Duds.

Henry balançou a cabeça.

— Com toda a perturbação relacionada a Jonesy, me esqueci. Depois, era verão, e você sabe como são as coisas...

Pete concordou com a cabeça.

— Mas sabe de uma coisa? Eu estava pensando nele pouco tempo atrás. Lá no mercado do Gosselin.

— Por causa do garoto com a camiseta do Beavis e do Butt? — Pete perguntou. Suas palavras saíram em pequenas baforadas de vapor branco.

Henry concordou com a cabeça. "O garoto" poderia ter 12 ou 25 anos de idade; quando se trata da síndrome de Down, não há como saber. Era ruivo, andando a esmo pelo corredor central do pequeno mercado escuro ao lado de um homem que deveria ser seu pai — o mesmo casaco xadrez verde e preto de caçador, e, mais importante, o mesmo cabelo ruivo cor-de-cenoura, o do homem ralo o bastante para revelar o couro cabeludo, e ele lhes lançou um olhar, o tipo de olhar que diz: Não digam nada acerca do meu filho, a não ser que estejam procurando encrenca, e, naturalmente, nenhum deles disse qualquer coisa, tinham percorrido os cerca de 30 quilômetros da Hole in the Wall até lá atrás de cerveja, pão e salsichas, não de encrenca, e, além do mais, tinham conhecido Duddits no passado, de certo modo ainda conheciam Duddits — mandavam-lhe presentes de Natal e cartões de aniversário, de qualquer maneira Duddits que uma vez fora, do jeito que lhe era peculiar, um deles. O que Henry não podia confiar de fato a Pete era que pensara em Duds de vez em quando desde que se dera conta, havia uns 16 meses, de que pretendia tirar a própria vida e de que tudo o que fazia se tornara uma ação contrária a esse acontecimento ou uma preparação para ele. Às vezes até mesmo sonhava com Duddits e com o Beav dizendo: Deixe eu ajeitar isso, cara, e Duddits retrucando: Agiar ênis?

— Não há nada de errado no fato de pensar em Duddits, Pete — disse, enquanto puxava o trenó improvisado com a mulher em cima dele até o abrigo. Ele também arfava. — Duddits era como nós definíamos a nós mesmos. Ele foi o nosso melhor momento.

— Acha mesmo?

— Acho.

Henry arriou sobre a neve para recuperar a fôlego antes de passar para a coisa seguinte. Consultou o relógio. Quase meio-dia. Àquela altura, Jonesy e Beaver já não estariam mais pensando que a neve os detivera; teriam quase certeza de que algo ia mal. Talvez um deles esquentasse a motoneve (se funcionar, lembrou a si mesmo mais uma vez, se a porcaria funcionar). E saísse à procura deles. Isso simplificaria um bocado as coisas.

Olhou para a mulher deitada na lona. O cabelo caíra sobre um olho, ocultando-o; o outro olhava para Henry — e através dele — com uma indiferença gélida.

Henry acreditava que todas as crianças se viam diante de momentos de autodefinição no início da adolescência, e que as crianças em grupos estavam mais aptas a responder mais resolutamente do que as crianças solitárias. Com frequência se comportavam mal, reagindo às aflições com crueldade. Henry e seus amigos se comportaram bem, fosse qual fosse o motivo. No fim, não significava mais do que qualquer outra coisa, mas não

doía recordar, principalmente quando a alma da gente está escura, que uma vez a gente frustrou as disputas e se comportou com decência.

Henry disse para Pete o que ele ia fazer e o que Pete ia fazer, depois se levantou para começar a fazê-lo — queria todos eles em segurança atrás das paredes da Hole in the Wall antes que a luz abandonasse o dia. Um lugar limpo e bem-iluminado.

— Está bom — disse Pete, mas com um tom de nervosismo na voz. — Só espero que ela não morra em cima de mim. E que aquelas luzes não voltem. — Esticou o pescoço para olhar para o céu, onde agora havia apenas nuvens pendendo baixas e escuras. — O que eram, na sua opinião? Algum tipo de relâmpago?

— Ei, você é que é o especialista em espaço. — Henry aprumou o corpo. — Comece a recolher os gravetos... não precisa nem se levantar para fazer isso.

— Gravetos, não é?

— É — respondeu Henry, depois passou por cima da mulher deitada na lona e caminhou até a borda da floresta, onde havia uma quantidade suficiente de galhos espalhados na neve. Mais ou menos 14 quilômetros, essa era a caminhada que o aguardava. Mas primeiro acenderiam uma fogueira. Uma grande e confortante fogueira.

Capítulo Quatro

McCarthy Vai ao Banheiro

1

Jonesy e Beaver estavam sentados na cozinha, jogando cribbage, que eles chamavam apenas de "o jogo". Assim Lamar, pai de Beaver, sempre o chamara, como se fosse o único jogo. Para Lamar Clarendon, cuja vida girava em torno de sua firma de construção no centro do Maine, provavelmente era o único jogo, o mais popular nos acampamentos de derrubada de troncos, salas de espera ferroviárias e, claro, trailers em áreas em construção. Um tabuleiro com 120 buracos, quatro pinos e um velho e engordurado baralho de cartas; se a gente tivesse essas coisas, estava com tudo. O jogo é, em geral, jogado quando a gente espera alguma outra coisa — a chuva passar, uma encomenda chegar ou os amigos voltarem do armazém, para que a gente possa resolver o que fazer com o sujeito estranho agora deitado atrás da porta fechada do quarto.

Só que, Jonesy pensou, estamos realmente esperando Henry. Pete apenas está com ele. Henry é quem saberá o que fazer, Beaver tinha razão. Henry é a pessoa.

Mas Henry e Pete estavam demorando. Era muito cedo para dizer que algo acontecera com eles, podia ser apenas a neve retardando a chegada, mas Jonesy começava a perguntar a si mesmo se isso era tudo e imaginava que o Beav também começava. Nenhum deles falara qualquer coisa a respeito até então — ainda não era meio-dia e as coisas ainda poderiam terminar bem —, mas a ideia estava presente, flutuando tácita entre eles.

Por um tempo, Jonesy se concentrava no tabuleiro e nas cartas e depois lançava um olhar para a porta fechada do quarto atrás da qual McCarthy estava deitado, possivelmente dormindo, mas, puxa vida, a cor dele não era nada boa. Duas ou três vezes ele viu também os olhos do Beav movendo-se rapidamente para a mesma direção.

Jonesy embaralhou o velho Bikes, carteou, deu-se duas cartas, depois pôs de lado o descartado quando o Beav deslizou duas cartas para ele. Beaver cortou e depois as preliminares estavam concluídas; era a hora de marcar pontos com os pinos. Você pode marcar pontos com os pinos e mesmo assim perder o jogo, Lamar lhes dizia, o Chesterfield sempre se projetando do canto da boca, o boné da Clarendon Construction sempre inclinado sobre o olho esquerdo, como quem conhece um segredo que ele só contará se o preço for justo, Lamar Clarendon, um pai trabalhador que não

sabia o que era diversão, morto em consequência de um ataque cardíaco aos 48 anos, mas, se marcar pontos com os pinos, você nunca levará uma surra.

Sem diversão, Jonesy pensou. Sem emoção, sem diversão. E depois, seguindo de perto a voz indecisa e condenada naquele hospital: Pare, por favor, não suporto mais, me dê uma dose, onde está Marcy? E, ah, cara, por que o mundo é tão implacável? Por que há tantos raios de roda ávidos dos dedos da gente, tantas engrenagens ansiosas por agarrar as entranhas da gente?

— Jonesy?

— Hã?

— Você está bem?

— Estou, por quê?

— Você tremeu.

— Tremi? — Claro que sim, sabia que sim.

— Tremeu.

— Corrente de ar, talvez. Sente algum cheiro?

— Você quer dizer... igual ao dele?

— Eu não me referia aos sovacos da Meg Ryan. É, ele.

— Não — Beaver respondeu. — Pensei umas vezes... mas era só imaginação. Porque aqueles traques, você sabe...

— ... eram malcheirosos demais.

— É. Eram. Os arrotos também. Achei que ele ia botar toras para fora, cara. Pode crer.

Jonesy concordou com a cabeça. Estou com medo, pensou. Aqui sentado com um puta medo numa tempestade de neve. Quero Henry, droga. Aí é que está.

— Jonesy?

— Que é? A gente vai ou não vai jogar esta mão?

— Claro, mas... acha que Henry e Pete estão bem?

— Mas como é que eu posso saber?

— Você não tem... uma sensação? Talvez ver...

— O que eu vejo é só a sua cara.

Beaver suspirou.

— Mas acha que estão bem?

— Para falar a verdade, acho que estão. — No entanto, seus olhos se desviaram primeiro para o relógio, 11h30 agora, e depois para a porta fechada do quarto, com o McCarthy atrás dela. No meio da sala, o apanhador de sonhos dançava e lentamente girava a um sopro de ar. — Estão vindo devagar. Estão a caminho. Vamos, vamos jogar.

— Está bem. Oito.

— Quinze para dois.

— Merda. — Beaver pôs o palito na boca. — Vinte e cinco.

— Trinta.

— Vai.

— Um para dois.

— Que fofodagem! — Beaver soltou um risinho exasperado quando Jonesy virou a esquina da terceira quadra. — Você mete o pino no meu rabo toda vez que dá as cartas.

— Meto o pino no seu rabo quando você dá as cartas também — Jonesy retrucou. — A verdade dói. Vamos, jogue.

— Nove.

— Dezesseis.

— E um para a última carta — o Beav disse, como se tivesse conquistado uma vitória moral. Levantou-se. — Vou sair, mijar.

— Por quê? A gente tem um banheiro perfeitamente bom, caso não saiba disso.

— Eu sei. Só quero ver se consigo escrever o meu nome na neve.

Jonesy riu.

— Quando é que você vai crescer?

— Nunca, se puder. E fale baixo. Não me acorde o sujeito.

Jonesy juntou as cartas e começou a embaralhá-las enquanto Beaver caminhava na direção da porta dos fundos. Surpreendeu-se pensando numa versão do jogo que jogavam quando eram meninos. Apelidaram-na de o Jogo de Duddits e, em geral, jogavam na sala de recreação dos Cavell. Era igual ao cribbage normal, exceto que deixavam Duddits marcar os pontos com os pinos. Tenho dez , Henry dizia, marque dez para mim, Duddits. E Duddits, rindo aquele riso arqueado dele que sempre fez Jonesy se sentir feliz, marcava quatro, seis, dez ou mesmo duas dúzias. A regra do Jogo de Duddits era que ninguém podia se queixar, nunca dizer: Duddits, isso é muito, ou: Duddits, isso é pouco. E, puxa vida, como eles riam. O Sr. e a Sra. Cavell, eles também riam, se acontecia de estarem na sala, e Jonesy se lembrava de uma certa vez, quando deviam estar com 15, 16 anos, e Duddits, claro, estava com o que quer que estivesse, a idade do Duddits Cavell jamais mudaria, isso é o que era tão bonito e tão assustador em relação a ele, e nessa vez Alfie Cavell começou a chorar, dizendo: Meninos, se vocês soubessem o que isso significa para mim e para a minha patroa, se vocês soubessem o que isso significa para o Douglas...

— Jonesy. — A voz de Beaver, estranhamente monótona. O ar frio penetrou pela porta aberta da cozinha, arrepiando a pele dos braços de Jonesy.

— Fecha a porta, Beav, você nasceu numa geladeira?

— Vem cá. Você tem de ver isso.

Jonesy se levantou e foi até a porta. Abriu a boca para dizer algo, mas depois a fechou. O quintal estava repleto de animais, o suficiente para formar um zoológico doméstico. Cervos, na maioria, um punhado de gamos e corças variados. Andando com eles, porém, havia mãos-peladas, marmotas bamboleantes e um contingente de esquilos que pareciam se mover sem esforço no topo da neve espessa. Da quina da parede lateral do galpão onde ficavam guardados a Arctic Cat, vários tipos de ferramentas e peças de motor, surgiram três cães enormes que, de início, Jonesy achou que fossem lobos. Depois, quando viu o comprido e velho pedaço de corda

descolorida do varal pendendo em torno do pescoço de um deles, percebeu que eram cães, que provavelmente se tornaram silvestres. Todos caminhavam na direção leste, subindo a encosta, vindos da Ravina. Jonesy viu um par de gatos monteses grandes, andando entre dois pequenos grupos de cervos, e esfregou os olhos, como que para remover deles uma miragem. Os gatos ainda estavam lá. Também estavam os cervos, os mãos-peladas, as marmotas e os esquilos. Avançavam sem se deter, mal lançando um olhar para os dois homens à porta, mas sem o pânico das criaturas que fogem de um incêndio. Tampouco havia cheiro de fogo. Os animais estavam simplesmente indo em direção ao leste, partindo da região.

— Deus do céu, Beav — Jonesy disse com uma voz baixa pasma.

Beaver estava olhando para o céu. Lançou um olhar rápido e superficial para os animais e tornou a olhar para o céu.

— É. Agora olhe para cima.

Jonesy olhou e viu uma dúzia de luzes fulgurantes — umas vermelhas, outras branco-azuladas — dançando em ciranda no alto. Iluminavam as nuvens, e, de repente, ele compreendeu que eram o que McCarthy vira quando esteve perdido. As luzes corriam de um lado para outro, desviando-se umas das outras ou às vezes fundindo-se brevemente, produzindo uma luminescência tão brilhante que ele não conseguia ver sem semicerrar os olhos.

— O que será que são? — perguntou.

— Não sei — Beaver respondeu, sem afastar os olhos. No rosto pálido, a barba por fazer era realçada por uma claridade quase lúgubre. — Mas os animais não gostam. É daquilo que estão tentando fugir.

2

Observaram por dez, talvez 15 minutos, e Jonesy notou que havia um zumbido pouco intenso, como o som de um transformador elétrico. Jonesy perguntou para Beaver se o ouvia, e o Beav apenas anuiu com a cabeça, não afastando os olhos das luzes dançantes no céu, que, para Jonesy, pareciam ser do tamanho de um tampão de poço. Ocorreu-lhe que os animais queriam fugir do ruído, não das luzes, mas ficou calado. De repente pareceu difícil falar; sentiu um medo debilitante tomar conta dele, algo febril e constante, como uma gripe amena.

Finalmente, as luzes começaram a perder a intensidade e, embora Jonesy não tivesse visto nenhuma delas se apagar, parecia haver poucas delas. Poucos animais, também, e o irritante zumbido ia diminuindo.

Beaver se moveu de súbito, como quem desperta de um sono profundo.

— Câmara — disse. — Quero tirar umas fotos antes de elas

sumirem.

— Não acho que vai dar para...

— Tenho que tentar! — Beaver quase gritou. Depois, numa voz mais baixa: — Tenho que tentar. Pelo menos, posso tirar umas dos cervos e dos outros antes que eles... — Estava se voltando para entrar na cozinha, provavelmente procurando se lembrar embaixo de que pilha de roupas sujas deixara a batida câmara fotográfica, quando de repente se deteve. Com uma voz monótona e decerto nada típica de Beaver, disse: — Ah, Jonesy, acho que temos um problema.

Jonesy deu uma última olhada nas luzes que restavam, ainda desaparecendo gradualmente (menores, também), e se voltou. Beaver estava parado ao lado da pia, olhando para além do balcão, na direção da enorme sala.

— O que é? O que é agora? — A voz resmungante, rabugenta, com um leve tremor... era mesmo dele?

Beaver apontou com o dedo. A porta do quarto onde colocaram Rick McCarthy — o quarto de Jonesy — estava aberta. A porta do banheiro, que deixaram aberta para que McCarthy não se enganasse, em caso de precisão, agora estava fechada.

Beaver virou na direção de Jonesy o rosto com a barba por fazer, sombrio.

— Sente o cheiro?

Jonesy sentia, apesar do ar frio e fresco que entrava pela porta. Éter ou álcool etílico, sim, ainda havia esse odor, mas agora mesclado com alguma outra coisa. Fezes, sem dúvida. Algo que poderia ser sangue. E algo mais, algo como gás de mina preso por um milhão de anos e finalmente liberado. Em outras palavras, não o tipo de cheiro de traque do qual as crianças riem em excursões de acampamento. Aquilo era algo mais substancioso e muito mais terrível. Comparava-se a gases intestinais porque não havia outra coisa que se aproximasse. No fundo, pensou Jonesy, era o cheiro de algo contaminado e agonizante.

— E olhe lá.

Beaver apontou para o piso de madeira. Havia sangue, um rastro de gotas reluzentes que ia da porta aberta à porta fechada. Como se McCarthy tivesse saído correndo com uma hemorragia nasal.

Jonesy, porém, não achava que o nariz dele estivesse sangrando.

3

De todas as coisas na vida que ele não desejava fazer — telefonar para o irmão Mike e dizer que a mãe tinha morrido de ataque cardíaco; dizer para Carla que ela tinha de tomar alguma decisão com respeito à bebida e às receitas médicas todas, do contrário a deixaria; dizer para Big Lou, seu

supervisor de cabana no acampamento de Agawam, que ele tinha mijado na cama —, atravessar a enorme sala central da Hole in the Wall até a porta fechada do banheiro era a coisa mais difícil. Era como caminhar num pesadelo, onde a gente avança no mesmo passo onírico sem avançar num espaço subaquático, não importa a velocidade com que as pernas se movimentem.

Nos sonhos ruins, a gente nunca chega aonde está indo, mas os dois chegaram ao outro extremo da sala, de modo que Jonesy supôs que, afinal, não era um sonho. Detiveram-se e ficaram olhando os respingos de sangue. Não muito grandes, o maior deles do tamanho de uma moeda de dez centavos.

— Ele deve ter perdido outro dente — disse Jonesy, ainda sussurrando. — Acho que pode ser isso.

Beav olhou para ele, as sobrancelhas arqueadas. Depois foi até a porta do quarto e espiou dentro. Passado um instante, virou-se para Jonesy e curvou o dedo, num gesto de chamar. Jonesy foi até onde Beaver estava meio que caminhando de lado, para não perder de vista a porta fechada do banheiro.

No quarto, o cobertor fora jogado totalmente no soalho, como se McCarthy tivesse se levantado bruscamente, urgentemente. O molde de sua cabeça continuava impresso no centro do travesseiro, o molde do corpo ainda impresso no lençol. Também impressa no lençol, mais ou menos na metade inferior da cama, estava uma vasta mancha de sangue. Absorvido pelo tecido azul, o sangue parecia roxo.

— Lugar esquisito para se perder um dente — Beaver murmurou. Mordeu o palito na boca e metade da parte mordiscada da frente caiu ao limiar da porta. — Vai ver, esperava bem menos da Fada Fiofó.

Jonesy ficou calado. Apenas apontou para a esquerda da soleira da porta. Ali, num amontoado, estavam os fundilhos da malha de McCarthy e as ceroulas que usava por baixo dela. Ambas sujas de sangue. Mais sujas estavam as ceroulas; não fosse a cintura e a parte do tecido de algodão bem no alto na frente, dariam a impressão de que eram da cor vermelho-viva, o tipo de ceroulas que um fanático pelo Fórum da Penthouse vestiria, se tivesse a expectativa de fazer sexo ao final de um encontro.

— Vai dar uma olhada no penico — Beaver sussurrou.

— Por que a gente simplesmente não bate à porta do banheiro e pergunta se ele está bem?

— Porque eu quero saber que merda nos espera — respondeu Beaver, num sussurro veemente. Deu umas batidas no peito, depois cuspiu os restos do último palito. — Cara, o meu coração está desvairado.

O próprio coração de Jonesy estava disparando, e ele sentia o suor escorrer no rosto. Apesar disso, entrou no quarto. O ar frio e fresco que vinha da porta dos fundos arejara bastante a sala principal, mas a fedentina ali era viciada — fezes, gás de mina e éter. Jonesy sentiu o pouco de alimento que comera se revirar no estômago e desejou que lá ficasse. Aproximou-se do penico e, no início, não conseguiu olhar. Passou-lhe pela

cabeça uma meia dúzia de imagens saídas de filmes de horror do que ele poderia ver. Órgãos boiando numa sopa de sangue. Dentes. Uma cabeça decepada.

— Vai! — Beaver sussurrou.

Jonesy fechou os olhos bem fechados, curvou a cabeça, prendeu a respiração, depois tornou a abrir os olhos. Nada havia a não ser a porcelana limpa e reluzente no clarão lançado pela luz do teto. O penico estava vazio. Soltou a respiração num suspiro através dos dentes cerrados, em seguida caminhou até onde o Beav estava, evitando os respingos de sangue no soalho.

— Nada — disse. — Agora vamos, chega dessa punhetação.

Passaram pela porta fechada do armário de roupas e observaram a porta fechada de painéis de pinho que dava acesso ao banheiro. Beaver olhou para Jonesy, Jonesy fez que não com a cabeça.

— É a sua vez — sussurrou. — Eu dei uma espiada no penico.

— Você o localizou — Beaver sussurrou de volta. Sua queixada se fechou obstinadamente. — É a sua vez.

Agora Jonesy ouvia outra coisa — ouvia sem ouvir, propriamente, em parte porque o som era mais familiar, em grande parte porque estava tão impetuosamente concentrado em McCarthy, o homem que ele quase alvejou. Um som de uup, uup, uup, débil, mas que se tornava mais audível. Vindo dali.

— Bom, foda-se — Jonesy disse. Embora num tom de voz normal, falou alto o suficiente para sobressaltar um pouco os dois. Bateu à porta com os nós dos dedos. — Sr. McCarthy! Rick! Tudo bem aí?

Não vai responder, Jonesy pensou. Não vai responder porque está morto. Morto e sentado no trono, como Elvis.

Mas McCarthy não estava morto. Gemeu e disse:

— Estou um tanto enjoado, companheiros. Preciso movimentar os meus intestinos. Se conseguir movimentar os intestinos, eu vou... — Houve outro gemido, depois outro peido. Baixo, quase líquido. Jonesy fez uma careta ao ouvi-lo. — ... vou estar bem — McCarthy concluiu. Para Jonesy, o homem não soava bem de maneira alguma. Soava como se estivesse sem fôlego e com dores. Como que para salientar isso, McCarthy gemeu de novo, mais alto. Houve mais um dos sons de rompimento líquido, e então McCarthy gritou.

— McCarthy! — Beaver agarrou a maçaneta, mas esta não girou. McCarthy, o presentinho deles da floresta, trancara-a por dentro. — Rick! — Beav sacudiu a maçaneta ruidosamente. — Abra, cara! — Beaver procurava falar com despreocupação, como se tudo aquilo fosse uma grande brincadeira, uma travessura de quem acampa, o que o fez soar ainda mais amedrontado.

— Tudo bem comigo — McCarthy respondeu. Ofegava agora. — Eu só... companheiros, eu só preciso abrir um pequeno espaço. — Soou o som de mais flatulência. Era ridículo pensar no que eles ouviam como "soltar gás" ou "emitir ventosidade", expressões aéreas, leves como merengue. Os

sons que vinham do outro lado da porta fechada eram brutais e substanciosos, como rasgar a carne.

— McCarthy! — Jonesy exclamou. Bateu à porta com os nós dos dedos. — Deixe a gente entrar! — Mas queria ele entrar? Não queria. Queria que McCarthy tivesse continuado perdido ou tivesse sido encontrado por outra pessoa. Pior, a amígdala na base de seu cérebro, aquele réptil não arrependido, queria, para começar, que ele tivesse atirado em McCarthy. — Não complique, seu tonto — como diziam no programa dos Narcomaníacos Anônimos de Carla. — McCarthy!

— Vai embora! — McCarthy respondeu com débil veemência. — Não dá para ir embora e deixar um sujeito... deixar um sujeito fazer um cocozinho? Caramba!

Uup-uup-uup: agora mais alto e mais abafado.

— Rick! — Era o Beav, agora. Conservando o tom de despreocupação com uma espécie de desespero, como um alpinista em apuros, agarrando-se à corda. — Onde é que está sangrando, companheiro?

— Sangrando? — McCarthy pareceu sinceramente surpreso. — Não estou sangrando.

Jonesy e Beaver se entreolharam, pasmos.

UUP-UUP-UUP!

O som por fim chamara toda a atenção de Jonesy, e ele sentiu um grande alívio.

— É um helicóptero — disse. — Aposto que estão procurando por ele.

— Acha? — Beaver estampou a expressão de quem ouve algo bom demais para ser verdadeiro.

— Acho. — Jonesy supôs que o pessoal do helicóptero estivesse perseguindo as luzes no céu ou procurando entender qual era o objetivo dos animais, mas não queria pensar nessas coisas, não se interessava muito por essas coisas. O que o interessava era tirar Rick McCarthy do vaso sanitário, tirá-lo de suas próprias mãos e mandá-lo para um hospital, em Machias ou em Derry. — Vá lá para fora e acene para que desçam.

— E se...

UUP! UUP! UUP! E, do outro lado da porta, soaram outros sons líquidos e retorcidos, seguidos de um outro grito de McCarthy:

— Saia daí! — Jonesy berrou. — Acene para aqueles bostas descerem! Pouco me importa se você vai ter que abaixar a calça e dançar o hootchie-koo, simplesmente faça-os pousar!

— Está bem... — Beaver se voltou para sair. Deteve-se bruscamente e gritou.

Uma porção de coisas que Jonesy tinha afastado do pensamento com sucesso de repente saltou do fundo escuro da cabeça e saiu correndo à luz, saltitando e olhando de esguelha. Quando girou o corpo, porém, tudo o que viu foi uma corça parada na cozinha com a cabeça estendida sobre o balcão, examinando-os com os meigos olhos castanhos. Jonesy, arfando, respirou fundo e se encostou contra a parede.

— Em casa de marimbondo não entra mosca — Beaver falou num

sussurro. Depois, avançou na direção da corça, batendo as palmas das mãos. — Xô, Mabel! Não sabe que época do ano é esta? Vai! Ponha um ovo no sapato e se mande! Faça como uma ameba e se parta!

A corça permaneceu onde estava por um momento, os olhos se arregalando numa expressão de susto quase humana. Em seguida, fez meia-volta, a cabeça raspando de leve na fileira de panelas, conchas e tenazes penduradas acima do fogão. Os objetos se chocaram com estridência e alguns se desprenderam dos ganchos, aumentando o retintim. E então saiu pela porta, a cauda pequena e branca abanando.

Beaver seguiu atrás, detendo-se por um tempo suficiente para ver com olhos perturbados os montes de excremento no linóleo.

4

A migração mista de animais agora consistia sobretudo em extraviados. A corça que Beav enxotara da cozinha saltou sobre uma raposa manca que, aparentemente, perdera uma pata numa armadilha e depois desapareceu na floresta. Logo em seguida, de cima das nuvens que pendiam baixas, não muito além do galpão onde a motoneve estava guardada, surgiu um helicóptero pesadão do tamanho de um ônibus urbano. Era marrom, com as letras GNA impressas na lateral branca.

Gna?, Beaver pensou. Que diabo é Gna? Então se deu conta: Guarda Nacional Aérea, provavelmente de Bangor.

O helicóptero mergulhou, o focinho pesando. Beaver saiu para o quintal, agitando os braços acima da cabeça.

— Ei! — gritou. — Ei! Uma ajudazinha! Uma ajudazinha aqui, caras!

O helicóptero baixou até ficar a não muito mais do que 200 metros do chão, próximo o suficiente para levantar num ciclone a neve recém-caída. Depois avançou na direção dele, carregando consigo o ciclone de neve.

— Ei! Tem um sujeito ferido aqui! Um sujeito ferido! — Pulando sem parar agora, como um daqueles bootscooters ridículos na Nashville Network, sentindo-se um pateta, mas mesmo assim pulando. O helicóptero deslizou na direção dele, baixo, mas não descendo mais, não dando qualquer sinal de que pousaria de fato, e uma ideia horrenda se apossou dele. Beav não sabia se era algo que estava captando dos sujeitos no helicóptero ou se era apenas paranoia. Só tinha certeza de que sentiu, de repente, algo preso ao círculo central de um alvo numa barraca de tiro ao alvo: acerte Beaver e ganhe um despertador.

A porta lateral do helicóptero se abriu. Um homem que segurava um megafone e usava a parca mais volumosa que Beaver vira na vida se dirigiu a ele inclinando o corpo para fora. A parca e o megafone não incomodavam Beav. O que o incomodava era a máscara de oxigênio que o sujeito tinha

sobre a boca e o nariz. Nunca ouvira falar que pilotos precisam de máscaras de oxigênio a uma altitude de 200 metros. Não, melhor dizendo, se o ar que respiram é bom.

O homem de parca falou através do megafone, as palavras ressoando altas e claras em meio ao uup-uup-uup dos rotores do helicóptero, mas soando estranhas, de qualquer maneira, em parte devido à amplificação, em grande parte, Beaver pensou, devido à máscara. Era como se algum estranho deus-robô se dirigisse a ele.

— QUANTOS SÃO VOCÊS? — a voz divina indagou. — MOSTRE COM OS DEDOS.

Beaver, confuso e assustado, a princípio pensou apenas em si mesmo e em Jonesy; Henry e Pete não tinham voltado do armazém, afinal. Ergueu dois dedos, como quem faz o sinal da paz.

— FIQUEM ONDE ESTÃO! — o homem que se inclinava para fora do helicóptero ribombou com a voz de deus-robô. — ESTA ÁREA ESTÁ SOB QUARENTENA TEMPORÁRIA! REPETINDO, ESTA ÁREA ESTÁ SOB QUARENTENA TEMPORÁRIA! NÃO SAIAM DA ÁREA!

A precipitação de neve diminuía, mas o vento se intensificou e soprou uma camada de neve que foi sugada pelas pás do helicóptero e lançada contra o rosto de Beaver. Ele estreitou os olhos, protegendo-se, e agitou os braços. A neve gélida entrou pela boca, ele cuspiu o palito para evitar engoli-lo também (assim ele morreria, a mãe sempre previra, engolindo um palito e se engasgando) e gritou:

— O que quer dizer com quarentena? Tem um sujeito doente aqui, desça para pegá-lo!

Sabia que não conseguiam ouvi-lo no meio daquele ruidoso uup-uup-uup das pás do rotor, ele não tinha uma droga de megafone para ampliar a voz, mas continuou a gritar. E, quando as palavras sujeito doente passaram através dos lábios, percebeu que mostrara para o sujeito do helicóptero o número de dedos errado — eram três, não dois. Começou a mostrar esse número de dedos, depois se lembrou de Henry e Pete. Não estavam ali ainda, mas, a menos que algo tivesse acontecido, estariam — então, quantos eram eles? Dois era a resposta errada, mas três era a certa? Ou era cinco? Como, em geral, fazia em situações como essa, Beaver se viu com um bloqueio mental. Quando acontecia na escola, havia Henry sentado a seu lado ou Jonesy sentado atrás para lhe darem as respostas. Ali não havia ninguém para ajudá-lo, apenas aquele enorme uup-uup-uup castigando-lhe os ouvidos e aqueles remoinhos de neve entrando pela garganta abaixo até os pulmões, fazendo-o tossir.

— FIQUEM ONDE ESTÃO! ESTA SITUAÇÃO SERÁ RESOLVIDA EM 24 OU 48 HORAS! SE PRECISAM DE MANTIMENTO, CRUZEM OS BRAÇOS SOBRE A CABEÇA!

— Estamos em maior número! — Beaver berrou para o homem que se inclinava para fora do helicóptero. Berrou tão alto que estrelas vermelhas dançaram na frente dos olhos. — Tem um sujeito ferido aqui!... Nós... temos... UM SUJEITO FERIDO!

O idiota no helicóptero jogou o megafone de volta dentro da cabina atrás dele, depois desenhou no ar para Beaver um círculo com o polegar e o indicador, como se dissesse: Legal! Entendi! Beaver teria pulado de frustração. Em vez disso, ergueu uma das mãos aberta acima da cabeça — cada dedo para si e para os amigos, mais o dedão para McCarthy. O homem no helicóptero entendeu e sorriu. Por um momento realmente maravilhoso, Beaver achou que se comunicara com o babaca de máscara. Depois o babaca respondeu ao que ele pensou ser um aceno de Beaver, disse algo para o piloto atrás dele, e o helicóptero da GNA começou a subir. Beaver Clarendon continuou parado, congelado com os remoinhos de neve e a gritar.

— Somos cinco e precisamos de ajuda! Somos cinco e precisamos de uma porra de AJUDA!

O helicóptero desapareceu de novo nas nuvens.

5

Jonesy escutou parte disso — sem dúvida, escutara a voz ampliada do helicóptero Thunderbolt —, mas registrara muito pouco. Estava preocupado demais com McCarthy, que começara a emitir uma série de gritos breves e ofegantes, depois silenciara. O fedor que vinha pela fresta embaixo da porta era cada vez mais forte.

— McCarthy! — gritou, enquanto Beaver voltava. — Abra esta porta ou vou pô-la abaixo!

— Me deixe em paz! — McCarthy respondeu gritando, com uma voz fraca e enfurecida. — Tenho de cagar, só isso, TENHO DE CAGAR! Se conseguir, vou estar bem!

Uma conversa assim franca, vinda de um homem que parecia considerar puxa vida e ah não uma linguagem forte, assustou Jonesy mais ainda do que o lençol e as roupas de baixo ensanguentados. Voltou-se para Beaver, mal notando que Beaver estava polvilhado de neve e lembrava um boneco de neve.

— Vem, me ajude a derrubar a porta. A gente tem que tentar ajudar o sujeito.

Beaver parecia assustado e apreensivo. A neve se derretia no rosto.

— Não sei. O sujeito no helicóptero falou de quarentena... e se ele estiver infectado ou coisa assim? E se aquela marca vermelha na cara dele...

Apesar de seus próprios sentimentos pouco generosos em relação a McCarthy, Jonesy sentiu vontade de meter a mão no velho amigo. Em março passado, ele mesmo, Jonesy, ficara deitado sangrando numa rua de Cambridge. Imagine que as pessoas tivessem se recusado a tocá-lo porque poderia ter AIDS. Tivessem se recusado a ajudá-lo. Simplesmente o

largassem lá, sangrando, porque não havia luvas de borracha à mão?

— Beav, a gente chegou bem perto da cara dele... se tiver alguma coisa realmente infecciosa, provavelmente já a pegamos. Então, o que me diz?

Por um momento, Beaver nada disse. Então, Jonesy sentiu o clique na cabeça. Por apenas um instante viu o Beaver com quem ele cresceu, um garoto que vestia uma surrada jaqueta de motoqueiro e gritara: Ei, vocês aí, caras, caiam fora! Vê se caem FORA!, e sabia que tudo acabaria bem.

Beaver se aproximou.

— Ei, Rick, que tal abrir a porta? A gente só quer ajudar.

Nenhuma resposta veio do outro lado da porta. Nenhum grito, nenhuma respiração, nada mais além do som de tecido em movimento. Os únicos sons eram o zumbido regular do gerador e o uup enfraquecido do helicóptero.

— Está bem — disse Beaver, depois se irritou. — Vamos arrombar essa porra.

Recuaram juntos e viraram o ombro na direção da porta, em parte cientes de que imitavam os policiais de quase uma centena de filmes.

— Até três — disse Jonesy.

— A sua perna vai aguentar isso, cara?

Na verdade, a perna e o quadril de Jonesy doíam muito, embora ele não o tivesse notado antes de Beaver mencioná-lo.

— Estou bem — respondeu.

— É, e o meu rabo é o rei do mundo.

— Até três. Preparado? — E, quando Beaver fez que sim com a cabeça: — Um... dois... três.

Avançaram correndo juntos e juntos golpearam a porta, quase 200 quilos de força em dois ombros inclinados. A porta cedeu com uma facilidade tão absurda que os fez cair, cambaleando e agarrando-se um ao outro, dentro do banheiro. Os pés escorregaram no sangue que cobria os ladrilhos.

— Ah, merda! — exclamou Beaver. Sua mão direita tocou a boca, que ao menos dessa vez estava sem palito, e a tampou. Acima da mão, os olhos estavam arregalados e úmidos. — Ah, merda, cara... merda.

Jonesy não conseguiu dizer uma só palavra.

Capítulo Cinco

Duddits, Primeira Parte

1

– Dona — disse Pete.

A mulher de casaco de baeta não respondeu. Permaneceu deitada na lona coberta de serragem e nada disse. Pete via um olho olhando fixamente para ele, ou através dele, ou para o centro gelatinoso do universo, quem saberia. Horripilante. A fogueira crepitava entre eles, agora começando realmente a pegar e irradiar algum calor. Fazia cerca de 15 minutos que Henry se fora. Não retornaria em menos de três horas, Pete calculou, três horas no mínimo, um longo tempo para passar sob o horripilante olho de chacal da mulher.

— Dona — disse de novo. — Está me ouvindo?

Nada. Mas uma vez, antes, ela bocejara, e ele percebera que faltava metade de seus dentes. Que diabo estava acontecendo com ela? E ele queria de fato saber? A resposta, Pete descobrira, era sim e não. Estava curioso — supunha que era inevitável ser curioso —, mas ao mesmo tempo não queria saber. Não quem era ela, não quem era Rick ou o que acontecera com ele, e não quem seriam "eles". Voltaram!, a mulher gritara quando viu as luzes no céu, Voltaram!

— Dona — disse pela terceira vez.

Nada.

Ela dissera que Rick era o único que havia sobrado, e depois dissera Voltaram!, provavelmente referindo-se aos clarões no céu, e desde então não havia outra coisa a não ser os desagradáveis arrotos e peidos... o único bocejo, expondo todos os dentes que faltavam... e o olho. O horripilante olho de chacal. Fazia apenas 15 minutos que Henry se fora — partira cinco minutos depois do meio-dia e, no relógio de Pete, agora eram 12h20 — e parecia já 13h30. Seria uma droga de um longo dia, e, se tinha de vencê-lo sem se desesperar (pensava o tempo todo numa história que tiveram de ler na 8ª série, não se lembrava do autor, apenas de que o sujeito na história matara um velho simplesmente porque não suportava os olhos do velho, e, na época, Pete não conseguiu entender, mas agora o entendia, sinsenhor), precisava de alguma coisa.

— Dona, está me ouvindo?

Nada. Apenas o horripilante olho de chacal.

— Tenho de voltar até o carro porque esqueci uma coisa. Mas vai estar tudo bem com a senhora. Não vai?

Nenhuma resposta — e então ela soltou outro daqueles prolongados peidos com o zumbido de uma serra circular, o rosto franzindo-se enquanto o fazia, como se a machucasse... e provavelmente a machucava, algo que soava desse jeito tinha mesmo de machucar. Ainda que Pete tivesse tido o cuidado de se posicionar de face para o vento, um pouco do odor chegou até ele — quente e malcheiroso, mas de algum modo não humano. Tampouco cheirava a peido de vaca. Ele trabalhara para Lionel Sylvester quando menino, ordenhara um sem-número de vacas, e às vezes elas soltavam gases enquanto estava sentado no banquinho, sem dúvida — um forte cheiro esverdeado, um cheiro de pântano. Esse não era assim, de jeito nenhum. Era como... bom, como quando a gente é criança, ganha o primeiro estojo de química e, depois de algum tempo, se cansa dos pequenos experimentos enfadonhos que constam no folheto, se excita um bocado e mistura toda aquela porcaria junta, só para ver se vai explodir. E, constatou, isso era parte do que o atormentava, parte do que o deixava nervoso. Só que isso era uma tolice. As pessoas simplesmente não explodem, explodem? No entanto, precisava ajudar a si mesmo. Porque ela seria um pé no saco, um trabalhão.

Pegou dois dos pedaços de lenha que Henry recolhera, colocou-os na fogueira, remexeu e acrescentou um terceiro. Centelhas ascenderam, remoinhando e, tremeluzindo, se apagaram contra a folha de zinco inclinada.

— Volto antes de a lenha queimar, mas se quiser pôr mais, fique à vontade. Está bem?

Nada. Sentiu, de súbito, ganas de sacudi-la, mas, como tinha de caminhar 3 quilômetros até o Scout e retornar ao abrigo, era melhor poupar energia. Além disso, a mulher provavelmente tornaria a peidar. Ou arrotar bem na cara dele.

— Está bem — disse. — Quem cala consente, isso é o que a Sra. White costumava dizer na 4ª série.

Levantou-se, agarrando o joelho ao fazê-lo, careteando e escorregando, quase caindo, mas por fim pondo-se de pé, porque precisava daquela cerveja, puxa vida, como precisava, e não havia ninguém para buscá-la a não ser ele. Talvez fosse alcoólatra. Na verdade, não era uma questão de talvez, e ele imaginava que, algum dia, teria de tomar uma decisão a respeito, mas por enquanto estava sozinho, não é mesmo? Sim, porque aquela vaca estava ausente, nada restara dela a não ser um gás repulsivo e o horripilante olho de chacal. Se precisasse de mais lenha na fogueira, ela que a colocasse, mas não precisaria, pois ele estaria de volta bem antes de a fogueira se extinguir. Eram apenas 3 quilômetros. Sem dúvida, a perna aguentaria essa distância.

— Eu volto — disse. Curvou-se e massageou o joelho. Rijo, mas não tão ruim. Realmente, não tão ruim. Apenas colocaria a cerveja na sacola, talvez uma caixa de biscoitos Hi Ho para a vaca, já que ele estaria lá e retornaria em seguida. — Tem certeza que está bem?

Nada. Só o olho.

— Quem cala consente — repetiu, e começou a caminhar de volta à

Deep Cut Road, seguindo o largo rastro da lona que fora arrastada e as pegadas quase cobertas pela neve. Andava em pequenos pulos, fazendo uma pausa para descansar a cada dez ou 12 passos... e para massagear o joelho. Parou uma vez para olhar para trás, na direção da fogueira. Já parecia pequena e sem substância no cinzento princípio da tarde. — Isso é doideira — disse uma vez, mas continuou caminhando.

2

Chegou ao fim da trilha reta sem problemas, e meia colina acima sem problemas. Tinha começado a andar um pouquinho mais depressa, fiando-se no joelho, quando — ah-ah, bobão, te peguei no pulo, sim — o joelho travou, transformando-se em algo que ele sentia como ferro-gusa, e ele caiu, gritando palavrões espremidos entre os dentes cerrados.

Foi enquanto ficou xingando na neve que se deu conta de que algo bastante estranho estava ocorrendo. Um enorme gamo passou por ele à esquerda, com não mais do que um rápido relance para o ser humano, do qual teria fugido em grandes saltos ágeis em qualquer outro dia. Correndo quase junto de seus pés estava um esquilo vermelho.

Pete permaneceu sentado embaixo da neve que amainava — enormes flocos caíam numa ondulação irregular, como uma renda —, a perna esticada diante dele e a boca aberta. Mais cervos vinham vindo pela estrada, outros animais também, caminhando e saltando como refugiados que fugiam de algum desastre. Havia muitos deles mais na floresta, uma leva movendo-se para leste.

— Para onde é que vocês estão indo? — perguntou para um coelho a galope que ia passando por ele com as orelhas baixas ao longo do dorso. — Um importante jogo geral na reserva? Teste para fazer parte do elenco de um novo desenho animado do Disney? Tenho um...

Interrompeu-se, a saliva na boca secando e tornando-se algo que tinha o sabor de uma névoa elétrica. Um urso-negro, volumoso com a cobertura de pré-hibernação, andava a furta-passo através da tela de arbustos pouco numerosos à esquerda. Ia de cabeça baixa, as ancas sacudindo-se de um lado para o outro, e, embora não tivesse lançado para Pete mais do que um olhar superficial, as ilusões de Pete acerca de seu lugar ali nas vastas florestas do norte foram, pela primeira vez, inteiramente destruídas. Não era mais do que um punhado de carne branca saborosa que acontecia de ainda estar respirando. Sem a espingarda, estava mais indefeso do que o esquilo que vira correr apressadamente junto às patas do gamo — se visto pelo urso, o esquilo poderia ao menos subir na árvore mais próxima, até os galhos mais finos e mais altos onde urso algum jamais subiria. O fato de que aquele urso mal lhe lançou um breve olhar não fez Pete se sentir melhor. Onde havia um, haveria outros, e o

próximo talvez não estivesse tão absorto.

Quando se certificou de que o urso tinha se ido, Pete se esforçou para se pôr de pé novamente, o coração palpitando. Deixara a mulher tola e peidorrenta sozinha, mas, na verdade, até que ponto poderia oferecer proteção se um urso resolvesse atacar? O fato é que tinha de pegar sua espingarda. A de Henry também, se conseguisse carregá-la. Nos cinco minutos que se seguiram — até chegar ao alto da colina —, Pete pensou primeiro em potência de fogo e depois em cerveja. Quando começou a cautelosa descida no outro lado, porém, pensou primeiro na cerveja. Colocá-la na sacola e pendurar a sacola no ombro. E não parar no caminho de volta para tomar uma. Beberia quando estivesse de novo sentado na frente da fogueira. Seria uma cerveja de recompensa, e não havia nada melhor do que uma cerveja de recompensa.

Você é um alcoólatra. Sabe disso, não sabe? Um porra de um alcoólatra.

Sim, e o que significava isso? Que não podia ficar de porre. Não podia ser flagrado deixando uma mulher semicomatosa sozinha na floresta, por exemplo, enquanto ia em busca da loirinha. E, assim que voltasse ao abrigo, teria de lembrar-se de jogar as garrafas vazias bem no fundo da floresta. Apesar de que Henry saberia de qualquer maneira. Da maneira como eles sempre sabem das coisas a respeito de um e de outro quando estão reunidos. E, com ou sem vínculo mental, teria de acordar bem cedinho e enganar Henry Devlin.

No entanto, Pete achava que Henry provavelmente não o incomodaria acerca da cerveja. A menos, quer dizer, que Pete resolvesse que chegara a hora de falar sobre isso. Talvez pedir ajuda a Henry. O que Pete poderia fazer, antes que fosse tarde. Decerto não gostava do que sentia em relação a si mesmo naquele exato momento; deixar a mulher sozinha revelava algo não muito agradável a respeito de Peter Moore. Mas Henry... havia algo errado com Henry também, naquele mês de novembro. Pete não sabia se Beaver o sentia, mas tinha certeza de que Jonesy o sentia. Henry estava confuso. Talvez estivesse até mesmo...

Atrás dele soou um grunhido úmido. Pete emitiu um grito e se voltou. O joelho travou de novo, travou com ferocidade, mas, tomado de pavor, ele nem sequer o notou. Era o urso, o urso dera a volta por trás dele, aquele ou outro urso...

Não, não era um urso. Era um alce americano, que passou por Pete mal lhe lançando um olhar quando ele caiu de novo na estrada, xingando em voz gutural baixa e agarrando a perna, olhando para a neve que baixava com leveza e se amaldiçoando por ser um tolo. Um tolo alcoólatra.

Experimentou alguns momentos de pavor quando pareceu que dessa vez o joelho não destravaria... alguma coisa no joelho se torcera, e ele ficaria ali no meio do êxodo dos animais até que Henry finalmente retornasse com a motoneve, e Henry diria: Mas o que é que está fazendo aqui? Por que deixou a mulher sozinha? Bem que eu sabia.

Mas, por fim, foi capaz de se levantar. O que conseguiu foi andar

mancando de lado, mas isso era melhor do que ficar deitado na neve a uns 2 metros de um monte de excremento fumegante que o alce acabara de depositar. Agora podia vislumbrar o Scout capotado, as rodas e o chassi cobertos de neve recém-caída. Disse a si mesmo que, se a última queda tivesse ocorrido no outro lado da colina, teria voltado até onde a mulher e a fogueira estavam, mas agora, com o Scout realmente à vista, era melhor prosseguir. Que as armas eram seu principal objetivo, as garrafas de Bud apenas uma atração adicional. E quase acreditou nisso. Quanto a voltar... bem, ele de algum modo voltaria. Tinha chegado até ali, não tinha?

A uns 50 metros do Scout, escutou um uup-uup-uup que se aproximava com rapidez — o inconfundível som de um helicóptero. Ergueu os braços para o céu com ansiedade, preparando-se para se manter a prumo o suficiente para acenar — Deus, se alguém precisava de alguma ajuda caída do céu, esse alguém era ele —, mas o helicóptero não desceu exatamente além do teto mínimo. Por um momento, viu uma forma escura atravessando as nuvens quase bem acima dele, o brilho turvo de suas luzes também — e depois o som do helicóptero seguiu para o leste, a direção para a qual os animais estavam correndo. Assombrou-se ao sentir uma terrível sensação de alívio espreitando atrás de seu desapontamento: se o helicóptero tivesse pousado, jamais teria tido acesso à cerveja e percorrera toda essa distância, toda essa porcaria de distância.

3

Cinco minutos depois, estava de joelhos e se insinuando cautelosamente para dentro do Scout capotado. Logo se certificou de que o joelho contundido não o sustentaria por muito tempo mais (notou o inchaço através da calça, agora como um grande e doloroso pãozinho), e mais ou menos nadou para dentro do interior forrado de neve. Não gostou nem um pouco; todos os odores pareciam muito fortes, todas as dimensões muito próximas. Era quase como engatinhar num túmulo, um que cheirava a água-de-colônia de Henry.

Os mantimentos estavam espalhados na traseira, mas Pete lançou um olhar superficial para o pão, os enlatados, a mostarda e o pacote de salsichas (salsichas eram a única carne que o velho Gosselin estocava). Seu interesse mesmo era a cerveja, e, aparentemente, apenas uma garrafa se quebrara quando o Scout emborcou e ficou de rodas para cima. Sorte de bebedor. O cheiro era forte — claro, a que ele estava bebendo também fora derramada —, mas gostava do cheiro de cerveja. A água-de-colônia de Henry, por outro lado... credo, Deus do céu. De certa maneira, era tão desagradável quanto o cheiro dos gases da maluca. Mas não entendia por que o cheiro da água-de-colônia o fazia pensar em caixões, sepulturas e flores fúnebres, mas o fazia.

— Por que usar água-de-colônia na floresta, de qualquer maneira, meu bom camarada? — perguntou, as palavras saindo em pequeninas baforadas de vapor branco. E a resposta, claro, era que Henry não a usara, o cheiro não estava presente, na verdade, apenas o cheiro da cerveja. Pela primeira vez depois de tanto tempo, Pete se viu pensando na bela vendedora de imóveis que perdera as chaves em frente à farmácia de Bridgton e em como sabia que ela não o encontraria para jantar, não queria estar nem 30 quilômetros perto dele. Estava mesmo cheirando a uma água-de-colônia inexistente? Não sabia. Sabia apenas que não gostava do jeito que o cheiro se misturava na cabeça com a ideia de morte.

Deixe para lá, seu banana. Está pondo medo em você mesmo, só isso. Há uma enorme diferença entre realmente ver a linha e apenas pôr medo em você. Deixe para lá e faça o que veio fazer aqui.

— Puta ideia — exclamou Pete.

As sacolas do armazém eram de plástico, não de papel, providas de alças; o velho Gosselin pelo menos chegara a esse estágio de evolução. Pete pegou uma e, ao fazê-lo, sentiu correr uma dor entre o centro da palma e o polegar da mão direita. Apenas uma droga de garrafa quebrada e, claro, cortou-se justo com ela, e um corte profundo, a julgar pela sensação. Talvez fosse sua punição por ter abandonado a mulher. Nesse caso, encararia o incidente como um homem e levaria em conta o perdão.

Recolheu oito garrafas, começou a se mover para sair do Scout e então tornou a pensar. Cambaleara o caminho inteiro até ali para uma miséria de oito garrafas?

— Acho que não — resmungou, e então pegou as outras sete, dando-se tempo para ajeitar todas elas, apesar da sensação desagradável que o Scout despertava. Enfim, saiu engatinhando de costas, afastando a ideia aterrorizante de que algo pequeno, mas com dentes grandes, iria atacá-lo a qualquer momento, arrancando um bom pedaço dos testículos. A Punição de Pete, Parte 2.

Não se apavorou, exatamente, mas saiu serpeando bem mais depressa do que entrara, e o joelho travou de novo no momento mesmo em que deixou o veículo de corpo inteiro. Tombou rolando de costas, choramingando, olhando para a neve que caía — a última neve agora baixando em enormes flocos volumosos, tão rendilhada quanto a melhor roupa de baixo de uma mulher — e massageando o joelho, pedindo-lhe que se curasse, agora, benzinho, anda, coração, vê se funciona, seu bosta. E justo na hora em que começava a achar que dessa vez não funcionaria, funcionou. Chiou entre os dentes, sentou-se e olhou para a sacola com os dizeres OBRIGADO PELA PREFERÊNCIA, impressos em vermelho.

— Onde mais eu poderia comprar, seu velho imbecil? — perguntou. Decidiu que se permitiria, afinal, tomar uma cerveja antes de retornar à mulher. Claro, porra, aliviaria a carga.

Pete fisgou uma garrafa, girou a tampa e entornou a primeira metade goela abaixo em quatro goles grandes. Estava gelada, e a neve em que se sentava, mais gelada ainda, mas mesmo assim a sensação era

melhor. Essa era a mágica da cerveja. A magia do uísque, da vodca e do gim também. Quando se tratava de bebida alcoólica, porém, fechava com Tom T. Hall: gostava de cerveja.

Olhando para a sacola, pensou de novo na pessoa ruiva no armazém — o sorriso arreganhado envolto em mistério, os olhos achinesados que originalmente justificaram o termo com que essas pessoas eram denominadas, mongoloides, como na expressão "retardado mongoloide". Isso o levou, mais uma vez, a Duddits. Douglas Cavell, se a gente quiser usar de formalidade. O motivo pelo qual Duds lhe ocorria com tanta frequência ultimamente Pete não era capaz de dizer, mas lhe ocorria, e Pete fez uma promessa a si mesmo: quando aquilo acabasse, daria uma parada em Derry para visitar o velho Duddits. Convenceria os outros a irem junto e, por algum motivo, não achava que teria de se esforçar muitíssimo para convencê-los. Duddits era, provavelmente, a razão pela qual ainda eram amigos depois de tantos anos. Caramba, os garotos, na maioria, quase nunca pensam nos amigos de universidade ou colégio, quanto mais naqueles de quem se tornaram íntimos no ginásio... o que agora se conhecia como intermediário, embora Pete não duvidasse de que era a mesma selva melancólica de insegurança, confusão, sovacos fedidos, coqueluches e ideias simplórias. Não conheceram Duddits na escola, claro, porque Duddits não frequentou a Derry Junior School. Duds entrou para a Mary M. Snowe School, para excepcionais, que as crianças da redondeza conheciam como Academia dos Retardados ou, às vezes, apenas como Escola dos Bobos. No curso normal dos acontecimentos, seus caminhos jamais teriam se cruzado, mas havia o terreno de uma propriedade na Kansas Street, e o prédio de tijolos abandonado que fazia parte dele. De frente para a rua, ainda se lia IRMÃOS TRACKER TRANSPORTE POR NAVIO E CAMINHÃO E ARMAZENAGEM, em letras brancas desbotadas, pintadas no velho tijolo vermelho. E, no outro lado, no enorme vão onde os caminhões costumavam chegar de ré para descarregar... uma outra coisa estava escrita lá.

Agora, sentado na neve, mas já não mais sentindo-a se derreter e converter numa pasta suja embaixo do traseiro, bebendo a segunda cerveja sem nem mesmo estar ciente de tê-la aberto (a primeira garrafa vazia ele a atirara dentro da mata, onde ainda via os animais dirigindo-se para o leste), Pete se lembrou do dia em que eles conheceram Duds. Lembrava-se da ridícula jaqueta de Beaver que o Beav tanto adorava, e da voz de Beaver, fina, porém de algum modo forte, anunciando o fim de uma coisa e o início de uma outra coisa, anunciando de uma maneira incompreensível, mas perfeitamente real e reconhecível, que o curso de suas vidas havia mudado numa tarde de terça-feira quando tudo o que eles estavam planejando era um basquete dois contra dois na entrada de automóvel da casa de Jonesy e depois, talvez, um jogo de Parcheesi na frente da tevê; agora, sentado ali na floresta, ao lado do Scout capotado, ainda sentindo o cheiro da água-de-colônia que Henry não passara, bebendo o feliz veneno de sua vida com uma das mãos dentro de uma luva manchada de sangue, o vendedor de carros se lembrava do garoto que não tinha exatamente abandonado o

sonho de ser astronauta, apesar dos problemas cada vez maiores que enfrentava com a matemática (Jonesy o ajudara, e depois Henry o ajudara, e depois, na 10ª série, já não podia ser ajudado), e se lembrava dos outros garotos também, sobretudo do Beav, que virara o mundo de ponta-cabeça com um grito estridente, com a voz que tinha começado a engrossar: Ei, vocês, caras, caiam fora! Vê se caem FORA!

— Beaver — Pete disse, e fez um brinde à tarde escura, sentado com as costas apoiadas contra o capô do Scout emborcado. — Você foi sensacional, cara. — Mas não foram sensacionais todos eles?

Não foram sensacionais todos eles?

4

Porque está na 8ª série e a última aula do dia é de música, no térreo, Pete sai sempre antes dos três melhores amigos, que sempre terminam o dia no segundo andar, Jonesy e Henry em Ficção Norte-Americana, que é uma aula de Literatura para garotos inteligentes, e Beaver, na sala ao lado, em Matemática para a Vida, que é, na verdade, Matemática para Meninos e Meninas Estúpidos. Pete está se esforçando muito para não ter de assistir a essa aula no ano seguinte, mas acha que é uma luta que no fim perderá. Sabe somar, subtrair, multiplicar e dividir; sabe fazer frações, também, embora lhe exijam mais tempo. Mas agora há algo novo, agora há o xis. Pete não entende o xis e tem medo dele.

Fica parado na frente do portão, perto da cerca de arame com elos em cadeia, enquanto o resto dos alunos da 8ª série e os alunos com cara de bunda de nenê da 7ª série passam gritando, fica parado ali chutando os sapatos e simulando fumar, uma das mãos em concha sobre a boca e a outra disfarçada embaixo dela — a mão disfarçada é a que segura o hipotético cigarro escondido.

E agora saem os alunos da 9ª série, vindos do segundo andar, e andando entre eles, como se pertencessem à realeza — como reis não coroados, quase, embora Pete jamais dissesse em voz alta uma coisa assim tão banal —, estão seus amigos Jonesy, Beaver e Henry. E, se há um rei dos reis, é Henry, que todas as meninas adoram, mesmo usando óculos. Pete tem a sorte de ter amigos assim, e sabe disso — é provavelmente o aluno mais sortudo da 8ª série em Derry, com xis ou sem xis. O fato de ter amigos da 9ª série que impedem que os malvados da 8ª série batam nele é o mínimo que se pode dizer a respeito.

— Ei, Pete! — Henry diz, quando os três saem descontraídos, passando pelo portão. Como sempre, Henry parece surpreso por vê-lo ali, mas absolutamente encantado. — O que anda fazendo, cara?

— Pouca coisa — Pete responde, como sempre. — E você?

— SSDD — Henry responde, tirando os óculos e limpando as lentes.

Se tivessem um clube, SSDD provavelmente seria o lema; mais tarde até mesmo ensinarão Duddits a dizê-lo; em dudditsês, saía és sim és, dedê, e é uma das poucas coisas que Duddits diz que seus pais não conseguem entender. Isso, claro, alegrará Pete e os amigos.

Agora, no entanto, com Duddits ainda a meia hora no futuro deles, Pete apenas repete o que disse Henry:

— É, cara, SSDD.

A mesma merda, um outro dia. Só que, no fundo do coração, os garotos apenas acreditam na primeira metade, porque, no fundo do coração, acreditam que é o mesmo dia, dia após dia. É Derry, é 1978, e sempre será 1978. Dizem que haverá um futuro, que viverão para ver o século XXI — Henry será advogado, Jonesy será escritor, Beaver será motorista de caminhão de longas distâncias, Pete será astronauta com um distintivo da NASA no ombro —, mas isso é apenas o que eles dizem, enquanto rezam o creio-em-deus-pai na igreja sem qualquer ideia real do que sai da boca; estão interessados mesmo é na saia da Maureen Chessman, que, para começar, é curta e sobe um bocado mais nas coxas quando ela anda e se mexe. Acreditam, no fundo do coração, que um dia a saia da Maureen subirá o suficiente para poderem ver a cor das calcinhas, e acreditam igualmente que Derry será para sempre e assim serão eles. Será sempre curso secundário, e 15h15 estarão sempre andando juntos pela Kansas Street para ir jogar basquetebol na entrada de carros da casa de Jonesy (Pete tem também um aro na entrada de carro da casa dele, mas preferem o de Jonesy, porque o pai dele o colocou baixo o suficiente para que eles consigam fazer a cesta num mergulho), conversando a respeito das mesmas velhas coisas; aulas e professores e qual garoto entrou no pipi-papão com qual garoto, ou qual garoto vai entrar no pipi-papão com qual garoto, se fulano paparia ou não beltrano se entrassem no pipi-papão (só que jamais conseguirão, porque fulano e beltrano são apertados), quem fez alguma coisa indecente nos últimos tempos (a predileção deles até agora este ano tem a ver com um aluno da 7ª série chamado Norm Parmeleau, agora conhecido como Macaroni Parmeleau, um apelido que o perseguirá durante anos, até mesmo no novo século do qual esses garotos falam, mas no qual, no fundo do coração, não acreditam; um dia, no restaurante de autosserviço, para ganhar uma aposta de 50 centavos, Norm Parmeleau entupiu para valer as duas narinas com macarrão e queijo, depois os devolveu como ranho e os engoliu; Macaroni Parmeleau, que, a exemplo de muitos garotos do secundário, confundiu fama com má fama), quem está saindo com quem (se uma garota e um garoto são vistos indo para casa juntos depois da escola, presume-se que estão provavelmente saindo um com o outro; se são vistos de mãos dadas ou soprando um beijinho no rosto, é certeza), quem vai vencer o Super Bowl (os merdas dos Patriots, merdas dos Patriots de Boston, só que nunca vencem, ter de torcer para os Patriots é que é mesmo um risco de pipi-papão). Todos esses tópicos são os mesmos e, no entanto, infinitamente fascinantes, enquanto caminham saídos da mesma escola (Creio em Deus pai todo-poderoso) pela mesma

rua (criador do céu e da Terra), sob o mesmo céu de outubro eternamente branco (na vida eterna), com os mesmos amigos (amém). A mesma merda, o mesmo dia, essa é a verdade no fundo do coração deles, e nisso discordam de K. C. and the Sunshine Band, apesar de que todos eles dirão a você RR-DL (o roque está rolando, disco é lixo): é assim que gostam. A mudança lhes ocorrerá de repente e sem aviso, como sempre ocorre com crianças dessa idade; se a mudança precisasse pedir permissão para os colegiais, deixaria de existir.

Hoje também têm a caçada como assunto, porque, no mês que vem, o Sr. Clarendon irá levá-los pela primeira vez até a Hole in the Wall. Vão passar três dias, dois deles dias de aula (não é complicado obter permissão da escola para essa viagem, e não há necessidade alguma de mentir acerca do propósito da viagem; o sul do Maine pode ter ficado urbanizado, mas ali, na terra de Deus, a caça ainda é considerada parte da educação de uma pessoa jovem, principalmente se a pessoa jovem for um garoto). A ideia de se embrenharem na floresta com espingardas carregadas enquanto seus colegas estão de volta à velha e querida DJHS, só passando o tempo na ociosidade, parece-lhes inacreditavelmente, deliciosamente fantástica, e passam pela Academia dos Retardados no outro lado da rua sem nem sequer olhar para ela. Os retardados saem na mesma hora que os garotos da Derry Junior High, mas muitos deles vão para casa com as mães no ônibus especial para retardados, que é azul, não amarelo, e cujo para-choque tem supostamente um adesivo que diz: APOIE A SAÚDE MENTAL OU TE MATO. Enquanto Henry, Beaver, Jonesy e Pete passam pela Mary M. Snowe na calçada do outro lado da rua, alguns retardados com alto desempenho mental, e que por isso têm permissão para voltar para casa sozinhos, ainda estão andando a esmo, esbugalhando os olhos entre si com uma estranha expressão de eterno assombro. Pete e seus amigos os veem sem vê-los, como sempre. São apenas parte do papel de parede do mundo.

Henry, Jonesy e Pete escutam atentamente o Beav, que está lhes contando que, quando chegarem à Hole in the Wall, terão de descer na Ravina, porque lá é que os grandes sempre vão, há moitas lá embaixo de que eles gostam.

— Eu e o meu pai vimos mais ou menos um bilhão de cervos lá — diz. Os zíperes da velha jaqueta de motoqueiro tilintam agradavelmente.

Discutem quem caçará o maior cervo e onde fica o melhor lugar para atirar em um, de modo que possam derrubá-lo com um tiro só, sem causar sofrimento. ("Só que o meu pai diz que os animais não sofrem como as pessoas quando são feridos", explica Jonesy. "Ele diz que Deus os fez diferentes assim para a gente poder caçar sem problema.") Riem, discutem e argumentam quem mais provavelmente devolveria o almoço quando chegasse a hora de estripar a caça, e a Academia dos Retardados vai ficando mais e mais para trás. À frente deles, na calçada em que estão, agiganta-se o prédio quadrado de tijolos vermelhos onde os irmãos Tracker tinham o negócio.

— Se alguém vomitar, não vai ser eu — Beaver se vangloria. — Vi

tripas de cervos milhares de vezes, e não me incomodam nem um pouco. Me lembro de uma vez...

— Ei, vocês — Jonesy interrompe, de súbito, tomado de excitação. — Não querem ver a bocetinha da Tina Jean Schlossinger?

— Quem é Tina Jean Sloppinger? — Pete pergunta, mas já intrigado. Ver qualquer bocetinha lhe parece uma tremenda ideia; está sempre folheando as revistas Penthouse e Playboy, que o pai guarda na oficina, atrás da enorme caixa de ferramentas Craftsman. Bocetinha é muito interessante. Não lhe dá tesão nem o faz se sentir sensual como os peitos nus, mas ele acha que é porque ainda é garoto.

E bocetinha é interessante.

— Schlossinger — corrige Jonesy, rindo. — Schlossinger, Petesky. A família Schlossinger mora a dois quarteirões da minha casa e... — Para de repente, surpreendido por uma importante pergunta para a qual tem de obter logo uma resposta. Volta-se para Henry: — Os Schlossinger são judeus ou republicanos?

Agora é Henry quem ri de Jonesy, mas sem qualquer malícia.

— Tecnicamente, acho que é possível ser ambos ao mesmo tempo... ou nem um, nem outro. — Henry pronuncia nem um, nem outro, não neinhum, nein outro, o que impressiona Pete. O filho da mãe soa muito fino, e lembra a si mesmo que pronunciará dessa forma de agora em diante... nem um, nem outro, nem um, nem outro, nem um, nem outro, repete para si mesmo... mas sabe que, de algum modo, esquecerá, que é uma dessas pessoas condenadas a pronunciar neinhum, nein outro a vida toda.

— Deixe para lá a religião e a política — diz Henry, ainda rindo. — Se você tiver uma foto da Tina Jean Schlossinger mostrando a bocetinha dela, eu quero ver.

O Beav, enquanto isso, fica visivelmente excitado — as bochechas afogueadas, os olhos brilhantes, e enfia um outro palito de dente na boca antes mesmo de terminar metade do palito que está mastigando. Os zíperes da jaqueta, a que o irmão mais velho de Beaver usou durante os quatro ou cinco anos de adoração do Fonzie, tilintam mais depressa.

— Ela é loira? — o Beav pergunta. — Loira e no secundário? Superbonita? Tem... — Estende as mãos na frente do peito e, quando Jonesy faz que sim com a cabeça, Beaver se volta para Pete e deixa escapar: — É a volta da rainha na festa do início do ano letivo, meu cu-doce! A foto dela saiu na porra do jornal! Vai topar aquela aposta no Richie Grenadeau?

— É, só que os bostas dos Tigers perderam o jogo da festa anual, e o Grenadeau acabou com um nariz quebrado — Henry diz. — É a primeira vez que o time da Derry High joga contra um time de primeira do sul do Maine e aqueles idiotas...

— Os Tigers que se fodam — Pete intervém. Tem mais interesse no futebol da escola do que no temido xis, mas não muito. De qualquer maneira, agora tem uma ideia da garota, lembra-se da foto dela no jornal, posando em pé junto de um canteiro de flores todo decorado num caminhão de polpa ao lado do zagueiro do Tigers, os dois usando coroas de papel

dourado, sorrindo e acenando para a multidão. O cabelo da garota caía em volta do rosto em enormes ondas flutuantes feito Farrah Fawcett, e ela trajava um vestido sem alças, que mostrava a parte de cima dos seios.

Pela primeira vez na vida, Pete sente de verdade um desejo ardente — é uma sensação carnal, vermelha e intensa, que endurece o pau, seca a saliva na boca e dificulta pensar. Bocetinha é interessante; a ideia de ver uma bocetinha local, bocetinha da Rainha da Festa Anual... isso é bem mais do que excitante. Ou, como às vezes diz a crítica de cinema do News de Derry a respeito dos filmes de que gosta em especial, "não deixe de ver".

— Onde? — Pete pergunta a Jonesy, sem fôlego. Está imaginando essa garota, a tal Tina Jean Schlossinger, parada na esquina esperando o ônibus da escola, paradinha lá, rindo com as amigas, sem a menor ideia de que o garoto que passa por ela viu o que há embaixo da saia ou da calça de brim dela, sabe se os pelos da bocetinha são da mesma cor do cabelo da cabeça. Pete está exaltado. — Onde é?

— Lá — Jonesy responde, e aponta para o prédio quadrado de tijolos vermelhos que é o velho depósito e armazém de carga dos irmãos Tracker. Heras tomam conta das paredes das laterais, mas nesse outono fez bastante frio e as folhas, na maioria, já morreram e se tornaram negras. Algumas janelas estão quebradas e outras, embaciadas. Olhar para o lugar arranca de Pete um leve arrepio. Em parte porque os garotos maiores, os garotos do colégio, e mesmo alguns das séries mais avançadas, jogam beisebol no terreno baldio atrás do prédio, e marmanjos gostam de bater em garotinhos, sabe-se lá por quê, quebra a rotina ou coisa assim. Mas esse não é o grande problema, porque agora o beisebol desse ano acabou, e os marmanjos provavelmente se transferiram para Strawford Park, onde vão jogar futebol de toque até a neve cair. (Assim que a neve cair, vão arrebentar a cabeça uns dos outros jogando hóquei com velhos bastões protegidos com fita isolante.) Não, o grande problema é que os garotos às vezes desaparecem em Derry, Derry é assim engraçada, e, quando desaparecem, são, em geral, vistos pela última vez em lugares abandonados como o depósito dos irmãos Tracker. Ninguém fala desse fato desagradável, mas todo mundo sabe a respeito.

No entanto, uma bocetinha... não uma bocetinha fictícia da Penthouse, mas o regalo real de uma garota real da cidade... essa aí merece ser vista, sim. Essa será um pipi-papão.

— Os irmãos Tracker? — Henry diz com franca descrença. Pararam de andar e agora estão agrupados não muito longe do prédio, enquanto o último dos retardados passa gemendo e arregalando os olhos na calçada do outro lado da rua. — Tenho você em alta conta, Jonesy, não me leve a mal... altíssima... mas por que haveria uma foto da bocetinha da Tina Jean lá dentro?

— Não sei — Jonesy retrucou —, mas o Davey Trask viu e disse que era ela.

— Não sei não, isso de entrar lá, cara — diz Beaver. — Quero dizer, eu adoraria ver a bocetinha da Tina Jean Slophanger...

— Schlossinger...

— ... mas esse lugar está vazio pelo menos desde que a gente estava na 5ª série...

— Beav...

— ... e aposto que está cheio de ratos.

— Beav...

Mas Beav pretende dizer tudo o que tem a dizer.

— Ratos têm rábia — diz. — Pegam rábia pelo velho rabo.

— A gente não precisa entrar — diz Jonesy, e os três olham para ele com um interesse renovado. Esta é, como disse o sujeito quando viu a sueca de cabelo preto, uma nórdica de cor diferente.

Jonesy percebe que recebe toda a atenção deles, anui com a cabeça, prossegue.

— O Davey diz que tudo o que vocês têm a fazer é dar a volta pelo lado da entrada de veículos e olhar na terceira ou na quarta janela. Costumava ser o escritório do Phil e do Tony Tracker. Ainda há um quadro de avisos na parede. E o Davey diz que as únicas duas coisas no quadro de avisos são um mapa da Nova Inglaterra, que mostra todas as rotas de caminhões, e um retrato da Tina Jean Schlossinger, que mostra toda a bocetinha dela.

Olham para ele com um interesse ofegante, e Pete faz a pergunta que ocorrera a todos eles:

— Ela é peituda?

— Não — Jonesy confessa. — O Davey diz que nem dá para ver as tetas dela, mas está segurando a saia no alto e não está de calcinhas, e a gente vê, clara como o dia.

Pete está desapontado que a rainha da festa anual do Tigers não seja uma bunduda peituda, mas o detalhe de que está segurando a saia no alto inflama todos eles, alimentando uma noção primal, semissecreta, de como o sexo realmente funciona. Uma garota pode levantar a saia, afinal; qualquer uma pode.

Não há mais dúvidas, até mesmo Henry não pergunta mais nada. Só o Beav pergunta a Jonesy se ele tem mesmo certeza de que eles não precisam entrar lá para ver. E eles já estão indo na direção da calçada que dá a volta no prédio, atravessando o terreno vazio, com a força de uma maré de primavera em seu movimento quase irracional.

5

Pete terminou a segunda cerveja e lançou a garrafa no fundo da floresta. Sentindo-se melhor agora, levantou-se cautelosamente e limpou a neve do traseiro. Seu joelho estava um tanto desarticulado? Achou que talvez estivesse. Tinha uma aparência terrível, claro — parecia que tinha debaixo

da calça um pequeno modelo do Metrodome de Minnesota —, mas a sensação era de que estava melhor. No entanto, andou com cuidado, balançando a sacola de plástico com a cerveja em curtos arcos ao lado do corpo. Agora que a voz fraca mas poderosa que insistia para que tomasse uma cerveja, tome, caramba, silenciou, pensou na mulher com uma nova preocupação, esperando que ela não tivesse notado que ele partira. Andaria devagar, pararia para massagear o joelho a cada cinco minutos mais ou menos (e talvez conversar com ele, incentivá-lo, uma ideia maluca, mas estava naquele lugar sozinho e isso não faria mal), e retornaria à mulher. Depois tomaria outra cerveja. Não se voltou para olhar para o Scout capotado, não viu que tinha escrito DUDDITS na neve, várias vezes, enquanto pensava naquele dia de 1978.

Henry apenas acabara de perguntar por que a foto da garota Schlossinger estaria lá no escritório vazio de um depósito para embarque de carga, e Pete pensou que Henry perguntara simplesmente porque tinha que desempenhar seu papel de Cético do Grupo. Sem dúvida, perguntara apenas uma vez; quanto aos demais, simplesmente acreditaram, e por que não? Aos 13 anos de idade, Pete ainda tinha passado a metade da vida acreditando em Papai Noel. Além do mais...

Pete se deteve perto do cume da grande colina, não porque lhe faltasse fôlego ou porque a perna estivesse com cãibras, mas porque de repente sentiu um baixo zumbido na cabeça, parecido com um transformador elétrico, só que com uma característica cíclica, um baixo tum-tum-tum. E, não, não foi "de repente" como em "de repente começou"; tinha a impressão de que o som vinha sendo produzido havia algum tempo, e ele apenas se tornara ciente dele. E ele começara a pensar em coisas esquisitas. Aquela coisa sobre a água-de-colônia de Henry, por exemplo... e Marcy. Uma pessoa chamada Marcy. Não achava que conhecesse alguém com o nome de Marcy, mas o nome lhe ocorreu de repente, como Marcy, preciso de você, ou Marcy, quero você, ou, talvez, Depressa, Marcy, traga-me o gasogênio.

Ficou onde parou, lambendo os lábios secos, a sacola de cerveja agora pendendo reta na mão, o movimento pendular imobilizado. Olhou para o céu, de súbito certo de que as luzes estariam lá... e estavam lá, apenas duas delas, porém, e muito fracas.

— Diga para a Marcy fazer com que eles me deem um tiro — disse Pete, enunciando cada palavra cuidadosamente na imobilidade, e sabia que eram as palavras exatamente certas. Certas por que ou certas como, ele não sabia dizer, mas, sim, aquelas eram as palavras em sua cabeça. Teria sido o clique ou teriam sido as luzes que desencadearam esses pensamentos? Pete não tinha certeza.

— Talvez nem um nem outro — disse.

Pete percebeu que a neve parara de cair. O mundo em redor tinha apenas três cores: o cinza-escuro do céu, o verde-escuro dos pinheiros e o perfeito e imaculado branco da neve recente. E o silêncio.

Pete inclinou a cabeça para um lado primeiro e depois para o outro,

escutando. Sim, silêncio. Nada. Som nenhum no mundo, e o zumbido cessara completamente como a neve. Quando olhou para o alto, viu que aquele pálido e sedoso brilho das luzes também havia desaparecido.

— Marcy? — disse, como se chamasse alguém. Ocorreu-lhe que Marcy poderia ser o nome da mulher que causara a desgraça deles, mas afastou essa ideia. O nome daquela mulher era Becky, sabia disso com a mesma certeza com que soubera o nome da vendedora de imóveis naquela vez. Marcy era apenas uma palavra agora, e nada significava para ele. Provavelmente ele só tivera uma cãibra cerebral. Não seria a primeira.

Terminou de subir a colina e começou a descer pelo outro lado, os pensamentos retornando ao dia de outono de 1978, o dia em que conheceu Duddits.

Estava quase de volta ao local onde a estrada se tornava reta, quando o joelho abruptamente cedeu, não se travando, dessa vez, mas parecendo explodir como um nó de lenha de pinho na fogueira ardente.

Pete se curvou e caiu na neve. Não ouviu as garrafas de Bud se quebrarem dentro da sacola — só restaram duas. Estava gritando alto demais.

Capítulo Seis

Duddits, Segunda Parte

1

Henry caminhava a passos rápidos na direção do acampamento, mas, à medida que a neve se reduzia a lufadas isoladas e o vento amainava, acelerou a marcha num compasso quase tão regular quanto o de um relógio. Como praticara o jogging durante anos, o ritmo era bastante natural. Talvez tivesse de parar um pouco, andar normalmente ou mesmo descansar, mas duvidava que fosse necessário. Correra nas ruas distâncias mais longas do que 10 quilômetros, embora não nos últimos dois anos e nunca com uns 10 centímetros de neve debaixo dos pés. No entanto, preocupar-se com o quê? Cair e fraturar o quadril? Talvez sofrer um ataque cardíaco? Aos 37 anos de idade, um ataque do coração parecia improvável, mas, mesmo que fosse um forte candidato a um, preocupar-se com isso seria ridículo, não seria? Levando em conta o que ele planejava? Então, por que se preocupar?

Jonesy e Beaver, aí estava o porquê. À primeira vista, isso parecia tão ridículo quanto se preocupar com a possibilidade de sofrer uma parada cardíaca catastrófica ali naquele fim de mundo — o problema estava atrás dele, com Pete e aquela estranha, a mulher semicomatosa, não à frente, na Hole in the Wall... só que havia um problema na Hole in the Wall, um problema grave. Não sabia como o sabia, mas, sim, sabia, e não o ignorava. Mesmo antes de ter começado a ver os animais, todos passando na carreira e nenhum deles lançando-lhe mais do que um olhar superficial, sabia disso.

Umas duas vezes olhou para o céu, à procura de mais luzes, mas não as viu e, depois disso, apenas olhou para a frente, às vezes tendo de fazer um zigue ou um zague para se desviar dos animais. Não fugiam em debandada, exatamente, mas nos olhos deles havia um aspecto estranho, sinistro, que Henry jamais vira. Num determinado momento, tivera de saltar com grande agilidade para não ser atropelado por um par de raposas apressadas.

Mais 10 quilômetros, disse para si mesmo. Tornou-se o mantra do jogging, diferente dos que, em geral, lhe passavam pela cabeça quando corria (poemas infantis rimados eram os mais comuns), mas não tão diferente — a mesma ideia, na verdade. Mais 10 quilômetros, mais 10 quilômetros até Banbury Cross. Não havia Banbury Cross, porém, apenas a velha cabana do Sr. Clarendon — a cabana de Beaver, agora — e nenhum

cavalo-de-pau que o transportasse até lá. Mas o que era um cavalo-de-pau, de qualquer maneira? Quem o saberia? E o que, em nome de Deus, estava acontecendo ali — as luzes, a debandada em câmara lenta dos animais (Deus do céu, o que era aquilo na floresta à sua esquerda, um merda de um urso?), a mulher na estrada, lá sentada sem a maior parte dos dentes e do cérebro? E aqueles traques, Deus do céu. Lembrava-se apenas, ainda que remotamente, que aquele cheiro era o hálito de um antigo paciente seu, um esquizofrênico com câncer no intestino. Sempre aquele cheiro, um amigo médico de doenças internas disse para Henry ao tentar descrevê-lo. Podem escovar os dentes uma dezena de vezes por dia, bochechar a boca com Lavoris a cada hora, mas o cheiro ainda assim persiste. É o cheiro do corpo que corrói a si mesmo; porque é isso o câncer, quando a gente tira as máscaras do diagnóstico: autocanibalismo.

Mais 10 quilômetros, e todos os animais estão correndo, todos os animais se dirigem para a Disneylândia. E, quando lá chegarem, vão entrar na fila da conga e cantar: "Afinal de contas, é um mundo pequeno."

O baque surdo e contínuo das botas na neve. A sensação dos óculos subindo e descendo na ponte do nariz. A respiração saindo em balões de vapor frio. Mas ele se sentia mais quente agora, era uma sensação boa, as endorfinas atuando. O que quer que estivesse errado com ele, não tinha a ver com a falta de endorfinas; era suicida, mas de modo algum distímico.

Não duvidava que pelo menos alguns de seus problemas — o vazio físico e emocional que era como uma brancura quase absoluta numa nevasca que oblitera tudo — eram físicos, hormonais. Tampouco duvidava que o problema poderia ser controlado, se não inteiramente corrigido, com pílulas que ele mesmo receitava aos montes... Mas, assim como Pete, que sem dúvida sabia que havia uma reabilitação e anos de encontros do AA em seu futuro mais plausível, Henry não queria ser ajustado, estava de algum modo convencido de que o ajuste seria uma mentira, algo que o diminuiria.

Perguntou a si mesmo se Pete teria voltado ao carro para buscar as garrafas de cerveja e sabia que a resposta seria, provavelmente, sim. Se tivesse pensado nisso, Henry teria sugerido levá-las ele mesmo, tornando essa arriscada jornada de volta (arriscada para a mulher e para o próprio Pete) desnecessária, mas ele se apavorara — e a cerveja nem sequer lhe passou pela cabeça.

Apostava que passara pela de Pete, porém. Será que Pete conseguiria fazer a viagem de ida e volta com aquele joelho lesado? Capaz que sim, mas nisso Henry não apostaria.

Voltaram!, a mulher gritara, olhando para o céu. Voltaram! Voltaram!

Henry abaixou a cabeça e acelerou o ritmo.

Mais 10 quilômetros, mais 10 até Banbury Cross. Faltavam mesmo 10 ou estava sendo otimista? Dando às velhas endorfinas liberdade demais? Bom, e daí, se desse? Àquela altura, um pouco de otimismo não faria mal. A neve havia quase parado de cair, e a onda de animais diminuíra, e isso também era bom. Não tão bons eram os pensamentos que lhe ocupavam a cabeça, alguns dos quais pareciam cada vez mais não pertencer a ele. Becky, por exemplo, quem era Becky? O nome começara a ressoar na cabeça, tornara-se uma outra parte do mantra. Supôs que fosse a mulher que por pouco não atropelara. De quem é essa menina? Becky, ora, eu sou a Becky, eu sou a Becky Shue bonitinha.

Só que não era bonitinha, de modo algum. Uma mamã atarracada e malcheirosa, isso é que o era, e agora aos cuidados menos do que confiáveis de Pete Moore.

Dez. Dez. Mais 10 quilômetros até Banbury Cross.

Correndo firmemente — o mais firmemente possível, por causa dos pés — e ouvindo vozes estranhas na cabeça. Mas apenas uma delas era de fato estranha, e esta não era de modo algum uma voz, mas uma espécie de zunido com uma batida rítmica

(de quem é a menina, de quem é a menina, Becky Shue bonitinha)

inerente a ela. O resto eram vozes que ele conhecia, ou vozes que seus amigos conheciam. Uma era a voz da qual Jonesy lhe falara, uma voz que ele ouvira depois de seu acidente e se associara a suas dores: Pare, por favor, não suporto mais, me dê uma dose, onde está Marcy.

Ouviu a voz de Beaver: Vai dar uma espiada no penico.

Jonesy, retrucando: Por que a gente simplesmente não bate à porta do banheiro e pergunta se ele está bem?

A voz de um estranho dizendo que, se conseguisse ao menos defecar, ele estaria bem...

... só que não se tratava de um estranho, tratava-se de Rick, Rick, amigo da Becky bonitinha. Rick o quê? McCarthy? McKinley? McKeen? Não tinha certeza, mas estava mais para McCarthy, como Kevin McCarthy naquele antigo filme de horror sobre as plantas leguminosas, vindas do espaço que assumem a aparência de seres humanos. Um dos favoritos de Jonesy. Faça ele tomar umas e mencione esse filme que Jonesy logo responde com um diálogo-chave: "Chegaram! Chegaram!"

A mulher, olhando para o céu e gritando: Voltaram, voltaram!

Deus do céu, nada disso acontecia desde que eram meninos, mas agora era pior, como captar uma linha de força com vozes em lugar de eletricidade.

Todos aqueles pacientes, ao longo de anos, queixando-se das vozes que escutavam na cabeça. E Henry, o grande psiquiatra (o Jovem Senhor Deus, como um paciente no hospital público o chamava no início de sua prática), concordara com a cabeça, como se soubesse do que estavam falando. Tinha de fato acreditado que sabia do que estavam falando. Mas talvez só agora realmente soubesse.

Vozes. Ouvindo-as com tanta concentração, não notou o uup-uup-uup

do helicóptero passando no alto, uma escura e veloz forma de tubarão mal obscurecida pelos bojos das nuvens. Depois, as vozes começaram a diminuir, como fazem os sinais de rádio em lugares remotos quando amanhece e a atmosfera se adensa mais uma vez. Finalmente, havia apenas a voz de seus próprios pensamentos, insistindo em que algo terrível havia acontecido ou estava prestes a acontecer na Hole in the Wall; que algo igualmente terrível estava prestes a acontecer onde o Scout se encontrava, ou no abrigo dos lenhadores.

Mais 8 quilômetros. Mais 8 quilômetros.

Num esforço para parar de pensar no amigo que ficou para trás e nos amigos que estavam à frente, ou no que estaria acontecendo com eles, deixou a mente ir para onde sabia que a mente de Pete já havia ido: para 1978, para os Irmãos Tracker, para Duddits. O que Duddits Cavell tinha a ver com todo esse fodaréu, Henry não entendia, mas todos vinham pensando nele, e Henry nem precisava da antiga conexão mental para saber disso. Pete mencionara Duds enquanto arrastavam a mulher até o abrigo dos lenhadores no pedaço de lona, Beaver estivera falando de Duddits ainda o outro dia, quando Henry e o Beav tinham estado juntos na floresta — o dia em que Henry seguiu um cervo de perto, deve ter sido. O Beav lembrando-se de que num determinado ano os quatro levaram o presente de Natal para Duddits em Bangor. Foi logo depois que Jonesy obteve a carteira de motorista; naquele inverno, Jonesy dava carona para qualquer um, para qualquer lugar. O Beav morrendo de rir do Duddits, que ficou todo preocupado porque o Papai Noel não era de verdade, e os quatro — na época, os grandões estranhos do colégio, achando que tinham o mundo nas mãos — esforçando-se para convencer de novo o Duddits de que o Papai Noel era de verdade, era real mesmo. O que, claro, conseguiram. E Jonesy tinha telefonado de Brookline para Henry exatamente naquele mês, embriagado (a embriaguez era mais rara para Jonesy, principalmente desde o acidente, do que para Pete, e fora o único telefonema sentimental que Henry jamais recebeu do amigo), dizendo que nunca tinha feito nada na vida que fosse tão bom, tão sincero e tão simples, tão legal para caralho, quanto o que eles fizeram pelo pobre Duddits Cavell em 1978. Aquele foi o nosso melhor momento, Jonesy disse ao telefone, e, com uma desagradável surpresa, Henry se deu conta de que dissera para Pete exatamente a mesma coisa. Duddits, cara. Danado do Duddits.

Mais 8 quilômetros... ou talvez 6... ou talvez 4.

Foram ver uma fotografia da bocetinha de uma garota, a fotografia teoricamente pregada no quadro de avisos de um escritório abandonado. Henry não conseguia se lembrar do nome da garota, não depois de tantos anos, apenas que fora namorada daquele bundão do Grenadeau e a rainha da Festa Anual de 1978 na Derry High. Coisas que davam a possibilidade de ver a bocetinha dela um interesse todo especial. E então, assim que chegaram à entrada de veículos, viram uma camiseta vermelha e branca do Derry Tigers jogada fora. E um pouco mais adiante na entrada de veículos havia uma outra coisa.

Detesto a porra do desenho animado, nunca trocam de roupa, Pete dissera, e Henry abriu a boca para responder, mas antes que pudesse...

— O guri gritou — disse Henry. Escorregou na neve, titubeou por um instante, depois continuou a correr, lembrando-se daquele dia de outubro debaixo daquele céu branco. Corria lembrando-se de Duddits. De que Duddits gritara e mudara a vida de todos eles. Para melhor, sempre supuseram, mas agora Henry tinha dúvidas.

Nesse exato momento, duvidava muito.

3

Quando chegam à entrada de veículos — sobrara pouco do caminho, ervas daninhas crescendo até mesmo nos cascalhos marcados pelas rodas dos veículos —, Beaver assume o comando. Beaver está, de fato, quase babando. Henry imagina que Pete também está tão perturbado quanto, mas Pete disfarça melhor, mesmo sendo um ano mais novo. Beaver está... qual é a palavra mesmo? Ansioso. Henry quase ri da adequação de tudo isso, e então o Beav estanca de uma maneira tão repentina que Pete quase tromba nele.

— Opa! — Beaver exclama. — Freddy me foda! A camisa de algum garoto!

É mesmo. Vermelha e branca, e não velha ou suja, como se estivesse ali há mil anos. Na verdade, parecia quase nova.

— Camisa, furreca, quem se arrisca? — Jonesy quer saber. — Vamos só...

— Calma, calma, calma — diz o Beav. — Essa camisa é das boas.

Só que, quando ele a pega, conferem que não é. Nova, sim — uma camisa do Derry Tigers novinha em folha, com o 19 nas costas. Pete não está nem aí para futebol, mas os outros reconhecem o número de Grenadeau. Ah, não — já deixou de ser. Há um tremendo rasgão na parte de trás do colarinho, como se a pessoa que a usava tivesse tentado sair correndo, mas fora agarrada e arrastada de volta.

— Acho que me enganei — o Beav admite com tristeza, e a joga no chão de novo. — Vamos.

Antes, porém, que tenham ido muito longe, deparam-se com algo mais — dessa vez é amarelo, em vez de vermelho, aquele plástico amarelo luminoso que só um garoto pode adorar. Henry anda a passos rápidos na frente dos amigos e o recolhe. É uma lancheira com o Scooby-Doo e os amigos estampados, todos saindo em disparada do que parece ser uma casa assombrada. Assim como a camisa, parece nova, não uma coisa que esteve jogada ali por muito tempo, e imediatamente Henry começa a ter uma sensação ruim a respeito disso, começa a desejar que não tivessem, de jeito nenhum, avançado por esse caminho abandonado ao lado desse

prédio abandonado... ou então que o tivessem deixado para outro dia. O que, mesmo para um garoto de 14 anos de idade, ele percebe que é uma bobagem. Quando se trata de bocetinha, ele pensa, ou a gente vai ou a gente não vai, não tem isso de deixar para outro dia.

— Detesto a porra desse desenho animado — Pete diz, olhando para a lancheira por cima do ombro de Henry. — Nunca trocam de roupa, já notou isso? Usam a mesma porcaria, em todos os episódios.

Jonesy toma a lancheira do Scooby-Doo das mãos de Henry e a vira do outro lado, para ver algo colado perto do fundo. O olhar de excitação se dissipa nos olhos de Jonesy, que está franzindo a testa ligeiramente, e Henry tem uma noção de que Jonesy também está desejando que todos vão embora para jogar qualquer coisa dois contra dois.

Na etiqueta adesiva está escrito: PERTENÇO A DOUGLAS CAVELL, MAPLE LANE, NÚMERO 19, DERRY, MAINE. SE O GAROTO A QUEM PERTENÇO SE PERDER, LIGUE PARA 949-1864. OBRIGADO!

Henry abre a boca para falar que a lancheira e a camisa devem pertencer a um garoto que frequenta a Academia dos Retardados — tem certeza disso só de olhar para a etiqueta adesiva, que é quase igual à etiqueta que o cachorro deles usa —, mas, antes que fale, soa um grito do outro extremo do prédio, lá onde os marmanjos jogam beisebol no verão. Um grito impregnado de dor, mas o que faz Henry sair correndo antes mesmo de pensar nisso é a surpresa que há nele, a terrível surpresa de quem é ferido ou está apavorado (ou ambos) pela primeira vez.

Os outros o seguem. Correm pelo caminho forrado de ervas daninhas, a pista para veículos mais rente ao prédio, numa fila indiana: Henry, Jonesy, o Beav e Pete.

Há uma vigorosa gargalhada masculina.

— Come — alguém diz. — Come e depois pode ir embora. É capaz até que o Duncan te devolva a calça.

— É, se você... — Outro menino, provavelmente Duncan, começa e depois para, ao avistar Henry e seus amigos.

— Ei, vocês aí, caiam fora! — Beaver grita. — Vê se caem fora!

Os amigos de Duncan — há dois deles, ambos usando paletós da Derry High School — se dão conta que já não podem passar despercebidos em seu divertimento vespertino e se voltam. Ajoelhado no cascalho entre eles, só de cuecas e calçando um tênis, o rosto sujo de sangue, terra, ranho e lágrimas, está um menino cuja idade Henry é incapaz de precisar. Não é um menininho, não com aqueles fiapos de pelo no peito, mas mesmo assim tem o aspecto de um menininho. Os olhos são ligeiramente puxados, como os de um chinês, e são de um verde vivo, nadando em lágrimas.

Na parede de tijolos vermelhos atrás desse pequeno grupo, impressa em letras garrafais brancas, desaparecendo gradualmente mas ainda legíveis, está a mensagem: SEM ANIMAÇÃO, SEM DIVERSÃO. O que provavelmente significa: nada de jogos e bolas neste prédio e no pátio, onde ainda se veem os sulcos fundos das rodas no caminho principal e o montículo irregular do lançador de beisebol, mas quem pode se certificar

disso? SEM ANIMAÇÃO, SEM DIVERSÃO. Nos anos que estão por vir, dirão isso sempre; irá se transformar num dos bordões privativos de sua juventude, sem um significado exato. Quem sabe? é a frase que chega mais perto. Ou: O que se há de fazer? É sempre melhor dita com um encolher de ombros, um sorriso, as mãos erguidas para o céu.

— Mas quem são vocês? — um dos marmanjos pergunta para o Beav. Usa na mão esquerda o que parece ser uma luva de beisebol ou, talvez, de golfe... algo atlético, de qualquer maneira. Nela está o cocô seco de cachorro que ele tentava forçar o garoto quase nu a comer.

— O que está fazendo? — pergunta Jonesy, horrorizado. — Está querendo fazer ele comer isso aí? Mas que diabo há de errado com você?

Há um enorme esparadrapo branco de través na ponte do nariz do garoto que segura o cocô de cachorro, e Henry emite um ladrido de reconhecimento que é um misto de surpresa e riso. É perfeito demais, não é? Estão aqui para ver a bocetinha da rainha da festa anual e eis, Deus do céu, o rei da festa, cuja temporada de futebol aparentemente terminou em nada pior do que um nariz quebrado, o qual está no momento passando o tempo com uma coisa desse tipo, enquanto o resto do time treina para o jogo desta semana.

Richie Grenadeau não notou o olhar de reconhecimento de Henry; está encarando Jonesy. Uma vez que foi pego de surpresa e uma vez que o tom de desgosto de Jonesy é de uma espontaneidade total, Richie no início recua um passo. Depois, percebe que o garoto que se atreveu a falar com ele num tom de reprovação é pelo menos três anos mais novo e dezenas de quilos mais magro do que ele. A mão que baixara torna a se erguer.

— Vou fazer ele comer essa porção de merda — diz. — Depois, ele pode ir embora. Se mande daqui, seu bostinha, a não ser que queira metade.

— É, vá se foder — o terceiro garoto diz. Richie Grenadeau é grandalhão, mas esse garoto é ainda mais, um brutamontes de 1,80m cujas faces com espinhas se incendeiam. — Enquanto tem...

— Eu conheço você — diz Henry.

Os olhos de Richie recaem sobre Henry. De repente, ele parece apreensivo... mas também irritado.

— Vá se foder, moleque. Estou falando sério.

— Você é Richie Grenadeau. A sua fotografia saiu no jornal. O que acha que as pessoas vão pensar se eu contar para elas que a gente flagrou você fazendo isso?

— Não vai contar nada para ninguém, porque não vai viver para isso — diz o garoto chamado Duncan. A cabeleira loira encardida caindo em volta do rosto e sobre os ombros. — Cai fora daqui. Se manda.

Henry o ignora. Olha fixo para Richie Grenadeau. Não se dá conta de medo algum, embora, sem dúvida, esses três marmanjos possam massacrá-lo; está fervilhando com uma indignação que jamais sentiu, de que jamais nem mesmo desconfiou. O garoto ajoelhado no chão é, sem dúvida alguma, retardado, mas não retardado a ponto de não entender que os três grandalhões pretendiam machucá-lo, rasgar-lhe a camisa e depois...

Nunca na vida Henry esteve tão perto de fazer o bem e de ser espancado, ou de não se preocupar muito com isso. Dá um passo adiante, os punhos cerrados. O garoto no chão soluça, a cabeça agora baixa, e o som do soluço é um tom constante na cabeça de Henry, alimentando sua fúria.

— Vou contar — diz, e, embora seja a ameaça de um garotinho, para si mesmo não soa como de um garotinho. Nem para Richie, aparentemente; Richie recua um passo, e a mão enluvada com o excremento torna a baixar. Pela primeira vez, parece assustado. — Três contra um, um garotinho retardado, não é não, cara? Vou contar. Vou contar, e eu sei quem é você!

Duncan e o brutamontes — o único a não usar um paletó do colegial — se postam cada um ao lado de Richie. O garoto de cuecas agora fica atrás deles, mas Henry ainda consegue ouvir o zunido pulsante de seus soluços, está dentro de sua cabeça, martelando-lhe a cabeça e levando-o à loucura.

— Está bem, tudo bem, é isso aí — o brutamontes diz. Sorri um sorriso largo, expondo vários vãos antes ocupados por dentes. — Agora você vai morrer.

— Pete, corra quando avançarem — diz Henry, sem tirar os olhos de cima de Richie Grenadeau. — Corra para casa e conte para a sua mãe. — E, para Richie, diz: — Você nunca vai pôr a mão nele. Ele corre feito vento.

A voz de Pete soa fina, mas não amedrontada.

— Falou, Henry.

— E quanto mais baterem na gente, pior vai ser para vocês — Jonesy diz. Henry já conhece esse tipo de situação, mas para Jonesy é uma revelação; está quase rindo. — Mesmo que matem a gente, que bem isso fará para vocês? Porque Pete corre depressa mesmo, e ele vai contar.

— Eu também corro depressa — Richie retruca, friamente. — Vou alcançar ele.

Henry se volta primeiro para Jonesy e depois para o Beav. Os dois ficam parados, firmes. Beaver, na verdade, faz um pouco mais do que isso. Curva-se velozmente, pega duas pedras — do tamanho de ovos, só que com bordas recortadas — e começa a bater uma contra a outra. Os olhos estreitados do Beav se alternam entre Richie Grenadeau e o brutamontes, o desengonçado. O palito na boca oscila agressivamente num vaivém, subindo e descendo.

— Quando avançarem, parta para cima do Grenadeau — diz Henry. — Os outros não vão conseguir nem chegar perto do Pete. — Transfere o olhar para Pete, que está pálido, mas sem medo, seus olhos brilham e ele está quase dançando nas pontas dos pés, ansioso para cair fora. — Conte para a sua mãe. Diga para ela onde estamos, chame os guardas. E não esqueça o nome desse valentão filho da mãe, aconteça o que acontecer. — Aponta um dedo acusador de promotor público para Grenadeau, que mais uma vez parece pouco firme. Não, mais do que pouco firme. Parece amedrontado.

— Richie Grenadeau — Pete diz, e agora começa de fato a dançar. —

Não vou esquecer.

— Vem cá, seu pentelho — Beaver diz. Uma coisa em relação ao Beav: reconhece uma ordem realmente excelente, quando a ouve. — Vou quebrar o seu nariz outra vez. Afinal, que tipo de mariquinha é esse que larga o time de futebol por causa de um nariz quebrado?

Grenadeau não responde — talvez não saiba mais a qual deles responder — e algo maravilhoso de fato começa a acontecer: o outro garoto, o de paletó do colégio, Duncan, também está com um ar amedrontado. Um rubor vai se espalhando nas faces e na testa. Molha os lábios e olha em dúvida para Richie. Só o brutamontes ainda parece disposto a brigar, e Henry quase espera que briguem, Henry, Jonesy e o Beav vão lhes dar uma boa surra se brigarem, uma boa surra, por causa daquele choro, a porra daquele choro terrível, o jeito que entra na cabeça da gente, o bater ritmado daquele terrível choro.

— Ei, Richie, acho que a gente devia... — Duncan começa.

— Matem eles — o brutamontes rosna. — Que se danem esses danados.

Avança um passo e, por um instante, quase ataca. Henry sabe que, se o brutamontes der só mais um passo, estará fora do controle de Richie Grenadeau, como um velho e maldoso pitbull que escapa da corrente e voa sobre a presa, uma flecha de carne.

Mas Richie não o deixa dar esse próximo passo, o que se tornaria um assalto desajeitado. Agarra o antebraço do brutamontes, que é mais grosso do que o bíceps de Henry e coberto de pelos ruivo-dourados reluzentes.

— Não, Scotty — diz —, espera um pouco.

— É, espera — diz Duncan, soando quase tomado de pânico. Lança para Henry um olhar que Henry julga, mesmo aos 14 anos de idade, grotesco. É um olhar de censura. Como se Henry e seus amigos é que estivessem fazendo algo indevido.

— O que é que você quer? — Richie pergunta para Henry. — Quer que a gente vá embora daqui, é isso?

Henry faz que sim com a cabeça.

— Se a gente for, o que é que vocês vão fazer? Para quem é que vocês vão contar?

Henry faz uma extraordinária descoberta: está chegando muito perto de se desgarrar, tanto quanto Scotty, o brutamontes. Parte dele deseja na verdade provocar uma briga, gritar: TODO MUNDO! TODO MUNDO, PORRA! Ciente de que os amigos lhe dariam apoio, jamais diria uma palavra, mesmo que fossem estraçalhados e hospitalizados.

Mas o garoto. O pobre garotinho retardado que chora. Assim que os marmanjos acabassem com Henry, Beaver e Jonesy (com Pete também, se conseguissem pegá-lo), acabariam com o garoto retardado também e provavelmente iriam bem mais além do que fazê-lo engolir uma porção de excremento seco.

— Ninguém — responde. — Não vamos contar para ninguém.

— Seu mentiroso da porra — diz Scotty. — É um puta mentiroso, Richie, olha só a cara dele.

Scotty começa a avançar de novo, mas Richie agarra com mais força o antebraço do brutamontes.

— Se ninguém sair machucado — diz Jonesy num tom de voz abençoadamente moderado —, ninguém vai ter história nenhuma para contar.

Grenadeau olha para ele, depois torna a olhar para Henry.

— Jura por Deus?

— Juro por Deus — Henry concorda.

— Vocês todos juram por Deus? — pergunta Grenadeau.

Jonesy, Beav e Pete juram obedientemente por Deus.

Grenadeau reflete a respeito por um momento que parece muito longo e então concorda com a cabeça.

— Está bem, à merda com tudo isso. A gente vai embora.

— Se atacarem, corra em volta do prédio pelo outro lado — Henry diz para Pete, falando bem depressa porque os marmanjos já estão se movimentando. Mas Grenadeau ainda prende com firmeza o antebraço de Scotty, e Henry acha que isso é um bom sinal.

— Eu não perderia o meu tempo — Richie Grenadeau diz com um tom de voz arrogante que dá a Henry vontade de rir... mas, com esforço, ele consegue manter a expressão séria. Rir naquela altura seria má ideia. As coisas estão quase ajeitadas. Há uma parte dele que detesta isso, mas o resto dele quase estremece de alívio.

— O que é que há com vocês, afinal de contas? — pergunta-lhe Grenadeau. — Qual é o problema?

Henry deseja fazer-lhe uma pergunta também — deseja perguntar a Richie Grenadeau como é que ele pôde fazer isso, e tampouco não é uma pergunta retórica. O choro! Meu Deus! Mas se cala, ciente de que, não importa o que diga, poderia apenas provocar o imbecil, fazê-lo começar tudo outra vez.

Há uma espécie de dança nessa situação; parece um pouco aquela que a gente aprende no primeiro e no segundo graus. Enquanto Richie, Duncan e Scotty caminham na direção da passagem de veículos (meio quem vai mas não vai, tentando mostrar que estão indo de livre e espontânea vontade e não ficaram amedrontados com um bando de maricas da escola), Henry e seus amigos primeiro se viram para encará-los e depois recuam enfileirados na direção do garoto que chora, ajoelhado de cuecas, protegendo-o dos marmanjos.

Na quina do prédio, Richie se detém e lhes lança um último olhar.

— A gente ainda vai se encontrar de novo — diz. — Um por um ou todos juntos.

— É — Duncan concorda.

— Vocês vão ver o mundo através de uma tenda de oxigênio! — acrescenta Scotty, e Henry mais uma vez, perigosamente, quase cede ao riso. Reza para que nenhum de seus amigos diga qualquer coisa, o feito

está feito, e nenhum diz. É quase um milagre.

Um derradeiro olhar ameaçador de Richie, e eles desaparecem atrás da quina do prédio. Henry, Jonesy, Beaver e Pete ficam sozinhos com o garoto, que balança o corpo para a frente e para trás sobre os joelhos sujos, o rosto sujo de lágrimas matizadas de sangue, com uma expressão de perplexidade, erguido para o céu branco como o mostrador de um relógio quebrado, todos eles perguntando-se o que fazer em seguida. Conversar com ele? Dizer-lhe que está tudo bem, que os garotos malvados se foram e que o perigo passou? Ele jamais compreenderá. E, ah, o choro é tão bizarro. Como aqueles sujeitos, desprezíveis e estúpidos que eram, conseguiram prosseguir com aquilo ouvindo o choro? Henry entenderá mais tarde — mais ou menos —, mas, nesse momento, é um mistério total para ele.

— Vou tentar uma coisa — diz Beaver abruptamente.

— Sim, claro, qualquer coisa — retruca Jonesy. Sua voz está trêmula.

O Beav começa a se aproximar, depois olha para os amigos. É um olhar estranho, em parte vergonha, em parte desafio e — sim, Henry o juraria — em parte esperança.

— Se contarem por aí que fiz isso — diz —, nunca mais vou andar com vocês.

— Não se preocupe com essa bobagem — Pete diz, e também ele soa trêmulo. — Se consegue fazer ele parar, então faça!

Beaver se detém um instante onde Richie esteve parado enquanto tentava forçar o garoto a engolir o excremento de cachorro, em seguida se ajoelha. Henry nota que as cuecas do garoto são na realidade uma sunguinha Underoos, com as personagens de Scooby-Doo, mais o calhambeque Mystery Machine da Shaggy, igual à lancheira dele.

Então Beaver pega nos braços o menino quase nu que se lamuria e começa a cantar.

4

Mais 6 quilômetros até Banbury Cross... ou talvez apenas 5. Mais 6 quilômetros até Banbury Cross... ou talvez apenas...

Os pés de Henry tornaram a escorregar e dessa vez não tinha como recuperar o equilíbrio. Mergulhara numa profunda embriaguez de recordações e, antes que dela saísse, estava voando no ar.

Caiu pesadamente sobre as costas, batendo com tanta força que o fez perder o fôlego num estridente e doloroso grito sufocado — Uif! A neve se ergueu num onírico algodão-doce, e ele bateu a nuca com força brutal suficiente para fazê-lo ver estrelas.

Ficou ali deitado por um momento, dando ao que estivesse quebrado uma grande oportunidade de se manifestar. Como nada se manifestou, ergueu a mão e tocou a nuca. Dor, mas não agonia. Quando eles estavam

com 10 ou 11 anos e passavam o que parecia invernos inteiros deslizando de trenó no Strawford Park, ele levara tombos piores do que esse e se levantara rindo. Certa vez, com o idiota do Pete Moore pilotando seu Flexible Flyer e Henry indo atrás dele, chocaram-se de cabeça no enorme pinheiro no sopé da colina, o que os garotos chamavam de Árvore da Morte, e sobreviveram, sem nada além de uns poucos arranhões e uns dois dentes meio moles cada um. O problema era que já não tinham 10 ou 11 anos havia muitos anos.

— De pé, guri, você está bem — disse, e com cautela se pôs sentado. Ferroadas nas costas, mas nada muito grave. Apenas trêmulo. Nada ferido a não ser a merda do seu orgulho, como se costuma dizer. No entanto, ficaria ali sentado mais uns dois minutos. Estava aproveitando o tempo e merecia um descanso. Além disso, as lembranças o abalaram. Richie Grenadeau, o bosta do Richie Grenadeau, que tinha sido, como se descobriu, expulso do time de futebol, não fora, de modo algum, o nariz quebrado. A gente ainda vai se encontrar de novo, disse para eles, e Henry achou que ele falara sério, mas a ameaça de confronto nunca se concretizou, não, nunca se concretizou. Em lugar disso, uma outra coisa se concretizou.

E tudo aquilo acontecera havia muito tempo. Naquele exato momento, Banbury Cross aguardava — Hole in the Wall, pelo menos —, e ele não tinha cavalo-de-pau para cavalgar até lá, só o corcel do pobre homem, a égua da perna. Henry se pôs de pé, começou a remover a neve do traseiro, e então alguém gritou dentro de sua cabeça.

— Ai, ai, ai! — ele berrou. Era como algo sendo tocado através de um walkman que a gente aumenta para os níveis de volume de um auditório de concerto, como a descarga de uma espingarda de caça que explodira bem atrás dos olhos. Cambaleou para trás, buscando equilíbrio, e, se não tivesse ido de encontro aos galhos rijos de um pinheiro que se situava no lado esquerdo da estrada, sem dúvida teria caído no chão novamente.

Desembaraçou-se das garras da árvore, os ouvidos ainda retinindo — inferno, a cabeça inteira retinia —, e deu um passo à frente, mal acreditando que ainda estivesse vivo. Levou a mão até o nariz, e a palma da mão baixou molhada de sangue. Havia algo solto na boca também. Colocou a mão sob a boca, cuspiu um dente, olhou para ele com espanto e depois o atirou para o lado, ignorando o primeiro impulso, que fora guardar o dente no bolso da parca. Ninguém, que ele soubesse, fizera implantes cirúrgicos de dentes e duvidava firmemente que a Fada do Dente tivesse viajado até aquele fim de mundo como uma dádiva.

Não podia dizer ao certo quem emitira aquele grito, mas tinha a sensação de que Pete Moore talvez tivesse se confrontado com um problema muitíssimo grave.

Henry prestou atenção para escutar outras vozes, outros pensamentos, mas nada escutou. Excelente. Embora tivesse de admitir que, mesmo sem vozes, aquela decerto se transformara na grande viagem de

caça de sua vida.

— Anda, anda, garotão, é com vocês, cães esquimós — disse ele, e começou a correr na direção da Hole in the Wall mais uma vez. A sensação de que algo de errado acontecera lá era mais forte do que nunca, e era tudo o que podia fazer para se empenhar num jogging veloz.

Vai dar uma olhada no penico.

Por que a gente simplesmente não bate à porta do banheiro e pergunta se ele está bem?

Teria ele ouvido realmente essas vozes? Sim, sumiram agora, mas ouvira, assim como ouvira aquele terrível grito de agonia. Pete? Ou teria sido a mulher? A Becky Shue bonitinha?

— Pete — disse, a palavra saindo em meio a uma baforada de vapor. — Era Pete. Não absolutamente certo, mesmo agora, mas bastante certo.

A princípio, receava que não seria capaz de retomar o ritmo, mas depois, enquanto ainda se preocupava com isso, o ritmo retornou — a sincronia da respiração acelerada com a batida dos pés, bela em sua simplicidade.

Mais 5 quilômetros até Banbury Cross, pensou. Voltando para casa. Igual ao dia em que levamos Duddits para casa.

(se contar por aí que fiz isso, nunca mais vou andar com vocês)

Henry retornou àquela tarde de outubro como se a um sonho profundo. Descia ao poço da memória tão depressa, a uma profundidade tão grande, que a princípio não percebeu a nuvem correndo na direção dele, a nuvem que não era de palavras, pensamentos ou gritos, mas apenas a própria nuvem negro-avermelhada, uma coisa com lugares aonde ir e coisas a fazer.

5

Beaver se adianta, hesita um instante e então se ajoelha. O menino retardado não o vê; ainda se lamuria, os olhos fechados bem apertados e o peito estreito arquejando. Tanto a Underoos quanto a velha jaqueta de motoqueiro de Beaver, cheia de zíperes e tachões ornamentais, são engraçadas, mas nenhum dos garotos está rindo. Henry só deseja que o retardado pare de chorar. Esse choro o angustia.

Beaver se adianta um pouco, arrastando-se de joelhos, em seguida toma o menino nos braços.

— O barco do bebê é sonho de prata, navegando perto e longe...

Henry nunca escutara Beaver cantar, exceto, talvez, junto com o rádio — a família Clarendon quase com toda a certeza não é de frequentar a igreja —, e está pasmo com a cristalina suavidade da voz de tenor do amigo. Dentro de um ou dois anos, a voz de Beaver mudará completamente e nada terá de extraordinário, mas agora, no terreno baldio forrado de ervas

daninhas atrás do prédio vazio, penetra todos eles, pasma todos eles. O menino retardado reage bem; para de chorar e olha com assombro para Beaver.

— Navega daqui até o quarto do bebê e até a estrela mais próxima; navega, bebê, navega, navega até onde estou, navega os mares e navega os astros, navega até onde estou...

A última nota sobe à deriva no ar e, por um momento, no mundo nada exala beleza. Henry sente vontade de chorar. O menino retardado olha para Beaver, que o embala de um lado para outro no ritmo da canção. No rosto molhado de lágrimas, há uma expressão de assombro jubiloso. Esqueceu-se do lábio ferido e do rosto arranhado, do corpo sem roupa, da lancheira perdida. Para Beaver, ele diz ooo ó, sílabas abertas que podem significar qualquer coisa, mas Henry as compreende perfeitamente e percebe que Beaver também as compreende.

— Não consigo mais — diz o Beav. Dá-se conta de que seus braços ainda envolvem os ombros desnudos do menino e os retira.

Assim que o faz, o rosto do menino se entristece, não com medo, dessa vez, ou com a petulância de quem teima em querer as coisas de seu jeito, mas com uma tristeza pura. Lágrimas inundam os olhos espantosamente verdes e transbordam dos trilhos limpos sobre as faces sujas. Ele pega na mão de Beaver e torna a pôr o braço de Beaver em seus ombros.

— Ooo ó! Ooo ó! Ooo ó! — diz.

Beaver olha para os amigos, tomado de pânico.

— É só o que a minha mãe cantava para mim — ele fala. — Eu sempre caía logo na porcaria do sono.

Henry e Jonesy trocam olhares e desatam a rir. Não foi uma boa ideia, provavelmente assustará o garoto e ele começará de novo com aquela terrível choradeira, mas não conseguem evitar. Mas o garoto não chora. Em lugar disso, sorri para Henry e Jonesy, um sorriso radiante que expõe um bocado de dentes brancos encavalados, e olha de volta para Beaver. Continua a segurar o braço de Beav firmemente em redor dos ombros.

— Ooo ó! — ele pede.

— Ah, caramba, canta outra vez — diz Pete. — A parte que você sabe.

Beaver acabará por cantar mais três vezes antes que o menino o deixe parar, antes que deixe os garotos ajudarem-no a vestir a calça e a camisa rasgada, a que tem o número de Richie Grenadeau. Henry jamais esqueceu esse fragmento obsessivo e às vezes se lembrará dele nos momentos mais estranhos: depois de perder a virgindade numa festa da associação da UNH, com "Smoke on the Water" martelando nos alto-falantes no térreo; depois de abrir o jornal na página de necrológios e ver o sorriso bastante encantador de Barry Newman acima de seus queixos múltiplos; dando de comer ao pai, que contraiu o mal de Alzheimer à idade brutalmente injusta de 43 anos, o pai insistindo em que Henry era alguém

chamado Sam. "Um homem de verdade paga as dívidas, Sammy", dissera o pai, e, ao concordar com mais uma colherada de cereal, o leite escorreu pelo queixo. Nessas horas, ocorre-lhe de novo o que ele considera ser o Acalanto de Beaver e se sente temporariamente aliviado. Sem animação, sem diversão.

Por fim, o menino está inteiramente vestido, exceto um pé de tênis vermelho. Está tentando calçá-lo, mas de trás para a frente. É um dos jovens norte-americanos birutas, e Henry é incapaz de entender como os três marmanjos puderam maltratá-lo. Mesmo à parte o choro, que não se igualava a qualquer choro que Henry ouvira antes, por que uma pessoa quereria ser tão maldosa?

— Deixe eu ajeitar isso, cara — diz Beaver.

— Agitar o quê? — pergunta o menino, tão engraçadamente perplexo que Henry, Jonesy e Pete caem todos numa gargalhada mais uma vez. Henry sabe que não se deve rir dos retardados, mas não consegue evitá-lo. Acontece que o garoto tem uma cara naturalmente caricatural, como uma personagem de cartum.

Beaver apenas sorri.

— O seu tênis, cara.

— Agitar pé?

— É, não dá para colocar desse jeito, simplesmente impossiiiblo, señor. — Beaver toma o tênis de suas mãos, e o garoto observa com um intenso interesse, enquanto o Beav desliza seu pé dentro dele, puxa o cadarço firmemente contra a lingueta e depois amarra as extremidades num laço. Ao terminar, o garoto fita o laço por um momento mais, depois olha para Beaver. Em seguida, passa os braços em volta do pescoço de Beaver e lasca um baita beijo estalado na sua bochecha.

— Se contarem por aí que ele fez isso... — Beaver começa, mas está sorrindo, claramente satisfeito.

— A gente já sabe, a gente já sabe, você nunca mais vai andar com a gente, seu bunda-mole — diz Jonesy, abrindo um sorriso largo. Segurava a lancheira e agora se acocora na frente do menino, estendendo-a para ele. — É sua, guri?

O menino arreganha os dentes, com a alegria de quem por acaso encontra um velho amigo, e a arrebata.

— Oooba-Oooba-Ooobê, adê ocê? — ele canta. — Ooo quea genfaz aoora!?

— Está certo — Jonesy concorda. — Tenho um trabalho para fazer agora. Levar você para a sua casa é o que a gente vai fazer agora. Douglas Cavell é o seu nome, não é?

O menino está se agarrando à lancheira apertada contra o peito com as duas mãos sujas. Agora lasca um beijo estalado nela, igual ao que deu na bochecha de Beaver.

— Eu Duddits! — berra.

— Ótimo — diz Henry. Segura uma das mãos do menino, Jonesy segura a outra, e ambos o ajudam a se levantar. Maple Lane fica a apenas

três quarteirões, e podem chegar lá dentro de dez minutos, sempre supondo que Richie Grenadeau e os companheiros não estão à espreita em algum lugar na esperança de atacar de emboscada. — Então, Duddits, deixa a gente levar você para casa. Aposto que a sua mãe está preocupada com você.

Primeiro, porém, Henry envia Pete até a quina do prédio para inspecionar a pista de veículos. Quando Pete retorna e informa que o terreno está livre, Henry permite que eles se ponham a caminho. Quando chegarem à calçada, onde poderão ser vistos pelas pessoas, estarão seguros. Até lá, não irá se arriscar. Envia Pete uma segunda vez, diz-lhe que espie todo o caminho até a rua, depois assobie se tudo estiver limpo.

— Foram — diz Duddits.

— Talvez — diz Henry —, mas vou me sentir melhor se o Pete der uma espiada.

Duddits está parado serenamente entre eles, olhando as figuras na lancheira, enquanto Pete vai inspecionar. Henry acha que não há problema em enviá-lo. Não tinha exagerado na velocidade de Pete; se Richie e os companheiros tentassem atacá-lo, Pete ligaria os jatos e os largaria no meio da nuvem de poeira.

— Gosta desse desenho animado, cara? — Beaver pergunta, pegando a lancheira. Fala com calma. Henry observa com certo interesse, curioso para ver se o menino retardado irá chorar para ter a lancheira de volta. Não chora.

— Ei, Oooba-duu! — diz o retardado. O cabelo é dourado, encaracolado. Henry ainda não é capaz de dizer qual é a idade dele.

— Eu sei que são Scooby-Doos — o Beav diz pacientemente —, mas nunca trocam de roupa. Pete tem razão quanto a isso. Quero dizer, Freddy me foda, certo?

— Eto! — Estica a mão esperando a lancheira, e Beaver a devolve. O retardado a abraça, depois sorri para as figuras. É um lindo sorriso, Henry pensa, ele mesmo sorrindo. Faz a gente pensar em como a gente fica frio depois de nadar no mar por algum tempo, mas, ao sair da água, envolve os ombros ossudos numa toalha e, a pele toda arrepiada, se esquenta de novo.

Jonesy está sorrindo também.

— Duddits — ele diz —, qual deles é o cachorro?

O retardado olha pra ele, ainda sorrindo, mas agora também confuso.

— O cachorro — diz Henry. — Qual é o cachorro?

Agora o menino olha para Henry, a confusão aprofundada.

— Qual é o Scooby, Duddits? — Beaver pergunta, e o rosto de Duddits se desanuvia. Aponta.

— Oooba! Oooba-Oooba-Ooobê! Um cachorro ê!

Desatam a rir, Duddits ri também, e depois Pete assobia. Começam a caminhar e, depois de percorrer um quarto do caminho pela entrada de veículos, Jonesy diz:

— Esperem! Esperem!

Corre até uma das janelas imundas do escritório e espia dentro,

fechando as mãos em concha nos lados do rosto para eliminar o clarão, e Henry de repente se lembra do motivo pelo qual vieram. A bocetinha da Tina Jean Não-sei-o-quê. Tudo isso parece ter acontecido há mil anos.

Depois de uns dez segundos, Jonesy chama.

— Henry! Beav! Venham aqui! Deixem o menino aí!

Beaver corre para o lado de Jonesy. Henry se volta para o garoto retardado e diz:

— Duddits, não saia daqui. Fique bem aqui com a sua lancheira, está bom?

Duddits olha para ele, os olhos verdes brilhando, a lancheira grudada no peito. Passado um instante, faz que sim com a cabeça, e Henry corre para se juntar aos amigos na janela. Espremem-se amontoados, e Beaver resmunga que alguém está pisando na porra dos pés dele, mas resolvem o problema. Um minuto depois, intrigado com o fato de que não foram para a calçada, Pete se reúne a eles, enfiando o rosto entre os ombros de Henry e de Jonesy. Aqui estão quatro garotos olhando pela janela imunda de um escritório, três deles com as mãos em concha nos lados do rosto para eliminar o clarão, e um quinto parado em pé atrás deles numa pista forrada de ervas daninhas, segurando a lancheira contra o peito estreito e olhando para o céu branco, onde o sol está tentando irromper. Do outro lado da vidraça imunda (onde eles deixarão meias-luas limpas para marcar os lugares onde encostaram a testa) está uma sala vazia. Espalhados no soalho empoeirado estão inúmeros girinos brancos esvaziados que Henry identifica como camisinhas. Numa parede, a que fica bem em frente da janela, está um quadro de avisos. Pregado nele com tachas está um mapa do norte da Nova Inglaterra e uma fotografia Polaroid de uma mulher que segura a saia levantada. Não dá para ver a bocetinha dela, porém só a calcinha branca. E não é uma colegial. É velha. Deve ter no mínimo 30 anos.

— Santo Deus — Pete exclama enfim, lançando para Jonesy um olhar de desgosto. — A gente veio até aqui por isso?

Por um momento, Jonesy dá a impressão de estar na defensiva, depois arreganha os dentes e aponta o polegar para trás, por cima do ombro.

— Não — diz. — A gente veio por ele.

6

Henry foi afastado da recordação por uma espantosa e totalmente inesperada constatação: estava aterrorizado, estivera aterrorizado desde algum tempo. Algo novo estivera rondando bem abaixo do limiar de sua consciência, detido pela vívida lembrança do encontro com Duddits. Agora explodia manifestando-se com um urro de pavor, insistindo em ser reconhecido.

Deteve-se numa derrapagem no meio da estrada, agitando os braços para evitar cair novamente na neve, e então simplesmente ficou ali resfolegando, os olhos arregalados. O que era agora? Estava a apenas uns 4 quilômetros da Hole in the Wall, quase lá, pois então o que era agora?

Há uma nuvem, pensou. Algum tipo de nuvem, isso é o que é. Não consigo dizer o que é, mas posso sentir — nunca senti nada na vida com tanta clareza. Na minha vida adulta, de qualquer maneira. Tenho de sair da estrada. Tenho de fugir dela. Fugir do filme. Há um filme na nuvem. Do tipo que Jonesy gosta. Um filme assustador.

— Isso é tolice — murmurou, sabendo que não era.

Ouvia o zunido lamentoso de um motor que se aproximava. Vinha da direção da Hole in the Wall, e vinha depressa, um motor de uma motoneve, quase com certeza a Arctic Cat guardada no acampamento... mas também era a nuvem negro-avermelhada com o filme projetado dentro dela, alguma terrível energia negra correndo impetuosamente em sua direção.

Por um momento, Henry ficou imobilizado com uma centena de horrores infantis, coisas embaixo da cama e coisas em caixões, insetos que se contorciam sob pedras viradas, e a gelatina penugenta que eram os restos de um rato assado morto havia muito tempo, na época em que seu pai afastou o fogão da parede para examinar a tomada. E horrores que não eram de modo algum infantis: o pai, perdido em seu próprio quarto e berrando de medo; Barry Newman, saindo tempestuosamente do consultório de Henry com uma tremenda expressão de terror no rosto, terror porque fora solicitado a enxergar algo que ele não queria, talvez não conseguisse, admitir; sentado desperto às quatro horas da madrugada com um copo de uísque, o mundo inteiro uma órbita vazia, sua própria mente uma órbita vazia e, ah, minha criança, passaram-se mil anos até o amanhecer e todos os acalantos haviam sido cancelados. Essas coisas estavam na nuvem negro-avermelhada, precipitando-se sobre ele como aquele pálido cavalo na Bíblia, essas coisas e muitas outras. Todas as coisas ruins de que sempre suspeitara vinham agora em sua direção, não num pálido cavalo, mas numa velha motoneve com a capota enferrujada. Não a morte, porém pior do que a morte. Era o Sr. Cinza.

Saia da estrada!, sua cabeça gritou. Saia da estrada, já! Esconda-se!

Por um momento, não pôde se mexer — os pés pareciam pesar mais e mais. O corte na coxa, o corte feito pela haste das lanternas, queimava como ferro de marcar. Agora ele entendia como um cervo flagrado por faróis dianteiros de um veículo se sentia, ou um esquilo saltando estupidamente de um lado para outro na frente de um cortador de grama que se aproxima. A nuvem o despojara da capacidade de ajudar a si mesmo. Estava imobilizado em sua precipitada passagem.

O que lhe deu forças para prosseguir, por mais estranho que parecesse, foram todos aqueles pensamentos suicidas. Teria ele se agoniado com essa decisão em 500 noites passadas em claro apenas para ser privado dessa opção por uma espécie de nervosismo, de febre de gamo? Não, Deus, não, não poderia ser. Sofrer já bastava; permitir que seu

corpo aterrorizado zombasse desse sofrimento ao travar e estancar ali enquanto um demônio se precipitava sobre ele... não, não deixaria que isso acontecesse.

E então andou, mas era como andar num pesadelo, avançando com dificuldade através do ar que parecia ter-se tornado tão denso quanto puxa-puxa. Suas pernas se erguiam e caíam com a lentidão de um balé aquático. Estava ele correndo nessa estrada? Realmente correndo? A ideia agora parecia impossível, não importava quão forte fosse a lembrança.

No entanto, continuou a andar, enquanto o zunido do motor que se aproximava ficava mais alto, intensificando-se num rugido gago. E, enfim, pôde caminhar entre as árvores no lado sul da estrada. Conseguiu andar talvez uns 5 metros, longe da estrada o suficiente para não haver cobertura de neve, apenas um branco polvilhado sobre as aromáticas agulhas laranja-acastanhadas dos pinheiros. Ali Henry caiu sobre os joelhos, soluçando de terror e tampando a boca com as mãos enluvadas para abafar o som, pois o que seria se ele escutasse? Era o Sr. Cinza, a nuvem era o Sr. Cinza, e se ele escutasse?

Engatinhou atrás do tronco forrado de musgo de um espruce, agarrou-o e então espiou através da tela inclinada de seu cabelo suado. Viu uma centelha de luz na tarde escura. Dançava, tremeluzia e se arredondava. Transformou-se num farol dianteiro de veículo.

Henry começou a gemer, todo impotente, enquanto a escuridão se aproximava. Parecia pairar sobre sua mente como um eclipse, obliterando o pensamento, substituindo-o por terríveis imagens: leite no queixo do pai, pânico nos olhos de Barry Newman, corpos esqueléticos e olhos que olhavam fixos atrás de arame farpado, mulheres esfoladas e homens enforcados. Por um momento, seu entendimento do mundo como que virava do avesso, como um bolso, e ele percebeu que tudo estava infectado... ou poderia estar. Tudo. Seus motivos para desejar o suicídio eram insignificantes diante da coisa que se aproximava.

Pressionou a boca contra o tronco para não gritar, sentiu os lábios gravarem um beijo no musgo macio até o fundo, onde era úmido e tinha o gosto de casca. Nesse momento, a Arctic Cat passou num clarão, e Henry reconheceu o vulto montado nele, a pessoa que estava gerando a nuvem negro-avermelhada que agora ocupava a cabeça de Henry como febre seca.

Mordeu o musgo, urrou contra a árvore, inalou fragmentos de musgo sem percebê-lo, e tornou a urrar. Depois, simplesmente se ajoelhou, agarrando-se ao tronco e tremendo, enquanto o som da Arctic Cat começou a desaparecer, no rumo oeste. Ainda estava na mesma posição quando o som mais uma vez passou a um zunido incômodo; ainda na mesma posição quando o som desapareceu completamente.

Pete está lá em algum lugar, pensou. Está indo de encontro a Pete e à mulher.

Henry retornou à estrada cambaleando, sem notar que o nariz sangrava de novo, sem notar que chorava. Começou a andar na direção da Hole in the Wall mais uma vez, embora o melhor ritmo que conseguia

manter fosse uma claudicação trôpega. Mas talvez isso não tivesse importância, porque tudo estava terminado no acampamento.

O que quer que fosse aquela coisa terrível que ele sentia, acontecera. Um de seus amigos estava morto, um estava agonizando, e um, que Deus o ajudasse, tinha virado astro de cinema.

Capítulo Sete

Jonesy e o Beav

1

Beaver disse outra vez. Não um beaverismo agora; só aquela palavra dissílaba que a gente usa quando está encostado contra a parede e não tem outra forma de expressar o horror que viu.

— Ah, que merda, cara... que merda.

Por mais dor que McCarthy sentisse, ele teve tempo de ligar os dois interruptores no lado de dentro do banheiro, acendendo os tubos fluorescentes nos dois lados do espelho do armário e o anel fluorescente no teto. Esparramaram uma luz forte, ofuscante e lavada que imprimia ao banheiro a sensação de uma fotografia de local de crime... e, no entanto, havia também uma espécie de surrealismo furtivo, porque a luz não era inteiramente estável; havia um bruxuleio suficiente para a gente saber que a força era produzida por um gerador, não por uma linha mantida pela hidrelétrica de Derry e Bangor.

Os ladrilhos do chão eram azul-claros. Havia neles apenas pingos e borrifos de sangue perto da porta, mas, quando eles se aproximaram da latrina, ao lado da banheira, as manchas se juntavam e formavam uma serpente vermelha. Delas filetes escarlates se propagavam. Os ladrilhos ficaram tatuados com as pegadas de suas botas, que nem Jonesy nem Beaver tinham tirado. Na cortina de vinil azul do chuveiro, havia quatro impressões digitais borradas, e Jonesy pensou: Ele deve ter esticado as mãos e agarrado a cortina para não cair ao se virar para sentar.

Sim, mas essa não era a parte mais horrenda. A parte mais horrenda era o que Jonesy viu com os olhos da mente: McCarthy se precipitando nos ladrilhos azul-claros com uma das mãos atrás de si, agarrando-se, tentando manter alguma coisa dentro de si.

— Ah, que merda! — Beaver repetiu. Quase num soluço. — Não quero ver isso, Jonesy... cara, não posso ver isso.

— A gente tem que ver. — Ouviu-se falando, como se de uma grande distância. — A gente consegue fazer isso, Beav. Se a gente enfrentou Richie Grenadeau e os amigos dele naquela época, pode enfrentar isso também.

— Não sei, cara, não sei...

Jonesy também não sabia — não de fato —, mas estendeu a mão e segurou a de Beaver. Os dedos de Beaver se fecharam sobre os dele com uma firmeza aterrorizada, e juntos deram um passo para dentro no

banheiro. Jonesy tentou evitar o sangue, mas era difícil; havia sangue por toda parte. E nem tudo era sangue.

— Jonesy — disse Beaver, quase num sussurro seco. — Está vendo aquela mancha na cortina do chuveiro?

— Estou. — Crescendo nas impressões digitais borradas havia pequenos grumos de bolor dourado-avermelhado, como mofo. Havia mais deles no chão, não na espessa serpente de sangue, mas nos estreitos ângulos da argamassa entre os ladrilhos.

— O que é?

— Não sei — Jonesy respondeu. — Um pouco daquela porcaria que ele tem no rosto, acho. Agora fique quieto. — E depois: — Sr. McCarthy?... Rick?

McCarthy, sentado na latrina, não respondeu. Por algum motivo, colocara o boné laranja na cabeça — a pala num ângulo torto, ligeiramente ébrio. À parte isso, estava nu. O queixo caído sobre o peito, numa paródia de reflexão profunda (ou talvez não fosse uma paródia, quem saberia?). Os olhos semicerrados. As mãos meticulosamente entrelaçadas sobre os pelos púbicos. Sangue escorrera pela lateral da latrina numa enorme e precipitada pincelada, mas em McCarthy não havia sangue, pelo menos que Jonesy pudesse ver.

Uma coisa podia ver: a pele do estômago de McCarthy caía em duas papadas frouxas. Seu aspecto lembrou a Jonesy alguma coisa, e, pouco depois, ele a identificou. Era a aparência da barriga de Carla depois de parir cada um de seus quatro filhos. Acima do quadril de McCarthy, no ponto em que havia um pequeno pneu de gordura (e uma certa flexibilidade da carne), a pele estava apenas vermelha. De um lado a outro da barriga, porém, rachara-se em pequenos vergões. Se McCarthy estivesse grávido, teria sido algum tipo de parasita, uma tênia, um helminto ou algo assim. Só que havia algo crescendo no sangue que ele derramara, e o que foi mesmo que ele tinha dito enquanto estava deitado na cama de Jonesy, com o cobertor puxado até o queixo? Eis que estou à porta e bato. Era uma batida a que Jonesy desejava jamais ter atendido. Na verdade, antes o tivesse matado. Sim. Agora via com mais clareza. Incitara-o a claridade que às vezes domina completamente a mente horrorizada, e, naquele estado, desejara ter metido uma bala em McCarthy antes de ver o boné laranja e o colete de sinaleiro laranja. Não teria doído e poderia ter ajudado.

— Estou à porta e bato o meu cu! — Jonesy murmurou.

— Jonesy? Ele ainda está vivo?

— Não sei.

Jonesy avançou outro passo e sentiu os dedos de Beaver escaparem escorregando dos seus; o Beav aparentemente chegara o mais perto que pôde de McCarthy.

— Rick? — Jonesy chamou com uma voz sussurrada. Uma voz de não-me-acorde-a-criança. Uma voz de examinando-o-cadáver. — Rick, você está...

Soou um ruidoso e fétido peido embaixo do homem na latrina, e

imediatamente o banheiro se impregnou de um odor de excremento e cola de avião de arrancar lágrimas dos olhos. Jonesy achou que era um verdadeiro milagre a cortina do chuveiro não se ter dissolvido.

Do vaso da latrina veio um borrifo. Não o chapinhar de um monte ao cair — pelo menos Jonesy não pensava assim. Soava mais como um peixe saltando num lago.

— Deus todo-poderoso, o fedor! — Beaver exclamou. Cobrira a boca e o nariz com a mão e as palavras saíam abafadas. — Mas se pode peidar, deve estar vivo. Hein, Jonesy? Ainda deve estar...

— Quieto — disse Jonesy, com uma voz calma. Surpreendeu-se com a serenidade da voz. — Só fique quieto, está bem? — E o Beav ficou calado.

Jonesy inclinou o corpo para mais perto. Podia ver tudo: o pontilhado de sangue na sobrancelha direita de McCarthy, a marca vermelha na face, o sangue na cortina de plástico azul, a placa de gozação — PENSADOURO DE LAMAR — que fora colocada ali quando a privada ainda era do tipo químico, e o chuveiro requeria ser bombeado antes de se poder usá-lo. Viu o brilho gélido desde as pestanas de McCarthy até as rachaduras nos lábios, que pareciam roxos e doentios sob aquela iluminação. Pôde sentir o cheiro pestilento dos gases liberados e pôde quase vê-los também, subindo em imundas bandeirolas amarelo-escuras, como gás de mostarda.

— McCarthy? Rick? Está me ouvindo?

Estalou os dedos diante dos olhos quase fechados. Nada. Lambeu um lugar no lado de cima do pulso e o levou primeiro até em frente das narinas de McCarthy, depois de seus lábios. Nada.

— Está morto, Beav — disse, recuando.

— Aqui que está, ó — retrucou Beaver. Sua voz saiu ríspida, absurdamente ofendida, como se McCarthy tivesse infringido todas as regras da hospitalidade. — Ele acabou de soltar um toro, cara, eu ouvi.

— Não acho que era...

Beav deu um passo impetuoso à frente, empurrando o quadril ruim de Jonesy contra a pia com uma força suficiente para causar dor.

— Chega, companheiro! — Beaver gritou. Agarrou os ombros redondos, sem músculos e coberto de sardas de McCarthy e o sacudiu. — Acorda! Acorda...

McCarthy adernou lentamente na direção da banheira, e Jonesy pensou por um momento que Beaver tinha razão, afinal de contas o sujeito ainda estava vivo, vivo e tentando se levantar. Em seguida, McCarthy caiu da latrina para dentro da banheira, arrastando à frente a cortina do chuveiro num transparente vagalhão azul. O boné laranja caiu da cabeça. Houve um estalo de osso partido quando seu crânio bateu na porcelana e Jonesy e Beaver se puseram a gritar e a se agarrarem um ao outro, o som de seu terror ensurdecendo o pequeno banheiro ladrilhado. O traseiro de McCarthy era uma lua cheia inclinada de lado com uma gigantesca cratera de sangue no centro, como que o local de um impacto terrível. Jonesy o viu por apenas um segundo, antes de McCarthy afundar de bruços na banheira, e a cortina flutuar de volta à posição anterior, ocultando-o, mas nesse segundo

Jonesy teve a impressão de que a cratera tinha um diâmetro de 30 centímetros. Poderia ser? Trinta centímetros? Certamente não.

No vaso sanitário, algo espadanou mais uma vez, forte o bastante para espirrar gotas de água ensanguentada no assento, que também era azul. Beaver começou a inclinar o corpo para a frente para espiar dentro, quando Jonesy bateu a tampa sobre o assento sem sequer pensar nisso.

— Não! — exclamou.

— Não?

— Não.

Beaver tentou pegar um palito do bolso da frente do macacão, tirou meia dúzia deles e os derrubou no chão. Rolaram nos ladrilhos azuis ensanguentados como varinhas de jogo. Beaver olhou para os palitos, depois para Jonesy. Seus olhos lacrimejavam.

— Como Duddits, cara — disse.

— Do que é que você está falando?

— Não se lembra? Ele também estava quase nu. Os filhos da puta arrancaram a camisa e a calça dele, deixaram ele só de cuecas. Mas a gente salvou ele. — Beaver anuiu com a cabeça vigorosamente, como se Jonesy, ou alguma duvidosa e profunda parte de si mesmo, zombasse dessa ideia.

Jonesy não zombou de nada, embora McCarthy não lhe lembrasse nem um pouco Duddits. Continuava a ver McCarthy afundando de lado na banheira, o boné laranja caindo, os depósitos de gordura no peito (os peitos de uma vida fácil, Henry os chamava toda vez que via um par deles sob a camisa de malha de um sujeito) balançando. E depois suas nádegas erguendo-se para a luz — aquela luz fluorescente ofuscante que não guardava segredos, mas fofocava a respeito de tudo num monótono zumbido. As perfeitas nádegas brancas de um homem, desprovidas de pelos, começando a ficar flácidas e assentar achatadas na parte posterior das coxas; vira milhares de nádegas assim nos vários vestiários onde se trocara e tomara banho de chuveiro, ele mesmo estava ganhando uma semelhante (ou estivera, antes do sujeito atropelá-lo, mudando para sempre, talvez, a configuração física de seu traseiro), mas jamais vira uma como a de McCarthy naquele momento, uma que parecia ter sido arrombada por dentro, por uma combustão ou pela explosão de um cartucho de espingarda de caça, mas para... para quê?

Na água do vaso sanitário soou um outro chape abafado. A tampa subiu e bateu num tranco. Era uma boa resposta. Para sair, claro.

Para sair.

— Sente nela — Jonesy disse para Beaver.

— Quê?

— Sente nela! — Jonesy quase berrou dessa vez, e Beaver sentou às pressas na tampa fechada, com um ar de sobressalto. Na luz sem segredos e uniforme dos tubos fluorescentes, a pele de Beaver parecia tão branca quanto argila seca, e cada ponto da barba por fazer era um sinal congênito. Seus lábios estavam roxos. Acima de sua cabeça estava a velha placa:

PENSANDO DE LAMAR. Os olhos azuis de Beaver arregalados e apavorados.

— Estou sentado, Jonesy... está vendo?

— Sim. Desculpe, Beav. Mas fique sentado aí, está bom? O que quer que ele tivesse dentro dele, está preso aí. Não tem aonde ir, a não ser a fossa séptica. Já volto...

— Aonde vai? Porque eu não quero que você me largue aqui sentado na privada perto de um morto, Jonesy. Se nós dois fugirmos correndo...

— Não vamos correr — Jonesy retrucou com ar sério. — Nosso lugar é aqui, e não vamos fugir correndo. — O que soava nobre, mas excluía um aspecto da situação: ele temia sobretudo que a coisa presa na latrina corresse mais depressa do que ele. Ou escapasse serpeando mais depressa. Ou o que fosse. Trechos de uma centena de filmes de horror — Parasite, Alien, O oitavo passageiro, Calafrios — passaram por sua cabeça a uma supervelocidade. Carla se recusava a ir com ele ao cinema para assistir a um desses e o obrigava a ficar no térreo e usar a tevê no escritório quando levava para casa fitas de vídeo. Mas um desses filmes — algo que viu num deles — poderia muito bem lhes salvar a vida. Jonesy olhou de relance a coisa bolorenta dourada e avermelhada que germinava nas impressões digitais ensanguentadas de McCarthy. Salvar a vida deles, evitando a coisa no vaso sanitário, de qualquer forma. A coisa bolorenta... quem, em nome de Deus, saberia?

A coisa na latrina saltou de novo, batendo com um ruído surdo contra a tampa, mas Beaver não teve dificuldade em manter a tampa fechada. O que era bom. Talvez, o que quer que fosse, se afogasse lá dentro, embora Jonesy não soubesse ao certo como contar com isso; tinha vivido dentro de McCarthy, não tinha? Tinha vivido dentro do velho Sr. Eis-que-estou-à-porta-e-bato um bocado de tempo, talvez nos quatro dias em que estivera perdido na floresta. Reduzira o crescimento da barba de McCarthy, ao que parecia, e provocara a queda de alguns de seus dentes; talvez tivesse feito McCarthy liberar gases intestinais que provavelmente não seriam ignorados nem mesmo na mais educada das sociedades educadas — peidos como gás tóxico, para ser totalmente franco a respeito —, mas a coisa mesma parecia estar bem... lépida... em desenvolvimento...

Jonesy viu de repente a vívida imagem de uma tênia branca se contorcendo e emergindo de um monte de carne crua. Sentiu uma náusea que veio com um som líquido de descarga.

— Jonesy? — Beaver começou a se levantar. Parecia mais sobressaltado do que nunca.

— Beaver, sente outra vez!

Beaver sentou, a tempo. A coisa na latrina saltou e golpeou a parte interna da tampa num baque forte e oco. Eis que estou à porta e bato.

— Lembra-se daquele filme, Máquina mortífera, em que o companheiro do Mel Gibson não se atreveu a sair do banheiro? — Beaver perguntou. Sorriu, mas sua voz soara monótona e seus olhos estavam apavorados. — Isto é igual àquilo, não é?

— Não — disse Jonesy —, porque nada vai explodir. Além do mais,

eu não sou Mel Gibson, e você é branco demais para ser Danny Glover. Escute, Beav. Eu vou até o galpão...

— Nã-nã, de jeito nenhum, não me largue aqui sozinho...

— Cale a boca e escute. Lá tem fita isolante, não tem?

— Tem, pendurada num prego, pelo menos é o que acho...

— Pendurada num prego, tudo bem. Perto das latas de tinta, imagino. Um rolo grande. Vou buscar a fita, voltar e passar a fita em volta da tampa. Depois...

A coisa saltou de novo, com fúria, como se escutasse e entendesse. Bom, como saber que não pode?, Jonesy pensou. Quando bateu contra a tampa com um baque forte e impetuoso, o Beav estremeceu.

— Depois a gente vai embora daqui — Jonesy concluiu.

— Na motoneve?

Jonesy fez que sim com a cabeça, embora na verdade tivesse se esquecido da motoneve.

— É, na motoneve. E vamos nos encontrar com Henry e Pete...

O Beav balançou a cabeça.

— Quarentena, foi o que o sujeito no helicóptero falou. Deve ser por isso que não voltaram até agora, não acha? Devem ter sido detidos pela...

Baque!

Beaver estremeceu. Jonesy também.

— ... pela quarentena.

— Pode ser — disse Jonesy. — Mas sabe, Beav... prefiro ficar de quarentena com Pete e Henry do que aqui com... do que aqui, você não?

— Vamos puxar a descarga — Beaver disse. — Que tal?

Jonesy fez que não com a cabeça.

— Por que não?

— Porque eu vi o buraco que ele abriu para sair — Jonesy respondeu —, e você também viu. Não sei o que é, mas a gente não vai se livrar dele só com uma descarga. É muito grande.

— Merda. — Beaver bateu a palma da mão na testa.

Jonesy anuiu com a cabeça.

— Está bem, Jonesy. Vai buscar a fita.

À porta, Jonesy se deteve e olhou para trás.

— E, Beaver...?

O Beav ergueu as sobrancelhas.

— Aguente firme, amigão.

Beaver soltou uma risadinha. Jonesy fez o mesmo. Entreolharam-se, Jonesy parado no limiar da porta e o Beav sentado na tampa fechada do vaso sanitário, rindo alto. Depois Jonesy atravessou às pressas a grande sala central (ainda rindo — aguente firme, quanto mais pensava nisso mais engraçado parecia ficar) em direção à cozinha. Sentia-se quente e febril, ao mesmo tempo horrorizado e extremamente alegre. Aguente firme. Bananas-por-deus.

2

Beav conseguia ouvir as risadinhas de Jonesy percorrendo a sala, ainda ecoando quando saiu pela porta. Apesar de tudo, Beav estava feliz por ouvir aquele som. Aquele ano já havia sido ruim para Jonesy, sendo atropelado daquele jeito — por um momento, naquela época, a princípio todos acharam que ele partiria para sempre, e isso fora medonho, o coitado do velho Jonesy ainda não tinha completado 37 anos de idade. Ano ruim para Pete, que andava bebendo demais, ano ruim para Henry, que às vezes dava a impressão de viver uma espécie de ausência sinistra que Beav não entendia e da qual não gostava... e agora a gente podia dizer, sim, que tinha sido um ano ruim também para Beaver Clarendon. Claro que aquele era apenas um dia em 365, mas a gente simplesmente não acorda de manhã pensando que de tarde vai haver um sujeito morto deitado nu na banheira e outro sentado na tampa fechada da privada para prender uma coisa que não viu de...

— Nã — fez Beaver. — Não vai lá, entende? Não vai lá.

E não precisava ir. Jonesy estaria de volta com a fita isolante dali a um ou dois minutos, três minutos no máximo. A pergunta era aonde ele queria ir antes de Jonesy voltar? Aonde poderia ir para se sentir bem?

Duddits, esse o lugar. Pensar em Duddits sempre o fizera se sentir bem. E Roberta, pensar nela também era bom. Sem dúvida.

Beav sorriu, lembrando-se da mulherzinha de vestido amarelo parada no fim do passeio em Maple Lane naquele dia. O sorriso se alargou ao se recordar de quando ela os viu. Ela chamava o menino do mesmo jeito. Ela o chamava

3

– Duddits! — ela chama, uma mulherzinha grisalha, que lembra uma garriça, trajando um vestido estampado de flores, e depois corre pelo passeio na direção deles.

Duddits caminhara todo satisfeito na companhia dos novos amigos, matraqueando seis ritmos por minuto, segurando na mão esquerda a lancheira do Scooby-Doo e na direita a mão de Jonesy, balançando-a alegremente para a frente e para trás. Sua tagarelice parece consistir quase inteiramente em sons de vogais abertas. O que mais espanta Beaver é que ele entende quase tudo.

Agora, avistando a mulher com feições de passarinho, Duddits larga a mão de Jonesy e corre para ela, os dois a correr, o que lembra a Beaver um musical sobre um grupo de cantores, os Von Cripp ou Von Crapp ou coisa assim.

— Ah-má, ah-má! — Duddits grita com exuberância. — Mamãe!

Mamãe!

— Onde você andou? Onde você andou, seu travesso, seu velho travesso Duddits!

Reúnem-se, e Duddits parece tão maior — 6 ou 8 centímetros mais alto também — que Beaver estremece, esperando a mulher-passarinho ser derrubada e achatada no chão assim como o Coiote está sempre sendo derrubado e achatado nos cartuns de Papa-léguas. Em lugar disso, ela o levanta e o gira no ar, os pés de tênis voando atrás dele, a boca esticada quase tocando as orelhas numa expressão de êxtase jubiloso.

— Eu já estava para chamar a polícia, seu travesso, que demorou tanto para voltar, seu travesso D...

Vê Beaver e seus amigos e torna a colocar o filho no chão. O sorriso de alívio desaparece; está solene enquanto caminha até eles, passando sobre as casas da amarelinha riscadas por menininhas — por mais grosseiro que seja, Beav pensa, mesmo isso estará sempre além de Duddits. As lágrimas nos olhos dela reluzem na claridade do sol que finalmente irrompeu.

— Ha-ha — faz Pete. — Nós vamos te pegaaar.

— Fique quieto — Henry diz, falando baixo e depressa. — Deixe-a se queixar que depois eu explico.

Mas fizeram mal juízo de Roberta Cavell — julgaram-na pelo padrão de tantos adultos que parecem considerar garotos da idade deles culpados até que provem sua inocência. Roberta Cavell não é assim, tampouco o é seu marido, Alfie. Os Cavell são diferentes. Duddits os tornou diferentes.

— Meninos — ela diz. — Ele estava por aí a esmo? Perdido? Fiquei muito preocupada por deixá-lo andar sozinho, mas ele queria tanto ser um menino de verdade...

Aperta com força os dedos de Beaver com uma das mãos e os dedos de Pete com a outra. Depois, solta-os, aperta a mão de Jonesy e de Henry, e lhes dá o mesmo tratamento.

— Dona... — Henry começa.

A Sra. Cavell olha para Henry com uma concentração fixa, como se procurasse ler seus pensamentos.

— Não propriamente a esmo — ela diz. — Não propriamente perdido.

— Dona... — Henry tenta novamente, depois desiste de qualquer ideia de justificar. É o olhar verde intenso de Duddits vindo direto do rosto dela, só que inteligente e cônscio, penetrante e interrogador. — Não, dona. — Henry suspira. — Não propriamente a esmo.

— Porque em geral ele volta direto para casa. Ele diz que não vai se perder porque vê a linha. Quantos estavam lá?

— Ah, alguns — Jonesy responde, em seguida lança um rápido olhar para Henry. Ao lado deles, Duddits encontrou no gramado do vizinho uns dos últimos dentes-de-leão em época de produzir semente e está deitado de bruços, soprando-lhes as felpas e observando-as flutuar levadas pela brisa. — Uns garotos estavam caçoando dele, dona.

— Marmanjos — acrescenta Pete.

Mais uma vez, os olhos dela os examinam, de Jonesy para Pete, de Pete para Beaver, e depois de volta a Henry.

— Venham, entrem conosco — ela diz. — Quero que me contem como foi. Duddits toma um copo enorme de ZaRex toda tarde, é a bebida especial dele, mas aposto que vocês prefeririam um chá gelado. Não?

Os três olham para Henry, que reflete e depois anui com a cabeça.

— Sim, dona, chá gelado seria sensacional.

Ela então os conduz até a casa onde eles passarão muito tempo nos anos seguintes — a casa número 19 de Maple Lane —, acontece, porém, que é de fato Duddits que vai à frente, saltitando, pulando, às vezes erguendo a lancheira amarela do Scooby-Doo acima da cabeça, mas sempre, Beaver percebe, mantendo-se quase exatamente no mesmo lugar no passeio, a cerca de 30 centímetros da borda do gramado entre a calçada e a rua. Anos mais tarde, depois do caso da moça Rinkenhauer, ele levará em conta o que disse a Sra. Cavell. Todos eles levarão em conta. Ele vê a linha.

4

– Jonesy? — Beaver chamou.

Não houve resposta. Deus do céu, parecia que Jonesy tinha-se ido fazia muito tempo. Provavelmente não, mas não havia como Beaver saber; esquecera-se de pôr o relógio de pulso naquela manhã. Estúpido, mas, por outro lado, sempre fora estúpido, já devia estar acostumado a isso. Comparados com Jonesy e Henry, ele e Pete eram estúpidos. Não que alguma vez Jonesy e Henry tivessem tratado os dois dessa maneira — essa era uma das grandes coisas em relação a eles.

— Jonesy?

Nada, ainda. Provavelmente, estava tendo dificuldade em encontrar a fita, só isso.

Havia uma voz fraca e vil bem no fundo da cabeça de Beaver, dizendo-lhe que a fita não tinha nada a ver com isso, que Jonesy tinha acabado de puxar o carro, deixando-o ali sentado no vaso sanitário como Danny Glover naquele filme, mas não deu atenção à voz, porque Jonesy jamais agiria desse modo. Eram amigos até o fim, sempre o foram.

Está bem, a voz vil concordou. Vocês eram amigos. E este é o fim.

— Jonesy? Você está aí, cara?

Nada ainda. Talvez a fita tivesse caído do prego onde estava pendurada.

Nada debaixo dele também. E, claro, não era realmente possível que McCarthy tivesse defecado uma espécie de monstro dentro do cagatório, era? Que tivesse dado à luz — Nossa! — a Besta no Vaso? Parecia coisa de caçoada de filme de horror no Saturday Night Live. E, mesmo que tivesse acontecido, a Besta no Vaso devia estar afogada àquela altura,

afogada ou mais abaixo no cano. Uma frase de uma história de repente lhe ocorreu, uma que leram para Duddits — revezando-se, e era bom que os quatro estivessem reunidos, porque, quando gostava de alguma coisa, Duddits nunca se cansava.

— Eiia duul! — Duddits gritava, correndo até um deles com o livro erguido acima da cabeça, do jeito que carregara a lancheira até sua casa naquele primeiro dia. — Eiia duul, eiia duul! — O que, nesse caso, significava Leia Pool! Leia Pool! O livro era McElligot's Pool, do Dr. Seuss, cujo primeiro dístico memorável era: "Meu jovem", riu o agricultor, / "Deixe de ser bocó! / Jamais vai pescar peixe / Na lagoa do McElligot." Mas havia peixe, ao menos na imaginação do menininho da história. Peixe aos montes. Peixes grandes.

Nenhum chape vinha de baixo, porém. Nenhum baque também no lado interno da tampa. Fazia algum tempo que não. Talvez pudesse se arriscar e dar uma rápida olhada, só erguer a tampa um pouquinho e fechá-la de volta num zás se alguma coisa...

Mas aguente firme, amigão foi a última coisa que Jonesy lhe disse, e era melhor que o fizesse.

É bem provável que neste momento Jonesy esteja a mais de um quilômetro na estrada, calculou a voz vil. Mais de um quilômetro e ainda ganhando velocidade.

— Não, não está — Beaver disse. — Não o Jonesy.

Mudou um pouco de posição em cima da tampa fechada, esperando que a coisa pulasse, mas a coisa não pulou. Poderia estar a 60 metros dali agora e nadando nos excrementos na fossa. Jonesy dissera que era grande demais para descer pelo cano, mas, uma vez que nenhum deles a vira de fato, não havia como saber ao certo, havia? Fosse uma coisa ou outra, porém, monsieur Beaver Clarendon ficaria bem sentado onde estava. Porque disse que ficaria. Porque o tempo sempre parece mais lento quando a gente está preocupado ou assustado. E porque confia em Jonesy. Jonesy e Henry jamais o magoaram ou fizeram troça, nem dele nem de Pete. E tampouco nenhum deles jamais magoou Duddits ou caçoaram dele.

Beav desatou a rir. Duddits com a lancheira do Scooby-Doo. Duddits deitado de bruços, soprando as felpas dos dentes-de-leão. Duddits correndo pelo quintal, feliz feito passarinho na árvore, sim, e as pessoas que chamavam crianças como ele de excepcionais não sabiam nem meia verdade. Está certo, ele fora excepcional, o presente deles de um mundo confuso que, em geral, caga montes para a gente. Duddits fora para eles uma coisa excepcional, e eles o adoravam.

5

Sentam-se no canto ensolarado da cozinha — as nuvens sumiram como se

num passe de mágica —, bebendo chá gelado e observando Duddits, que bebeu o ZaRex (uma coisa alaranjada horrenda) em três ou quatro enormes goles e depois correu para brincar.

Henry fala mais do que os demais, contando para a Sra. Cavell que os marmanjos "estavam apenas intimidando-o". Conta que se tornaram um tanto agressivos e lhe rasgaram a camisa, o que assustou Duddits e o fez chorar. Não menciona que Richie Grenadeau e seus companheiros lhe tiraram a calça, não menciona a repulsiva merenda que queriam que Duddits comesse, e, quando a Sra. Cavell pergunta se ele conhece os marmanjos, Henry hesita um instante e depois responde que não, só uns garotos do colegial, não conhecia nenhum deles, não por nome. Ela olha para Beaver, Jonesy e Pete; todos eles balançam a cabeça negativamente. Pode ser errado — e também perigoso para Duddits, no final das contas —, mas não podem se afastar demais das normas que governam suas vidas. Beaver já não compreendia onde encontraram coragem para intervir, em primeiro lugar, e mais tarde os demais dirão a mesma coisa. Espantam-se com sua coragem; espantam-se também por não terem ido parar num hospital.

Ela os fita com tristeza por um momento, e Beaver percebe que sabe um bocado do que eles estão omitindo, provavelmente o bastante para mantê-la acordada esta noite. Depois ela sorri. Bem para Beaver, ela sorri, e isso o faz se arrepiar da cabeça aos pés.

— Mas que monte de zíperes na sua jaqueta! — observa.

Beaver sorri.

— É, dona. É a minha jaqueta do Fonzie. Era do meu irmão. Esses caras aqui zombam dela, mas gosto dela mesmo assim.

— Happy Days* — ela diz. — Nós também gostamos. Duddits gosta. Talvez vocês apreciassem vir uma noite para assistir junto com a gente. Com ele. — O sorriso se torna melancólico, como se soubesse que nada disso jamais acontecerá.

— É, é uma boa ideia — Beav diz.

— É, de fato — Pete concorda.

Ficam em silêncio por alguns instantes, apenas observando o menino brincar no quintal. Há dois balanços. Duddits corre atrás deles, empurrando-os, deixando-os balançar sozinhos. Às vezes para, cruza os braços sobre o peito, ergue para o céu o rosto de relógio com mostrador sem ponteiros e ri.

— Ele parece estar bem agora — Jonesy diz, e bebe o último gole de chá. — Acho que já se esqueceu de tudo.

A Sra. Cavell fizera um movimento de se levantar. Agora torna a sentar, lançando-lhe um olhar quase sobressaltado.

— Ah, não, não, de modo algum — diz. — Ele se lembra. Não como você ou eu, talvez, mas ele se lembra de coisas. Provavelmente terá pesadelos hoje à noite, e, quando entrarmos no quarto dele, o pai dele e eu, não saberá explicar. Para ele, isso é o pior; não saber explicar o que vê, pensa e sente. Não tem o vocabulário. — Suspira. — Em todo caso, aqueles meninos não se esquecerão dele. E se estiverem à espera dele agora? E se

estiverem à espera de vocês?

— Nós sabemos tomar conta de nós mesmos — Jonesy retruca, mas, embora a voz saia bastante firme, os olhos estão inquietos.

— Talvez — ela diz. — Mas e quanto a Duddits? Posso levá-lo para a escola... eu costumava fazê-lo e acho que terei de voltar a fazê-lo, pelo menos por enquanto... mas ele gosta tanto de fazer o caminho de volta a pé.

— Com isso, ele se sente mais adulto — Pete diz.

Ela estende o braço sobre a mesa e toca a mão de Pete, fazendo-o corar.

— Exatamente, com isso ele se sente mais adulto.

— Sabe — diz Henry —, nós poderíamos acompanhá-lo. Nós todos vamos juntos para a escola, e seria fácil vir de Kansas Street para cá.

Roberta Cavell permanece em silêncio, uma pequena mulher-passarinho de vestido estampado, olhando para Henry atentamente, como quem espera a parte final de uma piada.

— A senhora concordaria, Sra. Cavell? — Beaver pergunta. — Porque a gente pode fazer isso, tranquilamente. Ou a senhora não concorda?

Algo complicado se dá no rosto da Sra. Cavell — há uns breves espasmos, sobretudo sob a pele. Um olho quase pisca, e depois o outro pisca de fato. Ela tira um lenço do bolso e assoa o nariz. Beaver pensa: Está tentando não rir da gente. Quando disser para Henry que, no caminho para casa, Jonesy e Pete já terão sumido, Henry olhará para ele com um espanto total. Chorar é o que ela está tentando não fazer, ele dirá... e então, afetuosamente, após uma pausa: Bobão.

— Fariam isso? — ela pergunta e, quando Henry diz que sim com a cabeça em nome de todos eles, ela modifica ligeiramente a pergunta: — Por que fariam isso?

Henry corre o olhar em redor, como se dissesse: Alguém pode responder a esta, por favor?

Pete diz:

— Gostamos dele, dona.

Jonesy anui com a cabeça.

— Gosto do jeito que ele carrega a lancheira acima da cabeça...

— É, é gozado pacas — Pete diz. Henry chuta-o embaixo da mesa. Pete revisa o que acabou de dizer, dá para vê-lo fazer isso, e começa a ficar vermelho como pimentão.

A Sra. Cavell parece não notar. Está olhando para Henry com uma intensidade fixa.

— Ele tem de ir às 7h45 — ela diz.

— A gente está sempre perto daqui a essa hora — Henry retruca. — Não é mesmo, companheiros?

Embora 7h45 seja na verdade um tanto cedo para eles, concordam com um movimento de cabeça e dizem sim, sim, claro.

— Fariam isso? — ela pergunta de novo, e dessa vez Beaver não tem dificuldade em entender o tom de voz; ela é "incredulaqueéisso", a

palavra que significa não dá para acreditar em vocês.

— Claro — Henry responde. — A não ser que a senhora ache que Duddits não... a senhora sabe...

— Não queira que a gente o acompanhe — conclui Jonesy.

— Vocês estão loucos? — ela pergunta. Beaver acha que ela fala por si mesma, tentando convencer a si mesma de que esses meninos estão sentados em sua cozinha, que tudo isso está de fato acontecendo. — Ir para a escola com os garotos grandes? Garotos que vão para o que Duddits chama de "escola de verdade"? Ele acharia que está no paraíso.

— Pois bem — diz Henry. — A gente vem às 7h45, vai com ele até a escola. E a gente o traz de volta para casa também.

— Ele sai às...

— Hã, a gente sabe a hora que termina a Academia dos Retardados — diz Beaver com alegria, percebendo, um segundo antes de ver a expressão de choque no rosto dos outros, que disse uma coisa bem pior do que pacas. Tampa a boca com as mãos. Acima delas, os olhos se esbugalham. Jonesy lhe chuta a canela com tanta força embaixo da mesa que o Beav quase cai para trás.

— Não ligue para ele, dona — diz Henry. Fala depressa, o que só faz quando se sente constrangido. — Ele apenas...

— Não ligo — ela retruca. — Sei do apelido que as pessoas deram. Às vezes nós mesmos, Alfie e eu, a chamamos assim. — Esse assunto, inacreditavelmente, mal parece lhe despertar interesse. — Por quê? — pergunta de novo.

Embora esteja olhando para Henry, é Beaver quem responde, apesar das faces ruborizadas.

— Porque ele é legal — responde. Os outros concordam com a cabeça.

Levarão Duddits para a escola e o trarão de volta para casa durante os próximos cinco anos, exceto quando ele adoecer ou quando eles forem para a Hole in the Wall; ao final desse período, Duddits já não irá para Mary M. Snowe, também conhecida como Academia dos Retardados, mas para Derry Vocational, onde aprenderá a cozinhar biscoitos (doinhar disdotos, em dudditsês), trocar bateria de carro, trocar de roupa e dar nó na própria gravata (o nó sempre perfeito, embora às vezes mais ou menos na altura da metade do peito da camisa). Àquela época, o caso de Josie Rinkenhauer já terá acontecido e passado, um prodígio com a breve duração de nove dias, esquecido por todo mundo exceto os pais de Josie, que jamais o esquecerão. Naqueles anos, quando caminharem com ele para a escola e para casa, Duddits irá se espigar até se tornar o mais alto de todos eles, um adolescente enturmado com um rosto de criança estranhamente belo. Àquela época, eles já lhe terão ensinado como jogar Parcheesi e uma versão simplificada do Monopólio; àquela época, terão inventado o Jogo de Duddits e jogado exaustivamente, às vezes rindo tanto que Alfie Cavell (o mais alto do casal, mas também com alguns traços de passarinho) apareceria no patamar da escada na cozinha, a que levava para a sala de recreação, e

gritaria de lá de cima, querendo saber o que estava acontecendo, o que era tão engraçado, e talvez eles tentassem explicar que Duddits tinha marcado 14 com os pinos de Henry num jogo a dois ou que Duddits marcara para Pete 15 invertidos, mas Alfie aparentemente não entenderia; ficaria parado no patamar com um caderno do jornal na mão, sorrindo com perplexidade; e por fim diria a mesma coisa de sempre: Vejam se riem com menos barulho, rapazes, e fecharia a porta, deixando-os fazer o que bem quisessem... e de tudo o que faziam, o Jogo de Duddits era o melhor, um barato total, como Pete diria. Havia ocasiões em que Beaver achava que poderia de fato explodir de tanto rir, e Duddits se sentava lá o tempo todo no tapete ao lado do enorme tabuleiro de cribbage Parkmunn, sentado sobre os pés dobrados e sorrindo como um Buda. Que fodaréu! Tudo isso à frente deles, mas agora apenas esta cozinha, e o sol surpreendente, e Duddits lá fora, empurrando os balanços. Duddits que lhes fizera esse grande favor de entrar em suas vidas. Duddits que não é — sabem disso desde o começo — igual a qualquer outra pessoa que conhecem.

— Não entendo como puderam fazê-lo — diz Pete, de repente. — O jeito que ele estava chorando. Não sei como puderam maltratá-lo.

Roberta Cavell olha para ele com tristeza.

— Os garotos mais velhos não o escutam da mesma forma — diz. — Espero que vocês jamais entendam.

6

– Jonesy! — Beaver gritou. — Ei, Jonesy!

Dessa vez houve uma resposta, fraca mas inconfundível. O galpão onde ficava a motoneve era uma espécie de ático no nível do térreo, e uma das coisas que lá guardavam era uma antiquada buzina com esfera de borracha, do tipo que, na década de 1920 ou 1930, um entregador teria montado no guidão de sua bicicleta. Agora Beaver a ouviu: Fonfom! Fonfom! Um ruído que sem dúvida teria feito Duddits chorar de rir — um fanático por ruídos estridentes e suculentos, assim era o velho Duds.

A fina cortina azul do chuveiro farfalhou, e os braços de Beav se eriçaram num abundante arrepio de pele de galinha. Por um momento, quase deu um pulo, pensando que fosse McCarthy, depois se deu conta de que havia raspado na cortina com o próprio cotovelo — tudo ali era apertado, apertado, sem dúvida — e se recostou. Nada ainda vinha debaixo dele, porém; aquela coisa, o que quer que fosse, estava morta ou tinha ido embora. Com certeza.

Bom... quase com certeza.

O Beav esticou a mão para trás nas costas, tocou a alavanca de descarga por um instante, depois deixou a mão baixar. Aguente firme, Jonesy dissera, e Beaver continuava sentado, mas por que Jonesy não

voltava? Se não conseguia achar a fita, por que não voltava sem ela? Já deviam ter passado pelo menos dez minutos, não deviam? E parecia uma hora. Enquanto isso, ali estava ele, sentado na latrina com um morto na banheira ao lado dele, um cujo traseiro parecia ter sido aberto com dinamite. E falar de ter de fazer um cocozinho...

— Aperte a buzina de novo pelo menos — Beaver murmurou. — Toque essa coisa surpreendente, deixe eu saber que você ainda está aqui. — Mas Jonesy não tocou.

7

Jonesy não encontrou a fita.

Procurara em toda parte e não a encontrou em parte alguma. Sabia que estaria por ali, mas não pendurada nos pregos nem na mesa de trabalho, cheia de ferramentas. Não estava atrás das latas de tinta nem no gancho embaixo das velhas máscaras de tinta que pendiam nos elásticos amarelecidos. Olhou embaixo da mesa, olhou nas caixas encostadas na parede do fundo, depois no compartimento debaixo do banco de passageiro da Arctic Cat. Havia um farol dianteiro sobressalente, ainda dentro da caixa, e meio maço velho de Lucky Strike, mas nada da droga da fita. Ele sentia os minutos passarem. Uma vez teve certeza de que o Beav o chamara, mas, como não queria voltar para a cabana sem a fita, apertou a buzina que estava jogada no chão, apertando a esfera de borracha preta rachada e produzindo o som de fonfom que sem dúvida Duddits teria adorado.

Quanto mais procurava a fita e não a encontrava, mais premente ela se tornava. Havia um rolo de barbante, mas como amarrar uma tampa de privada com barbante, Deus do céu? Havia fita durex numa gaveta da cozinha, tinha quase certeza disso, mas a coisa dentro da privada dava a impressão de ser bastante forte, como um peixe de bom tamanho ou coisa assim. Fita durex não daria conta do recado.

Jonesy parou ao lado da Arctic Cat, olhando em redor com os olhos bem abertos, passando a mão pelo cabelo (não tornara a calçar as luvas e estava ali havia um tempo suficiente para os dedos ficarem insensíveis), exalando grandes baforadas brancas de vapor.

— Mas cadê essa merda? — perguntou em voz alta, esmurrando a mesa. Uma pilha de pequenas caixas de pregos e parafusos desmoronou quando esmurrou a mesa, e lá, atrás delas, estava a fita isolante, um rolo grande e grosso. Seus olhos deviam ter passado por ela uma dúzia de vezes.

Agarrou-a, meteu-a no bolso do agasalho — lembrara-se de vesti-lo, pelo menos, embora não tivesse se preocupado em fechá-lo — e se virou para sair. Nesse instante, Beaver começou a gritar. Seus chamados mal chegavam até ali, mas Jonesy não teve dificuldade em ouvir os gritos. Eram

gritos ressonantes, fortes, impregnados de dor.

Jonesy correu veloz para a porta.

8

A mãe de Beaver sempre dizia que os palitos o matariam, mas jamais imaginara algo assim.

Sentado na tampa fechada do vaso sanitário, ele apalpou o bolso do peito do macacão à procura de um palito para mastigar, mas não havia nenhum — estavam todos espalhados no piso. Dois ou três deles caíram longe do sangue, mas ele teria de se erguer um pouco da tampa para pegá-los — erguer-se e curvar-se para a frente.

Beaver ponderou. Aguente firme, Jonesy dissera, mas sem dúvida a coisa na privada tinha ido embora; submergir, submergir, submergir , como dizem nos filmes de guerra de submarino. Mesmo que não tivesse, ergueria o traseiro apenas por um ou dois segundos. Se a coisa saltasse, ele deixaria cair o peso do corpo imediatamente, talvez com isso lhe quebrasse o pescocinho escamoso (sempre supondo-se que tivesse pescoço).

Olhou com ansiedade para os palitos. Três ou quatro estavam bastante próximos, de modo que era só esticar a mão e apanhá-los, mas não poria palitos ensanguentados na boca, sobretudo sabendo de onde viera o sangue. Havia outra coisa, também. Aquela estranha substância peluda que germinava no sangue, germinava também nos sulcos de argamassa entre os ladrilhos — via-o com muito mais clareza agora. Estava num dos palitos também... mas não nos que caíram longe do sangue. Estes estavam limpos e brancos, e, se alguma vez na vida ele precisou do conforto de algo na boca, um pedacinho de madeira para mastigar, era naquele momento.

— Foda-se — Beav murmurou, e se curvou, estendendo a mão. Os dedos esticados por pouco não alcançaram o palito limpo mais próximo. Ele flexionou os músculos das coxas e as nádegas se ergueram da tampa. Os dedos prenderam o palito — ah, peguei — e, nesse exato momento, algo golpeou a tampa fechada do assento do vaso sanitário, golpeou-a com uma força aterradora, fazendo-a colidir com seus testículos desprotegidos e arremessando-o para a frente. Beaver se agarrou à cortina do chuveiro num esforço desesperado para manter o equilíbrio, mas a cortina se desprendeu da barra de metal num metálico tilintar de argolas. Suas botas escorregaram no sangue, e ele se estatelou no chão, como que lançado de um assento ejetor. Ouviu atrás dele o assento do vaso sanitário ser arremessado no ar com uma violência suficiente para quebrar o depósito de água da privada.

Algo molhado e pesado pousou nas costas de Beaver. Algo que parecia uma cauda, um verme ou um tentáculo muscular segmentado enrolou-se entre as suas pernas e se apossou dos testículos já doloridos

numa contração de aperto de jiboia. Beaver berrou, o queixo erguendo-se dos ladrilhos ensanguentados (um desenho de linhas vermelhas entrecruzadas tatuado tenuemente no queixo), os olhos saltando. A coisa ficou molhada, fria e pesada entre a nuca e o lombo, como um tapete enrolado que respirava, e então começou a emitir um ruído de trinado, agudo e febril, o som de um macaco enfurecido.

Beaver tornou a gritar, foi serpeando de bruços na direção da porta; em seguida, cambaleando, pôs-se de quatro, tentando safar-se da coisa. A corda muscular entre suas pernas exerceu uma pressão maior, e soou uma pequena explosão de algum lugar na névoa líquida de dor que era agora sua virilha.

Ah, Deus, pensou.

— Bananas-por-deus-todo-poderoso, acho que foi um dos meus testículos.

Guinchando, suando, a língua dançando para fora e para dentro da boca como se numa orgia demente, Beaver fez a única coisa em que conseguiu pensar: rolou sobre as costas, procurando esmagar o-que-quer-que-fosse entre sua espinha e os ladrilhos. A coisa trilou em seu ouvido, quase ensurdecendo-o, e começou a se contorcer freneticamente. Beaver se apoderou da cauda enrolada entre suas pernas, lisa e sem pelo na parte de cima, espinhosa — como se revestida de ganchos feitos de pelos coagulados — na parte de baixo. E molhada. Água? Sangue? Ambos?

— Ahhh! Ahhh! Ah, Deus, me solte! Seu merda, me solte! Deus! A merda do meu saco! Deeus!

Antes que Beaver conseguisse colocar as duas mãos sob a cauda, um punhado de agulhas lhe penetrou o lado do pescoço. Ele recuou, urrando, e depois a coisa se foi. Beaver tentou ficar de pé. Teve de se impulsionar com as duas mãos, porque já não havia força nas pernas, e as mãos não paravam de escorregar. Além do sangue de McCarthy, o piso do banheiro estava agora coberto da água turva entornada do depósito rachado da privada, e a superfície ladrilhada era um rinque de patinação.

Quando por fim se levantou, viu algo aferrando-se à porta a meia distância. Lembrava uma fuinha monstrenga — sem pernas, porém com uma espessa cauda vermelho-dourada. Não havia uma cabeça, propriamente, apenas uma espécie de nodo de aspecto lúbrico do qual dois febris olhos pretos olhavam.

A parte inferior do nodo se abrira ao meio, revelando um ninho de dentes. Para Beaver, a coisa parecia ser uma serpente, o nodo açoitando para a frente, a cauda sem pelo enrolada ao lado da ombreira da porta. Beaver gritou e ergueu a mão diante do rosto. Nela, três dos quatro dedos — todos, exceto o mindinho — desapareceram. Não havia dor, ou isso ou então a dor dos testículos rompidos a neutralizava inteiramente. Tentou recuar, mas a parte anterior dos joelhos bateu no vaso da latrina destruída. Não havia aonde ir.

Estaria a coisa dentro dele?, Beaver pensou; restou-lhe tempo para pensar isso. Estaria dentro dele?

Então a coisa desenrolou a cauda, ou o tentáculo, o que quer que fosse, e saltou sobre ele, a parte superior da cabeça rudimentar repleta com os olhos pretos estupidamente furiosos, a parte inferior um pacote de agulhas de ossos. Longe dali, em algum outro universo onde ainda haveria vida sensata, Jonesy estava chamando seu nome, mas Jonesy chegaria tarde, Jonesy chegaria tarde demais.

A coisa que estivera dentro de McCarthy pousara no peito do Beav com um odor. Cheirava como as ventosidades de McCarthy — um forte cheiro de petróleo, éter e gás metano. O açoite muscular, que constituía a parte inferior do corpo, enrolara-se em torno da cintura de Beaver. A cabeça se projetou para a frente, e os dentes se enterraram no dele.

Gritando, golpeando a coisa com os punhos cerrados, Beaver caiu para trás, sobre a latrina. O assento e a tampa haviam se chocado contra o depósito de água quando a coisa saiu de dentro do vaso. A tampa permanecera erguida, mas o assento voltara à sua posição. Agora o Beav caía sobre ele, quebrava-o, o traseiro desabando sobre o vaso sanitário com a coisa semelhante a uma fuinha, prendendo-o em torno da cintura e mastigando-lhe o rosto.

— Beaver! Beav, o que...

Beaver sentiu a coisa enrijecer contra ele — literalmente enrijecer, como um pênis enrijece. A pressão do tentáculo em torno de sua cintura se intensificou, depois afrouxou. O rosto parvo de olhos pretos se virou num zás para a direção de onde vinha a voz de Jonesy, e o Beav enxergou o amigo através de uma névoa de sangue, os olhos turvos: Jonesy estupefato, parado no limiar da porta, um rolo de fita isolante (não vai precisar dela agora, Beaver pensou, nã) na mão prostrada. Jonesy ficou parado totalmente indefeso, tomado de um horror traumatizante. A próxima refeição dessa coisa.

— Jonesy, some daqui! — Beaver gritou. A voz molhada, comprimida numa golfada de sangue. Sentiu a coisa se preparar para saltar e prendeu com os braços aquele corpo que pulsava, como se fosse uma amante. — Some! Fecha a porta! Q... — Queime-a, quis dizer. Tranque-a, tranque nós dois aqui, queime-a, queime-a viva, vou me sentar aqui com a bunda no fundo desta latrina, com os braços em torno dela, e, se eu morrer sentindo o cheiro de coisa torrada, vou morrer feliz. Mas a coisa relutava com ímpeto e o puto do Jonesy simplesmente continuava lá em pé, com o rolo de fita isolante na mão, de queixo caído, e, caramba, como se parecia com o Duddits, mudo como uma porta, e jamais aprenderia. A coisa então se virou para Beaver, o nodo — uma espécie de cabeça sem nariz e sem orelhas — retraído, e, antes que a cabeça investisse para a frente e o mundo fosse detonado pela última vez, a Beaver ocorreu um parcial e derradeiro pensamento: Esses palitos, mas que merda, bem que a minha mãe sempre falava...

Depois o vermelho explodindo e o preto engolfando e em algum lugar remoto o som de seus próprios gritos, os gritos derradeiros.

Jonesy viu Beaver sentado no vaso sanitário com algo que parecia um gigantesco verme vermelho-dourado agarrado nele. Chamou-o com um grito, e a coisa se virou para ele, nenhuma cabeça de verdade, só os olhos pretos de um tubarão e um punhado de dentes. Algo nos dentes, algo que não poderia ser os restos lacerados do nariz de Beaver Clarendon, mas que provavelmente era.

Some daqui!, berrou para si mesmo, e em seguida: Salve-o! Salve Beaver!

Os dois imperativos tinham igual importância, e, como resultado, ele se imobilizou no limiar da porta, sentindo-se como se pesasse uma tonelada. A coisa nos braços de Beaver emitia um ruído, um trilado alucinante que lhe penetrou a cabeça e o fez pensar numa coisa, uma coisa muito antiga, não sabia exatamente o quê.

Depois Beaver, desajeitadamente escarrapachado na latrina, gritou para ele, mandando-o ir embora, fechar a porta, e a coisa se virou para o som de sua voz, como se chamada a executar uma tarefa temporariamente esquecida, e foram os olhos de Beaver que a coisa abocanhou dessa vez, a porra dos olhos dele, Beaver se contorcendo e urrando e tentando manter o controle enquanto a coisa trilava, chilrava, mordia, a cauda ou o que quer que fosse, flexionando-se e comprimindo a cintura de Beaver, arrancando a camisa de Beaver para fora do macacão e em seguida infiltrando-se na pele nua, os pés de Beaver estremecendo espasmodicamente sobre os ladrilhos, os saltos das botas chapinhando na água ensanguentada em camadas finas, sua sombra estrebuchando na parede, e aquela coisa bolorenta espalhando-se por toda parte, crescendo tão depressa...

Jonesy viu Beaver tombar para trás numa agonia derradeira; viu a coisa afrouxar a garra e recuar no momento mesmo em que o Beav despencou do vaso sanitário, a parte superior do corpo caindo dentro da banheira, em cima de McCarthy, o velho Sr. Eis-Que-Estou-à-Porta-e-Bato. A coisa pousou no chão, resvalou — Deus, como era veloz! — e começou a avançar na direção dele. Jonesy recuou um passo e fechou a porta do banheiro numa batida antes de a coisa ir de encontro a ela, produzindo um baque quase exatamente igual ao que produziu ao golpear a parte interna da tampa da privada. Chocou-se com uma força suficiente para sacudir a porta no batente. A luz tremulava na fresta embaixo da porta, como uma persiana sendo aberta e fechada, enquanto a coisa se movimentava agitada nos ladrilhos, e depois tornou a se lançar contra a porta. O primeiro pensamento de Jonesy foi correr e buscar uma cadeira, colocá-la sob a maçaneta, mas que bobagem isso seria, como seus filhos diziam, mas que puta estupidez, porque a porta se abria para dentro, não para fora. A verdadeira questão era saber se a coisa compreendia a função da maçaneta e se conseguiria alcançá-la.

Como se a coisa tivesse captado seu pensamento — e quem saberia

se isso era impossível? —, houve um som de deslizamento no outro lado da porta e ele sentiu a maçaneta se mover. O que quer que fosse, a coisa era inacreditavelmente forte. Jonesy estava segurando a maçaneta com a mão direita; agora também buscava reforço com a mão esquerda. Houve um momento crítico em que a pressão sobre a maçaneta continuou a aumentar, quando ele não duvidou de que a coisa lá dentro seria capaz de girar a maçaneta, apesar de ele segurá-la com as duas mãos, e Jonesy quase cedeu ao pânico, quase fez meia-volta e saiu correndo.

O que o deteve foi a lembrança de quão veloz a coisa era. Teria me atropelado antes que eu chegasse ao meio da sala, pensou, perguntando a si mesmo por que a sala tinha de ser tão grande daquele jeito. Teria me atropelado, subido pelas minhas pernas e entrado no meu...

Jonesy prendeu a maçaneta com força redobrada, os nervos saltando no antebraço e nos lados do pescoço, os lábios retraídos e repuxados, mostrando os dentes. O quadril também doía. A merda do quadril, se tentasse correr, o quadril lhe diminuiria a velocidade ainda mais, graças ao velho professor aposentado, o puto do velho imbecil não deveria, para começar, ter estado dirigindo, muitíssimo obrigado, professor, um montão de merda de obrigados, e se ele não fosse capaz de manter a porta fechada e não fosse capaz de correr, então, o que mais?

O que acontecera com Beaver, claro. A coisa estava com o nariz do Beav entre os dentes como se mordesse um churrasquinho.

Gemendo, Jonesy segurou a maçaneta. Por um momento, a pressão aumentou ainda mais e depois cessou. Por trás da madeira fina da porta, a coisa berrava com raiva. Jonesy pôde sentir o cheiro de éter de fluido de arranque de motor.

Como estaria a coisa agarrando a maçaneta? Era desprovida de membros, pelo menos que Jonesy pudesse ver, só um troço parecido com uma cauda avermelhada, então, como...

Escutou o breve craque da madeira que rachava no outro lado da porta, bem na altura de sua cabeça, a julgar pelo ruído, e teve certeza. A coisa se aferrava à maçaneta com os dentes. A ideia espalhou um horror irracional pelo corpo de Jonesy. A coisa estivera dentro de McCarthy, ele não tinha a menor dúvida disso. Dentro de McCarthy e crescendo como uma tênia gigantesca num filme de horror. Como câncer, um câncer com dentes. E assim que estivesse bastante grande, assim que estivesse pronta para partir para coisas maiores e melhores, como se poderia dizer, ela simplesmente abriria caminho mastigando.

— Não, cara, não — disse Jonesy com uma voz úmida, quase chorosa.

A maçaneta da porta do banheiro começou a querer girar do outro lado. Jonesy conseguia ver a coisa lá, no interior do banheiro, devorando a madeira com os dentes como sanguessuga, a cauda, ou o tentáculo, enrolada em torno da maçaneta como uma laçada num nó corredio de carrasco, forçando...

— Não, não, não — Jonesy arquejou, agarrando-se à maçaneta com

todas as forças. Estava a ponto de escapar de suas garras. Havia suor no rosto e também nas palmas das mãos, sentia-o.

Diante de seus olhos saltados, apavorados, uma constelação de fraturas apareceu na madeira. Surgiam onde a coisa enterrava os dentes e os penetrava cada vez mais fundo. Logo as rachaduras explodiriam (se ele antes não perdesse o controle da maçaneta, quer dizer), e ele teria de ver as presas que deceparam o nariz do rosto do amigo.

Isso o fez cair em si: Beaver estava morto. O velho amigo.

— Você o matou! — Jonesy berrou para a coisa do outro lado da porta. Sua voz estremeceu com tristeza e terror. — Você matou o Beav!

Suas faces estavam afogueadas; as lágrimas que começavam a escorrer nelas, ainda mais afogueadas. Beaver com a jaqueta de couro preto (Mas que monte de zíperes!, a mãe de Duddits observara no dia em que eles a conheceram), Beaver quase com cara de bunda no baile de formatura e dançando como um cossaco, os braços cruzados no peito e os pés chutando, Beaver na festa de casamento de Jonesy e Carla, abraçando Jonesy e sussurrando impetuosamente em seu ouvido: "Seja feliz, cara. Seja feliz por todos nós." E fora nessa ocasião que ele soube pela primeira vez que Beaver não era feliz — Henry e Peter, claro, quanto a eles nunca houvera dúvida, mas o Beav? E agora Beaver estava morto, Beaver com o corpo metade fora e metade dentro da banheira, jazendo sem nariz em cima do bosta do Sr. Richard Eis-Que-Estou-à-Porta-e-Bato McCarthy.

— Você o matou, seu filho da puta! — urrou para as rachaduras da porta; antes havia seis delas, e agora havia nove, merda, uma dúzia.

Como se surpreendida por sua ira, a pressão da esquerda para a direita na maçaneta cessou mais uma vez. Jonesy procurou desesperadamente em redor algo que o ajudasse, nada viu, e então baixou o olhar. O rolo de fita isolante estava no chão. Poderia curvar-se e pegá-lo, mas e depois? Precisaria das duas mãos para puxar a fita, das duas mãos e dos dentes para parti-la, e, mesmo supondo que a coisa lhe desse tempo, de que serviria, se mal conseguia conter a maçaneta contra a pressão da coisa?

E então a maçaneta começou a girar de novo. Jonesy a agarrou, mas já estava sentindo-se cansado, a adrenalina nos músculos começando a baixar e virar chumbo, as palmas mais escorregadias do que antes, e aquele cheiro — o cheiro de éter estava mais pronunciado e, de algum modo, mais puro, não contaminado pelas excreções e pelos gases do corpo de McCarthy, e como podia ser tão forte no lado de fora da porta? Como podia, a não ser que...

No meio segundo, mais ou menos, antes de quebrar-se a haste que conectava o lado de dentro da maçaneta e o lado de fora da porta do banheiro, Jonesy notou que havia escurecido. Um pouco. Como se alguém tivesse se aproximado furtivamente de suas costas, estivesse parado entre ele e a luz, ele e a porta preta...

A haste rebentou. A maçaneta na mão de Jonesy se soltou e a porta do banheiro se entreabriu imediatamente, puxada pelo peso da coisa em

forma de enguia que a ela se agarrava. Jonesy emitiu um grito estridente e largou a maçaneta. Ela caiu sobre o rolo de fita isolante e quicou de lado.

Ele girou para correr e deu de cara com um homem cinzento.

Ele — a coisa — era um estranho, mas, de algum modo, nada estranho. Jonesy vira representações dele numa centena de programas de TV de "histórias extraordinárias", nas primeiras páginas de milhares de tabloides (do tipo que joga na cara da gente os horrores tragicômicos enquanto a gente está parado na fila do caixa do supermercado), em filmes como ET e Fogo no céu; o Sr. Cinza, que é uma matéria-prima de Arquivos X.

Todas as imagens acertaram em relação aos olhos, pelo menos, aqueles olhos pretos grandes que eram exatamente iguais aos olhos da coisa que saíra de McCarthy mastigando-lhe o traseiro, e a boca estava fechada — um talho vestigial, não mais do que isso —, mas sua pele cinza caía em dobras e pregas frouxas, como um elefante morrendo de velhice. Das rugas escorriam lânguidos jorros branco-amarelados de uma substância purulenta; a mesma que escorria como lágrimas do canto de seus olhos inexpressivos. Coágulos e nódoas delas turvavam o soalho da grande sala, o tapete navajo embaixo do apanhador de sonhos, mais adiante, na direção da porta da cozinha, pela qual entrara. Há quanto tempo o Sr. Cinza estava ali? Teria estado lá fora, observando Jonesy correr do galpão que abrigava a motoneve até a porta dos fundos, carregando na mão o inútil rolo de fita isolante?

Ele não sabia. Sabia apenas que o Sr. Cinza estava agonizando, e Jonesy tinha de passar por ele, porque a coisa no banheiro havia acabado de cair no piso com um pesado baque. Avançaria contra ele.

Marcy, disse o Sr. Cinza.

Falou com uma clareza perfeita, embora o vestígio de boca não tivesse se movimentado. Jonesy ouviu a palavra no centro de sua cabeça, no mesmo e exato lugar em que sempre ouvira Duddits chorar.

— O que quer?

A coisa no banheiro resvalou por entre seus pés, mas Jonesy mal percebeu. Mal percebeu que ela se enrolou entre os pés nus e sem dedos do homem cinza.

Por favor, pare, disse o Sr. Cinza dentro da cabeça de Jonesy. Era o clique. Mais; era a linha. Às vezes, a gente vê a linha; às vezes, a gente a ouve, como ouvira naquela vez o fluxo dos pensamentos de culpa de Defuniak. Não suporto mais, me dê uma dose, onde está Marcy?

A morte estava à minha procura naquele dia, Jonesy pensou. Desencontrou-se de mim na rua, desencontrou-se de mim no hospital — se ao menos por um ou dois quartos —, tem me procurado desde então. Enfim, me encontrou.

E então a cabeça da coisa explodiu, rebentou, desprendendo uma nuvem vermelho-alaranjada de partículas que cheiravam a éter.

Jonesy as respirou.

* Famoso seriado americano da década de 50, estrelado pelo comediante

Henry Winkler, mais conhecido como Fonzie. (N. E.)

Capítulo Oito

Roberta

O cabelo agora grisalho, uma viúva de 58 anos de idade (mas ainda uma mulher-passarinho com gosto por vestidos estampados de flores, essas coisas não mudaram), a mãe de Duddits estava sentada na frente do aparelho de televisão no apartamento térreo de West Derry Acres em que morava com o filho. Vendera a casa de Maple Lane após a morte de Alfie. Teria tido condições para mantê-la — Alfie lhe deixara dinheiro em abundância, o seguro de vida lhe pagara uma grande soma e, além disso, havia a participação na firma de peças de automóvel importadas que ela fundara em 1975 —, mas era muito grande e havia muitas lembranças acima e abaixo da sala de estar onde ela e Duddits passavam a maior parte do tempo. Acima ficava o quarto onde ela e Alfie dormiam e conversavam, faziam planos e sexo. Abaixo ficava a sala onde Duddits e os amigos dele passaram tantas tardes e noites. Na opinião de Roberta, eram amigos enviados pela providência, anjos de bom coração e bocas-sujas que na verdade esperavam que ela acreditasse que, quando começou a dizer fod, Duddits estava procurando dizer Fudd, que, eles explicaram com seriedade, era o nome do novo cachorrinho de Pete — Elmer Fudd, abreviado para Fudd. E, claro, ela fingiu ter acreditado nisso.

Muitas lembranças, muitos fantasmas de tempos felizes. E depois, claro, Duddits adoeceu. Fazia dois anos agora que estava doente, e nenhum dos velhos amigos o sabia, porque já não o visitavam mais, e ela não tinha coragem de pegar o telefone e ligar para Beaver, que teria telefonado para os outros.

Agora sentava-se na frente da televisão, onde o pessoal do noticiário local finalmente deixou de dar apenas as manchetes da tarde e manteve no ar um noticiário completo. Roberta ouvia com atenção, receando o que estaria acontecendo no norte, mas ao mesmo tempo fascinada. A parte mais assustadora era que ninguém parecia saber com exatidão o que estava acontecendo, qual era a notícia ou quão importante era. Havia caçadores desaparecidos, talvez uma meia dúzia deles, numa área remota do Maine, cerca de 240 quilômetros ao norte de Derry. Esse detalhe parecia bastante claro. Roberta não tinha certeza, mas estava segura de que os repórteres se referiam a Jefferson Tract, onde os garotos costumavam ir caçar, voltando com histórias sanguinárias que tanto fascinavam como assustavam Duddits.

Teriam os caçadores ficado simplesmente isolados por uma nevasca provocada pela zona de baixa pressão de Alberta e que passara pela área depositando 15 ou 20 centímetros de neve? Talvez. Ninguém sabia dizer ao

certo, mas um grupo de quatro homens que estivera caçando na área de Kineo parecia ter de fato desaparecido. Suas fotografias foram mostradas na tela, os nomes pronunciados com solenidade: Oris, Roper, McCarthy, Shue. O último era nome de mulher.

Caçadores desaparecidos não constituíam um assunto tão importante ao ponto de interromper as novelas da tarde, mas havia também um outro assunto. Pessoas avistaram no céu estranhas luzes multicoloridas. Dois caçadores de Millinocket, que estiveram na área de Kineo dois dias antes, afirmavam ter visto um objeto em forma de charuto pairando sobre torres da rede elétrica na floresta. Não havia rotores no objeto, disseram, e nenhum meio visível de força propulsora. Simplesmente pairava uns 600 metros acima das torres elétricas, emitindo um zumbido grave que vibrava nos ossos do corpo. E nos dentes da boca, ao que parecia. Os dois caçadores afirmaram ter perdido dentes, apesar de que, ao abrirem a boca para mostrar as falhas, Roberta achou que os dentes restantes também estavam prestes a cair. Os caçadores estavam dirigindo uma velha perua Chevy e, quando tentaram se aproximar para ter uma visão melhor, o motor parou. Um dos homens tinha um relógio movido à pilha que andou para trás durante umas três horas depois do acontecimento e então parou de vez (o relógio do outro caçador, do tipo antigo com mecanismo de corda, funcionara normalmente). Segundo o repórter, vários outros caçadores e moradores da área avistaram objetos voadores não identificados — uns na forma de charuto, outros na forma mais tradicional de disco — nas últimas duas semanas mais ou menos. A gíria militar para essa onda de aparições, segundo o repórter, era "flape".

Caçadores desaparecidos, UFOs. Sensacional e, sem dúvida, bastante bom para abrir o noticiário de Live at Six ("Local! De última hora! Sua cidade e nosso Estado!"), mas agora havia mais. Havia coisa pior. Ainda apenas rumores, decerto, e Roberta rezou para que não fossem fundados, mas era horrível o suficiente para mantê-la ali sentada por quase duas horas, tomando café em excesso e ficando cada vez mais nervosa.

Os rumores mais apavorantes diziam respeito a relatos de que algo fizera uma aterrissagem forçada na floresta, não longe de onde os homens teriam avistado a espaçonave em forma de charuto pairar sobre as torres de eletricidade. Quase tão inquietantes eram os relatos de que uma área razoavelmente grande do município de Aroostook, talvez 320 quilômetros quadrados, em grande parte de propriedade de indústrias do papel ou do governo, estava sob quarentena.

Um homem pálido e alto, com um olhar bastante fixo, falou rapidamente para os repórteres na base da Guarda Aérea Nacional de Bangor (estava na frente de uma placa que proclamava MORADA DOS MANÍACOS) e disse que nenhum dos rumores era verdadeiro, mas que "vários relatos conflitantes" estavam sendo investigados. A legenda abaixo dele dizia apenas ABRAHAM KURTZ. Roberta não foi capaz de identificar sua patente ou mesmo se era realmente um militar. Ele estava trajando um simples macacão verde com um zíper e nada mais. Se sentia frio — era de

se pensar que sentia, pois usava apenas o macacão —, não o demonstrava. Havia algo nos olhos dele, que eram bastante grandes e guarnecidos com pestanas brancas, de que Roberta não gostou nem um pouco. Para ela, eram olhos de um mentiroso.

— O senhor pode pelo menos confirmar se a espaçonave que caiu não é estrangeira nem... nem de origem extraterrestre? — perguntou um repórter. Parecia jovem.

— ET telefonar para casa — disse Kurtz, e riu. A maioria dos repórteres também riu, e ninguém, exceto Roberta, vendo aquela imagem no apartamento de West Derry Acres, pareceu notar que não houve resposta alguma.

— O senhor pode confirmar se há uma quarentena na área de Jefferson Tract? — perguntou um outro repórter.

— No momento, não posso confirmar nem negar — respondeu Kurtz. — Estamos levando esse assunto bastante a sério. Hoje, senhoras e senhores, os dólares do seu governo estão sendo muito bem empregados. — Em seguida, afastou-se, indo na direção de um helicóptero cujas hélices giravam devagar e em cuja lateral se lia, em letras garrafais, GNA.

Essas imagens haviam sido gravadas em videoteipe às 9h45, de acordo com o âncora do noticiário. As imagens seguintes — uma gravação trêmula feita com uma câmera na mão — haviam sido feitas a partir de um Cessna alugado pelo Channel 9 News para sobrevoar o Jefferson Tract. A atmosfera estava, obviamente, tomada por turbulências e caía uma grande quantidade de neve, mas não o suficiente para obscurecer os dois helicópteros que apareceram e flanquearam o Cessna dos dois lados como duas enormes libélulas marrons. Houve uma transmissão pelo rádio, tão inaudível que Roberta precisou ler as legendas da transcrição, impressas em amarelo na parte inferior da tela da tevê: "Esta área está interditada. Ordenamos que retornem ao ponto de origem de seu voo. Repetindo, esta área está interditada. Retornem."

Interditada tinha o mesmo sentido que estar sob quarentena? Roberta Cavell achou que provavelmente sim, embora também achasse que sujeitos como aquele homem, Kurtz, podiam usar de subterfúgios. As letras na lateral dos helicópteros eram bastante visíveis: GNA. Um deles devia ter sido o mesmo que levou Abraham Kurtz para o norte.

O piloto do Cessna: "Sob ordens de quem esta operação está sendo conduzida?"

Rádio: "Retorne, Cessna, ou será forçado a retornar."

O Cessna teve de retornar. O combustível estava chegando ao fim, de qualquer maneira, informou o âncora, como se isso explicasse tudo. Depois disso, o noticiário apenas reprisou o mesmo material e o chamou de atualização. As redes mais poderosas haviam supostamente enviado correspondentes.

Ela estava se levantando para desligar o aparelho de televisão — começava a ficar nervosa assistindo àquilo — quando Duddits gritou. O coração de Roberta parou de bater dentro do peito, em seguida disparou

numa velocidade redobrada. Ela girou o corpo, batendo contra a mesa da La-Z-Boy no lado que pertencera a Alfie e agora era dela, derrubando a xícara de café. Encharcou o TV Guide, afogando o elenco de Família Soprano numa poça marrom.

Ao grito seguiram-se soluços altos e histéricos, os soluços de uma criança. Mas havia isso em relação a Duddits — estava na casa dos 30 anos agora, mas morreria como uma criança, e bem antes de chegar aos 40 anos.

Por um momento, tudo o que ela pôde fazer foi ficar parada em pé. Por fim, saiu do lugar, desejando que Alfie estivesse ali... ou, melhor ainda, um dos garotos. Não que algum deles fosse um garoto agora, claro que não; apenas Duddits ainda era um garoto; a síndrome de Down o transformara num Peter Pan, e logo morreria na Terra-do-nunca.

— Estou indo, Duddie! — ela gritou, e de fato estava, mas se sentia velha enquanto corria às pressas pelo corredor até o quarto dos fundos, o coração a bater contra as costelas como se quisesse escapar, a artrite lhe agulhando o quadril. Nenhuma Terra-do-nunca para ela.

— Estou indo, a mamãe está indo!

Soluçando e soluçando, como se seu coração estivesse partido. Chorara na primeira vez que notou que as gengivas estavam sangrando depois de escovar os dentes, mas nunca gritara, e fazia anos e anos que não gritava desse modo, o tipo de soluço desenfreado que entra na cabeça da gente e dilacera o cérebro. Bate e zumbe, bate e zumbe, bate e zumbe.

— Duddie, o que foi?

Precipitou-se dentro do quarto e olhou para ele, de olhos arregalados, tão convencida de que ele estava com uma hemorragia que no início de fato viu sangue. Mas havia apenas Duddits, balançando-se para a frente e para trás na cama de hospital provida de manivela, as faces molhadas de lágrimas. Os olhos exibiam o mesmo e velho verde brilhante, mas o resto de sua cor havia desaparecido. O cabelo também desaparecera, o belo cabelo loiro que à mãe lembrava Art Garfunkel quando jovem. A tênue luz invernal que entrava pela janela bruxuleava em seu crânio, bruxuleava nas garrafas enfileiradas no criado-mudo (comprimidos contra infecção, comprimidos contra a dor, mas nenhum comprimido que parasse o que estava acontecendo com ele ou mesmo o atenuasse), bruxuleava no poste de soro intravenoso na frente do criado-mudo.

Mas nada havia de errado que ela pudesse ver. Nada que justificasse a expressão de dor quase grotesca em seu rosto.

Ela se sentou ao lado dele, segurou a cabeça agitada e a levou contra seu seio. Mesmo agora, na inquietação, a pele dele era fria; seu sangue exaurido e agonizante era incapaz de lhe aquecer o rosto. Ela se lembrou de ter lido Drácula havia muito tempo, no tempo do colegial, o terror prazeroso que se tornava um tanto menos prazeroso quando se deitava para dormir, a luz apagada, o quarto repleto de sombras. Lembrava-se de ter ficado muito contente por não haver vampiros de verdade, mas naquele momento tinha outra concepção. Havia pelo menos um e era bem mais aterrorizante do

que qualquer conde da Transilvânia; chamava-se não Drácula, mas leucemia, e não havia estaca que se lhe pudesse enterrar no coração.

— Duddits, Duddie, meu amor, o que foi?

E ele gritava com a cabeça deitada no peito, fazendo-a esquecer tudo o que poderia ou não estar acontecendo em Jefferson Tract, congelando-lhe o couro cabeludo e fazendo a pele formigar e arrepiar.

— Íer-to! Íer-to! Ah, mã, Íer-to!

Não havia necessidade de lhe pedir que repetisse ou que tornasse a dizer de maneira mais clara; ouvira-o falar a vida inteira e sabia mais que o bastante:

Beaver está morto! Beaver está morto! Ah, mãe, Beaver está morto!

Capítulo Nove

Pete e Becky

1

Pete gritava, deitado no sulco cheio de neve da estrada onde tombara, até que não teve mais forças para gritar e apenas ficou deitado por um tempo, procurando suportar a dor, encontrar uma forma de condescender. Não conseguia. Não se tratava de dor a que se pudesse acostumar, agonia de blitzkrieg. Não tinha ideia de que havia uma dor assim no mundo — se soubesse, decerto não teria deixado a mulher. Com Marcy, embora o nome dela não fosse Marcy. Quase sabia o nome dela, mas o que importava? Era ele quem estava em apuros ali, a dor subindo do joelho em espasmos crispados, quentes e terríveis.

Ficou deitado na estrada todo trêmulo, a sacola plástica ao lado. OBRIGADO PELA PREFERÊNCIA! escrito na lateral. Pete estendeu a mão para pegá-la, querendo verificar se haveria uma ou duas garrafas não quebradas, e, quando a perna enrijeceu, um raio de agonia disparou do joelho. Fez os latejos anteriores parecerem meras pontadas. Pete gritou novamente, desmaiou.

2

Quando voltou a si, não soube dizer quanto tempo ficara inconsciente — a luz sugeria que não fora muito tempo, mas seus pés estavam dormentes, e as mãos começavam também a ficar insensíveis, apesar das luvas.

Estava deitado parcialmente de lado, a sacola de cerveja ao lado dele numa poça de lodo ambarino congelado. O joelho doía um pouco menos — provavelmente, adormecera também —, e ele se deu conta de que era capaz de pensar de novo. O que era bom, porque estava metido num pipi-papão. Tinha de retornar ao abrigo e à fogueira e tinha de fazê-lo sozinho. Se simplesmente permanecesse ali deitado à espera de Henry e da motoneve, estaria suscetível a ser um bloco de gelo quando Henry chegasse — um bloco de gelo tendo ao lado uma sacola de garrafas de cerveja quebradas, obrigado pela preferência, seu alcoólatra de merda, muito obrigado. A mulher poderia morrer também, e tudo porque Pete Moore tinha porque tinha de ir atrás da loirinha.

Olhou para a sacola com desgosto. Não podia jogá-la na floresta; não podia correr o risco de tornar a despertar o joelho. Então, cobriu-a com neve, como um cachorro cobre o próprio excremento, e em seguida começou a rastejar.

O joelho não parecia dormente, no final das contas. Pete rastejou apoiando-se nos cotovelos e impulsionando-se com o pé são, os dentes cerrados, o cabelo caindo sobre os olhos. Nenhum animal agora; a debandada cessara e havia apenas ele — o som entrecortado de sua respiração e os gemidos abafados de dor cada vez que o joelho tocava no chão. Ele sentia o suor escorrer nos braços e nas costas, mas os pés continuavam dormentes, assim como as mãos.

Teria desistido, mas, a meio caminho ao longo do trecho reto, avistou a fogueira que ele e Henry acenderam. Consumira-se bastante, mas estava lá. Pete começou a se arrastar na direção dela e, cada vez que batia a perna e os raios de agonia eram produzidos, procurava projetá-los nas centelhas alaranjadas da fogueira. Queria chegar lá. Doía como um inferno mais que perfeito, mas, ah, como desejava chegar lá. Não queria morrer congelado na neve.

— Vou conseguir, Becky — murmurou. — Vou conseguir, Becky. — Disse o nome uma dezena de vezes antes de se ouvir pronunciando-o.

Ao se aproximar da fogueira, deteve-se para consultar o relógio e franziu a testa. O relógio marcava 11h40, mais ou menos, e isso era loucura — lembrava-se de ter olhado as horas antes de iniciar a volta até o Scout e eram 12h20. Uma consulta um pouco mais demorada revelou a origem da confusão. O relógio estava andando para trás, o ponteiro dos segundos movendo-se da esquerda para a direita em saltos espasmódicos e irregulares. Observou isso sem muita surpresa. Já não tinha a capacidade para apreciar algo assim tão incomum como peculiaridade. Mesmo a perna já não era sua principal preocupação. Estava sentindo muito frio, e fortes tremores começaram a lhe percorrer o corpo, enquanto engatinhava com o cotovelo e se impulsionava com a perna boa que ia se cansando rapidamente, avançando pelos últimos 50 metros até a fogueira mortiça.

A mulher não estava em cima da lona. Agora estava deitada no outro lado da fogueira, como se tivesse se arrastado na direção da lenha que restava e depois se prostrasse.

— Oi, coração, cheguei — ele disse com a voz ofegante. — Tive um probleminha com o joelho, mas agora estou de volta. Essa coisa no joelho, Becky, é culpa sua, de qualquer maneira, por isso vê se não reclama, está certo? Becky, é este o seu nome?

Talvez, mas a mulher não respondeu. Apenas fitava fixamente. Ele ainda via só um olho, embora não soubesse se era o mesmo ou se era o outro. Não parecia tão horripilante agora, mas talvez isso se devesse ao fato de que ele tinha outras coisas com que se preocupar. A fogueira, por exemplo. Estava sem lenha, mas havia uma boa base de carvões, e ele concluiu que chegara a tempo. Colocar uma boa lenha na queridinha, armá-la de verdade, depois se deitar com sua garota Becky (mas contra o vento,

pelo amor de Deus — aqueles puns eram demais). Esperar Henry. Não seria a primeira vez que Henry teria a oportunidade de assar castanhas numa fogueira.

Pete rastejou na direção da mulher e da pequena pilha de lenha atrás dela e, quando chegou perto — perto o bastante para começar a sentir de novo o cheiro químico de éter —, entendeu por que o olhar dela já não o incomodava. O horripilante olhar de chacal estava ausente. Tudo estava ausente. Ela se arrastara meio caminho em volta da fogueira e morrera. A crosta de neve em torno da cintura e do quadril se tornara um vermelho escuro.

Pete se deteve por um instante, apoiando-se nos braços doloridos e observando-a, mas seu interesse nela, morta ou viva, não ia muito além do interesse passageiro que tivera no relógio que andava para trás. O que pretendia era pôr um pouco de lenha na fogueira e se aquecer. Pensaria no problema da mulher mais tarde. No mês seguinte, talvez, sentado em sua sala de estar com o joelho engessado e uma xícara de café na mão.

Por fim, chegou até a pilha de lenha. Havia apenas quatro pedaços, m a s grandes. Henry talvez voltasse antes que a lenha queimasse e recolheria mais lenha antes de partir em busca de ajuda. O velho e bom Henry. Ainda usando os ridículos óculos com aros de chifre, mesmo numa época de lentes de contato e cirurgia a laser, mas com ele se podia contar.

A memória de Pete tentou retornar ao Scout, arrastando-se para dentro do Scout e sentindo o cheiro da água-de-colônia que Henry, na verdade, não estava usando, mas ele não deixou. Não vamos lá, como dizem os garotos. Como se a memória fosse um destino. Basta de água-de-colônia fantasma, basta de lembranças de Duddits. Basta de sem animação, basta de sem diversão. Já estava farto disso.

Jogou um galho de cada vez dentro da fogueira, segurando os pedaços desajeitadamente com o braço meio de viés, semicerrando os olhos ao sentir a dor no joelho, mas apreciando o modo como as centelhas se erguiam róseas numa nuvem, espiralando sob a cobertura inclinada de zinco como pirilampos alucinados antes de se apagarem.

Henry estaria de volta logo. Ele se agarraria a isso. Simplesmente observe o fogo se avivar e se agarre a esse pensamento.

Não, não voltará. Porque as coisas deram errado na Hole in the Wall. Algo a ver com...

— Rick — ele disse, observando as chamas saborearem a lenha nova. Logo se nutririam e se tornariam grandes.

Retirou as luvas, com o auxílio dos dentes, e manteve a mão erguida no calor do fogo. O corte perto da palma da mão direita, onde o caco da garrafa penetrara, era longo e profundo. Deixaria uma cicatriz, mas e daí? O que eram uma ou duas cicatrizes entre amigos? E eram amigos, não eram? Sim. A velha gangue de Kansas Street, os Piratas Sanguinários com as espadas de plástico e os bastões de raio de Guerra nas estrelas acionados a pilha. Uma vez fizeram algo heroico — duas, contando a garota Rinkenhauer. Na ocasião, a fotografia deles até saiu no jornal, então, e daí

se tivesse algumas cicatrizes? E daí se alguma vez, talvez — apenas talvez —, tivessem matado um sujeito? Porque se alguma vez existiu um sujeito que merecia ser morto...

Mas também não iria para lá. De jeito nenhum, coração.

Viu a linha, porém. Gostasse ou não, viu a linha, de uma forma mais clara do que em anos anteriores. Primeiro viu Beaver... depois o ouviu também. Bem no centro da cabeça.

Jonesy? Você está aí, cara?

— Não se levante, Beav — disse Pete, observando as chamas estalando e se elevando. O fogo agora estava quente, lançando calor sobre seu rosto, deixando-o sonolento. — Fique bem aí onde está. Só... você sabe, aguente firme.

O que, exatamente, isso significava? O que é todo esse blablablavório?, como o próprio Beav às vezes dizia quando eles eram meninos, uma frase que não se referia a nada em especial, mas que a ela não resistiam. Pete sentiu que conseguiria saber, se o desejasse, a linha estava tão luminosa. Vislumbrou ladrilhos azuis, uma cortina de chuveiro azul transparente, um boné laranja berrante — o boné de Rick, o boné de McCarthy, o boné do velho Sr. Eis-Que-Estou-à-Porta-e-Bato —, e sentiu que conseguiria captar todo o resto, se o desejasse. Não sabia se isso era o futuro, o passado, ou o que estava acontecendo exatamente naquele minuto, mas conseguiria saber, se o desejasse, se...

— Não — disse, e afastou tudo isso.

Havia alguns galhos e gravetos no chão. Pete os jogou dentro da fogueira, depois olhou para a mulher. O olho aberto não oferecia ameaça agora. Estava empanado, assim como ficam os olhos de um cervo depois que a gente atira nele. Todo aquele sangue em volta dela... ele supôs que ela sofrera uma hemorragia. Algo dentro dela rebentara. Uma tremenda explosão. Supôs que ela, talvez sabendo que isso fosse ocorrer, tivesse se sentado na estrada porque queria ter certeza de que alguém a veria ao passar por ali. Alguém passou, mas veja só o que aconteceu. Coitada da vaca. Coitada da vaca azarada.

Pete esticou o corpo de leve para a esquerda, até poder puxar a lona, e depois começou a se mover em sua direção. Fora o trenó improvisado da mulher; agora seria sua mortalha improvisada.

— Sinto muito — disse. — Becky, ou seja lá qual for o seu nome, sinto muito mesmo. Mas eu não poderia ter ajudado você ficando aqui, sabe; não sou médico, sou um vendedor de carros de merda. Você estava...

... fodida desde o início, era como queria concluir a frase, mas as palavras secaram em sua garganta assim que viu a parte de trás dos pés dela. Essa parte só se tornou visível quando ele se aproximou, porque ela morrera de frente para a fogueira. Os fundilhos da calça de brim estavam arrebentados, como se ela tivesse, enfim, acabado de soltar gases e passasse para a dinamite. Pedaços rasgados de brim tremulavam à brisa. Também tremulando estavam fragmentos das roupas de baixo, pelo menos dois pares de malha — uma de algodão branco grosso, a outra de seda

rosa. E alguma coisa se desenvolvia nas duas pernas da calça e nas costas do casaco. Parecia bolor ou algum tipo de fungo. Vermelho-dourado, ou talvez a cor resultasse apenas do reflexo da luz da fogueira.

Algo saíra de dentro dela. Algo...

Sim. Algo. E está me observando neste exato momento.

Pete olhou para dentro da floresta. Nada. A debandada dos animais havia acabado. Estava sozinho.

Só que não estou.

Não, não estava. Algo mais estava em algum lugar, algo que não se dava bem no frio, algo que preferia o calor, lugares úmidos. Só que...

Só que cresceu muito. E está sem alimento.

— Você está aí?

Pete achou que chamar assim desse jeito o faria sentir-se um idiota, mas não. Fê-lo sentir-se mais amedrontado do que nunca.

Seus olhos se detiveram num rastro mais delineado daquele bolor. Partia do corpo de Becky — sim, era Becky, sem dúvida, tão Becky quanto Becky ela podia ser — e seguia dando a volta na quina da cobertura inclinada do abrigo. Um momento depois, Pete escutou o ruído de um raspar escamoso, como se alguma coisa deslizasse pela chapa de zinco. Esticou o pescoço, acompanhando o ruído com os olhos.

— Vai embora — sussurrou. — Vai embora e me deixe em paz. Eu... eu estou fodido.

Houve um outro breve deslizar, no que a coisa se movimentava mais para cima no zinco. Sim, estava fodido. Lamentavelmente, também ele era alimento. A coisa lá em cima tornou a deslizar. Pete achava que ela não esperaria muito tempo, talvez não pudesse esperar muito tempo, não ali em cima; seria igual a uma lagartixa numa geladeira. O que ela faria seria saltar sobre ele. E ele então se deu conta de algo terrível: estivera tão vidrado na cerveja que se esquecera da merda das armas.

O primeiro impulso foi ir mais para o fundo da cobertura inclinada, mas seria um erro, como correr na direção de um beco sem saída. Em vez disso, agarrou a extremidade saliente de um dos galhos que acabara de pôr na fogueira. Não o tirou de dentro da fogueira, ainda não, apenas o envolveu frouxamente com a mão. A outra extremidade ardia incandescente.

— Vem — disse, na direção da chapa de zinco da cobertura. — Gosta de uma coisa quentinha? Tenho uma coisa quente para você. Vem buscar, vem. Hum, que porcaria deliciosa.

Nada. Não de cima da cobertura, pelo menos. Houve um suave som de flamp de neve caindo de um dos pinheiros atrás dele, quando os galhos mais baixos despejaram sua carga. A mão de Pete segurou com mais força a tocha improvisada, erguendo-a um pouco da fogueira. Em seguida, tornou a assentá-la numa pequena ciranda de centelhas.

— Vem, seu filho da mãe. Sou quente, sou apetitoso e estou esperando.

Nada. Mas estava lá. Não podia esperar muito tempo, ele tinha certeza disso. Logo viria.

3

O tempo passou. Pete não sabia ao certo quanto tempo; o relógio parara de funcionar. Às vezes, seus pensamentos pareciam se intensificar, como às vezes acontecia quando ele e os outros se reuniam na casa de Duddits (embora, à medida que iam ficando adultos e Duddits permanecia o mesmo, isso acontecesse menos — era como se o corpo e o cérebro deles em mudança gradual tivessem perdido a aptidão de captar os estranhos sinais de Duddits). Essa intensidade era igual àquela, mas não exatamente igual àquela. Algo novo, talvez. Talvez fosse algo relacionado às luzes no céu. Estava ciente que Beaver tinha morrido e que algo terrível tinha acontecido com Jonesy, mas não sabia o quê.

O que quer que tivesse acontecido, Pete achava que Henry também sabia, embora sem clareza; Henry estava imerso em sua própria cabeça e pensava em Banbury Cross, Banbury Cross, cavalgue um cavalo-de-pau até Banbury Cross.

O galho fora consumido mais pela chama, mais perto de sua mão, e Pete perguntou a si mesmo o que faria se fosse consumido a ponto de não poder usá-lo, se a coisa em algum lugar esperasse mais tempo por ele. Então lhe ocorreu um outro pensamento, claro como o dia e vermelho de pânico. Tomou conta de sua cabeça e ele começou a berrá-lo, cobrindo o ruído da coisa na cobertura que deslizava com rapidez pelo zinco inclinado.

— Por favor, não nos firam! Ne nous blessez pas!

Mas machucariam, machucariam, porque... o quê?

Porque eles não são indefesos como pequenos ETs, meninos, esperando que alguém lhes dê um cartão de telefone da Tel da Nova Inglaterra para que possam ligar para casa, eles são uma doença. São câncer, graças a Deus, e, meninos, nós somos uma grande e quente dose radiativa de quimioterapia. Estão me ouvindo, meninos?

Pete não sabia se estavam ouvindo, os meninos a quem a voz se referia, mas ele estava ouvindo. Estavam vindo, os meninos estavam vindo, os Piratas Sanguinários estavam vindo, e não havia nada no mundo que os fizesse parar. E, no entanto, pediam que parassem, e Pete lhes pedia.

— Por favor, não nos firam! Por favor! S'il vous plaît! Ne nous blessez pas! Ne nous faites pas mal, nous sommes sans défense! — Chorando agora. — Por favor! Pelo amor de Deus, nós somos indefesos!

Em sua mente, viu a mão, o cocô seco de cachorro, o garoto seminu que chorava. E o tempo inteiro a coisa na cobertura ia deslizando, agonizando, mas não indefesa, estúpida, mas não totalmente estúpida, chegando por trás de Pete enquanto ele gritava, enquanto estava deitado de lado próximo à mulher morta, escutando enquanto principiava um riso apocalíptico.

Câncer, disse o homem de pestanas brancas.

— Por favor! — ele gritou. — Por favor, nós somos indefesos!

Mas, mentira ou verdade, era tarde demais.

4

A motoneve passou pelo esconderijo de Henry sem diminuir a velocidade, e o ruído do motor agora ia se afastando para o oeste. Era seguro sair, mas Henry não quis. Não podia sair. A inteligência que substituíra Jonesy não o notara, porque estava distraída ou porque Jonesy de algum modo... poderia, de algum modo, estar...

Mas não. A ideia de que ainda haveria algo de Jonesy dentro daquela nuvem terrível era demasiado fantasiosa.

E agora que a coisa havia ido embora — retirava-se, pelo menos —, havia as vozes. Tomavam conta da cabeça de Henry, fazendo-o sentir-se meio louco com sua tagarelice, assim como o choro de Duddits sempre o fizera sentir-se meio louco, pelo menos até que a puberdade pôs um fim a quase toda essa bobagem. Uma das vozes pertencia a um homem que dissera algo acerca de um fungo

(morre facilmente, a menos que entre num hospedeiro vivo)

e depois algo acerca de um cartão de telefone da Tel da Nova Inglaterra e... quimioterapia? Sim, uma grande e quente dose radiativa. Era a voz, Henry pensou, de um lunático. Tratara um bom número deles e tinha autoridade para julgar, Deus sabia.

As outras vozes o faziam duvidar de sua própria sanidade. Não reconhecia todas elas, mas reconhecia algumas: Walter Cronkite, Pernalonga, Jack Webb, Jimmy Carter, uma mulher que ele achou que fosse Margaret Thatcher. Às vezes as vozes falavam em inglês, às vezes em francês.

— Il n'y a pas d'infection ici — Henry disse, e se pôs a chorar. Estava pasmo e contente por constatar que ainda havia lágrimas no coração, do qual ele achava que todas as lágrimas e todos os risos, os risos verdadeiros, haviam fugido. Lágrimas de horror, lágrimas de piedade, lágrimas que abriam o chão de pedra da obsessão egoísta e rebentavam a rocha embaixo. — Aqui não há infecção, por favor, ó, Deus, basta, não, não, nous sommes sans défense, NOUS SOMMES SANS...

Depois, o trovão humano principiou no oeste, e Henry levou as mãos à cabeça, achando que os gritos e a dor a rebentariam. Os putos estavam...

5

Os putos estavam massacrando-os.

Pete estava sentado junto da fogueira, desatento para os urros de dor de seu joelho deslocado, sem perceber que agora segurava o galho da fogueira perto da têmpora. Os gritos dentro da cabeça não conseguiam abafar direito os sons das metralhadoras que vinham do oeste,

metralhadoras de grande porte, calibre 50. Depois os gritos — por favor, não nos firam, somos indefesos, não há infecção — se transformaram em pânico; não surtiram efeito, nada surtiria efeito, o feito estava feito.

Um movimento capturou os olhos de Pete, e ele se virou no exato instante em que a coisa que estava na cobertura o atacou. Vislumbrou o vulto difuso de um corpo delgado, como o de uma fuinha, que parecia impulsionado por uma cauda muscular e não por pernas, e em seguida os dentes se cravaram no tornozelo. Urrou e ergueu a perna boa para a frente com tanta força e ímpeto que quase golpeou o próprio queixo com o joelho. A coisa subiu com a perna, agarrada feito sanguessuga. Eram essas as coisas que pediam misericórdia? Se eram, que se fodessem. Que se fodessem!

Estendeu a mão direita para agarrar a coisa, a mão direita cortada com o caco da garrafa de Bud, sem sequer pensar; a tocha improvisada, ele continuou a segurar perto da têmpora com a mão esquerda não ferida. Agarrou algo que parecia uma fria geleia coberta de pelos. A coisa soltou o tornozelo de imediato, e Pete apenas teve um vislumbre de uns olhos pretos sem expressão — olhos de tubarão, olhos de águia —, antes de a coisa fincar na mão que a agarrava os dentes que formavam um agulheiro, rasgando-a ao longo da perfuração do corte anterior.

A agonia se assemelhou ao fim do mundo. A cabeça da coisa — se possuía uma — enterrara-se em sua mão, rasgando e esfrangalhando, cavando cada vez mais fundo. O sangue jorrou em leques abundantes enquanto Pete tentava se desvencilhar dela, borrando a neve, a lona coberta de serragem e o casaco da mulher morta. Gotas espirraram dentro da fogueira e chiaram como gordura numa frigideira quente. Agora a coisa emitia um feroz som de trinado. A cauda, espessa como o corpo de uma moreia, enrolou-se em volta do braço surrado, num esforço de paralisá-lo.

Pete não tomou uma decisão consciente de usar a tocha, porque se esqueceu dela; seu único pensamento era arrancar com a mão esquerda a terrível coisa que lhe mordia a mão direita. No início, quando ela pegou fogo e se cobriu de chamas, tão quente e brilhante quanto um maço de jornal, ele não entendeu o que estava acontecendo. Depois soltou um grito, em parte por sentir uma nova dor, em parte por triunfo. Pôs-se de pé num salto — por enquanto, pelo menos, o joelho inchado não doía nem um pouco — e girou o braço direito atacado num grande arco impetuoso na direção de um dos postes de suporte do abrigo. Soou um baque, e o trinado foi substituído por um abafado som de guincho. Por um instante interminável, o agulheiro de dentes enterrados em sua mão se aprofundou ainda mais. Depois se afrouxou e a criatura em chamas se desprendeu e tombou no chão congelado. Pete pisou nela, sentiu-a se contorcer sob o tacão da bota, e se encheu de um momento de puro e selvagem triunfo antes de o joelho violentado ceder completamente e a perna se dobrar pelo avesso, os tendões arrebentados.

Caiu pesadamente de lado, face a face com Becky, a caroneira letal, sem perceber que a cobertura de zinco começava a se deslocar, o poste

que ele golpeara com o braço, curvando-se lentamente para fora. Por um momento, o rudimento de rosto da coisa-fuinha estava a um palmo do rosto de Pete. O corpo inflamado se agitava contra seu casaco. Os olhos pretos fervilhavam. Não havia nada tão requintado que se assemelhasse a uma boca, mas, quando o bojo na parte superior do corpo se desprendeu, revelando os dentes, Pete urrou — "Não! Não! Não!" — e a arremessou para dentro da fogueira, onde ela estrebuchou e emitiu um frenético trinado, feito um macaco.

Seu pé esquerdo desenhou um pequeno arco ao empurrar a coisa ainda mais para dentro da fogueira. A ponta da bota bateu no poste inclinado, que acabara de decidir que suportaria a cobertura um pouco mais. Isso foi um grande abuso, e o poste cedeu, derrubando metade do telhado de zinco. Um ou dois segundos depois, o outro poste também cedeu. O resto do telhado desabou sobre a fogueira, espalhando um jorro de centelhas rodopiantes.

Por um momento, foi só isso. Depois, a chapa de zinco enferrujado começou a se mover, para cima e para baixo, como se estivesse respirando. Um momento depois, Pete rastejou embaixo dela. Seus olhos estavam embaciados. Sua pele estava lívida do choque. O punho esquerdo do casaco em chamas. Olhou para ele por um instante com as pernas ainda sob a cobertura caída, do joelho para baixo, depois ergueu o braço na frente do rosto, respirou fundo e soprou as chamas no casaco como se fossem uma gigantesca vela de aniversário.

Vindo do leste, soou o zumbido do motor de uma motoneve. Jonesy... ou o que restara dele. A nuvem. Pete não achou que lhe demonstraria qualquer gesto de misericórdia. Aquele não era um dia para misericórdia em Jefferson Tract. Tinha de se esconder. Mas a voz que o aconselhava a fazê-lo era distante, sem importância. Uma coisa era boa: tinha a impressão de que finalmente deixara de beber.

Ergueu a mão direita mordida na frente do rosto. Faltava um dedo, provavelmente engolido pela coisa. Outros dois pendiam de tendões rompidos. Viu a substância vermelho-dourada já crescendo ao longo dos cortes mais profundos — os que o monstro infligira e o que ele mesmo causara, ao se arrastar para dentro do Scout à procura da cerveja. Sentia uma espécie de sensação efervescente enquanto a substância, fosse o que fosse, nutria-se de sua carne e de seu sangue.

Pete de repente sentiu que não poderia morrer tão cedo.

O som das metralhadoras a oeste havia cessado, mas ainda não havia acabado, absolutamente não. E, como se esse pensamento a invocasse, uma tremenda explosão sacudiu o dia, eliminando o zumbido da motoneve que se aproximava e tudo mais. Tudo menos a incessante efervescência em sua mão, quer dizer. Em sua mão, a substância se alimentava da mesma forma que o câncer que matara seu pai se alimentara do estômago e dos pulmões do velho homem.

Pete passou a língua nos dentes, sentiu brechas onde alguns deles antes estiveram.

Fechou os olhos e aguardou.

PARTE 2

OS GURIS CINZENTOS

Um espectro escapa do inconsciente
E tateia a soleira: quer renascer, implora!
O vulto às minhas costas não é meu amigo;
A mão em meu ombro em corno se torna.

THEODORE ROETHKE

Capítulo Dez

Kurtz e Underhill

1

A única construção existente na área de operações era um pequeno armazém "cerveja e cervo" chamado Gosselin's Country Market. Os sanitaristas de Kurtz começaram a chegar pouco depois de a neve principiar a cair. Quando o próprio Kurtz chegou lá, às 10h30, a tropa de apoio começava a aparecer. Aos poucos, iam assumindo o controle da situação.

O armazém foi designado Base Azul. O celeiro, o estábulo adjacente (dilapidado, mas ainda de pé) e o curral foram designados Detenção Azul. Os primeiros detidos já se achavam alojados lá.

Archie Perlmutter, o novo ajudante de ordens de Kurtz (o anterior, Calvert, morrera de ataque cardíaco havia menos de duas semanas — numa hora bastante inconveniente), tinha uma prancheta com uma dúzia de nomes. Perlmutter chegara com um laptop e um Palm Pilot, descobrindo, para sua decepção, que, em Jefferson Tract, dispositivos eletrônicos estavam, no momento, FOMAR: fodidos muito além do reconhecimento. Os dois primeiros nomes na prancheta eram dos Gosselin: o velho que gerenciava o armazém e sua mulher.

— Tem mais a caminho — disse Perlmutter.

Kurtz correu os olhos pelos nomes na prancheta de Pearly e depois a devolveu. Enormes veículos especiais iam sendo estacionados atrás deles; semitrailers eram levantados com macaco e escorados; postes de luz eram erguidos. Quando anoitecesse, o lugar seria tão bem iluminado quanto o Yankee Stadium na época do campeonato nacional de beisebol.

— Perdemos dois sujeitos por muito pouco — disse Perlmutter, e ergueu a mão direita com o polegar e o indicador separados por menos de um centímetro. — Vieram comprar suprimentos. Principalmente cerveja e salsichas. — O rosto de Perlmutter era pálido, com uma forte rodela rósea em cada bochecha. Via-se forçado a erguer a voz para se fazer ouvir em meio ao nível de ruído que aumentava gradualmente. Helicópteros chegavam aos pares e pousavam na estrada asfaltada que desembocava na Interstate 95, de onde se tinha acesso ao norte, rumo a uma cidade sem atrativos (Presque Isle), ou ao sul, rumo a várias outras cidades sem atrativos (Bangor e Derry, para começar). Os helicópteros eram bons, desde que os pilotos não tivessem de depender de todo aquele avançado equipamento de navegação, que também estava FOMAR.

— Aqueles sujeitos voltaram ou seguiram adiante? — Kurtz interrogou.

— Voltaram — Perlmutter respondeu. Não conseguia encarar de fato os olhos de Kurtz; olhava para todos os lados, menos para eles. — Há uma estrada que corta a floresta que, diz o Gosselin, se chama Deep Cut Road. Não está nos mapas convencionais, mas tenho um mapa topográfico do Diamond International Paper que mostra...

— Tudo bem. Ou eles voltam para ir embora ou eles ficam. Uma coisa ou outra, tudo bem.

Mais helicópteros, alguns descarregando as metralhadoras calibre 50, agora que estavam seguramente longe de olhares indiscretos. Essa poderia vir a ser uma operação tão grande quanto a Tempestade no Deserto. Talvez maior.

— Pearly, você entende a sua missão aqui, não entende?

Perlmutter, decididamente, entendia. Era novo no cargo, queria causar uma boa impressão, quase saltitava de entusiasmo. Como um spaniel que fareja comida, pensou Kurtz. E fazia tudo sem o menor contato com os olhos.

— Meu trabalho tem uma natureza trina, senhor.

Trina, Kurtz pensou. Trina, essa é boa, não é?

— Devo: a) interceptar, b) entregar a pessoa interceptada ao pessoal médico, e c) conter e segregar até segunda ordem.

— Exatamente. Isso é...

— Mas, senhor, me desculpe, senhor, mas ainda não temos médicos aqui, apenas alguns homens do corpo do Exército e...

— Cale a boca — disse Kurtz. Não falou alto, mas meia dúzia de homens de macacão verde sem distintivo (todos eles usavam macacão verde sem distintivo, inclusive o próprio Kurtz) hesitou ao passar em marcha acelerada para cumprir suas várias tarefas. Lançaram um olhar para onde Kurtz e Perlmutter estavam parados, depois prosseguiram. Numa marcha três vezes mais acelerada. Quanto a Perlmutter, as rosas nas bochechas feneceram imediatamente. Deu um passo atrás, aumentando a distância entre ele e Kurtz.

— Se me interromper mais uma vez, Pearly, acabo com você. Me interrompa uma segunda vez e mando você para o hospital. Entende?

Com o que foi um esforço obviamente grande, Perlmutter elevou o olhar até o rosto de Kurtz. Até os olhos de Kurtz. Fez uma continência tão decidida e pontual que a mão quase estalou com eletricidade estática.

— Senhor, sim, senhor!

— Pode dispensar isso também, você já aprendeu. — E, quando o olhar de Perlmutter começou a baixar: — Olhe para mim quando eu falar com você, camarada.

Com muita relutância, Perlmutter o obedeceu. Sua pele tinha agora a cor do chumbo. Embora o ruído dos helicópteros enfileirados ao longo da estrada fosse dissonante, de algum modo o lugar parecia silencioso, como se Kurtz viajasse em seu próprio bolsão de ar estranho. Perlmutter se

convenceu de que todos os observavam e viam o quanto estava aterrorizado. Um pouco disso estava nos olhos do novo chefão — a ausência cataclísmica naqueles olhos, como se atrás deles não houvesse cérebro algum. Perlmutter ouvira falar de olhares que pareciam estar a mil quilômetros de distância, mas o de Kurtz parecia alcançar a distância de milhões de quilômetros, talvez anos-luz.

No entanto, de algum modo, Perlmutter sustentou o olhar de Kurtz. Olhou dentro da ausência. Não era um bom começo para ele. Era importante — era imperativo — que o deslizamento fosse detido antes que se transformasse numa avalancha.

— Muito bem, bom. Melhor, de qualquer maneira. — Era baixa a voz de Kurtz, mas Perlmutter não tinha dificuldade em ouvi-lo, apesar dos resmungos sobrepostos dos helicópteros. — Vou lhe dizer uma coisa apenas uma vez, e só porque você é novo sob as minhas ordens e sem dúvida não sabe distinguir entre o cu e os fundilhos da calça. Pediram-me para conduzir uma operação phooka aqui. Sabe o que é phooka?

— Não — Perlmutter respondeu. Sentiu uma dor quase física por não ter sido capaz de dizer: Não, senhor.

— De acordo com os irlandeses, que, como raça, jamais saíram totalmente da banheira de superstição na qual a mãe deles os mergulhou, phooka é um cavalo fantasma que sequestra viajantes e os leva embora no lombo. Uso o termo para me referir a uma operação que é ao mesmo tempo secreta e pública. Um paradoxo, Perlmutter! A boa notícia é que nós desenvolvemos planos de emergência justamente para esse tipo de circunstância desde 1947, quando a Força Aérea recuperou pela primeira vez o tipo de artefato extraterrestre que hoje chamamos de lanterna. A má notícia é que o futuro é agora e tenho de enfrentá-lo com o apoio de sujeitos como você. Está me entendendo, recruta?

— Sim, sen... sim.

— Espero que sim. O que temos de fazer, Perlmutter, é agir depressa e absolutamente phooka. Vamos fazer o máximo do servicinho sujo que temos de fazer e procurar ficar tão limpos quanto for possível... limpos... sim, meu Deus, e sorridentes...

Kurtz arreganhou os dentes num breve sorriso de uma intensidade satírica tão brutal que Perlmutter sentiu uma certa vontade de gritar. Alto e de ombros caídos, Kurtz tinha a compleição de um burocrata. No entanto, havia algo terrível nele. A gente captava um pouco disso nos olhos, percebia um pouco disso no modo imóvel e rígido com que conservava as mãos diante de si... mas não era isso que o tornava assustador, que levava os homens a chamarem-no de o velho e cruel Kurtz. Perlmutter não sabia exatamente o que era a coisa assustadora, e não queria saber. O que queria naquele momento — era só o que queria — era sair daquela conversa sem levar no rabo. Quem precisava ir 30 ou 40 quilômetros a oeste para entrar em contato com uma espécie alienígena? Perlmutter estava bem diante dele.

Os lábios de Kurtz se fecharam repentinamente sobre os dentes.

— Estamos em sintonia, não estamos?
— Sim.
— Dando salvas sob a mesma bandeira? Mijando na mesma privada?
— Sim.
— Como vamos sair dessa, Pearly?
— Limpos?
— Sensacional! E o que mais?
Por um segundo terrível, não sabia. Depois se lembrou.
— Sorridentes, senhor.
— Me chame de senhor outra vez e acabo com você.
— Desculpe — Perlmutter murmurou. Sentiu muito, por ele mesmo.

Chegou um ônibus escolar que rodava devagar pela estrada com as rodas da direita dentro da vala e inclinado quase a ponto de tombar, de modo a poder passar pelos helicópteros. DEPTO. ESCOLAR DE MILLINOCKET estava escrito de um lado, em letras pretas garrafais contra um fundo amarelo. Ônibus requisitado. Dentro dele, Owen Underhill e seus homens. A equipe de primeira. Perlmutter o viu e se sentiu melhor. Em ocasiões diferentes, os dois homens tinham trabalhado com Underhill.

— Os médicos estarão aqui ao anoitecer — disse Kurtz. — Todos os médicos de que precisa. Certo?

— Certo.

Enquanto caminhava na direção do ônibus, que estacionara em frente à única bomba de gasolina do Gosselin, Kurtz consultou o relógio de bolso. Quase 11 horas. Puxa, como o tempo voa quando a gente se diverte. Perlmutter caminhava com ele, mas em seu andar não havia o menor sinal da energia de um cocker spaniel.

— Por enquanto, Archie, de olho neles, de nariz neles, de orelha em pé para escutar as histórias que contarem, e documente qualquer Ripley que veja. Sabe quem é Ripley, imagino?

— Sim.

— Muito bem. Nada de tocar.

— Ah, não! — Perlmutter exclamou, depois corou.

Kurtz esboçou um sorrisinho. Que não foi mais sincero do que um sorriso arreganhado de tubarão.

— Excelente ideia, Perlmutter! Tem máscaras?

— Acabaram de chegar. Doze caixas e mais a camin...

— Muito bem. Queremos Polaroids de Ripley. Precisamos de muchos documentos. Prova A, Prova B e assim por diante. Entendeu?

— Sim.

— E nenhum dos nossos... hóspedes vai embora, certo?

— Decerto que não. — Perlmutter ficou chocado com a ideia e o demonstrou.

Os lábios de Kurtz se esticaram. O sorriso estreito se ampliou e mais uma vez se transformou no arreganhado sorriso de tubarão. Os olhos vazios atravessaram Perlmutter — penetraram até o centro da Terra, tanto quanto Perlmutter sabia. Perguntou a si mesmo se alguém deixaria a Base

Azul quando tudo estivesse terminado. Além de Kurtz, queria dizer.

— Prossiga, cidadão Perlmutter. Em nome do governo, ordeno que prossiga.

Archie Perlmutter observou Kurtz continuar caminhando na direção do ônibus, do qual Underhill — um homem atarracado — descia. Nunca em toda a sua vida se sentiu tão plenamente feliz de ver um homem pelas costas.

2

– Olá, chefão — saudou Underhill. Assim como os demais, usava apenas um macacão verde, mas, assim como Kurtz, levava também um revólver à cintura. Sentados no ônibus, havia, mais ou menos, 24 homens, a maioria deles terminando de comer um lanche.

— O que estão comendo, recruta? — Kurtz perguntou. Com quase 2 metros de altura, sobrepairava Underhill, mas Underhill provavelmente o excedia em 30 quilos de peso.

— Burger King. A gente atravessou a área. Não achei que o ônibus fosse caber, mas Yoder disse que sim, e ele estava certo. Quer comer um Whopper? Deve estar um bocado frio agora, mas acho que há um micro-onda por lá em algum lugar. — Underhill indicou o armazém com um movimento de cabeça.

— Dispenso. O meu colesterol não anda muito bom.

— Como vai a virilha? — Seis anos antes, Kurtz distendeu a virilha gravemente enquanto jogava tênis. O incidente levara, indiretamente, ao único desentendimento entre os dois. Nada grave, Owen Underhill avaliou, mas, do ponto de vista de Kurtz, era difícil dizer. Por trás do impassível rosto patenteado do homem, os pensamentos passavam quase que na velocidade da luz, as ordens do dia eram constantemente reescritas e as emoções se multiplicavam a dar com o pau. Havia gente — na verdade, pouca gente — que achava que Kurtz era louco. Owen Underhill não sabia se era ou não, mas sabia que era preciso ter cuidado com ele. Muito cuidado.

— Como diriam os irlandeses — disse Kurtz —, a minha virilha vai uma marervilha. — Tocou a virilha, sacudiu os testículos num gesto caricato e ofereceu a Owen o sorriso arreganhado.

— Ótimo.

— E com você? Tudo bem?

— A minha virilha vai uma marervilha — retrucou Owen, e Kurtz riu.

Pela estrada, rodando devagar e com precaução, mas manobrando mais facilmente que o ônibus, vinha um Lincoln Navigator novinho em folha com três caçadores de roupa laranja dentro, rapazes pesadões, todos os três, basbaques com os helicópteros e os soldados de macacão verde que

andavam de um lado para outro a passos acelerados. Basbaques com as armas, sobretudo. O Vietnã chega ao norte do Maine, louvado seja Deus. Logo se juntariam aos demais na área de detenção.

Uma meia dúzia de homens se juntou enquanto o Navigator estacionava atrás do ônibus, com adesivos que diziam ORGULHO DA MELANCOLIA e ESTE VEÍCULO PARA EM TODOS OS CRUZAMENTOS DE TREM. Três advogados ou banqueiros com seus próprios problemas de colesterol e guias de consumo de gordura, advogados ou banqueiros passando-se por rapazes bonzinhos, dando a impressão (da qual logo seriam desiludidos) que ainda estavam numa América do Norte em estado de paz. Logo seriam alojados no celeiro (ou no curral, se precisassem de ar fresco), onde seus cartões Visa nada valeriam. Teriam permissão para ficar com os celulares. Não funcionariam naquele fim de mundo, mas pressionar o botão de rediscagem os manteria entretidos.

— Plugou firme? — Kurtz perguntou.

— Acho que sim, é.

— Ainda um exame rápido?

Owen encolheu os ombros.

— Quantas pessoas ao todo na Zona Azul, Owen?

— Calculamos umas 800. Não mais do que 100 nas Zonas Principal A e Principal B.

Isso era bom, supondo-se que ninguém se infiltrasse. Em termos de uma possível contaminação, umas poucas infiltrações não fariam diferença — quanto a isso, as notícias, ao menos até aquele momento, eram positivas. Em termos de gerenciamento de informações, no entanto, não seriam nada boas. Era difícil montar um cavalo phooka naqueles dias. Muita gente com videocâmeras. Muitos helicópteros de emissoras de televisão. Muitos olhos assistindo.

— Vamos entrar no armazém — disse Kurtz. — Estão me preparando um trailer Winnebago para o posto de comando, mas ainda não está pronto.

— Un momento — disse Underhill, e subiu correndo a escada do ônibus. Quando voltou, segurava na mão um saco engordurado de Burger King e tinha um gravador pendurado no ombro.

Kurtz indicou o saco com um movimento de cabeça.

— Esse troço vai matar você.

— Estamos nos papéis principais de A guerra dos mundos e você se preocupa com alto índice de colesterol?

Atrás deles, um dos fortes caçadores recém-chegados dizia que queria telefonar para seu advogado, o que, provavelmente, indicava que se tratava de um banqueiro. Kurtz conduziu Underhill até o interior do armazém. No céu acima deles, as luzes das lanternas haviam retornado, deslizando seu fulgor sob o bojo das nuvens, saltando e dançando como personagens num desenho animado de Disney.

3

O escritório do velho Gosselin cheirava a salame, charuto, cerveja, Musterole e enxofre — ou gases intestinais ou ovos cozidos, Kurtz supôs. Talvez ambos. Havia também um cheiro, fraco mas discernível, de álcool etílico. O cheiro deles. Estava agora em toda parte naquele lugar. Outro homem se veria tentado a atribuir o cheiro a uma combinação de histeria e muita imaginação, mas Kurtz nunca se deixara sobrecarregar com nenhum dos dois. De qualquer maneira, não acreditava que os cerca de 150 quilômetros quadrados de terras florestais em redor do Gosselin's Country Market teriam muito futuro na condição de ecossistema viável. Às vezes, é preciso apenas lixar um móvel até expor a madeira natural e começar tudo de novo.

Kurtz se sentou atrás da escrivaninha e abriu uma gaveta. Dentro dela, uma caixa de papelão estampada com os dizeres CHEM/U.S./10 UNITS. Bom para Perlmutter. Kurtz a pegou e abriu. Havia dentro dela várias máscaras de plástico pequenas, do tipo transparente que se ajusta sobre a boca e o nariz. Lançou uma para Underhill e em seguida colocou uma em si mesmo, rapidamente ajustando as tiras de elástico.

— São necessárias? — Owen perguntou.

— Não sabemos. E não se sinta um privilegiado; numa outra ocasião, todos estarão usando uma igual a essa. Quer dizer, menos os zés, na área de detenção.

Underhill pôs a máscara e ajustou o elástico, sem comentários. Kurtz permaneceu sentado atrás da escrivaninha com a cabeça apoiada no mais recente relatório do OSHA (poste-o ou morra) pregado com durex na parede atrás de si.

— São eficazes? — A voz de Underhill não soou abafada de modo algum. O plástico transparente não ficou embaciado com sua respiração. Parecia não ter poros ou filtros, mas ele achou que era bastante fácil respirar através dele.

— São eficazes com ébola, com antraz e com a nova supercólera. São eficazes com Ripley? Provavelmente. Se não forem, estaremos fodidos, soldado. Na verdade, talvez já estejamos fodidos. Mas o tempo corre e o jogo começou. Devo escutar a gravação que sem dúvida está nesse seu aparelho pendurado no ombro?

— Não é necessário escutar tudo, mas seria bom ter um gostinho dela, eu acho.

Kurtz anuiu com a cabeça, desenhou um círculo no ar com o dedo indicador (Owen pensou: como um árbitro sinalizando ao batedor de beisebol o golpe que lhe permitirá completar o circuito das bases) e se recostou de vez na cadeira de Gosselin.

Underhill tirou o gravador do ombro, colocou-o no tampo da escrivaninha de frente para Kurtz e apertou o botão PLAY. Uma voz de robô sem inflexão disse: "Intercepção de rádio da Agência de Segurança

Nacional. Multibanda. 62914A44. Material classificado ultrassecreto. Intercepção ocorrida 6h27, 14 novembro, dois, zero, zero, um. Gravação da intercepção começa após o sinal. Se você não for Autoridade de Segurança Um, por favor, pressionar o botão STOP agora."

— Por favor — disse Kurtz, anuindo com a cabeça. — Muito bom. Isso impediria todo o pessoal não autorizado, concorda?

Houve uma pausa, um segundo sinal, em seguida uma voz feminina jovem disse: "Um. Dois. Três. Por favor, não nos firam. Ne nous blessez pas." Dois segundos de silêncio, e uma voz masculina jovem disse: "Cinco. Sete. Onze. Somos indefesos. Nous sommes sans défense. Por favor, não nos firam, somos indefesos. Ne nous faites..."

— Pelo amor de Deus, isso é uma aula de idiomas da Berlitz do Além-túmulo — Kurtz comentou.

— Reconhece as vozes? — perguntou Underhill.

Kurtz balançou a cabeça e levou um dedo aos lábios.

A voz seguinte era de Bill Clinton. "Treze. Dezessete. Dezenove." No sotaque típico do Arkansas de Clinton, o último número soou desnove. "Aqui não há infecção. Il n'y a pas d'infection ici." Outra pausa de dois segundos, e então Tom Brokaw falou no gravador. "Vinte e três. Vinte e sete. Vinte e nove. Estamos morrendo. On se meurt, on crève. Estamos morrendo."

Underhill apertou o botão STOP.

— Caso queira saber, a primeira voz é de Sarah Jessica Parker, uma atriz. A segunda, de Brad Pitt.

— Quem é ele?

— Um ator.

— Hã.

— Cada pausa é seguida de uma voz diferente. Todas as vozes são, ou deveriam ser, reconhecíveis por grandes segmentos de pessoas nesta área. Há Alfred Hitchcock, Paul Harvey, Garth Brooks, Tim Sample... ele é um humorista bem no estilo do Maine, bastante popular... e centenas de outras, algumas das quais não identificamos.

— Centenas de outras? Quanto tempo durou essa intercepção?

— Estritamente falando, não se trata de uma intercepção, mas de uma transmissão de banda nítida na qual estamos interferindo desde as 8 horas. O que significa que muita coisa ficou de fora, mas duvidamos que quem quer que tenha sintonizado tenha entendido uma boa parte. E se entendeu... — Underhill encolheu um pouco os ombros, como se dissesse: o que se há de fazer? — A transmissão continua neste momento. Parece que as vozes são reais. As poucas comparações que se fizeram das impressões das vozes são idênticas. Seja lá o que forem, esses caras são capazes de levar Rich Little à falência.

O uup-uup-uup dos helicópteros atravessou com nitidez as paredes. Kurtz não só os ouvia como também os sentia. Através das tábuas, através do cartaz da Administração Ocupacional de Segurança e Saúde, e de lá para dentro da carne cinzenta que era em grande parte água, dizendo-lhe: venha, venha, venha, depressa, depressa, depressa. Seu sangue respondeu ao

chamado, mas ele permaneceu serenamente sentado, olhando para Owen Underhill. Pensando em Owen Underhill. Vá depressa devagar; estava aí um ditado útil. Principalmente ao lidar com sujeitos como Owen. Como vai a virilha, ora essa.

Você me fodeu uma vez, recruta, Kurtz pensou. Talvez não tenha cruzado a minha linha, mas, por Deus, passou raspando, não passou? Sim, acho que sim. E acho que você vai aguentar olhar.

— As mesmas quatro mensagens são repetidas infinitamente — disse Underhill, e as assinalou nas pontas dos dedos da mão esquerda. — Não nos firam. Somos indefesos. Aqui não há infecção. A última delas...

— Não há infecção — Kurtz refletiu. — Hã. Eles têm peito, não têm?

Vira fotografias da substância vermelho-dourada que brotava em todas as árvores em torno do Guri Azul. E em pessoas. Cadáveres, em geral, pelo menos até aquele momento. Os técnicos o batizaram de fungo Ripley, em homenagem à mulher ponta-firme interpretada por Sigourney Weaver naqueles filmes espaciais. Muitos deles eram muito jovens para se lembrarem da outra Ripley, que escrevera nos jornais os artigos de "Acredite se Quiser". "Acredite se Quiser" já pertencia ao passado, mais ou menos, bizarro demais para o século XXI politicamente correto. Mas se ajustava à situação, Kurtz pensou. Ah, sim, como uma luva. Fazia os irmãos siameses e as vacas de duas cabeças da antiga Sra. Ripley parecerem absolutamente normais em comparação.

— A última é Estamos morrendo — disse Underhill. — Essa é interessante por causa das duas diferentes versões em francês que acompanham a inglesa. A primeira é direta. A segunda — on crève — é gíria. Poderíamos traduzir como "Nosso ganso está assado". — Olhou diretamente para Kurtz, que desejou que Perlmutter estivesse ali para ver que sim, aquilo podia ser feito. — Estarão eles assados? Quero dizer, supondo-se que não os socorramos?

— Por que francês, Owen?

Underhill encolheu os ombros.

— Ainda é o outro idioma que se fala aqui.

— Ah. E os números primos? Só para nos mostrar que estamos lidando com seres inteligentes? Como se qualquer outra espécie pudesse viajar para cá vinda de um outro sistema estelar, ou dimensão, ou seja lá o que for de onde vêm?

— Acho que sim. E o que dizer das lanternas, chefão?

— A maioria delas está lá na floresta. Desintegram-se com rapidez, assim que acaba o combustível. As que tivemos condições de acessar parecem latas de sopa sem rótulo. Considerando-se o tamanho delas, produzem um superespetáculo, não é mesmo? Fazendo os moradores daqui se cagarem nas calças.

Quando se desintegravam, as lanternas deixavam para trás fragmentos do fungo, ou fungões, ou que diabo fossem. O mesmo parecia aplicar-se aos próprios alienígenas. Os que foram deixados ficavam parados ao lado da espaçonave como viajantes ao lado de um ônibus enguiçado,

berrando que não eram infecciosos, il n'y a pas d'infection ici, louvado seja Deus, e passar bem, obrigado. E, assim que a substância tocasse uma pessoa, ela muito provavelmente se tornava... o que disse Owen? Um ganso assado. Não tinham certeza disso, claro, era cedo demais para saber, mas tinham de aceitar a hipótese.

— Quantos ETs ainda estão por aqui? — Owen perguntou.

— Talvez uma centena.

— O que é que não sabemos? Alguém tem uma ideia?

Kurtz dispensou a pergunta com um gesto. Não era um conhecedor; conhecer era o departamento de uma outra pessoa, e nenhum dos conhecedores fora convidado a participar daquela festa de véspera de Ação de Graças.

— Os sobreviventes — insistiu Underhill. — Integram a tripulação?

— Não sei, mas provavelmente não. São muitos para serem tripulantes; não o suficiente para serem colonizadores; nem um pouco perto de pertencerem à tropa de choque.

— O que mais está acontecendo por aqui, chefão? Alguma coisa está.

— Tem bastante certeza disso, não?

— Tenho.

— Por quê?

Underhill encolheu os ombros.

— Intuição?

— Não é intuição — retrucou Kurtz, quase com brandura. — É telepatia.

— É o quê?

— De baixa qualidade, mas não há de fato qualquer dúvida a respeito. Os homens percebem alguma coisa, mas ainda não se deu um nome a isso. Dê-lhes mais algumas horas e darão. Nossos amigos guris cinzentos transmitem pensamentos e parecem difundir isso assim como difundem o fungo.

— Puta que me pariu — murmurou Owen Underhill.

Kurtz silenciou, observando-o refletir. Gostava de observar as pessoas pensando, se soubessem pensar, e agora havia uma outra coisa: estava ouvindo Owen pensar, um débil som como o do mar numa concha.

— O fungo não é forte no ambiente — disse Owen. — Tampouco eles são fortes. O que me diz da percepção extrassensorial?

— É muito cedo para dizer. Se durar, porém, e se sair deste penico de pinheiros em que estamos, tudo será diferente. Você sabe disso, não sabe?

Underhill sabia.

— Não posso acreditar nisso — disse.

— Estou pensando num carro — disse Kurtz. — Em que carro estou pensando?

Owen olhou para ele, aparentemente procurando se convencer de que Kurtz falava sério. Percebeu que Kurtz falava sério e depois balançou a

cabeça.

— Como posso... — Fez uma pausa. — Fiat.

— Ferrari, na verdade. Estou pensando num sabor de sorvete. Que s...

— Pistache — Owen disse.

— Aí está.

Owen silenciou por um momento, depois perguntou para Kurtz — com hesitação — se poderia dizer o nome de seu irmão.

— Kellogg — Kurtz respondeu. — Pelo amor de Deus, Owen, isso lá é nome que se dê para um rapaz?

— O nome de solteira da minha mãe. Deus. Telepatia.

— Vai arrasar com os índices de audiência de Jeopardy e Who Wants to Be a Millionaire, posso garantir — disse Kurtz, e repetiu: — Se sair do controle.

De lá de fora do prédio soou um disparo e um grito.

— Não precisava fazer isso! — alguém berrou com uma voz cheia de indignação e temor. — Não precisava fazer isso!

Aguardaram, mas nada mais ouviram.

— O número confirmado de corpos de guris cinzentos é 81 — disse Kurtz. — Provavelmente há mais. Assim que morrem, se decompõem com muita rapidez. Não sobra nada além de gosma... e depois, o fungo.

— Em toda a Zona?

Kurtz fez que sim com a cabeça.

— Imagine uma cunha que aponte para o leste. A extremidade espessa é Guri Azul. Nós estamos mais ou menos no meio da cunha. Há mais uns poucos imigrantes ilegais do gênero cinza vagueando pelas bandas do leste. As lanternas pairaram principalmente na área da ponta da cunha. Patrulha Rodoviária ET.

— Tudo é pão torrado, não é? — perguntou Owen. — Não só os guris cinzentos, a espaçonave e as lanternas... a porra da geografia inteira!

— No momento, não estou preparado para falar sobre isso — retrucou Kurtz.

Não!, Owen pensou, claro que não. Perguntou a si mesmo imediatamente se Kurtz lia seus pensamentos. Não havia como saber, decerto não pelos seus olhos mortiços.

— Nós vamos retirar o resto dos guris cinzentos, isso eu posso lhe assegurar. Os seus homens vão se encarregar dos helicópteros e ninguém mais a não ser os seus homens. Você é o Guri Azul Líder. Entendeu?

— Sim, senhor.

Kurtz não o corrigiu. Naquele contexto, e dada a óbvia aversão de Underhill à missão, seria provavelmente bom usar senhor.

— Sou Azul Um.

Owen concordou com a cabeça.

Kurtz se levantou e tirou o relógio de bolso. Meio-dia.

— Isso vai se tornar público — disse Underhill. — Há muitos cidadãos norte-americanos na Zona. Não há, simplesmente, como guardar

segredo. Quantos têm esses… esses implantes?

Kurtz quase sorriu. As fuinhas, sim. Um bom bocado na área, um outro tanto ao longo dos anos. Underhill não sabia, mas Kurtz sabia. Sujeitinhos maldosos eles eram. E uma coisa boa quanto a ser o chefão: não é preciso responder a perguntas que não se quer responder.

— O que acontecerá depois é assunto para os especialistas em relações públicas — disse ele. — Nosso trabalho é reagir ao que determinadas pessoas… a voz de uma delas está, provavelmente, na sua fita… decidiram que é um óbvio e presente perigo para o povo dos Estados Unidos. Entendeu, recruta?

Underhill fitou aquele olhar mortiço e por fim desviou os olhos.

— Uma outra coisa — disse Kurtz. — Lembra-se de phooka?

— O cavalo fantasma irlandês.

— Chegou perto. Quando se tratar de pônei, aquele vai ser meu. Sempre foi. Uns caras na Bósnia viram você montar o meu phooka. Não viram?

Owen não arriscou responder. Kurtz não parecia aborrecido com isso, mas parecia decidido.

— Nada de comentários, Owen. O silêncio vale ouro. Quando a gente cavalgar o cavalo phooka, a gente deve estar invisível. Entende isso?

— Sim.

— Entende perfeitamente?

— Sim — Owen respondeu. Perguntou de novo a si mesmo quantos de seus pensamentos Kurtz era capaz de ler. Ele sem dúvida era capaz de ler o nome que estava em primeiro plano na mente de Kurtz e supôs que Kurtz queria que ele o lesse. Bosanski Novi.

4

Estavam prestes a partir, tripulantes de quatro helicópteros com os homens de Owen Underhill, transportados pelo ônibus e substitutos dos pilotos da GNA que haviam levado até ali os CH-47, acionando as hélices, enchendo o ar com o ribombo dos rotores, quando chegou a ordem de Kurtz para que suspendessem a partida.

Owen transmitiu a ordem, depois torceu o queixo para a esquerda. Estava agora no canal de comunicação privado de Kurtz.

— Me desculpe, mas que merda é essa? — Owen perguntou. Se era para levarem a missão adiante, queria levar e pôr um ponto final àquilo. Era pior do que Bosanski Novi, muitíssimo pior. Cancelar justificando que os guris cinzentos não eram seres humanos simplesmente não colava. Para ele, de qualquer maneira. Seres capazes de construir algo como o Guri Azul — ou fazê-los voar, pelo menos — eram mais do que humanos.

— Nada a ver comigo, camarada — disse Kurtz. — O pessoal da

meteorologia em Bangor diz que a porra está se deslocando muito depressa. É o que eles chamam de Alberta Clipper, a tempestade de neve provocada pela zona de baixa pressão de Alberta. Trinta minutos, 45 minutos, no máximo, e estaremos a caminho. Com esse nosso equipamento de navegação todo fodido, é melhor esperar, se pudermos... e podemos. Você vai me agradecer quando tudo passar.

Cara, duvido disso.

— Roger, comunicando. — Girou a cabeça para a direita. — Conklin — disse. Nenhuma especificação de hierarquia deveria ser usada na missão, sobretudo por rádio.

— Estou aqui, s... estou aqui.

— Diga ao pessoal que vamos esperar 30 a 45. Repita, 30 a 45.

— Roger. Trinta a 45.

— Vamos ouvir alguma coisa na jukebox.

— O.K. Algum pedido?

— Toque o que quiser. Só não toque o Hino da Esquadrilha.

— Roger, Hino da Esquadrilha fora da prateleira. — Nenhuma graça na voz de Conk. Havia um homem, pelo menos, que gostava tão pouco disso quanto Owen. Naturalmente, Conklin também participara da missão de Bosanski Novi em 1995. Pearl Jam começou nos fones de ouvido de Owen. Ele os arrancou e pôs em volta do pescoço como coleira de cachorro. Não dava a mínima para Pearl Jam, mas, naquela turma, ele era minoria.

Archie Perlmutter e seus homens corriam de um lado para outro feito frangos decapitados. Continências eram feitas, depois desfeitas, com muitos dos que as fizeram lançando olhares furtivos de "você viu aquilo?" para o pequeno helicóptero patrulheiro verde no qual Kurtz se sentava com os fones de ouvido devidamente encaixados na cabeça e um exemplar do News de Derry erguido diante dele. Kurtz parecia absorto na leitura do jornal, mas Owen tinha a impressão de que o homem registrava cada meia continência, cada soldado que se esquecia da situação e reincidia no antigo hábito abominável. Ao lado de Kurtz, no banco esquerdo, estava Freddy Johnson. Johnson era companheiro de Kurtz mais ou menos desde que a Arca de Noé encalhou no monte Arará. Também participara de Bosanski e, sem dúvida, fornecera a Kurtz um relatório completo quando o próprio Kurtz se viu forçado a ficar para trás, incapacitado de montar na sela de seu adorado cavalo phooka por causa da distensão da virilha.

Em junho de 1995, a Força Aérea perdeu um piloto patrulheiro na zona de voo proibido da Otan, perto da fronteira com a Croácia. Os sérvios exploraram bastante o caso do avião do capitão Tommy Callahan, e teriam explorado ainda mais o próprio Callahan, se o tivessem capturado; a desfaçatez, assediada pela lembrança das imagens de norte-vietnamitas que alegremente desfilavam diante da imprensa internacional pilotos que tinham sido submetidos a uma lavagem cerebral, tornou o resgate de Tommy Callahan uma prioridade.

Os investigadores estavam prestes a desistir quando Callahan os

contatou através de uma faixa de rádio de baixa frequência. Sua namorada do colegial lhes deu uma boa indicação de identidade e, quando o homem em terra foi indagado, ele confirmou, dizendo-lhes que os amigos dele haviam passado a chamá-lo de O Vomitador, depois de uma noite realmente memorável de bebedeira no penúltimo ano escolar.

Os homens de Kurtz foram resgatar Callahan em dois helicópteros bem menores do que qualquer um dos que estavam sendo utilizados naquela operação. Owen Underhill, que muitos acreditavam (inclusive ele mesmo, Owen supôs) seria o sucessor de Kurtz, era o encarregado. A tarefa de Callahan era produzir fumaça assim que avistasse os helicópteros e ficar de prontidão. A tarefa de Underhill — a parte phooka da tarefa — era içar Callahan sem ser visto. Isso não era estritamente necessário, tanto quanto Owen entendia, mas simplesmente o modo como Kurtz queria: seus homens eram invisíveis, seus homens cavalgavam o cavalo irlandês.

A remoção funcionou perfeitamente. Alguns mísseis terra-ar foram lançados, mas nada que chegasse perto — Milosevitch não dava no couro, na maioria das vezes. Foi enquanto colocavam Callahan a bordo que Owen avistou os únicos bósnios: cinco ou seis crianças, a mais velha não tinha mais do que 10 anos, que os observavam com solenidade. A ideia de que a orientação de Kurtz, de garantirem que não houvesse testemunhas, pudesse se aplicar a um grupo de moleques de cara suja jamais passou pela cabeça de Owen. E Kurtz jamais fez qualquer comentário a respeito.

Quer dizer, até aquele dia.

Que Kurtz era um homem terrível, disso Owen não duvidava. No entanto, havia muitos homens terríveis no serviço, mais demônios do que santos, seguramente, e muitos amavam o sigilo. O que tornava Kurtz diferente Owen não sabia — Kurtz, aquele homem comprido e melancólico, de cílios brancos e olhos parados. Enfrentá-los era difícil porque neles nada havia — nenhum amor, nenhum riso e, certamente, nenhuma curiosidade. Essa falta de curiosidade era, de algum modo, o pior.

Um Sabaru todo amassado estacionou perto do armazém e dois velhos desceram cuidadosamente. Um segurava uma bengala preta numa das mãos castigada pelas intempéries. Ambos usavam agasalho de caçador com um padrão axadrezado vermelho e preto. Ambos usavam boné desbotado, um com CASE escrito acima da pala e o outro com DEERE. Olharam espantados para o contingente de soldados que os cercou. Soldados no Gosselin! Mas que coisa danada! Estavam na casa dos 80 anos, a julgar pelo aspecto, mas tinham a curiosidade que faltava a Kurtz. Ela transparecia na postura do corpo, na inclinação da cabeça.

Todas as perguntas que Kurtz não fizera. O que eles querem? Querem mesmo nos fazer mal? Fazer isso não trará o mal? Com o vento que semeamos colheremos a tempestade? O que houve em todos os contatos anteriores — os flapes, as lanternas, as quedas de cabelo-de-anjo e pó vermelho, os sequestros que começaram no final da década de 1960 — que tanto assustou os poderes constituídos? Houve algum esforço real de

comunicação com essas criaturas?

E a última pergunta, a pergunta mais importante: Os guris cinzentos eram iguais a nós? Eram, segundo alguma descrição, humanos? Isso era assassínio, pura e simplesmente?

Quanto a isso, também não havia qualquer dúvida nos olhos de Kurtz.

5

A neve abrandou, o dia brilhou, e, exatamente 33 minutos depois de ordenar a suspensão, Kurtz lhes deu o sinal verde. Owen o transmitiu a Conklin e os rotores dos helicópteros foram de novo acionados, as pás arrancando véus transparentes de neve e transformando os próprios helicópteros em espectros momentâneos. Depois ascenderam ao nível do topo das árvores, alinharam-se com Underhill — o Guri Azul Líder — e voaram para oeste, na direção de Kineo. O Kiowa 58 de Kurtz voava abaixo deles e levemente de estibordo, e Owen pensou brevemente numa tropa de soldados num filme de John Wayne, uniformes azuis com um único patrulheiro indígena cavalgando o pônei, o dorso nu inclinado para um lado. Não conseguia ver, mas imaginava que Kurtz ainda estava lendo o jornal. Talvez o horóscopo. "Peixes, este é seu dia de infâmia. Não saia da cama."

Os pinheiros e os espruces abaixo apareciam e desapareciam em vapores de branco. A neve batia contra as duas janelas da frente do Chinook, dançava e sumia. A navegação era extremamente turbulenta — como estar dentro de uma máquina de lavar roupa — e Owen não a desejaria de forma alguma. Tornou a pôr os fones na cabeça. Um outro grupo, talvez Matchbox Twenty. Não magnífico, mas melhor do que Pearl Jam. O que Owen abominava era o Hino da Esquadrilha. Mas escutaria. Ah, sim, escutaria.

Vindo e indo as nuvens baixas, vislumbres vaporizados de uma floresta aparentemente interminável, oeste oeste oeste.

— Guri Azul Líder, aqui é Azul Dois.

— Roger, Dois.

— Tenho contato visual com Guri Azul. Confirma?

Por um momento, Owen não pôde, e depois pôde. O que ele viu o deixou sem respiração. Uma fotografia, uma imagem dentro de uma moldura, algo que cabia na mão, isso era uma coisa. Aquilo era algo inteiramente diferente.

— Confirma, Dois. Grupo Azul, aqui é o Guri Azul Líder. Permaneçam nas posições atuais. Repetindo, permaneçam nas posições atuais.

Um por um, os outros helicópteros receberam a mensagem. Apenas Kurtz não, mas manteve a posição. Os Chinooks e o Kiowa voavam talvez a um quilômetro da espaçonave caída. Conduzindo até ela, havia uma

enorme fileira de árvores esmagadas, formando uma trilha enviesada, como se podadas por um cortador gigantesco. No final dessa trilha havia uma área pantanosa. Árvores mortas se agarravam ao céu branco, como se quisessem dilacerar as nuvens. Havia zigue-zagues de neve derretida, partes dela tornando-se amarelas, dissolvendo-se no chão molhado. Em outros lugares havia veias e vasos capilares de água preta.

A espaçonave, um enorme prato cinzento de quase 300 metros de lado a lado, penetrara o emaranhado de árvores mortas e fora parar no centro do pântano, explodindo-as e arremessando em todas as direções os fragmentos de lascas. O Guri Azul (não era de modo algum azul, nem um pouco azul) assentara na extremidade do pântano, onde um espinhaço rochoso se erguia num ângulo íngreme. Um longo arco de sua borda curva desaparecia dentro da terra saturada de água e instável. Detritos e fragmentos de árvores partidas se espalhavam e se amontoavam no casco liso da espaçonave.

Os guris cinzentos sobreviventes estavam parados em redor dela, muitos deles em montículos cobertos de neve sob a extremidade da espaçonave que se inclinava para o alto; se o sol estivesse brilhando, estariam na sombra da espaçonave caída. Bom... sem dúvida, havia alguém que achava que se parecia mais com o Cavalo de Troia do que com uma espaçonave espatifada, mas os guris cinzentos sobreviventes, nus e desarmados, não pareciam oferecer ameaça. Cerca de 100, Kurtz dissera, mas havia menos do que isso agora; Owen calculou 60. Viu pelo menos uma dúzia de cadáveres, no estado mais ou menos avançado da decomposição avermelhada, jazendo no montículo coberto de neve. Alguns estavam de bruços na água preta rasa. Aqui e ali, surpreendentemente brilhantes contra a neve, havia trechos vermelho-dourados do suposto fungo Ripley... só que nem todos os trechos eram brilhantes, Owen notou ao pegar o binóculo e olhar através dele. Vários deles haviam começado a ficar cinzentos, vítimas do frio, da atmosfera ou de ambos. Não, não sobreviviam bem ali — não os guris cinzentos, não o fungo que trouxeram com eles.

Poderia aquela substância realmente se espalhar? Não acreditava nisso.

— Guri Azul Líder? — perguntou Conk. — Está aí, cara?

— Estou, cale a boca um minuto.

Owen se curvou para a frente, estendeu a mão por baixo do cotovelo do piloto (Tony Edwards, um bom homem) e pressionou o interruptor do rádio para o canal coletivo. A menção que Kurtz fez a Bosanski Novi nunca lhe passara pela cabeça; a ideia de que estava cometendo um grave erro nunca lhe passara pela cabeça; a ideia de que havia seriamente subestimado a loucura de Kurtz nunca lhe passara pela cabeça. Na verdade, fez o que fez quase que sem um pensamento consciente. Assim lhe pareceu mais tarde, quando recordou e reexaminou o incidente, não uma vez só, mas inúmeras vezes. Apenas uma pressão de dedo no interruptor. Isso bastava, ao que parecia, para alterar o curso da vida de um homem.

E lá estava, alta e clara, a voz que nenhum recruta novato de Kurtz

reconheceria. Conheciam Eddie Vedder; Walter Cronkite era uma outra coisa. "... ção. Il n'y a pas d'infection ici." Dois segundos e depois uma voz que poderia pertencer a Barbra Streisand: "Cento e treze. Cento e dezessete. Cento e dezenove."

A certa altura, Owen percebeu, começaram a contar números primos a partir de um. Quando o ônibus estivera a caminho do Gosselin, as várias vozes haviam alcançado números primos na casa de quatro algarismos.

"Estamos morrendo", disse a voz de Barbra Streisand. "On se meurt, on crève." Uma pausa, depois a voz de David Letterman: "Cento e vinte e sete. Cento e..."

— Desligue isso! — gritou Kurtz. Pela primeira vez em todos os anos que Owen o conhecia, Kurtz soou realmente irritado. Quase chocado. — Owen, por que você quer tocar essa nojeira nos ouvidos dos camaradas? Responda e me diga, agora mesmo.

— Só queria saber se alguma coisa mudou, chefão — retrucou Owen. Era uma mentira e, naturalmente, Kurtz sabia que era, e numa oportunidade qualquer, sem dúvida, o faria pagar por isso. Não estava disparando contra aqueles meninos mais uma vez, talvez até mesmo pior. Owen não se importava. Que se fodesse o cavalo phooka. Se tivessem de fazer aquilo, queria que os homens de Kurtz (Shyhook na Bósnia, Grupo Azul agora, algum outro nome no futuro, mas sempre retornava às mesmas caras jovens e duras) ouvissem os guris cinzentos uma última vez. Viajantes de um outro sistema estelar, talvez até de um outro universo ou dimensão temporal, conhecedores de coisas que seus hóspedes jamais saberiam (não que Kurtz fosse se importar). Que eles ouçam os guris cinzentos pela última vez, em lugar de Pearl Jam, Jar of Flies ou Rage Against the Machine; os guris cinzentos que imploravam a quem estupidamente esperavam que tivesse uma natureza melhor.

— E mudou? — a voz de Kurtz estalou de volta. O Kiowa verde ainda estava lá embaixo, bem abaixo da linha de helicópteros de combate, os rotores batendo na extremidade partida de um velho e alto pinheiro bem debaixo dele, fazendo-o sacudir e pender. — Mudou, Owen?

— Não — respondeu. — Não mudou nada, chefão.

— Então, desligue esse tagarela. Desperdício de luz do dia, louvado seja Deus.

Owen fez uma pausa, depois disse, com cuidadosa ponderação:

— Sim, senhor.

6

Kurtz estava sentado bem a prumo no banco direito do Kiowa — "empertigado", como sempre diziam nos livros e nos filmes. Colocara os óculos escuros, apesar da moderada luz cinzenta do dia, mas Freddy, o

piloto, ainda se atrevia a olhar para ele apenas pelo canto dos olhos. Os óculos eram curvos e cobriam as têmporas, óculos de sol com estilo, e, agora que estavam no rosto, difícil era saber para onde o chefão olhava. Decerto, não se podia confiar na direção para a qual a cabeça se voltava.

O News de Derry estava no colo de Kurtz (LUZES MISTERIOSAS NO CÉU, CAÇADORES DESAPARECIDOS CAUSAM PÂNICO EM JEFFERSON TRACT, diziam as manchetes). Depois ele pegou o jornal e o dobrou metodicamente. Era bom nisso, e logo o News de Derry estaria dobrado naquilo que a carreira de Owen Underhill acabara de se transformar: um chapéu de bicos. Underhill sem dúvida achava que teria de enfrentar algum tipo de ação disciplinar — a do próprio Kurtz, uma vez que se tratava de uma operação secreta, até o momento —, seguida de uma segunda oportunidade. O que ele aparentemente não percebia (e isso talvez fosse bom; desavisado em geral significava desarmado) era que aquela fora sua segunda oportunidade. Que era uma a mais do que Kurtz jamais dera a alguém, e uma da qual ele agora se arrependia. Arrependia-se amargamente. Então, Owen vai e me apronta uma dessas depois da conversa no escritório do armazém... depois de ter sido especialmente avisado...

— Quem dá a ordem? — A voz de Underhill estalou na linha privada de Kurtz.

Kurtz ficou surpreso e um pouco desalentado com a profundidade de sua fúria. Boa parte dela causada apenas por uma surpresa, a mais simples das emoções, a que os bebês registram antes de qualquer outra. Owen lhe aprontara uma boa, colocando os guris cinzentos no canal da esquadrilha daquele jeito; queria apenas saber se havia mudado, ora bolas, essa era uma das que a gente enrola bem enrolada e enfia no rabo. Owen era provavelmente o melhor ajudante que ele jamais tivera numa longa e complicada carreira que remontava ao Cambodja no início da década de 1970, mas Kurtz lhe daria uma lição, mesmo assim. Por causa da brincadeira do rádio; porque Owen não tinha aprendido. Agora não se referia a moleques em Bosanski Novi, ou a um monte de vozes tagarelas. Não se referia a obedecer ordens ou mesmo ao princípio da questão. Referia-se à linha. A linha dele. A Linha de Kurtz.

Além disso, havia aquele senhor.

Aquele maldito e desprezível senhor.

— Chefão? — Owen agora soava um tanto nervoso e tinha motivo para soar nervoso, Deus o ajudasse. — Quem dá...

— Canal geral, Freddy — disse Kurtz. — Me ponha em contato.

O Kiowa, mais leve do que os helicópteros de combate, se viu golpeado por uma corrente de vento e foi sacudido vertiginosamente. Kurtz e Freddy o ignoraram. Freddy lhe deu o sinal.

— Escutem, rapazes — disse Kurtz, olhando para os quatro helicópteros de combate pairando em fileira, libélulas de vidro acima das árvores e abaixo das nuvens. Bem à frente deles estava o pântano e o vasto disco inclinado semelhante a uma pérola, a tripulação sobrevivente,

ou o que quer que fosse, parada embaixo de sua popa. — Agora escutem, rapazes, o papai vai fazer um sermão. Estão me escutando? Respondam.

Sim, sim, afirmativo, confirma, registrado e entendido (com um ocasional senhor intercalado, mas quanto a isso não havia problema; havia uma diferença entre o esquecimento e a insolência).

— Não sou um falador, rapazes, falar não tem a ver com o que faço, mas quero que saibam que isso não é, repito, não é um caso de algo que é o que aparenta ser. O que vocês veem são cerca de 60 humanoides cinzentos, aparentemente sem sexo, parados nus como um deus adorável os criou, e vocês dizem, alguns diriam, de qualquer maneira: "Ora, esses pobres coitados, todos pelados e desarmados, sem pinto ou sem boceta que partilhem entre eles, pedindo misericórdia ao lado da espaçonave intergaláctica que sofreu um desastre, e que tipo de cão, que tipo de monstro poderia escutar essas vozes implorando e seguir adiante mesmo assim?" E devo lhes dizer, rapazes, que eu não sou cão, eu não sou monstro, eu não sou esse machão beligerante criptofascista politicamente incorreto pós-moderno e pós-industrial, louvado seja Deus, e, para vocês que estão me ouvindo, eu sou Abraham Peter Kurtz, aposentado da Força Aérea dos Estados Unidos, número de série 241771699, e estou à frente deste comando, eu sou o tenente Calley no comando deste específico Massacre do Restaurante de Alice.

Respirou fundo para tomar fôlego, os olhos fixos nos helicópteros que pairavam.

— Mas, camaradas, estou aqui para lhes dizer que os guris cinzentos têm aprontado conosco desde o fim da década de 1940, e eu tenho aprontado com eles desde o fim da década de 1970, e posso afirmar que, só porque um sujeito chega para vocês com as mãos levantadas, dizendo que se entrega, isso não significa, louvado seja Deus, que ele não tenha meio litro de nitroglicerina enfiado no rabo. Agora, os velhos peixinhos dourados que vivem nadando no aquário da equipe de especialistas, a maioria desses sujeitos diz que os guris cinzentos vieram para cá quando nós começamos a soltar as bombas atômicas e de hidrogênio, que vieram para cá do mesmo jeito que uma mosca é atraída pela luz do mata-mosca. Disso eu não entendo, eu não sou um especialista, deixo a especialização para os outros, deixo para o repolho, o repolho tem cabeça, como se diz, mas não há nada errado com os meus olhos, camaradas, e posso lhes dizer que os putos daqueles guris cinzentos são tão inofensivos quanto um lobo num galinheiro. Nós capturamos uma boa porção deles ao longo dos anos, mas nenhum viveu. Quando morrem, o cadáver deles se decompõe muito depressa e se transforma, exatamente, no tipo de coisa que vocês veem lá embaixo, o que vocês chamam de fungo Ripley. Às vezes, eles explodem. Entenderam? Explodem. O fungo que eles carregam, ou talvez o fungo é que os comande, alguns dos peixinhos dourados dos aquários especializados acreditam que seja esse o caso, morrem com muita facilidade, a não ser que viva num hospedeiro vivo, repito, hospedeiro vivo, e parece que o hospedeiro de que mais gostam, camaradas, louvado seja Deus, é o velho e

bom homo sap. Assim que entram, e não precisa muito, embaixo da unha do mindinho, é adeus e pernas para que vos quero.

Isso não era precisamente a verdade — aliás, não estava precisamente nem mesmo perto da verdade —, mas ninguém luta pela gente com mais ferocidade do que um soldado amedrontado. Isso Kurtz aprendeu com a experiência.

— Rapazes, os nossos amiguinhos guris cinzentos são telepáticos, e parece que nos transmitem essa habilidade através do ar. Pegamos isso mesmo quando não pegamos o fungo, e, embora vocês possam achar que um pouquinho de leitura da mente alheia seria divertido, o tipo da coisa que faria de vocês a grande atração de uma festa, posso lhes dizer o que aguarda um pouco mais adiante na estrada: esquizofrenia, paranoia, separação da realidade, e uma total, repito, uma TOTAL INSANIDADE. Os sujeitos no aquário dos especialistas, Deus os abençoe, acreditam agora que essa telepatia tem uma ação relativamente breve, mas, quanto a isso, não é necessário que eu lhes diga o que aconteceria se os guris cinzentos se instalassem e ficassem à vontade. Quero que prestem atenção como se a vida de vocês dependesse disso, está certo? Quando eles se apossam de nós, rapazes, repito, quando eles se apossam de nós, e todos vocês sabem que houve sequestros, a maioria das pessoas que afirmam ter sido sequestradas por alienígenas mente descaradamente pela boca neurótica, mas não todas elas; as libertadas, em geral, foram submetidas a implantes. Algumas são apenas instrumentos, transmissores, talvez, ou algum tipo de monitor, mas algumas são seres vivos que comem seus hospedeiros, engordam e depois os rasgam ao meio. Esses implantes foram realizados pelas próprias criaturas que vocês veem lá embaixo, andando nuas e inocentes. Alegam que não há infecção entre elas, apesar de que sabemos que estão infectadas até a alma e o cu e tudo o mais. Tenho visto essas coisas acontecerem por mais de 25 anos e lhes digo que aquilo é a coisa, aquilo é a invasão, isto é o campeonato dos campeonatos de beisebol e vocês, camaradas, estão na posição da defesa. Não são pequenos ETs indefesos, esperando que alguém lhes dê um cartão de telefone da Tel da Nova Inglaterra para que possam telefonar para casa, são a doença. São câncer, louvado seja Deus, e nós, camaradas, nós somos uma grande e quente dose radiativa de quimioterapia. Estão me ouvindo, rapazes?

Dessa vez, nenhum "afirmativo". Nenhum "roger", nenhum "comunicando". Vivas grosseiros, nervosos e neuróticos, agitando-se com avidez. O canal geral se inflou junto com eles.

— Câncer, rapazes. São câncer. Esta é a melhor expressão, embora, como sabem, eu não seja um falador. Owen, registrado?

— Registrado, chefão. — Inexpressivo. Inexpressivo e calmo, o danado. Bom, deixe-o bancar o tranquilo. Deixe-o bancar o tranquilo enquanto pode. Owen Underhill estava completamente acabado. Kurtz ergueu o chapéu de papel e o olhou com admiração. Owen Underhill estava acabado.

— O que é aquilo lá embaixo, Owen? O que é aquela agitação em

volta da espaçonave? O que é aquilo que esqueceu de vestir a calça e pôr os sapatos antes de sair de casa esta manhã?

— Câncer, chefão.

— Correto. Agora, dê a ordem e lá vamos nós. Cante, Owen. — E, com uma grande ponderação, sabendo que os homens nos helicópteros o estariam observando (nunca fizera um discurso assim, nunca, e nenhuma palavra planejada, a não ser nos sonhos), girou o quepe ao contrário.

7

Owen observou Tony Edwards girar na cabeça o boné de meteorologista, de modo que a pala apontava para baixo sobre a nuca, ouviu Bryson e Bertinelli disparando as metralhadoras .50 e constatou que aquilo estava realmente acontecendo. Estavam excitados. Ele podia subir no carro, dirigir ou ficar de pé na estrada e ser atropelado. Essas eram as únicas escolhas que Kurtz lhe dera.

E havia algo mais, algo ruim de que se lembrava de muito tempo atrás, quando tinha... o quê? Oito? Sete anos? Talvez mais novo ainda. Estava no gramado de sua casa, a de Paducah, o pai ainda no trabalho, a mãe em algum lugar, provavelmente na Grace Baptist, preparando-se para uma de suas intermináveis feiras de comida (ao contrário de Kurtz, quando dizia "louvado seja Deus", era isso mesmo que Randi Underhill queria dizer), quando uma ambulância estacionou na frente da casa vizinha, a dos Rapeloew. Sem soar a sirena, mas piscando todas as luzes. Dois homens de macacão, muito parecido com o que Owen estava usando naquele momento, puseram-se a correr pela entrada dos Rapeloew, desdobrando uma maca reluzente. Sem sequer interromperem as passadas largas da corrida. Era como um truque de mágica.

Menos de dez minutos depois, saíram carregando a Sra. Rapeloew na maca. Os olhos dela estavam fechados. O Sr. Rapeloew ia seguindo logo atrás da maca, sem nem mesmo se importar de fechar a porta. O Sr. Rapeloew, que tinha a idade do pai de Owen, de repente parecia tão velho quanto irritável. Era um outro truque de mágica. O Sr. Rapeloew lançou o olhar para a direita, enquanto os homens colocavam a mulher dentro da ambulância, e viu Owen ajoelhado no gramado, de calções e brincando com a bola. Falaram que foi uma apoplexia medonha!, disse em voz alta o Sr. Rapeloew. St. Mary's Memorial! Diga para a sua mãe, Owen! Em seguida, subiu na traseira da ambulância e a ambulância partiu. Durante mais ou menos cinco minutos, Owen continuou a brincar com a bola, jogando-a para o alto e pegando-a, mas no intervalo entre jogar e pegar não parava de olhar para a porta que o Sr. Rapeloew deixara aberta, pensando que deveria fechá-la. Que fechá-la constituiria o que sua mãe chamava de um ato de caridade cristã.

Por fim, ele se levantou e atravessou até o gramado dos Rapeloew. Os Rapeloew sempre foram bons para ele. Nada realmente especial ("Nada que justificasse a gente se levantar de noite e contar numa carta", a mãe diria), mas a Sra. Rapeloew fazia uma porção de bolinhos e sempre se lembrava de guardar alguns para ele; muitas foram as tigelas de merengue e massa de bolo que ele raspara na cozinha da rechonchuda e jovial Sra. Rapeloew. E o Sr. Rapeloew lhe mostrara como fazer aviões de papel que voavam de verdade. Três tipos diferentes. Então, os Rapeloew mereciam caridade, caridade cristã, mas, assim que entrou pela porta aberta da casa dos Rapeloew, soube perfeitamente bem que caridade cristã não era o motivo para estar ali. Fazer caridade cristã não endurece o pirulito da gente.

Por cinco minutos — ou, talvez, 15 minutos, meia hora, o tempo passava como o tempo passa num sonho —, Owen só andou pela casa dos Rapeloew, fazendo nada, mas o tempo todo com o pirulito duro feito pedra, tão duro que palpitava como uma segunda pulsação, e era de se pensar que podia doer, mas não doía, produzia uma sensação boa, e em todos os anos posteriores ele identificava aquele andar silencioso pelo que havia sido: estímulo sexual. O fato de que nada tinha contra os Rapeloew, de que na verdade gostava dos Rapeloew, de algum modo o tornou ainda melhor. Se fosse flagrado (não o foi), poderia responder Não sei, se lhe perguntassem por que o fizera, e estaria sendo sincero.

Não que tivesse feito muita coisa. No banheiro do térreo, encontrou uma escova de dentes com o nome DICK gravado. Dick era o nome do Sr. Rapeloew. Owen tentou urinar nas cerdas da escova de dentes do Sr. Rapeloew, isso era o que pretendia fazer, mas o pirulito estava muito duro e o xixi não saía de jeito nenhum, nem mesmo uma gotinha. Então, em lugar disso, cuspiu na escova, depois esfregou bem o cuspe entre as cerdas e recolocou a escova no porta-escovas. Na cozinha, entornou um copo de água sobre as bocas do fogão elétrico. Depois, tirou do armário uma enorme travessa de louça. "Falaram que foi a cegonha", disse Owen, segurando a travessa sobre a cabeça. "Deve ser um nenê, porque ele falou que foi uma cegonha." E, em seguida, arremessou a travessa contra um canto, onde ela se espatifou em mil pedaços. Feito isso, saiu correndo da casa. O que quer que tivesse estado dentro dele, a coisa que fizera o pirulito ficar duro e os globos oculares grandes demais para caber nas órbitas, o som da travessa espatifando-se o interrompeu, estourou-o como uma espinha, e, se seus pais não tivessem estado tão preocupados com a Sra. Rapeloew, quase com certeza teriam percebido que havia algo errado com ele. Naquela circunstância, provavelmente apenas presumiram que ele também estava preocupado com a Sra. Rapeloew. Na semana seguinte, ele dormiu muito pouco, e o pouco de sono que teve fora perturbado por pesadelos. Num deles, a Sra. Rapeloew voltou do hospital com o nenê que a cegonha lhe trouxera, só que o nenê estava preto e morto. Owen estava sendo quase consumido pela culpa e pela vergonha (nunca ao ponto de confessar, porém; o que, em nome de Deus, teria respondido quando a mãe

batista lhe perguntasse o que o havia possuído), e no entanto jamais se esqueceu do prazer obscuro de estar no banheiro com os calções abaixados em volta dos joelhos, tentando urinar na escova de dentes do Sr. Rapeloew ou do arrepio que lhe percorreu o corpo quando a travessa se espatifou. Se fosse mais velho, teria gozado na calça, ele supôs. A pureza estava na insensatez; o júbilo, no som de estilhaçar; a emoção passada, no lento e prazeroso chafurdar no remorso por tê-lo feito, e o medo de ser flagrado. O Sr. Rapeloew dissera que fora uma cegonha, mas, quando ele chegou à sua casa naquela noite, o pai de Owen lhe contou que tinha sido uma apoplexia, uma hemorragia cerebral. Que um vaso sanguíneo no cérebro da Sra. Rapeloew rebentou e que isso era uma apoplexia.

E agora ali estava tudo de novo, tudo aquilo.

Talvez desta vez eu goze, pensou. Decerto será bem mais grandioso do que tentar urinar na escova de dentes do Sr. Rapeloew. E depois, ao girar para trás o boné: Mas a ideia básica é a mesma.

— Owen? — a voz de Kurtz. — Está aí, filhote? Se não responder agora mesmo, vou concluir que você não vai ou não pode...

— Chefão, estou aqui. — Voz serena. Na imaginação, viu um garotinho suado segurando uma travessa em cima da cabeça. — Rapazes, estão prontos para chutar um rabinho interestelar?

Berros de afirmação que incluíam um mais que prontos e um vamos rebentar com eles.

— O que querem primeiro, rapazes?

Hino da Esquadrilha e Hino Os putos dos Stones, já!

— Quem quiser cair fora, fale alto!

Silêncio no rádio. Numa outra frequência, na qual Owen jamais sintonizaria de novo, os guris cinzentos continuavam a implorar com as vozes famosas. A estibordo e abaixo ia o pequeno Kiowa OH-58. Owen não precisava do binóculo para enxergar Kurtz com o quepe virado para trás, Kurtz observando-o. O jornal ainda estava no colo, agora, por algum motivo, dobrado num triângulo. Durante seis anos Owen Underhill não precisara de segundas oportunidades, o que foi bom, porque Kurtz não as dava — no fundo do coração, Owen supôs que sempre soubera disso. Pensaria a respeito mais tarde, porém. Se tivesse de fazê-lo. Um derradeiro pensamento coerente cintilou em sua mente — Você é o câncer, Kurtz, você — e depois se apagou. Em seu lugar estava uma pura e perfeita escuridão.

— Grupo Azul, aqui é Guri Azul Líder. Preste atenção. Comece a disparar a 200 metros. Evite atingir o Guri Azul, se possível, mas vamos varrer de vez aqueles filhos da mãe. Conk, toque o Hino.

Gene Conklin pressionou um botão e introduziu um CD no discman que ficava no piso do Guri Azul Dois. Owen, que já não se achava dentro de si mesmo, inclinou-se para a frente no Guri Azul Líder e aumentou o volume.

Mick Jagger, a voz dos Rolling Stones, encheu os fones de ouvido. Owen ergueu a mão, viu Kurtz lhe fazer uma continência — se sarcástica

ou sincera, Owen não sabia e não queria saber — e então Owen abaixou o braço. Enquanto Jagger berrava, cantava o Hino, o que sempre tocavam quando realizavam um grande ataque, os helicópteros baixaram, aceleraram e voaram rumo ao alvo.

8

Os guris cinzentos — os que restaram — estavam parados na sombra da espaçonave, que, por sua vez, se encontrava no fim do corredor formado pelas árvores que ela destruiu durante a descida final. Não demonstraram qualquer intenção de fugir ou se esconder; metade deles, na verdade, deu passos adiante com seus pés nus sem dedos, pisando na neve derretida enlameada, no estrume e nas felpas espalhadas do musgo vermelho-dourado. Ao se adiantarem, ficaram de frente para os helicópteros que se aproximavam em linha, as mãos de dedos longos erguidas, mostrando que estavam vazias. Os gigantescos olhos pretos brilhavam na luz baça do dia.

Os helicópteros não diminuíram a velocidade, embora todos ouvissem a transmissão final brevemente na cabeça: Por favor, não nos firam, somos indefesos, estamos morrendo. A essas frases, entrelaçando-se como trança, misturava-se a voz de Mick Jagger: "Por favor, deixe que eu me apresente, sou um homem com riqueza e gosto; ando por aqui faz muitos anos, roubei muita alma e fé dos homens..."

Os helicópteros deram uma guinada vigorosa, como uma banda que marcha e faz uma curva justa na linha de 50 metros do estádio Rose Bowl, e as metralhadoras .50 abriram fogo. Os projéteis afundaram na neve, mutilaram galhos mortos de árvores já feridas, produziram pálidas faíscas na borda da grande espaçonave. Penetraram os corpos dos guris cinzentos agrupados com os braços erguidos e os dilaceraram. Braços eram decepados dos corpos rudimentares, jorrando uma espécie de fluido róseo. Cabeças explodiam feito abóboras, entornando jatos avermelhados na superfície da espaçonave e nos companheiros — não sangue, mas uma substância musguenta, como se esta constituísse o conteúdo de suas cabeças, não exatamente uma cabeça, mas uma horrenda cesta de frutas. Vários deles eram cortados ao meio e tombavam com as mãos ainda erguidas em rendição. Ao caírem, os corpos cinzentos adquiriam um branco sujo e pareciam ferver.

Mick Jagger confessava: "Eu já estava lá quando Jesus Cristo teve o Seu momento de dúvida e dor..."

Alguns guris cinzentos, ainda parados sob a borda da espaçonave, voltaram-se, como se fossem fugir, mas não havia para onde ir. Muitos foram logo abatidos. Os últimos poucos sobreviventes — talvez quatro, ao todo — refugiaram-se nas sombras escassas. Pareciam fazer algo, remexer em algo, e Owen teve um terrível pressentimento.

— Posso pegá-los! — soou estridente no rádio. Era Deforest no Guri Azul Quatro, quase ofegando de ansiedade. E, antecipando a ordem de Owen para que seguisse adiante, o Chinook desceu quase ao nível do chão, os rotores remoinhando neve e água enlamaçada numa nevasca imunda, escalavrando a vegetação rasteira da planície.

— Não, negativo, adie, volte, retome a posição mais 50! — Owen gritou, e bateu no ombro de Tony.

Tony, parecendo apenas ligeiramente estranho com a máscara transparente que lhe cobria a boca e o nariz, puxou o leme para trás e o Guri Azul Líder se elevou no ar instável. Mesmo em meio à música, os bongôs alucinados, os hoo-hoo do coro, "Sympathy for the Devil" não fora tocada inteira uma única vez, ao menos não até aquele momento, Owen pôde ouvir a tripulação grunhir. O Kiowa, ele viu, já diminuíra de tamanho na distância. Não importava quais fossem suas excentricidades mentais, Kurtz não era bobo. E seus instintos eram excepcionais.

— Ah, chefão... — Era Deforest, soando não apenas decepcionado, mas em chamas.

— Repetindo, repetindo, retorne à posição, Grupo Azul, retorne...

A explosão o lançou para trás no assento e arremessou o Chinook para o alto como um brinquedo. Em meio ao ribombo, ouviu Tony Edwards amaldiçoar e se debater com o leme. Houve gritos atrás deles, mas, enquanto a maioria da tripulação estava ferida, perderam apenas Pinky Bryson, que estava se inclinando para fora do helicóptero para ter uma visão melhor e caiu com o impacto da explosão.

— Consegui, consegui — Tony berrou, mas Owen achou que haviam se passado pelo menos 30 segundos antes de Tony agir de fato, segundos que pareciam horas. Nos alto-falantes, o hino foi interrompido, um fato que indicava mau agouro para Conk e os rapazes no Guri Azul Dois.

Tony volteou Guri Azul Líder e Owen viu que o Perplex do para-brisa estava rachado em dois lugares. Atrás deles, alguém continuava a gritar — Mac Cavanaugh, ele constatou, de algum modo perdera dois dedos.

— Puta merda! — Tony murmurou, e depois: — Salvou a nossa pele, chefão. Obrigado.

Owen mal o ouviu. Tinha-se virado para trás para ver os restos da espaçonave, que agora jazia em pelo menos três pedaços. Era difícil discernir, porque os detritos voavam e o ar se transformara num difuso laranja-avermelhado. Era um pouco mais fácil ver os restos do helicóptero de Deforest. Estava tombado de lado na sujeira, com bolhas estourando em redor. No lado da canhoneira, um comprido pedaço de pá rebentada flutuava na água como um gigantesco remo de canoa. A uma distância de cerca de 50 metros, mais pás eram visíveis, enegrecidas e retorcidas, entre uma furiosa bola de fogo branco-amarelada. Aquilo era Conklin e Guri Azul Dois.

Ruídos e blips emitidos pelo rádio. Blakey no Guri Azul Três.

— Chefão, ei, chefão, estou vendo...

— Três, este é Líder. Quero que você...

— Líder, este é Três, vejo sobreviventes, repito, vejo sobreviventes

do Guri Azul Quatro, pelo menos três... não, quatro... Vou descer para...

— Negativo, Guri Azul Três, de jeito nenhum. Retome posição mais 50... adie, posição mais um-50, um-cinco-zero, e já!

— Ah, mas senhor... quero dizer, chefão... Estou vendo Friedman, no meio da porra do fogo...

— Joe Blakey, obedeça.

Não havia como confundir a irritação de Kurtz, Kurtz que escapara da merda vermelha com tempo de sobra. Quase, Owen pensou, como se soubesse o que estava para acontecer.

— Arranque esse rabo daí já, ou garanto que, na semana que vem, vai estar limpando merda de camelo num clima quente onde a bebida alcoólica é ilegal. Fora.

Nada mais se ouviu do Guri Azul Três. Os dois helicópteros sobreviventes retornaram ao ponto original de agrupamento mais 150 metros. Owen ficou observando a impetuosa espiral ascendente do fungo Ripley, perguntando a si mesmo se Kurtz sabia ou apenas intuía, perguntando a si mesmo se ele e Blakey tinham se retirado da área a tempo. Porque eram infecciosos, claro, independentemente do que os guris cinzentos diziam, eram infecciosos. Owen não sabia ao certo se isso justificava o que acabaram de fazer, mas achava que os sobreviventes do Guri Azul Quatro de Ray Deforest eram, muito provavelmente, homens mortos andando. Ou pior: homens vivos em transformação. Transformando-se só Deus sabia em quê.

— Owen. — O rádio.

Tony olhou para ele, as sobrancelhas levantadas.

— Owen.

Suspirando, Owen virou com o queixo o interruptor para o canal privado de Kurtz.

— Estou aqui, chefão.

9

Kurtz estava sentado no Kiowa com o chapéu de jornal ainda no colo. Ele e Freddy estavam usando máscara; como também os demais rapazes do grupo de ataque. Provavelmente, mesmo os coitados em terra ainda usavam máscara. As máscaras talvez fossem desnecessárias, mas Kurtz, que não tinha a menor intenção de contrariar Ripley, se pudesse evitá-lo, era o tal. Entre outras coisas, devia ser um exemplo. Além do mais, estava em posição de vantagem. Quanto a Freddy Johnson... bom, ele tinha planos para Freddy.

— Estou aqui, chefão — disse Owen em seus fones de ouvido.

— Foi um bom bombardeio, um voo de primeira e raciocínio superlativo. Você salvou algumas vidas. Você e eu voltamos aonde

estávamos. Bem ao ponto de partida. Entendeu?

— Entendi, chefão. Entendi e agradeço.

E se acredita nisso, Kurtz pensou, você é ainda mais estúpido do que parece.

10

Atrás de Owen, Cavanaugh ainda emitia ruídos, mas o volume ia diminuindo agora. Nada se ouvia de Joe Blakey, que estava talvez começando a compreender as implicações daquele diáfano remoinho vermelho-dourado, o qual eles teriam ou não conseguido evitar.

— Tudo bem, recruta? — perguntou Kurtz.

— Temos alguns feridos — Owen respondeu —, basicamente, uns cinco. Trabalho para os varredores, porém. Lá embaixo está uma mixórdia.

O riso de gralha de Kurtz retornou, estridente, nos fones de ouvido de Owen.

11

– Freddy.

— Sim, chefão.

— Temos de ficar de olho no Owen Underhill.

— Está bem.

— Se precisarmos partir de repente, Vale Imperial, o Underhill vai ficar aqui.

Freddy Johnson nada disse, apenas concordou com a cabeça e conduziu o helicóptero. Bom sujeito. Sabia a que lado da linha pertencia, ao contrário de alguns.

Kurtz se dirigiu a ele de novo.

— Freddy, leve-nos de volta àquele armazém esquecido por Deus e não poupe os cavalos. Quero estar lá pelo menos 15 minutos antes de Owen e Joe Blakey. Vinte, se possível.

— Sim, chefão.

— E quero um contato via satélite seguro com o monte Cheyenne.

— Tudo bem. Leva uns cinco.

— Reduza para três, recruta. Para três.

Kurtz se recostou e observou os pinheirais passarem debaixo deles. Tanta floresta, tantos animais selvagens, e nem um punhado de seres humanos — muitos deles, naquela época do ano, usando roupas de cor laranja. E dali a uma semana — talvez dali a 75 horas —, tudo estaria

morto como as montanhas da Lua. Uma pena, mas, se uma coisa não faltava no Maine, era floresta.

Kurtz girou o chapéu de bicos na ponta do indicador. Se possível, gostaria de ver Owen Underhill usando-o antes que parasse de respirar.

— Ele só quis saber se alguma coisa tinha mudado — Kurtz disse com brandura.

Freddy Johnson, que sabia qual lado de seu pão havia sido amanteigado, nada disse.

12

A meio caminho de volta ao mercado do Gosselin o pequeno e veloz Kiowa de Kurtz era já um pontinho que tanto poderia ainda estar lá como não, os olhos de Owen fixos na mão direita de Tony Edwards, que agarrava com firmeza um eixo do leme em forma de Y do Chinook. Na base da unha do polegar, fina como um derramamento de areia, estava um curvo fio vermelho-dourado. Owen olhou para suas próprias mãos, inspecionando-as tão de perto quanto a Sra. Jankowski o fazia durante a higiene pessoal, lá naqueles tempos remotos em que os Rapeloew eram vizinhos. Não via nada ainda, não nas dele, mas Tony ganhara um sinal, e Owen achava que ganharia o seu no tempo devido.

Como os Underhill eram batistas, Owen conhecia a história de Caim e Abel. A voz do sangue do teu irmão clama por mim desde a terra, Deus disse, e ordenou que Caim vivesse na terra de Node, no leste do Éden. Com os homens abjetos, de acordo com sua mãe. Mas, antes que Caim saísse a vagabundear, Deus pôs nele um sinal, tão distintivo que os homens abjetos na terra de Node o reconheceriam por aquilo que ele era. E agora, vendo aquele fio vermelho-dourado na unha do polegar de Eddie e procurando-o em suas próprias mãos e pulsos, Owen achou que sabia qual fora a cor do sinal de Caim.

Capítulo Onze

A Jornada do Homem-ovo

1

O suicídio, Henry descobriu, tinha uma voz. Queria explicar-se. O problema era que não queria falar muito em inglês; na maioria das vezes, revertia para sua própria língua franca fragmentada. Mas não importava; só o fato de falar bastava. Assim que Henry deu ao suicídio uma voz própria, sua vida melhorou muitíssimo. Havia até mesmo noites em que voltara a dormir (não muitas delas, mas o suficiente) e jamais experimentara um dia realmente ruim.

Até aquele dia.

Era o corpo de Jonesy na Arctic Cat, mas a coisa agora dentro do velho amigo estava impregnada de imagens e propósitos alienígenas. Talvez Jonesy também ocupasse o interior do próprio corpo — Henry preferia achar que sim —, mas, se ocupasse, estaria muito no fundo, muito pequeno e impotente para ser de alguma serventia. Logo Jonesy partiria para sempre, o que, provavelmente, seria uma bênção.

Henry temeu que a coisa que agora controlava Jonesy o percebesse, mas prosseguiu sem diminuir a velocidade. Na direção de Pete. E depois, o quê? Depois, onde? Henry não queria pensar, não queria se preocupar.

Por fim, retomou o caminho de volta ao acampamento, não porque tivesse sobrado alguma coisa na Hole in the Wall, mas porque não havia outro lugar para ir. Ao chegar ao portão, com uma placa com uma única palavra — CLARENDON —, cuspiu outro dente na mão enluvada, olhou para ele, depois o atirou longe. Parara de nevar, mas o céu continuava escuro, e ele tinha a impressão de que o vento tornava a soprar com mais força. A rádio fizera menção a duas tempestades sucessivas? Não se lembrava, não tinha certeza se isso importava.

Em algum lugar a oeste dele, uma explosão gigantesca sacudiu o dia. Henry olhou devidamente para aquela direção, porém nada viu. Algo colidira ou explodira, mas pelo menos as vozes persistentes na cabeça haviam cessado. Não fazia ideia se essas coisas estavam ou não relacionadas, não fazia ideia se deveria se preocupar com isso. Atravessou o portão aberto, andando nos rastros deixados na neve espessa pela Arctic Cat que partira, e se aproximou da Hole in the Wall.

O gerador zumbia regularmente e, acima da laje de granito que servia como capacho na entrada, a porta estava escancarada. Henry se deteve por um momento no lado de fora, examinando a laje. A princípio,

pensou que nela havia sangue, mas sangue, fresco ou seco, não possui um brilho vermelho-dourado assim tão singular. Não, estava olhando algum tipo de desenvolvimento orgânico. Musgo ou, talvez, fungo. E algo mais...

Inclinou a cabeça para trás, abriu as narinas e farejou gradualmente — lembrou-se, com clareza e de forma absurda, de um mês atrás ter visitado Maurice junto com a ex-mulher, cheirando o vinho que o sommelier tinha acabado de servir, tendo Rhonda em frente no outro lado da mesa e pensando: Cheiramos vinho, os cães cheiram o rabo um do outro, e tudo no fundo é mais ou menos a mesma coisa. Depois, num relâmpago, ocorreu-lhe a lembrança do leite escorrendo no queixo do pai. Sorrira para Rhonda, ela retribuíra com outro sorriso, e ele pensou que o fim seria um alívio, e, se tinha de ser feito, que fosse feito logo.

O cheiro que sentia agora não era de vinho; era um aroma sulfuroso, pantanoso. Por um momento, não conseguiu identificá-lo, depois sim: a mulher que os arruinara. O cheiro de suas entranhas perturbadas também estava presente.

Henry pisou na laje de granito, ciente de que chegara àquele lugar pela última vez, sentindo o peso dos anos — os risos, as conversas, as cervejas, a ocasional maconha, uma competição gastronômica em 1996 (ou teria sido em 1997?), os disparos das armas, aquele amargo cheiro mesclado de pólvora e sangue que representava a temporada da caça ao cervo, o cheiro de morte, amizade e esplendor da infância.

Enquanto ficou parado ali, tornou a farejar. Mais forte, agora mais químico do que orgânico, talvez porque houvesse uma abundância daquela coisa. Espiou dentro da cabana. No soalho havia mais substância bolorenta e felpuda, mas dava para ver a madeira do soalho. No tapete navajo, porém, era tão espessa que ficava difícil distinguir o desenho. Sem dúvida, o que quer que fosse, desenvolvera-se mais num ambiente aquecido, mas, mesmo assim, era assustadora a velocidade com que brotava.

Henry começou a entrar, depois reconsiderou. Em vez de entrar, recuou dois ou três passos longe da porta e ficou parado na neve, bastante consciente do nariz que sangrava e dos buracos nas gengivas onde antes havia dentes ao acordar naquela manhã. Se aquela substância musguenta estava produzindo algum tipo de vírus transportado pelo ar, como o ébola ou o hanta, provavelmente já estaria cozido; e tudo o que ele poderia fazer seria trancar a porta do celeiro depois de o cavalo ter sido roubado. Mas não fazia sentido correr um risco desnecessário, fazia?

Virou-se e deu a volta à Hole in the Wall até o lado da Ravina, ainda caminhando nos sulcos deixados pela Arctic Cat para evitar afundar na neve recém-caída.

A porta do galpão também estava escancarada. E Henry pôde ver Jonesy, sim, claro como o dia, Jonesy parando no limiar da porta antes de entrar para pegar a motoneve, Jonesy apoiando a mão casualmente no batente da porta, Jonesy escutando... o quê?

Nada. Nenhuma gralha grasnando, nenhum gaio resmungando, nenhum pica-pau bicando, nenhum esquilo fugindo. Apenas o vento e um ocasional pluf abafado de um acúmulo de neve deslizando de um pinheiro ou de um espruce e caindo na neve fresca embaixo. Os animais selvagens haviam ido embora da área, correndo em disparada como animais patetas num cartum de Gary Larson.

Ficou onde estava por um momento, procurando se lembrar do interior do galpão. Pete teria se saído melhor — Pete teria ficado ali de olhos fechados, o dedo indicador tiquetaqueando e depois dito onde estavam todas as coisas, até o menor pote de parafusos —, mas, nesse caso, Henry achou que poderia dispensar a habilidade especial de Pete. Estivera ali ainda ontem, procurando alguma coisa que o ajudasse a abrir uma porta do armário que se dilatara e emperrara. Vira então o que queria agora.

Respirou e expirou rapidamente várias vezes, superventilando os pulmões para limpá-los, depois pressionou a mão enluvada sobre a boca e o nariz e entrou. Deteve-se, imobilizado por um instante, esperando os olhos se acostumarem à penumbra. Não queria ser surpreendido por nada, se pudesse evitá-lo.

Quando pôde enxergar bem de novo, atravessou o galpão vazio até onde a motoneve estivera. Nada havia no piso, exceto as manchas sobrepostas de óleo, mas havia mais substância vermelho-dourada desenvolvendo-se em trechos da lona verde que cobrira a motoneve e que agora estava jogada no canto.

A mesa de trabalho estava em desordem — um pote de pregos e outro de parafusos derrubados, de modo que o que fora cuidadosamente separado agora estava misturado, um velho porta-cachimbo que pertencera a Lamar Clarendon, no chão e quebrado, todas as gavetas, feitas especialmente para se encaixarem na espessura da mesa, deixadas abertas. Um deles, Jonesy ou Beaver, tinha revirado aquele lugar como um remoinho, à procura de algo.

Foi Jonesy.

Sim. Henry talvez jamais soubesse o que ocorrera, mas foi Jonesy, sabia disso, e havia sido de uma importância vital para ele ou para ambos. Henry perguntou a si mesmo se Jonesy o encontrara. Provavelmente jamais o saberia tampouco. Enquanto isso, o que ele queria estava claramente visível no canto do fundo do cômodo, pendurado num prego acima de uma pilha de latas de tinta e pistolas de pintura.

Ainda tampando a boca e o nariz com a mão enluvada, a respiração presa, Henry atravessou o interior do galpão. Havia pelo menos quatro das pequenas máscaras de pintor para o nariz e a boca, penduradas por elásticos que haviam perdido quase toda a capacidade de pressão. Pegou-as e se virou a tempo de ver algo se mexer atrás da porta. Procurou não

ofegar, mas a pulsação do coração se acelerara e, de súbito, a grande reserva de ar nos pulmões que lhe permitira chegar até ali pareceu demasiado quente e pesada. Nada havia atrás da porta, também, fora apenas sua imaginação. Mas então viu que sim, havia algo. Uma luz entrou pela porta aberta; um pouco mais de luz entrou pela única janela suja acima da mesa, e Henry se sobressaltou, literalmente, com sua própria sombra.

Saiu do galpão com quatro passadas gigantescas, as máscaras de pintura balançando na mão direita. Aferrou-se ao bocado de ar retido nos pulmões até dar mais quatro passos ao longo da trilha da motoneve, depois soltou o ar num jato explosivo. Curvou-se, as mãos fincadas nas coxas acima dos joelhos, pequenos pontos pretos afluindo diante dos olhos e em seguida se dissolvendo.

Do leste, lhe chegou uma distante crepitação de disparos. Não de espingardas; eram muito altos e rápidos para que o fossem. Tratava-se de armas automáticas. Na mente de Henry, surgiu uma visão tão nítida quanto a lembrança do leite escorrendo pelo queixo do pai ou de Barry Newman saindo de seu consultório com foguetes nos pés. Viu os cervos, os mãos-peladas, as marmotas, os cães silvestres e os coelhos sendo abatidos às dezenas e centenas enquanto procuravam fugir do que agora era claramente uma zona infestada; viu a neve branca se tingir de vermelho com seu sangue inocente (mas, possivelmente, contaminado). Essa visão o feriu de um modo inesperado, perfurando um ponto que não se achava morto, apenas adormecido. Era o ponto que ressoara com muita intensidade com o pranto de Duddits, afinado num tom harmônico que o fazia sentir que a cabeça explodiria.

Henry endireitou o corpo, viu sangue fresco na palma da luva da mão esquerda e gritou "Ah, merda!", na direção do céu, com uma voz ao mesmo tempo furiosa e surpreendida. Tinha tampado a boca e o nariz, tinha pegado as máscaras e planejado usar pelo menos duas delas ao entrar na Hole in the Wall, mas se esquecera completamente do corte na coxa, o que fora feito no momento em que o Scout capotou. Se houvesse um elemento infeccioso no interior do galpão, algo liberado pelo fungo, era muitíssimo provável que a coisa já estivesse dentro dele. Não que ele tivesse tomado todas as precauções necessárias. Henry imaginou uma placa, letras vermelhas garrafais dizendo: ÁREA DE RISCO BIOLÓGICO! PRENDA A RESPIRAÇÃO E PROTEJA QUALQUER MACHUCADO NA MÃO!

Grunhiu uma risada e começou a andar de volta na direção da cabana. Bom, tudo bem. Deus, cacilda, de qualquer maneira não tinha planejado viver para sempre.

No leste, os disparos espocavam sem cessar.

Mais uma vez parado em frente à porta escancarada da Hole in the Wall, Henry apalpou o bolso traseiro da calça à procura de um lenço, sem muita esperança de encontrá-lo... e não o encontrou. Duas das atrações não anunciadas em relação a passar uma temporada na floresta eram urinar onde bem se desejasse e simplesmente se curvar e expulsar um jato buzinado quando houvesse necessidade de assoar o nariz. Havia uma espécie de satisfação primitiva em deixar a urina e o ranho saírem livremente... para os homens, pelo menos. Pensando bem, era um espanto inominável que as mulheres pudessem amar o que há de melhor neles, sem falar no resto que há neles.

Tirou a parca, a camisa debaixo da parca, a camiseta de malha debaixo da camisa. A última camada era uma desbotada T-shirt do Red Sox de Boston com um GARCIAPARRA 5 nas costas. Henry a tirou, dobrou-a como uma atadura e a amarrou em torno do rasgo empapado de sangue da perna esquerda da calça de brim, pensando de novo que estava fechando a porta do celeiro depois de o cavalo ter sido roubado. No entanto, a gente tem de preencher os brancos, não tem? Sim, a gente preenche os brancos com letra bem desenhada e legível. Com base em conceitos assim se levava a vida. Mesmo quando a vida estava, aparentemente, sendo levada.

Vestiu o restante das roupas sobre a pele arrepiada do dorso, depois colocou duas das máscaras de pintor em forma de lágrima. Pensou em colocar as outras duas sobre as orelhas, imaginou os estreitos elásticos entrecruzando-se na parte posterior da cabeça, como as tiras de um coldre de ombro, e desatou a rir. Que mais? Usar a última máscara para cobrir um olho?

— Se me pegar, se me pegar — falou, ao mesmo tempo lembrando a si mesmo que não faria mal algum ser cuidadoso; uma dosezinha de cuidado nunca fere um homem, dizia o velho Lamar.

No interior da Hole in the Wall, o fungo (ou bolor, o que quer que fosse) havia se desenvolvido sensivelmente mesmo durante o tempo em que Henry estivera no galpão. O tapete navajo tinha sido coberto de um lado a outro, ocultando completamente os desenhos. Havia manchas no sofá, no balcão entre a cozinha e a sala de jantar e no assento de dois dos três tamboretes que ficavam junto do balcão no lado da sala de estar. Uma fileira tortuosa de felpa vermelho-dourada subia por uma perna da mesa da sala de jantar, como se acompanhasse um filete de derramamento, e Henry se lembrou de como as formigas são capazes de se agruparem na mais estreita fileira de açúcar derramado. A coisa mais aflitiva de todas talvez fosse a penugem vermelho-dourada em forma de teia de aranha que pendia bem acima do tapete navajo. Henry a observou fixamente durante segundos antes de se dar conta do que de fato se tratava: o apanhador de sonhos de Lamar Clarendon. Achou que jamais saberia o que, exatamente, acontecera ali, mas tinha certeza de uma coisa: dessa vez, o apanhador de sonhos havia capturado um pesadelo real.

Você não vai muito longe aqui, vai? Agora que viu que crescem com rapidez? Jonesy parecia bem ao passar, mas não estava bem, e você sabe

disso. Você o sentiu. Então... não vai mesmo continuar, vai?

— Acho que sim — disse Henry. A espessura duplicada das máscaras no rosto se tornou bojuda quando ele falou. — Se me pegar... ora, simplesmente me mato.

Rindo como Stubb em Moby-Dick, Henry continuou avançando no interior da cabana.

4

Com uma exceção, o fungo se desenvolvia em finas camadas e em aglomerados. A exceção estava na frente da porta do banheiro, onde havia, na verdade, um montículo de fungo, todo ele emaranhado e crescendo para cima, cobrindo os dois batentes numa altura de pelo menos 1,20m. Esse aglomerado semelhante a uma colina parecia estar assentado sobre um agente esponjoso e cinzento. No lado que dava para a sala de estar, a substância cinzenta se partia em dois, formando um V que lembrou a Henry pernas desagradavelmente arreganhadas. Como se alguém tivesse morrido no limiar da porta e o fungo tivesse se desenvolvido a ponto de cobrir o cadáver. Henry se lembrou de uma publicação em separata, na faculdade de Medicina, um artigo rapidamente examinado quando estava em busca de alguma outra coisa. Continha fotografias, uma delas um horripilante instantâneo feito por um médico-legista do qual jamais se esqueceu. Mostrava uma vítima de homicídio abandonada na floresta, o corpo nu encontrado depois de aproximadamente quatro dias. Cogumelos se desenvolviam na nuca, nas dobras da parte posterior dos joelhos e no rego das nádegas.

Quatro dias, compreende-se. Mas a cabana fora limpa naquela manhã...

Henry consultou o relógio e constatou que havia parado às 11h40. Agora era Horário Nenhum Padrão Oriental.

Voltou-se e espiou atrás da porta, de repente convencido de que algo estava à espreita.

Nã. Nada, exceto a Garand de Jonesy, encostada na parede.

Henry se virou para se afastar e tornou a se voltar. A substância pegajosa não estava na espingarda, de modo que ele a pegou. Carregada, com a trava de segurança no lugar, uma bala no depósito. Ótimo. Henry a pendurou no ombro e se voltou na direção da desagradável massa vermelha que se desenvolvia no lado de fora da porta do banheiro. O cheiro de éter, misturado com algo sulfuroso e ainda mais desagradável, era mais forte ali. Ele caminhou devagar na direção do banheiro, forçando-se a dar um passo à frente por vez, temendo (e disso cada vez mais convencido) que a massa vermelha com saliências semelhantes a pernas era tudo o que restara do amigo Beaver. Dali a pouco veria os restos hirsutos do cabelo preto

comprido do Beav ou suas botas Doc Marten, que Beaver chamava de sua "declaração de solidariedade com as lésbicas". O Beav achava que os calçados Doc Marten eram um sinal secreto através do qual as lésbicas se reconheciam, e ninguém seria capaz de fazê-lo pensar de outro modo. Da mesma forma, estava certo de que pessoas chamadas Rothschild e Goldfarb governavam o mundo, possivelmente a partir de uma casamata encravada numa rocha no Colorado. Beaver, cuja expressão preferida de surpresa era Freddy me foda.

Mas não havia, de modo algum, como saber se a massa no limiar da porta fora o Beav ou mesmo se fora alguém. Havia apenas a configuração sugestiva. Algo reluzia na massa esponjosa e penugenta, e Henry se inclinou, aproximando-se um pouco mais, perguntando a si mesmo, enquanto o fazia, se os fragmentos microscópicos do fungo já estariam crescendo nas superfícies úmidas e desprotegidas de seus olhos. Constatou que a coisa que lhe chamou a atenção era a maçaneta da porta do banheiro. Ao lado, um pouco afastado, com sua própria substância penugenta, estava um rolo de fita isolante. Ele se lembrou da desordem no tampo da mesa de trabalho no galpão, as gavetas escancaradas. Teria sido isso que Jonesy procurara? A merda de um rolo de fita isolante? Algo na cabeça — talvez o clique, talvez não — respondeu que sim. Mas por quê? Em nome de Deus, por quê?

Mais ou menos nos últimos cinco meses, à medida que a ideia de suicídio lhe ocorria com mais frequência e permanecia com ele por períodos de tempo cada vez mais longos, tagarelando com sua peculiar língua franca, Henry se tornara praticamente desprovido de curiosidade. Agora a curiosidade esbravejava, como se tivesse despertado com fome. Não tinha como alimentá-la. Será que Jonesy pretendera manter a porta fechada com a fita? Sim? Contra o quê? Decerto ele e o Beav deviam saber que não daria resultados contra o fungo, o qual simplesmente estenderia as garras por baixo da porta.

Henry olhou dentro do banheiro e emitiu um grunhido baixo. Qualquer que tivesse sido a loucura obscena, começara e terminara ali dentro — ele não tinha a menor dúvida. O banheiro era uma caverna vermelha, os ladrilhos azuis quase inteiramente ocultos sob camadas daquela substância. Desenvolvera-se também até a base da pia e do vaso sanitário. A tampa do assento estava encostada contra o depósito de água e, embora não soubesse ao certo — o que não era possível, porque a substância crescera em excesso —, ele achou que o próprio assento havia sido quebrado pelo lado de dentro. A cortina do chuveiro era agora um denso vermelho-dourado, em lugar do azul transparente; boa parte dela fora arrancada dos ganchos (os quais também estavam cobertos da vegetação esponjosa) e caíra dentro da banheira.

Projetando-se da borda da banheira, também forrada de fungo, estava uma bota. Era uma Doc Marten, disso Henry tinha certeza. Ao que parecia, tinha afinal encontrado Beaver. Lembranças do dia em que eles resgataram Duddits de repente o invadiram, tão vivas e nítidas que poderia ter sido

ontem. Beaver usando a velha e ridícula jaqueta de couro, Beaver carregando a lancheira de Duddits e dizendo Gosta do desenho animado? Mas eles nunca trocam de roupa! E depois dizendo...

— Freddy me foda — disse Henry para a cabana invadida. — Isso foi o que ele disse, o que ele sempre disse. — Lágrimas transbordando dos olhos e rolando no rosto. Se o fungo quisesse apenas umidade, e, a julgar pela selva que se projetava do vaso sanitário, sim, gostava mesmo de umidade, então que se cravasse nele e se banqueteasse.

Henry não se importava muito. Tinha a espingarda de Jonesy. O fungo poderia começar a crescer nele, mas ele se certificaria de desaparecer bem antes da hora da sobremesa. Se chegasse a tanto.

Provavelmente chegaria.

5

Tinha certeza de que vira uns pedaços de tapete amontoados num canto do galpão. Refletiu se deveria ir até lá para buscá-los. Poderia colocá-los no piso do banheiro, andar sobre eles e dar uma boa olhada dentro da banheira. Mas com que propósito? Sabia que era Beaver e não tinha um verdadeiro desejo de ver o velho amigo, autor de expressões chistosas como lambe-porre, sendo devorado por um fungo vermelho, assim como o pálido cadáver naquele antigo instantâneo médico nutria toda uma colônia de cogumelos. Se servisse de resposta a algumas de suas perguntas quanto ao que acontecera, sim, talvez. Mas Henry não achava que isso seria provável.

Acima de tudo, o que ele desejava era ir embora dali. O fungo era horripilante, mas havia uma outra coisa. Uma sensação ainda mais horripilante de que ele não se encontrava sozinho.

Henry se afastou da porta do banheiro. Havia um livro em cima da mesa de jantar, um desenho de diabinhos com forcados na capa. Um dos livros de Jonesy, sem dúvida, já com uma pequena colônia de fungo.

Deu-se conta de um barulho de crepitação que vinha do oeste, um barulho que logo ganhou a intensidade de um trovão. Helicópteros, e dessa vez, não apenas um. Um monte deles. Grandes. Soavam como se estivessem voando no nível do teto, e Henry se abaixou rapidamente, sem sequer notá-lo. Imagens de uma dezena de filmes sobre a guerra do Vietnã lhe tomaram a cabeça e por um momento ele não teve dúvida de que as metralhadoras começariam a disparar, furando a casa como uma peneira. Ou talvez a arrasassem com napalm.

Passaram sem levar a cabo qualquer uma dessas coisas, mas se aproximaram o suficiente para fazer estremecer as xícaras e os pratos nas prateleiras da cozinha. Henry se ergueu assim que o ruído de trovão começou a abrandar, tornando-se primeiro uma trepidação e depois um zumbido inofensivo. Talvez fossem se juntar ao massacre dos animais na

extremidade leste do Jefferson Tract. Que fossem. Ele iria embora daquele lugar e...

E o quê? Exatamente o quê?

Enquanto refletia sobre essa pergunta, escutou um som que veio de um dos dois quartos do térreo. Um som de rastejo. Seguiu-se um momento de silêncio, longo o bastante para Henry concluir que era sua imaginação trabalhando um pouco mais. Depois soou uma série de cliques e trinados baixos, quase como o ruído de um brinquedo mecânico — um macaco ou um papagaio de metal, talvez — prestes a sair correndo. A pele do corpo de Henry se arrepiou toda. A saliva na boca secou. Os pelos na nuca começaram a se eriçar em tufos.

Vai embora daqui, corra!

Antes que desse ouvidos a essa voz e a obedecesse, caminhou até a porta do quarto com passadas largas, tirando do ombro a Garand. A adrenalina se espalhou no sangue e o mundo se projetou com luminosidade. A percepção seletiva, esse dom não reconhecido para o seguro e o aconchegante, dissolveu-se e ele enxergou cada detalhe: o rastro de sangue que seguia do quarto ao banheiro, um chinelo jogado, a estranha mancha vermelha que se desenvolvia na parede na forma da impressão digital de uma mão. Depois entrou pela porta.

Estava na cama, o que quer que fosse aquilo; para Henry parecia uma fuinha, ou uma marmota, com as pernas amputadas e uma longa cauda sangrenta estirada atrás dela feito secundinas. Só que, dos animais que vira na vida — com a possível exceção da moreia que vira no aquário de Boston —, nenhum tinha olhos pretos tão desproporcionalmente grandes. E uma outra particularidade: quando escancarou a linha rudimentar que constituía a boca, revelou um ninho de presas chocantes, tão compridas e finas como alfinetes de chapéu.

Atrás dela, pulsando no lençol ensopado de sangue, havia uma centena ou mais de ovos marrom-alaranjados. Eram do tamanho de bolas de gude grandes e estavam cobertos por uma gosma escura semelhante a muco. Dentro de cada um, Henry viu uma sombra fina como cabelo em movimento.

A coisa-fuinha se elevou como uma serpente que emerge do cesto de um encantador de serpentes e emitiu um trinado para ele. Andou pela borda na cama — a cama de Jonesy —, mas parecia incapaz de se mover muito. Os olhos pretos lustrosos luziram. A cauda (o que, Henry pensou, na realidade deveria ser uma espécie de tentáculo preênsil) açoitava de um lado e de outro, depois a coisa se deitou sobre o maior número de ovos que conseguiu cobrir, como se os protegesse.

Henry se deu conta de que estava repetindo a mesma palavra, não, repetindo sem parar, de um modo monótono, como um neurótico indefeso sob o efeito de uma dose excessiva de Thorazine. Apoiou a espingarda no ombro, apontou e visou a repulsiva borda do que era a cabeça da coisa enquanto esta se contorcia e se esquivava. Sabe o que é isto, ao menos sabe isso, Henry pensou friamente, e em seguida apertou o gatilho.

Foi à queima-roupa, e a criatura não tentara de fato se proteger; pôr ovos a deixara exaurida ou não estava se dando bem no frio — com a porta principal aberta, a Hole in the Wall ficara demasiado fria. O estrondo soara bastante alto no quarto fechado, e a cabeça erguida da coisa se desintegrou num jorro líquido que se chocou na parede em filetes e coágulos. O sangue da coisa tinha o mesmo vermelho-dourado do fungo. O corpo decapitado caiu da cama e pousou num punhado de roupas que Henry não reconheceu: um casaco marrom, um colete de sinaleiro laranja, um par de calças de brim com bainhas (nenhum deles usava calça com bainhas; no colegial, quem a usasse era rotulado de bunda-mole). Vários ovos tombaram junto com o corpo. Muitos deles pousaram nas roupas ou nas pilhas de livros de Jonesy, sem se quebrar, mas dois deles caíram no soalho e se partiram. Uma substância nebulosa como clara de ovo estragado, mais ou menos uma colherada para cada ovo. Dentro deles, aqueles cabelos, torcendo-se e contorcendo-se e parecendo fitar Henry com os olhos pretos do tamanho da cabeça de um alfinete. O fato de estar vendo aquilo lhe deu vontade de urrar.

Voltou-se e saiu aos trancos do quarto, caminhando com pernas tão insensíveis quanto as pernas de uma mesa. Sentia-se como um fantoche sendo manipulado por alguém com boas intenções, mas que mal começara a aprender o ofício. Não sabia ao certo aonde estava indo até chegar à cozinha e se curvar sobre o armário embaixo da pia.

— Sou o homem-ovo, sou o homem-ovo, sou a vaca-marinha! Goo-goo-joob!

Não o cantou, apenas declamou com uma voz alta e exortativa que ele ignorava que estivesse em seu repertório. Era a voz de um ator exagerado do século XIX. Essa ideia evocou a imagem — Deus sabia por quê — de Edwin Booth vestido como d'Artagnan, com o chapéu emplumado e tudo o mais, citando versos das letras de John Lennon, e Henry emitiu duas altas sílabas de riso: Ha! Ha!

Estou enlouquecendo, pensou… mas tudo bem. Melhor d'Artagnan recitando "I Am the Walrus" do que a imagem do sangue da coisa espirrado na parede ou da bota Doc Marten espetada fora da banheira e toda coberta de fungo ou, pior que tudo, os ovos se partindo ao meio e libertando um bando de cabelos contorcidos providos de olhos. Todos aqueles olhos olhando para ele.

Afastou o detergente e o balde e lá a encontrou, a lata amarela de Sparx, o fluido para acender a churrasqueira. O inepto operador de fantoches que estava no comando fez o braço de Henry avançar numa série de movimentos bruscos, depois fez a mão direita prender a lata de Sparx. Levou-a para a sala de estar, detendo-se por tempo suficiente para pegar a caixa de fósforos de cima do consolo da lareira.

— Eu sou ele e você é eu e estamos todos juntos! — declamou, e, a passos rápidos, voltou para o quarto de Jonesy antes que a pessoa aterrorizada dentro de sua cabeça assumisse todo o controle, obrigasse-o a dar meia-volta e saísse correndo. Aquela pessoa queria que ele corresse até

cair inconsciente. Ou morto.

Os ovos na cama também estavam se abrindo. Duas dúzias ou mais daqueles cabelos estavam rastejando no lençol encharcado de sangue ou se contorcendo no travesseiro de Jonesy. Um deles ergueu o nó que era a cabeça e trinou para Henry, um som quase fraco e agudo demais para ser ouvido.

Ainda não se permitindo parar, se parasse jamais sairia do lugar (para ir a qualquer direção, quer dizer, menos a da porta), Henry avançou dois passos até o pé da cama. Um dos cabelos deslizou no soalho indo na direção dele, impulsionando-se com a cauda, tal como um esperma visto num microscópio.

Henry o esmagou com o pé, girando a tampa vermelha da lata enquanto o fazia. Apontou o bico da lata para a cama e apertou, agitando o pulso para um lado e para outro, certificando-se de esparramar bastante líquido também no soalho. Quando o fluido atingiu as coisas semelhantes a cabelos, elas emitiram gritos altos, feito vagidos, como gatinhos que acabaram de nascer.

— Homem-ovo... homem-ovo... vaca-marinha!

Pisou num outro cabelo e viu um terceiro agarrado à perna da sua calça, prendendo-se a ela com a cauda torcida e procurando morder o tecido com os dentes ainda tenros.

— Homem-ovo — Henry murmurou e o arrancou com a parte lateral da outra bota. Quando a coisa tentou escapar, pisou nela. Notou, de súbito, que estava ensopado de suor, empapado da cabeça aos pés; se saísse no frio nesse estado (e teria de sair; não poderia ficar ali), provavelmente iria de encontro à morte.

— Não posso ficar aqui, não posso descansar! — Henry gritou com sua nova voz exortativa.

Abriu a caixa de fósforos, mas as mãos tremiam tanto que derrubou metade dos palitos no chão. Um maior número de vermes em forma de cabelo se arrastava em sua direção. Não sabiam até que ponto, mas sabiam que, sim, ele era um inimigo; sabiam disso.

Henry pegou um palito, ergueu-o, pôs o polegar contra a cabeça. Um truque que Pete lhe ensinara havia muito tempo. Foram os amigos que sempre lhe ensinaram as melhores coisas, não foram? Como, por exemplo, dar ao velho amigão Beaver um enterro viking e ao mesmo tempo se livrar dos repelentes serezinhos serpentinos.

Homem-ovo!

Riscou a cabeça do fósforo e ele se acendeu. O cheiro de enxofre queimado era como o cheiro que ele sentiu assim que entrou na cabana, como o cheiro dos peidos da mulher corpulenta.

Vaca-marinha!

Atirou o fósforo no pé da cama, onde havia um acolchoado todo amontoado, agora encharcado do fluido combustível. Por um momento, a chama hesitou azulada em torno do pequeno palito e Henry pensou que se apagaria. Seguiu-se então um som sussurrante de flamp, e no acolchoado

surgiu uma moderada coroa de chamas amarelas.

Goo-goo-joob!

As chamas subiram rastejando no lençol, enegrecendo o sangue que fora absorvido. Atingiu o monte de ovos cobertos pela substância gelatinosa, provou-os e os saboreou. Seguiu-se uma série de breves sons explosivos quando os ovos começaram a estourar. Houve mais daqueles vagidos quando os vermes arderam. Ruídos de fritura à medida que o fluido escapava dos ovos estourados.

Henry saiu de costas do quarto, espalhando o fluido combustível enquanto recuava. Havia chegado à metade do caminho no outro lado do tapete navajo quando o fluido acabou. Jogou a lata de lado, riscou um outro palito e o atirou. Dessa vez, o flamp! foi instantâneo, e as chamas subiram alaranjadas. O calor lhe afogueou o rosto reluzente de suor e ele teve um repentino impulso — ao mesmo tempo feroz e jubiloso — de arrancar as máscaras de pintor e simplesmente andar pelas chamas com passadas largas. Olá, calor, olá, verão, olá, trevas, velhas amigas.

O que o impediu foi tão simples quanto potente. Se optasse por se desligar de tudo naquele momento, teria de passar pelo desagradável despertar de todas as suas emoções adormecidas, inutilmente. Jamais teria conhecimento dos detalhes do que acontecera naquele lugar, mas poderia ao menos obter alguma explicação de quem quer que estivesse pilotando os helicópteros e matando os animais. Melhor dizendo, se não o matassem também.

À porta, Henry foi tomado de surpresa por uma lembrança tão nítida que seu coração urrou dentro do peito: Beaver ajoelhado diante de Duddits, que está tentando calçar o tênis ao contrário. Deixe eu ajeitar isso, cara, Beaver diz, e Duddits, olhando para ele com uns olhos arregalados de perplexidade que só poderiam despertar amor, responde: Agiar ênis?

Henry chorou de novo.

— Adeus, Beav — disse. — Te amo, cara... e digo isso do fundo do coração.

Em seguida, saiu no frio.

6

Caminhou até os fundos da Hole in the Wall, onde ficava a pilha de lenha. Ao lado dela, havia outra lona, esta mais velha ainda, o preto desbotando-se em cinza. Estava agarrada ao chão, congelada, e Henry precisou puxá-la com muita força para desprendê-la. Debaixo dela, havia um emaranhado de raquetes de neve, patins e esquis. Havia também uma escavadeira de neve pré-histórica.

Ao olhar para aquele monte de acessórios de inverno de pouca valia, em hibernação havia muito tempo, Henry de repente se deu conta do quanto

estava cansado… sendo que cansado era uma palavra amena demais. Acabara de caminhar cerca de 16 quilômetros, boa parte deles num passo acelerado. Sofrera também um acidente de carro e encontrara o corpo de um amigo de infância. Acreditava que, da mesma forma, jamais veria os outros dois amigos de infância.

Se, para começar, eu não fosse um suicida, já estaria alucinadamente louco, pensou, e riu. Rir lhe deu uma sensação boa, mas de modo algum o fez se sentir menos cansado. No entanto, precisava sair daquele lugar. Precisava encontrar alguma pessoa em posição de autoridade e contar o que acontecera. Talvez já soubessem — a julgar pelos barulhos, claro que sabiam de alguma coisa, embora seus métodos para lidar com a situação inquietassem Henry —, mas talvez não soubessem a respeito das fuinhas. E dos ovos. Ele, Henry Devlin, contaria para eles — quem mais apropriado? Afinal, ele era o homem-ovo.

As correias de couro cru das raquetes haviam sido mastigadas por tantos ratos que já não restava muito mais do que armações vazias. Depois de uma vistoria, porém, ele localizou um par de esquis toscos que davam a impressão de terem sido extremamente avançados por volta de 1954. As fivelas estavam enferrujadas, mas, ao puxá-las com os dois polegares, conseguiu erguê-las o suficiente para se prenderem, ainda que com relutância, a suas botas.

Havia agora um constante ruído de crepitação que vinha do interior da cabana. Henry encostou uma das mãos na madeira da parede e sentiu o calor. Havia um amontoado de diferentes tipos de bastão de esqui encostados debaixo do beiral, os cabos enterrados num enredado de teias de aranha imundas. Henry não gostaria de tocar naquela coisa — ainda estava fresca demais a lembrança da gosma serpeante dos ovos e da coisa-fuinha —, mas pelo menos usava luvas. Removeu as teias de aranha e rebuscou entre os bastões, com movimentos rápidos. Através da janela acima de sua cabeça, ele podia ver centelhas dançando no interior da cabana.

Localizou um par de bastões que eram apenas um pouco curtos, para sua estatura alta de magricela, e estavam jogados no canto da construção. Ele se sentiu como um soldado alemão nazista num filme de Alistair MacLean, com os velhos esquis nos pés e a espingarda de Jonesy pendurada no ombro. Ao se voltar, a janela ao lado da qual estava estourou com um estrondo surpreendentemente clamoroso — como se alguém tivesse atirado uma enorme tigela de vidro da janela do segundo andar de um prédio. Henry encolheu os ombros e sentiu pedaços de vidro respingarem contra sua parca. Alguns fragmentos pousaram no cabelo. Ocorreu-lhe que, se tivesse passado mais 20 ou 30 segundos remexendo nos esquis e nos bastões, a explosão do vidro lhe teria destruído grande parte do rosto.

Olhou para o céu, espalmou as mãos nos lados do rosto, feito Al Jolson, e exclamou:

— Alguém lá em cima gosta de mim! Cacete!

Agora labaredas se projetavam pela janela, lambendo embaixo dos

beirais, e ele ouviu o ruído de coisas sendo quebradas lá dentro à medida que o calor aumentava. A cabana do pai de Lamar Clarendon, construída originalmente pouco depois da Segunda Guerra Mundial, agora se consumia num escarcéu. Era um sonho, sem dúvida.

Henry deu a volta à casa esquiando, conservando-se a distância, observando enquanto golfadas de faísca escapavam pela chaminé e remoinhavam na direção das nuvens bojudas. Do leste, ainda chegava o ruído regular de disparos. Alguém matava a caça para além do limite, sim. Do limite e muito mais. Depois, houve aquela explosão no oeste — o que, em nome de Deus, fora aquilo? Impossível saber. Se conseguisse chegar inteiro até onde houvesse outras pessoas, talvez elas pudessem lhe dizer.

— Se resolverem não me caçar também — disse. A voz saiu como um grasnido seco, e ele se deu conta de que estava morrendo de sede. Curvou-se cuidadosamente (não andava de esquis fazia uns dez anos ou mais), recolheu com as mãos em concha um punhado de neve e abocanhou uma grande porção. Deixou-a derreter e escorregar pela garganta. Uma sensação paradisíaca. Henry Devlin, psiquiatra que um dia escrevera um ensaio sobre a Solução Hemingway, um homem que no passado fora virgem e que era agora um sujeito alto e palerma, cujos óculos sempre escorregavam até a ponta do nariz, cujo cabelo estava ficando grisalho, cujos amigos estavam mortos ou tinham fugido ou se transformado, esse homem estava parado diante do portão aberto de um lugar ao qual jamais retornaria, parado sobre esquis, parado comendo neve, assim como um menino come um algodão-doce no Circo Santuário, parado e a observar ser destruído pelo fogo o melhor lugar de sua vida, mesmo. As chamas escapavam por entre as ripas de cedro. A neve ia derretendo-se, transformando-se em água quente e escorrendo, a chiar, pelas calhas enferrujadas. Braços de fogo eram lançados e recolhidos pela porta aberta, como entusiasmados anfitriões que incentivassem os convidados recém-chegados a andarem depressa, depressa, caramba, entrem logo aqui antes que o lugar inteiro fique arrasado. O capacho de fungo vermelho-dourado sobre a laje de granito estava retorcido, perdera a cor, tornara-se cinzento.

— Muito bom! — Henry murmurou, arfante. Fechava as mãos cadenciada e firmemente em torno do cabo dos bastões sem nem sequer se dar conta disso. — Muito bom, isso é muito bom!

Ficou ali parado por mais 15 minutos e, quando já não pôde suportá-lo, virou as costas para as chamas e começou a andar pelo caminho de onde viera.

7

Suas energias se esgotaram. Percorreria 32 quilômetros (35, para ser exato, disse para si mesmo) e, se não regulasse o ritmo da marcha, jamais

venceria essa distância. Conservou-se na trilha deixada pela motoneve e parou com mais frequência do que quando tomara a direção oposta.

Ah, mas na época eu era jovem, pensou, com apenas um toque de ironia.

Por duas vezes, consultou o relógio, esquecendo-se de que agora era Tempo Nenhum Padrão Oriental em Jefferson Tract. Com o capacho de nuvens firmemente fixado no alto, sabia só que era dia. Tarde, claro, mas se meio-dia ou mais tarde, impossível saber. Numa outra tarde, o apetite teria servido como indicador, mas não naquele dia. Não depois da coisa em cima da cama de Jonesy, e dos ovos, e dos cabelos com olhos pretos protuberantes. Não depois da bota se projetando da banheira. Sentia que jamais tornaria a comer... e, se o fizesse, jamais comeria algo que tivesse mesmo o mais tênue matiz de vermelho. E cogumelos? Não, obrigado.

Ele constatou que esquiar, pelo menos com esquis sólidos como aqueles, concebidos para atravessar campos, assemelhava-se a andar de bicicleta: a gente nunca esquece como fazer. Caiu uma vez, subindo a primeira colina, os esquis escapando ao controle dos pés, mas deslizando vertiginosamente na descida do outro lado, bamboleando umas duas vezes, mas sem tombos. Imaginava que os esquis não eram envernizados desde o tempo do rei velho, mas, se permanecesse no rastro frisado e aplainado da motoneve, obteria um bom desempenho. Admirou-se com as sequências das pegadas de animais na Deep Cut Road — jamais vira tantas tão juntas. Alguns seres humanos andaram por ela, mas a maioria das pegadas apenas a atravessava, de oeste para leste. A Deep Cut Road seguia um conveniente curso no rumo noroeste, e o oeste era, claramente, um ponto do perímetro que os animais da população local quiseram evitar.

Estou numa jornada, disse para si mesmo. Talvez algum dia alguém componha um poema épico a respeito: "A Jornada de Henry."

— Sim — disse. — "O tempo tardou e a realidade se curvou; sem parar seguiu o homem-ovo." — Riu com isso e, na garganta seca, o riso virou tosse entrecortada. Esquiou para a borda da trilha da motoneve, deteve-se, recolheu uma mão-cheia de neve e a engoliu.

— Saborosa... e te faz bem! — proclamou. — Neve! Nunca mais apenas para o café da manhã!

Olhou para o céu e, com isso, cometeu um erro. Por um momento, se viu dominado por uma vertigem e achou que cairia de costas. Logo a vertigem passou. As nuvens acima de sua cabeça pareciam um bocado mais escuras. Queda de neve? Queda da noite? As duas em queda simultânea? Os joelhos e os tornozelos doíam, em consequência da constante dança dos esquis, os braços doíam ainda mais, em consequência do manejo dos bastões. A pior dor estava nos músculos do peito. Ele já admitira como certo que não chegaria ao mercado do Gosselin antes do anoitecer; agora, parado ali, a comer mais neve, ocorreu-lhe que havia a possibilidade de jamais chegar.

Afrouxou a camiseta do Red Sox amarrada em volta da perna e o terror o assaltou ao ver um fio escarlate brilhante no azul do brim da calça.

O coração palpitou com uma veemência tal que surgiram pontos brancos no campo da visão, agrupando-se e pulsando. Estendeu os dedos trêmulos na direção do fio vermelho.

O que acha que está fazendo?, zombou de si mesmo. Arrancar isso fora como se fosse um mero fio solto ou um fiapo?

Foi exatamente o que fez, porque era um fio: um fio vermelho solto do logotipo bordado na camiseta. Largou-o e o observou flutuar até assentar na neve. Depois, tornou a atar a camiseta sobre o rasgo na calça. Para um homem que estivera estudando todo tipo de opções finais ainda menos de quatro horas atrás — a corda e a laçada, a banheira e o saco plástico, a escora da ponte e a sempre popular Solução Hemingway, conhecida, em alguns círculos, como o Adeus aos Policiais —, ele entrou num puta pânico por um ou dois segundos.

Porque não quero bater as botas desse jeito, falou para si mesmo. Não comido vivo por…

— Por cogumelos do Planeta X — disse.

O homem-ovo partiu de novo.

8

O mundo encolheu, como sempre encolhe quando a gente chega à exaustão sem terminar o trabalho ou sem nem mesmo estar perto de terminá-lo. A vida de Henry se reduziu a quatro movimentos simples e repetitivos: manejar os bastões com os dois braços e impulsionar os esquis com as duas pernas. As dores e os padecimentos abrandaram, ao menos por aquele momento, enquanto ele entrava numa outra zona. Lembrou-se de uma coisa remotamente parecida com isso que lhe acontecera uma vez, quando, cursando o secundário, fora o centroavante no time de beisebol do Derry Tigers. Durante um crucial jogo de pré-desempate, três dos quatro melhores jogadores foram expulsos por, de algum modo, terem infringido as regras antes dos três minutos finais do terceiro tempo. O treinador encarregou Henry do resto do jogo — não foi bem-sucedido em nenhuma jogada, exceto nas interrupções e nas corridas até a linha das bases. Chegou ao fim, mas, quando soou a buzina, encerrando a disputa (os Tigers tiveram uma derrota gloriosa), ele flutuava numa espécie de sonho feliz. A meio caminho do corredor que levava ao vestiário, as pernas fraquejaram e ele desabou no chão, com um sorriso de bobo ainda no rosto, enquanto os colegas do time, vestidos com o uniforme vermelho, gargalhavam, davam vivas, aplaudiam e assoviavam.

Ninguém ali para aplaudir ou assoviar; apenas o constante espocar e gaguejar das armas a leste. Agora menos frequente, talvez, mas ainda intenso.

Mais ameaçadores eram os disparos ocasionais que soavam à frente.

Talvez do mercado do Gosselin? Era impossível saber.

Ouviu a si mesmo cantar a canção dos Rolling Stones de que menos gostava: "Sympathy for the Devil" (Me certifiquei de que Pilatos lavou as mãos e selou o destino Dele, muito obrigado, vocês foram um público adorável, boa noite), e se forçou a parar ao se dar conta de que a canção se mesclara completamente com as lembranças de Jonesy no hospital, Jonesy tal como era em março passado, não só macilento como também de algum modo emagrecido, como se sua essência tivesse se recolhido para formar um escudo protetor em torno de seu corpo tomado de espanto e ultrajado. Jonesy olhara para Henry como alguém que, provavelmente, estava para morrer, e, embora ele não tivesse morrido, Henry agora compreendia que fora naquela ocasião que seus pensamentos de suicídio se tornaram realmente sérios. Adicionada à infame coleção de imagens que o assombravam no meio da noite — leite branco-azulado escorrendo pelo queixo do pai; as gigantescas nádegas de Barry Newman, do tipo abundância-a-preço-módico, gingando e gingando enquanto fugia do consultório; Richie Grenadeau estendendo um cocô de cachorro para Duddits Cavell, a chorar seminu, ordenando-lhe que o comesse — havia agora a imagem de Jonesy com o rosto bastante afilado e os olhos aturdidos, Jonesy que fora inexplicavelmente atropelado na rua, Jonesy que parecia disposto a vestir o paletó de madeira. Disseram que a condição dele era estável, mas pelos olhos do amigo Henry entendeu que a condição era grave. Simpatia pelo diabo? Por favor. Não havia deus, não havia diabo, não havia simpatia. E assim que a gente percebesse isso, estaria em apuros. Os dias da gente como freguês pagante e viável no grande parque de diversões que era a Kulture Amerika estariam contados.

Ouviu-se cantar de novo — Mas o que o intriga é a natureza do meu jogo — e se obrigou a parar. E agora, o quê? Algo realmente insensato. Insensato, sem sentido e saboroso, algo bem Kulture Amerika transpirante. Que tal uma por Pointer Sisters? Essa foi boa.

Olhando para os esquis que dançavam e para os rastros franzidos e horizontais deixados pelas esteiras da motoneve, começou a cantar. Logo o repetia monotonamente num murmúrio, dissonante, enquanto o suor lhe encharcava as roupas e um muco claro escorria do nariz, congelando-se no lábio superior: "Sei que vamos conseguir, sei que vamos, podemos resolver, sim, podemos-podemos sim podemos sim podemos..."

Melhor. Muito melhor. Todos esses sim podemos-podemos eram tão Kultura Amerikana quanto uma caminhonete Ford num estacionamento de pista de boliche, uma liquidação de lingerie na JCPenny ou um astro do roque morto numa banheira.

E então, por fim, ele retornou ao abrigo onde deixara Pete e a mulher. Pete se fora. Nenhum sinal dele.

A cobertura de zinco enferrujado caíra; levantou-a, espiando embaixo dela, como se fosse um lençol de metal, para se certificar de que Pete não estava lá. Não estava, mas a mulher estava. Arrastara-se, ou fora movida, de onde estivera quando Henry partiu para a Hole in the Wall, e de algum modo, ao longo do percurso, encontrara uma morte horrível. As roupas e o rosto estavam cobertos com o fungo vermelho-dourado que devorara a cabana, mas Henry percebeu algo interessante: apesar de o fungo ter continuado a se desenvolver bem (principalmente nas narinas e no olho visível, que dera origem a uma selva), a substância que saíra de dentro dela, delineando seu corpo num broche irregular e irradiante, estava em dificuldade. O fungo atrás dela, no lado que não recebera o calor da fogueira, tornara-se cinzento e parara de se propagar. A substância na parte anterior do corpo se desenvolvia mais — desfrutara o calor e o solo no qual a neve se derretera —, mas as bordas das narinas adquiriam um cinza pulverulento de cinzas vulcânicas.

Henry teve a certeza de que a substância estava agonizando.

E, da mesma forma, a luz do dia — sem dúvida alguma. Henry recolocou a folha de zinco enferrujado sobre o corpo de Becky Shue e sobre os rescaldos da fogueira. Depois, tornou a lançar um olhar para o rastro da motoneve, desejando, como desejara na cabina, que Natty Bumppo estivesse com ele para explicar o que via. Ou talvez o bom amigo de Jonesy, Hercule Poirot, o das pequenas células cinzentas.

O rastro se desviava na direção do teto do abrigo caído antes de prosseguir para noroeste, rumo ao Gosselin. Havia uma área de depressão na neve que sugeria vagamente o contorno de um corpo humano. Em cada lado, havia torrões redondos na neve.

— O que acha, Hercule? — Henry perguntou. — O que isso significa, mon ami? — Mas Hercule não respondeu.

Henry começou a cantar de novo à meia-voz e se inclinou para olhar mais de perto os torrões redondos, sem perceber que pusera de lado Pointer Sisters e retomara Rolling Stones.

Havia luz suficiente para distinguir uma configuração nas três pequenas cavidades à esquerda do molde do corpo, e ele se lembrou do protetor no cotovelo direito do casaco de baeta de Pete. Pete lhe contara, com uma estranha espécie de orgulho, que sua namorada costurara o protetor para ele, declarando que não tinha por que sair para caçar com um casaco rasgado. Henry se lembrou de que achara aquilo ao mesmo tempo triste e engraçado, o fato de que Pete construíra uma ansiosa fantasia de um futuro feliz com base naquele único ato de generosidade... um ato que provavelmente tinha mais a ver, no final das contas, com o modo como a garota fora criada do que com qualquer sentimento que ela poderia ter pelo namorado encharcado de cerveja.

Não que isso importasse. O que importava era que Henry sentia que, enfim, conseguiria tirar uma conclusão genuína. Pete saíra se arrastando de

debaixo da cobertura de zinco caída. Jonesy — ou o que quer que agora comandasse Jonesy, a nuvem — viera, dera uma guinada em torno dos restos do abrigo e recolhera Pete.

Por quê?

Henry não sabia.

Nem todas as nódoas no molde aplainado do amigo exaurido, que saíra debaixo da cobertura inclinada arrastando-se com o impulso dos cotovelos, pertenciam à substância bolorenta. Algumas delas eram sangue seco. Pete estava ferido. Sofreu um corte quando o teto de zinco caiu? Teria sido só isso?

Henry localizou um rastro serpeante que se afastava da depressão causada pelo corpo de Pete. No fim dela havia o que Henry no início julgou ser um graveto esturricado. Um exame mais minucioso o fez mudar de ideia. Era mais uma daquelas coisas-fuinhas, aquela esturricada e morta, tornando-se cinzenta no lugar que não fora crestado. Henry a virou de lado com o bico da bota. Embaixo havia uma pequena massa congelada. Mais ovos. Talvez a coisa os tivesse posto mesmo enquanto agonizava.

Com um estremecimento, Henry cobriu com neve os ovos e o pequeno cadáver do monstro. Desatou a camiseta em volta da perna para examinar a ferida e, ao fazê-lo, deu-se conta de qual era a canção que sua boca emitia. Parou de cantar. Neve nova, apenas um borrifo de flocos leves, começou a baixar.

— Por que fico cantando isso? — perguntou. — Por que a porra dessa música insiste em voltar à minha cabeça?

Não esperava qualquer resposta; eram perguntas feitas em voz alta sobretudo pelo consolo de ouvir a própria voz (aquele era um lugar de morte, talvez até mesmo um lugar assombrado), mas mesmo assim houve uma resposta.

— Porque é a nossa canção. É o Hino da Esquadrilha, que tocamos quando esquentamos. Somos os garotos de Cruise. — Cruise? Era isso mesmo? Como em Tom Cruise? Talvez não fosse bem isso.

Os disparos no leste chegavam mais fracos agora. A chacina dos animais estava quase completa. Mas havia homens, uma comprida linha de atiradores-caçadores que trajavam roupas verdes ou pretas, em lugar de laranja, e escutavam aquela música repetidamente enquanto faziam o serviço, acumulando os números de uma inacreditável fatura de açougueiro: Dirigi tanque, assumi posto de general, quando reinou a *blitzkrieg* e os cadáveres fediam... Prazer em conhecê-lo, espero que saiba meu nome.

O que, exatamente, estava acontecendo? Não no selvagem, maravilhoso, excêntrico mundo lá fora, mas dentro de sua própria cabeça? Durante a vida inteira, tivera lampejos de percepção — a vida a partir de Duddits, pelo menos —, mas nada igual àquilo. O que era aquilo? Seria o momento de examinar aquela nova e poderosa maneira de ver a linha?

Não. Não, não, não.

E, como se a zombar dele, a canção na cabeça: posto de general, cadáveres fediam.

— Duddits! — exclamou na tarde cinzenta, agonizante; ociosos flocos baixando como plumas de um travesseiro rasgado. Um pensamento lutava, querendo brotar, mas era grande, muito grande.

— Duddits! — tornou a gritar com a voz exortativa de homem-ovo e entendeu uma coisa: o luxo do suicídio lhe fora negado. O que era a coisa mais horrenda de todas, porque aqueles pensamentos bizarros, eu disse bem alto quem matou os Kennedy, o arrasavam. Começou a chorar novamente, desorientado e assustado, sozinho na floresta. Todos os amigos, com exceção de Jonesy, tinham morrido, e Jonesy estava no hospital. Um astro de cinema no hospital com o Sr. Cinza.

— O que isso significa? — Henry gemeu. Bateu as mãos contra as têmporas (era como se a cabeça inchasse, inchasse) e os velhos bastões de esqui oscilaram a esmo nas extremidades das correias de pulso como pás de hélice quebradas. — Ah, Deus, o que isso SIGNIFICA?

Só a música vinha como resposta: Prazer em conhecê-lo! Espero que saiba meu nome!

Só a neve: vermelha com o sangue de animais chacinados, e lá eles jaziam, um Dachau de cervos, mãos-peladas, coelhos, fuinhas, ursos, marmotas e...

Henry gritou, comprimiu a cabeça com as mãos e gritou tão alto e tão vigorosamente que, por um momento, teve a certeza de que desmaiaria. Depois, a tontura passou e a mente pareceu desanuviar, ao menos por enquanto. Restou uma imagem luminosa de Duddits, tal como ele era quando o conheceram, Duddits não sob a luz de um inverno de blitzkrieg como na canção dos Stones, mas sob a luz sã de uma tarde nublada de outubro, Duddits olhando fixamente para eles com os olhos de chinês puxados, de algum modo sábios. Duddits foi o nosso melhor momento, dissera para Pete.

— Agiar o quê? — Disse Henry. — Agiar ênis?

Sim, agiar ênis. Vire ao contrário, calce do lado certo, agie ênis.

Agora sorrindo um pouco (embora as faces ainda estivessem molhadas das lágrimas que começavam a congelar), Henry começou a esquiar de novo ao longo do rastro plissado da motoneve.

10

Dez minutos depois, chegou à carcaça capotada do Scout. De repente, deu-se conta de duas coisas: de que, afinal, estava desesperadamente faminto e de que lá dentro havia comida. Vira as pegadas de vinda e ida e não precisava de Natty Bumppo para saber que Pete deixara a mulher e retornara ao Scout. Tampouco precisava de Hercule Poirot para lhe dizer que o alimento comprado no armazém — a maior parte, pelo menos — ainda estaria ali dentro. Sabia o que Pete buscara.

Esquiou até o lado do banco de passageiro, seguindo as pegadas de Pete, depois se imobilizou no ato de afrouxar as correias dos esquis. Aquele lado estava protegido do vento, e o que Pete escrevera na neve, sentado enquanto tomava suas duas cervejas, ainda era legível: DUDDITS, em letras impressas repetidas vezes. Enquanto fitava o nome na neve, Henry começou a ter calafrios. Era como visitar o túmulo de um ente querido e ouvir uma voz falando de lá do fundo do chão.

11

Havia vidro quebrado dentro do Scout. Sangue também. Uma vez que grande parte do sangue estava no banco traseiro, Henry teve a certeza de que não havia sido derramado durante o acidente; Pete se cortara ao retornar ao veículo. Para Henry, o interessante era a ausência da substância vermelho-dourada. Como germinava com rapidez, a conclusão lógica era que Pete não estava infectado no momento em que fora buscar a cerveja. Mais tarde, talvez, mas não naquele momento.

Apanhou o pão, a manteiga de amendoim, o leite, as caixas de suco de laranja. Depois recuou, saindo do Scout, e se sentou com as costas apoiadas na traseira capotada, observando a neve fresca cair em cirandas, engolindo grandes pedaços de pão com manteiga de amendoim o mais rápido que podia, usando o dedo indicador como faca e lambendo-o após espalhá-la. Era manteiga da boa, e o suco de laranja desceu pela garganta em dois longos goles, mas ainda não saciava.

— O que está pensando — anunciou ele para a tarde que escurecia — é grotesco. Para não mencionar vermelho. Comida vermelha.

Vermelho ou não, estava pensando nisso, mas, sem dúvida, não era tão grotesco assim; ele era, afinal, um homem que passara noites e noites pensando em revólveres, cordas e sacos plásticos. Tudo isso parecia um tanto pueril naquele momento, mas era ele, sim. Portanto...

— Portanto, senhoras e senhores da Associação Norte-americana de Psiquiatras, permitam-me encerrar citando o falecido Joseph "Beaver" Clarendon: "Eu disse fodam-se, e depositem dez centavos no balde do Exército da Salvação. E, se não gostarem, segurem o meu pau e chupem." Muito obrigado.

Tendo assim discursado para a Associação Norte-americana de Psiquiatras, Henry engatinhou de novo para dentro do Scout, evitando mais uma vez com sucesso os cacos de vidro, e se apoderou do pacote embrulhado com jornal de açougueiro ("$2.79" escrito nele com a mão trêmula do velho Gosselin). Recuou para sair com o pacote no bolso, depois o tirou e rebentou o barbante. Nele havia nove salsichas bem rechonchudas. Do tipo vermelho.

Por um momento, sua mente procurou lhe mostrar a coisa reptiliana

sem pernas torcendo-se na cama de Jonesy e fitando-o com os olhos pretos vazios, mas Henry afastou a imagem com a velocidade e a agilidade de um homem cujo instinto de sobrevivência jamais vacila.

As salsichas estavam perfeitamente cozidas, mas mesmo assim as esquentou, correndo a chama do isqueiro de um lado a outro por baixo de cada uma até ficarem pelo menos mornas, em seguida envolvendo-as com o Wonder Bread e devorando tudo. Sorriu ao fazê-lo, ciente de que pareceria ridículo a quem o observasse. Bom, não se diz que os psiquiatras acabam ficando tão doidos quanto os pacientes, se não mais do que eles?

O importante era que estava, enfim, satisfeito. Mais importante ainda, todos os pensamentos desconexos e todas as imagens fragmentadas abandonaram sua mente. A música também. Esperava que nada daquela porcaria o assediasse. Nunca mais, por favor, meu Deus.

Tomou mais leite, arrotou, depois apoiou a cabeça contra a lateral do Scout e fechou os olhos. Não adormeceria, porém; aquela floresta era bela, escura e profunda, mas teria de caminhar 20 quilômetros antes que pudesse dormir.

Lembrou-se de Pete falar do boato no mercado do Gosselin — caçadores desaparecidos, luzes no céu — e do júbilo com que a Associação Norte-americana de Psiquiatras o rejeitou, tagarelando a respeito da histeria de satanismo no estado de Washington, da histeria de maus-tratos em Delaware. Representando o Sr. Sabichão Psiquibói com a boca e a frente da mente, enquanto, na parte posterior da mente, brincava com o suicídio tal como um bebê que acabasse de descobrir os dedos do pé dentro da banheira. Soara inteiramente plausível, preparado para participar de um painel de show de TV que reservasse 60 minutos para discutir a relação entre o inconsciente e o desconhecido, mas as coisas haviam mudado. Agora ele se tornara um dos caçadores desaparecidos. Além disso, vira coisas que não se encontram na Internet, não importa quão potente seja o mecanismo de busca.

Ficou ali sentado, a cabeça inclinada para trás, os olhos fechados, a barriga cheia. A Garand de Jonesy encostada num dos pneus do Scout. A neve lhe iluminava as faces e a testa como o leve toque das patas de um gatinho recém-nascido.

— É isso aí, o que os tolos aguardavam — disse. — Contatos próximos do terceiro grau. Droga, talvez de quarto ou de quinto grau. Me desculpe por ter tirado sarro de você, Pete. Você estava certo e eu estava errado. Droga, é pior do que isso. O velho Gosselin estava certo e eu estava errado. Para isso é que vale o ensino de Harvard.

E assim que falou isso em voz alta, as coisas começaram a fazer sentido. Alguma coisa aterrissara ou colidira. Houve uma reação armada do governo norte-americano. Estariam eles informando a população do que estava ocorrendo? Provavelmente não, não era esse o estilo deles, mas Henry achava que teriam de fazê-lo muito em breve. Seria impossível encerrar Jefferson Tract inteiro no Hangar 57.

Sabia mais alguma coisa? Talvez, e talvez fosse um pouquinho mais

do que o que os homens no comando dos helicópteros e dos grupos armados sabiam. Evidentemente, acreditavam estar lidando com uma epidemia, mas Henry não achava que fosse tão perigoso quanto eles pareciam achar. A substância se alastrava, desenvolvia-se… mas depois morria. Mesmo o parasita que habitara o interior da mulher morrera. Era uma péssima época do ano e um péssimo lugar para a cultura do pé-de-atleta interestelar, se fosse esse o caso. Tudo isso favorecia, enfaticamente, a possibilidade de uma aterrissagem desastrosa… mas, e quanto às luzes no céu? E quanto aos implantes? Durante anos as pessoas que afirmaram ter sido sequestradas por ETs também afirmaram que foram despidas… examinadas… forçadas a se submeter a implantes… ideias estas tão freudianas que eram quase risíveis…

Henry percebeu que estava sendo levado pelo sono e despertou com tanta impetuosidade que o pacote desembrulhado de salsichas escorregou do colo e caiu na neve. Não, não apenas levado pelo sono; cochilando. Um bocado mais da luz do dia fora consumido, e o mundo ganhara uma cor cinzento-azulada. Suas calças estavam salpicadas de flocos de neve. Se tivesse mergulhado no sono, estaria roncando.

Esfregou as roupas com as mãos e se levantou, estreitando os olhos quando os músculos se manifestaram com um urro de protesto. Olhou para as salsichas caídas na neve com uma espécie de revulsão, curvou-se, tornou a embrulhá-los e os enfiou num bolso da parca. Talvez lhe parecessem apetitosos mais tarde. Esperava, sinceramente, que não, mas nunca se sabe.

— Jonesy no hospital — disse abruptamente. Sem ideia do que queria dizer. — Jonesy no hospital com o Sr. Cinza. Tem de ficar lá. UTI.

Loucura. Loucura tagarela. Prendeu os esquis nas botas novamente, rezando para que as costas não travassem enquanto ficasse curvado, e depois seguiu mais uma vez pelo rastro, a neve agora começando a se adensar à sua volta, o dia escurecendo.

Quando se deu conta de que se lembrara das salsichas mas se esquecera da espingarda de Jonesy (sem falar na dele), tinha ido longe demais para voltar.

12

Parou 45 minutos depois, talvez, estudando como um tolo as marcas da Arctic Cat. Não havia muito mais do que um lampejo de luz do dia, mas, ainda assim, o suficiente para ele ver que o rastro — o que dele sobrara — virava bruscamente para a direita e seguia para dentro da floresta.

Para dentro da porra da floresta. Por que Jonesy (e Pete, se Pete estivesse com ele) tinha entrado na floresta? Que sentido isso fazia, uma vez que a Deep Cut Road prosseguia reta e sem obstáculos, uma estrada

branca entre as árvores escuras?

— A Deep Cut vai para noroeste — disse ele, parado com as pontas dos esquis voltadas uma para a outra e o desajeitado embrulho de salsichas projetando-se para fora do bolso da parca. — A estrada que dá no mercado do Gosselin, a asfaltada, não fica mais do que a uns 5 quilômetros daqui. Jonesy sabe disso. Pete sabe disso. Apesar disso... a motoneve vai... — Levantou os braços, como os ponteiros de um relógio, calculando. — A motoneve vai quase para o norte total. Por quê?

Talvez soubesse. O céu estava mais claro na direção do mercado do Gosselin, como se lá houvesse holofotes. Ouvia o zunido dos helicópteros, um zunido que aumentava e diminuía, mas que sempre soava na mesma direção. Ao chegar mais perto, esperou ouvir também o ruído de máquinas pesadas: veículos de abastecimento, talvez geradores. No lado leste ainda soavam as crepitações isoladas dos disparos, mas a ação de fato tinha lugar na direção para a qual ele seguia.

— Montaram uma base no mercado do Gosselin — Henry disse. — E Jonesy desviou.

Isso, para Henry, foi como acertar na mosca. Só que... não havia mais Jonesy algum, havia? Apenas a nuvem negro-avermelhada.

— Não é verdade — disse. — Jonesy ainda existe. Jonesy está no hospital com o Sr. Cinza. Isso é o que a nuvem é... o Sr. Cinza. — E depois, a propósito de nada (que ele soubesse, ao menos): — Agiar o quê? Agiar ênis?

Henry olhou para a neve que caía em cirandas (era menos urgente do que a precipitação anterior, ao menos até o momento, mas começava a se acumular), como se acreditasse que houvesse um Deus em algum lugar acima dela, estudando-o com todo o interesse genuíno, ainda que distanciado, de um cientista que examina um paramécio se contorcer.

— Mas do que é que estou falando? Alguma ideia?

Nenhuma resposta, mas lhe ocorreu uma estranha lembrança. Ele, Pete, Beaver e a mulher de Jonesy guardaram um segredo entre si no mês de março passado. Carla achara que Jonesy não precisaria ser informado de que seu coração parara duas vezes, uma logo que os enfermeiros do pronto-socorro o colocaram na ambulância, a outra pouco depois de chegar ao Mass General. Jonesy sabia que chegara perto de morrer, mas não (ao menos tanto quanto Henry sabia) quão perto. E, se Jonesy passou por uma das experiências do tipo de Kübler-Ross, de vislumbrar luzes, silenciara a respeito ou se esquecera, em consequência das repetidas doses de anestéticos e das enormes quantidades de analgésicos.

Um ribombo foi se elevando do lado sul com uma velocidade assustadora e Henry se abaixou, tapando os ouvidos com as mãos enquanto o que soava como uma esquadrilha completa de jatos de combate atravessava as nuvens no alto. Nada viu, mas, quando o troar dos jatos foi desaparecendo com a mesma rapidez com que surgiu, endireitou o corpo com o coração a palpitar pesada e aceleradamente. Ah! Deus! Ocorreu-lhe que as bases aéreas em torno do Iraque deveriam ter soado com aquele

estrondo nos dias que conduziram à operação Tempestade no Deserto.

Aquele enorme ribombo. Significaria que os Estados Unidos da América acabaram de declarar guerra contra os seres de um outro mundo? Estaria ele vivendo agora num romance de H. G. Wells? Henry sentiu uma vibração forte e comprimida sob a caixa torácica. Se estivesse, o inimigo teria mais do que umas poucas centenas de enferrujados mísseis terra a terra soviéticos para lançar em resposta ao Tio Sam.

Deixe para lá. Você nada pode fazer a respeito. O que é que você vai fazer agora? Essa é a pergunta. O que vai fazer agora?

O rugir dos jatos já havia se transformado num baixo murmúrio. Mas ele achava que voltariam. Talvez com amigos.

— Dois caminhos se bifurcavam na floresta nevada, não é assim então? Algo assim, de qualquer maneira.

Mas continuar a seguir os rastros da motoneve não era de fato uma opção. Ele os perderia na escuridão que baixaria dali a meia hora, e a nova precipitação de neve os apagaria, em todo caso. Ele acabaria vagueando e se perdendo... como, provavelmente, Jonesy estava agora.

Suspirando, Henry se afastou dos rastros da motoneve e continuou pela estrada.

13

Quando chegou ao ponto em que a Deep Cut Road se juntava com a estrada asfaltada de duas pistas conhecida como Swanny Pond Road, Henry estava cansado demais para ficar em pé, quanto mais para esquiar. Os músculos das coxas pareciam velhos saquinhos de chá molhados. Nem mesmo as luzes no horizonte a noroeste, agora bem mais brilhantes, ou o som de motores e helicópteros lhe ofereciam grande consolo. À frente, havia uma última colina íngreme e comprida. Do outro lado, a Deep Cut terminava e a Swanny Pond começava. Lá, na verdade, poderia encontrar tráfego, principalmente se houvesse movimento de soldados.

— Vamos — disse. — Vamos, vamos, vamos. — No entanto, ficou onde estava um pouco mais. Não queria subir a colina. — Melhor embaixo da colina do que em cima da colina — disse. A frase parecia ter algum significado, mas provavelmente não passava de um outro non sequitur idiota. Além disso, não havia lugar para onde ir.

Curvou-se, colheu mais neve — na escuridão, a porção nas duas mãos lembrava uma pequena fronha. Comeu um bocado, não porque o quisesse, mas porque não queria realmente retomar a caminhada. As luzes que vinham do mercado do Gosselin eram mais compreensíveis do que as luzes que ele e Pete viram brincando no céu (Voltaram!, Becky gritara, como aquela menininha sentada na frente do aparelho de televisão no velho filme de Steven Spielberg), mas Henry, por algum motivo, gostava delas

cada vez menos. Todos aqueles motores e geradores soavam... famintos.

— Isso mesmo, moleirão — disse. E depois, porque não havia mesmo outra opção, começou a subir a última colina entre ele e a estrada real.

14

Parou no cume, ofegante, e se curvou sobre os bastões. O vento soprava mais forte ali em cima e lhe penetrava as roupas. A perna esquerda latejava no ponto em que fora cortada pela alavanca das lanternas e, mais uma vez, ele perguntou a si mesmo se não estaria incubando uma pequena colônia vermelho-dourada por baixo da atadura improvisada. Escuro demais para ver, mas, quando a única notícia boa possível seria não ter notícia, talvez fosse melhor assim.

— O tempo tardou, a realidade se curvou, sem parar seguiu o homem-ovo. — Essa não provocou desagrado, de modo que se pôs a descer a colina na direção do entroncamento em tê, onde a Deep Cut Road terminava.

Aquele lado da colina era mais íngreme e logo ele esquiou, em vez de caminhar. Ganhou velocidade, sem saber se o que sentia era terror, alegria ou uma mórbida combinação dos dois. Sem dúvida, avançava rápido demais, considerando-se a visibilidade, que era quase nenhuma, e suas habilidades, que estavam tão enferrujadas quanto as presilhas que prendiam os esquis às botas. As árvores passavam desfocadas pelos lados, e de súbito lhe ocorreu que todos os seus problemas poderiam ser resolvidos de um só golpe. Não a Solução Hemingway, afinal. Aquele método podia ser chamado de Solução Bono.

O vento lhe arrancou o chapéu da cabeça. Estendeu o braço automaticamente para agarrá-lo, um dos bastões oscilando à frente, mal visível na escuridão, e de repente perdeu o equilíbrio. Sofreria uma queda. E talvez fosse bom, desde que não quebrasse a porcaria da perna. A queda o deteria, pelo menos. Bastaria se levantar e...

Luzes arderam, enormes holofotes montados na carroçaria de um caminhão, e, antes que sua visão desaparecesse numa ofuscação, Henry vislumbrou o que poderia ter sido um caminhão de transporte de polpa parado de través na extremidade da Deep Cut Road. As luzes eram, sem dúvida, sensíveis a movimentos, e havia uma fileira de homens parados diante delas.

— ALTO! — ordenou uma assustadora voz amplificada. Bem que poderia ser a voz de Deus. — ALTO OU ABRIMOS FOGO!

Henry tombou pesada e desajeitadamente. Os esquis saltaram dos pés. Um tornozelo se torceu, causando uma dor tão grande que ele gritou. Perdeu um bastão; a haste do outro se partiu ao meio. O vento o golpeou

com um gigantesco sopro congelado. Ele deslizou, arrastando neve com as pernas escarranchadas, depois parou, os braços e as pernas dobrados, sugerindo a forma de uma suástica.

A visão começou a retornar e ele escutou passos estalando na neve. Moveu-se com dificuldade e conseguiu sentar, incapaz de perceber se algo nele se quebrara ou não.

Seis homens estavam parados a uns 30 metros dele, embaixo na colina, as sombras inacreditavelmente longas e nítidas na neve fresca e brilhante como diamante. Todos usavam parca. Todos tinham a boca e o nariz cobertos por máscaras de plástico claras — pareciam mais eficazes do que as máscaras de pintor que Henry encontrara no galpão da motoneve, mas ele tinha a sensação de que o propósito básico era o mesmo.

Os homens também portavam armas automáticas, todas elas apontadas para ele. Para Henry agora parecia ter sido uma sorte esquecer no Scout a Garand de Jonesy e sua própria Winchester. Se portasse uma arma, o corpo seria furado por mais de uma dúzia de balas.

— Não tenho — disse ele com uma voz rouca. — Sei lá com que estão preocupados, mas não tenho...

— DE PÉ! — a voz de Deus novamente. Vinda do caminhão. A fileira de homens na frente dele pelo menos bloqueava um pouco do clarão e Henry pôde ver mais homens ao pé da colina, onde as estradas se juntavam. Todos eles também portavam armas, exceto um, que segurava um megafone.

— Não sei se consigo me lev...

— DE PÉ, JÁ! — Deus ordenou, e um dos homens diante dele fez um expressivo movimento brusco com o cano da arma.

Henry se pôs em pé, titubeante. As pernas tremiam e o tornozelo torcido o mortificava, mas o corpo se sustentava inteiro, ao menos no momento. Aqui termina a jornada do homem-ovo, pensou, e começou a rir. Os homens na frente dele se entreolharam com inquietação e, embora ainda apontassem a arma, ele sentiu o alívio de ver até mesmo aquela diminuta demonstração de emoção humana.

Na brilhante incandescência dos holofotes montados na carroçaria do caminhão de polpa, Henry viu algo na neve — caíra do bolso ao escorregar. Lentamente, mesmo sabendo que poderiam atirar, curvou-se.

— NÃO TOQUE NISSO! — Deus gritou do alto-falante sobre a cabina do caminhão, e então os homens lá embaixo ergueram as armas, um alozinho, trevas, minhas velhas amigas, acenando da boca do cano de cada uma delas.

— Morda a merda e morra — disse Henry, uma das melhores frases do Beav, e recolheu o embrulho. Estendeu-o no alto para os homens armados e mascarados diante dele, sorrindo. — Venho trazendo paz para toda a humanidade — disse. — Quem quer uma salsicha?

Capítulo Doze

Jonesy no Hospital

1

Era um sonho.

Não parecia, mas deveria ser. Em primeiro lugar, tinha já passado uma vez pelo 15 de março e parecia uma grande injustiça ter de passar por ele de novo. Em segundo lugar, lembrava-se de todas as coisas ocorridas nos oito meses entre o meado de março e o meado de novembro — ajudando os filhos nos deveres de casa, Carla ao telefone com os amigos (muitos deles do programa de Narcomaníacos Anônimos), dando uma palestra em Harvard... e os meses de reabilitação física, naturalmente. Todas as flexões intermináveis, toda a gritaria fatigante enquanto suas articulações se estendiam mais uma vez, ai, com tanta relutância. Ele dizendo para Jeannie Morin, a terapeuta, que não conseguiria. Ela a sorrir, dizendo que conseguiria. Lágrimas no rosto dele, um largo sorriso no dela (aquele detestável sorriso permanente de colegial), e, no fim, estava certa. Conseguiu, era o motorzinho que conseguia, mas que preço o motorzinho teve de pagar.

Lembrava-se dessas coisas e de outras: saindo da cama pela primeira vez, limpando a bunda pela primeira vez, a noite no início de maio quando se deitou pensando Vou passar por isso pela primeira vez, a noite no fim de maio em que ele e Carla fizeram sexo pela primeira vez desde o acidente, depois contando para ela uma velha piada: Como trepam os porcos-espinhos? Com muito cuidado. Lembrava-se de ter observado o espetáculo de pirotecnia, em memória dos soldados mortos na Segunda Guerra, o quadril e a parte superior da coxa doendo insuportavelmente; lembrava-se de ter comido melancia no dia 4 de julho, o dia da Independência, cuspindo as sementes no gramado e observando Carla e as irmãs dela jogando badminton, o quadril e a coxa ainda doendo, mas não demais; lembrava-se do telefonema de Henry em setembro — "Só para conferir", dissera —, quando conversaram sobre um monte de coisas, inclusive a viagem anual de caça até a Hole in the Wall em novembro. "Claro que eu vou", dissera Jonesy, sem saber, na ocasião, que apreciaria muito pouco a sensação de ter a Garand nas mãos. Conversaram sobre trabalho (Jonesy lecionara nas três semanas finais do curso de férias, então andando de muleta de um lado para outro com muita agilidade), sobre a família, sobre os livros que leram e os filmes que viram; Henry mencionara de novo, como o fizera em janeiro, que Pete estava bebendo muito. Jonesy,

tendo já travado uma guerra com a mulher por causa do abuso de drogas, recusara-se a falar a respeito, mas, quando Henry transmitiu a sugestão de Beaver de que parassem em Derry para visitar Duddits Cavell ao fim da semana de caça, Jonesy concordou entusiasticamente. Fazia muito tempo que não o viam, e nada melhor do que ver Duddits para animar uma pessoa. Além disso...

— Henry? — perguntou. — Planejamos ir ver Duddits, não planejamos? Íamos no dia de São Patrício. Não me lembro bem, mas anotei no calendário no meu escritório.

— É — respondeu Henry. — De fato, planejamos.

— Os irlandeses são sortudos mesmo, não?

Como resultado dessas recordações, Jonesy tinha a certeza de que o 15 de março já havia acontecido. Havia vários indícios que sustentavam essa hipótese, e o calendário no escritório era a Prova A. No entanto, ali estavam eles de novo, aqueles incômodos idos... e agora, ah, porcaria, como era injusto, agora havia mais dia 15 do que nunca.

Antes, a lembrança daquele dia desaparecera por volta das dez horas da manhã. Estava no escritório, tomando café e empilhando livros que levaria para o escritório do Departamento de História, onde havia uma mesa com livros gratuitos para os estudantes. Não se sentia feliz, mas não conseguia se lembrar por quê. De acordo com o mesmo calendário do escritório onde cancelara um compromisso no dia 17 de março para ir ver Duddits, tinha uma reunião no dia 15 de março com um estudante chamado David Defuniak. Não se lembrava do motivo da reunião, mas, mais tarde, encontrou uma anotação feita por um graduando assistente seu que se referia a uma redação de segunda época de Defuniak — resultados imediatos da Conquista Normanda —, de modo que supôs que fora esse o motivo. No entanto, o que poderia haver nesse arranjo para deixar o professor-assistente Gary Jones tão infeliz?

Infeliz ou não, andara murmurando algo, murmurando e depois cantando as palavras, que se aproximavam do absurdo: Sim podemos, sim podemos-podemos, ó puxa todo-poderoso, sim podemos-podemos. Restaram alguns fragmentos depois disso — desejando a Colleen, a secretária do departamento, um bom dia de São Patrício, tirando um exemplar do Phoenix de Boston da caixa de jornais na frente do prédio, jogando uma moeda de 25 centavos no estojo do saxofone de um skinhead no fim da ponte, no lado de Cambridge, sentindo pena do sujeito, porque usava uma malha fina e o vento que vinha do Charles era severo — mas, sobretudo, lembrava-se apenas de escuridão depois de ter preparado a pilha dos livros que seriam doados. A consciência voltou no hospital, como uma voz monótona num quarto adjacente: Por favor, pare, não suporto mais, me dê uma dose, onde está Marcy, quero Marcy. Ou talvez tivesse sido onde está Jonesy, quero Jonesy. A velha morte arrepiante. A morte que simulava ser um paciente. A morte o perdera de vista — decerto, isso era possível, era um hospital gigantesco repleto de dor, transpirando agonia por suas próprias suturas — e agora a velha morte tentava reencontrá-lo. Tentava iludi-lo. Tentava fazer

com que ele se entregasse.

Dessa vez, porém, toda a escuridão misericordiosa tinha esvanecido. Dessa vez, ele não só deseja a Colleen um feliz dia de São Patrício, mas também conta-lhe uma piada: O que um cromossomo falou ao outro? CROMOSSOMOS felizes! Sai, seu eu futuro — seu eu de novembro —, viajando na cabeça de março como um passageiro clandestino. Seu eu futuro escuta seu eu de março pensar: Mas que lindo dia acabou ficando, enquanto começa a caminhar rumo ao compromisso com destino a Cambridge. Procura dizer a seu eu de março que a ideia é má, uma ideia grotescamente má, que pode lhe poupar meses de agonia apenas chamando um Red Top ou tomando o T, mas não pode prosseguir. Talvez todas as histórias de ficção científica sobre viagens através do tempo que lera quando adolescente estivessem corretas: não dá para mudar o passado, não importa o quanto se tente.

Atravessa a ponte e, embora o vento seja um pouco gélido, aprecia o sol no rosto e a maneira como rebenta em milhões de lascas luminosas no Charles. Canta um trechinho de "Here Comes the Sun" e depois retoma Pointer Sisters: Sim podemos-podemos, ó puxa todo-poderoso. Balançando a pasta de documentos no ritmo. O sanduíche dentro. Salada de ovo. Hã-hummm, Henry disse. SSDD, Henry disse.

Eis o saxofonista e, surpresa: não está no fim da Mass Ave Bridge, mas mais adiante, perto do campus da MIT, na frente de um daqueles restaurantezinhos indianos da moda. Treme de frio, é careca, com talhos no couro cabeludo que sugerem que o cabelo não foi cortado por um barbeiro. O jeito com que toca "These Foolish Things" sugere que ele tampouco nasceu para ser saxofonista, e Jonesy tem vontade de lhe dizer que seja carpinteiro, ator, terrorista, qualquer coisa, menos músico. Em vez disso, Jonesy na verdade o incentiva, não jogando no estojo do instrumento (forrado com veludo vermelho) os 25 centavos de que se lembrara antes, mas um monte de trocados — as coisas tolas que a gente faz, sim senhor. Põe a culpa no primeiro sol quente após um longo e frio inverno; põe a culpa no final feliz da história do aluno Defuniak.

O saxofonista vira os olhos para Jonesy, agradecendo, mas ainda soprando. Jonesy pensa numa outra piada: O que é um saxofonista com cartão de crédito? Um otimista.

Continua andando, balançando a pasta de documentos, sem dar ouvidos ao Jonesy dentro dele, o que nadou contra a corrente desde novembro como um salmão que viaja através do tempo. Ei, Jonesy, pare. Só alguns segundos bastam. Amarre os cordões dos sapatos ou coisa assim. (Isso não, ele está de mocassins. Logo estará de gesso também.) O cruzamento ali adiante é o lugar onde acontece, perto do ponto do Red Line, Mass Ave com Prospect. Há um velhote vindo, um professor de História despirocado num carro de passeio Lincoln azul-escuro, e irá limpar você como se limpasse uma casa.

Mas não adianta. Não importa o quanto grite, não adianta. As linhas de telefone estão cortadas. Não pode voltar atrás, não pode matar seu avô,

não pode atirar em Lee Harvey Oswald enquanto ele fica ajoelhado diante da janela do sexto andar do Texas School Book Depository, galinha frita gelada num prato de papelão ao lado e a espingarda comprada por reembolso postal apontada, não pode impedir você mesmo de atravessar o cruzamento da Mass Ave com a Prospect Street, a pasta de documentos na mão e o exemplar do Phoenix de Boston — que você jamais lerá — embaixo do braço. Desculpe, senhor, as linhas estão cortadas em algum lugar de Jefferson Tract, há um tremendo fodaréu por lá, sua chamada não pode ser completada...

E então, Deus do céu, isso é novo — a mensagem é transmitida! Ao chegar à esquina, ao parar no meio-fio, prestes a pisar na faixa para pedestres, é transmitida!

— O quê? — pergunta, e o homem parado ao lado, o primeiro a se debruçar sobre ele num passado que agora poderá felizmente ser cancelado, olha para ele com desconfiança e diz: "Eu não falei nada", como se houvesse um terceiro homem com eles. Jonesy mal consegue ouvi-lo, porque há um terceiro, há uma voz dentro dele, uma voz que soa cheia de suspeita como a dele mesmo, e está gritando para ele ficar no meio-fio, ficar longe da rua...

Depois, ouve o choro de alguém. Olha para o outro lado da Prospect e, Deus do céu, lá está Duddits, Duddits Cavell, nu, exceto pela tanguinha Underoos, e sua boca está suja de uma substância marrom. Parece chocolate, mas Jonesy sabe que não é. É excremento de cachorro, aquele puto do Richie o obrigou a comê-lo no final das contas, e os transeuntes continuam indo e vindo mesmo assim, ignorando-o, como se Duddits não estivesse lá.

— Duddits! — Jonesy chama. — Duddits, fique aí, cara, estou indo!

E salta na rua sem olhar, o passageiro no interior sem poder fazer outra coisa a não ser ir junto, entendendo, por fim, que foi exatamente assim e por isso que ocorreu o acidente — o velho, sim, o velho no estágio inicial do mal de Alzheimer que em primeiro lugar não tinha por que estar dirigindo um carro, mas que apenas tivera uma parte naquilo. A outra parte, cancelada na escuridão que até agora envolvia o atropelamento, era esta: ele vira Duddits e simplesmente se precipitara, esquecendo-se de olhar para os lados.

Vislumbra algo mais também: um objeto enorme, algo semelhante a um apanhador de sonhos que captura todos os anos desde que conheceu Duddits Cavell em 1978, algo que também captura o futuro.

A luz do sol dardeja num para-brisa; vê isso com o canto do olho esquerdo. Um carro se aproximando, e muito veloz. O homem que estava ao lado dele no meio-fio, o velho Sr. Eu-Não-Falei-Nada, grita: "Cuidado, cara, cuidado!", mas Jonesy mal o escuta. Porque há um cervo na calçada atrás de Duddits, um belo e grande gamo, tão grande como um homem. Depois, pouco antes de o carro colhê-lo, Jonesy vê que o cervo é um homem, um homem de boné laranja e colete de sinaleiro laranja. No ombro, como um mascote hediondo, está uma coisa-fuinha sem pernas com olhos

pretos gigantescos. A cauda — ou talvez tentáculo — enrolada no pescoço do homem. Como, em nome de Deus, pude pensar que era um cervo?, Jonesy pensa, e depois o Lincoln o colhe e ele é lançado na rua. Escuta um estalo pungente e abafado quando o quadril se quebra.

2

Não há escuridão, não dessa vez; para melhor ou para pior, lâmpadas de sódio foram instaladas na estrada da viagem imaginária ao passado. No entanto, o filme é confuso, como se o editor tivesse bebido demais e se esquecido de como a história deveria se desdobrar. Parte disso se deve ao estranho modo como a disposição do tempo foi distorcida: ele parece estar vivendo no passado, no presente e no futuro, tudo ao mesmo tempo.

É assim que viajamos, diz uma voz, e Jonesy se dá conta de que é a voz que ele ouvira implorar por Marcy, por uma dose. Assim que a aceleração passa além de um determinado ponto, toda viagem se transforma numa viagem através do tempo. A memória é a base de todas as viagens.

O homem na esquina, o velho Sr. Eu-Não-Falei-Nada, debruça-se sobre ele, pergunta se está bem, constata que não está, olha para cima e diz: "Quem tem um celular? Este cara precisa de uma ambulância." Ao levantar a cabeça, Jonesy vê um pequeno corte embaixo do queixo do homem, o velho Sr. Eu-Não-Falei-Nada provavelmente se machucara naquela manhã sem nem sequer perceber. Como ele é legal, Jonesy pensa, em seguida o filme pula e ali está um velho dândi de sobretudo preto e chapéu de feltro — chame esse velho pentelho de velho Sr. O-Que-Eu-Posso-Fazer. Vai andando de um lado para outro perguntando isso para as pessoas. Disse que por um momento olhou em outra direção e sentiu um baque — o que eu posso fazer? Diz que jamais gostou de carros grandes — o que eu posso fazer? Diz que não consegue se lembrar do nome da seguradora, mas que a empresa chama a si mesma de Em Boas Mãos — o que eu posso fazer? Há uma mancha nos fundilhos de suas calças, e, enquanto permanece deitado na rua, Jonesy não consegue deixar de sentir uma espécie de exasperada pena do velhote — deseja poder lhe dizer: O senhor quer saber o que fez, olhe a sua calça. O senhor se molhou, o senhor mijou na calça.

O filme torna a pular. Agora há um maior número de pessoas em volta dele. Parecem muito altas e Jonesy pensa que está assistindo a um funeral do ponto de vista do morto no caixão. O que o faz se lembrar de um conto de Ray Bradbury, acha que se chama "The Crowd", no qual as pessoas que se juntam em lugares de acidentes — sempre as mesmas —, determinam o destino da gente conforme o que dizem. Se ficam em volta da gente murmurando que não é ruim assim, a sorte dele foi que o carro se desviou na última hora, então a gente está bem. Se, por outro lado, as

pessoas que fazem parte da multidão começam a dizer coisas como Ele parece bem mal ou Acho que não vai sobreviver, então a gente morre. Sempre as mesmas pessoas. Sempre os mesmos rostos ávidos e vazios. Os curiosos que só querem ver o sangue e ouvir os gemidos dos feridos.

No aglomerado à sua volta, bem atrás do velho Sr. Eu-Não-Falei-Nada, Jonesy vê Duddits Cavell, agora inteiramente vestido e parecendo bem — sem o bigode de excremento de cachorro, em outras palavras. McCarthy também está ali. Chame-o de o velho Sr. Eis-Que-Estou-à-Porta-e-Bato, Jonesy pensa. E há também uma outra pessoa. Um homem cinza. Só que não é um homem, de modo algum, não realmente; é o alienígena parado atrás dele enquanto Jonesy estava à porta do banheiro. Enormes olhos pretos dominam um rosto que, sob outros aspectos, é quase desprovido de traços. A pele de elefante, descaída e rugosa, está mais tesa agora; o velho Sr. ET-Telefonar-Para-Casa ainda não começou a sucumbir ao ambiente. Mas irá. No fim, este mundo irá dissolvê-lo feito ácido.

Sua cabeça explodiu, Jonesy tenta dizer para o homem cinza, mas palavra alguma sai de sua boca; sua boca nem sequer se abre. E, no entanto, o velho Sr. ET-Telefonar-Para-Casa parece ouvi-lo, porque a cabeça cinzenta se inclina de leve.

Está desmaiando, alguém diz, e, antes que o filme pule novamente, ele ouve o velho Sr. O-Que-Posso-Fazer, o sujeito que o atropelou e estilhaçou seus quadris como um prato de louça numa barraca de tiro ao alvo, contar para alguém: As pessoas costumavam dizer que eu sou parecido com Lawrence Welk.

3

Está inconsciente na ambulância do pronto-socorro, mas observando a si mesmo, passando por uma verdadeira experiência de desprendimento do corpo, e nisso há mais uma coisa nova, algo que ninguém se dá ao trabalho de lhe contar mais tarde: ele sofre uma taquicardia ventricular enquanto lhe cortam as calças, expondo o quadril que parece como se alguém tivesse feito um trabalho de costura largo demais e mal e porcamente colocara maçanetas embaixo. Taquicardia ventricular, ele sabe muito bem o que é isso, porque ele e Carla nunca perdem um episódio de Plantão médico, assistem até mesmo às reprises no TNT, e é a vez das pás, é a vez da substância pegajosa, e um dos enfermeiros tem um crucifixo dourado no pescoço que roça no nariz de Jonesy enquanto o velho Sr. Enfermeiro se debruça sobre o que é, essencialmente, um corpo morto, e, santa merda, morreu na ambulância! Por que ninguém nunca lhe contou que morreu na merda da ambulância? Será que acharam que não teria interesse em saber, que talvez fosse apenas reagir: Ah, sim, hã, estive lá, fiz isso e aquilo, tem uma camiseta?

— Afastem-se! — grita o outro enfermeiro, e, pouco antes de lhe aplicarem o choque, o motorista olha para trás e ele vê que é a mãe de Duddits. Depois o castigam com o choque elétrico e seu corpo salta, aquela carne branca toda estremecendo nos ossos, como diria Pete, e, embora o Jonesy que observa não tenha corpo, mesmo assim ele sente a eletricidade, uma gigantesca descarga que aciona a árvore de nervos feito um foguete. Louvado seja Deus, e desça, aleluia.

A parte dele na maca salta como um peixe arrancado da água, depois se imobiliza. O enfermeiro, agachado atrás de Roberta Cavell, olha para o aparelho no chão e diz: "Ah, cara, não, linha plana, dê outro choque." E, quando o outro sujeito aplica o outro choque, o filme pula e Jonesy está numa sala de operações.

Não, espere, não é bem assim. Parte dele está na sala de operações, mas o resto dele está atrás de um painel de vidro, olhando para dentro. Os outros dois médicos estão aqui, mas não demonstram qualquer interesse no empenho da equipe de cirurgiões para tornar a juntar as peças do Jonesy-Dumpty. Estão jogando cartas. Acima da cabeça deles, oscilando na corrente de ar do sistema de aquecimento, está o apanhador de sonhos da Hole in the Wall.

Jonesy não tem o menor impulso de acompanhar o que acontece atrás do vidro — não gosta da cratera sangrenta onde antes ficava o quadril, ou do lampejo baço do osso rebentado projetando-se dela. Embora não tenha estômago para sentir náusea em seu estado desencarnado, sente náusea assim mesmo.

Atrás dele, um dos médicos que jogam cartas diz: Duddits era como nos definíamos. Duddits foi o nosso melhor momento. Ao que o outro responde: Acha que sim? E Jonesy se dá conta de que os médicos são Henry e Pete.

Volta-se para eles e parece que não está, afinal, desencarnado, porque capta um vislumbre de seu reflexo na janela a olhar para o interior da sala de operações. Já não é mais Jonesy. Não é mais humano. Sua pele é cinza, seus olhos são globos pretos espiando de um rosto sem nariz. Transformou-se num deles, um dos...

Um dos guris cinzentos, pensa. É assim que nos chamam, guris cinzentos. Alguns deles nos chamam de negros espaciais.

Abre a boca para dizer essas frases, ou, talvez, para pedir aos velhos amigos que o ajudem — sempre ajudaram uns aos outros, quando podiam —, mas então o filme pula novamente (o puto desse editor, bebendo no trabalho) e ele se encontra na cama, uma cama de hospital num quarto de hospital, e alguém chama: Onde está Jonesy, quero Jonesy.

Aí está, ele pensa com uma mísera satisfação, eu sempre achei que fosse Jonesy, não Marcy. É a morte chamando, ou, talvez, a Morte, e devo ficar bem quieto se quiser evitá-la, ela me perdeu de vista na multidão, tentou me levar na ambulância e me perdeu de novo, e agora aqui está ela, no hospital, disfarçada de paciente.

Por favor, pare, o astucioso Sr. Morte geme com um tom monótono,

persuasivo e hediondo, não suporto mais, me dê uma dose, onde está Jonesy, quero Jonesy.

Vou ficar deitado aqui até ele parar, Jonesy pensa, não posso me levantar, de qualquer maneira. Acabaram de pôr um quilo de metal nos meus quadris e só vou poder me levantar daqui a dias, talvez uma semana.

Mas, para seu horror, dá-se conta de que está se levantando, jogando o cobertor de lado e saindo da cama, e, embora sinta no quadril e ao longo da barriga os pontos retesando-se e estourando, derramando o que decerto é sangue doado nas pernas e nos pelos púbicos, ensopando-os, atravessa o quarto sem mancar, passando por uma faixa de sol que lança uma breve mas bastante humana sombra no piso (não é um guri cinzento agora, deve ser grato por isso, pelo menos, porque os guris cinzentos são torradas) e indo até a porta. Anda sem ser notado pelo corredor, passa por um carrinho encostado com um urinol em cima, passa por um par de enfermeiras que conversam e riem enquanto olham fotografias, trocando-as de mão em mão, e segue na direção da voz monótona. Não consegue parar e compreende que está na nuvem. Não, porém, uma nuvem preto-avermelhada, como Pete e Henry a sentiram; a nuvem é cinzenta e ele flutua dentro dela, uma partícula rara que não é alterada pela nuvem, e Jonesy pensa: Sou o que estão procurando. Não sei como é possível, mas sou exatamente o que estão procurando. Porque... a nuvem não me altera?

Sim, mais ou menos.

Passa por três portas. A quarta está fechada. Nela há uma placa com os dizeres: ENTRE, AQUI NÃO HÁ INFECÇÃO, IL N'YA PAS D'INFECTION ICI.

Mentiroso, Jonesy pensa. Cruise, ou Curtis, qualquer que seja seu nome, deve ser um louco, mas está certo acerca de uma coisa: há infecção.

O sangue jorra perna abaixo, a parte inferior do pijama é agora um escarlate reluzente (o vinho do Porto começou a circular, costumava dizer o velho comentador de boxe), mas ele não sente dor. Tampouco teme uma infecção. Ele é único, e a nuvem pode apenas carregá-lo, não alterá-lo. Abre a porta e entra.

4

Está surpreso em ver o homem cinza de olhos pretos grandes deitado na cama do hospital? Nem um pouco. Quando Jonesy se virou e deu de cara com esse sujeito parado às suas costas na Hole in the Wall, a cabeça da coisa explodiu. Isso era, uma vez tudo ponderado, uma infernal dor de cabeça de Excedrin. Era de internar qualquer um no hospital. A cabeça do sujeito parece bem agora, no entanto; a medicina moderna é espetacular.

O quarto pulula de fungo, ostentando a substância vermelho-dourada.

Ela brota no chão, no peitoril da janela, nas lâminas das persianas; insinuou-se pela superfície do suporte da luz no teto e pelo recipiente de soro glicosado (Jonesy supõe que seja glicosado) no suporte ao lado da cama; pequenas barbas vermelho-douradas pendem da maçaneta da porta do banheiro e da manivela ao pé da cama.

Ao se aproximar da coisa cinza, o lençol cobrindo o estreito tórax desprovido de pelos, Jonesy nota que há um cartão de boas-melhoras no criado-mudo. RECUPERE-SE LOGO! está impresso acima do desenho de uma tartaruga tristonha com um esparadrapo na carapaça. E, abaixo do desenho: DE STEVEN SPIELBERG E TODOS OS SEUS AMIGOS DE HOLLYWOOD.

Isto é um sonho, cheio dos símbolos de um sonho e de piadas das quais só um grupo seleto pode achar graça, Jonesy pensa, mas não acredita nisso. Sua mente está misturando coisas, empastando-as, tornando-as digeríveis, e é isso o que os sonhos fazem; passado, presente e futuro, todos mesclados, o que também é como os sonhos, mas ele sabe que cometeria um erro ao considerar isso nada mais do que um fragmentado conto da carochinha produzido pelo subconsciente. Ao menos uma parte disso está acontecendo.

Os olhos pretos bulbosos o observam. E agora o lençol se mexe e se arqueia ao lado da coisa na cama. O que sai de debaixo dele é a coisa-fuinha vermelho-dourada que pegou o Beav. Encara-o com os mesmos olhos pretos e vítreos enquanto se impulsiona com a cauda para cima do travesseiro, onde se recolhe ao lado da estreita cabeça cinza. Não admira que McCarthy tivesse se sentido um tanto indisposto, Jonesy pensa.

O sangue continua a escorrer nas pernas, grudento feito mel e quente feito febre. Tamborila ao cair no chão e faz pensar que logo estará germinando sua própria colônia de bolor ou fungo vermelho-dourado, ou o que quer que seja, uma constante selva, mas Jonesy não acredita nisso. Ele é único. A nuvem pode carregá-lo, mas não pode alterá-lo.

Sem animação, sem diversão, pensa, e depois, imediatamente: psiu, psiu, psiu, fique na sua.

A criatura cinza ergue a mão numa espécie de saudação fatigada. Nela há três dedos compridos que terminam em unhas róseas. De debaixo delas, esvai-se um pus amarelo e espesso. Mais dessa substância cintila aqui e ali nas dobras da pele, e também dos cantos dos olhos do sujeito — da coisa?

Tem razão, precisa de uma dose, diz Jonesy. Talvez um pouco de Drano ou Lysol, algo assim. Fazê-lo esquecer...

E então, um terrível pensamento lhe ocorre; por um momento, é tão intenso que não consegue resistir à força que o atrai para a cama. Depois, seus pés se movem de novo, deixando pegadas vermelhas atrás de si.

Não vai beber o meu sangue, vai? Como um vampiro?

A coisa na cama sorri sem sorrir. Nós somos, expressando-me nos seus termos, vegetarianos.

É, mas o que me diz do Comilão ali?, Jonesy aponta para a fuinha sem pernas, e ela expõe um bocado de dentes-agulhas num grotesco

sorriso largo. O Comilão é vegetariano?

Sabe que não, a coisa cinza responde, sem mover a fenda que é a boca — este sujeito é um puta ventríloquo, há que se dar a mão à palmatória; seria adorado no Catskills. Mas você sabe que não há por que ter medo dele.

Por quê? Sou tão diferente assim?

A coisa cinza agonizante (claro que está agonizando, o corpo sucumbindo, deteriorando-se de dentro para fora) não responde, e Jonesy pensa mais uma vez: Sem animação, sem diversão. Tem a impressão de que esse é o tipo de pensamento que o camarada cinza adoraria ler, mas isso está fora de cogitação; a capacidade de escudar seus pensamentos é uma outra parte que o torna diferente, único, e vive la différence é tudo o que Jonesy pode dizer (não que o diga de fato).

Sou tão diferente assim?

Quem é Duddits?, a coisa cinza pergunta, e, como Jonesy não responde, a coisa sorri de novo sem mover a boca. Taí, a coisa cinza fala. Nós dois fazemos perguntas que o outro não responde. Vamos colocá-las de lado, sim? Com os naipes para baixo. Elas são do... como é que se diz? Como é que se diz, no jogo?

Descarte, Jonesy responde. Agora sente o cheiro da decomposição da coisa. É o cheiro que McCarthy levou consigo para a cabana, o cheiro de éter. Pensa de novo que deveria ter alvejado o ah-não e puxa-vida filho da puta, alvejado antes que entrasse onde havia aquecimento. Deixado a colônia dentro dele morrer embaixo da plataforma no velho bordo à medida que o corpo fosse esfriando.

Descarte, é, fala a coisa cinza. O apanhador de sonhos agora está aqui, suspenso no teto e girando lentamente acima da cabeça da coisa cinza. Essas coisas que nós não queremos que nem um nem outro saiba, vamos colocá-las de lado para ver mais tarde. Vamos colocá-las no descarte.

O que quer de mim?

A criatura cinza fita Jonesy, sem piscar. Tanto quanto Jonesy percebe, não pode piscar; não tem pálpebras nem pestanas.

Nein pálpebras nein pestanas, diz, mas é a voz de Pete que Jonesy ouve. Sempre nein, nunca nem. Quem é Duddits?

E Jonesy fica tão surpreso de ouvir a voz de Pete que quase lhe diz... o que, claro, era a intenção: para pegá-lo de surpresa. Esta coisa é astuta, agonizando ou não. É bom estar em guarda. Envia para a criatura cinza uma fotografia de uma enorme vaca marrom com uma placa pendurada no pescoço. A placa diz: DUDDITS, A VACA.

De novo o sujeito cinza sorri sem sorrir, sorri dentro da cabeça de Jonesy. Duddits, a vaca, diz. Penso que não.

De onde você veio?, Jonesy pergunta.

Do Planeta X. Viemos de um planeta em extinção para comer pizza no Domino's, fazer compras com crédito a juros baixos e aprender italiano pelo método simples Berlitz. A voz de Henry, dessa vez. Depois o Sr. ET-

Telefonar-Para-Casa retoma a própria voz... ocorre que, Jonesy percebe com uma enfadonha falta de surpresa, a voz dele é a sua voz, a voz de Jonesy. E ele sabe o que Henry diria: que está tendo um surto de alucinações em consequência da morte de Beaver.

Nunca mais, não diria, Jonesy pensa. Nunca mais. Agora ele é o homem-ovo, e o homem-ovo sabe das coisas.

Henry? Morrerá em breve, diz com indiferença o sujeito cinza. A mão desliza furtivamente sobre a coberta; os três dedos compridos envolvem a mão de Jonesy. A pele é quente e seca.

O que quer dizer com isso?, Jonesy pergunta, apreensivo por causa de Henry... mas a coisa na cama não responde. É outra carta para o descarte, de modo que Jonesy joga outra carta que tem na mão: Por que me chamou aqui?

A criatura cinza expressa surpresa, embora seu rosto não se mexa. Ninguém quer morrer sozinho, diz. Só quero ter alguém como companhia. Sei, ficaremos vendo televisão.

Eu não quero...

Há um filme em especial que eu quero ver. Você também vai gostar. Chama-se Simpatia pelos guris cinzentos. Comilão! O controle remoto!

O Comilão lança para Jonesy um olhar que parece particularmente maldoso, em seguida desce deslizando do travesseiro, a cauda flexível produzindo um som seco de fricção, como uma serpente se arrastando na superfície de uma rocha. No criado-mudo está o controle remoto da TV, também coberto de fungo. O Comilão o apanha, vira-se e desliza de volta até a criatura cinza com o controle remoto preso entre os dentes. A coisa cinza solta a mão de Jonesy (a sensação do toque não é repulsiva, mas ainda assim é um alívio ter a mão solta), pega o controle remoto, aponta-o para o aparelho de televisão e pressiona o botão ON. A imagem que aparece — ligeiramente borrada, mas não obstruída pelo leve bolor que germina no vidro — é de um galpão atrás de uma cabana. No centro da tela está um objeto oculto por uma lona verde. E mesmo antes de a porta se abrir e ver a si mesmo entrando, Jonesy compreende que isso já aconteceu. O astro de Simpatia pelos guris cinzentos é Gary Jones.

Paciência, a criatura agonizante na cama diz, instalada confortavelmente no centro de seu cérebro, perdemos os créditos, mas, sim, o filme está no comecinho.

Era isso que Jonesy temia.

5

A porta do galpão se abre e Jonesy entra. Bem o sujeito com aparência de mosaico que ele é, usando sua própria parca, as luvas de Beaver e um velho boné laranja de Lamar. Por um momento, o Jonesy que está

assistindo no quarto do hospital (puxou a cadeira de visitas e está sentado ao lado da cama do Sr. Cinza) pensa que o Jonesy no galpão que abriga a motoneve na Hole in the Wall foi, afinal de contas, infectado, e que o bolor vermelho está germinando nele. Depois, se lembra de que o Sr. Cinza explodiu bem diante dele — quer dizer, a cabeça explodiu — e Jonesy está utilizando o que sobrou dele.

Só que você não explodiu, diz. Você... você o quê? Semeou?

Psiu!, exclama o Sr. Cinza, e o Comilão expõe o terrível amontoado de dentes, como se dissesse para Jonesy deixar de ser tão mal-educado. Gosto da música, você não?

A trilha sonora é "Sympathy for the Devil", dos Rolling Stones, bastante adequada, uma vez que o nome é quase igual ao título do filme (minha estreia no cinema, Jonesy pensa, espero que Carla e as crianças o vejam), mas, na verdade, Jonesy não gosta, entristece-o por algum motivo.

Como pode gostar dela?, pergunta, ignorando os dentes arreganhados do Comilão — o Comilão não representa um perigo para ele, e os dois sabem disso agora. Como pode? É o que estavam tocando quando os massacraram.

Sempre nos massacram, retruca o Sr. Cinza. Agora fique quieto, assista ao filme, esse trecho é lento mas depois melhora bastante.

Jonesy cruza as mãos no colo vermelho — a sangria parece ter parado, pelo menos — e assiste a Simpatia pelos guris cinzentos, estrelado pelo inigualável Gary Jones.

6

O inigualável Gary Jones tira a lona que cobre a motoneve, localiza a bateria dentro de uma caixa de papelão em cima da bancada de trabalho e a instala, tomando o cuidado para conectar os cabos aos terminais corretos. E aí se esgota seu conhecimento de mecânica — é professor de História, não mecânico, e sua noção de melhorias domésticas é fazer com que os filhos assistam ao History Channel de vez em quando, em vez de Xena. A chave está na ignição, e as luzes do painel de instrumentos se acendem quando ele gira a chave — acertou ao instalar a bateria, de qualquer maneira —, mas o motor não pega. Nem mesmo se move. O motor de arranque faz um som de tu-tuu-tu e é só.

— Ó Deus ó céus caramba que maçada — diz, encadeando as palavras numa cadência monótona. Não tem certeza se conseguiria manifestar muita emoção agora, mesmo que realmente o quisesse. É fã de filme de horror, viu mais de uma dezena de vezes Vampiros de almas (viu inclusive a porcaria da refilmagem, com Donald Sutherland) e sabe o que está acontecendo. O corpo dele foi sequestrado, o mais justa e completamente sequestrado. Embora não vá haver um exército de zumbis,

nem mesmo uma cidade deles. Ele é único. Sente que Pete, Henry e o Beav também são únicos (era único, no caso do Beav), mas ele é o mais único de todos. Não se deve falar isso — como o queijo produzido pelo fazendeiro de Dell, único, em teoria, a nada se compara —, mas este é um caso raro ao qual a regra não se aplica. Pete e Beaver eram únicos, Henry é mais único, e ele, Jonesy, é o mais único. Veja, está até mesmo estrelando em seu próprio filme! Mais único do que isso é impossível, seu filho mais velho diria.

O sujeito cinza na cama do hospital desvia o olhar da televisão, onde Jonesy I está montado na motoneve Arctic Cat, e o transfere para a cadeira, onde Jonesy II está sentado de pijama empapado de sangue.

O que está escondendo?, pergunta o Sr. Cinza.

Nada.

Por que vê o tempo todo um muro de tijolos? O que é 19, além de ser um número primo? Quem disse "Os Tigers que se fodam"? O que isso significa? O que é o muro de tijolos? Quando é o muro de tijolos? O que ele significa, por que você o vê o tempo todo?

Sente o Sr. Cinza sondando-o, mas por enquanto este núcleo está seguro. Ele pode ser carregado, mas não alterado. Não inteiramente aberto, também, ao que parece. Ainda não, pelo menos.

Jonesy leva o dedo indicador aos lábios e devolve ao sujeito cinza suas próprias palavras: Fique quieto, assista ao filme.

A coisa o examina com os bulbos pretos dos olhos (são de inseto, Jonesy pensa, os olhos de um louva-a-deus), e Jonesy os sente sondando-o mais demoradamente. Depois, a sensação desaparece. Não há pressa; cedo ou tarde, a coisa dissolverá a casca que envolve este último núcleo de um Jonesy puro não invadido, e depois saberá tudo o que deseja saber.

Enquanto isso, assistem ao filme. E quando o Comilão rasteja para o colo de Jonesy — o Comilão com os dentes afiados e o odor de éter de anticongelante —, Jonesy nem sequer o percebe.

Jonesy I, o Jonesy do galpão (só que agora é, na verdade, o Sr. Cinza), estende a mão para tocar. Há inúmeras mentes para tocar, elas estão transpondo umas as outras como transmissões de rádio na madrugada, e ele localiza, sem dificuldade, uma que detém as informações de que precisa. É como abrir um arquivo no computador pessoal e encontrar um filme em três dimensões maravilhosamente detalhado, em lugar de palavras.

A fonte do Sr. Cinza é Emil "Dawg" Brodsky, de Menlo Park, New Jersey. Brodsky é um primeiro-sargento do Exército, um tampinha especialista em controlar a mobilização de veículos militares. Só que aqui, como integrante da Equipe de Resposta Tática, o primeiro-sargento Brodsky não tem hierarquia. Aliás, ninguém tem. Chama seus superiores de chefões e os que estão hierarquicamente abaixo dele (nessa churrascada, não há muitos deles) de "ei, você". Se não souber quem é quem, "cara" ou "camarada" servem.

Há aviões a jato sobrevoando a área, mas não muitos (poderão obter

todas as fotos de que precisarem a partir de uma baixa órbita da Terra, se as nuvens se dissiparem), e, de qualquer maneira, não fazem parte do trabalho de Brodsky. Os jatos partem da base da Guarda Nacional Aérea, em Bangor, e ele está aqui, em Jefferson Tract. O trabalho de Brodsky é a rápida mobilização e concentração de helicópteros e caminhões (desde o meio-dia, todas as estradas nesta parte do estado estão fechadas e o único tráfego consiste em caminhões de cor verde-oliva de insígnias camufladas). Está também encarregado da instalação de pelo menos quatro geradores que forneçam a eletricidade necessária para a área de operações que está sendo montada em redor do mercado do Gosselin. A operação requer sensores de movimento, luzes polarizadas, luzes de perímetro e a sala de operações improvisada, equipada às pressas numa camper Windstar.

Kurtz deixou claro que essas luzes são importantíssimas — quer esse lugar tão claro como o dia a noite inteira. As luzes polarizadas vão sendo colocadas, na maioria, em torno do celeiro e o que fora um curral e um cercado de cavalo atrás do celeiro. No campo onde as quatro vacas leiteiras do velho Reggie Gosselin pastavam, duas barracas foram erguidas. A maior delas exibe uma placa na cobertura verde: COMISSÁRIO. A outra barraca é branca e sem sinalização. Não há calefatores de querosene nela, como o há na barraca maior, e disso não há necessidade. Esta é, no entender de Jonesy, um necrotério temporário. Há apenas três cadáveres nela no momento (um é o de um banqueiro que tentou fugir, o idiota), mas logo haverá dezenas deles. A menos que um acidente torne a coleta de corpos difícil ou impossível. Para Kurtz, o chefão, um acidente resolveria todo tipo de problema.

E tudo isso a propósito. A fonte do Jonesy I é Emil Brodsky, de Menlo Park.

Brodsky anda a passos largos na neve que cobre o chão enlameado e batido entre a zona de pouso dos helicópteros e o cercado onde os infectados com Ripley deverão ser mantidos (já há um bom número deles, andando de um lado para outro com a sobressaltada expressão de recém-prisioneiros, a chamarem os guardas, pedindo cigarros e informações e fazendo ameaças vãs). Emil Brodsky é atarracado, com cabelo à escovinha, cara de buldogue que parece ter sido feita para charutos baratos (na verdade, Jonesy sabe, Brodsky é um católico devoto que jamais fumou). Nesse momento, está tão ocupado como quem forra papel apenas com um braço. Está com fones de ouvido e um microfone de receptor na frente da boca. Faz contato por rádio com os comboios de abastecimento de combustível que vêm pela I-95 — esses comboios são cruciais, porque os helicópteros em missão deverão retornar praticamente zerados —, mas conversa também com Cambry, que caminha ao lado dele, a respeito do centro de controle e vigilância que Kurtz quer montado até as nove horas da noite, meia-noite no mais tardar. Esta missão deverá terminar dentro de 48 horas, esse é o rumor, mas ninguém sabe ao certo. De acordo com os rumores, o alvo principal, Guri Azul, já foi atacado, mas Brodsky acha que ninguém sabe com certeza, uma vez que os grandes helicópteros de assalto

ainda não retornaram. E, de qualquer maneira, o trabalho deles aqui é simples: concluir tudo até as 11 horas e levantar acampamento.

E, sim, santo Deus, de súbito há três Jonesy: o que assiste à televisão no quarto do hospital tomado por fungo, o que se encontra no galpão da motoneve... e o Jonesy III, que de repente surge na cabeça do católico Emil Brodsky de cabelo à escovinha. Brodsky se detém e simplesmente ergue os olhos para o céu branco.

Cambry continua a caminhar sozinho, dando-se conta, uns três ou quatro passos depois, de que Dawg parara de supetão, ali no meio do pasto enlameado das vacas. Em meio a todo o alvoroço frenético — homens correndo, helicópteros pairando, motores trovejando —, fica ali em pé como um robô sem pilhas.

— Chefão? — Cambry chama. — Algum problema?

Brodsky não responde... pelo menos não para Cambry, não responde. Para Jonesy I — o Jonesy no galpão — ele diz: Abra a tampa do motor e me mostre as velas.

Jonesy encontra dificuldade para localizar o ferrolho que abre a tampa, mas Brodsky o orienta. Em seguida, Jonesy se debruça sobre o pequeno motor, não procurando a si mesmo, mas voltando os olhos para dentro de um par de câmaras de alta resolução e enviando a imagem para Brodsky.

— Chefão? — Cambry pergunta com uma preocupação maior. — Chefão, o que foi? Alguma coisa errada?

— Nada errado — Brodsky responde, devagar e com clareza. Tira os fones de ouvido e os deixa cair em volta do pescoço; o crepitar de vozes neles é uma distração. — Preciso pensar um pouco.

E para Jonesy: Alguém tirou as velas. Procure à sua volta... é, lá estão elas. No fim da bancada.

No fim da bancada de trabalho está um pote de maionese com gasolina pela metade. A tampa do pote fora perfurada — dois furos com a ponta de uma chave de fenda —, para evitar a condensação de vapores. Imersas nela, como espécimes preservados em formol, estão duas velas de ignição Champion.

— Enxugue-as bem — diz Brodsky em voz alta, e, quando Cambry retruca: "Enxugar bem o quê?", Brodsky distraidamente o manda ficar quieto.

Jonesy resgata as velas de dentro do pote, seca-as bem, depois se senta e as conecta conforme a orientação de Brodsky. Tente agora, diz Brodsky, dessa vez sem mover os lábios, e o motor da motoneve pega com um estrondo. Inspecione a gasolina, também.

Jonesy obedece e agradece.

— De nada, chefão — diz Brodsky, e começa a andar de novo rapidamente. Cambry tem de trotar um pouco para acompanhá-lo. Percebe uma leve expressão de assombro no rosto de Dawg quando Dawg descobre os fones de ouvido pendurados no pescoço.

— Mas o que é que foi isso? — pergunta Cambry.

— Nada — responde Brodsky, mas, claro, alguma coisa foi; sem sombra de dúvida, alguma coisa foi. Falando. Uma conversa. Uma... consulta? Sim, isso. Não se lembra direito qual fora o assunto. Lembra-se, porém, das instruções que receberam naquela manhã, antes de amanhecer, quando a equipe se entusiasmou. Uma das diretrizes, que partiu direto de Kurtz, era informar sobre qualquer coisa incomum. Era aquilo incomum? O que, exatamente, fora aquilo? — Acho que me deu um branco — diz Brodsky. — Muitas coisas para fazer e pouco tempo para fazê-las. Venha, meu filho, me acompanhe.

Cambry o acompanha. Brodsky retoma a conversa dividida — comboios lá, Cambry aqui —, mas se lembra de outra coisa, de uma terceira conversa, uma que já terminou. Incomum ou não? Provavelmente não, Brodsky conclui. Decerto nada sobre o que pudesse falar com aquele Perlmutter incompetente — no que concerne a Pearly, o que não constar em sua prancheta onipresente não existe. Kurtz? Nunca. Ele respeita o velho ladino, mas o teme ainda mais. Todos o temem. Kurtz é esperto, Kurtz é corajoso, mas é também o macaco mais doido da selva. Brodsky não gosta nem mesmo de pisar por onde a sombra de Kurtz passou.

Underhill? Poderia falar com Owen Underhill?

Talvez sim... mas talvez não. Com uma questão como essa, a gente poderia levar uma facada sem nem mesmo saber por quê. Ouvira vozes por uns dois minutos — uma voz, pelo menos —, mas agora se sente bem. Contudo...

Na Hole in the Wall, Jonesy sai do galpão com um estrondoso arranco e ruma para a Deep Cut Road. Sente a presença de Henry ao passar por ele — Henry escondido atrás de uma árvore, na verdade enterrando os dentes no musgo do tronco para não emitir um grito —, mas consegue ocultar o que sabe da nuvem que envolve esse último núcleo de sua consciência. É, quase com certeza, a última vez que chegará perto do velho amigo, que jamais sairá vivo da floresta.

Jonesy desejou ter podido dizer adeus.

7

Não sei quem fez este filme, diz Jonesy, mas acho que nem precisam se preocupar com passar a ferro os smokings para a noite da entrega do Oscar. Na verdade...

Olha em redor e só vê árvores cobertas de neve. Olhos na frente de novo e nada a não ser a Deep Cut Road desenrolando-se à frente dele e a motoneve vibrando entre as coxas. Jamais houve hospital algum, jamais Sr. Cinza algum. Foi tudo um sonho.

Mas não foi. E há um quarto. Não um quarto de hospital, porém. Nada de cama, nada de TV, nada de soro glicosado. Nada de praticamente

tudo, na realidade; apenas um quadro de avisos. Duas coisas pregadas nele: um mapa do norte da Nova Inglaterra com algumas rotas assinaladas — as rotas dos Irmãos Tracker — e uma foto Polaroid de uma adolescente de saia levantada, revelando um tufo de pelos loiros. Ele está olhando para a Deep Cut Road por uma janela. É, Jonesy não tem dúvida quanto a isso, a janela que estava no quarto do hospital. Mas o quarto do hospital não era boa coisa. Teve de sair daquele quarto porque...

O quarto do hospital não era seguro, Jonesy pensa... como se este quarto fosse, como se qualquer lugar fosse. E no entanto... este é mais seguro, talvez. Este é seu refúgio derradeiro, e o decorou com a fotografia que, imaginava, todos queriam ver quando percorreram o passeio em 1978. Tina Jean Sloppinger, ou qualquer que fosse o nome dela.

Algumas coisas que vi eram reais... lembranças válidas recuperadas, Henry diria. Realmente pensei ter visto Duddits naquele dia. Por isso atravessei a rua sem olhar para os lados. Quanto ao Sr. Cinza... agora eu sou ele. Não sou? A não ser essa parte de mim neste quarto empoeirado, vazio e sem graça, com as camisinhas usadas jogadas no chão e a foto da garota no quadro de avisos, eu sou todo o Sr. Cinza. Não é esta a verdade?

Nenhuma resposta. O que é toda a resposta de que ele precisa, mesmo.

Mas como foi que aconteceu? Como vim parar aqui? E por quê? Para quê?

Nenhuma resposta ainda. E, para essas perguntas, não encontra respostas suas para dar. Sente-se apenas contente por ter um lugar onde ainda pode ser o que é, mas assombrado com a facilidade com que sua vida foi sequestrada. Mais uma vez deseja, com uma total e amarga sinceridade, ter podido matar McCarthy.

8

Uma gigantesca explosão abalou o dia e, embora o local de origem estivesse a quilômetros de distância, foi, ainda assim, forte o bastante para fazer a neve cair dos galhos das árvores. O vulto na motoneve nem sequer olhou em volta. Era a espaçonave. Os soldados a explodiram. Os byrus se foram.

Minutos depois, o teto caído do abrigo foi se tornando visível à sua direita. Estirado na neve na frente dele, uma bota ainda presa embaixo da chapa de zinco que servia de cobertura, estava Pete. Parecia morto, mas não estava. Brincar de morto não era uma opção, não nesse jogo; pôde ouvir Pete pensando. E, ao parar a motoneve e deixá-la em ponto morto, Pete ergueu a cabeça e expôs os dentes que lhe restavam num sorriso destituído de humor. O braço esquerdo de seu casaco estava enegrecido e derretido. Parecia haver apenas um dedo são na mão direita. Toda a pele

visível estava pontilhada de byrus.

— Você não é Jonesy — disse Pete. — O que fez com o Jonesy?

— Vamos, Pete — disse o Sr. Cinza.

— Não quero ir com você para lugar nenhum. — Pete ergueu a mão direita, os dedos definhando, os conglomerados de byrus vermelho-dourados, e com ela enxugou a testa. — Se arranque daqui. Pegue o seu cavalo e se mande.

O Sr. Cinza inclinou a cabeça que antes pertencera a Jonesy (Jonesy assistindo a tudo pela janela do depósito abandonado dos Irmãos Tracker que era seu refúgio, impossibilitado de ajudar ou de alterar qualquer coisa) e fitou Pete. Pete começou a gritar à medida que os byrus que germinavam por todo o seu corpo se adensavam, as raízes da substância penetrando-lhe os músculos e os nervos. A bota presa debaixo da chapa de zinco do teto caído se libertou num puxão e Pete, ainda gritando, encolheu-se numa posição fetal. Sangue fresco jorrou da boca e do nariz. Quando ele tornou a gritar, dois outros dentes saltaram da boca.

— Vamos, Pete.

Chorando, segurando a mão dilacerada contra o peito, Pete tentou se pôr de pé. A primeira tentativa foi um fracasso; estatelou-se novamente na neve. O Sr. Cinza nada comentou, limitou-se a ficar montado na motoneve parada, a observar.

Jonesy sentiu a dor, o desespero e o medo atroz de Pete. O medo era, de longe, o pior, e decidiu correr um risco.

Pete.

Só um sussurro, mas Pete escutou. Ergueu os olhos, o rosto desfigurado e manchado de fungo — o que o Sr. Cinza chamava de byrus. Quando Pete lambeu os lábios, Jonesy viu que a substância também germinava na língua. Afta do espaço cósmico. Uma vez, Pete quisera ser astronauta. Uma vez, enfrentara uns marmanjões para defender alguém que era bem menor e mais fraco. Merecia coisa melhor.

Sem animação, sem diversão.

Pete quase sorriu. A cena era ao mesmo tempo bela e dolorosa. Dessa vez, ele se pôs de pé e caminhou devagar até a motoneve.

No escritório vazio no qual se exilara, Jonesy viu a maçaneta da porta girar. O que isso significa?, o Sr. Cinza perguntou. O que é sem animação, sem diversão? O que está fazendo aí dentro? Volte para o hospital e veja televisão comigo, por que não volta? Como conseguiu entrar aí, em primeiro lugar?

Era a vez de Jonesy de não responder, e foi o que fez com um grande prazer.

Vou entrar, disse o Sr. Cinza. Quando eu estiver preparado, vou entrar. Pensa que pode trancar a porta e me barrar, mas está enganado.

Jonesy ficou em silêncio — não havia necessidade de provocar a criatura que agora comandava seu corpo —, mas não achou que estivesse errado. Por outro lado, não se atreveu a ir embora; seria devorado, se o fizesse. Era apenas um núcleo numa nuvem, um pouco de comida não

digerida no intestino de um alienígena.

Melhor ser discreto.

9

Pete montou atrás do Sr. Cinza e se agarrou à cintura de Jonesy. Dez minutos depois, a motoneve passou pelo Scout capotado, e Jonesy entendeu por que Pete e Henry tinham demorado para voltar do armazém. Era espantoso que os dois tivessem sobrevivido ao acidente. Gostaria de examinar mais de perto o veículo, mas o Sr. Cinza não diminuiu a velocidade, prosseguiu com a Arctic Cat aos trancos e barrancos, rodando no leito da estrada entre os dois sulcos cobertos de neve.

Cerca de 5 quilômetros adiante, chegaram a um monte e Jonesy viu uma luminosa bola de luz branco-amarelada suspensa menos de 30 centímetros acima da estrada, esperando-os. Parecia quente como a chama de um maçarico, mas evidentemente não era; a neve, poucos centímetros abaixo dela, não havia derretido. Era, quase com certeza, uma das luzes que ele e Beaver viram dançando nas nuvens, acima dos animais que fugiam vindos da Ravina.

Sim, disse o Sr. Cinza. É o que a sua gente chama de lanterna. Esta é uma das últimas. Talvez a última.

Jonesy ficou em silêncio, apenas olhando pela janela de sua cela-escritório. Sentia os braços de Pete em torno da cintura, agora segurando-se mais por instinto, como um lutador quase derrotado se agarra ao adversário para não beijar a lona. A cabeça, apoiada nas costas, pesava feito pedra. Pete era agora um meio de cultura para o byrus, e o byrus o adorava; o mundo estava frio, mas Pete estava quente. O Sr. Cinza queria utilizá-lo para algum propósito — para o quê, Jonesy não sabia.

A lanterna os conduziu pela estrada por cerca de mais um quilômetro, depois desviou para dentro da floresta. Infiltrou-se entre dois enormes pinheiros e os aguardou, rodopiando acima da neve. Jonesy escutou o Sr. Cinza instruir Pete para se segurar o mais firme possível.

A Arctic Cat quicou e rosnou ao subir um ligeiro declive, os esquis revolvendo a neve e cuspindo-a para os lados. Assim que se viram sob a cúpula da floresta, havia pouca neve, em alguns lugares nenhuma. Nesses lugares, a esteira da motoneve se chocava ruidosa e furiosamente com o chão congelado, que era, sobretudo, rocha sob uma fina camada de solo e folhas de pinheiros caídas. Rumavam para o norte agora.

Dez minutos depois, bateram com ímpeto numa saliência de granito e Pete caiu da traseira, rolando e emitindo um grito abafado. O Sr. Cinza soltou o acelerador da motoneve. A lanterna também se deteve, girando acima da neve. Jonesy achou que agora ficara mais escuro.

— Levante-se — disse o Sr. Cinza. Voltara-se para trás no selim e

olhava para Pete.

— Não posso — Pete respondeu. — Estou acabado, cara. Eu...

Então, Pete começou a uivar e se debater no chão, a espernear, as mãos — uma queimada, a outra lacerada — tremendo.

Pare com isso!, Jonesy gritou. Você o está matando!

O Sr. Cinza o ignorou, limitando-se a ficar onde estava, virado para trás a observar Pete com uma paciência implacável, sem qualquer emoção, enquanto o byrus pressionava e lhe penetrava a carne. Por fim, Jonesy sentiu o Sr. Cinza atenuar. Pete se pôs de pé, cambaleando. Havia um novo corte numa face, já fervilhando de byrus. Seus olhos estavam ofuscados, exaustos, banhados de lágrimas. Retornou à motoneve e mais uma vez se agarrou à cintura de Jonesy.

Segure-se na minha parca, Jonesy murmurou, e, quando o Sr. Cinza se virou para a frente e tornou a engrenar a motoneve, sentiu Pete envolvê-lo. Sem animação, sem diversão, entendido?

Sem diversão, Pete concordou, mas fracamente.

O Sr. Cinza não deu atenção a isso dessa vez. A lanterna, menos brilhante, mas ainda veloz, partiu de novo para o norte... ou ao menos para a direção que Jonesy supunha ser o norte. À medida que a motoneve ia ziguezagueando entre as árvores, as densas massas de arbustos e os blocos de pedra, perdeu seu senso de direção. Atrás deles soou um estrépito contínuo de disparos.

10

Cerca de uma hora depois, Jonesy por fim descobriu o motivo pelo qual o Sr. Cinza se preocupara com Pete. Isso ocorreu quando a lanterna, que se reduzira a uma anêmica sombra da original, apagou-se de vez. Desapareceu com um suave som de explosão — como se alguém estourasse um saco de papel. Alguns fragmentos de detrito se depositaram no chão.

Encontravam-se num cume com árvores enfileiradas no meio do nada. À frente, estendia-se um vale arborizado e coberto de neve; no lado mais distante, erguiam-se colinas erodidas e samambaias entrelaçadas com capoeira onde não brilhava uma única luz. E, para completar, anoitecia.

Você nos meteu numa outra bela enrascada, pensou Jonesy, mas não captou qualquer desalento por parte do Sr. Cinza. O Sr. Cinza soltou o acelerador, parou a motoneve e simplesmente ficou imóvel.

Norte, disse o Sr. Cinza. Não para Jonesy.

Pete respondeu em voz alta, a voz exaurida e arrastada.

— Como é que eu posso saber? Caramba, não vejo nem mesmo o lado em que o sol está se pondo. Um dos meus olhos também está todo fodido.

O Sr. Cinza virou para trás a cabeça que era de Jonesy e viu que o

olho esquerdo de Pete fora inutilizado. A pálpebra, empurrada para cima, dava-lhe um aspecto ridículo de surpresa. Brotando na órbita, uma pequena selva de byrus. Os filamentos mais longos pendiam, oscilando sobre a face de barba crescida. Outros filamentos se enredavam no cabelo fino em viçosas estrias vermelho-douradas.

Você sabe.

— Talvez — retrucou Pete. — E talvez eu não queira guiá-lo para lá.

Por que não?

— Porque duvido que o que você quer seja saudável para nós, seu imbecil — disse Pete, e Jonesy sentiu um absurdo orgulho.

Jonesy viu a substância estremecer na cavidade ocular. Pete gritou e cobriu o rosto com a mão. Por um momento — breve, porém demasiado longo —, Jonesy imaginou com nitidez as gavinhas vermelho-douradas saindo do olho morto e penetrando o cérebro de Pete, onde se estenderam como dedos fortes que agarram uma esponja cinza.

Vamos, Pete, diga-lhe!, Jonesy gritou. Pelo amor de Deus, diga-lhe!

O byrus continuou a brotar. A mão de Pete se retirou do rosto, que agora estava lívido onde não dominava o vermelho-dourado.

— Onde você está, Jonesy? — perguntou. — Tem espaço para dois?

A resposta breve era, claro, não. Jonesy não entendia o que acontecera com ele, mas sabia que a sobrevivência prolongada — o último núcleo de autonomia — de algum modo dependia de ele permanecer exatamente onde estava. Se chegasse a abrir a porta, estaria destruído para sempre.

Pete balançou a cabeça.

— Foi o que eu pensei — disse, e então se dirigiu ao outro. — Não me fira outra vez, cara.

O Sr. Cinza continuou sentado em silêncio, olhando para Pete com os olhos de Jonesy e nada prometendo.

Pete suspirou, depois ergueu a mão esquerda queimada e esticou um dedo. Fechou os olhos e começou a oscilar o dedo de um lado para outro, de um lado para outro. Enquanto o fazia, Jonesy quase pôde compreender tudo. Qual era o nome daquela menininha? Rinkenhauer, não era? Sim. Não se lembrava do primeiro nome, mas um nome infeliz como Rinkenhauer não se esquece. Ela também frequentava a Mary M. Snowe, conhecida como a Academia dos Retardados, embora, na ocasião, Duddits tivesse ido para o vocacional. E Pete? Pete sempre tivera um engraçado jeito peculiar de se lembrar das coisas, mas depois de Duddits...

As palavras ocorreram de novo a Jonesy enquanto ficava ajoelhado naquela cela imunda, olhando para o mundo que lhe fora roubado... só que não eram palavras de verdade, apenas vogais abertas, tão estranhamente belas:

Ooo oocê a inha, Ite? Você vê a linha, Pete?

Pete, o rosto estampando um assombro surpreso e sonhador, respondera que sim, via a linha. E na ocasião fez o movimento com o dedo, esse tique-taque, tal como fazia agora.

O dedo parou, a ponta ainda com um tremor imperceptível, como uma varinha mágica, na borda de uma rocha que contém água. Em seguida, Pete apontou o dedo para o cume numa linha que ia ligeiramente a estibordo da direção para a qual a motoneve estava voltada.

— Lá — disse, e abaixou a mão. — Diretamente para o norte. Em frente à superfície vertical daquele rochedo. Aquele com o pinheiro no centro. Está vendo?

Sim, estou vendo. O Sr. Cinza se virou para a frente e acionou o motor da motoneve. Jonesy perguntou a si mesmo o quanto restaria de gasolina no tanque.

— Posso me mandar agora? — Querendo dizer: podia morrer agora?

Não.

E tornaram a partir, Pete agarrando-se sem forças à parca de Jonesy.

11

Costearam a superfície vertical do rochedo, subiram ao cume da colina mais alta que se erguia adiante dele, e ali o Sr. Cinza tornou a se deter, para que seu substituto da lanterna pudesse reconduzi-los. Pete o acatou e eles prosseguiram, agora tomando um caminho que ficava um pouco a oeste do verdadeiro norte. A luz do dia continuava a morrer. Numa ocasião, ouviram helicópteros — pelo menos dois, talvez até mesmo quatro — aproximando-se deles. O Sr. Cinza entrou bruscamente com a motoneve no meio de um cerrado grupo de arbustos, indiferente aos galhos que agrediam o rosto de Jonesy, arrancando-lhe sangue das faces e da testa. Pete tornou a cair da parte traseira do selim. O Sr. Cinza silenciou o motor da Arctic Cat, depois arrastou Pete, que gemia, semiconsciente, para baixo da mais densa camada de arbustos. Ali aguardaram os helicópteros passar. Jonesy sentiu o Sr. Cinza alcançar um dos tripulantes e rapidamente sondá-lo, talvez desejando se certificar do que o homem sabia acerca daquilo que Pete lhe dissera. Quando os helicópteros se distanciaram a sudeste, aparentemente retornando à base, o Sr. Cinza acionou o motor da motoneve, e partiram mais uma vez. Começara a nevar de novo.

Uma hora depois, pararam numa outra elevação, e Pete tornou a cair da motoneve, dessa vez tombando de lado. Levantou o rosto, mas o rosto estava praticamente destruído, soterrado numa barba de vegetação. Tentou falar alto e não conseguiu; a boca estava cheia, a língua enterrada embaixo de um viçoso tapete de byrus.

Não consigo, cara. Não consigo, chega, por favor, me deixe ir.

— Sim — disse o Sr. Cinza. — Acho que você serviu para o propósito.

Pete!, Jonesy gritou. Depois, voltou-se para o Sr. Cinza: Não, não, não

faça isso!

O Sr. Cinza o ignorou, obviamente. Por um momento, Jonesy captou um silencioso entendimento no único olho são de Pete. E um alívio. Naquele momento, ainda foi capaz de entrar em contato com a mente de Pete — o amigo de infância, o que sempre ficava esperando em frente ao portão da DJHS, uma das mãos fechada em concha sobre a boca, escondendo um cigarro imaginário, o amigo que seria um astronauta e veria o mundo inteiro a partir da órbita da Terra, um dos quatro amigos que ajudaram a libertar Duddits daqueles marmanjões.

Por um momento. Depois sentiu algo saltar da mente do Sr. Cinza, e a coisa que brotava em Pete não só estremeceu como também cerrou-se. Soou um tenebroso estalo quando o crânio de Pete rachou em vários lugares. O rosto — o que dele sobrara — murchou como se sugado por dentro, numa espécie de puxão, envelhecendo-o num zás. Depois, ele caiu de bruços, e a neve começou a salpicar as costas de sua parca.

Seu puto!

O Sr. Cinza, alheio ao xingamento e à fúria de Jonesy, nada respondeu. Tornou a olhar para a frente. O vento que ia soprando cada vez mais forte amainou por um instante quando o Sr. Cinza virou o rosto, e na cortina de neve se abriu um buraco. Cerca de 8 quilômetros a noroeste de sua posição atual, Jonesy avistou luzes em movimento — não lanternas, mas faróis. Muitos deles. Caminhões avançando em comboio ao longo da autoestrada. Caminhões e nada mais, ele supôs. Aquela região do Maine agora pertencia aos militares.

E estão todos atrás de você, seu filho da puta, disse com violência, enquanto a motoneve começava a rodar de novo. A neve se adensou em redor deles, impedindo a visão instantânea dos caminhões, mas Jonesy sabia que o Sr. Cinza não teria dificuldade em localizar a autoestrada. Pete o conduzira até ali, até uma área da zona de quarentena na qual, Jonesy imaginava, ele esperava poucos contratempos. Contava com Jonesy para orientá-lo no resto do caminho, porque Jonesy era diferente. Para começar, não fora infectado com o byrus. Por algum motivo, o byrus não gostava dele.

Jamais sairá daqui, disse Jonesy.

Sairei, retrucou o Sr. Cinza. Sempre morremos e sempre vivemos. Sempre perdemos e sempre vencemos. Goste ou não, Jonesy, somos o futuro.

Se isso for verdadeiro, é o melhor motivo que conheço para se viver no passado, retrucou Jonesy, mas não obteve resposta do Sr. Cinza. O Sr. Cinza, como entidade, como consciência, já não existia, de novo incorporado à nuvem. O que dele sobrara bastava apenas para comandar as habilidades de mecânico de Jonesy e para manter a motoneve apontada na direção da autoestrada. E Jonesy, levado sem defesa para a frente na missão que a coisa tinha, qualquer que fosse a missão, encontrou um pouco de consolo em duas coisas. Uma era que o Sr. Cinza não sabia como se introduzir em sua última parte intata, a ínfima parte que existia em sua recordação do

escritório dos irmãos Tracker. A outra era que o Sr. Cinza não sabia acerca de Duddits — acerca de sem animação, sem diversão.

Jonesy pretendia se certificar de que o Sr. Cinza não o descobriria.

Pelo menos ainda não.

Capítulo Treze

No Gosselin

1

Para Archie Perlmutter, orador da turma de formatura (tema do discurso: "Os Deleites e as Responsabilidades da Democracia"), ex-escoteiro de distinção, fiel presbiteriano e graduado do West Point, o Gosselin's Country Market já não parecia real. Agora sob as luzes de uma potência em velas suficiente para iluminar um povoado, tinha o aspecto de um cenário de filme. Não qualquer filme, porém, mas uma extravagância do tipo James Cameron, no qual só o custo do abastecimento de comida para a equipe equivaleria a uma quantia que daria para alimentar o povo do Haiti durante dois anos. Mesmo a constante e cada vez mais intensa precipitação da neve não se destacava muito no clarão das luzes, nem desfazia a ilusão de que toda aquela obra, do tapume de tábuas malconstruído ao par de chaminés de lata tortas da estufa à lenha espetadas no telhado, até a única bomba de gasolina enferrujada na frente, era simplesmente um cenário.

Esta é a Abertura, Pearly pensou ao andar com rapidez com a prancheta debaixo do braço (Archie Perlmutter sempre achou que era um homem de grande talento artístico... comercial, também). Fazemos o fade-in num isolado armazém do interior. Os antigos moradores do lugar estão sentados em volta da estufa — não a pequena, no escritório do Gosselin, mas a grande, dentro do próprio armazém —, enquanto a neve desaba lá fora. Estão conversando sobre luzes no céu... caçadores desaparecidos... homenzinhos cinzentos vistos na floresta. O dono do armazém — vamos chamá-lo de o velho Rossiter — zomba das histórias. "Ora, façam-me o favor, vocês são um bando de mexeriqueiras!", diz, e bem nessa hora o lugar inteiro é banhado por essas luzes brilhantes (lembre-se de Contatos imediatos do 3º grau), no que um óvni pousa no chão! Alienígenas sedentos de sangue entram de supetão, disparando os raios mortais! É igual a Independence Day, só que, e aí é que está o tchã, na floresta!

Ao lado dele, Melrose, o terceiro auxiliar de cozinha (que era o mais próximo que se chegava de um posto oficial naquela aventurazinha), pelejava para acompanhá-lo. Calçava tênis, em vez de sapatos ou botas — Perlmutter o arrancara às pressas do Spago's, que era como os homens chamavam a barraca da cozinha —, e escorregava o tempo todo. Homens (umas poucas mulheres) passavam por eles, quase sempre em marcha acelerada. Muitos falavam para microfones redondos ou para walkie-talkies. A sensação de que se tratava de um cenário de filme, em lugar de um

lugar real, aumentava com a presença dos trailers, das casas-reboque, dos helicópteros com os motores ligados (o tempo, que piorara, forçara-os a voltar) e do intermitente e conflitante rugido de motores e geradores.

— Por que ele quer falar comigo? — Melrose tornou a perguntar. Sem fôlego e num lamento, mais do que nunca. Estavam agora passando pelo cercado e pelo curral num lado do celeiro do Gosselin. A velha cerca dilapidada (fazia dez anos ou mais que um cavalo de verdade não era colocado no curral ou exercitado no cercado) fora reforçada com fileiras alternadas de arame farpado e arame liso. Uma corrente elétrica fora conectada ao arame liso, provavelmente não letal, mas forte o bastante para nocautear alguém, em convulsão... mas a voltagem poderia ser aumentada para níveis letais, se os nativos se inquietassem. Atrás desse arame, observando-os, havia 20 ou 30 homens, entre eles o velho Gosselin (na versão de James Cameron, Gosselin seria interpretado por um veterano de feições marcadas como Bruce Dern). Anteriormente, os homens postados atrás do arame teriam gritado, fazendo ameaças e exigências iradas, mas, depois que viram o que acontecera com o banqueiro de Massachusetts que tentara fugir, perderam um bocado de tesão, coitados. Ver alguém levar um tiro na cabeça acaba com os "vá se foder" de qualquer homem. E, depois, havia o fato de que todos os camaradas que participavam da operação estavam usando máscaras sobre o nariz e a boca. Isso eliminou qualquer "vá se foder" que sobrara.

— Chefão? — O quase lamento deu lugar a um autêntico lamento. Ter visto cidadãos norte-americanos atrás de arames farpados aparentemente contribuiu para a inquietação de Melrose. — Chefão, espere aí... por que o mandachuva quer me ver? O mandachuva nem sabe que existe terceiro ajudante de cozinha.

— Não sei — Pearly respondeu. Falou a verdade.

Adiante, parados na entrada do que se apelidou de Beco do Cóptero, estavam Owen Underhill e um sujeito da mobilização de comboios. Esse sujeito quase gritava dentro da orelha de Underhill, para se fazer ouvir em meio ao barulho dos motores ligados dos helicópteros. Sem dúvida, Perlmutter pensou, desligarão logo esses motores; ninguém pilotaria essas merdas, por causa da nevasca temporã que Kurtz qualificara como "nosso presente de Deus". Quando dizia coisas assim, era difícil saber se Kurtz falava sério ou se estava sendo apenas irônico. Sempre parecia que falava sério... mas às vezes ria. O tipo de riso que deixava Archie Perlmutter nervoso. No filme, Kurtz seria interpretado por James Woods. Ou, talvez, por Christopher Walken. Nenhum deles se parece com Kurtz, mas George C. Scott se parece com Patton? Caso encerrado.

De repente, Perlmutter se desviou e caminhou na direção de Underhill. Melrose tentou ir atrás e caiu de bunda no chão, xingando. Perlmutter deu uma palmadinha no ombro de Underhill, depois esperou que sua máscara ao menos disfarçasse parcialmente sua expressão de surpresa quando o homem se voltou. Owen Underhill parecia ter envelhecido dez anos desde que descera do ônibus do Departamento de Educação de

Millinocket.

Inclinando-se para a frente, Pearly gritou mais alto do que o vento:

— Kurtz daqui a 15! Não se esqueça!

Underhill lhe fez um aceno impaciente, dizendo que não se esqueceria, e se virou para o sujeito do comboio. Perlmutter agora o reconheceu; Brodsky era o nome dele. Os homens o chamavam de Dawg.

O posto de comando de Kurtz, um enorme trailer Winnebago (se fosse um cenário de filme, seria a casa do astro longe de casa, ou, talvez, a de Jimmy Cameron), ficava logo adiante. Pearly apressou os passos, olhando reto para a frente, dentro do flop-flop-flop da neve. Melrose corria com passos curtos para acompanhá-lo, removendo a neve do macacão.

— Caramba, patrão — implorou. — Não tem nem mesmo uma ideia?

— Não — respondeu Perlmutter. Não fazia a menor ideia do motivo pelo qual Kurtz queria falar com um terceiro ajudante de cozinha quando tudo estava engrenado. Mas achava que os dois sabiam que coisa boa não seria.

2

Owen virou a cabeça de Emil Brodsky, encostou o bojo da máscara no ouvido do homem e disse:

— Repita. Não tudo, mas só a parte que você chamou de cabeça despirocada.

Brodsky não contestou, mas levou uns dez segundos para organizar os pensamentos. Owen aguardou. Teve uma entrevista com Kurtz e, depois dela, o interrogatório — tripulação grande, montes de papelada — e só Deus sabia que tarefas medonhas haveria, mas sentia que aquilo era importante.

Contar ou não para Kurtz, isso era uma outra história.

Por fim, Brodsky virou a cabeça de Owen, encostou o bojo da máscara no ouvido de Owen e começou a falar. A história ganhara um pouco mais de detalhes dessa vez, mas era, em essência, a mesma. Estava andando pelo campo perto do armazém, conversando com Cambry a seu lado e ao mesmo tempo com um comboio de abastecimento de combustível que se aproximava, quando, de repente, sentiu que sua mente estava sendo sequestrada. Foi transportado para um velho galpão entulhado de coisas com alguém que não pôde ver direito. O homem queria fazer uma motoneve funcionar e não conseguia. Precisava que Dawg lhe dissesse qual era o defeito do motor.

— Pedi a ele que abrisse a tampa do motor! — gritou Brodsky dentro da orelha de Owen. — Ele abriu e aí foi como se eu estivesse olhando através dos olhos dele... mas com a minha mente, entende?

Owen fez que sim com a cabeça.

— Vi de cara o problema, alguém tinha removido as velas. Então,

falei para o sujeito procurar em volta, e ele procurou. O que nós dois fizemos. E lá estavam elas, dentro de um recipiente com gasolina em cima da bancada. O meu pai costumava fazer a mesma coisa com as velas do cortador de grama Lawnboy e a capinadeira dele na época do inverno.

Brodsky fez uma pausa, claramente constrangido ou pelo que estava contando ou pelo modo que imaginava que seria entendido. Owen, fascinado, fez um gesto para que continuasse.

— Não há muito mais para contar. Eu disse para ele tirar as velas, secá-las e encaixá-las. Era como as milhares de vezes que ajudei alguém a fazer alguma coisa funcionar... só que eu não estava lá, eu estava aqui. Nada estava acontecendo.

— E depois? — perguntou Owen. Gritando para se fazer ouvir em meio ao barulho dos motores, mas os dois mantinham a privacidade, como um padre e um pecador num confessionário.

— A ignição pegou de cara. Pedi que verificasse a gasolina, e o tanque estava cheio. Ele agradeceu. — Brodsky balançou a cabeça, assombrado. — E eu disse: De nada, chefão. Depois, eu meio que voltei a mim e me vi andando. Você acha que despiroquei?

— Não. Mas quero que guarde segredo disso por enquanto.

Sob a máscara, os lábios de Brodsky abriram um sorriso.

— Ô, cara, quanto a isso, nem se preocupe. Eu só... bom, a gente deve comunicar qualquer coisa incomum, essa é a instrução, e eu achei que...

Rapidamente, sem dar tempo a Brodsky para pensar, Owen perguntou:

— Qual é o nome dele?

— Jonesy Três — Dawg respondeu e, em seguida, seus olhos se arregalaram de surpresa. — Puta merda! Eu não sabia que eu sabia disso.

— Você acha que é um tipo de nome meio indígena? Como Mano Mata Seis ou Rô Nove Luas?

— Pode ser, mas... — Brodsky se interrompeu, pensando, depois irrompeu: — Foi horrível! Não enquanto estava acontecendo, mas mais tarde... pensando bem... foi como ser... — Abaixou a voz. — Como ser estuprado, senhor.

— Deixe para lá — disse Owen. — Você deve ter um bocado de coisas para fazer, não?

— Só uma centena — Brodsky respondeu, sorrindo.

— Então, mãos à obra.

— Está bom. — Brodsky deu um passo, parou e se voltou. Owen olhava para o curral, que no passado contivera cavalos e agora continha homens. Os detentos estavam, na maioria, no celeiro, e mais ou menos duas dúzias deles ali fora, com exceção de um, tinham se juntado, como se para se consolarem. O que se mantinha à parte era um sujeito alto e magricela com óculos grandes que lhe davam um aspecto de coruja. Brodsky desviou os olhos da coruja condenada e os assentou em Underhill. — Não vai me colocar uma camisa de força por causa disso, vai? Me

mandar ver um psiquibói? — Sem saber, obviamente, os dois sem saber que o magricela de óculos de aro de chifre antiquados era um psiquibói.

— Mas de jeito nen... — Owen começou. Antes que concluísse, soou um disparo dentro do Winnebago de Kurtz, e alguém se pôs a gritar.

— Chefão? — Brodsky sussurrou. Owen não o escutou, por causa do barulho dos motores; leu a palavra nos lábios de Brodsky. E: — Caralho!

— Deixe, Dawg — Owen disse. — Não é problema seu.

Brodsky olhou para ele um pouco mais, umedecendo os lábios por baixo da máscara. Owen meneou a cabeça, procurando projetar um ar de confiança, de comando, de que tudo estava sob controle. Talvez tivesse dado certo, porque Brodsky respondeu com um meneio da cabeça e se afastou.

No Winnebago, em cuja porta havia um aviso escrito à mão (O RECRUTA PARA AQUI), os gritos continuavam. Quando Owen começou a se afastar, o homem à parte no cercado se dirigiu a ele.

— Ei! Ei, você aí! Espera aí, preciso falar com você!

Aposto, pensou Underhill, sem desacelerar os passos, aposto que você tem um monte de histórias fantásticas para contar e mil razões pelas quais deveria ser tirado agora mesmo de onde está.

— Overhill? Não, Underhill. É o seu nome, não é? Claro que é. Preciso falar com você... é importante para nós dois!

Owen se deteve, não obstante os gritos que partiam do Winnebago, que agora iam se entrecortando com penosos soluços. Nada bom, mas pelo menos parecia que ninguém fora morto. Olhou com mais atenção para o homem de óculos. Magro feito vara e tremendo de frio, apesar da parca acolchoada que usava.

— É importante para Rita — gritou o magricela em meio ao ruído ensurdecedor dos motores. — Para Katrina também. — Falar os nomes pareceu amolecer o sujeito durão, como se ele os tivesse tirado como pedras de algum poço profundo, mas, com o impacto de ouvir os nomes de sua mulher e de sua filha, pronunciados pelos lábios de um estranho, Owen mal se deu conta. Era forte o impulso de se aproximar do homem e lhe perguntar como sabia os nomes, mas no momento não tinha tempo... tinha um compromisso. E só porque ninguém havia sido morto ainda não significava que ninguém seria morto.

Owen olhou mais uma vez para o homem atrás do arame, marcando-lhe o rosto, e depois caminhou a passos rápidos na direção do Winnebago com o aviso na porta.

3

Perlmutter lera O coração das trevas, vira Apocalypse Now e, em várias ocasiões, achou que o nome Kurtz era, simplesmente, um tanto oportuno

demais. Apostaria 100 dólares (uma grande soma para um artista não remunerado como ele) que não se tratava do nome verdadeiro do chefão — que o nome verdadeiro do chefão era Arthur Holsapple, Dagwood Elgart ou, talvez, até mesmo Paddy Maloney. Kurtz? Improvável. Era, quase com certeza, uma simulação, um acessório de cena tal como o fora a coronha de madrepérola da .45 de George Patton. Os soldados, alguns dos quais trabalhavam com Kurtz desde a operação Tempestade no Deserto (não fazia tanto tempo assim que Archie Perlmutter trabalhava com ele), pensavam que ele era um safado despirocado, e o mesmo pensava Perlmutter... despirocado como Patton fora despirocado. Despirocado feito uma raposa, em outras palavras. Provavelmente, ao fazer a barba de manhã, olhava-se no espelho e ensaiava a frase: "O horror, o horror", com o exato sussurro de Marlon Brando.

De modo que Pearly sentia uma ansiedade, mas não uma ansiedade incomum, ao acompanhar o terceiro ajudante de cozinha Melrose até o trailer superaquecido do comando. E Kurtz parecia muito bem. O comandante estava sentado numa cadeira de balanço de bambu na área de recepção. Tirara o macacão — pendurado atrás da porta pela qual Perlmutter e Melrose entraram — e os recebeu de ceroulas. No suporte da cadeira de balanço, pendurara pelo cinturão a pistola, não uma .45 com coronha de madrepérola, mas uma automática de 9 milímetros.

Toda a parafernália eletrônica matraqueava. Na escrivaninha de Kurtz, o fax zunia sem cessar, amontoando papel. A mais ou menos cada 15 segundos, o iMac de Kurtz berrava "Você recebeu correio!", com a alegre voz de robô. Três rádios, todos com volume baixo, estalavam e se precipitavam com transmissões. Atrás da escrivaninha estavam duas fotografias emolduradas com falso pinho. A da esquerda, com o título INVESTIMENTO, mostrava um sujeito angelical trajando uniforme de escoteiro, a mão direita erguida na saudação de três dedos dos escoteiros. A da direita, com a etiqueta DIVIDENDO, era uma fotografia aérea de Berlim tirada na primavera de 1945. Dois ou três prédios ainda de pé, mas, no geral, o que a câmara mostrava eram absurdos montes de tijolos.

De trás da escrivaninha, Kurtz fez um aceno.

— Não liguem para essas coisas, rapazes... é só barulho. Freddy Johnson está cuidando disso, mas eu o mandei ao comissário para comer. Disse-lhe que não tinha pressa, que comesse os quatro pratos, da sopa à sobremesa, do poisson ao sorbet, porque esta situação... rapazes, esta situação foi quase resolvida... ESTABILIZADA! — Deu-lhes um feroz sorriso de Franklin Delano Roosevelt e começou a balançar a cadeira. Ao lado dele, a pistola no coldre, na extremidade do cinturão, oscilava como um pêndulo.

Melrose, em resposta, esboçou um sorriso para Kurtz; Perlmutter também, com menos reserva. Sacava qual era a de Kurtz; o chefão adorava se passar por existencialista... e era de se acreditar que se tratava de uma boa vocação. Uma excelente vocação. Uma formação em humanidades não oferecia muitas vantagens para a carreira militar, mas havia algumas. Fazer frases era uma delas.

— Dei apenas uma ordem para o tenente Johnson... opa! aqui não existe posto algum... para o meu bom amigo Freddy Johnson, quero dizer... a única ordem foi que ele fizesse a oração de graças antes de comer. Vocês rezam, rapazes?

Melrose fez que sim com a cabeça, meio indeciso, mas sorrindo; Perlmutter também, mas com indulgência. Não duvidava que, assim como o nome, a declarada crença em Deus de Kurtz era plumagem.

Kurtz se embalava na cadeira, olhando com alegria para os dois homens, em cujos calçados a neve derretia, formando uma poça no chão.

— As melhores orações são as das crianças — disse Kurtz. — A simplicidade, sabem como é? "Deus é grande, Deus é bom, a Ele agradeçamos pelo alimento." Não é simples? Não é lindo?

— Sim, m... — começou Pearly.

— Feche esse bico, seu bobo — disse Kurtz, animadamente. Ainda se embalando. A pistola ainda oscilando de um lado para outro na extremidade do cinturão. Desviou o olhar de Pearly para Melrose. — O que você acha, meu bom recruta? É uma linda oraçãozinha ou não é uma linda oraçãozinha?

— Sim, s...

— Ou Allah akhbar, como dizem os nossos amigos árabes; "Não há outro Deus senão Deus." Há algo mais simples do que isso? Corta a pizza bem no meio, do centro para a borda, se entende o que quero dizer.

Ficaram em silêncio. Kurtz se embalava com mais rapidez agora, a pistola oscilando com mais rapidez, e Perlmutter começou a se sentir um tanto agitado, como se sentira no início do dia, antes de Underhill ter chegado e mais ou menos acalmado Kurtz. Isso era, provavelmente, só mais um pouco de plumagem, mas...

— Ou Moisés no arbusto em chamas! — gritou Kurtz. Seu rosto magro, um tanto cavalar, iluminou-se com um sorriso aloucado. — "Com quem falo?", Moisés pergunta, e Deus lhe dá a velha resposta: "Eu sô o que eu sô e eu sô só isso, iaca, iaca, iaca." Que brincalhão, esse Deus, hein, Sr. Melrose, o senhor realmente se refere aos nossos agentes do Além Maior como "negros espaciais"?

Melrose ficou boquiaberto.

— Me responda, recruta.

— Senhor, eu...

— Me chame de novo de senhor quando o grupo esquentar, Sr. Melrose, e o senhor irá comemorar os seus próximos dois aniversários no cercado, entendido? Sacou o que eu saquei?

— Sim, chefão. — Melrose assumira a posição de alerta, o rosto empalidecido, exceto onde havia as manchas vermelhas causadas pelo frio, manchas partidas nitidamente em duas pelas tiras das máscaras.

— Agora, você se referiu ou não se referiu aos nossos visitantes como "negros espaciais"?

— Senhor, pode ser que só de passagem eu tenha dito alguma coisa...

Movimentando-se com uma velocidade que Perlmutter mal pôde acompanhar (era quase como um efeito especial num filme do James Cameron), Kurtz arrancou a automática do coldre que oscilava, apontou-a sem fazer alvo e disparou. A parte de cima do tênis esquerdo de Melrose explodiu. Fragmentos de lona voaram. Sangue e pedaços de carne salpicaram a perna da calça de Perlmutter.

Eu não vi isso, Pearly pensou. Isso não aconteceu.

Mas Melrose estava urrando, olhando para o pé esquerdo destruído com um agonizante ar de descrença e uivando de dor. Perlmutter vislumbrou um osso no tênis e sentiu o estômago virar.

Kurtz não saiu da cadeira de balanço com a mesma rapidez com que sacou a pistola do coldre — Perlmutter ao menos viu isso acontecer —, mas mesmo assim foi rápido. Horripilantemente rápido.

Agarrou Melrose pelos ombros e fitou o rosto contorcido do terceiro ajudante de cozinha com uma grande intensidade.

— Pare de gemer, recruta.

Melrose continuou a gemer. Seu pé esguichava, e a parte com dedos pareceu a Pearly ter sido separada da parte com calcanhar. O mundo de Pearly se tornou cinzento e começou a se desfocar. Com todas as forças de sua vontade, afugentou a nuvem cinzenta. Se desmaiasse naquele momento, só Deus saberia o que Kurtz faria com ele. Perlmutter ouvira histórias e sem demora descartara 90% delas, achando que eram mero exagero ou propaganda promovida pelo próprio Kurtz com a intenção de fortalecer sua imagem de maluco matreiro.

Agora eu sei o que é, Perlmutter pensou. Isto não é fabricação de mito; isto é o mito.

Kurtz, movimentando-se com uma precisão meticulosa, quase cirúrgica, pôs a ponta do cano da pistola no centro da testa branca feito cera de Melrose.

— Acabe com essa choradeira de maricas, recruta, ou vou acabar com ela para você. Isso é inútil, como imagino que mesmo um cidadão norte-americano de inteligência curta como você já deve ter aprendido.

Melrose de algum modo engoliu os urros, transformando-os em baixos soluços guturais. Isso pareceu satisfazer Kurtz.

— Assim você pode me ouvir, recruta. Você tem que me ouvir, porque vai precisar contar para todo o mundo. Creio, louvado seja Deus, que o seu pé, o que sobrou dele, irá articular a ideia básica, mas sua boca sagrada é que deverá partilhar os detalhes. Então, está me ouvindo, recruta? Está pronto para ouvir os detalhes?

Ainda soluçando, os olhos saltando do rosto como bolas de gude azuis, Melrose concordou com um esboço de movimento de cabeça.

Rápido como uma serpente que dá o bote, Kurtz girou a cabeça, e Perlmutter viu com clareza o rosto do homem. A loucura estampada nos traços do rosto era nítida como a tatuagem de um guerreiro. Naquele momento ia abaixo tudo aquilo em que Perlmutter acreditava em relação ao chefe do comando.

— E você, recruta? Está ouvindo? Porque você também é um mensageiro. Nós todos somos mensageiros.

Pearly concordou com a cabeça. A porta se abriu, e ele viu, com um alívio indizível, que quem chegava era Owen Underhill. Os olhos de Kurtz voaram sobre ele.

— Owen! Meu caro recruta! Outra testemunha! Outro, louvado seja Deus, mensageiro! Está ouvindo? Levará a mensagem deste lugar aventurado?

Inexpressivo como um jogador de pôquer num jogo de aposta alta, Underhill fez que sim com a cabeça.

— Ótimo! Ótimo!

Kurtz voltou a atenção para Melrose.

— Vou citar o Manual de Negócios de Estado, Terceiro Ajudante de Cozinha Melrose, capítulo 16, seção 4, parágrafo 3: "O uso de epítetos inadequados, seja com base em raça, etnia ou sexo, é contraprodutivo para o moral e infringe o protocolo do serviço armado. Quando o uso é comprovado, o usuário deve ser punido imediatamente pelo conselho de guerra ou, no campo, pelo pessoal de comando apropriado", fim da citação. Pessoal de comando apropriado refere-se a mim, uso de epítetos inadequados refere-se a você. Entendido, Melrose? Sacou o que eu saquei?

Melrose, balbuciando, tentou falar, mas Kurtz o interrompeu. No limiar da porta, Owen Underhill permanecia totalmente imóvel enquanto a neve ia derretendo-se nos ombros e escorria como suor pelo transparente bojo da máscara. Os olhos cravados em Kurtz.

— Agora, Terceiro Ajudante de Cozinha Melrose, o que eu citei para você na presença destas, ó, louvado seja Deus, destas testemunhas, chama-se "ordem de conduta", e significa nada de papo-furado, nada de papo de chacota, nada de papo ofensivo, nada de papo de pele-vermelha. Significa também, que é o que se aplica a esta situação, nada de papo de negro espacial, entende isso?

Melrose tentou concordar com um movimento de cabeça, depois cambaleou, prestes a desmaiar. Perlmutter o segurou pelo ombro e lhe endireitou o corpo, esperando que Melrose não perdesse os sentidos antes que tudo aquilo chegasse a um fim. Só Deus sabia o que Kurtz faria com Melrose se Melrose cometesse a temeridade de apagar antes que Kurtz concluísse a leitura da lei do motim.

— Nós vamos exterminar os putos desses invasores, meu amigo, e, se algum dia voltarem à Terra Firme, vamos decapitar a cabeça cinzenta coletiva deles e cagar no pescoço cinzento coletivo deles; se persistirem, vamos utilizar a própria tecnologia deles, que já estamos a ponto de conhecer, contra eles mesmos, retornando ao lugar de origem deles em suas próprias espaçonaves ou em espaçonaves semelhantes construídas pela General Electric, pela DuPont e, louvado seja Deus, pela Microsoft, e uma vez lá incendiaremos as suas cidades, colmeias ou formigueiros, seja lá o que for onde vivem, vamos arrasar com napalm seus campos ambarinos de cereais e destruir com bombas nucleares a imponência de

suas montanhas purpúreas, louvado seja Deus, Allah akhbar, entornaremos a urina escaldante da América do Norte em seus lagos e oceanos... mas o faremos de um modo próprio e apropriado e sem cogitar de raça ou sexo ou etnia ou preferência religiosa. Nós o faremos porque vieram para a vizinhança errada e bateram na porta errada. Isto aqui não é a Alemanha de 1938 ou a Oxford Mississippi de 1963. Agora, Sr. Melrose, acha que pode difundir esta mensagem?

Os globos oculares de Melrose giraram para dentro, expondo o branco úmido, e seus joelhos se desarticularam. Perlmutter lhe agarrou o ombro mais uma vez num esforço de mantê-lo em pé, mas dessa vez era uma causa perdida; Melrose desabou.

— Pearly — Kurtz murmurou, e, quando aqueles olhos azuis ardentes caíram sobre ele, Perlmutter pensou que jamais sentira tanto medo na vida. A bexiga era uma sacola quente e pesada dentro dele, desejando apenas esvaziar o conteúdo no macacão. Sentiu que, se visse uma mancha escura se espalhando na altura da virilha de seu ajudante, Kurtz atiraria nele sem pestanejar, a julgar por sua disposição de ânimo no momento... mas isso não pareceu melhorar a situação. De fato, piorou-a.

— Sim, s... chefão?

— Ele irá difundir a mensagem? Ele será um bom mensageiro? Acha que absorveu o bastante ou estava preocupado demais com a porra do pé?

— Eu... eu... — No limiar da porta, Pearly viu Underhill menear a cabeça para ele de uma maneira quase imperceptível e criou coragem. — Sim, chefão... acho que ele ouviu tudo.

Kurtz pareceu primeiro surpreso com a veemência de Perlmutter, depois satisfeito. Voltou-se para Underhill.

— E você, Owen? Acha que ele difundirá a mensagem?

— Hum-hum — respondeu Underhill. — Se mandá-lo para a enfermaria antes de sangrar até morrer no seu tapete.

Os cantos da boca de Kurtz subiram, e ele gritou:

— Cuide disso, Pearly, sim?

— Agora mesmo — disse Perlmutter, rumando para a porta. Assim que passou por Kurtz, lançou para Underhill um caloroso olhar de gratidão que Underhill não percebeu ou preferiu ignorar.

— Marcha acelerada, Sr. Perlmutter. Owen, quero conversar com você mano a mano, como dizem os irlandeses. — Saltou sobre o corpo de Melrose sem olhar para ele e andou rapidamente até a kitchenette. — Café? Foi o Freddy que fez, por isso posso jurar que é bebível... não, não posso jurar, mas...

— Café seria uma boa — retrucou Owen Underhill. — Sirva que eu vou tentar parar a sangria deste camarada.

Kurtz parou ao lado da cafeteira no balcão e lançou para Underhill um olhar de dúvida que tinha um brilho secreto.

— Acha mesmo necessário?

Foi quando Perlmutter saiu. Nunca antes em sua vida sair debaixo de uma tempestade dera-lhe a sensação de escapar.

4

Henry estava junto da cerca (sem pôr a mão no arame; vira o que acontecia quando a tocavam) esperando Underhill — sim, era esse o nome dele — voltar do que devia ser o posto de comando, mas, quando a porta se abriu, um dos outros sujeitos que ele vira entrar se precipitou para fora. Assim que desceu a escada, o sujeito começou a correr. Era alto, com um desses rostos duros que Henry associava a cargo intermediário de administração. Havia no rosto uma expressão de terror, e o homem quase caiu antes de engrenar a marcha. Henry torceu para que caísse.

O administrador intermediário conseguiu manter o equilíbrio depois do primeiro escorregão, mas, a meio caminho, na direção de dois trailers engatados um no outro, os pés escapuliram do controle, e ele caiu sentado. A prancheta que ele segurava escorregou como um tobogã para duendes.

Henry estendeu as mãos e aplaudiu o mais alto que pôde. Provavelmente, não bastante alto para ser ouvido em meio ao ruído dos motores, de modo que levou as mãos em concha em volta da boca e berrou:

— Adeus às botas! Vamos ver o videoteipe!

O administrador intermediário se levantou sem olhar para ele, resgatou a prancheta e correu na direção dos dois trailers.

Havia um grupo de oito ou nove homens parados perto da cerca a uns 20 metros de Henry. Um deles, um sujeito corpulento com uma parca laranja acolchoada que o deixava parecido com o bolinho da Pillsbury, aproximou-se.

— Sabe, cara, acho que você não devia fazer isso. — Fez uma pausa, depois baixou a voz. — Mataram o meu cunhado.

Sim. Henry viu isso na mente do homem. O cunhado do sujeito corpulento, também corpulento, falando do advogado, de seus direitos, de seu emprego numa firma de investimentos de Boston. Os soldados meneando a cabeça, dizendo-lhe que era só temporário, que a situação estava se normalizando e seria resolvida até o amanhecer, o tempo todo forçando os dois enormes caçadores a irem na direção do celeiro, que já comportava um grande número de detentos, e de repente o cunhado escapou, correndo na direção do comboio de veículos, e depois os disparos, e a escuridão.

O homem corpulento contava um pouco disso para Henry, o rosto pálido grave nas luzes recém-instaladas, mas Henry o interrompeu.

— O que acha que vão fazer com todos nós?

O homem corpulento olhou para Henry e depois recuou um passo, como se achasse que Henry tivesse algo contagioso. O que era engraçado, pensando bem, porque todos eles tinham algo contagioso, ou pelo menos aquela equipe de sanitizadores governamentais pensava que tinha, e no fim o resultado seria o mesmo.

— Não fala sério — retrucou o homem corpulento. Depois, quase

com indulgência: — Estamos na América do Norte, não se esqueça.

— Estamos? Você está vendo um monte de procedimentos rigorosos, não está?

— Eles só estão... tenho certeza que só estão... — Henry aguardou, interessado, mas a frase não se concluiu, ao menos no mesmo fluxo de pensamento. — Houve um disparo, não houve? — perguntou o homem corpulento. — E acho que ouvi alguém gritando.

Dos dois trailers engatados um no outro saíram dois homens às pressas, com uma maca entre eles. Logo atrás, com óbvia relutância, saiu o administrador intermediário, a prancheta de novo enfiada firmemente debaixo do braço.

— Eu diria que você acertou. — Henry e o homem corpulento observaram os dois carregadores da maca subirem a escada do Winnebago. Quando o Sr. Administrador Intermediário estava passando bem perto da cerca, Henry o chamou. — Como vai, bota-voadora? Ainda se divertindo?

O homem corpulento recuou. O sujeito com a prancheta lhe lançou um olhar duro e continuou a correr penosamente na direção do Winnebago.

— É só... é só uma espécie de situação de emergência — disse o homem corpulento. — Tenho certeza que a situação vai estar normal amanhã cedo.

— Para o seu cunhado, não — Henry retrucou.

O homem encorpado olhou para ele, a boca cerrada um pouco trêmula. Depois se voltou para os outros homens, cujas opiniões sem dúvida coincidiam com a dele. Henry se voltou para o Winnebago e se pôs a esperar a saída de Underhill. Tinha uma sensação de que Underhill era sua única esperança... mas não importavam quais fossem as dúvidas de Underhill quanto àquela operação, tratava-se de uma esperança rarefeita. E Henry tinha apenas uma carta para jogar. A carta era Jonesy. Não sabiam acerca de Jonesy.

O problema era contar ou não contar para Underhill. Henry tinha um grande receio de que contar para o homem seria má coisa.

5

Cerca de cinco minutos depois de o Sr. Administrador Intermediário ter seguido os carregadores da maca para dentro do Winnebago, os três saíram, dessa vez com uma quarta pessoa na maca. Na luz brilhante das lâmpadas acima deles, o rosto do homem ferido estava tão pálido que parecia purpúreo. Henry sentiu um alívio ao ver que não era Underhill, porque Underhill era diferente do resto daqueles maníacos.

Dez minutos se passaram. Underhill ainda não havia saído do posto de comando. Henry esperava debaixo da neve que engrossava. Soldados vigiavam os detentos (eram isso, detentos, melhor não dourar a pílula) e,

por fim, um deles se aproximou. Os homens estacionados no entroncamento em tê da estrada Deep Cut com a Swanny Pond tinham cegado Henry com a luz dos holofotes, e ele não pôde reconhecer o homem pelas feições. Henry se sentiu satisfeito e ao mesmo tempo apreensivo ao constatar que as mentes também tinham traços, em cada detalhe tão distintivos quanto uma boca bem-feita, um nariz quebrado ou um olho estrábico. Tratava-se de um dos sujeitos que estiveram lá, o sujeito que o golpeou no traseiro com a coronha da arma ao resolver que Henry não caminhava depressa o bastante até o caminhão. O que quer que tivesse acontecido com a mente de Henry, era esquisito; ele não era capaz de captar o nome do sujeito, mas sabia que o nome do irmão dele era Frankie e que, no colégio, Frankie fora acusado e inocentado de um estupro. Havia mais — uma mistura de coisas desconectadas, como o conteúdo de uma cesta de lixo. Henry se deu conta de que estava olhando para um fluxo real de consciência e para os fragmentos e os detritos que o rio carregava. O aspecto humilde disso era o fato de ser extremamente prosaico.

— Ei, você — disse o soldado, com afabilidade. — É o sabichão. Quer uma salsicha, sabichão? — Riu.

— Já tenho um — Henry respondeu, sorrindo. E Beaver saltou de sua boca, como Beaver costumava fazer. — Freddy se foda.

O soldado parou de rir.

— Vamos ver se daqui a 12 horas você vai ser o mesmo sabichão — disse. A imagem que passou flutuando, carregada no rio entre as orelhas daquele homem, era de um caminhão repleto de corpos, membros brancos entrelaçados. — Ainda não germinou Ripley, sabichão?

Henry pensou: o byrus. É a isso que se refere. Byrus é o nome verdadeiro. Jonesy sabe disso.

Henry não respondeu, e o soldado começou a se afastar, estampando a expressão satisfeita de quem marcou pontos. Por curiosidade, Henry convocou toda a sua concentração e visualizou uma espingarda — a Garand, de Jonesy, na realidade. Pensou: Tenho uma arma. Vou matar você com ela assim que me der as costas, seu bunda-suja.

O soldado tornou a se voltar, a expressão de satisfação espalhando-se em sorriso rasgado e riso. O que a substituiu foi uma expressão de dúvida e suspeita.

— O que foi que você falou, sabichão? Falou alguma coisa?

— Estava só pensando se você também traçou aquela garota... você sabe, a que Frankie estuprou. Ele te deu alguns segundos de lambuja?

Por um momento, o soldado ficou com cara de tacho. Depois, com cara de italiano furioso. Levantou a espingarda. Para Henry, a boca da arma parecia sorridente. Correu o zíper da parca e a abriu debaixo da neve que se adensava.

— Mande bala — disse, e riu. — Mande bala, Rambo, mande ver.

O irmão de Frankie apontou a arma para Henry por mais um tempo e depois Henry sentiu a fúria do homem passar. Fora por pouco — vira o soldado tentando pensar no que diria depois, uma história plausível —, mas

demorara demais e seu cérebro anterior domara a fera. Tudo era bastante conhecido. Richie Grenadeau jamais morreu, não de verdade. Eles eram os carros blindados do mundo.

— Amanhã — disse o soldado. — Amanhã é bastante tempo para você, seu sabichão.

Dessa vez, Henry o deixou ir — não mais provocando a besta vermelha, embora Deus soubesse que teria sido fácil. Aprendera algo também... ou confirmara o que já suspeitava. O soldado ouvira seu pensamento, mas não claramente. Se tivesse ouvido claramente, teria se virado para trás com mais rapidez. Tampouco perguntara a Henry como Henry sabia o nome do irmão Frankie. Porque, em algum nível, o soldado sabia o que Henry sabia: foram infectados com telepatia, todo aquele bando ambulante de homens — pegaram-na como um irritante vírus inferior.

— Só que no meu caso foi pior — disse, fechando o zíper da parca novamente. O mesmo com Pete, Beaver e Jonesy. Mas Pete e o Beav estavam mortos agora, e Jonesy... Jonesy... — O caso de Jonesy foi o pior de todos — disse. E onde estaria Jonesy naquele momento?

Sul... Jonesy rumara para o sul. A preciosa quarentena daqueles sujeitos fora violada. Henry imaginou que eles previram que isso aconteceria. Isso não os preocupava. Pensavam que uma ou duas violações não importaria.

Henry achava que estavam equivocados.

6

Owen estava com uma caneca de café na mão, esperando os sujeitos da enfermaria saírem com seu fardo, os soluços de Melrose misericordiosamente reduzidos a murmúrios e gemidos por uma dose de morfina. Pearly os seguiu, e então Owen se viu sozinho com Kurtz.

Kurtz se sentou na cadeira de balanço, erguendo o olhar para Owen Underhill com um curioso ar de diversão marota. O homem aloprado se desprendera dele, posto de lado como uma máscara do Halloween.

— Estou pensando num número — disse Kurtz. — Qual é?

— Dezessete — Owen respondeu. — Você o vê em vermelho. Como na lataria de um carro de bombeiro.

Kurtz fez que sim com a cabeça, satisfeito.

— Tente me enviar um.

Owen visualizou uma placa de limite de velocidade: 90 km/h.

— Nove — disse Kurtz, depois de um tempo. — Preto sobre branco.

— Chegou perto, chefão.

Kurtz bebericou o café. No lado da caneca havia a inscrição ADORO MEU AVÔ. Owen também bebericou com um prazer autêntico. Era uma noite suja, e era um trabalho sujo, e o café do Freddy não estava ruim.

Kurtz encontrara tempo para vestir o macacão. Enfiou a mão no bolso interno e tirou uma enorme bandana. Observou-a por um instante, em seguida se ajoelhou com um esgar (não era segredo que o velho sofria de artrite) e começou a limpar os borrifos de sangue de Melrose. Owen, que, àquela altura, se achava incapaz de ficar chocado, ficou chocado.

— Senhor... — Ah, merda. — Chefão...

— Quieto — retrucou Kurtz, sem olhar para ele. Foi limpando mancha por mancha, tão aplicado quanto uma lavadeira. — O meu pai sempre dizia que a gente tem de limpar a sujeira que a gente faz. Pode levar você a parar e pensar um pouco na próxima vez. Qual é o nome do meu pai, recruta?

Owen o procurou e captou apenas um vislumbre, como o vislumbre de uma calcinha sob um vestido de mulher.

— Paul?

— Patrick, na verdade... mas chegou perto. Anderson acredita que há uma onda, que agora está perdendo a força. Uma onda telepática. Acha que esse conceito é apavorante, Owen?

— Sim.

Kurtz concordou com um movimento de cabeça, sem olhar para ele, esfregando e limpando.

— Mais apavorante como conceito do que como fato, porém... acha isso também?

Owen riu. O velho não perdera a capacidade de surpreender. Não jogam com o baralho completo, assim as pessoas se referiam às vezes a indivíduos instáveis. O problema no caso de Kurtz, Owen achava, era que ele jogava com mais do que um baralho completo. Havia nele uns ases adicionais. Também uns duques adicionais, e todo mundo sabe que duques são curingas.

— Sente-se, Owen. Tome o café sentado como uma pessoa normal, e me deixe fazer isso. Preciso disso.

Owen achou que talvez precisasse. Sentou-se e tomou o café. Passaram-se cinco minutos nessa situação, depois Kurtz tornou a se levantar com dificuldade. Segurando a bandana meticulosamente por uma ponta, carregou-a até a pequena cozinha, jogou-a dentro da lata de lixo e se sentou na cadeira de balanço. Tomou um gole do café, fez uma careta e pôs a caneca de lado.

— Frio.

Owen se levantou.

— Vou te servir um outro...

— Não. Sente-se. Precisamos conversar.

Owen se sentou.

— Tivemos uma pequena confrontação lá no helicóptero, você e eu, não tivemos?

— Eu não diria...

— Não, sei que você não o faria, mas sei o que aconteceu, e você também sabe. Quando a situação está quente, os temperamentos também

esquentam. Mas isso já ficou para trás. Tivemos de deixar isso para trás porque eu sou o oficial no comando, e você é o meu ajudante, e ainda há este trabalho para ser levado a cabo. Podemos cooperar um com o outro para isso?

— Sim, senhor. — Merda, falou outra vez. — Chefão, quero dizer.

Kurtz o agraciou com um sorriso gelado.

— Perdi o controle agora há pouco. — Encantador, franco, atento e honesto. Isso iludiu Owen durante anos e anos. Não o iludia agora. — Eu seguia em frente, esboçando a mesma caricatura... duas porções de Patton, uma porção de Rasputin, adicione água, agite e sirva... e eu simplesmente... bolas! Simplesmente perdi. Acha que sou louco, não acha?

Cuidado, cuidado. Havia telepatia naquela sala, telepatia que não mentia, e Owen não tinha ideia de quão profundamente Kurtz era capaz de ler sua mente.

— Sim, senhor. Um pouco, senhor.

Kurtz concordou com a cabeça, trivialmente.

— Sim. Um pouco. Está aí uma boa descrição. Venho fazendo isso há um bocado de tempo... homens como eu são necessários, mas difíceis de encontrar, e é preciso ter um pouco de loucura para fazer o trabalho e não apenas sobrevalorizá-lo completamente. É uma linha tênue, a famosa linha tênue de que os psicólogos de poltrona adoram falar, e nunca, na história do mundo, houve um trabalho de limpeza igual a este... se aceitarmos, quero dizer, que a história do Hércules limpando as cavalariças de Augias não passa de um mito. Não estou lhe pedindo solidariedade, mas entendimento. Se nos entendermos, venceremos isto, o trabalho mais difícil que tivemos nas mãos, sem dúvida. Se não... — Kurtz encolheu os ombros. — Se não, terei de vencê-lo sem você. Está me compreendendo?

Owen duvidava que compreendia, mas percebeu aonde Kurtz desejava que ele fosse e concordou com a cabeça. Lera que há um certo tipo de pássaro que vive na boca do crocodilo, com a permissão implícita do crocodilo. Supôs que agora ele tinha de ser esse tipo de pássaro. Kurtz queria que ele acreditasse que fora perdoado por ter colocado a transmissão dos alienígenas no canal coletivo — no calor da hora, assim como Kurtz explodira o pé de Melrose no calor da hora. O que aconteceu seis anos atrás na Bósnia? Não era um fator agora. Talvez fosse verdadeiro. E talvez o crocodilo tivesse se cansado do passarinho que bicava tediosamente e se preparasse para fechar as mandíbulas. Owen não tinha a menor noção do que era verdadeiro na mente de Kurtz e, de um modo ou de outro, cabia-lhe ser cauteloso. Cauteloso e pronto para bater asas.

Kurtz enfiou a mão no macacão de novo e tirou um relógio de bolso deslustrado.

— Pertenceu ao meu avô e funciona que é uma maravilha — disse. — Porque é de corda, acho... sem eletricidade. O meu relógio de pulso, por outro lado, ainda está FOMAR.

— O meu também.

Os lábios de Kurtz se contraíram num sorriso.

— Converse com Perlmutter quando tiver uma oportunidade e veja se tem paciência para lidar com ele. Entre todos os afazeres e atividades, encontrou tempo para cuidar da entrega de 300 relógios de corda Timex esta tarde. Foi pouco antes de a neve forçar o adiamento da partida dos helicópteros. Pearly é bastante eficiente. Só espero que abandone a ideia de que está vivendo dentro de um filme.

— Ele deve ter dado muitos passos nessa direção esta noite, chefão.

— Talvez tenha, sim.

Kurtz refletiu. Underhill aguardou.

— Recruta, devíamos estar bebendo um uísque. Esta noite me lembra muitíssimo uma vigília irlandesa.

— Mesmo?

— Mesmo. O meu adorado phooka está prestes a tombar morto.

Owen arqueou as sobrancelhas.

— Sim. Quando então seu mágico manto de invisibilidade será levantado. Irá se tornar apenas mais um cavalo morto para as pessoas malharem. Primeiro os políticos, que são excelentes para esse tipo de coisa.

— Não estou compreendendo.

Kurtz olhou de novo para o relógio de bolso deslustrado, o qual, provavelmente, ele comprara numa casa de penhor... ou roubara de um cadáver. Underhill admitiria as duas possibilidades.

— São sete horas. Daqui a umas 40 horas, o presidente fará um discurso para a Assembleia Geral das Nações Unidas. Mais pessoas verão e ouvirão esse discurso do que qualquer discurso anterior na história da humanidade. Fará parte da maior história na história da humanidade... e do maior trabalho de criação desde que Deus Todo-Poderoso criou o cosmo e pôs os planetas em órbita com a ponta de seu dedo.

— Que criação?

— É uma bela história, Owen. Assim como as mentiras mais bem contadas, incorpora grandes porções de verdade. O presidente revelará para um mundo fascinado, um mundo suspenso em cada palavra com o ar preso na garganta, louvado seja Deus, que uma espaçonave tripulada por seres de um outro mundo caiu no norte do Maine no dia 6 de novembro, ou 7 de novembro, deste ano. Isso é verdade. Dirá que não fomos inteiramente surpreendidos, uma vez que nós e os chefes das outras nações que constituem o Conselho de Segurança das Nações Unidas temos conhecimento há pelo menos dez anos de que extraterrestres visitaram nosso planeta. Também é verdade, só que alguns de nós, aqui na América do Norte, têm conhecimento dos nossos companheiros do espaço desde o fim da década de 1940. Sabemos também que caças russos destruíram uma espaçonave dos guris cinzentos sobre a Sibéria em 1974... embora até hoje os russos não saibam que sabemos. Tratava-se, provavelmente, de um avião de controle remoto, de um disparo experimental. Houve vários desse tipo. Os cinzentos coordenaram seus primeiros contatos com um cuidado

tal que sugere solidamente que nós despertamos medo neles.

Owen escutava com um fascínio mórbido que ele esperava não estar estampado em seu rosto ou no nível superior de seus pensamentos, ao qual Kurtz poderia ter acesso.

Do bolso interno do macacão, Kurtz tirou um maço amassado de cigarros Marlboro. Ofereceu o maço a Owen, que primeiro balançou a cabeça, depois pegou um dos quatro cigarros que restavam. Kurtz pegou outro, depois os acendeu.

— Estou falando da verdade e da criação misturadas — disse Kurtz, depois de dar uma longa tragada e soltar a fumaça. — Essa talvez não seja a maneira mais proveitosa de prosseguir. Vamos nos deter na criação, está bom?

Owen nada disse. Raras vezes fumava naqueles dias, e a primeira tragada o deixou meio tonto, mas o sabor era delicioso.

— O presidente dirá que o governo dos Estados Unidos colocou sob quarentena o local do acidente e a área circundante por três motivos. O primeiro, puramente logístico: graças à posição remota e à pequena população de Jefferson Tract foi possível o isolamento. Se os cinzentos tivessem caído no Brooklyn, ou mesmo em Long Island, não teria sido esse o caso. O segundo motivo é que não temos certeza quanto às intenções dos alienígenas. O terceiro motivo, e em última análise o mais persuasivo, é que os alienígenas são portadores de uma substância infecciosa que a equipe que trabalha no local chama de “fungo Ripley”. Apesar de os visitantes alienígenas nos terem garantido com veemência que não são infecciosos, trouxeram com eles uma substância altamente infecciosa. O presidente contará também para um mundo horrorizado que o fungo pode, na realidade, ser a inteligência controladora, os guris cinzentos apenas o meio de germinação. Ele mostrará o videoteipe de um guri cinzento literalmente explodindo e se transformando no fungo Ripley. O vídeo foi ligeiramente retocado para melhorar a visibilidade, mas é, basicamente, autêntico.

Está mentindo, pensou Owen. O vídeo é absolutamente falso do começo ao fim, tão falso quanto aquela porcaria da Autópsia do Alienígena. E por que está mentindo? Porque você pode. Simples, não é mesmo? Porque, para você, a mentira é mais natural do que a verdade.

— Está bem, estou mentindo — disse Kurtz, nunca perdendo uma vibração. Lançou para Owen um rápido olhar brilhante antes de voltar os olhos para o cigarro. — Mas os fatos são verdadeiros e verificáveis. Alguns deles explodem e se transformam num tufo vermelho de dente-de-leão. O tufo é Ripley. Quando uma pessoa inala uma boa porção dele, por um período de tempo que ainda não conseguimos prever, podendo ser uma hora ou dois dias, os pulmões e o cérebro se tornam uma salada de Ripley. A pessoa vira uma espécie de sumagre venenoso ambulante. E depois morre. Não haverá menção à nossa aventurazinha de hoje. De acordo com a versão do presidente, a espaçonave, que ao que parece ficou bastante destruída ao cair, foi explodida pela tripulação ou explodiu sozinha ao colidir. Todos os

guris cinzentos morreram. O Ripley, após se espalhar um pouco no início, está morrendo também, ao que parece por não suportar o frio. Os russos, aliás, confirmam isso. Inúmeros animais foram também sacrificados, por serem portadores da infecção.

— E a população humana de Jefferson Tract?

— O presidente dirá que cerca de 300 pessoas, mais ou menos uns 70 moradores da área, e cerca de 230 caçadores, estão sob observação por causa do fungo Ripley. Dirá que, embora alguns possam estar infectados, parecem estar reagindo à infecção com o auxílio de antibióticos comuns, como Ceftin e Augmentin.

— E agora uma mensagem dos nossos patrocinadores — disse Owen. Kurtz riu, entretido.

— Mais tarde, será anunciado que o Ripley parece oferecer maior resistência a antibióticos do que se acreditava inicialmente, e que alguns pacientes morreram. Os nomes divulgados serão os de pessoas que de fato já morreram, ou como resultado do Ripley ou daqueles medonhos implantes. Sabe como é que chamam os implantes?

— Sei, fuinhas de merda. O presidente vai mencioná-las?

— De jeito nenhum. O pessoal à frente do caso acredita que as fuinhas de merda seriam perturbadoras demais para a massa. Como seriam, na realidade, os fatos relativos à nossa solução do problema, aqui no mercado do Gosselin, esse recanto de beleza indescritível.

— Solução definitiva, poderia ser chamada assim? — retrucou Owen. Fumara o cigarro até o filtro e agora o apagava na borda da caneca de café vazia.

Os olhos de Kurtz se ergueram até os de Owen e os encararam firmes.

— Sim, poderia ser chamada assim. Vamos exterminar aproximadamente 350 pessoas, na maioria homens, tem isso, mas não posso afirmar que a limpeza não incluirá pelo menos algumas mulheres e crianças. O aspecto positivo disso, claro, é que estaremos protegendo a raça humana contra uma epidemia e, muito possivelmente, contra uma sujeição. Não é um aspecto insignificante.

O pensamento de Owen — Tenho certeza de que Hitler gostaria da criação — não pôde ser contido, mas ele o encobriu tão bem quanto possível e não teve a sensação de que Kurtz o ouvira ou percebera. Impossível dizer ao certo, claro; Kurtz era astucioso.

— Quantos estão detidos agora? — Kurtz perguntou.

— Cerca de 70. O dobro desse número está sendo transportado para cá, de Kineo; chegarão por volta das nove, se o tempo não piorar. — O tempo deve piorar, mas não antes da meia-noite.

Kurtz balançou a cabeça.

— Hum-hum. Além disso, digo eu, mais 50 do norte, mais ou menos uns 70 de St Cap e de uns lugarejos do sul... e os nossos camaradas. Não se esqueça deles. As máscaras parecem funcionar, mas já descobrimos quatro casos de Ripley nos exames médicos. Os homens, claro, não sabem

disso.

— Não?

— Vou me expressar de uma outra forma — disse Kurtz. — Com base no comportamento deles, não tenho motivos para acreditar que saibam. Entendido?

Owen encolheu os ombros.

— A história — Kurtz prosseguiu — será que os detentos estão sendo transferidos para uma instalação médica de sigilo absoluto, uma espécie de Área 51, onde serão submetidos a outros exames e, se necessário, a um tratamento de longo prazo. Não haverá um relatório oficial a respeito deles, não se tudo correr de acordo com o planejado, mas haverá vazamentos acerca da condição ao longo dos próximos dois anos: infecção progressiva, apesar do grande empenho médico para detê-la... loucura... alterações físicas grotescas que se deve evitar descrever... e, finalmente, a morte como um gesto de misericórdia. Longe de escandalizado, o público ficará aliviado.

— Enquanto, na realidade...?

Queria ouvir Kurtz dizê-lo, mas já devia saber o que esperar. Não havia vírus ali (exceto, talvez, os que se escondiam atrás das orelhas de Kurtz), mas a cautela do chefão era arraigada. Ergueu uma das mãos, fez uma arma com o dedo polegar e o indicador e abaixou o polegar três vezes. Seus olhos se cravaram nos de Owen enquanto fez isso. Olhos de crocodilo, Owen pensou.

— Todos eles? — Owen perguntou. — Os que não são comprovadamente Ripley-positivos e os que são? E aonde chegaremos com isso? Os soldados que são comprovados negativos?

— Os camaradas saudáveis hoje continuarão saudáveis — Kurtz disse. — Os que revelam a presença do Ripley foram imprudentes. Um deles... bom, há uma menininha lá, de uns 4 anos de idade, bonitinha que só vendo. A gente quase que gostaria de vê-la fazer um sapateado no chão do celeiro e cantar "On the Good Ship Lollipop".

Kurtz, evidentemente, pensou que estava sendo espirituoso, e Owen achou que, de certa maneira, estava sendo, mas o próprio Owen se viu tomado por um horror intenso. Há uma menininha de 4 anos de idade, pensou. Apenas 4 anos, o que dizer disso?

— É bonitinha, mas perigosa — falou Kurtz. — O Ripley visível na parte interna do pulso, germinando no contorno do couro cabeludo, germinando no canto de um olho. Pontos clássicos. De qualquer maneira, um soldado deu uma bala para ela, como se ela fosse uma faminta de Kosovo, e a menina retribuiu com um beijo. Uma doçura, um momento digno de se eternizar com uma Kodak, só que agora ele tem uma marca de batom, que não é de batom, germinando na bochecha. — Kurtz esboçou uma careta. — O soldado tinha no rosto um cortezinho de nada que fez ao se barbear, quase invisível, mas aí está a sorte grande. A mesma coisa com os outros. As regras não mudam, Owen; a imprudência mata. A gente pode ter sorte por um tempo, mas no fim se estrepa. A imprudência mata.

Vamos ter de nos submeter a exames médicos para o resto da vida, sem falar no ocasional exame de emergência, mas veja os aspectos positivos disso... vão detectar o câncer feio logo no início.

— E os civis que parecem isentos? E eles?

Kurtz se inclinou para a frente, agora com sua sanidade mais encantadora, mais persuasiva. A gente deve se sentir lisonjeado com isso, deve se sentir um dos poucos felizardos a ver Kurtz com sua máscara ("duas porções de Patton, uma porção de Rasputin, adicione água, agite e sirva") posta de lado. Isso surtira efeito sobre Owen antes, mas agora não. Rasputin não era a máscara; aquilo era a máscara.

Contudo, mesmo agora — e disso vinha a aflição — não estava 100%.

— Owen, Owen, Owen! Use a cabeça... a cabeça boa que Deus lhe deu! Podemos monitorizar os nossos sem levantar suspeitas ou escancarar a porta para um pânico internacional... e, de qualquer maneira, haverá um grande pânico depois que o nosso presidente, eleito por uma pequena margem de votos, matar nosso cavalo phooka. Não poderíamos fazer isso com 300 civis. E se realmente os mandássemos de avião para o Novo México, se os instalássemos num povoado modelo por 50, 60 anos, à custa do contribuinte do imposto de renda? E se um ou mais deles fugisse? E se, e acho que é disso que os sabichões têm medo de fato, com o tempo, o Ripley passasse por uma mutação? Em lugar de morrer, transformar-se em algo ainda mais infeccioso e ainda menos vulnerável aos fatores ambientais que os estão matando aqui no Maine? Se é inteligente, o Ripley também é perigoso. Mesmo que não o fosse, e se servir aos guris cinzentos como uma espécie de farol de alerta, um sinaleiro de estrada interestelar apontando para nosso mundo... hum, hum, hum, venham comer, esses caras são uma delícia... e há montes e montes deles?

— Está dizendo que é melhor prevenir do que remediar?

Kurtz se recostou na cadeira e sorriu, exultante.

— É isso aí. É isso aí, em poucas palavras.

Bom, pensou Owen, em poucas palavras, talvez, mas o que conta aqui não são palavras. O que conta, e muito, é salvar a nossa própria pele. Seremos implacáveis, se tivermos de ser, mas mesmo Kurtz se precavê contra seus próximos. Civis, por outro lado, são meros civis. Se for necessário queimá-los, qual é o problema?

— Se duvida que existe um Deus e que Ele dispõe ao menos de algum de Seu tempo para cuidar do bom e velho Homo sap, então atente para o modo como nos livraremos desta situação — disse Kurtz. — As lanternas chegam cedo e sobre elas somos informados... uma das informações foi dada pelo dono do armazém, o próprio Reginald Gosselin. Depois, os guris cinzentos chegam na única época do ano em que há gente mesmo nestas florestas desoladas, e duas delas viram a espaçonave cair.

— Isso foi muita sorte.

— Graça divina, isso é o que foi. A espaçonave cai, a presença deles é conhecida, o frio mata tanto os tripulantes quanto a caspa que eles

trouxeram. — Assinalou as duas ações rapidamente com as pontas dos dedos longos, batendo as pestanas brancas. — Mas não termina aí. Fazem alguns implantes, e a porra da coisa dá errado... longe de estabelecerem um harmonioso relacionamento com os hospedeiros, viram canibais e os matam. A matança dos animais correu bem... fizemos uma estimativa de algo em torno de 100 mil criaturas, e no momento ocorre uma gigantesca churrascada nas proximidades do município de Castle. Na primavera ou no verão, teríamos tido de nos preocupar com seres portadores do Ripley fora da zona, mas não agora. Não em novembro.

— Alguns animais devem ter escapado da zona.

— Animais e seres humanos, é bem provável. Acontece que o Ripley se propaga devagar. Teremos um bom resultado quanto a isso, porque capturamos a grande maioria dos hospedeiros infectados, porque a espaçonave foi destruída e porque o que eles trouxeram arde em fogo lento, em lugar de se inflamar. Nós lhes enviamos uma mensagem simples: venham em paz ou venham com suas armas de raio em chamas, mas não tentem desse jeito de novo, porque não dá certo. Não acreditamos que voltem, ou, pelo menos, não por enquanto. Por meio século experimentaram feito uns babacas antes de atingirem este estágio. Lamentamos apenas não termos assegurado a integridade da espaçonave para os cientistas pesquisadores... mas, de qualquer maneira, deve estar por demais infectada com Ripley. Sabe qual era o nosso grande medo? Que os cinzentos ou o Ripley localizassem uma Typhoid Mary, um epicentro isento, um portador que o transmitisse sem desenvolvê-lo.

— Tem certeza que não existe alguém assim?

— Praticamente. Se houver... bom, o isolamento serve para isso. — Kurtz sorriu. — Estamos sem sorte, soldado. As vantagens estão contra uma Typhoid Mary, os guris cinzentos estão mortos, e todo o fungo Ripley está confinado a Jefferson Tract. Sorte ou Deus. A escolha é sua.

Kurtz inclinou a cabeça e comprimiu a parte superior da ponte do nariz, como quem sofre de uma infecção no seio paranasal. Quando tornou a erguer o olhar, os olhos lacrimejavam. Lágrimas de crocodilo, Owen pensou, mas no fundo não tinha certeza. E não tinha acesso à mente de Kurtz. A onda telepática havia recuado demais para que o conseguisse ou então Kurtz tinha encontrado um jeito de fechar a porta. No entanto, quando Kurtz falou de novo, Owen quase teve a certeza de que estava ouvindo o verdadeiro Kurtz, um ser humano, não o tique-taque do crocodilo.

— Acho que, para mim, basta, Owen. Assim que este trabalho estiver terminado, vou curtir a minha vida. Teremos o que fazer aqui por mais quatro dias, imagino... talvez uma semana, se a tempestade for pesada como falam... e será irritante, mas o pesadelo mesmo será amanhã cedo. Posso aguentar até o fim, acho, mas depois disso... bom, tenho direito a uma aposentadoria completa e vou lhes dar duas opções: me paguem ou me matem. Penso que vão pagar, porque sei onde a maioria dos corpos está enterrada... uma lição que aprendi com J. Edgar Hoover... mas estou quase chegando ao ponto de não dar a mínima. Esta aqui não será a pior

situação em que estive envolvido, no Haiti nos livramos de 800 em apenas uma hora... em 1989, foi, e ainda sonho com isso... mas esta é mais terrível. De longe. Porque aqueles imbecis no celeiro, no cercado e no curral... eles são norte-americanos. Gente que dirige Chevvie, faz compras no Kmart e nunca perde um episódio do Plantão médico. A ideia de matar norte-americanos, de massacrar norte-americanos... me dá náusea. Só vou fazer porque tem de ser feito, a fim de botar um fecho a este episódio, e porque a maioria deles morreria, afinal de contas, de uma forma ainda mais horrível. Capish?

Owen Underhill ficou em silêncio. Achava que estava conservando o rosto absolutamente inexpressivo, mas qualquer coisa que falasse, sem dúvida denunciaria o terror profundo que experimentava. Soubera que isso seria dito, mas ouvi-lo de fato...

Viu na imaginação os soldados andarem na direção da cerca debaixo da neve, ouviu os alto-falantes chamarem os detentos no celeiro. Nunca participara de uma operação daquela natureza, perdera o Haiti, mas sabia como deveria terminar. Como terminaria.

Kurtz o observava atentamente.

— Não vou dizer que toda aquela bobagem sua esta tarde foi perdoada, isso são águas passadas, mas você tem uma dívida para comigo, recruta. Não preciso de percepção extrassensorial para saber o que você pensa a respeito do que estou lhe falando e não vou gastar a minha saliva dizendo para você crescer e enfrentar a realidade. Tudo o que posso dizer é que preciso de você. Você tem de me ajudar desta vez.

Os olhos marejados. A contração indecisa, quase imperceptível, no canto da boca. Era fácil esquecer que Kurtz explodira o pé de um homem dez minutos atrás.

Owen pensou: Se ajudá-lo a fazer isso, não importa se eu de fato puxe ou não um gatilho, estou tão condenado quanto os homens que reuniram os judeus nos chuveiros de Bergen-Belsen.

— Se começarmos às 11, terminaremos às 11h30 — disse Kurtz. — Meio-dia, no mais tardar. Depois, será passado.

— Menos os sonhos.

— Sim. Menos os sonhos. Vai me ajudar, Owen?

Owen assentiu com a cabeça. Chegara até ali, não soltaria a corda naquele momento, condenado ou não. No mínimo, ajudaria a tornar aquilo misericordioso... tão misericordioso quanto um massacre poderia ser. Mais tarde, seria surpreendido pelo absurdo letal dessa ideia, mas, quando a gente se encontrava em companhia de Kurtz, muito próximo e com o olhar dele sustentando o da gente, perspectiva era uma anedota. No fim, a loucura dele era, provavelmente, bem mais infecciosa do que o Ripley.

— Ótimo. — Kurtz afundou no encosto da cadeira de balanço, com ar de alívio e esgotamento. Tornou a pegar o maço de cigarros, espiou dentro e o estendeu. — Tem mais dois. Fuma comigo?

Owen meneou a cabeça negativamente.

— Agora não, chefão.

— Então pode ir andando. Se necessário, arraste esse rabo até a enfermaria e tome uma Sonata.

— Acho que não vou precisar — retrucou Owen. Precisaria, claro, precisava naquele instante, mas não tomaria. Melhor ficar deitado acordado.

— Então, entendido. Pode ir. — Kurtz esperou que ele chegasse à porta. — Owen, outra coisa.

Owen se voltou, fechando o zíper da parca. Ouvia o vento lá fora. Intensificando-se, começando a soprar para valer, como se não tivesse sido violento durante o relativamente ameno Alberta Clipper naquela manhã.

— Obrigado — disse Kurtz. Uma grande e absurda lágrima transbordou do seu olho esquerdo e escorreu na face. Kurtz pareceu não notá-la. Naquele momento, Owen o amou e o perdoou. A despeito de tudo, que incluía saber mais. — Muito obrigado, recruta.

7

Henry estava parado debaixo da neve que engrossava, de costas para o vento impetuoso e olhando por cima do ombro esquerdo para o Winnebago, esperando Underhill sair. Achava-se sozinho agora — a tempestade expulsara os demais para dentro do celeiro, onde havia um aquecedor. Os rumores se intensificavam mais no ambiente aquecido, Henry supôs. Melhor os rumores do que a verdade que estava bem diante deles.

Coçou a perna, deu-se conta do que fazia e olhou em volta, girando num círculo completo. Nenhum prisioneiro; nenhum guarda. Mesmo na neve que se adensava, o recinto estava quase claro como o meio-dia, e ele enxergava em qualquer direção. Por enquanto, pelo menos, encontrava-se sozinho.

Curvou-se e desamarrou a camiseta que cobria o local do corte causado pela haste das lanternas de sinalização do veículo. Depois abriu o rasgo na calça de brim. Os homens que o detiveram tinham feito o mesmo tipo de exame na traseira do caminhão onde estavam reunidos cinco outros refugiados (a caminho do mercado do Gosselin, recolheram outros três). Até aquele momento, nada de infecção.

Mas agora não estava isento da infecção. Um fino fio vermelho germinara na casca no centro da ferida. Se não soubesse o que estava procurando, ele o teria tomado por uma nova sangria.

Byrus, pensou. *Ah, merda. Boa-noite, Sra. Cabaça, esteja onde estiver.*

Um clarão de luz piscou no alto de sua visão. Henry endireitou o corpo e viu Underhill acabando de fechar a porta do Winnebago. Rapidamente, tornou a amarrar a camiseta sobre o corte na calça de brim e em seguida se aproximou da cerca. Dentro de sua cabeça, uma voz perguntou o que ele faria se chamasse Underhill e o homem continuasse a

caminhar. A voz também quis saber se Henry realmente tinha a intenção de entregar Jonesy.

Observou Underhill caminhar com dificuldade em sua direção, no clarão das luzes de segurança, a cabeça baixa, protegida contra a neve e o vento que se intensificava.

8

A porta se fechou. Kurtz a fitou, fumando e balançando a cadeira bem devagar. Até que ponto Owen engolira seu tom? Owen era inteligente, Owen era um sobrevivente, a Owen não faltava idealismo... e Kurtz achava que Owen engolira tudo, sem um vacilo sequer. Porque, no fundo, quase todo mundo acredita naquilo em que quer acreditar. John Dillinger fora também um sobrevivente, o mais astuto dos desesperados dos anos 30, mas mesmo assim fora ao Biograph Theater com Anna Sage. A peça se chamava Manhattan melodrama e, ao seu término, os agentes federais o mataram numa viela ao lado do teatro, como o cão que ele era. Anna Sage também acreditara no que ela queria acreditar, mas mesmo assim deportaram seu traseiro para a Polônia.

Ninguém sairia do mercado do Gosselin amanhã, exceto seu quadro de oficiais selecionados — os 12 homens e as duas mulheres que recuperaram o Vale Imperial. Owen Underhill não estaria entre eles, embora pudesse estar. Até Owen transmitir os guris cinzentos no canal coletivo, Kurtz não tinha dúvida de que estaria. Mas as coisas mudam. Assim disse Buda e, dessa vez, ao menos, o velho chim pagão falara a verdade.

— Você me decepcionou, recruta — disse Kurtz. Para fumar, abaixara a máscara, que batia contra a garganta acinzentada enquanto falava. — Você me decepcionou. — Kurtz deixou que Owen Underhill o decepcionasse uma vez. Mas duas? — Nunca — disse Kurtz. — Nunca mais nesta vida.

Capítulo Quatorze

Rumo ao Sul

1

O Sr. Cinza desceu com a motoneve uma ravina que continha um pequeno rio congelado. Prosseguiu para o norte ao longo dessa ravina pelo quilômetro e meio que restava até a I-95. A uns 200 ou 300 metros das luzes dos veículos militares (havia poucos deles agora, avançando com lentidão na neve que se adensava), parou um tempo longo o bastante para consultar a parte da mente de Jonesy a que ele — a coisa — teria acesso. Havia arquivos e arquivos de coisas que não cabiam na pequena fortaleza do escritório de Jonesy, e o Sr. Cinza encontrou com muita facilidade o que procurava. Não havia interruptor para desligar o farol dianteiro da Arctic Cat. O Sr. Cinza fez as pernas de Jonesy descerem da motoneve, procurou uma pedra, pegou-a com a mão direita de Jonesy e estilhaçou o farol. Depois, montou de novo e continuou. O combustível da motoneve estava acabando, mas isso não importava; o veículo fora útil.

O cano que conduzia as águas do pequeno rio sob a autoestrada era grande o suficiente para conter a motoneve, mas não a motoneve e o piloto. O Sr. Cinza tornou a desmontar. Parado ao lado do veículo, acelerou e impulsionou a motoneve, que entrou no cano, dando guinadas e aos solavancos. Não avançou mais do que 3 metros antes de parar, distante o suficiente para não ser vista do ar, caso a neve abrandasse, possibilitando um reconhecimento.

O Sr. Cinza fez Jonesy subir o barranco da autoestrada. Deteve-se pouco antes das barreiras e se deitou de costas. Ali estava temporariamente protegido da fúria do vento. A escalada do barranco liberara uma última pequena porção de endorfina, e Jonesy sentiu seu sequestrador experimentá-la, apreciando-a assim como o próprio Jonesy teria apreciado um coquetel ou uma bebida quente, depois de assistir a uma partida de futebol numa fresca tarde de outubro.

Deu-se conta, sem surpresa, de que odiava o Sr. Cinza.

Em seguida, o Sr. Cinza, como entidade — algo que se podia de fato odiar —, esvaneceu de novo, substituído pela nuvem que Jonesy vira pela primeira vez na cabana, quando a cabeça da criatura explodira. Estava indo embora, assim como quando fora à procura de Emil Dawg. Precisara de Brodsky para obter a informação de como acionar a motoneve que não se encontrava nos arquivos de Jonesy. Agora precisava de uma outra coisa. Uma carona era uma suposição lógica.

E o que restara? O que restara ao vigiar o escritório onde se ocultava o último fragmento de Jonesy — Jonesy, que fora arrancado de seu próprio corpo como se arranca um fiapo de tecido de um bolso? A nuvem, claro; a substância que Jonesy respirara. A substância que o teria matado, mas que, por algum motivo, não o fez.

A nuvem não era capaz de pensar, não como o Sr. Cinza era. O homem da casa (que agora era o Sr. Cinza e não o Sr. Jones) partira, deixando o lugar sob o controle dos termostatos, da geladeira, do fogão. E para o caso de um contratempo, do detector de fumaça e do alarme contra roubo, que automaticamente discava o número da polícia.

No entanto, com a partida do Sr. Cinza, ele talvez pudesse sair do escritório. Não para reassumir o controle; se tentasse isso, a nuvem negro-avermelhada o denunciaria, e o Sr. Cinza retornaria imediatamente de sua excursão de exploração. Jonesy quase com certeza seria capturado, antes de conseguir se refugiar na segurança do escritório dos irmãos Tracker, com o quadro de avisos, o chão empoeirado e a janela embaciada que dava para o mundo... mas na sujeira da janela havia quatro marcas limpas em forma de lua crescente, que seriam o quê? Marcas deixadas pela testa dos quatro garotos, ansiosos para ver a fotografia pregada no quadro de avisos: Tina Jean Schlossinger, de saia levantada.

Não, assumir o controle estava muito além de sua capacidade, e o melhor era aceitar isso, por mais triste que fosse.

Mas talvez conseguisse ter acesso a seus arquivos.

Havia algum motivo para correr o risco? Alguma vantagem? Talvez sim, se ele soubesse o que Sr. Cinza desejava. Além de uma carona, quer dizer. E, a propósito, carona para onde?

A resposta foi inesperada, porque dada na voz de Duddits: Or za er ir pa ul.

O Sr. Cinza quer ir para o sul.

Jonesy recuou um passo da janela com vista para o mundo. Não havia muito o que ver lá fora naquele momento, de qualquer maneira; neve, escuridão e sombras de árvores. A neve daquela manhã fora o tira-gosto; ali estava o prato principal.

O Sr. Cinza quer ir para o sul.

A que distância? E por quê? O que estava acontecendo?

Quanto a essas questões, Duddits permaneceu em silêncio.

Jonesy se voltou e ficou surpreso ao ver que o mapa de itinerários e a fotografia da garota não estavam mais no quadro de avisos. Em seu lugar havia quatro instantâneos coloridos de quatro garotos. Cada uma delas com o mesmo fundo, Derry Junior High, e com a mesma legenda: TEMPO DA ESCOLA, 1978. Jonesy na extrema esquerda, o rosto dividido num largo sorriso esperançoso de orelha a orelha que agora lhe partia o coração. O Beav ao lado dele, o sorriso do Beav revelando a falta de um dente na frente, vítima de uma queda dos patins, e que fora substituído por um dente falso mais ou menos no ano seguinte... antes do colegial, de qualquer maneira. Pete, com o rosto largo e oliváceo, o cabelo escandalosamente

curto, por ordem do pai, que disse que não tinha lutado na Coreia, de modo que o filho poderia ter o aspecto de um hippie. E Henry na outra extremidade, Henry com os óculos de lentes grossas que a Jonesy lembravam Danny Dunn, o Garoto Detetive, astro das histórias de mistério que Jonesy lera quando menino.

Beaver, Pete, Henry. Como ele os adorava, e quão injustamente súbita fora a ruptura de sua longa amizade. Não, não era nem um pouco justo...

De repente, a fotografia de Beaver Clarendon ganhou vida, apavorando Jonesy. Os olhos do Beav se arregalaram, e ele falou em voz baixa.

— A cabeça dele foi decepada, se lembra? Caíra na vala, e os olhos dele se encheram de barro. Que fodaréu! Quero dizer, bananas-por-deus!

Ah, meu Deus, Jonesy pensou, quando a lembrança se apossou dele — a única coisa de que se esquecera em relação à primeira temporada de caça na Hole in the Wall... ou que ele reprimira. Teriam eles todos reprimido? Talvez sim. Provavelmente sim. Porque, depois daquilo, ao longo dos anos, conversaram acerca de tudo da infância, todas as recordações partilhadas... menos de uma coisa.

A cabeça dele foi decepada... os olhos dele se encheram de barro.

Algo acontecera com eles na ocasião, algo que tinha a ver com o que acontecia com ele agora.

Se ao menos eu soubesse o que foi, Jonesy pensou. Se ao menos eu soubesse.

2

Andy Janas perdera de vista os outros três caminhões do pequeno comboio — adiantara-se a eles porque não estavam acostumados, como ele estava, a dirigir aquelas porcarias. Crescera no norte de Minnesota, e por isso não havia por que duvidar que estava acostumado. Estava sozinho dirigindo um dos melhores veículos da Chevrolet do Exército, uma picape reformada, e estava no comando de um quatro-rodas naquela noite. O pai não criara nenhum bobo.

A autoestrada estava praticamente limpa; dois limpa-neves do Exército haviam passado por ali havia mais ou menos uma hora (logo os alcançaria, achava, e, ao fazê-lo, diminuiria a velocidade e seguiria atrás como um garoto comportado) e não mais do que uns 7 centímetros de neve cobriam o concreto. O verdadeiro problema era o vento, que levantava os flocos e transformava a estrada num fantasma. Mas havia os refletores para guiar. Manter os refletores na linha de visão era o truque que os outros camaradas não entendiam... ou talvez, no caso dos caminhões do comboio e dos Humvee, os faróis dianteiros estivessem posicionados alto

demais para iluminar os refletores adequadamente. Além disso, quando o vento batia forte para valer, até mesmo os refletores desapareciam; o danado do mundo ficava absolutamente branco, e a gente tinha de tirar o pé do acelerador até o ar se estabilizar de novo e, enquanto isso, tentar manter o curso. Tudo correria bem com ele, se alguma coisa desse errado, ele usaria o rádio para chamar os limpa-neves de reserva, conservando visível a faixa da autoestrada rumo ao sul, de Presque Isle até Millinocket.

Na traseira do veículo havia dois volumes lacrados. Num deles estavam os corpos de dois cervos mortos pelo Ripley; no outro — e este Janas achava um tanto horripilante demais —, o corpo de um guri cinzento que aos poucos ia se tornando uma espécie de sopa laranja-avermelhada. Ambos se destinavam aos médicos da Base Azul, que se situava num local chamado...

Janas olhou para a viseira do motorista. Lá, presos por um elástico, estavam um papel de carta e uma caneta esferográfica. E, rabiscado no papel: ARMAZÉM GOSSELIN, PEGAR SAÍDA 16, VIRAR ESQ.

Chegaria lá em uma hora. Talvez menos. Os médicos, sem dúvida, lhe diriam que dispunham de todas as amostras de animais de que precisavam, e que as carcaças dos cervos seriam queimadas, mas talvez quisessem ficar com o guri cinzento, se aquela coisa não tivesse se transformado totalmente numa geleia. O frio talvez retardasse um pouco esse processo, mas, fosse ou não o caso, não interessava a Andy Janas. Sua preocupação era chegar, entregar as amostras e depois aguardar o interrogatório de quem estivesse encarregado de fazer perguntas sobre o perímetro norte — o mais tranquilo — da zona-q. Enquanto aguardasse, tomaria um café quente e comeria um prato grande de ovos mexidos. Se o camarada certo da cozinha estivesse por perto, poderia até mesmo pedir um gole de bebida alcoólica para incrementar o café. Isso seria bom. Ingerir um pouco de álcool, dar uma espichada e

encoste o veículo

Janas franziu a testa, balançou a cabeça, coçou a orelha, como se algo — uma pulga, talvez — o tivesse mordido. O danado do pé de vento soprou com uma violência que sacudiu a caminhonete. A autoestrada desapareceu, assim como os refletores. Estava de novo envolvido num branco absoluto e não tinha dúvida de que isso arrancara dos outros camaradas todas as exclamações de espanto preferidas, mas dele não, ele que era o Sr. Gêmeos-de-Minnesota-a-Cargo-de-Tudo, basta tirar o pé do acelerador (nem pensar no freio, quando a gente dirige numa tempestade de neve o freio era a melhor maneira que ele conhecia de transformar em desastre uma viagem tranquila), basta encostar e esperar

encoste o veículo

— Quê? — Olhou para o rádio, mas nada saía dele, apenas o ruído de estática e um fraco tagarelar de vozes indistintas no fundo.

encoste o veículo

— Ai! — Janas gritou, e agarrou a cabeça, que de repente começou a doer para danar. A picape cor-de-oliva deu uma guinada, derrapou e depois

retornou ao controle quando suas mãos automaticamente dominaram a direção. Os pés continuavam sem tocar o acelerador, e o ponteiro do velocímetro do Chevy retrocedeu com rapidez.

Os limpa-neves tinham desbravado uma trilha estreita no centro das duas pistas que seguiam para o sul. Janas girou a direção para a parte mais densa de neve à direita do caminho, as rodas da caminhonete deitando uma cortina de neve que o vento logo levou adiante. Os refletores da grade de proteção se iluminaram, cintilando na escuridão como olhos de gato.

encoste o veículo aqui

Janas gritou de dor. De uma grande distância, ouviu a si mesmo gritar.

— Está bom, está bom, eu vou! Mas pare com isso! Pare de me puxar! — Através dos olhos marejados, viu um vulto escuro surgir atrás das barreiras não mais do que 15 metros à frente. Quando os faróis dianteiros iluminaram em cheio o vulto, viu um homem usando uma parca.

As mãos de Andy Janas já não pareciam pertencer a ele. Davam a sensação de ser luvas com as mãos de alguém dentro delas. Era uma sensação estranha e absolutamente desagradável. As mãos giraram a direção para a extrema esquerda sem a mínima ajuda sua, e a picape parou na frente do homem de parca.

3

Era sua oportunidade, uma vez que a atenção do Sr. Cinza fora inteiramente desviada. Jonesy pressentiu que, se pensasse a respeito, perderia a coragem, de modo que não pensou. Simplesmente agiu, puxando para trás o ferrolho da porta do escritório com a parte posterior da palma da mão e escancarando a porta.

Nunca estivera dentro dos Irmãos Tracker quando menino (e estivera fechado desde a grande tempestade de 1985), mas tinha a absoluta certeza de que nunca fora do jeito que o via agora. Do lado de fora do escritório imundo, havia um salão tão vasto que Jonesy nem via o fim. No teto, intermináveis hectares de tubos de lâmpada fluorescente. Abaixo deles, empilhadas em colunas enormes, milhões de caixas de papelão.

Não, Jonesy pensou. Milhões, não. Trilhões.

Sim, provavelmente trilhões fosse o mais próximo. Milhares de corredores estreitos se estendiam entre elas. Ele estava parado numa extremidade do próprio depósito da eternidade, e era ridícula a ideia de encontrar algo nele. Se ousasse se afastar da porta do esconderijo que era o escritório, iria se perder de imediato. O Sr. Cinza nem precisaria se preocupar com ele; Jonesy vaguearia e vaguearia até morrer, perdido num mundo de caixas de papelão de deixar qualquer um perplexo.

Isso não é verdadeiro. Não me perderia mais ali do que me perderia

no meu quarto. Tampouco preciso procurar o que quero. Este é o meu lugar. Bem-vindo à sua própria cabeça, garotão.

O pensamento era tão imenso que o fez sentir-se fraco... só que não podia permitir-se ser fraco naquele exato momento, ou hesitar. O Sr. Cinza, o invasor favorito de todos, vindo do Além Maior, não se ocuparia por muito tempo com o motorista da caminhonete. Se fosse para transferir alguns dos arquivos para um local seguro, Jonesy tinha de fazê-lo naquele instante mesmo. O problema era: qual deles?

Duddits, sua mente sussurrou. Isso tem algo a ver com Duddits. Você sabe que sim. Ele lhe ocorreu à mente um bocado nos últimos tempos. Os amigos também andaram pensando nele. Duddits foi quem manteve unidos você, Henry, Pete e Beaver... você sempre soube disso, mas agora sabe também de uma outra coisa. Não sabe?

Sim. Sabe que o acidente em março se dera ao pensar que vira Duddits sendo de novo provocado por Richie Grenadeau e os amigos dele. Só que "provocado" era uma palavra ridiculamente inadequada para o que acontecia nos fundos do prédio dos Irmãos Tracker naquele dia, não era? Torturado era a palavra. E, ao ver a tortura ser repetida, precipitara-se na rua sem olhar para os lados e...

A cabeça dele foi decepada, Beaver disse de repente através dos alto-falantes afixados junto do teto do depósito. Caída na vala, os olhos cheios de barro. E, cedo ou tarde, todo assassino paga o preço. Que fodaréu!

A cabeça de Richie. A cabeça de Richie Grenadeau. E Jonesy não tinha tempo para isso. Era um invasor de sua própria cabeça agora, e o melhor a fazer era seguir logo adiante.

Quando olhou pela primeira vez para aquele depósito gigantesco, todas as caixas eram simples e não tinham rótulos. Agora ele percebia que as que se achavam no começo da fileira perto dele tinham uma inscrição a lápis oleoso preto: DUDDITS. Isso era surpreendente? Fortuito? De modo algum. Eram suas recordações, afinal, dobradas e guardadas com capricho em cada uma dos trilhões de caixas, e, quando se tratava de recordações, a mente sã era capaz de resgatá-las por vontade própria.

Preciso de alguma coisa para transportá-las, Jonesy pensou, e, ao olhar em redor, não ficou de todo assombrado ao ver um carro de mão. Aquele lugar era mágico, um lugar moldável conforme a vontade, e o mais maravilhoso, Jonesy imaginou, era que todo mundo tinha um.

Agindo com rapidez, colocou no carro de mão algumas caixas assinaladas com DUDDITS e as levou às pressas para dentro do escritório dos Irmãos Tracker. Lá as depositou ao inclinar o carrinho para a frente, despejando-as no chão. Caoticamente, mas só mais tarde se preocuparia em pôr ordem.

Saiu correndo, procurando sentir a presença do Sr. Cinza, mas o Sr. Cinza ainda se ocupava com o motorista da caminhonete... Janas, esse era o nome dele. Havia a nuvem, mas a nuvem não o percebia. Era tão tola quanto... bom, tão tola quanto um fungo.

Jonesy pegou o resto das caixas DUDDITS e viu que na pilha seguinte as caixas também adquiriam rótulos feitos com lápis oleoso. Essas diziam DERRY, e havia muitas delas. Restava-lhe decidir se precisava ou não pegar algumas.

Refletiu sobre isso enquanto transportava a segunda leva de caixas de lembranças para o escritório. Claro que as caixas de Derry tinham de ser empilhadas ao lado das de Duddits; a memória é tanto o ato quanto a arte da associação. Restava-lhe ainda decidir se as lembranças de Derry eram importantes. Como poderia saber, se não sabia o que o Sr. Cinza queria?

Mas sabia.

O Sr. Cinza quer ir para o sul.

Derry ficava no sul.

Jonesy correu de volta para o armazém da memória, empurrando o carrinho à frente. Pegaria tantas caixas assinaladas com DERRY quanto possível e tomara que pegasse as corretas. E tomara também que pressentisse a tempo o retorno do Sr. Cinza. Porque, uma vez surpreendido ali, seria esmagado como uma mosca.

4

Janas viu, horrorizado, sua mão esquerda se estender e abrir a porta da caminhonete, deixando entrar o frio, a neve e o vento implacável.

— Não me machuque mais, senhor, por favor, não, pode pegar uma carona, se quiser, mas não me machuque mais, a minha cabeça...

De repente, algo lhe penetrou a mente. Era como um remoinho provido de olhos. Sentiu-o espiando as instruções, a hora que deveria chegar à Base Azul... e o que sabia acerca de Derry, que era nada. As instruções incluíam passar por Bangor, mas ele jamais estivera em Derry.

Sentiu o remoinho retroceder e experimentou um instante de alívio delirante — Não tenho o que ele quer, vai me deixar ir embora — e entendeu então que a coisa dentro de sua mente não tinha a intenção de largá-lo. Em primeiro lugar, precisava da caminhonete. Em segundo, precisava calá-lo.

Janas relutou por pouco tempo, mas com bastante força. Foi essa inesperada resistência que deu a Jonesy tempo para remover pelo menos uma pilha das caixas assinaladas com DERRY. Em seguida, o Sr. Cinza assumiu mais uma vez o controle do veículo de Janas.

Janas viu sua mão se erguer até a altura da viseira. A mão agarrou a caneta esferográfica e a puxou, arrebentando o elástico que a prendia.

Não!, Janas gritou, mas tarde demais. Vislumbrou um brilho ofuscante e rápido quando a mão, que segurava a caneta como uma faca, enterrou a caneta em seu olho arregalado. Houve um breve som explosivo,

ele se agitou atrás do volante como um fantoche mal manipulado, o punho enfiando a caneta no olho cada vez mais fundo, até quase a metade, depois acima da metade, o olho partido ao meio agora escorrendo pela face como uma lágrima bizarra. A ponta da caneta tocou algo semelhante a uma fina cartilagem, desviou-se um pouco para cima e então atravessou a massa de seu cérebro.

Seu puto, ele pensou, o que você está... seu puto...

Houve um derradeiro cintilar de luz ofuscante dentro de sua cabeça e depois tudo escureceu. Janas tombou sobre o volante. A buzina da picape disparou.

5

O Sr. Cinza não extraiu muitas informações de Janas — basicamente a luta pelo controle do veículo no final —, mas o que ficou claro era que Janas não se achava sozinho. O comboio de transporte do qual ele fizera parte fora obrigado a se deter por causa da tempestade, mas todos os veículos se dirigiam para o mesmo lugar, que Janas identificara, mentalmente, como a Base Azul e o mercado do Gosselin. Lá havia um homem do qual Janas tinha medo, o homem no comando, mas o Sr. Cinza não se preocupava com Kurtz Cruel/o chefão/Louco de Pedra. Nem tinha por que se preocupar, uma vez que não pretendia chegar perto das cercanias do mercado do Gosselin. O lugar era diferente e aquela espécie, embora apenas semissenciente, composta sobretudo de emoções, era diferente também. Lutava. O Sr. Cinza não sabia por quê, mas lutava.

Melhor acabar logo com aquilo. E, para tanto, descobriu um excelente sistema de entrega.

Usando as mãos de Jonesy, o Sr. Cinza afastou Janas de cima do volante e o carregou até as grades de proteção. Atirou o corpo por cima delas, sem se dar ao trabalho de observá-lo rolar pelo declive até o centro do rio congelado. Voltou para a caminhonete, fitou os dois fardos de plástico na traseira e balançou a cabeça. Os cadáveres dos animais de nada serviam. O outro, porém... seria útil. Tinha muito do que ele precisava.

Ergueu os olhos de repente, os olhos de Jonesy se arregalando na neve que soprava. O dono daquele corpo estava fora do esconderijo. Vulnerável. Ótimo, porque aquela consciência começava a irritá-lo, um constante murmúrio (às vezes atingindo a altura do guincho de quem está aterrorizado) no nível inferior de seu processo de pensamento.

O Sr. Cinza se imobilizou por mais tempo, tentando esvaziar a mente, não desejando que Jonesy pressentisse o menor aviso... e então deitou as garras.

Não sabia o que esperava, mas não esperava aquilo.

Não aquela luz branca ofuscante.

6

Jonesy quase foi apanhado de surpresa. Teria sido apanhado, não fossem as lâmpadas fluorescentes com as quais acendera o depósito mental. O lugar poderia até não existir na realidade, mas para ele era bastante real, e isso o tornou bastante real para o Sr. Cinza, quando o Sr. Cinza chegou.

Jonesy, que empurrava o carrinho carregado com as caixas assinaladas com DERRY, viu o Sr. Cinza surgir como num passe de mágica no começo de um corredor de altas pilhas de caixas. Era o humanoide rudimentar que se postara às suas costas na Hole in the Wall, a coisa que ele visitara no hospital. Os olhos pretos opacos estavam por fim vivos, famintos. Acercara-se furtivamente, flagrou-o em frente ao escritório e pretendia se apoderar dele.

Mas então o bojo que era sua cabeça retrocedeu e, antes que a mão com três dedos protegesse os olhos (sem pálpebras, nem mesmo cílios), Jonesy viu uma expressão no esboço de rosto cinza que tinha de ser de desnorteamento. Talvez mesmo de dor. Estivera em algum lugar, na escuridão forrada de neve, dando fim ao corpo do motorista. Chegara ali, sem qualquer preparo, e se deparara com um clarão que desarmava. Jonesy fez também uma outra descoberta: o invasor tomara emprestada a expressão de surpresa de seu hospedeiro. Por um momento, o Sr. Cinza era uma terrível caricatura do próprio Jonesy.

Sua surpresa deu tempo suficiente a Jonesy. Empurrando o carrinho quase sem perceber que o empurrava e sentindo-se como uma princesa aprisionada num confuso conto da carochinha, correu para dentro do escritório. Pressentiu, mais do que viu, o Sr. Cinza estendendo para ele a mão com três dedos (a pele cinza tinha um aspecto de coisa crua, como carne malpassada) e fechou a porta do escritório com um estrondo antes de as garras chegarem perto. Bateu o quadril ruim contra o carrinho ao virar o corpo — entendia que estava no interior de sua cabeça, mas tudo aquilo era absolutamente real — e mal conseguiu passar a tranca antes que o Sr. Cinza girasse a maçaneta e forçasse a entrada. Jonesy pressionou a fechadura no miolo da maçaneta como precaução. A fechadura no miolo da maçaneta já existia ou ele a adicionara? Não conseguia se lembrar.

Jonesy recuou, transpirando, e dessa vez bateu as nádegas contra o pegador do carrinho. Diante dele, a maçaneta girava de um lado para o outro, de um lado para o outro. O Sr. Cinza estava do outro lado, no comando do resto de sua mente — de seu corpo também —, mas não conseguia entrar. Não conseguia forçar a porta, não tinha o peso para botá-la abaixo, não tinha a inteligência para destruir a maçaneta.

Por quê? Como era possível?

— Duddits — murmurou. — Sem animação, sem diversão.

A maçaneta chocalhou.

— Me deixe entrar! — rosnou o Sr. Cinza, e, para Jonesy, não soava como um emissário de outra galáxia, mas como alguém que não obteve o

que queria e estava puto da vida por isso. Seria porque interpretava o comportamento do Sr. Cinza em termos do que ele, Jonesy, entendia? Humanizando o alienígena? Traduzindo-o?

— Me... deixe... ENTRAR!

Jonesy respondeu sem pensar:

— Mas nem pelas barbinhas do meu queixinhozinho. — E pensou: Ao que você responde: "Então eu bufo... então eu URRO... e na tua casa eu entro aos MURROS!"

Mas o Sr. Cinza apenas agitou a maçaneta com mais força. Não estava acostumado a ser impedido dessa maneira (ou de qualquer outra maneira, Jonesy imaginou) e estava realmente puto. A resistência momentânea de Janas o irritara, mas aquela era uma resistência de um nível totalmente diferente.

— Onde você está? — o Sr. Cinza chamou, irado. — Como pode ficar aí dentro? Saia!

Jonesy não respondeu, apenas se pôs a escutar, parado entre as caixas caídas. Tinha quase certeza de que o Sr. Cinza não entraria, mas era aconselhável não provocá-lo.

E, depois de a maçaneta ser sacudida um pouco mais, ele pressentiu que o Sr. Cinza o deixava.

Jonesy foi à janela, pulando as caixas assinaladas com DUDDITS e DERRY para chegar até ela, e espiou dentro da noite densa de neve.

7

O Sr. Cinza tornou a alçar o corpo de Jonesy, sentando-o atrás do volante da caminhonete, fechou a porta com uma batida e pressionou o acelerador. A caminhonete arrancou num disparo e logo perdeu o controle. As quatro rodas giraram, e a caminhonete derrapou contra as barreiras, produzindo um estrondo.

— Merda! — gritou o Sr. Cinza, tendo acesso aos xingamentos de Jonesy sem nem sequer estar ciente disso. — Bananas-por-deus! Lambe-porre! Fofodagem! Soco no saco!

Depois parou com isso e de novo acessou as habilidades de Jonesy como motorista. Jonesy tinha algum conhecimento de como dirigir em condições climáticas como aquela, mas não chegava aos pés do de Janas. Janas estava morto e seus arquivos, apagados. O conhecimento de Jonesy teria de servir. O importante era ir além do que Janas pensara como "zona-q". Além da zona-q, estaria seguro. Janas fora claro a respeito disso.

O pé de Jonesy tornou a pressionar o pedal do acelerador, com mais moderação dessa vez. A caminhonete começou a se movimentar. As mãos de Jonesy conduziram a Chevrolet de volta para o rastro deixado pela derrapagem que começava a desaparecer.

Debaixo do painel de instrumentos, o rádio estalou. "Baleia Um, aqui é Baleia Quatro. Avistei veículo virado em aterro mediano. Entendido?"

O Sr. Cinza consultou os arquivos. O que Jonesy sabia acerca de comunicação militar era quase nada, em grande parte compilado de livros e de algo conhecido como cinema, mas poderia ser útil. Pegou o microfone, procurou o botão que, Jonesy pensava, ficava no lado, localizou-o e pressionou.

— Entendido — disse. Baleia Quatro seria capaz de perceber que Baleia Um já não era Andy Janas? Com base nos arquivos de Jonesy, o Sr. Cinza tinha dúvidas.

— O pessoal aqui vai resgatá-lo, ver se consegue levá-lo de volta para a estrada. Está com a porra da comida, entendido?

O Sr. Cinza apertou o botão.

— Está com a porra da comida, entendido.

Uma pausa mais longa, longa o bastante para ele perguntar a si mesmo se tinha dito algo inconveniente, pego numa espécie de armadilha, e então o rádio disse:

— Acho que temos que esperar os próximos limpa-neves. Vai continuar a rodar, over? — Baleia Quatro dava a impressão de estar aborrecido. Os arquivos de Jonesy sugeriam que isso se devia ao fato de que Janas, com suas habilidades superiores de motorista, estava muito adiante para poder ajudar. Tudo isso era bom. Ele continuaria a rodar, de qualquer modo, mas era bom ter a confirmação oficial da Baleia Quatro, se era esse o caso.

Verificou os arquivos de Jonesy (que ele agora via tal como Jonesy os via — caixas num vasto salão) e disse:

— Entendido. Baleia Um, entendido e desligando. — E, refletindo, acrescentou: — Tenha uma boa noite.

A substância branca era terrível. Traiçoeira. Mesmo assim, o Sr. Cinza resolveu arriscar dirigir um pouco mais depressa. Enquanto estivesse na área controlada pela força armada do Kurtz Cruel, seria vulnerável. Uma vez fora da rede, porém, estaria apto a concluir sua missão rapidamente.

Necessitava de algo relacionado a um lugar chamado Derry, e, quando tornou a entrar no enorme depósito, o Sr. Cinza descobriu uma coisa extraordinária: seu relutante hospedeiro sabia disso ou o pressentia, porque eram os arquivos de Derry que Jonesy transferia de um lugar para outro quando o Sr. Cinza retornou e quase o surpreendeu.

O Sr. Cinza vistoriou as caixas abandonadas com uma súbita ansiedade e depois se tranquilizou.

A coisa de que necessitava ainda estava ali.

Caída de lado, perto da caixa que continha a mais importante informação, estava uma outra caixa, bem pequena e bastante empoeirada. Escrita no lado, com lápis preto, estava a palavra DUDDITS. Se havia outras caixas com o nome Duddits, foram removidas. Apenas aquela passara despercebida.

Mais por curiosidade do que por outra coisa (uma curiosidade

também tomada emprestada da reserva de emoções de Jonesy), o Sr. Cinza a abriu. Dentro havia um recipiente amarelo-vivo feito de plástico. Em sua superfície, figuras exóticas andavam aos saltos, figuras que os arquivos de Jonesy identificavam como cartuns e Scooby-Doos. Numa extremidade, havia um adesivo, com os dizeres: PERTENÇO A DOUGLAS CAVELL, MAPLE LANE, NÚMERO 19, DERRY, MAINE. SE O GAROTO A QUEM PERTENÇO SE PERDER, LIGUE PARA

Aos dizeres seguiam-se números apagados demais a ponto de serem ilegíveis, provavelmente um código de comunicação do qual Jonesy já não se lembrava. O Sr. Cinza colocou de lado o recipiente de plástico amarelo, talvez destinado a conter alimento. Talvez não tivesse significado algum... contudo, se fosse esse de fato o caso, por que Jonesy arriscara a vida ao recolher as outras caixas de DUDDITS (assim como algumas das caixas assinaladas com DERRY) e levá-las para um lugar seguro?

DUDDITS = AMIGO DE INFÂNCIA. O Sr. Cinza sabia disso desde o primeiro encontro com Jonesy "no hospital"... e, se soubesse o quanto Jonesy o irritaria, teria apagado a consciência de seu hospedeiro naquela ocasião. Nem o termo INFÂNCIA nem o termo AMIGO produziam qualquer ressonância emocional no Sr. Cinza, mas ele entendia o significado deles. O que não entendia era o que o amigo de infância de Jonesy tinha a ver com o que estava acontecendo naquela noite.

Ocorreu-lhe uma possibilidade: seu hospedeiro enlouquecera. Ser expulso do próprio corpo o levara à loucura, e simplesmente carregara as caixas para mais perto da porta de sua perplexa fortaleza, conferindo-lhes, em decorrência da loucura, uma importância que na realidade não tinham.

— Jonesy — disse o Sr. Cinza, pronunciando o nome com as cordas vocais de Jonesy. Aquelas criaturas eram gênios mecânicos (claro que tinham de ser, para sobreviver num mundo tão frio), mas seu processo mental era estranho e deficiente: mentalização enferrujada imersa em poças corrosivas de emoção. Suas capacidades telepáticas eram mínimas; a transitória telepatia que estavam agora praticando graças ao byrus e ao kim (chamavam-no de "lanterna") os assombrava e apavorava. Era difícil para o Sr. Cinza acreditar que ainda não tinham assassinado todos os semelhantes de sua espécie. Criaturas incapazes de pensamento verdadeiro são maníacos — algo, sem dúvida, incontestável.

Enquanto isso, nenhuma resposta partia da criatura naquela estranha sala inexpugnável.

— Jonesy.

Nada. Mas Jonesy o escutava. O Sr. Cinza estava seguro disso.

— Este sofrimento é desnecessário, Jonesy. Veja o que de fato somos... não invasores, mas salvadores. Amigões.

O Sr. Cinza refletiu sobre as várias caixas. Considerando-se que se tratava de uma criatura incapacitada para realmente pensar, Jonesy possuía um enorme espaço para armazenagem. Pergunta para um outro dia: por que seres que pensavam de um modo tão insatisfatório dispunham de uma capacidade tão grande de recuperação? Teria a ver com sua inflada

composição emocional? E as emoções eram perturbadoras. Ele julgava as emoções de Jonesy extremamente perturbadoras. Sempre lá. Sempre resgatáveis. E tantas delas.

— Guerra... fome... limpeza étnica... matar em nome da paz... massacrar os pagãos em nome de Jesus... homossexuais espancados até morrerem... bichos em garrafas, as garrafas ajustadas na ponta de mísseis apontados para todas as cidades do mundo... convenhamos, Jonesy, comparado com o antraz do tipo quatro, o que é um pequeno byrus entre amigos? Bananas-por-deus, vocês estarão mortos daqui a 50 anos, de qualquer maneira! Isto aqui é bom! Relaxe e goze!

— Você fez aquele sujeito espetar uma caneta no próprio olho.

Mal-humorado, mas melhor do que nada. Bateu um pé de vento, a caminhonete derrapou, e o Sr. Cinza a dirigiu, usando as habilidades de Jonesy. A visibilidade era quase nenhuma; reduzira a velocidade para cerca de 30 quilômetros por hora, e não seria má ideia encostar o veículo por algum tempo assim que estivesse longe da rede de Kurtz. Enquanto isso, bateria um papo com o hospedeiro. O Sr. Cinza duvidava que convenceria Jonesy a sair da sala, mas um bate-papo ao menos ajudaria a passar o tempo.

— Tive que fazer, amigo. Eu precisava da caminhonete. Eu sou o único que resta.

— E nunca perde.

— Correto — concordou o Sr. Cinza.

— Mas nunca se viu numa situação como esta, não é? Nunca encontrou alguém em quem não consegue botar a mão.

Jonesy estava zombando dele? O Sr. Cinza sentiu uma onda de raiva. E depois disse algo em que o próprio Sr. Cinza já tinha pensado.

— Você deveria ter me matado no hospital. Ou aquilo foi apenas um sonho?

O Sr. Cinza, sem saber o que era sonho, não se deu ao trabalho de responder. Ter aquele rebelde barricado no que agora deveria ter sido a mente do Sr. Cinza, apenas a dele, era mais e mais irritante. Para começar, não gostava de ver a si mesmo como "Sr. Cinza" — não era essa a ideia que fazia de si mesmo ou da espécie mental da qual fazia parte; não gostava sequer de ver a si mesmo como "ele", pois era dos dois sexos e de nenhum. No entanto, agora era prisioneiro desses conceitos, e o seria enquanto o núcleo do ser de Jonesy permanecesse não absorvido. Um pensamento terrível ocorreu ao Sr. Cinza: e se fosse o caso de os conceitos dele não terem qualquer significado?

Detestava estar naquela situação.

— Quem é Duddits, Jonesy?

Nenhuma resposta.

— Quem é Richie? Por que ele era um bosta? Por que foi morto?

— Nós não o matamos!

Um leve tremor na voz mental. Ah, aquele tiro acertou o alvo. E algo interessante: o Sr. Cinza não se referiu a ninguém em especial com a vaga

pergunta, mas Jonesy a entendeu no plural.

— Mas mataram. Ou você pensa que sim.

— Isso é uma mentira.

— Que bobagem está dizendo. Tenho as recordações, bem aqui, numa das suas caixas. Há neve na caixa. Neve e mocassim. Camurça marrom. Venha aqui dar uma olhada.

Por um segundo irrefletido, ele achou que Jonesy faria isso. Se o fizesse, o Sr. Cinza o arrastaria imediatamente de volta para o hospital. Jonesy veria a si mesmo morrendo na televisão. Um final feliz para um filme a que estavam assistindo. E, depois, nunca mais Sr. Cinza. Só o que Jonesy chamava de "nuvem".

O Sr. Cinza olhou com ansiedade para a maçaneta, desejando que ela girasse. Não girou.

— Saia.

Nada.

— Você matou Richie, seu covarde! Você e os seus amigos. Vocês... vocês sonharam com ele até o matarem. — Embora o Sr. Cinza não soubesse o que eram sonhos, sabia que era verdade. Ou que Jonesy acreditava que era verdade.

Nada.

— Saia! Saia e... — Rebuscou as lembranças de Jonesy. Inúmeras delas estavam dentro de caixas chamadas CINEMA, Jonesy pelo jeito adorava filmes acima de todas as coisas, e o Sr. Cinza pinçou o que ele achou que era uma frase particularmente forte de um desses filmes: — ... e lute como um homem!

Nada.

Seu puto, pensou o Sr. Cinza, mais uma vez imergindo na envolvente poça das emoções de seu hospedeiro. Seu filho da puta. Seu bunda-mole cabeça-dura. Lambe-porre, seu bunda-mole cabeça-dura.

No tempo em que Jonesy fora Jonesy, ele com frequência expressava raiva, esmurrando qualquer coisa. Foi o que o Sr. Cinza fez agora, com a mão cerrada de Jonesy, esmurrando o centro do volante da caminhonete e disparando a buzina.

— Me conte! Não a respeito de Richie, não a respeito de Duddits, mas a respeito de você! Algo te faz diferente. Quero saber o que é.

Nenhuma resposta.

— Está no descarte... é isso?

Nenhuma resposta ainda, mas o Sr. Cinza ouviu os pés de Jonesy se arrastarem atrás da porta. E talvez um breve arfar. O Sr. Cinza sorriu com a boca de Jonesy.

— Converse comigo, Jonesy... vamos jogar o jogo, vamos passar o tempo. Quem era Richie, além do número 19? Por que ficou furioso com ele? Porque era um Tiger? Um Derry Tiger? O que quer dizer isso? Quem é Duddits?

Nada.

A caminhonete avançava cada vez mais devagar na tempestade, os

faróis quase derrotados contra o muro remoinhante de branco. A voz do Sr. Cinza saiu branda, aliciante.

— Você não notou uma caixa de Duddits, amigão, sabia? Acontece que há uma caixa dentro da caixa... amarela. Nela há Scooby-Doos. O que são Scooby-Doos? Não são gente de verdade, são? São do cinema? Da televisão? Você quer a caixa? Saia, Jonesy. Saia que eu dou a caixa para você.

O Sr. Cinza afastou o pé do acelerador e deixou a caminhonete encostar em segurança à esquerda, sobre uma neve mais espessa. Algo estava acontecendo naquele momento, e ele desejava concentrar nisso toda a atenção. A força não arrancara Jonesy de sua fortaleza... mas a força não era a única forma de ganhar uma batalha, ou uma guerra.

A caminhonete ficou parada com o motor ligado junto da grade de proteção, debaixo do que era, então, uma nevasca impetuosa. O Sr. Cinza fechou os olhos. Imediatamente se encontrou no depósito de recordações de Jonesy sob forte iluminação. Atrás dele, quilômetros de caixas empilhadas, sumindo na distância embaixo de tubos de lâmpadas fluorescentes. Diante dele, a porta fechada, gasta e suja, mas, por algum motivo, resistente, muito resistente. O Sr. Cinza encostou nela as mãos com três dedos e começou a falar numa voz baixa que era ao mesmo tempo íntima e exigente.

— Quem é Duddits? Por que o procurou depois de ter matado Richie? Deixe-me entrar, precisamos conversar. Por que pegou algumas das caixas marcadas com Derry? O que há que você não quer que eu veja? Não importa, tenho o que preciso, deixe-me entrar, Jonesy, melhor agora do que mais tarde.

Daria certo. Sentiu os olhos vazios de Jonesy, viu a mão de Jonesy se aproximar da maçaneta e da fechadura.

— Nós sempre vencemos — disse o Sr. Cinza. Estava sentado atrás do volante com os olhos de Jonesy fechados, e, num outro universo, o vento uivava e balançava a caminhonete sobre as molas. — Abra a porta, Jonesy, abra agora.

Silêncio. E depois falou, de uma distância de menos de três dedos, e tão surpreendente quanto um balde de água fria jogada sobre a pele quente:

— Morda a merda e morra.

O Sr. Cinza recuou com tal violência que a nuca de Jonesy bateu no vidro de trás da caminhonete. A dor foi repentina e chocante, uma segunda surpresa desagradável.

Ele tornou a esmurrar com uma das mãos, depois a outra, depois com a outra mais uma vez; martelava o volante, a buzina transmitindo um código Morse de fúria. Uma criatura em grande parte desprovida de emoções, e pertencente a uma espécie em grande parte desprovida de emoções, ele fora sequestrado pelas substâncias emocionais do hospedeiro — dessa vez, não só mergulhando-o, mas também banhando-o. E de novo ele sentiu que isso acontecia apenas porque Jonesy ainda se encontrava lá, um tumor inquieto instalado no que teria sido uma consciência serena e

concentrada.

O Sr. Cinza martelava o volante, detestando aquela ejaculação emocional — o que a mente de Jonesy identificava como acesso de raiva —, mas também adorando-a. Adorando o som da buzina quando a golpeava com os punhos de Jonesy, adorando a pulsação do sangue de Jonesy nas têmporas de Jonesy, adorando o modo como o coração de Jonesy se acelerava e o som da voz roufenha de Jonesy gritando: "Seu cuca-fodida! Seu cuca-fodida!", sem parar.

E mesmo em meio à fúria, uma parte calma de si mesmo percebeu qual era o verdadeiro perigo. Eles sempre vieram, sempre fizeram à imagem deles os mundos que visitaram. Sempre fora assim, e assim deveria ser.

Mas agora...

Alguma coisa está me acontecendo, pensou o Sr. Cinza, ciente, mesmo ao pensar, que era em essência um pensamento "Jonesy". Estou começando a ficar humano.

O fato de que a ideia não era desprovida de atração encheu o Sr. Cinza de terror.

8

Jonesy despertou de um sono leve no qual o único som era o do ritmo sedativo e acalentador da voz do Sr. Cinza, e viu que suas mãos repousavam na maçaneta e na fechadura da porta do escritório, prontas para girar uma e destrancar a outra. O filho da puta tentava hipnotizá-lo e com muito sucesso.

— Nós sempre vencemos — disse a voz do outro lado da porta. Era sedativa, algo agradável depois de um dia tão tenso, mas era também desprezivelmente cheia de si. O usurpador que não descansaria enquanto não conseguisse tudo... que entendia que tomar tudo era aceitar algo dado. — Abra a porta, Jonesy, abra agora.

Por um momento, quase a abriu. Estava desperto de novo, mas mesmo assim quase o fez. Depois, se lembrou de dois sons: o tenebroso estalo do crânio de Pete, rachando-se quando a substância vermelha o pressionou, e a úmida explosão do olho de Janas ao ser perfurado pela caneta.

Jonesy se deu conta de que não estava de modo algum desperto, não na realidade. Mas agora, sim, estava.

Agora estava.

Afastando a mão da maçaneta e encostando a boca na porta, disse:

— Morda a merda e morra — com uma voz bastante clara. Sentiu o Sr. Cinza retroceder. Sentiu até mesmo a dor quando o Sr. Cinza se chocou contra a janela, e por que não? Afinal, os nervos eram seus. Para não

mencionar sua cabeça. Poucas coisas na vida lhe deram tanto prazer quanto a surpresa ultrajada do Sr. Cinza, e vagamente se deu conta do que o Sr. Cinza já sabia: o alienígena presente em sua cabeça era agora mais humano.

Se pudesse retornar como uma entidade física, ainda seria o Sr. Cinza?, Jonesy perguntou a si mesmo. Achava que não. Sr. Rosa, talvez, mas não Sr. Cinza.

Não sabia se o sujeito tentaria de novo aquele exercício do Monsieur Mesmer, mas Jonesy resolveu não se arriscar. Voltou-se e foi até a janela do escritório, tropeçando numa das caixas e pisando nas outras. Nossa, como o quadril doía. Era uma insensatez sentir tal dor, uma vez que estava dentro de sua própria cabeça (que, Henry certa vez lhe assegurou, de qualquer modo carecia de nervos, pelo menos na massa cinzenta), mas, sim, sentia a dor. Lera numa ocasião que os mutilados às vezes sentiam agonias terríveis e coceiras nos membros que já não existiam; provavelmente aquilo era igual.

A janela mostrava de novo a tediosa paisagem do caminho marcado por duas trilhas de rodas e coberto de ervas daninhas que se estendera ao longo do depósito dos Irmãos Tracker no ano de 1978. O céu estava branco e nublado; aparentemente, quando a janela dava vista para o passado, o tempo se congelava no meio da tarde. O único benefício daquela vista era que, enquanto a apreciava naquele momento, Jonesy se encontrava o mais distante possível do Sr. Cinza.

Imaginou que poderia transformar a vista, se realmente o desejasse; poderia olhar para fora e ver o que o Sr. Cinza via no momento com os olhos de Gary Jones. Não tinha vontade de fazê-lo, no entanto. Nada havia para ver, exceto a nevasca; nada para sentir, exceto a fúria furtada do Sr. Cinza.

Pense em outra coisa, disse para si mesmo.

Em quê?

Não sei... qualquer coisa. Por que não...

Na escrivaninha, o telefone tocou, o que era de uma estranheza com a dimensão de um Alice no País das Maravilhas, porque, alguns minutos atrás, não havia telefone na sala, tampouco uma escrivaninha sobre a qual pudesse estar. O monte de velhas camisinhas usadas desaparecera. O chão continuava imundo, mas o pó nas lajotas esvanecera. Aparentemente, havia uma espécie de zelador dentro de sua cabeça, um obsessivo com limpeza que resolvera que, como Jonesy ficaria ali algum tempo, era preciso manter o lugar pelo menos razoavelmente limpo. Julgou a ideia apavorante, as implicações, deprimentes.

Na escrivaninha, o telefone tornou a tocar, estridente. Jonesy pegou o receptor e disse:

— Alô?

A voz de Beaver fez correr um mórbido e horrível arrepio ao longo da espinha. Um telefonema de um morto — o material dos filmes de que gostava. De que gostara, de qualquer modo.

— A cabeça dele foi decepada, Jonesy. Caída na vala, os olhos cheios de barro.

Houve um estalo, depois um silêncio mortal. Jonesy colocou o fone no gancho e voltou para a janela. O caminho esvanecera. Derry esvanecera. Via a Hole in the Wall sob um pálido e claro sol de manhãzinha. O telhado era preto, não verde, o que significava que se tratava da Hole in the Wall tal como fora antes de 1982, quando os quatro, robustos colegiais (bom, Henry nunca fora o que se chamaria de robusto), ajudaram o pai do Beav a colocar as telhas de madeira verdes da cabana que ainda resistiam.

Só que Jonesy não precisava desse marco para saber que época era aquela. Da mesma forma, não precisava que lhe dissessem que as telhas de madeira verdes já não existiam, que a Hole in the Wall já não existia, Henry a destruíra com um incêndio. Dali a pouco a porta se abriria, e Beaver sairia correndo. Era 1978, o ano em que tudo aquilo realmente começara, e dali a pouco Beaver sairia correndo, só de calção e com a jaqueta de motoqueiro cheia de zíperes, as bandanas alaranjadas flutuando. Era 1978, eram jovens... e eles mudaram. Não mais a mesma merda, outro dia. Aquele era o dia em que começaram a se dar conta do quanto tinham mudado.

Jonesy olhava fixo pela janela, fascinado.

A porta se abriu.

Beaver Clarendon, aos 14 anos de idade, saiu correndo.

Capítulo Quinze

Henry e Owen

1

Henry observou Underhill caminhar com dificuldade em sua direção sob as ofuscantes luzes de segurança. Underhill ia de cabeça baixa, protegendo-a contra a neve e o vento que se intensificava. Henry abriu a boca para chamá-lo, mas, antes que o fizesse, viu-se dominado, quase esmagado, por uma percepção de Jonesy. Depois sobreveio a recordação, toldando completamente Underhill e aquele mundo alvo e brilhantemente iluminado. De súbito era de novo 1978, não outubro, mas novembro, e havia sangue, sangue sobre tábuas, vidro quebrado em água pantanosa, depois o bater estrondoso de uma porta.

2

Henry desperta de um terrível sonho confuso — sangue, vidro quebrado, os fortes cheiros de gasolina e borracha queimada — com o som de uma porta que bate com estrondo e de uma rajada de ar frio. Soergue-se, e vê Pete sentado a seu lado, a pele glabra do peito de Pete toda arrepiada. Henry e Pete estão dentro dos sacos de dormir no chão, porque perderam a parada no cara ou coroa de quatro lances. Beav e Jonesy ficaram com a cama (mais tarde haverá um terceiro quarto na Hole in the Wall, mas ali há apenas dois quartos, e Lamar ocupa um sozinho, pelo direito divino de ser adulto), só que Jonesy está sozinho na cama no momento, também soerguido, também com ar confuso e assustado.

Scooby-ooby-Doo, cadê tu, Henry pensa, sem qualquer motivo, enquanto tateia no parapeito da janela à procura dos óculos. Ainda consegue farejar cheiro de gasolina e pneus queimados. Temos um trabalho para fazer...

— Caiu — Jonesy diz com uma voz rouca, e torna a se cobrir. Está sem camisa, mas, assim como Henry e Pete, deitou-se de meias e ceroulas.

— É, afundou na água — diz Pete, a expressão no rosto sugerindo que não tem a menor ideia do que está falando. — Henry, você está com os sapatos dele...

— Mocassins... — Henry retruca, mas também não tem ideia do que está falando. Tampouco quer ter.

— Beav — diz Jonesy e salta da cama desajeitadamente. Um dos pés de meia aterrissa na mão de Pete.

— Ai! — Pete grita. — Você pisou em mim, seu tonto, cuidado com o que faz...

— Fique quieto, fique quieto — diz Henry, agarrando o ombro de Pete e sacudindo-o. — Não vá me acordar o Sr. Clarendon!

O que não seria difícil, porque a porta do quarto dos meninos está aberta. Aberta está também a porta no outro lado da enorme sala central, a que dá para fora. Não admira que sintam frio, pois vai entrando uma tremenda corrente de ar. Agora que Henry está de novo com seus olhos (é assim que considera os óculos), consegue enxergar o apanhador de sonhos dançando lá na fria brisa de novembro que entra pela porta aberta.

— Cadê o Duddits? — Jonesy pergunta com uma voz sonolenta, ainda onírica. — Ele foi lá fora com o Beaver?

— Seu bobo, ele está em Derry — Henry responde, levantando-se e vestindo a camiseta de malha. E não acha que Jonesy seja bobo, de jeito nenhum; ele também tem a sensação de que Duddits tinha acabado de estar ali com eles.

Foi o sonho, pensa. Duddits estava no sonho. Estava sentado no barranco. Estava chorando. Estava triste. Não tinha a intenção. Se alguém teve, fomos nós.

E ainda há um choro. Ouve-o, vindo pela porta da frente, trazido pela brisa. Não é Duddits, porém; é o Beav.

Saem do quarto em fila, ajeitando a roupa enquanto andam, sem se preocupar com os sapatos, o que demoraria muito.

Um dado positivo — a julgar pela cidade de latas de cerveja em cima da mesa da cozinha (mais um subúrbio das mesmas na mesinha de centro), será preciso mais do que duas portas abertas e um punhado de garotos para acordar o pai do Beav.

O enorme degrau da porta de granito está gelado como quê sob os pés de meias de Henry, gelado como deve ser a imprevidente e profunda morte, mas ele mal nota.

Vê Beaver em seguida. Está ao pé do bordo que comporta a plataforma de cervo, de joelhos, como se rezasse. As pernas e os pés desnudos, Henry vê. Está com a jaqueta de motoqueiro e, amarradas nos braços e deles pendendo, flutuando como adornos de piratas, estão as bandanas que o pai fez o filho usar quando Beaver teimou que queria usar na floresta essas bobagens sem nada a ver com caçada. A roupa parece muitíssimo engraçada, mas nada há de engraçado no rosto aflito apoiado contra os galhos quase desfolhados do bordo. Há veios de lágrimas escorrendo nas faces do Beav.

Henry dispara numa corrida. Pete e Jonesy o seguem logo atrás, a respiração saindo em penachos brancos no ar frio da madrugada. O chão forrado de folhas de pinheiro é, sob os pés de Henry, quase tão duro e frio

como o granito do degrau da porta.

Cai de joelhos ao lado de Beaver, assustado e de certo modo admirado com as lágrimas. Porque o Beav não está com os olhos apenas marejados, como o herói de um filme que se permite derramar uma ou duas lágrimas quando o cachorro ou a namorada morrem; o Beav está se debulhando em lágrimas como as Cataratas do Niágara. Do nariz pendem dois cordões de um ranho claro e reluzente. Coisa assim a gente nunca vê num filme.

— Brutal — diz Pete.

Henry olha para ele com impaciência, mas logo percebe que Pete não olha para Beaver, mas para além dele, para uma poça de vômito. Nela há grãos do milho da noite anterior (Lamar Clarendon acredita, apaixonadamente, nas qualidades da comida enlatada, quando se trata da culinária em acampamento) e fiapos da galinha da noite anterior. O estômago de Henry se vira e revira de náusea. E, assim que começa a se acalmar, Jonesy regurgita. Soa como um sonoro arroto líquido. O vômito é marrom.

— Brutal! — Pete quase grita dessa vez.

Beaver, ao que parece, não nota.

— Henry! — diz. Os olhos, submersos em duas camadas gêmeas de lágrimas, estão arregalados e assustadores. Parecem enxergar através do rosto de Henry, até as salas hipoteticamente privadas atrás de sua testa.

— Beav, está tudo bem. Você teve um pesadelo.

— Claro, um pesadelo. — A voz de Jonesy sai roufenha, a garganta ainda revestida de vômito. Tenta limpá-la com um espesso som de broca que, de algum modo, é pior do que o que acabou de pôr para fora, depois se curva e cospe. As mãos estão escoradas nas pernas das ceroulas e a pele das costas desnudas toda arrepiada.

Beav não repara em Jonesy, nem em Pete, enquanto Pete se ajoelha a seu lado, no lado oposto ao de Henry, e hesitante e sem jeito põe o braço em torno do ombro de Beav. Beav continua a olhar apenas para Henry.

— A cabeça dele foi decepada — Beaver sussurra.

Jonesy também se ajoelha, e agora os três o rodeiam, Beav, Henry e Pete nos lados, Jonesy diante dele. Há vômito no queixo de Jonesy. Estende a mão para limpá-lo, mas Beaver lhe segura a mão antes que o faça. Os garotos estão de joelhos ao pé do bordo e, subitamente, formam uma unidade. É breve, este senso de união, mas vívido como o sonho que tiveram. É o sonho, mas agora estão acordados, a sensação é racional e não têm como descrer.

Agora é para Jonesy que Beav olha com os assustadores olhos lacrimejantes. Apertando a mão de Jonesy.

— Caída na vala, os olhos cheios de barro.

— É — Jonesy murmura com uma voz trêmula e cheia de temor. — Ah, caramba, sim.

— Disse que ia topar com a gente de novo, se lembram? — Pete diz. — Em separado ou todos juntos. Ele disse isso.

Henry ouve essas palavras de uma enorme distância, porque retornou ao sonho. De volta à cena do acidente. No fundo de um barranco repleto de lixo onde há um terreno pantanoso, criado por um cano de esgoto bloqueado. Conhece o lugar, na Route 7, na antiga Derry-Newport Road. Com a capota virada na água suja e na escuridão está um carro queimado. O ar cheira a gasolina e pneus queimados. Duddits chora. Duddits está sentado a meio caminho do barranco forrado de lixo, agarrando contra o peito a lancheira do Scooby-Doo e chorando muito.

Uma mão se projeta de uma das janelas do carro virado. É fina, as unhas pintadas de vermelho-maçã berrante. Os outros dois ocupantes do carro foram lançados para fora, um deles a quase 10 metros. Este está de bruços, mas Henry ainda assim o identifica pela densa cabeleira loira molhada. É Duncan, o que disse que a gente não ia contar nada para ninguém porque a gente ia morrer. Só que Duncan é quem acabou morto.

Algo flutua, tocando a canela de Henry.

— Não toque nisso! — Pete diz, apressado, mas Henry o pega. É o mocassim marrom. Assim que registra isso, Beaver e Jonesy soltam um grito agudo com uma terrível harmonia infantil. Estão parados juntos, a água suja batendo nos tornozelos, ambos usando roupa de caçador: Jonesy com a nova parca laranja berrante, comprada na Sears especialmente para esta viagem (e a Sra. Jones ainda queixosa e relutantemente convencida de que o filho será morto na floresta por uma bala perdida de caçador, a vida interrompida na flor da idade), Beaver com a surrada jaqueta de motoqueiro (Que monte de zíperes!, disse a mãe de Duddits toda admirada, conquistando assim para sempre o amor e a admiração de Beaver) e as bandanas laranja amarradas nos braços. Não estão olhando para o terceiro corpo, o que jaz perto da porta da direção, mas Henry olha, só por um momento (ainda na mão o mocassim, como se fosse uma pequena canoa alagada), porque há algo terrível e fundamentalmente errado, tão errado que por um instante ele não consegue entender o que pode ser. Depois percebe que nada há acima do colarinho do paletó escolar do cadáver. Beaver e Jonesy estão gritando porque viram o que deveria estar em cima dele. Viram a cabeça de Richie Grenadeau caída, voltada para o alto, fitando o céu de cima de um monte ensanguentado de tábuas. Henry logo reconhece Richie. Apesar de não haver mais esparadrapo de través na ponte do nariz, sem dúvida é o sujeito que quis forçar Duddits a comer a porção de excremento naquele dia atrás do prédio dos Irmãos Tracker.

Duds está lá no barranco, chorando sem parar, o choro que penetra na cabeça da gente feito dor de cabeça de sinusite e se prosseguir levará Henry à loucura. Larga o mocassim e vadeia com dificuldade até a traseira do carro queimado, até onde Beaver e Jonesy estão abraçados.

— Beaver! Beav! — Henry chama num grito, mas, antes que estenda os braços e dê em Beaver uma forte sacudida, Beaver continua a fitar a cabeça decepada, como se sob hipnose.

Mas, por fim, Beaver olha para ele.

— A cabeça dele foi decepada — diz, como se isso não fosse

evidente. — Henry, a cabeça dele foi...

— Esqueça a cabeça dele, cuide do Duddits! Faça ele parar de chorar!

— Sim — diz Pete. Olha para a cabeça de Richie, aquele derradeiro brilho morto, depois desvia o olhar, a boca estremecendo. — Está me virando o estômago!

— Como giz numa lousa — murmura Jonesy. Acima do laranja da parca nova, sua pele tem a cor do queijo velho. — Faça ele parar, Beav.

— H-H-H...

— Deixe de tolice, cante para ele a porra daquela canção! — Henry berra. Sente a água imunda infiltrando-se entre os dedos dos pés. — O acalanto, a porra do acalanto!

Por um momento, o Beav mantém um ar de quem ainda não entende, mas depois seus olhos clareiam um pouco e ele exclama: "Ah!" Vadeia a água suja na direção do barranco, onde Duddits está sentado, agarrado à lancheira amarela e uivando como uivava no dia em que eles o conheceram. Henry vê algo que ele mal tem tempo de notar: há sangue em torno das narinas de Duddits e há uma atadura em seu ombro esquerdo. Algo se projeta da atadura, algo que parece plástico branco.

— Duddits — o Beav diz, subindo o barranco. — Duddie, meu anjo, não. Não chore mais, não olhe mais, não é bom você olhar, é tão brutal...

A princípio, Duddits não lhe dá atenção, continua a uivar. Henry pensa: Chorou tanto que fez o nariz sangrar, e isso explica o sangue, mas o que é a coisa branca espetada no ombro?

Jonesy está com a mão erguida, cobrindo os ouvidos. Pete está com uma das mãos no alto da cabeça, como se para impedir que se desprenda do corpo. Depois Beaver envolve Duddits em seus braços, exatamente como o fez algumas semanas antes, e começa a cantar com a voz clara e alta que a gente não consegue imaginar que possa sair de um sujeito como ele.

— O barco do bebê é sonho de prata, navegando perto e longe...

E, oh, milagre dos milagres, Duddits começa a se acalmar.

Falando com o canto da boca, Pete diz:

— Onde a gente está, Henry? Onde é que a gente está?

— Num sonho — Henry responde, e de súbito estão todos de volta sob o bordo na Hole in the Wall, ajoelhados juntos, com roupas de baixo e tremendo de frio.

— O quê? — pergunta Jonesy. Recua para limpar a boca, e, quando se rompe o contato entre eles, a realidade retorna. — O que foi que você falou, Henry?

Henry sente as mentes se retirando, sente-as de fato e pensa: Não era para sermos assim, nenhum de nós. Às vezes é melhor estar sozinho.

Sim, sozinho. Sozinho com os pensamentos.

— Tive um pesadelo — diz Beaver. Parece explicar isso para si mesmo, não para os outros. Devagar, como se ainda estivesse sonhando, abre o zíper de um dos bolsos da jaqueta, rebusca dentro dele e tira um Tootsie Pop. Em vez de desembrulhá-lo, Beaver coloca a ponta do palito na

boca e começa a rolá-lo de um lado para outro, mordiscando e mastigando de leve. — Sonhei que...

— Deixe para lá — Henry diz e empurra os óculos para cima do nariz. — Nós sabemos o que você sonhou. — Tínhamos de saber, estávamos lá, tremores nos lábios dele, mas guarda consigo. Tem apenas 14 anos de idade, mas é bastante prudente para saber que o que se diz não pode ser desdito. O que se põe na mesa está jogado, dizem quando jogam cunca ou Crazy Eights e alguém faz um descarte tolo. Se disser, todos eles terão de aguentar. Se não disser, então talvez... talvez simplesmente irá se dissipar.

— Mas não acho que foi seu sonho — fala Pete. — Acho que foi o sonho do Duddits e de nós todos...

— Estou me lixando para o que você pensa — diz Jonesy, a voz tão roufenha que deixa todos sobressaltados. — Foi um sonho, e eu vou me esquecer dele. Nós todos vamos nos esquecer dele, não vamos, Henry?

Henry concorda sem pestanejar.

— Vamos entrar — Pete diz. Parece extremamente aliviado. — Os meus pés estão gelados...

— Mas tem uma coisa — diz Henry, e todos olham para ele um tanto nervosos. Porque quando precisam de um líder, Henry o é. E se não gostarem do meu jeito, pensa ele, melindroso, procurem um outro. Porque não é manha, acreditem em mim.

— O quê? — Beaver pergunta, querendo dizer: O que é dessa vez?

— Quando a gente for para o Gosselin mais tarde, alguém tem de telefonar para o Duds. Ele pode estar chateado.

Ninguém reage a isso, todos eles silenciados pela surpreendente ideia de falar com o novo amigo retardado pelo telefone. Ocorre a Henry que Duddits provavelmente jamais recebeu um telefonema na vida; este será o primeiro.

— Sabe, acho que é uma boa ideia — concorda Pete... e depois tapa a boca com a mão, como quem diz algo incriminador.

Beaver, pelado, exceto pela ridícula cueca samba-canção e pela jaqueta ainda mais ridícula, treme violentamente. O Tootsie Pop estremece na extremidade do palito mordido.

— Um dia você vai se engasgar com essas porcarias — adverte-o Henry.

— É, a minha mãe fala isso. Vamos entrar? Estou morrendo de frio.

Começam a caminhar na direção da Hole in the Wall, onde sua amizade terminará em 23 anos.

— Acham que o Richie Grenadeau está morto mesmo? — Beaver pergunta.

— Não sei e não quero saber — responde Jonesy. Olha para Henry. — Está bom, vamos telefonar para o Duddits... eu tenho telefone e a gente pode transferir a cobrança para o meu número.

— Seu próprio telefone — retruca Pete. — É um sortudo mesmo. Os seus pais estão estragando você, Gary.

Ouvir ser chamado de Gary em geral o deixa irritado, mas nessa manhã não — Jonesy está preocupado demais.

— Presente de aniversário, e quem paga as chamadas interurbanas sou eu, com o dinheiro da minha mesada, então, ponto final. E depois, isso nunca aconteceu... nunca aconteceu, entendeu?

E todos fizeram que sim com a cabeça. Nunca aconteceu. Nunca acon...

3

Um pé de vento empurrou Henry para a frente, quase contra a cerca eletrificada do recinto. Voltou a si, libertando-se da recordação como se de um pesado sobretudo. Não poderia ter ocorrido num momento mais conveniente (claro, o momento para algumas recordações jamais era conveniente). Estava esperando Underhill, congelando até os testículos e aguardando a oportunidade de sair dali, e Underhill talvez tivesse passado por ele enquanto devaneava, deixando-o na mão.

Mas Underhill não tinha passado. Estava parado do outro lado da cerca, as mãos enfiadas nos bolsos, olhando para Henry. Flocos de neve pousavam no bojo transparente da máscara, semelhante a um inseto, e se derretiam com o calor do hálito, escorrendo na superfície como...

Como as lágrimas de Beaver naquele dia, Henry pensou.

— Você deveria estar lá dentro do celeiro com os outros — disse Underhill. — Vai virar um boneco de neve aqui fora.

A língua de Henry se prendeu no céu da boca. Sua vida dependia, literalmente, do que fosse dizer para aquele homem, e não tinha a menor ideia de como começar. Não conseguia sequer relaxar a língua.

Ora, e daí?, a voz interior indagou — a voz das trevas, suas velhas amigas. Honestamente, por que se preocupar? Por que não deixa que façam o que você pretendia fazer com você mesmo, afinal de contas?

Porque já não era exatamente ele. No entanto, ainda não conseguia falar.

Underhill se demorou um pouco mais onde estava parado, olhando para ele. As mãos nos bolsos. O capuz jogado para trás, expondo o cabelo curto de um loiro escuro. A neve se derretendo na máscara que os soldados usavam, mas não os detentos, porque os detentos não precisariam delas; para os detentos, assim como para os guris cinzentos, havia uma solução definitiva.

Henry se esforçava para falar e não conseguia, não conseguia. Ah, Deus, Jonesy é que deveria estar ali, não ele; Jonesy é quem sempre fora mais hábil para falar. Underhill estava prestes a se afastar, deixando-o com um monte de possibilidades.

Mas Underhill ficou um pouco mais.

— Não me surpreendeu o fato de você saber o meu nome, Sr... Henreid? Seu nome é Henreid?

— Devlin. Você captou o meu primeiro nome. Meu nome é Henry Devlin. — Movimentando-se com cautela, Henry introduziu a mão numa brecha entre uma fileira de arame farpado e outra de arame liso eletrificado. Como Underhill não se moveu, apenas fitou-o sem qualquer expressão durante uns cinco segundos, Henry retirou a mão, levando-a de volta para seu mundo recém-criado, sentindo-se tolo e dizendo para si mesmo que deixasse de ser tão idiota, que afinal não havia sido esnobado numa festa.

Depois disso, Underhill assentiu com a cabeça afavelmente, como se eles estivessem numa festa, não expostos a uma tempestade uivante, iluminada pelas lâmpadas de segurança recentemente instaladas.

— Sabe o meu nome porque a presença dos alienígenas em Jefferson Tract gerou um efeito inferior de telepatia. — Underhill sorriu. — Soa tolo quando a gente diz com todas as letras, não é mesmo? Mas é verdade. O efeito é transitório, inofensivo, e superficial demais para servir para algo que preste, a não ser brincadeiras em festinhas, mas estamos bastante ocupados esta noite para brincadeiras.

A língua de Henry se desprendeu por fim, felizmente.

— Não veio até aqui, debaixo de uma tempestade de neve, porque sei o seu nome — disse Henry. — Veio até aqui porque sei o nome da sua mulher. E o da sua filha.

O sorriso de Underhill não vacilou.

— Talvez sim — retrucou. — De qualquer forma, acho que é hora de nós dois irmos para a cama descansar... foi um dia comprido.

Underhill começou a caminhar, mas seguindo ao longo da cerca, na direção dos outros trailers e campers estacionados. Henry acompanhou os seus passos, embora tivesse de se esforçar para isso; havia pelo menos 30 centímetros de neve no chão, o vento a carregava, e ninguém pisara nela no lado do homem morto.

— Sr. Underhill. Owen. Pare um instante e me escute. Tenho uma coisa importante para lhe contar.

Underhill continuou a andar ao longo da cerca do seu lado (que era também o lado do homem morto; Underhill saberia disso?), a cabeça baixa contra o vento, ainda estampando o débil sorriso afável. O mais terrível, Henry sabia, era que Underhill queria parar. Só que, até então, Henry não lhe dera um motivo para fazê-lo.

— Kurtz é louco — disse Henry. Ainda acompanhava sua marcha, mas agora ofegava audivelmente, a perna exausta a berrar. — Mas ele é louco feito uma raposa.

Underhill continuou a andar, a cabeça baixa e o sorrisinho resistindo sob a máscara ridícula. Se havia alguma diferença, caminhava mais depressa. Logo Henry teria de correr a fim de acompanhá-lo em seu lado da cerca. Se ainda lhe fosse possível correr.

— Você vai apontar as metralhadoras para nós — Henry gritou

arquejando. — Corpos vão para o celeiro… o celeiro é banhado de gasolina… provavelmente da própria bomba do velho Gosselin, não há por que desperdiçar verba do governo… e depois, pluuf, carregados pela fumaça… 200… 400… vai cheirar como porco torrado no inferno…

O sorriso de Underhill se dissipou enquanto ele andava ainda mais depressa. De algum modo, Henry encontrou forças para andar a trote, a respiração entrecortada, e lutar para transpor as dunas de neve que chegavam à altura dos joelhos. O vento batia aguçado contra o rosto pulsante. Como uma lâmina.

— Mas Owen… é você, certo?… Owen?… você se lembra daquela antiga rima… uma que é assim: "Pulgões… tenho pulguinhas… para mordê-los… e assim por diante… e assim por adiante, ad infinitum?"… isso está aqui e isto é você… porque o Kurtz tem os oficiais qualificados dele… o homem abaixo dele, acho que se chama Johnson…

Underhill lhe lançou um único olhar agudo, depois andou mais depressa do que antes. Henry conseguiu, de algum modo, acompanhá-lo, mas achava que não o conseguiria por muito mais tempo. Sentia uma pontada no flanco. Era forte, cada vez mais forte.

— Devia ser… tarefa sua… a segunda parte da limpeza… Vale Imperial, esse é o… código… significa alguma coisa para você?

Henry percebeu que não. Kurtz nunca dissera nada para Underhill a respeito da operação que exterminaria grande parte do Grupo Azul. Vale Imperial significava, exatamente, lhufas para Owen Underhill, e agora, além da pontada, Henry sentia o que lhe parecia uma faixa de ferro em torno do peito, apertando e apertando.

— Pare… por Deus, Underhill… não pode…?

Underhill simplesmente continuava a andar com passadas largas. Underhill queria conservar suas poucas ilusões que restavam. Quem poderia culpá-lo?

— Johnson… alguns outros… pelo menos uma mulher… poderia ter sido você também, se não tivesse estragado… foi além dos limites, é o que ele pensa… e também não foi a primeira vez… você fez isso antes, num lugar como Bossa Nova…

Com isso, Henry foi alvo de um outro olhar agudo. Progresso? Talvez.

— No fim, eu acho… que até Johnson vai ser vítima… apenas Kurtz vivo aqui… o resto… nada, só uma pilha de cinzas e ossos… a merda de sua telepatia não… lhe diz isso, diz… seu truquezinho de ler mente em festinha… sequer vai… tocar… nisso…

A dor aguda no flanco se aprofundou e se estendeu para a axila direita feito uma garra. Ao mesmo tempo, os pés escorregaram e ele caiu de cabeça num monte de neve. Os pulmões se debateram furiosamente para obter ar e, em lugar disso, ele engoliu uma grande porção de pó de neve pulverizada.

Henry se apoiou sobre os joelhos, tossindo e engasgando-se, e viu as costas de Underhill desaparecendo numa muralha de neve soprada pelo

vento. Sem saber o que dizer, sabendo apenas que era sua última oportunidade, gritou:

— Você tentou mijar na escova de dentes do Sr. Rapeloew e, como não conseguiu, quebrou a travessa deles! Quebrou a travessa deles e fugiu correndo! Assim como está fugindo agora, seu covarde de merda!

À frente dele, mal visível na neve, Owen Underhill parou.

4

Por um momento, se limitou a ficar parado lá, de costas para Henry, que estava de joelhos ofegando feito um cão, a neve gélida derretida escorrendo no rosto ardente. Henry tinha consciência, de um modo que era distante e próximo ao mesmo tempo, de que a ferida na coxa onde o byrus germinava havia começado a coçar.

Por fim, Underhill se virou e voltou.

— Como sabe a respeito dos Rapeloew? A telepatia está se dissipando. Você não teria como chegar tão fundo.

— Sei muita coisa — Henry retrucou. Levantou-se e ficou a ofegar e tossir. — Porque está arraigado em mim. Sou diferente. Meus amigos e eu, nós somos diferentes. Somos em quatro. Dois morreram. Eu estou aqui. O quarto... Sr. Underhill, o quarto é o nosso problema. Não eu, não as pessoas presas no celeiro ou as que vocês estão trazendo, não o seu Grupo Azul ou os oficiais do Vale Imperial de Kurtz. Só ele. — Relutou, não desejando pronunciar o nome; Jonesy era a pessoa de quem mais esteve próximo, Beaver e Pete eram sensacionais, mas apenas Jonesy e ele podiam trocar, com igualdade, mentes, livros, ideias; apenas Jonesy também tinha a aptidão para sonhar fora das linhas e ver as linhas. Mas Jonesy não existia mais, existia? Henry tinha certeza absoluta disso. Ele estivera lá, um pequeno fragmento dele estivera lá quando a nuvem negro-avermelhada passou por Henry, mas àquela altura o velho amigo teria sido devorado vivo. Seu coração talvez ainda batesse, seus olhos talvez ainda vissem, mas o Jonesy essencial estava morto como Pete e o Beav. — Jonesy é o seu problema, Sr. Underhill. Gary Jones, de Brookline, Massachusetts.

— Kurtz também é um problema. — Underhill falou baixo demais para ser ouvido em meio ao vento uivante, mas mesmo assim Henry o ouviu; ouviu-o em sua mente.

Underhill olhou em redor. Henry acompanhou o movimento de sua cabeça e viu alguns homens correndo pelo caminho improvisado entre as campers e os trailers — nenhum próximo. No entanto, toda a área em volta do armazém e do celeiro estava implacavelmente iluminada, e, apesar do vento, ele ouviu motores ligados, o ruído gago dos geradores e gritos de homens. Alguém dava ordens através de um megafone. O efeito geral era sinistro, como se os dois tivessem ficado presos pela tempestade num

lugar povoado de fantasmas. Os homens que corriam pareciam mesmo fantasmas, à medida que sumiam nos lençóis de neve que se agitavam.

— Não podemos conversar aqui — disse Underhill. — Escute-me, recruta, e não me faça repetir nenhuma palavra.

E, na cabeça de Henry, onde havia agora uma quantidade tal de informações que grande parte delas se misturava num incompreensível ensopado, um pensamento saído da mente de Owen Underhill de súbito surgiu claro e simples: recruta. Palavra dele. Não posso acreditar que usei a palavra dele.

— Estou escutando — Henry retrucou.

5

O galpão ficava no outro lado do recinto, o mais distante possível do celeiro, e, embora o lado de fora estivesse tão bem iluminado quanto o resto do diabólico campo de concentração, o interior estava às escuras e tinha um cheiro doce de feno velho. E de algo mais, algo um pouco mais acre.

Quatro homens e uma mulher se recostavam na parede do fundo do galpão. Vestiam roupas de caçador laranja e passavam um cigarro de maconha. Havia apenas duas janelas no galpão, uma de frente para o curral, a outra, de frente para a cerca do perímetro e para a floresta adiante. A vidraça estava encardida e barrava um pouco o inclemente clarão das luzes de sódio. Na penumbra, o rosto dos prisioneiros que fumavam maconha parecia cinzento, já morto.

— Um tapinha? — perguntou o sujeito que segurava o cigarro. Falou com uma voz cansada, de sovina, prendendo a fumaça no peito, mas estendeu o cigarro de boa vontade. Era um charutão, Henry pensou, tão grande quanto um panatela.

— Não, quero que vocês todos saiam daqui.

Olharam-no com ar de perplexidade. A mulher era casada com o sujeito com o cigarro. O sujeito do lado dela era seu cunhado. Os outros dois estavam ali apenas para partilhar a maconha.

— Voltem para o celeiro — Henry disse.

— De jeito nenhum — um dos outros homens respondeu. — Está cheio demais lá dentro. Preferimos um pouco mais de privacidade. E, já que a gente chegou aqui primeiro, sugiro que, se não quiser ser sociável, você é quem deve...

— Eu peguei — Henry disse. Pôs a mão na camiseta amarrada na perna. — Byrus. O que eles chamam de Ripley. Algum de vocês deve ter pegado... acho que você pegou, Charles... — Apontou para o quinto homem corpulento dentro da parca e calvo.

— Não! — Charles berrou, mas os outros já estavam se afastando

dele, o com o cigarro de maconha (chamava-se Darren Chiles e era de Newton, Massachusetts) cuidando de não soltar a fumaça.

— Sim, pegou, sim — Henry retrucou. — Faz parte do primeiro time. Você também, Mona. Mona? Não, Marsha. É Marsha.

— Eu não! — protestou ela. Levantou-se, pressionando as costas contra a parede do celeiro e olhando para Henry com olhos esbugalhados e aterrorizada. Olhos de corça. Logo todas as corças ali estariam mortas, e Marsha estaria morta também. Henry desejou que ela não captasse esse seu pensamento. — Estou isenta, meu senhor, estamos todos isentos, menos você!

Olhou para o marido, que não era corpulento, mas tinha mais corpo do que Henry. Todos tinham, na verdade. Não mais altos, talvez, mas com mais corpo.

— Ponha ele para fora, Dare.

— Há dois tipos de Ripley — disse Henry, estabelecendo como fato o que ele apenas achava... mas quanto mais pensava a respeito, mais sentido fazia. — Chamem-no de Ripley Primário e Ripley Secundário. Tenho certeza de que, se a dose não foi forte... através do que vocês comeram ou inalaram, ou algo que entrou vivo numa ferida... vocês podem melhorar. Podem vencê-lo.

Agora todos o olhavam com olhos grandes de corça, e Henry sentiu um momento de desespero extraordinário. Por que não era capaz de ter um suicídio sereno e agradável?

— Tenho o Ripley Primário — disse. Desamarrou a camiseta. Nenhum deles deu mais do que uma olhadela no rasgo da calça de brim coberta de neve pulverizada, mas Henry os olhou atentamente. O ferimento causado pela haste das lanternas de sinalização estava agora tomado pelo byrus. Alguns dos filamentos chegavam a ter quase 10 centímetros, as pontas oscilando como algas numa corrente de maré. Sentia as raízes da substância instalando-se sem cessar, cada vez mais fundas, coçando, espumando e efervescendo. Tentando pensar. O pior era isso — estava tentando pensar.

Agora eles estavam se afastando na direção da porta, e Henry esperava que saíssem em disparada assim que fossem pegos pelo ar frio. Em vez disso, pararam.

— Senhor, pode nos ajudar? — Marsha perguntou com uma trêmula voz infantil. Darren, o marido, abraçou-a.

— Não sei — Henry respondeu. — Provavelmente, não... mas talvez. Agora vão embora. Sairei daqui a meia hora, talvez menos, mas acho que será melhor ficarem no celeiro junto com os outros.

— Por quê? — perguntou Darren Chiles, de Newton.

E Henry, que tinha apenas uma vaga ideia — nada perto de um plano —, respondeu:

— Não sei. Só acho que seria melhor.

Saíram, deixando Henry de posse do galpão.

6

Embaixo da janela que dava para a cerca do perímetro, havia um velho fardo de feno. Darren Chiles estava sentado nele quando Henry entrou (como portava o cigarro, Chiles ganhara o assento mais confortável) e agora Henry o tomou para si. Sentou-se com as mãos nos joelhos, sentindo-se imediatamente sonolento, apesar das vozes que se atropelavam dentro da cabeça e da forte coceira que se intensificava na perna esquerda (começava na boca, também, onde perdera um dente).

Ouviu Underhill chegar antes que Underhill falasse com ele do lado de fora da janela; ouviu sua mente se aproximar.

— Estou num lugar protegido contra o vento e quase imerso na sombra do prédio — disse Underhill. — Estou fumando. Se alguém se aproximar, você não está aí.

— Está bem.

— Minta para mim, e irei embora e você jamais falará comigo em sua curta vida, em voz alta ou... de outro modo.

— Está bem.

— Como se livrou das pessoas que estavam aí dentro?

— Por quê? — Henry diria que estava muito cansado para ficar irritado, mas esse aparentemente não era o caso. — Era algum tipo de teste?

— Não seja tolo.

— Disse para eles que tenho o Ripley Primário, o que é verdade. Deram no pé. — Henry fez uma pausa. — Você também tem, não é?

— O que o leva a pensar isso? — Henry não detectou qualquer tensão na voz de Underhill, e, sendo psiquiatra, sabia reconhecer os sinais. O que quer que Underhill fosse, Henry percebeu que se tratava de um homem com uma cabeça totalmente sob controle, e isso era um passo na direção certa. Pode também, ele pensou, ferir, se ele concluir que realmente nada tem a perder.

— Em volta das unhas, não é? E um pequeno em uma orelha.

— Você ficaria sem as calças em Las Vegas, companheiro. — Henry viu Underhill levantar a mão, com um cigarro entre os dedos enluvados. Imaginou que o vento acabaria fumando sozinho boa parte.

— Pega-se o Primário diretamente da origem. Tenho certeza absoluta de que o Secundário vem do contato com algo que o germina... árvore, musgo, cervo, cão, outra pessoa. Pega-se isso como se pega sumagre venenoso. Não se trata de uma coisa que os seus próprios cientistas não investigam. Pelo que entendo, obtive a informação através deles. A minha cabeça é como uma antena de satélite, com tudo sendo transmitido numa pré-estreia e nada censurado. Não sei dizer de onde vem a metade dessa coisa, mas não importa. Essa é uma substância que os seus cientistas não conhecem. Os cinzentos chamam esse matinho vermelho de byrus, uma palavra que significa "a substância da vida". Sob determinadas condições, a

versão primária pode desenvolver os implantes.

— As fuinhas de merda, você quer dizer.

— Fuinhas de merda, essa é boa. Gostei. Provêm do byrus e depois se reproduzem pondo ovos. Propagam-se, põem mais ovos, propagam-se de novo. Esse pelo menos é o jeito que deve ser. Aqui, a maioria dos ovos morre. Não sei se por causa do clima frio, da atmosfera ou de alguma outra coisa. Mas, no nosso ambiente, Underhill, tudo tem a ver com o byrus. É tudo o que eles têm que funciona.

— A substância da vida.

— Hã-hã... mas, escute: os cinzentos encontraram um grande problema aqui, motivo pelo qual, provavelmente, estão rondando há tanto tempo, meio século, antes de agirem. As fuinhas, por exemplo. Teoricamente, são saprófitos... sabe o que isso significa?

— Henry... é você mesmo, não é? Henry?... Henry, terá isto alguma relação com a nossa presente...

— Tem muita relação com a nossa presente situação. E, a menos que queira arcar com grande parte da responsabilidade pelo fim de toda a vida na Espaçonave Terra, quero dizer, excetuando-se um monte de kudzus interestelares, aconselho você a ficar quieto e escutar.

Silêncio. Depois:

— Estou escutando.

— Saprófitos são parasitas benéficos. Vivem nos intestinos e, deliberadamente, engolimos mais deles em alguns produtos de laticínio. No leite acidófilo, por exemplo, e no iogurte. Damos a esses bichinhos um lugar para viver e eles nos dão algo em troca. No caso da bactéria em laticínios, a melhora da digestão. As fuinhas, em condições normais... normais em algum outro mundo, suponho, onde a ecologia difere de maneiras que nem consigo imaginar... crescem até um tamanho não maior do que, talvez, uma colher de chá. Penso que, nas fêmeas, podem influenciar no processo de reprodução, mas não matam. Não normalmente. Apenas vivem nos intestinos. Nós lhes damos alimento, elas nos dão telepatia. Isso é, em tese, um comércio. Só que nos transformam em televisão. Nós somos a TV Guri Cinzento.

— E você sabe tudo isso porque uma delas vive dentro de você? — Não havia desgosto na voz de Underhill, mas Henry o sentiu nitidamente na mente do homem, pulsando como um tentáculo. — Uma das fuinhas normais entre aspas?

— Não. — Pelo menos, pensou, acho que não.

— Então, como sabe o que sabe? Ou está talvez inventando tudo enquanto fala? Tentando criar para você uma forma de cair fora daqui?

— Como sei é o que menos interessa, Owen. Mas você sabe que não estou mentindo. Pode ler meu pensamento.

— Sei que você pensa que não está mentindo. Com quanto mais dessa bobagem de ler o pensamento você acha que posso contar?

— Não sei. Mais, se o byrus se alastrar, provavelmente, mas não no meu time.

— Porque você é diferente. — Havia ceticismo tanto na voz quanto nos pensamentos de Underhill.

— Companheiro, só hoje descobri o quanto sou diferente. Mas não perca seu tempo com isso. Por enquanto, quero apenas que você entenda que os cinzentos estão numa enrascada aqui. Talvez pela primeira vez na história deles, encontram-se numa verdadeira batalha para assumir o controle. Em primeiro lugar, porque, quando entram em alguém, as fuinhas não são saprofíticas, mas violentamente parasitas. Não param de comer e não param de crescer. São câncer, Underhill. Em segundo lugar, o byrus. Desenvolve-se bem em outros mundos, mas muito mal no nosso, ao menos até agora. Os cientistas e os médicos especialistas que estão comandando esta investigação acreditam que o frio o está contendo, mas não creio que seja assim ou de modo algum assim. Não posso ser categórico, porque eles não sabem, mas...

— Ora, ora. — Surgiu uma breve chama entre as mãos em concha quando Underhill acendeu outro cigarro para o vento fumar. — Não está se referindo aos médicos cientistas, está?

— Não.

— Você acha que está em contato com os guris cinzentos. Em contato telepático.

— Acho... com um deles. Através de um mediador.

— Esse tal Jonesy de que você falou?

— Owen, não sei. Não com certeza. O fato é que eles estão perdendo. Eu, você, os homens que foram hoje até o Guri Azul com você, talvez não estejamos aqui para celebrar o Natal. Não estou fazendo piada. Recebemos altas doses concentradas. Mas...

— Está bem, já entendi — disse Underhill. — Edwards também... apareceu para ele feito mágica.

— Mas, mesmo que se aposse de você de fato, não acredito que você o propague numa distância longa. Não é assim tão contraível. Há gente lá naquele celeiro que jamais o pegará, não importa a quantidade de pessoas infectadas com o byrus com as quais entrem em contato. E as pessoas que o pegam como se pega resfriado, elas desenvolvem o Byrus Secundário... ou Ripley, se preferir.

— Não, não, fiquemos com o byrus.

— Está bem. Talvez o transmitam para umas poucas pessoas, que teriam então uma versão bastante fraca do que se pode chamar de Byrus Três. É possível que seja até comunicável para além disso, mas suponho que, quando se chegar ao Byrus Quatro, será necessário um microscópio ou um exame de sangue para detectá-lo. Depois, é o fim.

— Segue-se o replay instantâneo, por isso atenção.

— Primeiro ponto. Os cinzentos, provavelmente não mais do que sistemas de entrega para o byrus, já se foram. Os que o meio ambiente não matou, como os micróbios que no fim mataram os marcianos no Guerra dos mundos, foram exterminados por suas armas. Todos menos um, quer dizer, o que, sim, deve ser ele, me passou as informações de que

disponho. E, no sentido físico, ele também não existe mais. Segundo ponto. As fuinhas não dão certo. Como todas as formas de câncer, acabam se consumindo até morrer. As fuinhas que escapam das entranhas ou do intestino grosso morrem rapidamente num meio que, para elas, é hostil. Terceiro ponto. O byrus também não dá certo, ou não muito certo, mas, se tiver oportunidade, se tiver tempo para se esconder e se desenvolver, então pode sofrer mutação. Aprender a se adaptar. Talvez a governar.

— Nós vamos exterminá-lo — disse Underhill. — Vamos transformar todo o Jefferson Tract numa cicatriz calcinada.

Henry sentiu vontade de gritar de frustração, e algo dessa vontade talvez tenha sido transmitida. Houve um baque quando Underhill se movimentou bruscamente, batendo as costas contra a fina parede do galpão.

— Não importa o que fizerem neste lugar — disse Henry. — As pessoas detidas não o alastrarão, as fuinhas não o alastrarão, e o byrus não se alastra sozinho. Se os seus homens levantassem acampamento e fossem embora agora mesmo, o meio se encarregaria de apagar todo esse absurdo como se fosse uma péssima equação. Creio que os cinzentos se mostraram desse jeito porque simplesmente não conseguem acreditar. Creio que foi uma missão suicida com uma versão cinzenta do seu samurai Kurtz na liderança. Eles simplesmente não conseguem conceber a ideia de fracasso. "Sempre vencemos", eles pensam.

— Como você...

— Depois, no último minuto, Underhill, ou talvez no último segundo, um deles encontrou um homem extraordinariamente diferente dos outros com quem os cinzentos, as fuinhas e o byrus entraram em contato. Ele é o seu Typhoid Mary. E já está fora da zona-q, invalidando tudo o que vocês estão fazendo aqui.

— Gary Jones.

— Sim, Jonesy.

— O que o torna diferente?

Por menos que quisesse falar dessa questão, Henry compreendeu que tinha de dar algo a Underhill.

— Ele, eu e os nossos outros dois amigos, os que morreram, uma vez conhecemos alguém que era muito diferente. Um telepata natural, que não necessitava do byrus. Ele atuou sobre nós de algum modo. Se o tivéssemos conhecido quando nos tornamos um pouco mais velhos, não acho que isso teria sido possível, mas nós o conhecemos quando éramos especialmente... vulneráveis, penso que se poderia chamar assim... ao que ele possuía. E depois, anos mais tarde, uma outra coisa aconteceu a Jonesy, uma coisa que nada tinha a ver com... com esse menino admirável.

Essa, porém, não era a verdade, Henry suspeitava; embora Jonesy tivesse sido atropelado e quase morrido em Cambridge, e Duddits, pelo que Henry sabia, nunca tenha estado no sul de Derry na vida, Duds de algum modo tivera parte na mudança crucial e final de Jonesy. Fora uma parte disso também. Sabia disso.

— E devo... o quê? Simplesmente acreditar nisso tudo? Engolir isso feito xarope?

Na escuridão do galpão que cheirava a doce, os lábios de Henry se abriram num sorriso bem-humorado.

— Owen — disse —, você acredita nisso. Não se esqueça que sou um telepata. O pior deles nesta selva. A pergunta, no entanto, é... a pergunta é...

Henry fez a pergunta mentalmente.

7

Parado do lado de fora da cerca do recinto, junto da parede dos fundos do velho galpão de depósito, congelando os testículos, a máscara abaixada em torno do pescoço para que pudesse fumar uma série de cigarros que não queria (havia um outro maço na cooperativa), Owen diria que nunca sentira tanta vontade de rir na vida... mas, quando o homem no galpão respondeu à sua eminentemente razoável pergunta com uma impaciente integridade — você acredita nisso... não se esqueça que sou um telepata —, mesmo assim uma risada escapuliu, surpreendendo-o. Kurtz dissera que, se a telepatia se tornasse permanente e se difundisse, a sociedade, tal como a conheciam, desmoronaria. Owen retivera o conceito, mas agora também o compreendia no seu âmago.

— A pergunta, no entanto... a pergunta é...

O que vamos fazer a respeito?

Cansado como estava, Owen concebia uma única resposta para a pergunta.

— Creio que temos de encontrar Jones. Acha que adianta? Temos tempo?

— Acho que sim. Muito pouco.

Owen tentou ler o que estava por trás da resposta de Henry com seus poderes inferiores, mas não conseguiu. No entanto, estava certo de que grande parte do que o homem lhe falara era verdadeiro. Ou isso ou então acredita que é verdadeiro, Owen pensou. Deus sabe que quero acreditar que seja verdadeiro. Qualquer pretexto para cair fora daqui antes que comece a carnificina.

— Não — disse Henry, e, pela primeira vez, Owen achou que ele parecia perturbado, não inteiramente seguro de si. — Nada de carnificina. Kurtz não vai matar 280 pessoas. Pessoas que, em última análise, não têm como influenciar essa situação, seja como for. São apenas... Deus do céu, são apenas espectadores curiosos e inocentes!

Owen não se surpreendeu de todo ao constatar que estava apreciando o desconforto do novo amigo; Deus sabia que Henry o desconcertara.

— O que sugere? Tendo em mente que você mesmo disse que só o seu amigo Jonesy interessa.

— Sim, mas...

Debatendo-se. A voz mental de Henry estava um pouco mais segura, mas só um pouco mais. Não era a minha intenção ir embora e deixá-lo morrer.

— Não vamos embora para lugar nenhum — disse Owen. — Vamos correr como dois ratinhos numa tulha. — Jogou fora o terceiro cigarro, depois da última tragada especial, e observou o vento carregá-lo. Longe do galpão, cortinas de neve se agitavam pelo curral vazio, acumulando enormes massas contra a parede lateral do celeiro. Era loucura tentar ir a algum lugar naquela tempestade. É necessário ter uma motoneve, pelo menos para começar, Owen pensou. Lá pela meia-noite, mesmo um veículo de quatro rodas será quase inútil. Ao menos nessa tempestade.

— Matar Kurtz — disse Henry. — Esta é a resposta. Isso tornará mais fácil para nós irmos embora, sem ninguém que dê ordens, e suspenderá... a limpeza biológica.

Owen riu secamente.

— Pelo jeito, você acha que é fácil — disse. — Zero-Zero Underhill, licença para matar.

Acendeu um quarto cigarro, fechando a mão em concha em torno do isqueiro e da ponta do cigarro. Apesar das luvas, os dedos estavam insensíveis. Temos de chegar a uma conclusão rapidinho, Owen pensou. Antes que eu morra congelado.

— Qual é o problema? — perguntou Henry, mas sabia muito bem qual era o problema; Owen pôde senti-lo (e quase ouvi-lo) tentando não aceitar, não querendo que as coisas se tornassem piores do que já eram. — Basta entrar lá e acabar com ele.

— Não adiantaria. — Owen enviou para Henry uma breve imagem: Freddy Johnson (e outros integrantes do chamado grupo de oficiais do Vale Imperial) vigiando o Winnebago de Kurtz. — Além do mais, o posto está aparelhado para captar sons. Se alguma coisa acontecer, os homens aparecerão num piscar de olhos. Talvez eu conseguisse apanhá-lo. Talvez não, porque ele conta com uma proteção tão grande como a de qualquer jefe da cocaína colombiano, principalmente quando está ativo em seu serviço, mas talvez. Prefiro achar que eu mesmo não sou nada mau. Mas seria uma missão suicida. Se ele recrutou Freddie Johnson, então provavelmente contará com Kate Gallagher e Marvell Richardson... Carl Friedman... Jocelyn McAvoy. Homens durões e mulheres duronas, Henry. Mato Kurtz, eles me matam, o pessoal que coordena este espetáculo de debaixo da Cheyenne Montain envia um novo sanitizador, um clone de Kurtz que dará continuidade a partir do ponto em que Kurtz parou. Ou talvez apenas nomeiem Kate para o posto. Deus sabe o quanto ela é louca. As pessoas no celeiro poderiam ter umas 12 horas a mais para serem cozidas no próprio caldo, mas no fim seriam queimadas. A única diferença é que, em lugar de você ter a oportunidade de caminhar alegremente comigo

debaixo da tempestade de neve, simpático, seria queimado junto com eles. O seu amigo, enquanto isso, esse sujeito chamado Jonesy, estaria indo para... para onde?

— É prudente que eu guarde isso em segredo, por enquanto.

Mesmo assim, Owen sondou a informação com a telepatia de que dispunha. Por um momento, captou uma visão borrada e confusa — um prédio branco e alto na neve, cilíndrico, como um silo de celeiro — e depois a visão se dissipou, substituída pela imagem de um cavalo branco quase semelhante a um unicórnio que passava por uma placa. Na placa estava escrito em letras vermelhas: BANBURY CROSS, sob uma seta que apontava.

Resmungou de satisfação e desespero.

— Você está me interceptando.

— Pode entender assim. Ou pode entender como o ensinamento de uma técnica que é melhor aprender, se quiser manter a nossa conversa em segredo.

— Hã-hã. — Owen não ficou inteiramente descontente com o que acabara de acontecer. Para começar, seria ótimo ter uma técnica de interceptação. Depois, Henry sabia para onde o amigo infectado, podia chamar-se de Typhoid Jonesy, estava indo. Owen vira uma pequena fotografia do lugar na cabeça de Henry. — Henry, agora quero que você me escute.

— Tudo bem.

— Eis a coisa mais simples e mais segura que podemos fazer, você e eu. Primeiro, se o tempo não for um fator extremamente crucial, nós dois precisamos dormir um pouco.

— Topo isso. Estou perto da morte.

— Depois, por volta das três horas, posso começar a me mexer e me agitar. Esta instalação estará em alerta total até o momento em que não existir mais, mas o globo ocular do Grande Irmão se embacia um pouco, o que pode ocorrer entre as quatro e as seis da manhã. Farei uma ação diversionária e poderei cortar a eletricidade da cerca... aliás, essa é a parte mais fácil. Poderei estar aqui com uma motoneve cinco minutos depois de a merda ser espalhada no ventilador...

A telepatia apresentava algumas vantagens taquigráficas sobre a comunicação verbal. Owen estava descobrindo. Enviou para Henry a imagem de um helicóptero MH-6 Little Bird incendiado e de soldados correndo na direção do aparelho mesmo enquanto ele estava falando.

— ... e lá vamos nós.

— Deixando Kurtz com um celeiro cheio de civis inocentes que ele planeja transformar em churrasquinho. Sem falar no Grupo Azul. O que são, afinal, uns 300 a mais?

Owen, que fora militar de tempo integral desde os 19 anos, e um dos exterminadores de Kurtz nos últimos oito anos, enviou duas palavras duras pelo conduto mental que os dois estabeleceram entre si: perdas aceitáveis.

Atrás da vidraça suja, o vago vulto que era Henry Devlin se agitou, depois se aquietou.

Não, enviou de volta.

8

Não? O que quer dizer com não?

Não. Quero dizer não.

Tem uma ideia melhor?

E Owen se deu conta, para seu horror total, de que Henry pensou que tinha. Fragmentos dessa ideia — seria generoso demais chamá-la de plano — passaram pela mente de Owen como a cauda de um cometa brilhantemente luminosa. Deixou-o sem fôlego. O cigarro caiu de seus dedos sem que ele o notasse e voou com o vento.

Você é doido.

Não, não sou. Precisamos de uma ação diversionária para escapar, e disso você já sabe. Isso é uma ação diversionária.

De qualquer forma, eles serão mortos!

Alguns, sim. Talvez a maioria deles. Mas é uma oportunidade. Que oportunidade terão num celeiro em chamas?

Alto e bom som, Henry disse:

— E tem o Kurtz. Se ele tivesse uns 200 fugitivos com que se preocupar... muitos dos quais teriam o maior prazer em contar para os primeiros repórteres que encontrassem que o governo dos Estados Unidos, tomado de pânico, autorizou um massacre no estilo de My Lai bem aqui, em solo norte-americano... então, ele se preocuparia bem menos conosco.

Você não conhece Abe Kurtz, Owen pensou. Não sabe nada a respeito da Linha de Kurtz. Evidentemente, tampouco ele sabia. Não de fato. Não até aquele dia.

No entanto, a sugestão de Henry fazia uma espécie de sentido maluco. E incluía pelo menos uma medida de compensação. À medida que aquele 14 de novembro marchava rumo à meia-noite, e uma vez que a improbabilidade de viver até o fim da semana se tornava mais forte, Owen não ficou surpreso ao constatar que a ideia da compensação era atraente.

— Henry.

— Sim, Owen. Estou aqui.

— Eu nunca me conformei com o que fiz na casa dos Rapeloew naquele dia.

— Eu sei.

— E, no entanto, eu o fiz várias vezes. Mas que coisa estúpida foi aquela?

Henry, um excelente psiquiatra mesmo depois de se concentrar na ideia do suicídio, nada disse. A estupidez fazia parte do comportamento

normal do ser humano. Triste, mas verdadeiro.

— Muito bem — disse Owen, por fim. — Pode comprar a casa, mas eu vou mobiliar. Fechado?

— Fechado — Henry respondeu de imediato.

— Pode mesmo me ensinar a técnica de interceptação? Porque acho que vou precisar dela.

— Tenho certeza que sim.

— Está bem. Escute. — Owen falou durante três minutos, às vezes em voz alta, às vezes de mente para mente. Os dois homens chegaram a um ponto em que já não diferenciavam entre os modos de comunicação; pensamentos e palavras se transformaram numa coisa só.

Capítulo Dezesseis

Derry

1

Está quente no Gosselin — quente demais! O suor brota no rosto de Jonesy quase de imediato e, até os quatro chegarem ao telefone público (que fica ao lado da estufa, quem diria), já está escorrendo nas faces; nos sovacos, a sensação de que cresce uma selva depois de uma chuva pesada... não que tenha tantos pelos assim nos sovacos, não aos 14 anos de idade. Melhor não, como Pete gosta de dizer.

Então está quente, ele ainda em parte sob o efeito do sonho que não se dissipou, como costuma acontecer no caso de sonhos ruins (ainda sente o cheiro de gasolina e de borracha queimada, ainda vê Henry segurando o mocassim... e a cabeça, ainda vê a horrenda cabeça decepada de Richie Grenadeau), e a telefonista piora as coisas ainda mais por ser uma chata. Quando Jonesy lhe fornece o número de Cavell, para o qual ligam com frequência para perguntar se podem visitá-lo (Roberta e Alfie sempre dizem que sim, mas é uma questão de educação pedir permissão, foi o que aprenderam em casa), a telefonista pergunta:

— Os seus pais sabem que está fazendo um telefonema interurbano? — As palavras são pronunciadas não com o jeito arrastado ianque, mas com o tom ligeiramente afrancesado de quem cresceu naquela parte do mundo, onde Letourneau e Bissonette são nomes mais comuns do que Smith ou Jones. Um francês sovina, como o pai de Pete o qualifica. E agora ali está uma assim ao telefone, puxa vida.

— Eles me deixam fazer telefonemas a cobrar, se eu pagar a conta — Jonesy explica. E, caramba, deveria saber que ele acabaria por fazer a chamada. Abre o zíper da jaqueta. Nossa, mas que calor aqui dentro! Como aqueles velhotes conseguem ficar sentados em volta da estufa, como agora, é algo que escapa à compreensão de Jonesy. Os amigos vão se juntando em torno dele, o que é perfeitamente compreensível, querem saber do estado das coisas, mas, mesmo assim, Jonesy gostaria que ficassem um pouquinho mais atrás. Tê-los tão próximos o faz sentir ainda mais calor.

— E, se eu tiver de chamá-los, mon fils, a sua mère et o seu père, vão confirmar isso?

— Claro — Jonesy diz. O suor escorre dentro de um olho, ardendo, e ele o seca como se secasse uma lágrima. — O meu pai está no trabalho, mas a minha mãe deve estar em casa. Nove-quatro-nove, seis-seis-cinco-

oito. Só que eu gostaria que fosse rápido, porque…

— Vou ligar só para o seu bem — ela retruca, expressando desapontamento. Jonesy tira a parca, passando o fone de um ouvido para o outro para fazê-lo, e a deixa cair, amontoando-se junto dos pés. Os outros continuam agasalhados; o Beav, de fato, nem sequer abriu a jaqueta Fonzie. Como conseguem, Jonesy não entende. Mesmo os cheiros o incomodam: musterole, feijão, azeite, café e salmoura do pote de conservas. Em geral, gosta dos cheiros no mercado do Gosselin, mas hoje lhe dão ânsia de botar tudo para fora.

As conexões estalam no ouvido. Os amigos chegam mais perto do telefone público na parede dos fundos, cercando-o. Duas ou três fileiras de prateleiras adiante, Lamar olha fixo para os cereais e esfrega a testa como quem tem uma terrível dor de cabeça. Levando-se em conta a quantidade de cerveja que tomou ontem à noite, Jonesy pensa, dor de cabeça é natural. Ele mesmo está começando a sentir uma dor de cabeça, uma não provocada por cerveja, é que está tão quente aqui…

Empertiga-se um pouco.

— Está chamando — diz para os amigos, e na hora deseja que tivesse ficado de bico calado, porque se espremem contra ele. O hálito de Pete é de matar, e Jonesy pensa: O que é que você faz, Petesky? Escova os dentes uma vez por ano, quer eles precisem, quer não?

Atendem ao telefone na terceira chamada.

— Alô? — É Roberta, mas soando distraída e perturbada, não disposta, como em geral. Não que seja difícil perceber por quê; em segundo plano, Jonesy ouve Duddits berrar. Sabe que Alfie e Roberta não sentem aquele choro como ele e os amigos o sentem, são adultos. Mas são também os pais dele, sentem um pouco do choro, e ele duvida que aquela tenha sido uma das melhores manhãs para a Sra. Cavell.

Deus do céu, como pode estar tão quente assim aqui dentro? O que foi que colocaram dentro da estufa esta manhã? Plutônio?

— Pois não, quem é? — Impaciente, o que também não é nada característico da Sra. Cavell. Se ser mãe de uma pessoa especial como Duddits ensina alguma coisa, ela falou para os garotos em várias ocasiões, essa coisa é ter paciência. Não nesta manhã, porém. Nesta manhã parece quase irritada, o que é inimaginável. — Se está querendo vender alguma coisa, não posso conversar. Estou muito ocupada agora, e…

Duddits no segundo plano, berrando e chorando. Está ocupada, sim, pensa Jonesy. Ele está se comportando assim desde a madrugada, e a esta altura a senhora deve estar arrancando os cabelos.

Henry cutuca o flanco de Jonesy com o cotovelo e agita a mão — Vai! Anda! —, e, embora doa, a cotovelada é bastante eficaz. Se ela desligar, Jonesy vai ter que lidar de novo com a chata da telefonista.

— Dona Cavell… Roberta? Sou eu, Jonesy.

— Jonesy? — Ele sente nela um grande alívio; ela desejara tanto que os amigos de Duddits telefonassem que chega a achar que está imaginando isso. — É mesmo você?

— Sim — ele responde. — Eu e os outros. — Estende o fone.

— Oi, dona Cavell — diz Henry.

— Ei, e aí? — manda Pete.

— Oi, belezoca — diz Beaver, com um sorriso de pateta. Ele mais ou menos se apaixonou por Roberta desde o dia em que a conheceu.

Lamar Clarendon se volta ao ouvir o som da voz do filho, estremece, em seguida torna a contemplar o Cheerios e o Shredded Wheat. Vá em frente, Lamar disse para o Beav quando Beaver contou que queriam telefonar para Duddits. Sei lá por que vocês querem falar com aquele cabeça de merengue, mas o dinheiro é seu.

Quando Jonesy encosta de novo o fone no ouvido, Roberta Cavell está dizendo:

— ... em Derry? Achei que vocês estavam caçando em Kineo ou um lugar assim.

— Ainda estamos aqui — Jonesy explica. Passeia os olhos sobre os amigos em volta e fica pasmo ao ver que não estão suando; um leve brilho na testa de Henry, umas poucas gotas no lábio superior de Pete e é tudo. Muito esquisito. — A gente achou... hum... que era melhor telefonar.

— Vocês sabiam. — A voz dela saiu inexpressiva; não hostil, mas incontestável.

— Hum... — Puxa a camisa de flanela e a agita, para ventilar o peito. — Sim.

Há mil perguntas que a maioria das pessoas faria neste momento, provavelmente começando com: Como soube?, ou Mas o que, em nome de Deus, está errado com ele?, mas Roberta não é a maioria das pessoas e já tivera grande parte de um mês para ver como eles se comportam com o filho. O que ela diz é:

— Espere um pouco, Jonesy. Vou chamá-lo.

Jonesy espera. Na distância, ainda ouve Duddits chorar, e Roberta, mais branda. Conversando com ele. Convencendo-o a vir ao telefone. Usando o que agora são palavras mágicas na família Cavell: Jonesy, Beaver, Pete e Henry. O choro se aproxima e, mesmo pelo telefone, Jonesy o sente penetrando na cabeça, uma faca cega que cava e abre canais, em lugar de cortar. Ufa! O choro de Duddits transforma a cotovelada de Henry numa carícia. Enquanto isso, o velho suor da selva vai rolando no pescoço em rios. Os olhos fixos em dois avisos acima do telefone. FAVOR LIMITAR CHAMADAS A CINCO MINUTOS, dizia um. NÃO SE TOLERA BAIXO CALÃO, dizia o outro. Embaixo disso, alguém rabiscou: Na opinião de quem? Depois, Duddits está ao telefone, os berros soluçados bem dentro do ouvido. Jonesy estremece, mas, apesar da dor, é impossível se irritar com Duddits. Aqui, são quatro, todos juntos. Lá, ele é um, sozinho, e que estranho um ele é. Deus o feriu e o abençoou ao mesmo tempo. Jonesy sente vertigem só de pensar nisso.

— Duddits — diz. — Duddits, somos nós. Jonesy...

Passa o telefone para Henry.

— Oi, Duddits, é o Henry... — Henry passa o telefone para Pete.

— Oi, Duds, é o Pete, agora pare de chorar, está tudo bem…

Pete passa o telefone para Beaver, que olha em volta e depois leva o telefone até o canto, até onde o fio permite ser esticado. Fechando a mão em concha sobre o bocal, para que os velhos perto da estufa (sem falar em seu próprio velho, claro) não ouçam, canta os primeiros versos do acalanto. Depois se cala, escutando. Passado um momento, com o polegar e o indicador, desenha um círculo no ar para os amigos. Em seguida, devolve o telefone para Henry.

— Duds? É o Henry de novo. Foi só um sonho, Duddits. Não foi real. Está certo? Não foi real e terminou. Só… — Henry escuta. Jonesy aproveita a oportunidade para tirar a camisa de flanela. A camiseta por baixo está toda ensopada.

Há um bilhão de coisas no mundo que Jonesy não sabe — que tipo de ligação ele e os amigos têm com Duddits, por exemplo —, mas sabe que não pode continuar muito mais tempo aqui dentro do Gosselin. Parece estar dentro da porcaria da estufa, não só olhando para ela. Aqueles velhotes sentados em volta do tabuleiro de xadrez devem ter gelo nos ossos.

Henry assente com a cabeça.

— Isso, como um filme de dar medo. — Escuta, franzindo a testa. — Não, você não fez. Nenhum de nós fez. A gente não machucou ele. A gente não machucou nenhum deles.

E assim, num estalo — pronto! —, Jonesy sabe que o fizeram. Não tiveram a intenção, propriamente, mas o fizeram. Temeram que Richie cumprisse a ameaça… e por isso o pegaram primeiro.

Pete estende a mão e Henry diz:

— O Pete quer falar com você, Dud.

Passa o telefone para Pete, e Pete diz para Duddits esquecer, ficar frio, que eles vão voltar logo para casa e todos vão jogar o jogo, que vai ser divertido, que vai ser demais, mas que por enquanto…

Jonesy ergue o olhar e vê que um dos avisos acima do aparelho de telefone está diferente. O da esquerda ainda diz FAVOR LIMITAR CHAMADAS A CINCO MINUTOS, mas o da direita agora diz: POR QUE NÃO SAIR LÁ FORA ESTÁ MAIS FRESCO. E esta é uma boa ideia, uma excelente ideia. Não há por que não sair também — a situação do Duddits está claramente sob controle.

Mas, antes que ele se mexa, Pete lhe estende o telefone e diz:

— Ele quer falar com você, Jonesy.

Por um momento, quase se manda, de qualquer forma, pensando: dane-se o Duddits, danem-se todos eles. Mas estes são os amigos, juntos sonharam o mesmo sonho terrível, fizeram uma coisa que não tiveram a intenção de fazer

(seu mentiroso seu puto mentiroso teve a intenção fez)

e os olhos deles o detêm onde está, apesar do calor, que agora pressiona o peito como uma almofada asfixiante. Os olhos insistem em que ele é parte disso e não deve ir embora enquanto Duddits estiver ao telefone. Não é assim que a gente joga o jogo.

É o nosso sonho e o sonho ainda não acabou, os olhos insistem — sobretudo os olhos de Henry. Continua desde o dia em que o encontramos atrás do prédio dos Irmãos Tracker, caído de joelhos e quase nu. Ele vê a linha e agora nós a vemos também. E, embora a percebamos de um modo diferente, parte de nós sempre verá a linha. Nós a veremos até o dia em que morrermos.

Há algo mais nos olhos deles, também, algo que os perseguirá, tacitamente, até o dia em que morrerem, e lançará sua sombra mesmo sobre os dias mais felizes. O medo do que fizeram. O que fizeram na parte não lembrada do sonho que partilham.

Isso é que o detém onde está e o leva a pegar o telefone, embora esteja sufocando de calor, torrando-se, derretendo-se.

— Duddits — diz, e mesmo a voz soa quente. — Está tudo bem, mesmo. Vou passar você para o Henry de novo, está muito quente aqui e preciso respirar um pouco de ar...

Duddits o interrompe, a voz forte e premente.

— Ao á ora! Íii, ao á ora! Za! Za! Or Za!

Sempre entenderam seus sons inarticulados, desde a primeira vez, e Jonesy os entende agora: Não saia lá fora! Jonesy, não saia lá fora! Cinza! Cinza! Senhor CINZA!

Jonesy fica boquiaberto. Olha para adiante da estufa abrasada, para o corredor das prateleiras onde o pai de Beaver, com ressaca, faz um descuidado exame dos feijões enlatados, para além da Sra. Gosselin atrás da antiga caixa registradora, até a janela da frente. A janela está encardida, cheia de avisos que anunciam todo tipo de coisas, de cigarros de Wisconsin à cerveja ale Moosehead, até encontros religiosos e piqueniques do 4 de Julho que aconteceram no tempo do onça... mas há ainda partes de vidraça pelas quais pode olhar e ver a coisa que espera por ele lá fora. É a coisa que se postou às suas costas quando estava tentando manter fechada a porta do banheiro, a coisa que lhe sequestrou o corpo. Uma figura cinza desnuda, parada ao lado da bomba Cirgo, sustentando-se sobre os pés sem dedos, fitando-o com os olhos negros. E Jonesy pensa: Não é exatamente assim que eles são, é apenas assim que nós os vemos.

Como se para enfatizá-lo, o Sr. Cinza levanta uma das mãos e a abaixa. Das pontas dos três dedos saem partículas vermelho-douradas que flutuam no alto como cardos.

Byrus, Jonesy pensa.

Como se fosse uma palavra mágica num conto de fadas, tudo se imobiliza. O mercado do Gosselin se transforma numa natureza-morta. Depois, a cor de tudo se desbota e se torna uma fotografia em sépia. Os amigos ficam transparentes e esvanecem diante de seus olhos. Apenas duas coisas ainda parecem reais: o pesado fone preto do telefone público e o calor. O calor sufocante.

— Íii or da! — Duddits grita em seu ouvido. Jonesy escuta uma longa aspiração de ar, asfixiante, da qual se lembra tão bem; é Duddits, procurando falar o mais claro possível. — Onsíi! Onsíi, cor da! Cor da! cor

2

da! Acorda! Jonesy, acorda!

Jonesy levantou a cabeça e, por um instante, nada viu. O cabelo, pesado e coalhado de suor, caía sobre os olhos. Afastou-o, arrastando-se até seu quarto — o da Hole in the Wall ou, melhor ainda, o da casa em Brookline —, mas não tinha essa sorte. Achava-se ainda no escritório dos Irmãos Tracker. Adormecera sobre a escrivaninha e sonhara com o telefonema que fizeram para Duddits anos atrás. Aquilo fora bastante real, mas não o calor letárgico. O velho Gosselin sempre mantivera o estabelecimento frio; quanto a isso, era mesquinho. O calor se infiltrara no sonho porque estava quente ali, Deus do céu, deveria estar fazendo uns 38 graus, talvez 40.

A fornalha enlouqueceu, ele pensou, e se levantou. Ou talvez o lugar esteja pegando fogo. Seja o que for, tenho que sair. Antes de eu me torrar.

Jonesy deu a volta à escrivaninha, mal notando o fato de que a escrivaninha havia mudado, mal notando que alguma coisa lhe tocava o alto da cabeça enquanto corria para a porta. Estava estendendo uma das mãos para a maçaneta e a outra para a fechadura quando se lembrou de Duddits no sonho dizendo-lhe para não sair, pois o Sr. Cinza o esperava lá fora.

E esperava. Bem do outro lado da porta. Esperando no armazém de recordações, ao qual agora tinha total acesso.

Jonesy esticou os dedos suados sobre a madeira da porta. O cabelo tornou a cair sobre os olhos, mas ele mal o notou.

— Sr. Cinza — sussurrou. — Está aí? Está, não está?

Nenhuma resposta, mas o Sr. Cinza estava, sim. Estava com a rudimentar cabeça calva encostada na porta e os olhos pretos vítreos fixos na maçaneta, esperando-a girar. Esperando Jonesy sair num ímpeto. E então...?

Adeus, incômodos pensamentos humanos. Adeus, confusas e perturbadoras emoções humanas.

Adeus, Jonesy.

— Sr. Cinza, está tentando me atrair para fora?

Ainda nenhuma resposta. Jonesy não precisava de uma. O Sr. Cinza tinha acesso a todos os controles, não tinha? Inclusive os que regulavam sua temperatura. Para que altura a aumentara? Jonesy não sabia, mas sabia que continuava a aumentar. A faixa em torno do peito se aquecia mais e mais, pesava mais e mais, e ele mal conseguia respirar. As têmporas latejavam.

A janela. Que tal a janela?

Sentindo uma brecha de esperança, Jonesy se voltou para aquela direção, apoiando as costas na porta. A janela agora estava escura — isso bastava para uma eterna tarde de outubro de 1978 —, e o caminho que seguia junto da parede do prédio dos Irmãos Tracker se cobria com a neve que o vento soprava em cirandas. Nunca, nem mesmo quando criança, a

neve parecera tão atraente para Jonesy. Viu a si mesmo atirando-se pela janela como Errol Flynn num velho filme de pirataria, viu a si mesmo lançando-se na neve e depois nela afundando, banhando a face ardente no abençoado frio branco...

Sim, e depois a sensação das mãos do Sr. Cinza apertando-lhe o pescoço. As mãos tinham apenas três dedos cada uma, mas eram fortes; capazes de lhe tomar a vida num instante. Mesmo que trincasse a vidraça, tentasse deixar entrar um pouco do ar frio da noite, o Sr. Cinza entraria e o atacaria como um vampiro. Porque aquela parte do Mundo de Jonesy não era segura. Aquela parte era um território conquistado.

Ou isso ou nada. Fodido, de qualquer forma.

— Saia. — O Sr. Cinza por fim falou através da porta, com a voz de Jonesy. — Será rápido. Você não gostaria de se queimar aí dentro... ou gostaria?

Jonesy de repente viu a escrivaninha em frente à janela, a escrivaninha que nem sequer estivera lá quando deu consigo na sala pela primeira vez. Antes de adormecer, fora apenas uma coisa de madeira, do modelo mais vagabundo que se compraria numa loja de móveis de escritório de segunda mão, contando-se com um orçamento baixo. Em determinado momento — não conseguia lembrar-se exatamente quando —, adquirira um telefone. Um telefone comum, preto, tão utilitário e pouco decorativo quanto a própria escrivaninha.

Agora, ele percebia, a escrivaninha era de carvalho, de tampo corrediço, igual à do escritório de Brookline. O telefone era um Trimline azul, igual ao do escritório na Jay. Enxugou com a palma da mão o suor abundante da testa, quente como urina, e, ao fazê-lo, viu o que varrera com o tampo da cabeça.

Era o apanhador de sonhos.

O apanhador de sonhos da Hole in the Wall.

— Santa merda — murmurou. — Estou decorando este lugar.

Claro que estava, por que não? Pois mesmo os prisioneiros que esperavam o dia da execução não decoravam suas celas? E, se podia acrescentar uma escrivaninha, um apanhador de sonhos e um telefone Trimline em seu sonho, então, talvez...

Jonesy fechou os olhos e se concentrou. Tentou invocar uma imagem de seu escritório em Brookline. Por um momento, isso lhe trouxe uma perturbação, porque uma pergunta se intrometeu: se suas recordações estavam lá fora, como era possível que ainda as tivesse ali dentro? A resposta, ele achou, era provavelmente simples. As recordações ainda residiam em sua cabeça, onde sempre residiram. Os cartuns no depósito eram o que Henry chamaria de externalização, seu modo de visualizar todas as coisas a que o Sr. Cinza tinha acesso.

Deixe para lá. Preste atenção ao que exige atenção. O escritório de Brookline. Veja o escritório de Brookline.

— O que está fazendo? — inquiriu o Sr. Cinza. A obsequiosa presunção deixara sua voz. — Mas que porra você está fazendo?

Jonesy sorriu um pouco — não dava para evitar —, mas se ateve a sua imagem. Não apenas o escritório, mas uma parede do escritório... lá, ao lado da porta que levava ao pequeno banheiro... sim, lá estava. O termostato Honeywell. E o que deveria ele dizer? Havia alguma palavra mágica, algo como abracadabra?

Sim.

De olhos ainda fechados e com um rastro do sorriso ainda no rosto molhado de suor, Jonesy sussurrou:

— Duddits.

Abriu os olhos e olhou para a parede suja, indefinível.

O termostato estava lá.

3

– Pare! — gritou o Sr. Cinza, e, mesmo quando atravessou a sala, Jonesy ficou surpreso com a familiaridade da voz; era como ouvir um de seus próprios acessos de raiva incomuns (a imoderada desordem dos quartos de crianças era um provável ponto deflagrador) num gravador. — Pare com isso! Isso tem que acabar!

— Lambe-porre, belezoca — Jonesy retrucou e abriu um sorriso largo. Quantas vezes seus filhos desejaram poder dizer algo assim para ele, quando ele começava a esbravejar? E então lhe ocorreu um pensamento desagradável. Provavelmente jamais tornaria a ver o interior de seu dúplex em Brookline, mas, se o visse, seria através dos olhos que agora pertenciam ao Sr. Cinza. A face que os filhos beijavam ("Ei, áspero, pai!", Misha dizia) seria agora a face do Sr. Cinza. Os lábios que Carla beijava seriam, da mesma forma, os do Sr. Cinza. E na cama, quando ela o despisse e o guiasse para dentro dela...

Jonesy estremeceu, depois estendeu a mão na direção do termostato... que, ele viu, estava marcando 45. O único no mundo que fora colocado em tal altura, sem dúvida. Girou o botão para a esquerda até a metade, sem saber o que aconteceria, e ficou satisfeito de sentir uma imediata corrente de ar frio nas faces e na testa. Virou o rosto, agradecido, para apanhar toda a brisa, e viu uma grade de ventilação situada no alto da parede. Um outro toque fresco.

— Como está conseguindo fazer isso? — gritou o Sr. Cinza através da porta. — Por que o seu corpo não incorpora o byrus? Como pode estar ainda aí?

Jonesy desatou a rir. Simplesmente não havia como não rir.

— Pare com isso — disse o Sr. Cinza, e agora sua voz soava fria. Era a voz que Jonesy usara ao dar a Carla o ultimato: reabilitação ou o divórcio, meu bem, a escolha é sua. — Sou capaz de fazer mais do que apenas aumentar o calor, você sabe disso. Sou capaz de incinerar você. Ou

de fazer você se cegar.

Jonesy se lembrou da caneta sendo enterrada no olho de Andy Janas — aquele terrível som explosivo abafado — e estremeceu. No entanto, sabia quando reconhecer um blefe. *Você é o último e eu sou seu sistema de transmissão,* Jonesy pensou. *Não vai querer esquentar demais o mecanismo. Não antes de sua missão ser cumprida, de qualquer forma.*

Caminhou devagar de volta até a porta, lembrando a si mesmo para ser cauteloso... porque, como Gollum disse de Bilbo Baggins, era manhoso, rematado, sim, bastante manhoso.

— Sr. Cinza? — perguntou com brandura.

Nenhuma resposta.

— Sr. Cinza, qual é a sua aparência neste momento? Qual é a sua aparência quando é o senhor mesmo? Um pouco menos cinza e um pouco mais rosa? Mais uns dois dedos nas mãos? Um pouco de cabelo na cabeça? Começando a ter dedos nos pés e testículos?

Nenhuma resposta.

— Começando a se parecer comigo, Sr. Cinza? A pensar como eu? Não gosta disso, não é? Ou gosta?

De novo, nenhuma resposta, e Jonesy se deu conta de que o Sr. Cinza se tinha ido. Voltou-se e correu até a janela, notando outras mudanças: xilogravura de Currier e Ives numa parede, reprodução de Van Gogh numa outra — Cravos-de-defunto, presente de Natal de Henry — e, na escrivaninha, a Magic 8-Ball que mantinha na escrivaninha de casa. Jonesy mal prestou atenção a essas mudanças. Queria ver qual era a intenção do Sr. Cinza, em que ele concentrava a atenção agora.

4

Para começar, o interior da caminhonete havia mudado. Em lugar da caminhonete oficial de Andy Janas com sua monotonia geral verde-oliva (prancheta de papéis e formulários no lado do carona, rádio tagarelando sob o painel de instrumentos), encontrava-se agora numa luxuosa Dodge Ram com cabina de classe, bancos forrados de veludo cinza e mais ou menos a mesma quantidade de controles de um jato Lear. No porta-luvas, havia um adesivo que dizia EU ♥ MEU BORDER COLLIE. O cão border collie em questão ainda estava presente e justificado, dormindo no piso diante do banco do carona, a cauda enrolada em volta do corpo. Era macho, e seu nome era Lad. Jonesy sentiu que teria acesso ao nome e ao dono do Lad, mas por que o quereria? Em alguma parte, ao norte de sua posição atual, a caminhonete militar de Janas estava agora fora da estrada, o motorista jazendo perto dela. Jonesy não sabia por que o cão fora poupado.

Então Lad ergueu a cauda e soltou gases, e Jonesy soube por quê.

5

Descobriu que, ao olhar pela janela do escritório dos Irmãos Tracker e se concentrar, conseguia olhar através de seus próprios olhos. A neve caía mais intensamente do que antes, mas, assim como a caminhonete do militar, a Dodge estava equipada com tração nas quatro rodas e seguia com uma estabilidade satisfatória. Indo no outro lado, para norte, rumo ao Jefferson Tract, havia uma fileira de faróis ao longo da estrada: comboio de caminhões do Exército. Depois, deste lado, uma placa com tinta refletora — letras brancas, fundo verde — surgiu da neve que esvoaçava. DERRY PRÓXIMAS 5 SAÍDAS.

Os limpa-neves andaram trabalhando e, embora praticamente não houvesse tráfego (não haveria a esta hora, mesmo numa noite boa), a autoestrada estava transitável. O Sr. Cinza aumentou a velocidade da Ram para 65 quilômetros por hora. Passaram três saídas que Jonesy conhecia bem desde menino (KANSAS STREET, AEROPORTO, UPMILE HILL/STRAWFORD PARK) e depois diminuíram a velocidade.

De súbito Jonesy achou que compreendia.

Olhou para as caixas que trouxera consigo, a maioria assinalada com DUDDITS, algumas com DERRY. Estas foram trazidas por uma dedução íntima. O Sr. Cinza achava que ele ainda tinha as recordações de que precisava — a informação de que precisava —, mas, se Jonesy estivesse certo acerca do lugar para o qual estavam indo (e fazia bastante sentido), o Sr. Cinza teria uma surpresa. Jonesy não sabia se devia sentir alegria ou medo, e constatou que sentia ambos.

Ali estava uma placa verde dizendo SAÍDA 25—WITCHAM STREET. Sua mão ligou a seta do Ram.

No alto do declive, pegou a esquerda, na direção de Witcham, depois de novo a esquerda, passado quase um quilômetro, na direção de Carter Street. Carter subia num ângulo acentuadamente inclinado, recuando na direção de Upmile Hill e Kansas Street no outro lado do que outrora foi um alto espinhaço arborizado e o local de um próspero vilarejo indígena dos micmac. A neve que cobria a rua era resultado de horas e horas de acúmulo, mas a tração das quatro rodas a vencia a contento. A Ram prosseguiu aos trancos entre as corcovas de neve nos dois lados — carros estacionados, contrariando as normas municipais de emergência em tempo de nevasca.

Meio caminho acima, o Sr. Cinza se desviou de novo, dessa vez tomando um caminho ainda mais estreito chamado Carter Lookout. A Ram derrapou, a traseira fazendo um rabo de peixe. Lad ergueu os olhos brevemente, ganiu, depois tornou a baixar o focinho sobre o capacho do piso, enquanto os pneus se estabilizaram, abocanhando a neve e impulsionando a Ram pelo resto do caminho acima.

Jonesy estava parado à janela que dava para o mundo, fascinado, esperando o Sr. Cinza descobrir... bom, descobrir.

A princípio, o Sr. Cinza não sentiu desânimo quando os faróis altos da Ram nada revelaram no topo da rampa, a não ser mais neve em cirandas. Estava seguro de que a avistaria dali a segundos, claro que sim... só mais uns poucos segundos e avistaria a grande torre branca que se erguia sobranceando a Kansas Street lá embaixo, a torre com as janelas enfileiradas ao redor numa espiral ascendente. Em apenas uns poucos segundos mais...

Só que não houve mais segundos. A Ram subira com dificuldade até o alto do que antigamente se chamava de Standpipe Hill. Ali, a Carter Lookout — e outras três ou quatros ruelas semelhantes — terminava num enorme círculo aberto. Tinham chegado ao mais alto e mais aberto espaço de Derry. O vento uivava feito uma banshee, a constantes 80 quilômetros por hora com lufadas que atingiam até mesmo 110, ou 130. Na luz dos faróis altos, a neve voava horizontalmente, uma tempestade de adagas.

O Sr. Cinza ficou imóvel. As mãos de Jonesy soltaram o volante e caíram nos lados do corpo de Jonesy como pássaros tombados do céu. Por fim, murmurou:

— Onde é?

A mão esquerda se ergueu, atrapalhou-se com a maçaneta e enfim a moveu para cima. Pôs uma perna para fora, depois caiu sobre os joelhos de Jonesy num monte de neve quando o vento uivante lhe arrebatou a porta da mão. Levantou-se e foi cambaleando até a frente da caminhonete, o casaco agitando-se em sua volta e as pernas da calça de brim estalando como velas de navio no vendaval. A temperatura do vento estava bem abaixo de zero (no escritório dos Irmãos Tracker, a temperatura caíra do fresco para o frio no espaço de alguns segundos), mas a nuvem negro-avermelhada que agora habitava grande parte do cérebro de Jonesy e lhe comandava o corpo não se importava nem um pouco.

— Onde é? — O Sr. Cinza gritou dentro da boca uivante da tempestade. — Onde é essa porra de STANDPIPE?

Não havia necessidade de Jonesy gritar; com ou sem tempestade, o Sr. Cinza ouviria até mesmo um sussurro.

— Ah-ah, Sr. Cinza — disse. — Esta é de doer. Parece que te passaram um trote. O Standpipe não existe desde 1985.

6

Jonesy pensou que se o Sr. Cinza tivesse permanecido parado, ele teria tido um habilitado acesso de fúria de pré-escolar, talvez se atirando e rolando na neve e esperneando; apesar de seu grande esforço para que isso não ocorresse, o Sr. Cinza estava nutrindo-se da química emocional de Jonesy, incapaz de parar, agora que começara, como um alcoólatra com uma chave do bar McDougal.

Em lugar de ter um ataque ou um chilique, arremessou o corpo de Jonesy do outro lado do cume escalvado da colina e na direção do pedestal de pedra baixo que se situava onde ele esperara encontrar as instalações de armazenagem de água potável da cidade: 700 mil galões de água. Caiu na neve, ergueu-se tropeçando, adiantou-se mancando, forçando o quadril ruim de Jonesy, tornou a cair e tornou a levantar-se, o tempo inteiro cuspindo no vento a litania de xingações infantis de Beaver: fofodagem, lambe-porre, mastigue meu mato, sugue meu saco, cague no chapéu e o ponha ao contrário, Frô. Vindas de Beaver (ou de Henry, ou de Pete), sempre foram divertidas. Ali, na colina deserta, gritadas na mandíbula da tempestade por aquele monstro que investia e caía, e que parecia um ser humano, eram terríveis.

Ele, a coisa, o que quer que o Sr. Cinza fosse, por fim alcançou o pedestal, que se erguia com bastante nitidez na claridade lançada pelos faróis da Ram. Tinha a altura de uma criança, cerca de 1,50m, e fora construído com a pedra simples que dera forma a tantos muros de pedra da Nova Inglaterra. No alto havia duas figuras de bronze, um menino e uma menina de mãos dadas e de cabeça baixa, como se rezassem ou sentissem mágoa.

O pedestal quase fora coberto pela neve, mas o topo da placa fixada na frente estava visível. O Sr. Cinza caiu sobre os joelhos de Jonesy, limpou a neve da placa e leu:

AOS DESAPARECIDOS NA TEMPESTADE
31 DE MAIO DE 1985
E ÀS CRIANÇAS
TODAS AS CRIANÇAS
A ESTIMA DE BILL, BEN, BEV,
EDDIE, RICHIE, STAN, MIKE
O CLUBE DOS DERROTADOS

Escrita com tinta de spray em letras vermelhas e recortadas, também perfeitamente visível na luz dos faróis da caminhonete, estava esta outra mensagem:

Pennywise Vive

O Sr. Cinza ficou de joelhos fitando a inscrição por quase cinco minutos, ignorando que as extremidades de Jonesy se tornavam dormentes. (E por que se importaria? Jonesy não passava de um serviço básico de aluguel, use e abuse, apague o toco de cigarro no tapete.) Tentava entendê-la. Tempestade? Crianças? Quem ou o que era Pennywise? Sobretudo, onde ficava o Standpipe, que a recordação de Jonesy insistira em que era ali?

Por fim, se levantou, voltou mancando para a caminhonete, entrou, aumentou o aquecedor. No sopro de ar quente, o corpo de Jonesy começou a tremer. Num instante, o Sr. Cinza estava de volta junto da porta trancada do escritório, exigindo uma explicação.

— Por que fala com tanta irritação? — Jonesy perguntou com brandura, mas sorria. Será que o Sr. Cinza perceberia isso? — Esperava que eu o ajudasse? Ora, companheiro... não sei os detalhes, mas tenho uma boa ideia de que o plano geral é: daqui a 20 anos, o planeta inteiro será uma enorme bola vermelha, não é isso? Nada de buracos na camada de ozônio, mas também nada de gente.

— Não banque o sabichão! Não se atreva!

Jonesy resistiu à tentação de provocar no Sr. Cinza um outro ataque de fúria. Não acreditava que seu hóspede indesejado seria capaz de botar a porta entre eles abaixo, não importava o quanto se irritasse, mas que sentido faria experimentar essa ideia? Além do mais, Jonesy estava emocionalmente esgotado, os nervos saltando e a boca cheia de um gosto de cobre queimado.

— Como pode não ser aqui?

O Sr. Cinza assentou uma das mãos no centro do volante. A buzina soou. Lad, o border collie, ergueu a cabeça e olhou para o homem atrás do volante com olhos arregalados e nervosos.

— Não pode mentir para mim! Tenho as suas recordações!

— Bom... eu peguei algumas. Lembra-se?

— Quais? Me diga.

— Por que devo dizer? — retrucou Jonesy. — O que fará por mim?

O Sr. Cinza silenciou. Jonesy o sentiu acessar vários arquivos. Depois, de súbito, cheiros começaram a entrar na sala pela fresta da porta e pelo respiradouro na parede. Eram seus aromas prediletos: pipoca, café, o ensopado de peixe da mãe. O estômago começou imediatamente a roncar.

— Claro que não posso lhe prometer o ensopado de peixe da sua mãe — disse o Sr. Cinza. — Mas vou lhe dar de comer. Está com fome, não está?

— Com você comandando o meu corpo e sugando as minhas emoções, seria um milagre se eu não estivesse — Jonesy respondeu.

— Há um lugar ao sul daqui... Dysart. De acordo com você, fica aberto 24 horas, que é uma forma de dizer o tempo inteiro. Ou está mentindo para mim a respeito disso também?

— Nunca menti — Jonesy respondeu. — Como disse, não posso. Você tem os controles, tem os bancos de memória, tem tudo menos o que está aqui dentro.

— Onde é aí dentro? Como pode haver um aí dentro?

— Não sei — disse Jonesy, com sinceridade. — Como posso saber que você irá me alimentar?

— Porque eu tenho que — disse o Sr. Cinza do seu lado da porta, e Jonesy percebeu que o Sr. Cinza também estava sendo sincero. Se a gente não põe gasolina no motor de vez em quando, o motor para de funcionar. — Mas, se satisfizer a minha curiosidade, vou alimentá-lo com as coisas de que gosta. Se não...

Os cheiros embaixo da porta se alteraram, tornaram-se o odor verde e agressivo de brócolis e couve-de-bruxelas.

— Está bem — disse Jonesy. — Vou contar o que puder, e você então me alimenta com panquecas e bacon no Dysart. Café da manhã 24 horas por dia, você sabe. De acordo?

— De acordo. Abra a porta e fecharemos o acordo com um aperto de mão.

Jonesy se surpreendeu com um sorriso — era a primeira tentativa do Sr. Cinza de fazer humor, o que, de fato, não era mau. Olhou pelo espelho retrovisor e viu um sorriso idêntico na boca que já não era sua. Aquilo era um bocado horripilante.

— Acho que vou dispensar a parte do aperto de mão — disse.

— Me diga.

— Sim, mas com uma palavra de advertência... se quebrar a promessa, jamais terá oportunidade de fazer outra.

— Vou me lembrar disso.

A caminhonete estava no topo de Standpipe Hill, oscilando um pouco sobre os amortecedores, os faróis iluminando cilindros de luz recheada de neve, e Jonesy contou para o Sr. Cinza o que sabia. Era, ele pensou, um lugar perfeito para uma história de terror.

8

Foram terríveis os anos de 1984 e 1985 em Derry. No verão de 1984, três adolescentes da região jogaram um gay dentro do Canal, matando-o. Nos dez meses seguintes, meia dúzia de crianças foram assassinadas, aparentemente por um psicopata que às vezes se vestia de palhaço.

— Quem é esse tal de John Wayne Gacey? — perguntou o Sr. Cinza. — Foi ele que matou as crianças?

— Não, foi alguém do centro-oeste com um modus operandi semelhante — Jonesy respondeu. — Você não entende muitas das referências cruzadas feitas pela minha mente, não é? Aposto que não há muitos poetas no lugar de onde você veio.

O Sr. Cinza nada respondeu quanto à observação. Jonesy duvidou que ele soubesse o que era um poeta. Ou se importasse com isso.

— De qualquer modo — disse Jonesy —, a última coisa terrível que aconteceu foi uma espécie de furacão anormal. Sobreveio no dia 31 de maio de 1985. Mais de 60 pessoas morreram. O Standpipe foi arrancado. Rolou colina abaixo até a Kansas Street. — Apontou para a direita da caminhonete, onde o terreno se inclinava abruptamente dentro da escuridão. — Quase três quartos de um milhão de galões de água se derramaram pela Upmile Hill abaixo, depois pelo centro da cidade adentro, que mais ou menos foi arruinada. Eu estava na faculdade na época. A tempestade ocorreu durante a semana dos exames finais. O meu pai me telefonou para contar, mas claro que eu sabia, era notícia nacional.

Jonesy fez uma pausa, refletindo, olhando em redor do escritório, que já não estava vazio e sujo, mas bem decorado (seu subconsciente acrescentara um sofá que ele tinha em casa e uma cadeira Eames que vira no catálogo do Museu de Arte Moderna, belíssima, porém além de suas posses) e de fato muito agradável... decerto mais agradável do que o mundo assolado pela nevasca que o usurpador de seu corpo enfrentava no momento.

— Henry também estava na faculdade. Harvard. Pete estava passeando pela Costa Oeste, fazendo o número de hippie dele. Beaver estava experimentando uma universidade do interior no sul. Especializando-se em haxixe e video games, foi o que ele disse mais tarde. — Apenas Duddits estava aqui em Derry, quando a tempestade varreu a cidade... mas Jonesy constatou que não queria pronunciar o nome de Duddits.

O Sr. Cinza permaneceu calado, mas Jonesy sentiu com clareza sua impaciência. O Sr. Cinza se interessava apenas pelo Standpipe. E em como Jonesy o tapeara.

— Escute, Sr. Cinza... se houve alguma tapeação, você mesmo foi o responsável. Tenho algumas caixas com DERRY, só isso, e as trouxe aqui para dentro enquanto você se ocupava em matar o coitado daquele soldado.

— Os coitados dos soldados chegaram em naves vindas do céu e massacraram todos os seres da minha espécie que puderam encontrar.

— Faça-me o favor. Vocês não vieram aqui para nos incluir no Círculo do Livro Galáctico.

— As coisas teriam sido diferentes se tivéssemos vindo com esse intuito?

— Dispenso também as hipóteses — retrucou Jonesy. — Depois do que você fez com Pete e o sujeito do Exército, pouco me interessa ter uma conversa intelectual com você.

— Fazemos o que temos que fazer.

— Pode ser, mas, se espera que vamos ajudá-lo, está louco.

O cão olhava para Jonesy com uma inquietação ainda maior, aparentemente não acostumado a donos que conversassem consigo mesmos.

— O Standpipe caiu em 1985... 16 anos atrás... mas você roubou essa recordação?

— Basicamente, sim, embora, na minha opinião, você não pudesse

usar isso com sucesso num tribunal, uma vez que, para começar, as recordações eram minhas.

— O que mais você roubou?

— Isso quem deve saber sou eu, sobre isso quem deve pensar é você.

Houve uma batida pesada e mal-humorada na porta. Jonesy se lembrou mais uma vez da história dos Três Porquinhos. Sopre e bufe, Sr. Cinza; curta os prazeres dúbios da ira.

Mas o Sr. Cinza parecia ter se afastado da porta.

— Sr. Cinza? — Jonesy chamou. — Ei, não se vá furioso, está bem?

Jonesy imaginou que o Sr. Cinza partira em busca de outra informação. O Standpipe se fora, mas Derry continuava lá; logo, a água da cidade deveria sair de algum lugar. Saberia Jonesy da localização desse lugar?

Jonesy não sabia. Tinha uma vaga lembrança de beber muita água engarrafada ao voltar da universidade para passar o verão, mas isso era tudo. Finalmente, a água voltou às torneiras, mas o que significava isso para um rapaz de 21 anos de idade cujo maior interesse fora abaixar as calcinhas de Mary Shratt? A água saía, a gente bebia. Não se preocupava em saber de onde vinha, desde que não causasse problema respiratório ou diarreia.

Uma sensação de frustração por parte do Sr. Cinza? Ou era apenas suas imaginação? Jonesy esperava, honestamente, que não.

Aquela fora boa... o que os quatro amigos, nos dias da mocidade desperdiçada, teriam, sem dúvida, chamado de "pipi-papão".

9

Roberta Cavell acordou de um sonho desagradável e olhou para a direita, meio que esperando enxergar apenas a escuridão. Mas os confortadores números azuis ainda brilhavam no relógio ao lado da cama, de modo que havia energia. Isso era extraordinário, levando-se em conta a força com que o vento uivava.

Uma hora e quatro minutos da madrugada, segundo os números azuis. Roberta acendeu a luz do abajur no criado-mudo — seria bom usá-lo enquanto pudesse — e tomou um pouco da água no copo. Fora o vento que a acordara? O sonho ruim? Fora ruim, sim, algo sobre alienígenas com raios letais e todo mundo fugindo, mas achava que também não fora isso.

Depois, o vento amainou e ela ouviu o que a acordou: a voz de Duddits no térreo. Duddits... cantando? Seria possível? Não entendia como, considerando a tarde e a noite terríveis que os dois tiveram de suportar.

"Iíer or eu!", isso durante grande parte do tempo entre as duas e as cinco — Beaver morreu! Duddits aparentemente inconsolável, o que no fim

causou uma hemorragia nasal. Ela temia as hemorragias. Quando Duddits começava a sangrar, era quase impossível fazê-lo parar sem ter de levar o menino para o hospital. Dessa vez, fora capaz de interromper a hemorragia ao introduzir mechas de algodão nas narinas e apertar o nariz com força no alto, entre os olhos. Telefonara para o Dr. Briscoe para lhe perguntar se poderia dar para Duddits um comprimido de Valium amarelo, mas o Dr. Briscoe estava viajando, em Nassau, faça-me o favor. Havia um outro médico de plantão, um sujeito que nunca vira Duddits mais gordo, de modo que Roberta nem se importou em procurá-lo. Simplesmente lhe deu um Valium, aplicou nos pobres lábios secos e no interior da boca uma mecha imbuída de glicerina com sabor de limão que ele adorava — no interior da boca sempre surgiam cancros e úlceras. Mesmo terminada a quimioterapia, essas manifestações persistiam. E a quimioterapia estava terminada. Nenhum médico — nem Briscoe, nenhum deles — o aceitava, de modo que o cateter de plástico permaneceu, mas estava terminada. Roberta não permitia que submetessem o filho de novo àquele inferno.

Tomado o comprimido, ela se deitou junto com ele, abraçou-o (cautelosa com o lado esquerdo dele, onde o cateter se achava oculto por uma atadura) e cantou para ele. Não, porém, o acalanto de Beaver. Não naquele dia.

Por fim, ele começou a se acalmar e, quando julgou que adormecera, ela com cuidado tirou das narinas as mechas de algodão. A segunda resistiu um pouco e os olhos de Duddits se abriram — aquele belo clarão de verde. Seus olhos eram seu maior dom, ela às vezes pensava, e não aquela outra coisa... ver a linha e tudo o que isso acarretava.

— Ã.

— Sim, Duddie.

— Iíer éu?

Sentiu uma grande tristeza ao ouvi-lo, e ao pensar na ridícula jaqueta de couro de Beaver, que ele tanto adorava e usou até cair aos pedaços. Se fosse uma outra pessoa, qualquer outra, menos um dos amigos de seu filho, duvidaria da premonição de Duddie. Mas se Duddits dizia que Beaver estava morto, então Beaver, quase com certeza, estava.

— Sim, meu amorzinho, tenho certeza que está no céu. Agora, durma.

Por um outro longo momento, aqueles olhos verdes fitaram os dela, e ela pensou que ele fosse chorar de novo — de fato, uma lágrima, grande e perfeita, rolou na face hirsuta. Tornara-se tão difícil para ele se barbear que às vezes mesmo o Norelco causava pequenos cortes que sangravam durante horas. Depois, os olhos se fecharam de novo e ela saiu do quarto na ponta dos pés.

À noite, enquanto ela lhe preparava o mingau de aveia (todos os alimentos, com exceção dos mais leves, provocavam-lhe vômito, outro sinal de que o fim se aproximava), o pesadelo todo recomeçou. Horrorizada já com as notícias cada vez mais estranhas que chegavam de Jefferson Tract, ela correra de volta para o quarto com o coração disparado. Duddits estava

de novo soerguido a prumo, balançando o rosto de um lado para o outro num gesto infantil de negação. A hemorragia nasal recomeçara e, a cada movimento da cabeça, voavam gotas escarlates. Borravam o travesseiro, a fotografia autografada de Austin Powers ("Legal, garoto!", estava escrito na parte inferior) e os frascos na mesa: desinfetante bucal, Compazine, Percocet, as multivitaminas que pareciam não trazer benefício algum, o pote alto de mechas com sabor de limão.

Dessa vez, era Pete que ele afirmava estar morto, o doce (e não muito brilhante) Peter Moore. Deus do céu, seria verdade? Parte disso? Tudo isso?

O segundo acesso de sofrimento histérico não se estendeu por muito tempo, provavelmente porque Duddits se achava exausto em consequência do primeiro. Ela detivera de novo a segunda hemorragia nasal — tinha sorte — e trocara a roupa de cama, primeiro ajudando-o a se instalar em sua poltrona, junto da janela. Lá ele ficou sentado, observando a tempestade que retornava, de quando em quando soluçando, de quando em quando soltando profundos suspiros fracos que a faziam sofrer por dentro. Só de olhar para ele, lhe causava sofrimento: a magreza, a palidez, a calvície. Deu-lhe o boné do Red Sox, assinado na pala pelo grande Pedro Martinez (a gente ganha tantas coisas boas quando está para morrer, ela às vezes se dizia), achando que ele sentiria frio na cabeça, tão perto da vidraça, mas por um instante Duddits não o pôs. Apenas o deixou sobre o colo, enquanto olhava dentro da escuridão, os olhos arregalados e infelizes.

Por fim, ela o colocara de volta na cama, onde uma vez mais os olhos verdes do filho a fitaram com todo aquele brilho terrível e mortiço.

— Íer éu ém?

— Tenho certeza de que sim. — Resistia ao choro, desesperadamente resistia a ele, poderia perturbar o filho de novo, mas sentiu as lágrimas transbordarem. Sua mente estava repleta delas, e no interior de seu nariz sentia o gosto de mar toda vez que respirava.

— Éu om Iíer?

— Sim, amorzinho.

— Eu éu om Íer e Iíer?

— Sim, vai estar. Claro que você vai estar. Mas não tão cedo.

Os olhos dele se fecharam. Roberta sentou-se ao lado dele na cama, olhando para suas próprias mãos, sentindo-se mais do que triste, mais do que solitária.

Agora ela corria para o térreo e, sim, era um canto, sim. Uma vez que era fluente em dudditês (e como não? era seu segundo idioma havia mais de 30 anos), traduziu as sílabas que rolavam sem nem sequer pensar muito nelas: Scooby-Dooby-Doo, cadê tu? Temos um trabalho para fazer. Eu lhe disse, Scooby-Doo, precisamos de uma mãozinha, agora.

Entrou no quarto dele, sem saber o que esperar. Decerto não o que encontrou: todas as luzes acesas, Duddits completamente vestido pela primeira vez desde a última (e, muito provavelmente, a derradeira, segundo o Dr. Briscoe) recuperação. Vestira a calça de veludo cotelê predileta, o

casaquinho de felpa sobre a camiseta Grinch, e pusera o boné do Red Sox. Estava sentado na poltrona perto da janela e olhando dentro da noite. Nenhum franzir de testa; tampouco lágrimas. Fitava a nevasca com os olhos cheios de uma avidez brilhante que a fez se recordar dos tempos anteriores à doença, a qual se anunciara de uma forma tão sorrateira, com sintomas fáceis de serem ignorados: quão cansado e sem fôlego ele ficava depois de um breve jogo de frisbee no quintal, quão grandes eram as lesões causadas mesmo por pequenos tombos e batidas, e o quanto demoravam para desaparecer. Assim ele era quando...

Mas não conseguia pensar. Estava muito perturbada para pensar.

— Duddits! Duddie, o que...

— Ã! Dê a ã eira?

Mãe! Cadê a minha lancheira?

— Na cozinha, mas, Duddie, estamos no meio da noite. Está nevando! Não vai...

A lugar nenhum, era assim que se acabava, claro, mas as palavras não lhe chegaram à língua. Os olhos dele brilhavam tanto, tão vívidos. Talvez ela devesse sentir-se feliz em ver aquela luz tão forte nos olhos dele, aquela energia, mas, em vez disso, ficou horrorizada.

— Eu er io ã eira! Eu er io ã eira!

Eu preciso da lancheira, eu preciso da lancheira.

— Não, Duddits. — Procurando ser firme. — Você precisa tirar a roupa e voltar para a cama. Isso é o que você precisa e só o que precisa. Escute. Vou te ajudar.

Ao se aproximar, porém, ele ergueu os braços e os cruzou sobre o peito estreito, a palma da mão direita pressionada contra a face esquerda, a palma da mão esquerda contra a face direita. Desde a primeira infância, era tudo o que ele conseguia fazer para expressar rebeldia. Era, em geral, eficiente, e o era agora. Não queria aborrecê-lo de novo, talvez provocar uma outra hemorragia nasal. Mas não colocaria um sanduíche para ele na lancheira do Scooby à 1h15 da manhã. Isso não.

Ela recuou para o lado da cama e se sentou. O quarto estava quente, mas ela sentia frio, mesmo vestindo a pesada camisola de flanela. Duddits abaixou os braços devagar, observando-a atentamente.

— Pode se levantar da cama, se quiser — ela disse —, mas por quê? Teve um sonho, Duddie? Um sonho ruim?

Talvez um sonho, mas não ruim. Não com o aspecto de avidez no rosto, e agora ela o reconhecia perfeitamente: era o aspecto que ele teve com frequência na década de 1980, nos anos bons antes de Henry, Pete, Beaver e Jonesy tomarem cada um seu rumo, telefonando cada vez menos e visitando-o cada vez menos ainda, enquanto corriam para viver a vida de adultos e se esqueciam daquele que teve que ficar para trás.

Era o aspecto que adquiria quando sua sensibilidade especial lhe dizia que os amigos estavam vindo para brincar. Às vezes, iam todos juntos para Strawford Park, ou para o Barrens (não deveriam ir, mas iam mesmo assim, tanto Roberta quanto Alfie sabiam que iam, e uma dessas idas

acabou sendo publicada na primeira página do jornal). Às vezes, Alfie, ou um dos pais ou uma das mães deles, levava-o para o minigolfe do aeroporto, ou para o parque de diversões de Newport, e, naquelas ocasiões, ela sempre enchia a lancheira do Scooby-Doo de Duddits com sanduíches, biscoitos e uma garrafa térmica com leite.

Acha que os amigos estão vindo. Deve estar pensando em Henry ou em Jonesy, porque disse que Pete e o Beav estão...

De repente, uma imagem terrível lhe ocorreu, sentada na cama de Duddits com as mãos cruzadas no colo. Viu-se abrindo a porta, atendendo a uma batida que soou às três horas da desolada madrugada, não desejando abri-la, mas incapaz de se deter. E os mortos estavam lá, em lugar dos vivos. Beaver e Pete estavam lá, de volta à infância que viviam no dia em que os conheceu, o dia em que salvaram Duddie de Deus sabia que terrível brincadeira e depois o trouxeram para casa seguro. Em sua imaginação, Beaver usava a jaqueta de motoqueiro repleta de zíperes e Pete usava o suéter de colarinho redondo do qual tanto se orgulhava, aquele com o distintivo da NASA no lado esquerdo do peito. Viu-os frios e pálidos, com aquele olhar vidrado negro-oliva e baço dos cadáveres. Viu Beaver avançar um passo — sem lhe sorrir agora, sem reconhecê-la agora; quando Joe "Beaver" Clarendon estendeu as mãos pálidas de estrela-do-mar, foi apenas prático. Viemos buscar Duddits, dona Cavell. Estamos mortos, e agora ele também está.

Ela apertou as mãos com muito mais força quando um arrepio lhe estremeceu todo o corpo. Duddits não viu; estava olhando de novo pela janela, o semblante ansioso e cheio de expectativa.

— Ooby-Ooby-Ooo, dê ú? Ós os álio ra zer...

10

– Sr. Cinza?

Nenhuma resposta. Jonesy estava parado à porta do que agora era, sem dúvida, seu escritório, não havia mais o menor sinal dos irmãos Tracker, exceto a sujeira da janela (a banal pornografia da garota com a saia levantada fora substituída pelo Cravos-de-defunto de Van Gogh), sentindo-se mais e mais apreensivo. O que o patife estava procurando?

— Sr. Cinza, onde está?

Nenhuma resposta dessa vez tampouco, mas havia uma sensação de que o Sr. Cinza retornava... e feliz. O filho da puta estava feliz.

Jonesy não gostou nem um pouco disso.

— Escute — disse Jonesy. As mãos ainda encostadas na porta de seu santuário; a testa agora também encostada nela. — Tenho uma proposta para fazer, meu amigo... você já é metade humano; por que não se torna um nativo? Podemos coexistir, imagino, e vou lhe mostrar a

cidade. Sorvete é bom, cerveja é bem melhor. O que acha?

Desconfiou de que o Sr. Cinza estava tentado, tal como uma criatura essencialmente sem forma ficaria tentada quando lhe oferecessem uma forma — um negócio saído de um conto de fadas.

Não tentado o bastante, porém.

Soou a rotação do motor, o ronco do motor da caminhonete.

— Aonde está indo, companheiro? Continua supondo que podemos sair da Standpipe Hill, não é?

Nenhuma resposta, apenas a inquietante sensação de que o Sr. Cinza andou à procura de alguma coisa... e a encontrou.

Jonesy correu para a janela e olhou a tempo de ver os faróis da caminhonete varrerem o pilar erigido em memória dos desaparecidos. A placa se cobrira de neve novamente, o que indicava que ele se demorara ali.

Com vagar, com cautela, agora empurrando montes de neve que chegavam à altura do para-lama, a Dodge Ram começou a descer a colina.

Vinte minutos depois, encontravam-se de novo na autoestrada, mais uma vez rumo ao sul.

Capítulo Dezessete

Heróis

1

Owen não podia despertar Henry chamando-o em voz alta, o homem estava imerso num profundo sono exausto, por isso o chamou com a mente. Achou que isso seria mais fácil, uma vez que o byrus continuava a se alastrar. Germinava agora em três dedos da mão direita e quase cobria a concha do ouvido esquerdo com a penugem esponjosa e pruriente. Dois dentes haviam caído também, embora, ao que parecia, nada germinasse nas órbitas dos olhos, ao menos por enquanto.

Kurtz e Freddy permaneceram não infectados, graças aos instintos aguçados de Kurtz, mas os tripulantes dos dois helicópteros Guri Azul sobreviventes, o de Owen e o de Joe Blakey, estavam infestados de byrus. Desde que conversara com Henry no galpão, Owen ouvia as vozes de seus compatriotas, chamando uns aos outros através de um vácuo anteriormente ignorado. Por enquanto, acobertavam a infecção, como ele próprio o fazia; as muitas camadas de roupas de inverno contribuíam para isso. Mas não seria possível ocultá-lo por muito mais tempo, e não sabiam que decisão tomar.

Quanto a isso, Owen julgava ter sorte. Ao menos, tinha uma escora para o ombro.

Parado do lado de fora dos fundos do galpão, e adiante do arame eletrificado, fumando outro cigarro que não queria fumar, Owen foi à procura de Henry e o encontrou tentando descer um declive íngreme e coberto de mato. Acima dele havia a algazarra de garotos jogando beisebol e softball. Henry era um rapaz, um adolescente e gritava o nome de alguém — Janey? Jolie? Não importava. Estava sonhando, mas Owen precisava dele no mundo real. Deixara Henry dormir durante o tempo que lhe pareceu razoável (uma hora a mais do que desejava); no entanto, se quisessem que o espetáculo acontecesse, o momento chegara.

Henry, chamou.

O adolescente olhou em volta, sobressaltado. Havia outros rapazes com ele; três — não, quatro, um deles espiando dentro de uma espécie de cano. Eram indistintos, difíceis de ver, mas Owen, de qualquer modo, não se incomodava. Henry era quem ele queria, e não aquela versão dele, sobressaltada e cheia de espinhas. Owen queria o homem.

Henry, acorde.

Não, ela está lá dentro. Temos que tirá-la de lá. Temos...

Estou pouco me lixando para ela, seja quem for. Acorde.
Não, eu...
Está na hora, Henry, acorde. Acorde. Acorde

2

porra!

Henry se soergueu ofegante, sem saber ao certo quem era ou onde estava, mas o pior: não sabia quando estava. Estava com 18 anos de idade ou quase 38, ou numa idade intermediária? Sentiu cheiro de erva, ouviu o estalo de um bastão batendo numa bola (um bastão de softball; eram moças jogando, moças com camisas amarelas) e ainda ouvia Pete gritando: Ela está aqui dentro! Ei, turma, acho que ela está aqui dentro!

— Pete viu, ele viu a linha — Henry murmurou. Não sabia exatamente a respeito do que falava. O sonho já começava a se dissipar, as imagens luminosas sendo substituídas por algo escuro. Algo que tinha de fazer ou tentar fazer. Sentiu cheiro de feno e, mais fraco, o aroma agridoce de maconha.

Senhor, pode nos ajudar?

Olhos grandes de corça. Marsha, esse era o nome dela. Coisas agora em foco. Provavelmente não, respondeu para ela, depois acrescentou: mas talvez.

Acorde, Henry! São 3h45, hora de deixar de manhas e arregaçar as mangas.

Aquela voz era mais forte e mais imediata do que as demais, sobrepujando-as e abafando-as; era como uma voz saída de um walkman com pilhas novas e a todo o volume. A voz de Owen Underhill. Ele era Henry Devlin. E, se tivessem que tentar, o momento chegara.

Henry se levantou, fazendo uma careta ao sentir dores no quadril, nas costas, nos ombros e no pescoço. Onde os músculos não protestavam, o byrus avançado queimava abominavelmente. Sentiu-se com 100 anos de idade até dar o primeiro passo na direção da janela encardida, depois concluiu que estava, mais precisamente, com 110.

3

Owen viu o vulto do homem entrar no campo de sua visão no outro lado da janela e balançou a cabeça, aliviado. Henry se locomovia como um Matusalém num péssimo dia, mas Owen dispunha de algo que corrigiria aquilo, ao menos temporariamente. Roubara-o da enfermaria nova em folha,

cujo pessoal estava tão ocupado que não o viu entrar e sair. E o tempo todo protegera a frente da mente com dois mantras de bloqueio que Henry lhe ensinara: Cavalgue um cavalo-de-pau até Banbury Cross e Sim podemos-podemos, sim podemos, sim podemos-podemos, ó puxa todo-poderoso. Até o momento, pareciam dar resultado — recebera alguns olhares estranhos, mas ninguém lhe fizera nem uma pergunta sequer. Mesmo o tempo continuava a favor deles, a tempestade rugindo inquebrantável.

Agora enxergava o rosto de Henry na janela, um pálido borrão oval olhando para ele.

Não estou seguro a respeito dessa coisa, comunicou Henry. Cara, eu mal posso andar.

Quanto a isso, posso ajudar. Afaste-se da janela.

Henry se afastou sem fazer perguntas.

Num bolso da parca, Owen trazia uma caixinha de metal (CFN-USA escrito na tampa de aço) na qual guardava seus vários crachás de identificação quando em serviço ativo — a caixinha fora um presente do próprio Kurtz depois da missão de Santo Domingo no ano anterior, uma bela ironia. No outro bolso havia três pedras que ele recolhera de debaixo de seu helicóptero, onde a camada de neve era rasa.

Pegou uma delas — um pedaço de bom tamanho de granito do Maine —, depois fez uma pausa, aterrado, enquanto uma imagem brilhante lhe invadia a mente. Mac Cavanaugh, o camarada do Guri Azul Líder que perdera dois dedos na operação, estava sentado dentro de um dos trailers no recinto. Com ele estava Frank Bellson, do Guri Azul Três de Blakey, o outro helicóptero que retornou à base. Um deles acendera uma poderosa lanterna de oito pilhas e a assentara sobre a base como uma vela elétrica. O brilhante clarão borrifou a escuridão. Isso estava ocorrendo naquele momento mesmo, a menos de 500 metros de Owen, parado a segurar a pedra em uma das mãos e a caixinha de metal na outra. Cavanaugh e Bellson estavam sentados lado a lado no chão do trailer. Ambos tinham o que parecia ser uma pesada barba vermelha. Uma exuberante vegetação estourara as ataduras em torno dos tocos dos dedos de Cavanaugh. Estavam de posse de automáticas, o cano dentro da boca. Os olhos se comunicavam. As mentes também. Bellson fazia contagem regressiva: Cinco... quatro... três...

— Camaradas, não! — Owen gritou, mas não sentiu que o tivessem escutado; o vínculo entre eles era forte demais, forjado pela resolução de homens que haviam chegado a uma conclusão. Seriam os primeiros do comando de Kurtz a fazerem isso naquela noite; Owen não acreditava que seriam os últimos.

Owen? Era Henry. Owen, o que...

Então se conectou ao que Owen via e silenciou, horrorizado.

... dois... um.

Dois disparos de pistolas, abafados pelo rugir do vento e de quatro geradores elétricos Zimmer. Dois leques de sangue e tecidos de cérebro surgindo feito mágica acima da cabeça de Cavanaugh e Bellson na luz

fraca. Owen e Henry viram o pé direito de Bellson dar o último chute agonizante. O pé atingiu o tubo da lanterna e, por um instante, viram o rosto distorcido e pintalgado de byrus de Cavanaugh e Bellson. Depois, enquanto a lanterna ia rolando no piso do trailer, projetando saltos mortais de luz na lateral de alumínio, a imagem escureceu, como a imagem de um aparelho de televisão quando se puxa a tomada.

— Meu Deus — Owen sussurrou. — Meu Deus do céu.

Henry reaparecera atrás da janela. Owen lhe fez um gesto para que se afastasse, depois atirou a pedra. A distância era curta, mas a primeira jogada foi um desperdício de qualquer modo, quicando inofensivamente perto das caixas castigadas pelo tempo à esquerda do alvo. Pegou a segunda pedra, respirou funda e firmemente e a atirou. Essa estilhaçou o vidro.

Correio para você, Henry. Está chegando.

Atirou a caixinha de aço através da brecha onde houvera vidraça.

4

Quicou no chão do galpão. Henry recolheu a caixinha e abriu o fecho. Dentro, quatro pacotinhos embrulhados em folha metalizada.

O que é isso?

Foguetes de bolso, Owen devolveu. Como está o coração?

Normal, eu acho.

Ótimo, porque essa merda faz a cocaína parecer um mero Valium. Há dois em cada pacote. Tome três. Guarde o resto.

Não tenho água.

Owen lhe enviou uma imagem nítida — extremidade sul de um cavalo rumo ao norte. Mastigue-as, muito bem — ainda sobraram alguns dentes, não? Havia nisso uma raiva de verdade e, a princípio, Henry não entendeu, mas depois, claro, entendeu. Se havia alguma coisa que estava apto a entender naquela madrugada, era a repentina perda de amigos.

Os comprimidos eram brancos, sem a marca do nome de qualquer indústria farmacêutica, e terrivelmente amargos na boca à medida que os mastigava. Até a garganta tentou expeli-los quando os engoliu.

O efeito foi quase instantâneo. Quando guardou a caixinha CFN-USA de Owen dentro do bolso da calça, a pulsação de Henry havia duplicado. Quando se afastou da janela, havia triplicado. Os olhos pareciam saltar das órbitas com cada rápido bater no peito. Isso não era aflitivo, porém; ele, na verdade, o achava bastante agradável. O sono se dissipara, e as dores pareciam ter se esvaído.

— Urra! — gritou. — Popeye deveria experimentar umas latinhas desta merda! — E riu, porque falar agora lhe parecia estranho, quase arcaico, e porque se sentia muito bem.

Fale baixo, que tal?

Está bom! Está BOM!

Mesmo os pensamentos pareciam ter adquirido uma nova força cristalina, e Henry não acreditava que fosse apenas imaginação. Embora a luz no velho galpão fosse um pouco mais fraca do que no resto do recinto, ainda era forte o bastante para ele ver Owen fazer uma careta e levar a mão até um lado da cabeça, como se alguém tivesse gritado bem dentro de seu ouvido.

Desculpe, comunicou.

Tudo bem. É que você está forte demais. Deve estar coberto dessa merda.

Na verdade, não, Henry retornou. Um fragmento de seu sonho voltou: os quatro no declive coberto de mato. Não, os cinco, porque Duddits também estava lá.

Henry, você se lembra de onde eu disse que estaria?

Extremidade sudoeste do recinto. Direto do celeiro até lá, na diagonal. Mas...

Nada de mas. É lá que eu vou estar. Se quiser sair daqui, é melhor que esteja lá também. Faltam... Uma pausa, enquanto Owen consultava o relógio. Se ainda estiver funcionando, tem de ser do tipo de corda, Henry pensou... dois minutos para as quatro. Eu lhe dou meia hora, depois, se o pessoal no celeiro não começar a se mexer, vou desativar a eletricidade da cerca.

Meia hora talvez seja muito tempo, Henry contestou. Embora estivesse imóvel, olhando para o vulto de Owen na neve que soprava, respirava depressa, como um homem numa corrida. O coração batia como se fosse uma corrida.

Tem que ser meia hora, comunicou Owen. A cerca está equipada com alarme. Haverá sirenas. Até mesmo mais luzes. Um alerta geral. Eu lhe dou cinco minutos depois que a merda começar a se espalhar no ventilador — isso é uma contagem até 300 — e, se você não aparecer, eu estarei me mandando todo feliz.

Jamais encontrará Jonesy sem mim.

Isso não significa que eu tenha que ficar aqui e morrer com você, Henry. Paciente. Como se falasse com uma criança pequena. Se não chegar ao local onde eu estarei dentro de cinco minutos, não haverá uma chance para nenhum de nós, de qualquer modo.

Os dois homens que acabaram de se suicidar... eles não são os únicos que estão fodidos.

Eu sei.

Henry captou um breve vislumbre mental de um ônibus amarelo com DEPTO. ESCOLAR DE MILLINOCKET escrito na lateral. Olhando pela janela, havia duas vintenas de crânios sorridentes. Eram os companheiros de Owen Underhill, ele percebeu. Os que chegaram na manhã do dia anterior. Homens que agora estavam à morte ou já mortos.

Deixe-os para lá, Owen retrucou. Temos que nos preocupar com o

pessoal de apoio a Kurtz. Principalmente o grupo do Vale Imperial. Se eles existirem, pode crer que seguirão as ordens e que estão bem treinados. E o treino vence a confusão todas as vezes; esse é o objetivo do treino. Se você ficar por aqui, vão assá-lo e comê-lo. Cinco minutos é o que você terá depois que os alarmes soarem. Uma contagem até 300.

Era difícil gostar da lógica de Owen, mas era impossível refutá-la.

Está bem, disse Henry. Cinco minutos.

Não há por que você deva fazer isso, em primeiro lugar — Owen lhe disse. O pensamento ocorreu a Henry incrustado com uma complexa filigrana de emoção: frustração, culpa, o medo inevitável — no caso de Owen Underhill, não de morrer, mas de fracassar. Se o que está dizendo for verdadeiro, tudo dependerá de sairmos ou não daqui desinfectados. Para você, talvez, colocar o mundo inteiro em risco por causa de umas poucas centenas de coitados num celeiro...

Não é assim que o seu chefão agiria, certo?

Owen reagiu com surpresa — sem palavras, mas uma espécie de ! de história em quadrinhos na mente de Henry. Depois, mesmo em meio aos incessantes uivos e apupos do vento, ouviu Owen rir.

Estarei lá em cima.

De qualquer modo, eu os farei se mexer. Sou um mestre da motivação.

Sei que vai tentar. Henry não conseguia ver o rosto de Owen, mas o sentiu sorrir. Então, Owen falou em voz alta:

— E depois disso? Repita.

Por quê?

— Talvez porque soldados precisem de motivação também, principalmente quando estão descarrilando. E segure a telepatia... quero que fale em voz alta. Quero ouvir a palavra.

Henry olhou para o homem que tiritava no outro lado da cerca e disse:

— Depois disso, seremos heróis. Não porque o queiramos, mas porque não há outra opção.

No meio da neve e do vento, Owen assentiu com a cabeça. Assentia e sorria.

— Por que não? — disse. — Mas por que não?

Na mente, bruxuleando, Henry viu a imagem de um menininho com uma travessa erguida acima da cabeça. O que o homem queria era que o menininho colocasse a travessa no lugar — a travessa que o assombrou ao longo de todos aqueles anos e que para sempre estaria quebrada.

5

Sem sonho desde a infância e, portanto, insano, Kurtz acordou como

sempre o fez: ora em lugar nenhum, ora completamente desperto e ciente dos arredores. Vivo, aleluia, ah, sim, ainda na grande ocasião. Virou a cabeça e olhou para o relógio, mas a porcaria parara de novo, apesar do elegante estojo antimagnético, piscando 12-12-12, como um gago emperrado numa palavra. Acendeu a lâmpada ao lado da cama e pegou o relógio de bolso de cima da mesinha. 4h08.

Depositou o relógio de novo, pousou os pés nus no chão e se levantou. A primeira coisa que notou foi o vento, ainda uivando como um cão danado. A segunda foi que o vozerio remoto em sua cabeça havia desaparecido totalmente. A telepatia se fora e Kurtz estava satisfeito. Ela o ofendia de um modo profundo e elementar, assim como determinadas práticas sexuais o ofendiam. A ideia de que alguém seria capaz de entrar na cabeça da gente, capaz de visitar os níveis superiores da mente da gente... isso era horrendo. Os guris cinzentos mereciam ser exterminados apenas por isso, por trazerem esse dom particularmente repulsivo. Graças a Deus que se revelara efêmero.

Kurtz arrancou o calção cinza de exercício e ficou nu na frente do espelho na porta do quarto, correndo os olhos para cima desde os pés (onde começavam a aparecer as primeiras redes de veias roxas) até o tampo da cabeça, onde o cabelo grisalho se erguia numa grenha formada pelo sono. Estava com 60 anos de idade, mas com uma aparência não de todo má; as veias inchadas no peito dos pés eram o pior. Tinha também um respeitável membro, embora não o tivesse utilizado muito; as mulheres são, de modo geral, criaturas vis incapazes de fidelidade. Esgotam um homem. No fundo de seu secreto e insano coração, onde mesmo sua loucura era engomada, passada e, fundamentalmente, não muito interessante, Kurtz acreditava que todo sexo era FOMAR. Mesmo quando praticado para a procriação, o resultado era, de modo geral, um tumor equipado com cérebro não muito diferente das fuinhas de merda.

Do cocuruto, Kurtz foi baixando os olhos mais uma vez, devagar, procurando o menor sinal vermelho, a menor mancha rósea. Nada. Virou-se, examinou o máximo do que conseguia ver por cima dos ombros e ainda nada. Separou as nádegas, sondou entre elas, introduziu um dedo no ânus até chegar ao segundo nó e nada sentiu a não ser carne.

— Estou limpo — disse em voz baixa, enquanto lavava as mãos rapidamente no pequeno banheiro do Winnebago. — Vazio como um buraco.

Vestiu de novo o calção, depois se sentou na cama para calçar as meias. Limpo, louvado seja Deus, limpo. Uma boa palavra, Limpo. A sensação desagradável da telepatia — como pele suada esfregando-se em pele suada — se foi. Não estava germinando um só filamento de Ripley; examinara até mesmo a língua e a gengiva.

Então, o que o acordara? Por que havia sinos de alarme badalando na cabeça?

Porque a telepatia não era a única forma de percepção extrassensorial. Porque, muito tempo antes de os guris cinzentos descobrirem que havia um lugar como a Terra metido neste isolado,

empoeirado e raramente visitado recanto da vasta biblioteca interestelar, havia uma coisinha chamada instinto, a especialidade do Homo saps de uniforme como ele mesmo.

— O palpite — disse Kurtz. — O bom e velho palpite de todo norte-americano.

Vestiu a calça. Depois, ainda de peito nu, pegou o walkie-talkie que estava na mesinha ao lado do relógio de bolso (4h16 agora, e como o tempo parecia correr, como um carro sem freio descendo uma colina na direção de um cruzamento movimentado). O walkie-talkie era um dispositivo digital especial, criptografado e, teoricamente, incapaz de ser interceptado… mas uma olhadela naquele relógio digital teoricamente impermeável o fez perceber que nenhum dos dispositivos era incapaz de qualquer coisa.

Apertou duas vezes o botão ENVIAR/GRITAR. Freddy Johnson respondeu rapidamente, e não soando muito sonado… ah, mas agora que chegara a hora do aperto, com que intensidade Kurtz (que nascera com o nome Robert Coonts, o nome, nome, o que há num nome) ansiava por Underhill. Owen, Owen, pensou, por que me abandonaste quando eu mais precisava de ti, meu filho?

— Chefão?

— Estou movendo o Vale Imperial para seis. É Vale Imperial em zero-seis, retorne e confirme.

Foi obrigado a escutar por que isso era impossível, o merda do Owen não abriria o bico no mais fraco de seus sonhos. Deu a Freddy mais ou menos 40 segundos para se expressar antes de dizer:

— Cale a matraca, seu filho da puta.

Silêncio prenhe de choque no lado de Freddy.

— Temos coisa maquinada por aqui. Não sei o que, mas me acordou de um sono profundo com o som de alarmes tocando. Agora eu convoco todos os seus companheiros e companheiras por um motivo, e, se você espera estar ainda respirando na hora do jantar, então vai querer que eles sejam rápidos. Diga para a Gallagher que ela pode se preparar. Entendido, Freddy?

— Entendido, chefão. Uma coisa que precisa saber… houve quatro suicídios, que eu saiba. Pode ser que tenha havido mais.

Kurtz não ficou surpreso nem desgostoso. Em determinadas circunstâncias, o suicídio não é apenas aceitável, mas nobre — o gesto final do verdadeiro cavalheiro.

— Dos helicópteros?

— Positivo.

— Sem Vales Imperiais.

— Não, chefão, sem Vales.

— Muito bem. Encerrado, recruta. Temos contratempo. Não sei o que é, mas sei que está por aí. Grande trovão.

Kurtz jogou o walkie-talkie de volta na mesinha e continuou a se vestir. Sentiu vontade de fumar, mas não havia mais cigarros.

6

Um grande bando de vacas leiteiras outrora costumava se alojar no celeiro do velho Gosselin e, embora o interior, tal como se encontrava naqueles dias, talvez não se enquadrasse nos padrões do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, o prédio ainda estava em boas condições. Os soldados tinham pendurado algumas lâmpadas de alta voltagem que lançavam uma luz brilhante sobre os estábulos, sobre os compartimentos de ordenha e sobre os paióis superior e inferior. Tinham instalado também vários calefatores, de modo que o celeiro fulgurava com um calor pulsante e quase febril. Henry abriu o zíper do casaco logo que entrou, mas mesmo assim sentiu o suor brotar no rosto. Responsabilizou os comprimidos de Owen por isso — engolira um outro antes de entrar no celeiro.

Ao olhar em redor, achou, de cara, que o celeiro se assemelhava bastante aos vários campos de refugiados que vira: sérvios da Bósnia na Macedônia, rebeldes haitianos depois de os fuzileiros navais desembarcarem em Porto-Príncipe, os exilados africanos que abandonaram seus países por causa de doença, fome, guerra civil ou uma combinação dos três. A gente se acostuma a ver essas coisas nos telejornais, mas as imagens sempre chegam de longe; o horror com que a gente as vê é quase clínico. Para visitar aquele lugar, porém, não era necessário um passaporte. Tratava-se, no fundo, de um estábulo na Nova Inglaterra. As pessoas que nele se amontoavam não vestiam farrapos e dashikis sujos, mas parcas da Bean's, calças de algodão grosso (tão perfeitas para os cartuchos de caça adicionais) da República das Bananas, roupas de baixo da Fruit of the Loom. A aparência era a mesma, no entanto. A única diferença que ele percebia era que todos pareciam bastante surpresos. Aquilo não deveria estar acontecendo na terra do site Sprint Nickel Nights.

Os detentos praticamente forravam todo o chão, onde tinham se espalhado (casacos por cima). Dormiam em pequenos amontoados de grupos familiares. Havia outros nos paióis, e três ou quatro em cada um dos 40 estábulos. O lugar se enchia de roncos, gorgolejos e gemidos de pessoas imersas em sonhos ruins. Em algum lugar, uma criança chorava. E soava uma música de fundo num sistema de alto-falantes público. Para Henry, esse era o último toque bizarro. Naquele instante, os condenados que cochilavam no celeiro do velho Gosselin escutavam a orquestra de Fred Waring executar uma pesada versão para violinos de "Some Enchanted Evening".

Doidão como Henry estava, tudo se realçava com uma claridade brilhante e exclamatória. Todos os casacos e bonés cor laranja!, pensou. Cara! É Halloween no inferno!

Havia também uma quantidade razoável da substância vermelho-dourada. Henry viu porções germinando em faces, orelhas, entre dedos; viu também porções germinando em vigas e nos fios elétricos das várias lâmpadas penduradas. O cheiro de feno predominava, mas Henry não

encontrou dificuldade em farejar, misturado, o cheiro de álcool etílico com um toque de enxofre. Além dos roncos, ouviam-se puns — soavam como seis ou sete músicos sem talento insistindo seriamente nas tubas e nos saxofones. Em outra situação, teria sido engraçado... ou talvez mesmo naquela, para quem não vira aquela coisa-fuinha se contorcer e rosnar na cama ensanguentada de Jonesy.

Quantos deles estariam incubando aquelas coisas?, Henry perguntou a si mesmo. Pouco importava a resposta, pensou, porque, em última análise, as fuinhas eram inofensivas. Viveriam fora dos hospedeiros naquele celeiro, mas lá fora na tempestade, onde reinava a ventania e se sentia a temperatura abaixo de zero, não sobreviveriam de modo algum.

Tinha que falar com aquela gente...

Não, falar não. Tinha que deixá-los em pânico absoluto. Tinha que fazê-los sair, apesar do calor ali dentro e do frio lá fora. Outrora, houve rebanhos ali; agora havia rebanhos de novo. Tinha que fazer com que voltassem a ser pessoas — pessoas em pânico, revoltadas. Conseguiria, mas não sozinho. E o relógio tiquetaqueava. Owen Underhill lhe dera meia hora. Henry estimava que um terço já havia se escoado.

Preciso do megafone, pensou. Primeiro passo.

Olhou em redor, localizou um homem calvo e robusto ao seu lado à esquerda da porta que dava acesso ao compartimento de ordenha e se aproximou para olhá-lo de perto. Achou que era um dos sujeitos que ele expulsara do galpão, mas não tinha certeza. Quando se tratava de caçadores, sujeitos robustos e calvos havia a dar com o pau.

Mas era Charles, e o byrus tornava a cobrir aquilo a que o velho Charlie sem dúvida se referia como seu "sexy-painel solar". Quem precisa ganhar cabelo com Rogaine quando esta merda não te larga?, Henry pensou e sorriu.

Charles seria bom; melhor ainda, Marsha estava dormindo perto, segurando a mão de Darren, o Sr. Charutão-de-Newton. O byrus se desenvolvia na parte inferior de uma das faces macias de Marsha. O marido ainda estava limpo, mas o cunhado — ele se chamava Bill? — estava infestado da substância. A melhor atração do espetáculo, Henry pensou.

Ajoelhou-se ao lado de Bill, pegou-lhe a mão manchada de byrus e falou dentro da selva emaranhada de seus pesadelos. Bill, acorde. Acorde, acorde. E, se me ajudar, conseguiremos. Bill, acorde.

Acorde e seja um herói.

7

Aconteceu com uma rapidez que era animadora.

Henry sentiu a mente de Bill se erguer em sua direção, agitando-se

nos pesadelos que a enredavam, estendendo-se para Henry assim como um homem que está se afogando estende as mãos para se agarrar ao salva-vidas que nadou até ele para salvá-lo. Suas mentes se conectaram como engates num par de vagões de carga.

Não fale, não tente falar, Henry lhe disse. Apenas fique firme. Precisamos de Marsha e Charles. Nós quatro seríamos suficientes.

O que...

Não há tempo, Billy. Vamos.

Bill segurou a mão da cunhada. Marsha abriu os olhos de imediato, como se estivesse esperando isso, e Henry sentiu todos os sintonizadores dentro da cabeça alcançarem uma outra frequência. Marsha não germinava tanta substância quanto Bill, mas talvez tivesse mais talento natural. Segurou a mão de Charles sem nenhuma pergunta. Henry sentiu que ela entendia o que estava acontecendo e o que precisava ser feito. Felizmente, entendera também a necessidade da rapidez. Eles bombardeariam aquelas pessoas, depois se desvencilhariam delas.

Charles se sentou num sobressalto, os olhos arregalados saltando das órbitas gordas. Pôs-se de pé como se alguém lhe tivesse beliscado o traseiro. Agora todos os quatro estavam em pé, de mãos dadas, como participantes de uma sessão espírita... o que, Henry refletiu, quase era.

Venham a mim, disse-lhes, e eles o fizeram. Tinha a sensação de estar com uma vara de condão na mão.

Escutem, pediu.

As cabeças se levantaram; algumas pessoas se soergueram, despertas do sono profundo, como se tivessem recebido um choque elétrico.

Escutem e me energizem... me energizem! Entendem? Me energizem! Esta é a sua única oportunidade, ME ENERGIZEM!

Elas o fizeram, tão instintivamente como quem assobia uma melodia ou bate palmas acompanhando um ritmo. Se ele lhes desse tempo para pensar sobre aquilo, provavelmente teria sido mais difícil, talvez até mesmo impossível, mas não lhes deu. Muitos deles estavam dormindo, e ele captou os infectados, os telepatas, com as mentes bem abertas.

Agindo por instinto, Henry enviou uma série de imagens: soldados de máscaras cercando o celeiro, muitos deles armados, alguns com mochilas conectadas a varas compridas. Transformou os rostos dos soldados em caricaturas de crueldade numa página de editorial. Numa ordem amplificada, as varas soltavam jatos de fogo líquido: napalm. As laterais e o teto do celeiro se incendiaram imediatamente.

Henry se transferiu para o interior, enviando imagens de pessoas que gritavam e rodopiavam. Fogo líquido pingava dos buracos no teto em chamas e inflamava o feno nos paióis. Ali um homem com o cabelo em chamas; ali uma mulher com uma parca de esquiar em chamas ainda decorada com adesivos do Sugar Loaf e da Ragged Mountain.

Todos olhavam para Henry agora — Henry e os amigos ligados. Apenas os telepatas recebiam as imagens, mas talvez 60% das pessoas no

celeiro estivessem infectadas, e mesmo as que não estavam captaram a sensação de pânico; uma maré montante eleva todos os barcos.

Prendendo a mão de Bill com força com uma das mãos, e a de Marsha com a outra, Henry transferiu de novo as imagens para a perspectiva externa. Fogo; circundando os soldados; uma voz amplificada gritando para os soldados se certificarem que ninguém escapasse.

Os detentos estavam todos de pé agora, falando num crescente tagarelar indistinto de vozes amedrontadas (exceto os que eram profundamente telepatas; apenas fitavam Henry, olhos assombrados em rostos salpicados de byrus). Ele lhes mostrou o celeiro ardendo como uma tocha na noite castigada pela neve, o vento transformando o inferno numa explosão, uma tempestade de fogo, e ainda assim o napalm era entornado e ainda assim a voz amplificada insistia: "isso mesmo, camaradas, peguem todos, que nenhum deles escape, eles são o câncer e nós somos a cura!"

A imaginação plenamente cheia agora, nutrindo-se de si mesma numa espécie de frenesi, Henry enviou imagens das poucas pessoas que conseguiram encontrar as saídas ou escapar pelas janelas. Muitas delas estavam em chamas. Uma delas era uma mulher com uma criança nos braços. Os soldados metralhavam todos, menos a mulher com a criança, que se converteram em bolas de napalm enquanto ela corria.

"Não!", várias mulheres gritaram em uníssono, e Henry se deu conta, com uma espécie de mórbida surpresa, de que todas elas, mesmo as que não tinham crianças, identificaram-se com a mulher em chamas.

Estavam de pé agora, rodopiando como gado numa tempestade crivada de trovoadas. Ele tinha de fazê-las se mexer antes que tivessem a oportunidade de pensar uma vez, quanto mais duas.

Reunindo a energia das mentes conectadas à sua, Henry lhes enviou uma imagem do armazém.

LÁ!, gritou. **É A ÚNICA CHANCE DE VOCÊS! PELO ARMAZÉM, SE PUDEREM, PONHAM A CERCA ABAIXO, SE A PORTA ESTIVER BLOQUEADA! NÃO PAREM, NÃO HESITEM! EMBRENHEM-SE NA FLORESTA! ESCONDAM-SE NA FLORESTA! VÃO ATEAR FOGO A ESTE LUGAR, O CELEIRO E TODOS DENTRO DELE, E A FLORESTA É SUA ÚNICA CHANCE, AGORA!**

Bem no fundo do poço de sua imaginação, voando com os comprimidos que Owen lhe dera, e enviando com toda a força — imagens de uma possível segurança lá fora, de uma morte certa ali dentro, imagens tão simples quanto as de um livro de imagens de uma criança —, apenas de uma forma bastante remota ele percebeu que começara a entoar em voz alta: "Agora, agora, agora."

Marsha Chiles o captou, depois o cunhado, depois Charles, o homem com o sexy-painel solar recoberto.

— Agora! Agora! Agora!

Embora imune ao byrus e, portanto, não mais telepático do que o mais comum dos ursos, Darren não estava imune à crescente vibração e também se uniu a eles.

— Agora! Agora! Agora!

Saltava de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, uma infecção induzida pelo pânico ainda mais contagiante do que o byrus:

— Agora! Agora! Agora!

O celeiro estremeceu com o som. Punhos cerrados brandiam em uníssono, como punhos num concerto de roque.

— AGORA! AGORA! AGORA!

Henry os deixou assumir o comando e fortalecê-lo, empunhando a própria mão sem sequer perceber, lançando a mão no ar até o mais alto que o braço dolorido permitia, mesmo enquanto lembrava a si mesmo para não ser pego no ciclone da mente em massa que ele criara: quando eles fossem para o norte, ele estaria indo para o sul. Estava esperando chegar a um ponto sem retorno — o ponto da ignição e da combustão espontânea.

Chegou.

— Agora — sussurrou.

Uniu a mente de Marsha, de Bill, de Charlie... e depois as que estavam mais próximas e especialmente encadeadas. Fundiu-as, compactou-as, depois disparou aquela única palavra como bala de prata dentro da cabeça de 360 pessoas no celeiro do velho Gosselin:

AGORA.

Houve um momento de silêncio absoluto antes de as portas do inferno serem escancaradas.

8

Pouco antes do anoitecer, uma dúzia de guaritas (na verdade, banheiros portáteis de plástico, com urinóis e latrinas arrancados) foi montada a intervalos ao longo da cerca de segurança. Estavam equipadas com calefatores que projetavam um clarão entorpecedor nos espaços confinados, e os guardas não tinham o menor interesse em sair delas. De vez em quando, um deles abria a porta para deixar entrar um remoinho de ar fresco e neve, mas a isso os guardas limitavam sua exposição ao mundo exterior. Muitos deles eram soldados que serviram em tempo de paz e não tinham ideia de quão grandes eram os riscos no momento, de modo que trocavam histórias sobre sexo, carros, postos de sentinelas, sexo, familiares, seu futuro, sexo, experiências com drogas e bebidas alcoólicas e sexo. Não notaram as duas visitas de Owen Underhill ao galpão (ele estaria perfeitamente visível a partir do Posto 9 e do Posto 10) e eram os últimos a saber que tinham nas mãos uma revolta completa.

Sete outros soldados, rapazes que trabalhavam com Kurtz havia mais tempo e que, portanto, eram um pouco mais descolados, encontravam-se no fundo do armazém, perto da estufa, jogando pôquer no mesmo escritório em que Owen reproduzira para Kurtz os teipes de ne

nous blessez pas havia mais ou menos um século. Seis dos jogadores de cartas eram sentinelas. O sétimo era Gene Cambry, colega de Dawg Brodsky. Cambry não conseguia dormir. O motivo estava oculto por uma munhequeira de algodão elástica. Não sabia, porém, por quanto tempo a munhequeira seria útil, porque a substância vermelha embaixo dela ia se espalhando. Se não fosse cauteloso, alguém a veria... e então, em vez de jogar cartas no escritório, estaria no celeiro com os outros.

E seria ele o único? Ray Parsons tinha um enorme chumaço de algodão num ouvido. Explicou que estava com dor de ouvido, mas quem saberia ao certo? Ted Trezewski tinha uma atadura num antebraço volumoso e afirmou que se ferira ao estender arame farpado no recinto no início do dia. Talvez fosse verdade. George Udall, o superior imediato de Dawg em tempos mais normais, cobrira a careca com um gorro de tricô; a porcaria do gorro o deixava parecido com um velhote branco rapper. Talvez embaixo dele não houvesse outra coisa além de pele, mas ali dentro estava quente para se usar gorro, não estava? Principalmente um de tricô.

— Mão — disse Howie Everett.

— Pago para ver — disse Danny O'Brian.

Parsons pagou; Udall também. Cambry mal ouviu. Em sua mente, surgiu a imagem de uma mulher com uma criança nos braços. Enquanto corria com dificuldade no cercado cheio de neve, um soldado a transformou numa bola de napalm. Cambry estremeceu, horrorizado, achando que a imagem fora produzida por sua própria consciência culpada.

— Gene? — Al Coleman chamou. — Vai pagar ou...

— O que é isso? — Howie perguntou, franzindo o cenho.

— Isso o quê? — retrucou Ted Trezewski.

— Se aguçar o ouvido, vai escutar — retrucou Howie. Polaco pateta: Cambry ouviu em sua cabeça essa ilação não pronunciada, mas não lhe deu importância. Assim que chamou a atenção deles, a cantilena se tornou bastante clara, fazendo-se ouvir acima do vento, rapidamente ganhando força e ímpeto.

— Agora! Agora! Agora! Agora! AGORA!

Vinha do celeiro, bem atrás deles.

— Mas que diabo é isso? — Udall perguntou com uma voz pensativa, piscando os olhos sobre a mesa dobradiça com as cartas espalhadas, os cinzeiros, as fichas de plástico e o dinheiro. Gene Cambry de repente percebeu que, afinal, nada havia embaixo do ridículo gorro de lã tricotada a não ser pele. Udall estava, nominalmente, encarregado daquele grupinho, mas não tinha ideia de nada. Não conseguia enxergar os punhos cerrados erguidos no ar, não conseguia ouvir a poderosa voz-pensamento que liderava a cantilena.

Cambry viu susto no rosto de Parson, de Everett, de Coleman. Eles também viam. O entendimento se instalou entre eles, enquanto os não infectados apenas estavam perplexos.

— Os putos vão fugir — disse Cambry.

— Não seja ridículo, Gene — disse George Udall. — Não sabem o que

está para desabar na cabeça deles. Depois, são civis. Estão só pondo pra fora um pouco de...

Cambry não ouviu o resto, porque uma única palavra — AGORA — lhe rasgou o cérebro como uma serra circular. Ray Parsons e Al Coleman estremeceram. Howie Everett urrou de dor, as mãos pressionando as têmporas, os joelhos golpeando a parte inferior do tampo da mesa e lançando no ar fichas de plástico e cartas. Uma nota de um dólar pousou no alto da fornalha quente e começou a se inflamar.

— Ei, mas que merda, olha só o que você f... — começou Ted.

— Estão vindo — Cambry disse. — Estão vindo contra nós.

Parsons, Everett e Coleman agarraram num bote as carabinas M-4 encostadas ao lado do cabide de parede do velho Gosselin. Os outros olharam para eles, surpresos, ainda três passos atrás... e então soou um vasto estrondo quando 60 ou mais detentos investiram contra a porta do celeiro. As portas estavam trancadas por fora — enormes trancas de aço, técnica militar. Resistiram, mas a madeira velha cedeu e rebentou com um forte estalo.

Os prisioneiros começaram a sair pela fresta, berrando "Agora! Agora!", dentro da mandíbula nevosa do vento e atropelando vários companheiros.

Cambry também se apoderou da arma, uma compacta carabina de assalto, mas em seguida a arma lhe foi arrebatada das mãos.

— Esta é minha, seu besta — rosnou Ted Trezewski.

Havia menos de 20 metros entre as portas despedaçadas do celeiro e os fundos do armazém. A multidão passava varrendo pela fresta, a urrar "AGORA! AGORA! AGORA!".

A mesa de pôquer foi virada com estrondo, derrubando coisas para todos os lados. O alarme do perímetro disparou assim que os primeiros detentos alcançaram a cerca de arame dupla, sendo fritados ou fisgados como peixes nas enormes espirais de farpas. Momentos depois do disparo do alarme, aos zurros pulsantes se juntou uma sirena ululante, o alerta do quartel-general ao qual às vezes se referiam como Situação Seis Tríplice, o fim do mundo. Das guaritas de plástico, rostos surpresos e assustados olhavam para fora atordoados.

— O celeiro! — alguém gritou. — O celeiro veio abaixo! É uma fuga!

As sentinelas saíram a trote debaixo da neve, muitas delas sem botas, correndo ao longo da cerca, sem perceber que fora posta abaixo pelo peso de mais de 80 caçadores de cervos camicases, todos entoando "AGORA" aos berros, mesmo enquanto se estrebuchavam e se fritavam e morriam.

Ninguém notou o homem sozinho — alto, magricela, com um antiquado par de óculos de aros de chifre — que saiu dos fundos do celeiro e começou a caminhar em diagonal nos montes de neve que cobriam o cercado. Embora não conseguisse ver ou sentir que alguém prestasse atenção nele, começou a correr. Sentiu-se terrivelmente exposto sob as luzes brilhantes, e a cacofonia da sirena e do alarme do perímetro o deixou

em pânico e alucinado... fê-lo sentir a mesma coisa que o choro de Duddits provocara naquele dia atrás do prédio dos Irmãos Tracker.

Torceu, em nome de Deus, para que Underhill estivesse à sua espera. Era impossível saber, a neve caía densa demais para que ele enxergasse o fim do cercado, mas chegaria lá em breve e então descobriria.

9

Kurtz estava completamente vestido, exceto por uma bota que faltava calçar, quando o alarme disparou e as luzes de emergência se acenderam, inundando seu território isolado com um clarão ainda maior. Não sentiu surpresa nem desânimo, apenas uma mistura de alívio e contrariedade. Alívio pelo fato de que o que quer que estivera roendo seus nervos finalmente se expusera. Contrariedade pelo fato de que aquela puta confusão poderia ter esperado mais duas horas para acontecer. Mais duas horas e ele teria ajustado todas as contas.

Escancarou a porta do Winnebago com a mão direita, ainda segurando a outra bota com a esquerda. Um rugido feroz vinha do celeiro, o tipo de grito de guerreiro ao qual seu coração reagia a despeito de tudo. A força da ventania enfraquecia um pouco o rugido, mas não muito; estavam todos unidos, ao que parecia. De algum lugar em suas fileiras, do tipo bem nutrido, temeroso, esperançoso, erguera-se um Espártaco — quem diria?

É a porra da telepatia, pensou. Seus instintos, sempre soberbos, diziam-lhe que se tratava de um contratempo grave, que ele estava testemunhando uma operação se avolumar em grande estilo, mas, apesar disso, sorriu. Tem que ser a porra da telepatia. Farejaram o que estava para acontecer... e alguém resolveu agir.

Enquanto observava, homens numa heterogênea horda, a maioria deles usando parca e boné cor laranja, saíam alvoroçados pelas portas estilhaçadas do celeiro. Um caiu numa prancha lascada e foi empalado como um vampiro. Alguns tropeçaram na neve, tombaram e foram pisoteados. Todas as luzes estavam acesas agora. Kurtz se sentiu como quem estivesse sentado numa poltrona na primeira fileira e assistisse a uma luta de boxe. Dali via tudo.

Grupos de fugitivos, 50 ou 60 em cada um, desgarravam-se quase como pelotões num treinamento e investiam contra a cerca nos dois lados do pequeno armazém ruidoso. Ou não sabiam que nos arames lisos havia uma carga letal de eletricidade ou pouco ligavam para isso. O resto deles, a massa principal, avançava diretamente para os fundos do armazém. Era o ponto mais fraco no perímetro, mas não importava. Kurtz pensou que tudo aquilo terminaria.

Jamais, em nenhum de seus planos de emergência, levara em conta

uma tal situação: 200 ou 300 guerreiros pesadões de novembro armando uma afoita investida do tipo "sem peito, sem glória". Jamais esperara que fizessem outra coisa a não ser ficar quietos onde estavam, reivindicando um processo justo até o momento em que virariam espetinhos.

— Nada mal, companheiros — disse Kurtz. Farejou outra coisa que começava a ser queimada, provavelmente a merda de sua carreira, mas o fim estava perto de qualquer forma, e ele escolhera uma operação infernal como despedida, não escolhera? No que dizia respeito a Kurtz, os gurizinhos cinzentos do espaço eram totalmente secundários. Se editasse o noticiário, a primeira manchete seria: SURPRESA! A FIBRA DOS NORTE-AMERICANOS NEW AGE! Sensacional. Era quase uma pena acabar com eles.

A sirena do quartel-general subiu e baixou na noite nevosa. A primeira onda de homens chegou aos fundos do armazém. Kurtz quase pôde ver o lugar inteiro estremecer.

— A porra da telepatia — Kurtz disse, arreganhando os dentes num sorriso. Pôde ver seus homens respondendo, a primeira onda saída das guaritas, outros saindo do comboio de veículos, do comissário e dos trailers que serviam de caserna improvisada. Depois o sorriso no rosto de Kurtz começou a sumir, substituído por uma expressão de perplexidade. — Atirem neles — disse. — Por que não atiram neles?

Alguns estavam atirando, mas não o bastante — de jeito nenhum o bastante. Kurtz pensou farejar pânico. Seus homens não estavam abrindo fogo porque estavam se cagando de medo. Ou porque sabiam que seriam os próximos.

— A porra da telepatia — repetiu, e, de repente, disparos de carabinas automáticas soaram dentro do armazém. As janelas do escritório, onde ele e Owen Underhill tinham tido a conversa, iluminavam-se com clarões intermitentes de luz. Duas delas estouraram. Um homem tentou escapar pela segunda delas, e Kurtz teve tempo de reconhecer George Udall antes que George fosse pego pelas pernas e puxado para dentro de novo.

Os homens no escritório estavam lutando, pelo menos, mas claro que lutariam; lá dentro, lutavam para sobreviver. Os recrutas que saíram correndo estavam, na maioria, ainda correndo. Kurtz pensou em largar a bota e pegar a pistola de 9 milímetros. Abater alguns fugitivos. Distender seus limites, na verdade. Tudo em volta ruía, por que não?

Underhill, eis o motivo pelo qual não o fez. Owen Underhill tinha um papel naquela confusão. Kurtz sabia tão bem disso quanto sabia seu próprio nome. Aquilo cheirava a passar dos limites, e passar dos limites era uma especialidade de Owen Underhill.

Mais disparos no armazém do Gosselin... gritos de dor... depois vivas de triunfo. Os bárbaros entendidos em computador, bebedores de água mineral e comedores de salada atingiram seu objetivo. Kurtz bateu com força a porta do Winnebago e correu de volta para o quarto para chamar Freddy Johnson. Ainda carregava a bota.

10

Cambry estava agachado atrás da escrivaninha do velho Gosselin quando a primeira leva de prisioneiros forçou a entrada no escritório. Revirava as gavetas, procurando freneticamente uma arma. O fato de que não encontrou nenhuma muito provavelmente lhe salvou a vida.

— AGORA! AGORA! AGORA! — berravam os prisioneiros que se aproximavam. Soou um tremendo estrondo contra os fundos do armazém, como se um caminhão tivesse colidido. Do lado de fora, Cambry ouviu um som úmido de fritura quando os primeiros detentos se agarraram à cerca. As lâmpadas no escritório começaram a piscar.

— Fiquem unidos, homens! — Danny O'Brian gritou. — Por amor a Deus, fiquem uni...

A porta dos fundos se desprendeu das dobradiças de uma forma tal, com a força do peso, que se deslocou para trás, escudando os primeiros homens que aos berros atravancavam a entrada. Cambry se esquivou, as mãos entrelaçadas na nuca, enquanto a porta caía na escrivaninha num ângulo que o cobria, metido no espaço entre as gavetas.

Os disparos das automáticas eram ensurdecedores na pequena sala, abafando até mesmo os gritos dos feridos, mas Cambry percebeu que nem todos abriam fogo. Trezewski, Udall e O'Brian sim, mas Coleman, Everett e Ray Parsons estavam apenas parados com a arma erguida contra o peito e uma expressão de aturdimento no rosto.

Daquele abrigo acidental, Gene Cambry viu os prisioneiros invadirem a sala, viu o primeiro deles ser baleado e arremessado como espantalho; viu o sangue deles jorrar nas paredes, nos avisos de jantares de despedida de amigos, nos regulamentos de segurança da OSHA. Viu George Udall lançar sua arma sobre dois jovens corpulentos vestidos de cor laranja, depois girar em torno de si e se jogar por uma das janelas. Ficou a meio corpo fora da janela e depois foi puxado de volta para dentro; um homem com a germinação do Ripley no rosto, como marca de nascença, enterrou os dentes na barriga da perna de George, como se fosse uma coxa de peru, enquanto outro silenciava a cabeça que berrava na outra extremidade do corpo de George, torcendo-a violentamente para a esquerda. A sala se azulara com a fumaça de pólvora, mas ele viu Al Coleman largar a arma e se unir ao canto — "Agora! Agora! Agora!". E viu Ray Parsons, normalmente o mais pacífico dos homens, apontar a carabina para Danny O'Brian e lhe estourar os miolos.

Agora a questão era simples. Agora eram apenas os infectados contra os imunes.

A escrivaninha foi atingida e bateu ruidosamente contra a parede. A porta caiu sobre Cambry e, antes que ele conseguisse se levantar, havia gente correndo sobre a porta, espremendo-o embaixo. Ele se sentiu como um caubói que caíra do cavalo durante um estouro de boiada. Vou morrer aqui embaixo, pensou, e então, por um momento, a mórbida pressão

esvaneceu. Saltou sobre os joelhos, impulsionando-se com os músculos carregados de adrenalina, e a porta deslizou para a esquerda, dizendo adeus maldosamente ao fincar a maçaneta em seu quadril. Alguém lhe deu um chute apressado na costela, outra bota lhe raspou a orelha direita, e então ele se viu de pé. A sala estava impregnada de fumaça, imersa numa barafunda de gritos e urros. Quatro ou cinco caçadores grandalhões foram atirados contra a fornalha, que se desprendeu dos canos e tombou de lado, espalhando no chão pedaços de bordo em chamas. Dinheiro e cartas de baralho pegaram fogo. Havia o cheiro acre das fichas de pôquer de plástico se derretendo. Eram do Ray, Cambry pensou incoerentemente. Tinha-as também no Golfo e na Bósnia.

Na confusão, foi ignorado. Não havia necessidade de os prisioneiros fugitivos usarem a porta entre o escritório e o armazém; a parede inteira — não mais do que uma divisória de madeira fina, na verdade — fora posta abaixo. Fragmentos da madeira começavam a pegar o fogo que a estufa espalhara.

— Agora — Gene Cambry murmurou. — Agora. — Viu Ray Parsons correr com os outros para a frente do armazém, Howie Everett atrás. Howie roubou um pão enquanto seguia pelo corredor central.

Um velhote magro de gorro com borlas e sobretudo foi empurrado contra a estufa caída, depois se estatelou. Cambry ouviu seus gritos agudos e desesperados quando o rosto aderiu ao metal e começou a fervilhar.

Ouviu e sentiu.

— Agora! — Cambry berrou, cedendo e se juntando aos outros. — Agora!

As pernas bem abertas, saltou sobre as chamas cada vez mais intensas que vinham da estufa, fundindo a mente pequena com a maior.

Para todos os propósitos práticos, a Operação Guri Azul estava terminada.

11

Depois de percorrer três quartos do cercado, Henry se deteve, ofegando e com a mão sobre o peito pulsante. Atrás dele, o caos de bolso que ele deflagrara; à frente, nada a não ser a escuridão. O puto do Underhill o abandonara, tinha...

Calma, belezoca... calma.

As luzes piscaram duas vezes. Henry olhava para o lugar errado, era só isso; Owen estacionara um pouco para a esquerda do canto sudoeste do cercado. Agora Henry via com clareza o contorno quase quadrado da Sno-Cat. De trás dele, gritos, urros, ordens, disparos. Não tantos disparos quanto esperara, mas não era o momento de perguntar por quê.

Depressa!, Owen gritou. Temos que sair daqui!

Estou indo o mais depressa que posso... aguente aí.

Henry se pôs a caminhar de novo. O que quer que houvesse nos comprimidos que Owen lhe dera, o efeito já diminuía, e ele sentia os pés mais pesados. A comichão na coxa o deixava enlouquecido, assim como a comichão na boca. Sentia a substância formigar na língua. Era como se uma bebida gasosa borbulhasse sem cessar.

Owen cortara a cerca — tanto a de arame farpado quanto a de arame liso. Estava parado na frente da Sno-Cat (branca, para combinar com a neve, motivo pelo qual Henry não a enxergara) com um rifle automático preso na cintura, olhando para todas as direções ao mesmo tempo. As luzes múltiplas lançavam meia dúzia de sombras de seu corpo; irradiavam-se das botas como ponteiros de relógio descontrolados.

Owen agarrou Henry pelo ombro. Você está bem?

Henry fez que sim com a cabeça. Quando Owen começou a conduzi-lo na direção da Sno-Cat, soou uma estrondosa e ensurdecedora explosão, como se alguém tivesse detonado a maior carabina do mundo. Henry se encolheu, tropeçou nos próprios pés e teria ido ao chão se Owen não o tivesse amparado.

O quê...?

Gás de baixa pressão. E também gasolina, talvez. Olhe.

Owen o pegou pelos ombros e o fez virar para trás. Henry viu uma gigantesca coluna de fogo na noite forrada de neve. Fragmentos do armazém — pranchas de madeira, telhas, caixas de Cheerio inflamadas, rolos de papel higiênico em chamas — projetaram-se no céu. Alguns soldados observavam — hipnotizados. Outros corriam para dentro da floresta. Perseguindo os fugitivos, Henry supôs, embora ouvisse na cabeça o pânico que tomava conta deles — Corra! Corra! Agora! Agora! —, e simplesmente não pôde acreditar naquilo. Mais tarde, quando tivesse tempo para pensar, entenderia que inúmeros soldados estavam também fugindo. Naquele momento, nada entendia. As coisas aconteciam depressa demais.

Owen o fez se voltar de novo e o ajudou a se sentar no banco do carona da Sno-Cat, fazendo-o passar por uma tela de lona suspensa com um forte cheiro de óleo de motor. A cabina da Sno-Cat estava felizmente aquecida. Num rádio afixado no painel de instrumentos rudimentar, vozes crepitavam e chiavam. Henry só conseguiu entender com clareza que havia pânico naquelas vozes. O que o deixou ferozmente feliz — mais feliz do que fora desde aquela tarde em que os quatro amigos instilaram medo em Richie Grenadeau e em seus amigos intimidadores. E, tanto quanto Henry podia ver, era aquele sujeito que estava à frente daquela operação: um bando de Richie Grenadeaus crescidos, armados com metralhadoras em lugar de porções secas de cocô de cachorro.

Havia um objeto entre os bancos, uma caixa com duas lâmpadas amarelas que piscavam. Quando Henry se curvou, curioso, Owen Underhill afastou de súbito a lona que pendia ao lado do banco do motorista e saltou dentro da Sno-Cat. Respirava com dificuldade e sorria, olhando para o armazém incendiado.

— Cuidado, mano — disse. — Preste atenção nos botões.

Henry pegou a caixa, que tinha mais ou menos o tamanho da adorada lancheira Scooby-Doo de Duddits. Os botões de que Owen falou se achavam abaixo das luzes que piscavam.

— Para que servem?

Owen girou a chave da ignição e o motor aquecido da Sno-Cat pegou ruidosamente, de imediato. A transmissão se comunicou com a alavanca de mudança, que Owen engrenou. Owen ainda estava sorrindo. Na luz brilhante que incidia sobre o para-brisa da Sno-Cat, Henry agora podia ver um filete vermelho-alaranjado de byrus germinando embaixo de cada um dos olhos do homem, como uma sombra de maquiagem. Havia outros nas sobrancelhas.

— Este lugar está iluminado demais — disse. — Vamos diminuir essas luzes um pouco. — Virou a Sno-Cat num círculo surpreendentemente suave; era como estar num barco a motor. Henry desabou no encosto do assento, segurando no colo a caixa com as luzes que piscavam. Pensou que, se não voltasse a andar por cinco anos, isso não teria importância.

Owen o olhou de relance enquanto dirigia a Sno-Cat numa diagonal, rumo à vala cercada de neve que era a Swanny Pond Road.

— Você conseguiu — disse. — Duvidei que o conseguisse, tenho que admitir, mas você fez com que os filhos da puta dessem no pé.

— Como eu te falei... sou um mestre da motivação. — Além disso, comunicou ele, a maioria deles vai morrer, de qualquer forma.

Não importa. Você deu uma oportunidade para eles. E agora...

Houve mais disparos, mas só quando uma bala raspou zunindo o metal acima da cabeça dos dois, Henry se deu conta de que eles eram o alvo. Houve um outro rápido tinido quando uma outra bala ricocheteou numa das bandas da Sno-Cat e Henry se abaixou... como se isso adiantasse.

Ainda sorrindo, Owen apontou uma das mãos enluvada para a sua direita. Henry olhou naquela direção enquanto duas outras balas ricocheteavam no corpo atarracado da Sno-Cat. Henry se encolheu nas duas ocasiões; Owen pareceu nem sequer ter notado.

Henry viu um agrupamento de trailers, alguns ostentando nomes de marcas registradas, como Sysco e Scott Paper. Na frente dos trailers, havia uma colônia de campers, e, na frente da maior delas, um Winnebago que, aos olhos de Henry, parecia uma mansão sobre rodas; havia seis ou sete homens atirando na Sno-Cat. Embora a distância fosse grande, o vento fosse forte e a neve ainda caísse intensamente, muitas das balas atingiam a motoneve. Outros homens, alguns apenas semivestidos (um valentão saiu correndo de debaixo da neve exibindo um torso nu que se ajustaria muitíssimo bem a um super-herói de história em quadrinhos), juntavam-se ao grupo. No centro deles estava um homem de alta estatura e cabelo grisalho. Ao lado dele, um sujeito mais atarracado. Enquanto Henry olhava, o homem magro ergueu o rifle e disparou, aparentemente sem nem sequer apontar. Soou um zunido abafado e Henry teve a impressão de que algo passara bem na frente do seu nariz, uma perversa coisinha que zumbia.

Owen riu de verdade.

— O cara magro e grisalho é o Kurtz. Está no comando e sabe atirar.

Outras balas passaram raspando pelas esteiras e pela carapaça da Sno-Cat. Henry sentiu na cabina mais uma daquelas presenças que eram velozes e zuniam, e de repente o rádio silenciou. A distância entre eles e os atiradores agrupados em redor do Winnebago ia aumentando, mas isso parecia não fazer diferença. No que dizia respeito a Henry, aqueles putos todos sabiam atirar. Era só uma questão de tempo para um deles acertar o alvo... e no entanto Owen parecia feliz. Ocorreu a Henry que tinha se ligado a alguém ainda mais suicida do que ele.

— O cara ao lado do Kurtz é Freddy Johnson. Aqueles mosqueteiros são todos queridinhos do Kurtz, os que deveriam... opa, cuidado!

Outra certeira, outra abelha de aço zumbindo — no meio deles, dessa vez —, e, de súbito, o botão na extremidade da alavanca de transmissão já não existia. Owen desatou a rir.

— Kurtz! — berrou. — Aposto cinco centavos! Faltam dois anos para a aposentadoria compulsória e ele ainda atira como Annie Oakley! — Esmurrou a travessa da direção. — Mas chega. Diversão é diversão, fodeção é fodeção. Apague essas luzinhas, belezoca.

— Hã?

Ainda com um sorriso largo, Owen tocou bruscamente com um polegar a caixa com as lâmpadas amarelas que piscavam. Para Henry, as listras curvas de byrus sob os olhos dele pareciam agora pintura de guerra.

— Aperte os botões, cara. Aperte os botões e apague as luzes.

12

De repente — era sempre de repente, sempre mágico — o mundo desapareceu e Kurtz estava na zona. O uivo da ventania, as saraivas da nevasca, o guincho da sirena, o pulsar do alarme — tudo sumira. Kurtz já não tinha ciência da presença de Freddy Johnson a seu lado e do grupo de rapazes do Vale Imperial em redor. Concentrava-se na Sno-Cat que se afastava e em nada mais. Conseguia ver Owen Underhill no banco esquerdo, conseguia enxergá-lo bem através da cabina de aço, como se ele, Abe Kurtz, tivesse inesperadamente sido dotado da visão radiográfica do Super-homem. A distância era inacreditavelmente longa, mas não importava. A carga seguinte que ele estava para disparar penetraria a parte posterior da cabeça traiçoeira e imprudente de Owen Underhill. Ergueu o rifle automático, abaixou-o...

Duas explosões estremeceram a noite, uma delas perto o bastante para sacudir Kurtz e seus homens com a onda de choque. Um trailer, em cuja lateral estava escrito INTEL INSIDE, elevou-se no ar, virou e caiu na Spago, a barraca da cozinha. "Santo Deus!", um dos homens gritou.

Nem todas as luzes se apagaram — meia hora não era muito tempo, e Owen instalara cargas de termite em apenas dois geradores (o tempo inteiro dizendo num sussurro: "Banbury Cross, Banbury Cross, cavalgue um cavalo-de-pau até Banbury Cross"), mas, de repente, a Sno-Cat que se distanciava foi engolida por sombras em movimento com clarões de fogo, e Kurtz jogou o rifle automático na neve sem dispará-lo.

— Puta merda — disse, sem qualquer inflexão. — Suspendam o fogo. Suspendam o fogo, imbecis. Parem, louvado seja Deus. Para dentro. Todo mundo, menos o Freddy. Juntem as mãos e rezem para que Deus Todo-poderoso tire a seringa do nosso cu. Venha cá, Freddy. Anime-se.

Os demais, quase uma dúzia, subiram a escada e entraram no Winnebago, olhando apreensivos para os geradores em chamas, a cozinha incendiada (a barraca do comissário ao lado já estava em chamas; a enfermaria e o necrotério seriam as próximas). Metade das lâmpadas no complexo estava apagada.

Kurtz passou o braço em volta dos ombros de Freddy Johnson e passeou com ele 20 metros dentro da neve que caía, e que o vento agora levantava e carregava em véus que pareciam vapores místicos. Bem à frente dos dois homens, o mercado do Gosselin — o que dele sobrara — ardia num inferno. O celeiro já estava incendiado. As portas estilhaçadas, basbaques.

— Freddy, você ama a Deus? Fale a verdade.

Freddy passara por isso antes. Era um mantra. O chefão estava lhe limpando a cabeça.

— Amo, chefão.

— Jura que está falando a verdade? — Kurtz olhando profundamente. Olhando através dele, mais provável. Planejando o futuro, se é que tais criaturas instintivas faziam planos. — Porque pela mentira terá defronte de si o poço eterno do inferno.

— Juro que é verdade.

— Ama a Ele muito, certo?

— Muito, chefão.

— Mais do que o grupo? Mais do que atacar e cumprir a missão? — Uma pausa. — Mais do que ama a mim?

Não eram perguntas para as quais a gente daria respostas erradas, se quisesse continuar vivo. Felizmente, também nada difíceis.

— Não, chefão.

— A telepatia acabou, Freddy?

— Senti uma coisa, não sei se foi telepatia, exatamente, vozes na cabeça...

Kurtz meneou a cabeça. Chamas vermelho-douradas, da cor do fungo Ripley, escaparam do teto do celeiro numa explosão.

— ... mas passou.

— Outros homens no grupo?

— Refere-se ao Vale Imperial? — Freddy voltou a cabeça para o Winnebago.

— A que mais iria me referir, ao grupo Firehouse Five Plus Two? Sim, eles!

— Estão limpos, chefão.

— Isso é bom, mas também é ruim. Freddy, nós precisamos de uns dois norte-americanos infectados. E quando digo nós, quero dizer você e eu. Eu quero norte-americanos infestados dessa bosta vermelha, está me entendendo?

— Estou. — O que Freddy não entendia era por quê, mas, naquele momento, o porquê não importava. Ele viu Kurtz sob controle, visivelmente sob controle, o que era um alívio. Quando Freddy precisasse saber, Kurtz lhe diria. Freddy olhou apreensivo para o armazém flamejante, para o celeiro flamejante, para a barraca da cozinha flamejante. A situação era FOMAR.

Ou talvez não. Não se Kurtz estivesse sob controle.

— A porra da telepatia é responsável por isso — Kurtz refletiu —, mas não foi a telepatia que a iniciou. Foi pura sacanagem humana, louvado seja Deus. Quem traiu Jesus, Freddy? Quem lhe deu aquele beijo de traição?

Freddy tinha lido a Bíblia, principalmente porque Kurtz lhe dera uma.

— Judas Iscariotes, chefão.

Kurtz assentiu rapidamente com a cabeça. Os olhos giravam para todas as direções, catalogando a destruição, calculando a resposta, que seria drasticamente limitada por causa da tempestade.

— Exatamente, recruta. Judas traiu Jesus e Owen Philip Underhill nos traiu. Judas recebeu 30 moedas de prata. Uma remuneração mixuruca, não acha?

— Acho, chefão. — Deu a resposta meio afastado de Kurtz, porque alguma coisa no comissário explodira. Uma das mãos de aço lhe agarrou o ombro e o fez se voltar. Os olhos de Kurtz estavam arregalados e ardentes. As pestanas brancas os tornavam olhos de fantasmas.

— Olhe para mim enquanto eu falo com você — disse Kurtz. — Me escute enquanto eu falo com você. — Kurtz pousou a mão livre na coronha da automática de 9 milímetros. — Ou esparramo as suas tripas na neve. Tive uma noite infernal aqui e não a torne ainda pior, seu cão, está me entendendo? Sacou o que eu saquei?

Johnson era um homem de grande coragem física, mas naquele momento sentiu algo se revirar no estômago e tentar sair.

— Sim, chefão, me desculpe.

— Aceito. Deus ama e perdoa, devemos fazer o mesmo. Não sei quantas moedas de prata Owen ganhou, mas sei do seguinte: vamos pegá-lo, vamos partir a cara dele e vamos dar para ele um esplêndido cu novo rasgado. Entendido?

— Sim. — Não havia nada que Freddy desejasse mais do que encontrar a pessoa que virara de ponta-cabeça seu mundo anteriormente ordenado e foder essa pessoa. — Até que ponto acha que Owen é responsável por isso, chefão?

— Para mim, o bastante — Kurtz respondeu com serenidade. — Tenho a impressão de que estou finalmente acabado, Freddy...

— Não, chefão.

— ... mas não vou acabar sozinho. — O braço ainda em torno dos ombros de Freddy, Kurtz começou a guiar o novo ajudante na direção do Winnebago. Pilares de fogo baixos e agonizantes assinalavam os geradores em chamas. Underhill fizera aquilo; um dos homens de Kurtz. Freddy ainda achava difícil acreditar nisso, mas mesmo assim começou a sentir raiva. Quantas moedas de prata, Owen? Quantas ganhou, seu traidor?

Kurtz parou ao pé da escada.

— Qual desses camaradas você gostaria de comandar numa missão de caça e extermínio, Freddy?

— Gallagher, chefão.

— Kate?

— É.

— Ela é canibal, Freddy? A pessoa que deixarmos encarregada tem que ser canibal.

— Ela os come crus com salada de repolho cru, chefão.

— Está bem — disse Kurtz. — Porque vai ser trabalho sujo. Preciso de dois Ripley-positivos, possivelmente rapazes do Guri Azul. Os outros... como os animais, Freddy. O Vale Imperial é agora uma missão de caça e extermínio. Gallagher e os demais devem caçar o maior número deles possível. Tanto militares quanto civis. A partir de agora, até a meia-noite de amanhã, é hora de dar de comer. Depois disso, é cada um por si. Menos nós, Freddy. — A lanterna pintou o rosto de Kurtz com byrus, transformou seus olhos em olhos de fuinha. — Vamos caçar Owen Underhill e ensiná-lo a amar a Deus.

Kurtz pulou os degraus da escada do Winnebago, seguro como um cabrito montês na neve carregada e escorregadia. Freddy Johnson o seguiu.

13

A Sno-Cat mergulhou no barranco até a Swanny Pond Road com uma velocidade suficiente para revirar o estômago de Henry. A motoneve volteou, depois virou para o sul. Owen operou a embreagem e pressionou a alavanca de marchas, fazendo a Sno-Cat disparar até chegar à velocidade máxima. Com as galáxias de neve esvoaçando no para-brisa, para Henry era como se estivessem viajando aproximadamente ao número 1 de mach. Imaginou que, na verdade, deveriam estar a uns 58 quilômetros por hora. Assim se afastariam do Gosselin, mas ele pressentia que Jonesy estava se movimentando com muito mais rapidez.

Autoestrada à frente?, Owen perguntou. É, não é?

É. A uns 9 quilômetros.

Vamos precisar mudar de veículo, quando chegarmos lá.

Ninguém deverá ser ferido, se possível. E ninguém será morto.

Henry... não sei como contar para você, mas isto aqui não é uma partida de basquete do colegial.

— Ninguém deverá ser ferido. Ninguém será morto. Pelo menos, não quando trocarmos de veículo. Concorde com isso ou salto por essa porta agora mesmo.

Owen lançou um rápido olhar para ele.

— Seria capaz, não seria? E veja só o que o seu amigo planejou para o mundo.

— O meu amigo não é responsável por nada disso. Ele foi sequestrado.

— Está bem. Ninguém será ferido quando trocarmos de veículo. Se possível. E ninguém será morto. A não ser, talvez, nós. E agora, para onde estamos indo?

Derry.

É lá que ele está? Esse último alienígena sobrevivente?

Acho que sim. De qualquer modo, tenho um amigo em Derry que pode nos ajudar. Ele vê a linha.

Que linha?

— Deixe para lá — disse Henry, e pensou: É complicado.

— O que você quer dizer com complicado? E sem animação, sem diversão... o que é isso?

Conto enquanto estivermos indo para o sul. Se eu puder.

A Sno-Cat rodava rumo à Interstate, uma cápsula precedida pelo clarão de suas luzes.

— Diga de novo o que vamos fazer — disse Owen.

— Salvar o mundo.

— E diga o que isso torna a gente... preciso ouvir isso.

— Torna a gente herói — disse Henry. Depois encostou a cabeça e fechou os olhos. Em segundos, estava dormindo.

PARTE 3

QUABBIN

Enquanto eu ia subindo a escada
Topei com um homem que lá não estava;
Lá não estava hoje também!
Tomara, tomara que fique onde está.

HUGHES MEARNS

Capítulo Dezoito

A Caça Começa

1

Jonesy não sabia que horas eram quando o luminoso verde do DYSART bruxuleou em meio à neve sombria — o relógio do painel de instrumentos da Ram pifara, apenas piscava 12h sem parar —, mas estava escuro e a neve ainda caía com intensidade. Nas cercanias de Derry, os limpa-neves perdiam a batalha contra a nevasca. A Ram roubada "dava no couro", como diria o pai de Jonesy, mas perdia sua própria batalha, derrapando e se desequilibrando com mais frequência na neve funda, relutando com dificuldade cada vez maior para avançar em meio à saraivada. Jonesy não fazia ideia de para onde o Sr. Cinza achava que estava indo, mas Jonesy não acreditava que chegaria lá. Não debaixo daquela tempestade, não com aquela caminhonete.

O rádio funcionava, mas não muito bem; até aquele momento, a transmissão era fraca, com interferências dos ruídos de estática. Nada ouvira sobre a hora certa, mas captara um boletim meteorológico. A tempestade de neve se transformava em chuva a partir do sul de Portland, mas, de Augusta a Brunswick, segundo a rádio, a precipitação era uma terrível mistura de chuva fria com saraiva de neve. A maioria das comunidades na região estava sem energia elétrica, e nenhum veículo sem transmissão por cadeia saía do lugar.

Jonesy simplesmente adorou essa informação.

2

Quando o Sr. Cinza girou o volante para subir a ladeira na direção do luminoso que tremeluzia, a caminhonete Ram derrapou de banda, lançando no ar enormes nuvens de neve. Jonesy sabia que, provavelmente, teria saído da ladeira e mergulhado na vala, se estivesse no comando, mas não estava. E o Sr. Cinza, embora já não fosse imune às emoções de Jonesy, pareceu menos propenso ao pânico numa situação tensa. Em vez de torcer cegamente o volante para deter a derrapagem, o Sr. Cinza o girou na mesma direção, agarrando-se a ele até a derrapagem cessar, e então tornou a endireitar o veículo. O cão, que dormia ao pé do banco do carona,

não acordou, e a pulsação de Jonesy praticamente não se alterou. Se estivesse no comando, Jonesy sabia, seu coração teria disparado desesperadamente. Mas, claro, a ideia que tinha do que fazer com um veículo numa tempestade como aquela era apenas deixá-lo na garagem.

O Sr. Cinza obedeceu ao sinal de parada no alto da ladeira, embora a Route 9 fosse um deserto surrado pela neve em ambas as direções. Do outro lado da ladeira havia um enorme estacionamento todo iluminado com lâmpadas de arco de sódio; no clarão, a neve varrida pelo vento parecia se movimentar como a respiração congelada de uma gigantesca fera invisível. Numa noite comum, Jonesy sabia, aquele pátio estaria lotado de casas-reboques a diesel, Kenworths, Macks e Jimmy-Petes com o reluzir das luzes verdes e amarelas das cabinas. Naquela noite, a área estava quase deserta, exceto pelo trecho assinalado LONGO PRAZO FALAR COM A GERÊNCIA BILHETE NECESSÁRIO. Ali, havia uma dúzia ou mais de autocargas, as quinas atenuadas pela neve acumulada. Dentro, na saleta, os motoristas comiam, jogavam fliperama, assistiam ao Spank-O-Vision, ou tentavam dormir no desconfortável dormitório na traseira, onde dez dólares davam direito a um catre, um cobertor limpo e à pitoresca visão de uma parede de concreto cinza. Todos eles com dois pensamentos idênticos: Quando vou poder me virar? e Quanto isso vai me custar?

O Sr. Cinza pisou no acelerador e, embora o tivesse feito sem brusquidão, de acordo com o arquivo de Jonesy sobre dirigir no inverno, os quatro pneus da caminhonete patinaram rapidamente e a caminhonete começou a dançar de lado, atolando.

Vai!, gritou Jonesy de seu posto à janela do escritório. Vai, acelere! Acelere até estourar! Porque, quando a gente patina com uma tração nas quatro rodas, a gente patina mesmo!

Depois, as rodas tornaram a aderir ao chão — primeiro as da frente, onde o peso do motor conferia à Ram um pouco mais de tração —, depois, as de trás. A Ram atravessou rodando a Route 9 e tomou a direção da placa ENTRADA. Adiante desta, havia uma outra: BEM-VINDO AO MELHOR POSTO DE CAMINHONEIRO DA NOVA INGLATERRA. Depois, os faróis da caminhonete flagraram uma terceira, coberta pela neve, mas legível: DIACHO, BEM-VINDO AO MELHOR POSTO DE CAMINHONEIRO DA TERRA.

Este é o melhor posto de caminhoneiro da Terra?, perguntou o Sr. Cinza.

Claro que é, Jonesy retrucou. Em seguida, sem conseguir evitar, desatou a rir.

Por que está fazendo isso? Por que está fazendo esse som?

Jonesy se deu conta de uma coisa extraordinária, ao mesmo tempo comovente e apavorante: o Sr. Cinza estava sorrindo com a boca de Jonesy. Não muito, só um pouco, mas era um sorriso. Ele não sabe mesmo o que é rir, Jonesy pensou. Claro, tampouco sabia o que era raiva, mas demonstrou que aprendia admiravelmente depressa; agora era capaz de ter um acesso de raiva.

O que você disse me pareceu engraçado.

O que exatamente é engraçado?

Jonesy não sabia como responder à pergunta. Queria que o Sr. Cinza experimentasse toda a gama das emoções humanas, supondo que, ao humanizar seu usurpador, teria em última instância sua única oportunidade de sobreviver — conhecemos o inimigo e este somos nós, Pogo dissera uma vez. Mas como explicar o que é engraçado para uma coleção de esporos de um outro mundo? E o que havia de engraçado no fato de o Dysart se proclamar o melhor posto de caminhoneiro da Terra?

Passavam agora por um outro aviso, um com setas que apontavam para a esquerda e para a direita. GRANDES estava escrito sob a seta para a esquerda. PEQUENOS, sob a seta para a direita.

Somos qual deles?, perguntou o Sr. Cinza, parando ao lado da placa.

Jonesy poderia tê-lo deixado ter acesso à informação, mas de que serviria? Somos pequenos, respondeu, e o Sr. Cinza virou a Ram para a direita. Os pneus patinaram um pouco e a caminhonete guinou. Lad levantou a cabeça, soltou um outro longo pum perfumado e ganiu. A parte inferior do corpo se inchara e distendera; quem não soubesse de nada sem dúvida tomaria o cão por uma cadela prestes a dar à luz uma porção de filhotes.

Havia talvez duas dúzias de carros e caminhonetes estacionados no reservado para pequenos, os sepultados na neve pertencentes aos empregados — mecânicos (sempre um ou dois de plantão), garçonetes, cozinheiros de pratos rápidos. O veículo mais limpo no local, Jonesy viu com um grande interesse, era uma viatura de um azul pálido da patrulha estadual com neve acumulada nas luzes do teto. Ser preso decerto frustraria os planos do Sr. Cinza; por outro lado, Jonesy já estivera presente em três locais de assassinato, contando a cabina da caminhonete. Nenhuma testemunha nos dois primeiros locais de crime, e provavelmente também nenhuma impressão digital de Gary Jones, mas e ali? Sem dúvida. Inúmeras delas. Ele se viu num tribunal qualquer, dizendo: Mas, Sr. juiz, foi o alienígena dentro de mim que cometeu esses crimes. Foi o Sr. Cinza. Outra piada que o Sr. Cinza não entendeu.

Aquele ilustre, enquanto isso, havia sondado de novo. Dai Traques, disse. Por que chama este lugar de Dai Traques, quando na placa está escrito Dysart's?

É como Lamar costumava chamá-lo, Jonesy explicou, lembrando-se dos demorados e divertidos cafés da manhã tomados ali, em geral quando estavam a caminho da Hole in the Wall ou quando de lá voltavam. E isso se encaixava bem na tradição, não é mesmo? O meu pai também o chamava assim.

É engraçado?

Mais ou menos, acho. É um trocadilho com sons parecidos. Trocadilhos são o que consideramos a forma mais inferior de humor.

O Sr. Cinza estacionou na vaga mais próxima da ilha iluminada do restaurante, mas distante do carro da polícia. Jonesy não sabia se o Sr. Cinza entendia ou não o significado da barra de luzes na capota. Ele estendeu a mão para o botão dos faróis dianteiros da Ram e o pressionou.

Estendeu a mão para a ignição, deteve-se e emitiu vários latidos forçados de riso:

— Ah! Ah! Ah! Ah!

Que tal?, Jonesy perguntou, mais do que com curiosidade. Um tanto apreensivo também.

— Nada — respondeu o Sr. Cinza, com a voz inexpressiva, e desligou a chave da ignição. Mas depois, sentado ali no escuro, o vento uivando em redor da cabina da caminhonete, tornou a fazê-lo, e com um pouco mais de convicção: "Ah! Ah, ah, ah!" No escritório-refúgio, Jonesy estremeceu. Era um som arrepiante, como o de um fantasma que tenta se lembrar de como ser humano.

O Lad também não gostou. Tornou a ganir, olhando com inquietação para o homem atrás do volante da caminhonete de seu dono.

3

Owen sacudia Henry para acordá-lo, e Henry reagiu com relutância. Era como se tivesse pegado no sono havia poucos segundos. Os membros do corpo pareciam submersos em cimento.

— Henry.

— Estou aqui. — A perna esquerda fervilhando. A boca fervilhando ainda mais; a porcaria do byrus agora germinava também nos lábios. Removeu-o com o dedo indicador, surpreso com a facilidade com que se desprendia. Como crosta.

— Escute. E veja. Consegue ver?

Henry olhou para a estrada, agora escura e espectral com a neve — Owen estacionara a Sno-Cat e desligara as luzes. Mais adiante, na escuridão, havia vozes mentais, o equivalente auditivo de uma reunião de soldados em volta de uma fogueira. Henry foi até eles. Havia quatro deles, jovens sem qualquer posto superior no... no...

Grupo Azul, Owen murmurou. Dessa vez somos Grupo Azul.

Quatro jovens sem posto superior no Grupo Azul, tentando não sentir medo... tentando ser valentes... vozes na escuridão... uma pequena reunião de vozes na escuridão...

Pela claridade, Henry descobriu que conseguia ver indistintamente: neve, decerto, e umas poucas luzes amarelas que piscavam, iluminando uma rampa de entrada na autoestrada. Havia também uma tampa de caixa de pizza, vista à luz de um painel de instrumentos. Fora transformada em bandeja. Nela havia biscoitos Saltines, vários blocos de queijo e uma faca do Exército suíço. A faca pertencia a um sujeito chamado Smitty, e eles a usavam para cortar o queijo. Quanto mais olhava, mais Henry enxergava. Era como quando os olhos se adaptam ao escuro, mas também era mais do

que isso: o que viu tinha uma profundidade assustadora, como se, de repente, o mundo físico consistisse não em três dimensões, mas em quatro ou cinco. Era fácil entender por quê: estava enxergando através de quatro pares de olhos, simultaneamente. Estavam reunidos no...

Humvee, disse Owen, satisfeito. É um porra de um Humvee, Henry! Especialmente equipado para neve, também! Aposto com você que sim!

Os jovens estavam espremidos um contra o outro, sim, mas apesar disso em lugares diferentes, olhando o mundo com quatro pontos de vista diferentes, e com quatro qualidades diferentes de visão, que iam da nitidez dos olhos da águia (Dana, de Maybrook, Nova York) ao meramente adequado. No entanto, de algum modo o cérebro de Henry as processava, como se rodasse uma sequência de imagens estáticas num carretel e as transformasse em filme. Não era como um filme, porém, não era como uma imagem em 3-D. Era uma forma de ver inteiramente nova, capaz de produzir uma forma totalmente nova de pensar.

Se essa merda se espalhar, Henry pensou, ao mesmo tempo aterrorizado e freneticamente excitado, se isso se espalhar...

Owen lhe cutucou o flanco com o cotovelo.

— Talvez fosse melhor adiar o seminário para um outro dia — disse. — Olhe para o outro lado da estrada.

Henry acatou, empregando a exclusiva técnica da visão quádrupla e dando-se conta, um pouco tarde, de que fizera mais do que olhar; movera os globos oculares deles, de modo que pudesse enxergar a outra extremidade da autoestrada. Onde avistou mais luzes que piscavam em meio à nevasca.

— É um ponto de estrangulamento — Owen murmurou. — Uma das apólices de seguro de Kurtz. As duas saídas bloqueadas, nenhum movimento para dentro da autoestrada sem autorização. Eu quero o Humvee, é a melhor coisa que a gente pode ter nesta porra de tempestade, mas não quero chamar a atenção dos sujeitos do outro lado. Acha que isso é possível?

Henry experimentou de novo com os olhos deles, movendo-os. Descobriu que, assim que os quatro olharam para a mesma coisa, seu sentido divino de visão de quatro ou cinco dimensões se evaporou, deixando-o com uma nauseante perspectiva fragmentada que seu equipamento processador não comportava. Mas conseguia movê-los. Não muito, apenas os globos oculares, mas...

Acho que sim, se agirmos juntos, disse Henry. Chegue mais perto. E pare de falar alto. Entre na minha cabeça. Conecte-se.

De súbito a cabeça de Henry se tornou mais plena. A visão se clareou novamente, mas dessa vez a perspectiva não era exatamente tão profunda. Apenas dois pares de olhos, em lugar de quatro: o dele e o de Owen.

Owen engatou a primeira marcha da Sno-Cat e avançou devagar, com as luzes apagadas. O rugido baixo do motor se diluía no constante guincho do vento e, à medida que foram chegando mais perto, Henry sentiu

que se apoderava com mais força da mente dos sujeitos à frente.

Santa merda, exclamou Owen, meio rindo, meio ofegando.

O quê? O que é?

Você, cara — é como estar num tapete mágico. Deus do céu, como você é forte!

Se pensa que eu sou forte, espere até conhecer Jonesy.

Owen parou a Sno-Cat ao pé de uma pequena colina. Adiante dela estava a autoestrada. Para não falar de Bernie, Dana, Tommy e Smitty, sentados no Humvee no cume da rampa que levava para o sul, comendo queijo e biscoitos na bandeja improvisada. Ele e Owen se achavam distantes o bastante para não serem descobertos. Os quatro jovens no Humvee não estavam infectados pelo byrus e não faziam ideia de que estavam sendo visados.

Preparado?, Henry perguntou.

Acho que sim. A outra pessoa na cabeça de Henry, fria como gelo quando Kurtz e os outros atiraram neles, agora estava nervosa. Você comanda, Henry. Só vou dar cobertura nesta missão.

Vamos lá.

O que Henry fez em seguida foi puro instinto, unindo os quatro sujeitos no Humvee não com imagens de morte e destruição, mas encarnando Kurtz. Para isso, serviu-se tanto da energia de Owen Underhill — maior do que a sua mesma, àquela altura — e do vívido conhecimento que Owen Underhill tinha de seu comandante. O ato de uni-los lhe deu uma extraordinária satisfação. Um alívio também. Mover os olhos deles era uma coisa; persuadi-los era outra, completamente diferente. E estavam sem o byrus. O que poderia torná-los imunes. Graças a Deus que não.

Há uma Sno-Cat no lado leste desta colina, recrutas, disse Kurtz. Quero que a levem de volta para a base. Já, se me fizerem o favor — nada de perguntas, nada de comentários, simplesmente se mexam. Vão achar os assentos um bocado mais apertados do que esta acomodação aqui, mas acho que os quatro vão caber, louvado seja Deus. Agora mexam esses rabos, Deus os abençoe.

Henry os viu saindo, suas faces calmas e seus olhos inexpressivos. Ele próprio começou a sair, e então viu que Owen ainda estava sentado no banco da Sno-Cat, com os olhos arregalados. Os lábios dele se moveram, formando as palavras na sua cabeça: Agora mexam esses rabos. Deus os abençoe.

Owen! Vamos!

Owen olhou em volta, sobressaltado, depois concordou com a cabeça e saiu, afastando a lona suspensa em seu lado da Sno-Cat.

Henry caiu de joelhos, levantou-se e olhou extenuado dentro da torrente de escuridão. Não faltava muito, Deus sabia que não, mas achava que não conseguiria se arrastar por outros 20 metros de montes de neve, quanto mais 150 metros. E adiante seguiu o homem-ovo, pensou, e depois: Eu o fiz. Esta é a resposta, claro. Parti de mim mesmo e agora estou no inferno. Este é o homem-ovo no inf...

O braço de Owen o segurou... mas era mais do que seu braço. Nutria Henry com sua energia.

Obrigado...

Agradeça mais tarde. Durma mais tarde, também. Por enquanto, fique de olho no globo ocular.

Não havia globo ocular. Havia apenas Bernie, Dana, Tommy e Smitty marchando na neve, uma fileira de sonâmbulos calados de macacão e parca, encapuzados. Caminhavam juntos na Swanny Pond Road, para leste, rumo à Sno-Cat, enquanto Owen e Henry andavam com dificuldade para oeste, rumo ao Humvee abandonado. O queijo e os biscoitos também haviam sido abandonados, Henry percebeu, e seu estômago roncou.

Depois, à frente, o Humvee parado. Eles o conduziriam, primeiro com os faróis desligados, devagar e em silêncio, contornando as balizas com pisca-pisca amarelo no pé da rampa, e, com sorte, os sujeitos que guardavam a rampa para o norte jamais notariam que se foram.

Se virem a gente, seríamos capazes de fazê-los esquecer?, Owen perguntou. Deixá-los... ah, sei lá eu, com amnésia?

Henry achava que, provavelmente, sim.

Owen?

O quê?

Se isso escapasse daqui, mudaria tudo. Tudo.

Um silêncio, enquanto Owen refletia. Henry não se referia a conhecimento, a moeda corrente dos chefões de Kurtz na cadeia alimentar; referia-se às habilidades que, aparentemente, ultrapassavam a mera capacidade de ler a mente.

Eu sei, ele retrucou enfim.

5

Com o Humvee, rumaram para o sul, para o sul em meio à tempestade. Henry Devlin ainda devorava os biscoitos e o queijo quando a exaustão apagou as luzes de sua cabeça estimulada em demasia.

Adormeceu com farelos nos lábios.

E sonhou com Josie Rinkenhauer.

6

Meia hora depois de incendiado, o celeiro do velho Reggie Gosselin não passava de um agonizante olho de dragão na noite estrondosa, tornando-se ceroso e empalidecido num bocal negro de neve derretida. Da floresta, a leste da Swanny Pond Road, soou o espoucar repetido de disparos de rifle, primeiro fortes, depois diminuindo, tanto em frequência como em volume, enquanto os Vales Imperiais (agora os Vales Imperiais de Kate Gallagher) perseguiam os presos fugidos. Era uma competição de perícia em tiro, e o alvo eram perus, e pouquíssimos perus escapariam. Um número suficiente para contar suas histórias, talvez, suficiente para denunciá-los, mas essa preocupação ficaria para o dia seguinte.

Enquanto isso acontecia — também enquanto o pérfido Owen Underhill ganhava a dianteira —, Kurtz e Freddy Johnson estavam no posto de comando (sendo que, Freddy supunha, agora já não era um Winnebago; aquela sensação de poder e importância desaparecera), lançando com piparotes cartas de baralho dentro de um boné.

Não mais telepático, nem um pouco mais, mas sensível como sempre aos homens sob suas ordens — não fazia diferença o fato de que seu comando na verdade se reduzira a um único soldado —, Kurtz olhou para Freddy e disse:

— A pressa é a inimiga da perfeição, recruta... este ditado ainda é válido.

— Sim, chefão — disse Freddy, sem muito entusiasmo.

Kurtz lançou o dois de espadas. Subiu rodopiando no ar e pousou dentro do boné. Kurtz exultou feito criança e preparou um outro lance. Soou uma batida à porta do Winnebago. Freddy se voltou para aquela direção e Kurtz o fitou com um olhar de proibição. Freddy tornou a se virar e observou Kurtz lançar outra carta. Essa começou bem, depois se desviou e pousou na pala. Kurtz resmungou alguma coisa, depois indicou a porta com a cabeça. Freddy, com uma prece mental de agradecimento, foi abri-la.

Parada no degrau superior da escada estava Jocelyn McAvoy, uma dos Vales Imperiais. Tinha o sotaque suave do interior do Tennessee; o rosto abaixo do cabelo loiro à escovinha era duro feito pedra. Ela segurava pela correia uma espetacular pistola automática israelense sem registro. Freddy perguntou a si mesmo onde ela a obtivera, depois concluiu que isso não importava. Uma porção de coisas deixara de importar, a maioria delas mais ou menos na hora que se passara.

— Joss — disse Freddy. — O que é que há com o seu peru?

— Estou entregando dois Ripley-positivos, conforme as ordens. — Outros disparos na floresta, e Freddy viu os olhos da mulher se deslocarem um milímetro naquela direção. Ela desejava voltar para o outro lado da estrada, desejava se colocar à prova antes que o jogo terminasse. Freddy entendia o sentimento dela.

— Mande-os, mocinha — disse Kurtz. Ele ainda estava parado junto

do boné no chão (o chão levemente manchado com o sangue do terceiro ajudante de cozinha, Melrose), ainda com o maço de cartas na mão, mas com os olhos iluminados e interessados. — Vamos ver quem você descobriu.

Jocelyn fez um aceno com a pistola. Uma voz masculina ao pé da escada rosnou.

— Suba aqui, porra. Não me faça chamar duas vezes.

O primeiro homem a subir e passar por Jocelyn era alto e bastante negro. Tinha um corte na face e um outro no pescoço. Ambos tomados de Ripley. Mais da substância germinava nas rugas da testa. Freddy reconheceu o rosto, mas não sabia o nome. O velho, claro, o conhecia e sabia o nome dele. Freddy imaginou que ele se lembrava dos nomes de todos os homens que comandara, os vivos e os mortos.

— Cambry! — disse Kurtz, os olhos se iluminando ainda mais. Soltou o maço de cartas dentro do boné, aproximou-se de Cambry, deu a impressão de que o cumprimentaria, refletiu e, em vez disso, fez continência. Gene Cambry não retribuiu. Parecia taciturno e desorientado. — Bem-vindo à Liga da Justiça dos Estados Unidos.

— Eu o vi fugindo na floresta, junto com os prisioneiros que ele deveria estar vigiando — explicou Jocelyn McAvoy. A fisionomia inexpressiva; todo o desprezo concentrado na voz.

— Por que não? — retrucou Cambry. Olhou para Kurtz. — Você ia me matar, de qualquer maneira. Matar a nós todos. Nem precisa se preocupar em mentir a respeito. Vejo em sua mente.

Isso não desconcertou Kurtz, nem um pouco. Ele esfregou as mãos e sorriu afavelmente para Cambry.

— Faça um esforço e talvez consiga mudar a minha mente, recruta. Corações foram feitos para serem partidos, e as mentes, mudadas, graças a Deus. Quem mais você trouxe para mim, Joss?

Freddy olhou para o segundo homem com espanto. Com prazer, também. O Ripley não poderia ter encontrado melhor hospedeiro, em sua modesta opinião. Para começar, ninguém gostava muito do filho da puta.

— Senhor... chefão... não sei por que estou aqui... eu estava fazendo o meu trabalho, caçando os prisioneiros, quando esta... esta... desculpe, mas tenho que dizer, quando esta puta oficiosa me arrancou da área de limpeza e...

— Estava fugindo com eles — McAvoy disse, com uma voz entediada. — Fugindo com eles e infectado até o cu.

— Mentira! — protestou o homem parado no limiar da porta. — Mentira deslavada! Estou perfeitamente limpo! Cem por cento...

McAvoy arrancou o gorro da cabeça do segundo prisioneiro. O ralo cabelo loiro do homem estava mais denso agora, e, ao que parecia, fora tingido de vermelho.

— Posso explicar, senhor — disse Archie Perlmutter, a voz sumindo ao falar. — Há... entenda... — E então a voz sumiu de vez.

Kurtz sorria exultantemente para ele, mas tinha colocado a máscara-

filtro — todos tinham —, o que dava a seu sorriso tranquilizador um aspecto estranhamente sinistro, a expressão de um molestador de menores que convida um guri a entrar e comer um pedaço de torta.

— Pearly, tudo vai terminar bem — Kurtz disse. — Vamos dar um passeio, só isso. Há alguém que temos de encontrar, alguém que você conhece...

— Owen Underhill — Perlmutter murmurou.

— Ele mesmo, recruta — Kurtz disse. Voltou-se para McAvoy. — McAvoy, traga a prancheta deste soldado. Tenho certeza de que vai se sentir mais à vontade com a prancheta dele. Depois você pode continuar com a caça, que, não tenho dúvida, é o que deseja.

— Sim, chefão.

— Mas primeiro veja isso... um truquezinho que aprendi no Kansas.

Kurtz lançou todas as cartas. No alucinado vento da nevasca que entrava pela porta, voaram para todos os lados. Apenas uma caiu com o naipe para cima no boné, mas era o ás de espadas.

7

O Sr. Cinza segurava o menu, examinando a relação de comida — bolo de carne, beterraba em fatias, frango assado, torta de chocolate — com interesse e uma falta de entendimento quase absoluta. Jonesy percebeu que não se tratava apenas de não conhecer o sabor de uma comida; o Sr. Cinza não sabia o que era sabor. Como poderia? Em última análise, não passava de um cogumelo com um QI alto.

A garçonete se aproximou, andando sob um vasto planalto de cabelo muito loiro e cheio de laquê. O crachá no seio nada insignificante dizia: BEM-VINDO AO DYSART'S, SOU DARLENE, SUA GARÇONETE.

— Oi, coração, o que deseja?

— Ovos mexidos com bacon. Tostado, não molenga.

— Torrada pra acompanhar?

— Que tal canpecas?

Ela arqueou as sobrancelhas e olhou para ele por cima do bloco de pedidos. Atrás dela, ao balcão, o soldado da força pública estadual comia um sanduíche de algo que escorria, e conversava com o cozinheiro de plantão.

— Desculpe... eu quis dizer capanques.

As sobrancelhas se arquearam ainda mais. A pergunta dela era simples, piscando na frente da cabeça como um letreiro de néon numa vitrina de cabeleireiro: o sujeito tinha algum tipo de problema ou estava tirando sarro dela?

De pé diante da janela do escritório, a sorrir, Jonesy se compadeceu.

— Panquecas — disse o Sr. Cinza.

— Ah, tá. Meio que adivinhei. Café também?

— Faz favor.

Ela fechou o bloco num zás e começou a se afastar. O Sr. Cinza retornou imediatamente à porta trancada do escritório de Jonesy, de novo tomado de fúria.

Como pôde fazer isso?, perguntou. Como pôde fazer isso daí de dentro? Um baque mal-humorado, quando o Sr. Cinza esmurrou a porta. E sentia mais do que raiva, Jonesy percebeu. Sentia medo também. Porque, se Jonesy conseguisse interferir, tudo seria comprometido.

Não sei, Jonesy respondeu, com bastante sinceridade. Mas não leve tão a mal. Aproveite o seu café da manhã. Eu só estava brincando um pouquinho com você.

Por quê? Ainda furioso. Ainda tomando do poço de emoções de Jonesy e gostando, apesar de tudo. Por que fez isso?

Digamos que estou dando o troco, por ter tentado tostar o meu escritório enquanto eu estava dormindo, Jonesy retrucou.

Com a seção do restaurante do posto de caminhoneiro praticamente vazia, Darlene logo voltou com a comida. Jonesy pensou em tentar ganhar controle da boca o tempo suficiente para dizer algo ultrajante (Darlene, posso dar uma mordida no seu cabelo?, foi o que lhe ocorreu), mas reconsiderou.

Ela depositou o prato na mesa, lançou-lhe um olhar dúbio e depois se afastou. O Sr. Cinza, olhando para o reluzente monte amarelado de ovos e as fatias escuras de bacon (não só tostadas, mas quase incineradas, no grande estilo do Dysart's) através dos olhos de Jonesy, sentiu a mesma dubiedade.

Mande ver, disse Jonesy. Estava parado diante da janela do escritório, observando e aguardando, divertido e curioso. Seria possível que o bacon e os ovos matassem o Sr. Cinza? Provavelmente não, mas pelo menos poderiam dar um mal-estar no puto do sequestrador. Mande ver, Sr. Cinza, coma. Um bom-porra-de-apetite.

O Sr. Cinza consultou os arquivos de Jonesy acerca do uso apropriado de talheres, depois pegou uma minúscula porção de ovo mexido com os dentes do garfo e a enfiou na boca de Jonesy.

O que se seguiu foi divertido e hilariante. O Sr. Cinza engoliu tudo em grandes porções, fazendo uma pausa apenas para afogar as panquecas com xarope de bordo falso. Adorou tudo, mas, principalmente, o bacon.

Carne!, Jonesy o ouviu exultar — era quase a voz da criatura num daqueles velhos filmes de monstros piegas da década de 1930. Carne! Carne! Este é o gosto da carne!

Engraçado... mas talvez não tão engraçado. Talvez um tanto horrível. O berro de um vampiro recém-fabricado.

O Sr. Cinza olhou em volta, certificou-se de que não estava sendo observado (o policial agora se entretinha com um enorme pedaço de torta de cerejas), então pegou o prato e lambeu a gordura com as grandes varreduras da língua de Jonesy. Terminou lambendo o xarope grudento das

pontas dos dedos.

Darlene voltou, serviu-lhe mais café, olhou para o prato vazio.

— Puxa, vai ganhar uma medalha — disse. — Mais alguma coisa?

— Mais bacon — respondeu o Sr. Cinza. Consultou os arquivos de Jonesy, à procura da terminologia correta, e acrescentou: — Pedido duplo.

E tomara que se engasgue com ele, pensou Jonesy, mas agora sem muita esperança.

— Vai se empanturrar — Darlene disse, um comentário que o Sr. Cinza não entendeu, mas não quis se dar ao trabalho de consultar os arquivos de Jonesy. Pôs dois saquinhos de açúcar no café, olhou em volta para se certificar de que ninguém o observava, depois entornou o conteúdo de um terceiro saquinho dentro da boca. Os olhos de Jonesy se fecharam por alguns segundos, enquanto o Sr. Cinza se afogava alegremente na doce ventura.

Pode engolir isso à vontade, Jonesy disse através da porta. Agora supunha saber o que Satã sentiu ao levar Jesus até o alto da montanha e tentá-lo com todas as cidades da Terra. Nada bom; nada mau de fato; só fazendo o trabalhinho, vendendo o produto.

Exceto que... veja só. Era bom, porque sabia que obtinha o que queria. Não estava abrindo feridas, exatamente, mas estava ao menos espetando o Sr. Cinza. Fazendo-o transpirar gotinhas de sangue de desejo.

Desista, insistiu Jonesy. Torne-se um nativo. Poderá passar anos explorando os meus sentidos. São bastante aguçados; ainda não cheguei aos 40.

Nenhuma resposta do Sr. Cinza. Olhou em volta, não viu ninguém olhando em sua direção, entornou xarope de bordo falso no café, engoliu-o ruidosamente e olhou em volta de novo, à espera do bacon complementar. Era como estar em companhia de um muçulmano ortodoxo que de algum modo se deixava levar durante umas férias em Las Vegas.

No outro extremo do restaurante, havia um arco e, acima dele, um letreiro que dizia: SALÃO DE CAMINHONEIROS E CHUVEIROS. No pequeno corredor atrás dele, havia uma fileira de telefones públicos. Vários choferes se achavam lá, sem dúvida explicando para as mulheres e os patrões que se atrasariam, que foram pegos de surpresa por uma nevasca no Maine, que estavam no posto de caminhoneiro Dysart's (conhecido pelos entendidos como Dai Traques, Jonesy pensou) no sul de Derry e ali gostariam de ficar até pelo menos o meio-dia do dia seguinte.

Jonesy desviou o olhar da janela do escritório com vista para o posto de caminhoneiro e olhou para a escrivaninha, agora atravancada com todas as suas coisas velhas e consoladoras. Lá estava seu telefone, o Trimline azul. Seria possível ligar para Henry através dele? Estaria Henry ainda vivo? Jonesy achava que sim. Pensou que, se Henry estivesse morto, teria sentido o momento de sua partida — mais sombras na sala, talvez. Elvis saiu do prédio, Beaver costumava dizer quando lia nos necrológios o nome de alguém que ele conhecia. Que pipi-papão. Jonesy achava que Henry ainda não tinha saído do prédio. Era até mesmo possível que Henry tivesse um

bis em mente.

8

O Sr. Cinza não engasgou com o bacon do segundo pedido, mas, quando começaram as cólicas no abdome, ele emitiu um urro de aflição. Você me envenenou!

Relaxe, disse Jonesy. Você precisa só abrir um pouquinho mais de espaço, meu amigo.

Espaço? O que você quer...

Interrompeu-se ao sentir outra cólica no abdome.

Quero dizer que é melhor a gente ir correndo para o banheiro dos homens, disse Jonesy. Deus do céu, mas então vocês não aprenderam nada sobre a anatomia humana com todos aqueles sequestros da década de 1960?

Darlene deixara a conta, e o Sr. Cinza a pegou.

Deixe 15% na mesa, disse Jonesy. É a gorjeta.

Quanto é 15%?

Jonesy suspirou. Eram aqueles os mestres do universo que os filmes nos ensinaram a temer? Implacáveis, conquistadores das estrelas que não sabiam defecar ou calcular uma gorjeta?

Outra cólica, além de um pum relativamente silencioso. Cheirava, mas não a éter. Obrigado pela fineza, Jonesy pensou. Depois, para o Sr. Cinza: Me mostre a conta.

Jonesy examinou a folha de papel verde através da janela do escritório.

Deixe um dólar e meio. E, quando o Sr. Cinza pareceu em dúvida: Meu amigo, eu estou lhe dando um bom conselho. Gorjeta alta e ela irá se lembrar de você como o sujeito mais legal da noite. Baixa, e irá se lembrar de você como um unha de fome.

Sentiu o Sr. Cinza buscar o significado de unha de fome nos arquivos de Jonesy. Depois, sem qualquer argumentação, deixou na mesa um dólar e duas moedas de 25 centavos. Isso feito, caminhou para a caixa, que ficava a caminho do banheiro dos homens.

O policial comia a torta — com uma lentidão um tanto suspeita, Jonesy refletiu — e, ao passarem por ele, Jonesy sentiu o Sr. Cinza se dissolver como entidade humana (cada vez mais uma entidade humana), saindo para espiar dentro da cabeça do homem. Nada havia lá agora, a não ser a nuvem negro-avermelhada, executando os sistemas de manutenção de Jonesy.

Rápido feito um relâmpago, Jonesy pegou o telefone na escrivaninha. Por um momento, hesitou, na dúvida.

Basta discar 1-800-HENRY, Jonesy pensou.

Por um momento nada havia... e depois, em algum outro lugar qualquer, um telefone começou a tocar.

9

– Ideia do Pete — Henry murmurou.

Owen, na direção do Humvee (era enorme e barulhento, mas equipado com pneus especiais para neve extragrandes, e rodava na tempestade como o QE2), olhou para trás. Henry estava dormindo. Os óculos haviam escorregado para a ponta do nariz. As pálpebras, agora ligeiramente cobertas com felpas de byrus, tremulavam quando os globos debaixo delas se movimentavam. Henry estava sonhando. Com o quê?, Owen perguntou a si mesmo. Bem que poderia mergulhar na cabeça do novo companheiro e fazer uma vistoria, mas isso lhe pareceu demasiado perverso.

— Ideia do Pete — Henry repetiu. — Pete a viu primeiro. — E suspirou, um som tão exausto que Owen sentiu pena dele. Não, decidiu, não queria ter qualquer participação no que acontecia na cabeça de Henry. Falta mais uma hora até Derry, mais, se o vento continuasse forte. Melhor apenas deixá-lo dormir.

10

Atrás da Derry High School fica o campo de futebol, onde Richie Grenadeau uma vez se exibira, mas Richie está há cinco anos em sua sepultura de herói adolescente, apenas mais um desastre de carro numa cidade pequena, no estilo James Dean. Outros heróis surgiram, fizeram os seus passes e tomaram seu rumo. Não é temporada de futebol agora, de qualquer forma. É primavera e, no campo, há um agrupamento do que parecem ser aves — enormes aves vermelhas de cabeça preta. Essas gralhas mutantes riem e conversam, sentadas em cadeiras dobráveis, mas o Sr. Trask, o diretor, não encontra problema para se fazer ouvir; está no estrado do palco improvisado, com um microfone.

— Só mais uma coisa antes de dispensá-los! — ele ressoa. — Não vou lhes pedir para não lançar os barretes ao cabo da cerimônia, pois sei, por anos de experiência, que, quanto a isso, estaria falando sozinho...

Risos, vivas, aplausos.

— ... mas vou lhes pedir para RECOLHÊ-LOS E DEVOLVÊ-LOS, SENÃO VÃO TER DE PAGAR POR ELES.

Há algumas vaias e xôs, os de Beaver Clarendon os mais audíveis. O

Sr. Trask lhes lança um último olhar perscrutador.

— Jovens, moços e moças, membros da turma de 1982, acredito falar por toda a faculdade ao dizer que me orgulho de vocês. Isso põe fim ao discurso, portanto...

O restante se perde, com ou sem amplificadores; as gralhas vermelhas se alçam num ventoso adejar de náilon e voam. Amanhã ao meio-dia voarão para sempre; embora as três gralhas ridentes e abraçadas que correm na direção do estacionamento onde o carro de Henry está estacionado não o percebam, a fase adolescente de sua amizade está para terminar dentro de poucas horas. Não o percebem, e isso, provavelmente, não é problema.

Jonesy arrebata o barrete de Henry, atira-o às pressas sobre o seu e foge para o estacionamento.

— Ei, seu bundão, me dá ele de volta! — grita Henry, e apanha o de Beaver. O Beav guincha feito galinha e corre atrás de Henry, rindo. Então os três atravessam o gramado e correm atrás da arquibancada, as capas da cerimônia de graduação se encapelando em redor das calças de brim. Jonesy tem dois barretes na cabeça, as borlas oscilando em direções opostas, Henry tem um (muito grande; afundado sobre as orelhas), e Beaver corre de cabeça exposta, o cabelo preto comprido flutuando atrás dele e um palito projetando-se da boca.

Jonesy olha para trás enquanto corre, provocando Henry ("Anda, Sr. Basquete, corre como menina"), e quase tromba com Pete, que está olhando para DERRY DOIN'S, o quadro de avisos protegido com vidro na entrada norte do estacionamento. Pete, que não está se formando em nada, mas cursando o penúltimo ano, agarra Jonesy, inclina-o para trás, como quem dança o tango com uma bela garota, e o beija bem na boca. Os dois barretes caem da cabeça de Jonesy e ele grita de surpresa.

— Veadinho! — grita Jonesy, esfregando a boca freneticamente... mas está começando a rir também. Pete é um cara esquisito, às vezes fica todo quieto durante semanas, o Sr. Normal, e então irrompe e faz alguma maluquice. Em geral o lado maluco dele escapa depois de duas cervejas, mas não nessa tarde.

— Sempre quis fazer isso, Gariella — diz Pete, sentimentalmente. — Agora você sabe o que eu sinto de fato.

— Seu veadinho de merda, se me passar sífilis eu te mato!

Henry chega, recolhe seu barrete caído no gramado e com ele dá uma pancada em Jonesy.

— Está sujo de grama — diz Henry. — Se eu tiver que pagar por ele, vou fazer muito mais do que te beijar, Gariella.

— Não prometa o que não pode cumprir, seu bundão — diz Jonesy.

— Gariella, minha bela — diz Henry solenemente.

O Beav chega esbaforido, bufando em torno do palito. Pega o barrete de Jonesy, olha bem para ele e diz:

— Este está sujo de porra. E eu não vi mancha à beça no meu lençol pra saber disso? — Respira fundo e diz aos berros para os formados de

capas vermelhas de Derry que vão indo embora: — Gary Jones gozou no barrete de formatura! Ei, todo mundo aí, escutem, Gary Jones gozou...

Jonesy o agarra, derruba-o no chão e os dois vão rolando em vagalhões de náilon vermelho. Os dois barretes estão jogados de um lado e Henry os recolhe, para que não sejam esmagados.

— Me largue! — grita Beaver. — Está me amassando! Bananas-por-deus! Pelo amor de Deus...

— Duddits a conheceu — Pete diz. Perdeu o interesse na loucura deles, não sente muito da alegria deles, de qualquer modo (Pete talvez seja o único entre eles que pressente as grandes mudanças iminentes). Está olhando de novo para o quadro de avisos. — Nós também a conhecemos. Era a que sempre ficava em frente à Academia dos Retardados. "Oi, Duddie", ela falava. — Quando ele diz Oi, Duddie, a voz de Pete se torna aguda, momentaneamente feminina de uma maneira doce, não zombeteira. E, embora Pete não seja um bom mímico, Henry reconhece a voz de imediato. Lembra-se da garota, que tinha cabelo loiro liso, olhos castanhos grandes, cascas nos joelhos e uma bolsa branca de plástico onde carregava o lanche e as bonecas BarbieKen. Era assim que sempre as chamava, BarbieKen, como se fossem uma única entidade.

Jonesy e Beav também sabem quem Pete está imitando, Henry também. Há este laço entre eles; faz anos que este laço os une. Eles e Duddits. Jonesy e Beav não conseguem se lembrar do nome da menininha, assim como Henry também não se lembra — apenas que o sobrenome é inacreditavelmente comprido e complicado. E estava apaixonada pelo Dudster, motivo pelo qual sempre o esperava do lado de fora da Academia dos Retardados.

Os três de roupa de formatura se reúnem em volta de Pete e olham para o quadro de avisos DERRY DOIN'S.

Como sempre, o quadro está atravancado de avisos — feiras de comida e lavadoras de carro, testes para a versão do Teatro Comunitário de The Fantastiks, cursos de férias na Fenster, a universidade local, mais um monte de anúncios de estudantes escritos à mão — compro isso, vendo aquilo, preciso de uma carona para Boston depois da formatura, procuro um companheiro de quarto em Providence.

E, num canto no alto, uma fotografia de uma menina sorridente com quilômetros de cabelo loiro (crespo agora, em lugar de liso) e olhos grandes ligeiramente perplexos. Já não é uma menininha — Henry estava sempre se surpreendendo com o modo como as crianças com quem ele cresceu (inclusive ele mesmo) desapareceram —, mas ele reconheceria em qualquer lugar esses olhos escuros e perplexos.

DESAPARECIDA, diz a palavra em letra de fôrma embaixo da fotografia. E abaixo da palavra, numa letra um pouco menor: JOSETTE RINKENHAUER, VISTA PELA ÚLTIMA VEZ NO CAMPO DE SOFTBALL NO PARQUE DE STRAWFORD, NO DIA 7 DE JUNHO DE 1982. Abaixo disso há mais texto, mas Henry não se dá ao trabalho de lê-lo. Em vez disso, reflete sobre como é estranho crianças desaparecerem em Derry — muito

diferente das outras cidades. É dia 8 de junho, o que significa que a menina Rinkenhauer está desaparecida há um dia, e no entanto o aviso já está pregado ali no canto do quadro de avisos (ou transferido para ali), como se fosse uma reflexão posterior. Não é só isso. Não havia qualquer referência a isso no jornal aquela manhã — Henry sabe, porque o leu. Passou os olhos, de qualquer modo, enquanto comia o cereal. Talvez a notícia estivesse enterrada na seção de locais, pensa, e logo conclui que é isso. A palavra-chave é enterrada. Muitas coisas estão enterradas em Derry. Falar de crianças desaparecidas, por exemplo. Houve uma grande quantidade de desaparecimentos de crianças ali ao longo dos anos — estes rapazes sabem disso, decerto isso lhes passou pela cabeça no dia em que conheceram Duddits Cavell, mas ninguém fala muito a respeito. É como se o desaparecimento ocasional de uma criança fosse o preço de se viver num lugar assim tão bom e tranquilo. Ao pensar nisso, Henry sente um furtivo sentimento de indignação que primeiro se mistura com sua alegria e depois a substitui de vez. Era meiga também, com sua BarbieKen. Meiga como Duddits. Ele se lembra de que os quatro levavam Duddits para a escola — todas aquelas caminhadas — e de que, em geral, ela estava do lado de fora, Josie Rinkenhauer, de joelhos cascudos e a enorme bolsa de plástico: "Oi, Duddie." Era meiga.

E ainda é, Henry pensa. Ela está...

— Ela está viva — Beaver diz, com desânimo na voz. Tira da boca o palito mastigado, olha pra ele e o joga na grama. — Viva e por aqui. Não está?

— Sim — diz Pete. Ainda está olhando para a fotografia, fascinado, e Henry sabe o que Pete está pensando, quase a mesma coisa que ele: ela cresceu. Mesmo Josie, que, numa vida mais justa, poderia ter sido a namorada de Doug Cavell. — Mas acho que está... sabe...

— Está em apuros — diz Jonesy. Tirara a capa, agora dobrada sobre o braço.

— Está entalada — diz Pete, em devaneio, ainda olhando para a fotografia. Seu dedo começara a se movimentar de um lado para o outro, tique-taque, tique-taque, tique-taque.

— Onde? — Henry pergunta, mas Pete balança a cabeça negativamente. Jonesy também.

— Vamos perguntar para o Duddits — diz Beaver de súbito. E todos eles sabem por quê. Não há necessidade de argumentar. Porque Duddits vê a linha. Duddits

11

– ... vê a linha! — Henry gritou de súbito e se soergueu num salto no banco do carona do Humvee. Sobressaltou Owen, que se achava imerso no fundo

de algum espaço privado onde havia apenas ele, a tempestade e a interminável linha de refletores para informá-lo de que ainda seguia pela autoestrada. — Duddits vê a linha!

O Humvee guinou, derrapou, retornou, sob controle.

— Deus do céu, cara! — exclamou Owen. — Na próxima vez, me avise com um pouco de antecedência antes de ter um ataque, sim?

Henry correu a mão pelo rosto, respirou fundo e soltou o ar.

— Eu sei aonde estamos indo e o que temos que fazer...

— Ah, muito bom...

— ... mas preciso lhe contar uma história, para que entenda.

Owen o olhou de relance.

— E você entende?

— Tudo não, mas mais do que eu entendia.

— Então conte. Ainda falta uma hora até Derry. É tempo suficiente?

Henry achou que havia tempo de sobra, principalmente falando de mente para mente. Começou do começo — o que agora percebia como começo. Não a chegada dos cinza, não o byrus ou as fuinhas, mas os quatro garotos ansiosos por ver uma fotografia da rainha da festa anual com a saia levantada, nada mais além disso. Enquanto Owen dirigia, sua mente se encheu de uma série de imagens conectadas, mais um sonho do que um filme. Henry lhe contou acerca de Duddits, acerca da primeira viagem à Hole in the Wall, de Beaver vomitando na neve. Contou-lhe acerca das caminhadas até a escola e acerca da versão Duddits do jogo: eles jogavam e Duddits marcava com os pinos. Acerca da época em que levaram Duddits para o Papai Noel — mas que pipi-papão foi aquilo. E acerca da fotografia de Josie Rinkenhauer que viram no quadro de avisos de DERRY DOIN'S um dia antes de os três mais velhos se formarem. Owen os viu indo para a casa dos pais de Duddits, na Maple Lane, no carro de Henry, as capas e os barretes jogados atrás; viu-os dizendo oi para o Sr. e a Sra. Cavell, que estavam na sala de visitas em companhia de um homem muito pálido de macacão da Derry Gas e de uma mulher que chorava — Roberta Cavell, o braço nos ombros de Ellen Rinkenhauer, está lhe dizendo que tudo acabará bem, sabe que Deus não permitiria que alguma coisa acontecesse à querida Josie.

É forte, Owen pensou, em devaneio. Cara, o que este sujeito tem é forte. Como pode ser?

Os Cavell mal olham para os rapazes, porque os rapazes fazem visitas bastante frequentes ao número 19 de Maple Lane, e os Rinkenhauer estão por demais envolvidos no terror para sequer notá-los. Não tocaram no café que Roberta lhes servira. Ele está no quarto, meninos, diz Alfie Cavell, dando-lhes um tênue sorriso. E Duddits, afastando os olhos das figurinhas do pracinha Joe — tem todas elas — e olhando para eles, levantando-se assim que os vê à porta. Quando está no quarto, Duddits nunca usa sapatos, sempre os chinelos de coelhinho que Henry lhe dera como presente no último aniversário — adora os chinelos, irá usá-los até se reduzirem a farrapos róseos mantidos inteiros com fita crepe —, mas agora está de

sapatos. Esperava-os, e, embora o sorriso esteja iluminado como sempre, os olhos estão sérios. Oni amos?, Duddits pergunta — Aonde vamos? E...

— Vocês todos eram assim? — Owen sussurrou. Achava que Henry tinha já lhe contado isso, mas, até aquele momento, não entendia o que Henry quisera dizer. — Mesmo antes disso? — Tocou uma face do rosto, onde uma fina camada felpuda de byrus germinava.

— Sim. Não. Não sei. Owen, fique calado. Escute.

E a cabeça de Owen se encheu mais uma vez das imagens de 1982.

12

Quando chegam ao Strawford Park, são 16h30 e no campo de softball há um bando de garotas de camisetas amarelas da DERRY HARDWARE, todas com rabos de cavalo quase idênticos enfiados pela parte de trás dos bonés. Muitas delas com aparelho de correção nos dentes.

— Caramba, mas como jogam mal — diz Pete, e talvez sim, mas parecem se divertir. Henry não está se divertindo nem um pouco, com um friozinho na barriga, mas contente de ver que Jonesy pelo menos parece o mesmo, solene e assustado. Pete e Beaver não têm muita imaginação; ele e a velha Gariella têm demais. Para Pete e Beav, isso é só coisa de Frank e Joe Hardy, Danny Dunn. Para Henry, porém, é diferente. Não encontrar Josie Rinkenhauer seria ruim (porque poderiam encontrar, ele sabe que sim), mas encontrá-la morta...

— Beav — ele diz.

Beaver estava observando as garotas. Agora se volta para Henry.

— O que é?

— Você ainda acha que ela está viva?

— Eu... — o sorriso de Beaver desaparece, e ele parece perturbado. — Não sei, cara. Pete?

Mas Pete balança a cabeça negativamente.

— Pensei que estava, nos fundos da escola... merda, aquela fotografia quase falou comigo... mas agora... — Encolhe os ombros.

Henry olha para Jonesy, que também encolhe os ombros, depois abre as mãos:

— Sei não. — Henry então se volta para Duddits.

Duddits está olhando tudo detrás do que ele chama de seus óuos uros, dudditsês para óculos escuros — desses que parecem uma faixa, com superfícies prateadas espelhadas. Henry acha que os óuos uros deixam Duddits parecido com Ray Walston em Meu marciano favorito, mas jamais diria uma coisa dessas para Duds, ou pensaria isso diante dele. Duds está também com o barrete de Beaver; gosta principalmente de soprar a borla.

Duddits não tem uma percepção seletiva; para ele, o bebum que procura nas latas de lixo garrafas com restos de bebida, as moças que

jogam softball e os esquilos que correm e saltam de galho em galho são igualmente fascinantes.

— Duddits — diz Henry. — Essa menina que estudou com você na Academia, ela se chama Josie? Josie Rinkenhauer?

Duddits parece educadamente interessado, porque o amigo Henry está falando com ele, mas não reconhece o nome, e por que o reconheceria? Duds não consegue se lembrar do que comeu no café da manhã, por que se lembraria de uma menininha com quem estudara três ou quatro anos atrás? Henry sente uma onda de desesperança, estranhamente mesclada com entretenimento. No que estariam eles pensando?

— Josie — diz Pete, mas também não parece muito esperançoso. — A gente costumava brincar com você, dizendo que ela era sua namorada, se lembra? Tinha olhos castanhos... o cabelo loiro espetado na cabeça... e... — Suspira, desgostoso. — Merda.

— Ea ea, ôo ia — diz Duddits, porque, em geral, isso os faz rir: a mesma merda, um outro dia. Não dá resultado, de modo que Duddits tenta outra: "Sem animação, sem diversão."

— É — diz Jonesy. — Sem animação, sem diversão, pois não. Seria melhor a gente levar ele para casa, companheiros, isso não vai...

— Não — diz Beaver, e todos olham para ele. Os olhos de Beaver brilham, perturbados. Ele mastiga o palito na boca com uma rapidez tal que o palito sobe e desce como um êmbolo. — O apanhador de sonhos — diz.

13

– O apanhador de sonhos? — Owen perguntou. Sua voz parecia vir de longe, mesmo para seus próprios ouvidos. Os faróis dianteiros do Humvee sondavam a interminável extensão de neve à frente, que se assemelhava a uma estrada apenas por causa dos refletores amarelos que passavam marchando. O apanhador de sonhos, pensou, e, uma vez mais, sua cabeça se encheu do passado de Henry, quase sufocando-o com as visões, os sons e os odores daquele dia no princípio do verão:

O apanhador de sonhos.

14

– O apanhador de sonhos — diz Beaver, e eles se entendem como às vezes o fazem, como acreditam (equivocadamente, Henry constatará mais tarde) que todos os amigos o fazem. Embora jamais tivessem conversado francamente a respeito do sonho que partilharam na primeira viagem de

caça à Hole in the Wall, sabem que Beaver está convencido de que fora de algum modo provocado pelo apanhador de sonhos de Lamar. Nenhum deles tentou apresentar outro motivo, em parte porque não desejam questionar a superstição de Beaver em relação àquela pequena teia de aranha de cordas inofensiva e, em grande parte, porque não desejam de modo algum falar daquele dia. Mas agora compreendem que Beaver estava de posse de pelo menos meia verdade. Um apanhador de sonhos de fato os unira, mas não o de Lamar.

Duddits é o apanhador de sonhos deles.

— Vamos — diz Beaver com serenidade. — Vamos, caras, não tenham medo. Toquem nele.

E tocam, embora sintam medo — um pouco, pelo menos; Beaver também.

Jonesy segura a mão direita de Duddits, que se tornara muitíssimo esperta com maquinaria na escola vocacional. Duddits parece surpreso, depois sorri e aperta a mão de Jonesy. Pete segura a mão esquerda de Duddits. Beaver e Henry se juntam e passam os braços em torno da cintura de Duddits.

E assim ficam os cinco, embaixo de um dos velhos e gigantescos carvalhos do Strawford Park, com uma renda de luz de junho e de sombras lhes salpicando o rosto. São como garotinhos num agrupamento de equipe antes de um jogo decisivo. As garotas do softball de camisa amarela os ignoram; os esquilos também; o atarefado bebum também, ao misturar restinhos de uma garrafa de vinho com restinhos de uma lata de soda vazia.

Henry sente a luz penetrar furtivamente nele e compreende que a luz são seus amigos e ele mesmo; juntos, eles a criam, a adorável renda de luz e sombra verde, e, deles todos, Duddits é o que mais brilha. Ele é a bola deles; sem ele, não há animação, não há diversão. Ele é o apanhador de sonhos deles, ele os transforma numa unidade. O coração de Henry se preenche completamente, como jamais irá de novo (e o vazio dessa ausência aumentará e escurecerá à medida que passarem os anos), e ele pensa: Será encontrar uma menina retardada perdida que provavelmente importa aos pais e a mais ninguém? Terá sido matar um valentão desmiolado, unindo-nos para, de algum modo, fazê-lo sair da estrada, e fazendo-o, ah, Deus, durante nosso sonho? Será que isso é tudo? Algo tão grandioso, algo tão assombroso, para coisas tão pequenas assim? Será que isso é tudo?

Porque, se for — reflete sobre isso mesmo no êxtase da união —, então, de que serve? Que significado poderão ter as coisas?

Em seguida, isso e todos os pensamentos são varridos pela força da experiência. O rosto de Josie Rinkenhauer surge diante deles, uma imagem evasiva composta primeiro de quatro percepções e recordações... depois de uma quinta, quando Duddits entende quem é que os fez ficar tão alvoroçados.

Quando Duddits contrabalança, a imagem se torna uma centena de

vezes mais luminosa, uma centena de vezes mais nítida. Henry ouve alguém — Jonesy — ofegar, e ele mesmo ofegaria se tivesse algum fôlego. Porque Duddits pode ser retardado de outras maneiras, mas não desta maneira; desta maneira, eles são pobres idiotas hesitantes e debilitados, e Duddits é o gênio.

— Ah, meu Deus — Henry ouve Beaver gritar, e, em sua voz, há partes iguais de êxtase e assombro.

Porque Josie está ali junto com eles. As diferentes percepções que têm dela a transformaram numa menina de cerca de 12 anos, mais velha do que era quando a viram pela primeira vez esperando em frente à Academia dos Retardados, decerto mais nova do que deve ser agora. Decidiram-se por uma roupinha de marinheiro com uma cor indefinida entre o azul e o rosa, do rosa ao vermelho e ao rosa, e de novo ao azul. Ela segura a enorme bolsa de plástico com BarbieKen projetando-se para fora da abertura no alto e a casca nos joelhos é esplêndida. Brincos de joaninhas aparecem e desaparecem abaixo dos lóbulos das orelhas e Henry pensa: ah, sim, me lembro deles, e depois os quatro estabilizam a mescla.

Ela abre a boca e diz: Oi, Duddie. Olha em volta e diz: Oi, pessoal.

E então, num zás, some. Num zás, são cinco, não seis, cinco garotos embaixo de um velho carvalho com a antiga luz de junho imprimindo os rostos e os gritos nervosos das garotas do softball entrando nos ouvidos. Pete está chorando. Jonesy também. O bebum se foi — aparentemente, juntara golinhos suficientes para a garrafa —, mas um outro homem chegara, um homem solene, vestido com parca de inverno, apesar do calor do dia. Sua face esquerda está coberta de uma substância vermelha que poderia ser marca de nascença, só que Henry sabe que não é. É byrus. Owen Underhill, que se reuniu com eles no Strawford Park, observa-os, mas não faz mal; ninguém vê o visitante do outro lado do apanhador de sonhos, a não ser o próprio Henry.

Duddits está sorrindo, mas olha intrigado para as lágrimas nas faces dos dois amigos.

— Ore á orano? — pergunta para Jonesy: Por que está chorando?

— Não tem importância — diz Jonesy. Ao separar sua mão da de Duddits, a última conexão é rompida. Jonesy enxuga o rosto, Pete também. Beav emite um risinho soluçante.

— Acho que engoli o palito — diz.

— Não, está ali, seu pateta — diz Henry, e aponta para a grama, onde jaz o palito mastigado.

— Ouar Osie? — pergunta Duddits.

— Você consegue, Duds? — Henry pergunta.

Duddits anda na direção do campo de softball e eles o seguem, formando um respeitoso grupo. Duds passa por Owen, mas, claro, não o vê; para Duds, Owen Underhill não existe, ao menos não por enquanto. Passa pela arquibancada, passa pela terceira base, passa pela pequena lanchonete. Depois se detém.

Ao lado dele, Pete ofega.

Duddits se volta e olha para ele, olhos iluminados e interessados, quase rindo. Pete está com um dedo esticado, tiquetaqueando de um lado para o outro, olhando para o chão, para além do dedo em movimento. Henry acompanha seu olhar e por um instante pensa ver alguma coisa — um claro luzir amarelo no gramado, algo como tinta — que depois some. Há apenas Pete, fazendo o que faz quando usa o dom especial de recordação.

— Oê a inha, Íer? — Duddits indaga de um jeito quase paternal que quase faz Henry rir. Você vê a linha, Pete?

— Vejo — responde Pete, os olhos esbugalhados. — Porra, se vejo. — Olha para os outros. — Ela esteve aqui, caras! Esteve bem aqui!

Atravessam o Strawford Park, seguindo uma linha que apenas Duddits e Pete veem, enquanto um homem que apenas Henry vê vai seguindo atrás deles. Na extremidade norte do parque, há uma cerca bamba com uma placa: PROPRIEDADE DE D.B&A. RR. ENTRADA PROIBIDA! As crianças vêm ignorando este aviso há anos, e, de qualquer modo, há anos que Derry, Bangor e Aroostook deixaram de transportar carga ao longo do ramal que atravessa The Barrens. Mas veem os trilhos de trem quando passam por uma abertura na cerca; estão na base do declive, reluzindo com um tom de ferrugem ao sol.

O declive é íngreme, invadido por sumagres e toxidendros, e, meio caminho abaixo, eles localizam a enorme bolsa de plástico de Josie Rinkenhauer. Está batida agora, tristemente destruída — remendada em vários lugares com fita isolante —, mas Henry reconheceria a bolsa em qualquer parte.

Duddits se precipita sobre ela cheio de felicidade, abre-a num puxão, espia dentro. "ArbiEN!", anuncia e retira os bonecos. Pete, nesse ínterim, pusera-se a vasculhar a área, abaixado, persistente como Sherlock Holmes no rastro do professor Moriaty. E é Pete Moore quem de fato a encontra, a olhar desvairada em redor de dentro de um imundo cano de esgoto de concreto que se projeta do declive e da vegetação emaranhada.

— Está aqui dentro! — grita Pete, em delírio. Afora duas rodelas de cor realçadas nas bochechas, seu rosto está branco feito cera. — Ei, turma, acho que está aqui dentro!

Há um antiquado e incrivelmente complexo sistema de desaguadouros e canos de esgoto embaixo de Derry, uma cidade que existe sobre o que outrora foi um pantanal evitado até mesmo pelos índios micmacs que viveram nas cercanias. A maior parte do sistema de esgoto foi construída na década de 1930, com dinheiro do New Deal, e grande parte dele será arruinado em 1985, durante a grande tempestade que inundará a cidade e destruirá os tubos condutores de água, o Standpipe de Derry. Nesse momento, os tubos ainda existem. Este se inclina para baixo, enquanto penetra a colina. Josie Rinkenhauer se aventurou dentro dele, caiu, depois escorregou num século de folhas mortas acumuladas. Escorregou como uma criança num tobogã e foi parar no fundo. Exauriu-se com as tentativas de escalar de volta a inclinação gordurosa e esboroante; comeu os dois ou três biscoitos que tinha no bolso da calça, e nas últimas e

intermináveis horas — 12, talvez 14 — permaneceu na escuridão malcheirosa, escutando o débil zumbido do mundo lá fora que não pode alcançar, aguardando a morte.

Agora, ao ouvir a voz de Pete, ergue a cabeça e chama, com todas as forças que lhe restam:

— Me ajudem! Não consigo sair! Poor faavoor, me ajuuudem!

Não ocorre a eles que deveriam buscar a ajuda de um adulto — talvez o guarda Nell, que patrulha a área. Estão doidos para tirá-la de lá; tornaram-se responsáveis por ela. Não vão deixar Duddits entrar, ao menos têm essa sensatez, mas criam uma corrente dentro da escuridão após não mais do que 30 segundos de considerações: primeiro Pete, depois o Beav, depois Henry, depois Jonesy, o mais pesado deles, como a âncora.

Desse modo rastejam dentro da escuridão que fede a esgoto (há o fedor de algo mais, também, algo antigo e inacreditavelmente desagradável), e, antes de avançar 3 metros, Henry encontra um pé do tênis de Josie na sujeira. Coloca-o no bolso da calça, sem nem pensar.

Segundos depois, Pete diz por sobre os ombros:

— Opa, parem.

A menina está chorando, os pedidos de ajuda são ensurdecedores agora, e Pete de fato a vê sentada no amontoado de folhas no fundo do declive. Ela os fita, seu rosto é um círculo branco manchado na escuridão.

Estendem a corrente mais adiante, tomando todo o cuidado possível, apesar da excitação. Jonesy está com os pés escorados num enorme bloco de concreto caído. Josie estende as mãos... tateia... não consegue tocar a mão estendida de Pete. Por fim, quando parece que têm de aceitar a derrota, ela se desloca um pouco para cima com grande dificuldade. Pete lhe agarra o pulso sujo e arranhado.

— Ei! — grita, exultando. — Te peguei!

Puxam-na com muita cautela cano acima, na direção do lugar em que Duddits está esperando, segurando a bolsa dela numa das mãos e as duas bonecas na outra, gritando para Josie que não se preocupe, não se preocupe porque ele está com BarbieKen. Há a luz do sol, o ar fresco, e, enquanto a ajudam a sair do cano...

15

Não havia telefone no Humvee — dois rádios diferentes, mas nenhum telefone. No entanto, um telefone tocou, ruidosamente, estilhaçando a vívida recordação que Henry tecera entre eles e assustando os dois.

Owen se sobressaltou como quem acorda de um sono profundo e o Humvee perdeu a tênue aderência na estrada, primeiro derrapando e em seguida girando, lenta e pesadamente, como um dinossauro que dançasse.

— Santa merda...

Tentou conduzir o volante da direção da derrapagem. O volante apenas girava, com uma facilidade perturbadora, como a roda de uma chalupa que perdeu o leme. O Humvee rodou para trás na única pista traiçoeira que ficava à esquerda, no lado da I-95 que levava para o sul, e por fim recuperou terreno de banda, no banco de neve do lado medial, os faróis dianteiros abrindo um cone de luz plena de neve na direção da qual tinham vindo.

Riing! Riing! Riing! Soando do nada.

É a minha cabeça, Owen pensou. Estou projetando isso, mas acho que está na minha cabeça, mais da porra da telep...

Havia uma pistola no banco entre os dois, uma Glock. Henry a pegou e, ao fazê-lo, o telefone parou de tocar. Encostou a boca do cano no ouvido, a mão envolvendo completamente a coronha.

Claro, Owen pensou. Faz muito sentido. A Glock tocava, só isso. Sempre acontece.

— Alô — disse Henry. Owen não pôde ouvir a resposta, mas o rosto cansado do companheiro se irradiou num sorriso. — Jonesy! Eu sabia que era você!

Quem mais poderia ser?, Owen perguntou a si mesmo. Oprah Winfrey?

— Onde...

Escutando.

— Ele quis o Duddits, Jonesy? É por isso que... — De novo escutando. Depois: — O Standpipe? Por quê... Jonesy? Jonesy?

Henry manteve a pistola encostada no ouvido por mais um instante, depois olhou para ela sem aparentemente se dar conta do que era. Depositou-a no banco de novo. O sorriso desapareceu.

— Desligou. Acho que o sujeito estava voltando. Ele o chama de Sr. Cinza.

— Ele está vivo, o seu amigo, mas você parece não estar feliz com isso. — Os pensamentos de Henry não estavam felizes com aquilo, mas já não havia a necessidade de dizê-lo. Feliz no início, como a gente sempre fica feliz quando alguém de quem a gente gosta faz um breve telefonema com a velha Glock, mas não mais feliz agora. Por quê?

— Ele... eles... estão no sul de Derry. Pararam para comer num posto de caminhoneiro chamado Dysart's... só que Jonesy o chamou de Dai Traques, como quando a gente era menino. Acho que ele nem percebeu isso. Me pareceu amedrontado.

— Por causa dele? Por nossa causa?

Henry lançou um olhar sinistro para Owen.

— Diz que teme que o Sr. Cinza tenha a intenção de matar um soldado estadual e roubar sua viatura. Acho que é isso, basicamente. Merda. — Henry esmurrou a perna.

— Mas ele está vivo.

— Sim — Henry retrucou, com uma acentuada falta de entusiasmo. — Está imune. Duddits... entende agora o que se passa em relação a

Duddits?

Não. Duvido que você também entenda, Henry... mas talvez eu entenda o bastante.

Henry retomou a fala-pensamento — era mais fácil. Duddits nos transformou — estar com Duddits nos transformou. Quando Jonesy foi atropelado por um carro em Cambridge, isso o transformou de novo. As ondas cerebrais das pessoas que passam pela experiência de uma quase-morte quase sempre se transformam, li um artigo na Lancet sobre isso ainda no ano passado. No caso de Jonesy, deve significar que esse tal de Sr. Cinza pode usá-lo sem infectá-lo ou esgotá-lo. E isso também o manteve apto a não ser subjugado, ao menos até agora.

— Subjugado?

Cooptado. Devorado. Depois, em voz alta:

— Consegue tirar a gente deste banco de neve?

Acho que sim.

— Era o que eu temia — disse Henry, taciturnamente.

Owen se voltou para ele, o rosto esverdeado com o clarão das luzes do painel de instrumentos.

— Mas que diacho há de errado com você?

Deus do céu, será que não entende? De quantas maneiras vou ter que lhe dizer isso?

— Ele ainda está dentro dele! Jonesy!

Pela terceira ou quarta vez desde que o percurso de Henry começou, Owen se viu forçado a cobrir o hiato entre o que sua cabeça sabia e o que seu coração sabia.

— Ah, saquei. — Fez uma pausa. — Ele está vivo. Pensando e existindo. Dando até telefonemas. — Outra pausa. — Deus!

Owen experimentou avançar o Humvee em baixa velocidade e, depois de uns 15 centímetros, as quatro rodas patinaram. Engatou a ré e reconduziu o veículo para o banco de neve — ploft. Mas a traseira do Humvee subiu um pouco no monte sólido de neve, e isso era o que Owen queria. Quando reengatasse a primeira marcha, sairiam do banco de neve como uma rolha de uma garrafa. Mas deteve-se um momento, pressionando o freio com a sola da bota. O motor do Humvee rodou em marcha lenta, rouco e potente, sacudindo toda a carroçaria. Lá fora, o vento rosnava e uivava, arremessando demônios de neve pela autoestrada deserta abaixo.

— Sabe o que tem de fazer, não sabe? — perguntou Owen. — Sempre pressupondo que, para começar, seremos capazes de capturá-lo. Porque, não importa quais sejam os aspectos específicos, o plano geral é quase com certeza a contaminação geral. E a matemática...

— Eu me viro com a matemática... — retrucou Henry. — Seis bilhões de pessoas na Espaçonave Terra contra um Jonesy.

— Isso aí, esse é o número.

— Números podem mentir — disse Henry, mas falou com tristeza. Números muito grandes não mentiam, não podiam mentir. Seis bilhões era um número grande.

Owen tirou o pé do freio e com ele pressionou o acelerador. O Humvee rodou para a frente — cerca de um metro, dessa vez —, começou a patinar, depois as rodas aderiram ao chão e se libertaram do banco de neve como um dinossauro. Owen virou o veículo para o sul.

Me conte o que aconteceu depois que vocês tiraram a menina do cano de esgoto.

Antes que Henry contasse, um dos rádios sob o painel de instrumentos estrepitou. A voz que se seguiu ao estrépito soou alta e clara — era como se o dono da voz estivesse sentado ali no Humvee ao lado deles.

— Owen? Está aí, recruta?

Kurtz.

16

Demorou quase uma hora para vencer os primeiros 27 quilômetros ao sul da Base Azul (da ex-Base Azul), mas Kurtz não estava preocupado. Deus cuidaria deles, não tinha a menor dúvida.

Freddy Johnson dirigia (o feliz quarteto ocupava outro Humvee equipado para a neve). Perlmutter estava no banco de passageiro, algemado à maçaneta. Cambry também estava algemado com as mãos atrás das costas. Kurtz sentado atrás de Freddy, Cambry atrás de Pearly. Kurtz perguntou a si mesmo se aqueles dois recrutas do pelotão não estariam conspirando telepaticamente. Seria excelente para eles, se estivessem. Kurtz e Freddy tinham abaixado as janelas de seus lados, embora isso deixasse o Humvee mais frio do que o galpão do pai no mês de janeiro; o calefator estava ligado, mas simplesmente não aquecia. As janelas abertas eram, no entanto, uma necessidade. Sem elas, a atmosfera do Humvee ficaria rapidamente irrespirável, tão sulfurosa quanto uma mina de carvão tóxica. Só que o cheiro que se desprendia não era de súlfur, mas de éter. Grande parte dele parecia vir de Perlmutter. O homem não parava de se mexer no banco, às vezes emitindo um gemido fraco. Cambry estava infestado de Ripley, que crescia como um trigal depois de uma chuva de primavera, e desprendia esse cheiro — Kurtz o sentia mesmo com a máscara no rosto. Pearly, porém, era o principal infrator, mexendo-se no banco, procurando peidar sem produzir ruído (a dissimulação audaciosa, como denominavam esse movimento estratégico nos vagos tempos da infância de Kurtz), procurando fingir que o sufocante cheiro não saía dele. Gene Cambry germinava o Ripley; Kurtz pressentia que Pearly, Deus o abençoasse, germinava outra coisa.

O melhor que pôde, Kurtz ocultou esses pensamentos atrás de um mantra todo dele: Davis e Roberts, Davis e Roberts, Davis e Roberts.

— Quer fazer o favor de parar com isso? — Cambry pediu, à direita

de Kurtz. — Está me deixando doido.

— Eu também — retrucou Perlmutter. Mexeu-se no banco e um baixo som de pfffiii escapou dele. Talvez o som de um brinquedo de borracha se esvaziando.

— Ô, Pearly, puxa! — exclamou Freddy. Abaixou a janela ainda mais, deixando entrar um remoinho de neve e ar frio. O Humvee derrapou e Kurtz se preparou, mas logo o veículo tornou a se estabilizar. — Quer fazer o favor de pôr de lado esse perfume anal de bosta?

— Como? — falou Perlmutter, todo reservado. — Se está insinuando que soltei gases, então devo lhe dizer que...

— Não estou insinuando coisa nenhuma — disse Freddy. — Estou falando para você parar de fazer cheirar mal aqui dentro, ou...

Uma vez que não havia um modo satisfatório de Freddy cumprir a ameaça — por enquanto, precisavam de dois telepatas, um principal e um de reserva —, Kurtz interferiu com brandura.

— A história de Edward Davis e Franklin Roberts é instrutiva, porque mostra que nada há de novo sob o céu. Aconteceu no Kansas, nos tempos em que Kansas realmente era Kansas...

Kurtz, um bom contador de histórias, transportou-os a Kansas durante o conflito coreano. Ed Davis e Franklin Roberts eram donos de pequenas fazendas não longe de Emporia, e não longe da fazenda pertencente à família de Kurtz (que não tinha, exatamente, o nome de Kurtz). Davis, que, para começar, não era muito dado, ficou cada vez mais convencido de que seu vizinho, o desagradável Roberts, tinha a intenção de roubar sua fazenda. Roberts andava espalhando histórias a seu respeito na cidade, segundo Ed Davis. Roberts estava contaminando suas safras, Roberts estava pressionando o Bank of Emporia para executar a hipoteca da fazenda de Davis.

Então Ed Davis, disse Kurtz, pegou um mão-pelada raivoso e o colocou dentro do galinheiro — seu próprio galinheiro. O mão-pelada matou todas as galinhas e, assim que se fartou, louvado seja Deus, o fazendeiro Davis estourou a cabeça de listras pretas e cinza do Sr. Mão-Pelada.

Os quatro permaneceram em silêncio no gelado Humvee que seguia em frente, a escutar.

Ed Davis pôs todas as galinhas mortas, e o mão-pelada morto, na carroçaria de seu International Harvester, transportou-os até a propriedade do vizinho e, quando já não havia mais luar, jogou toda a carga de cadáveres dentro dos dois poços de Franklin Roberts, o poço de água destinado aos animais e o poço destinado à casa. Depois, na noite seguinte, sob o efeito do uísque e rindo histericamente, Davis telefonou para seu inimigo e lhe contou o que tinha feito. Que calorzão fez hoje, não?, inquiriu o lunático, rindo com uma estridência tal que Franklin Roberts mal conseguia entendê-lo. O que foi que você e os seus beberam, hein Roberts? A água do mão-pelada ou a água das galinhas? Eu não saberia responder, porque não me lembro em qual poço eu despejei o quê! Não é uma pena?

O canto esquerdo da boca de Gene Cambry tremulava, como a boca

de quem sofreu um grave derrame cerebral. O Ripley que germinava na ruga da testa havia se desenvolvido tanto que o Sr. Cambry parecia um homem cuja testa fora rasgada.

— O que quer dizer com isso? — perguntou. — Está querendo dizer que eu e o Pearly não somos melhores do que duas galinhas raivosas?

— Cambry, veja lá como fala com o chefão — disse Freddy. A máscara saltitando no rosto.

— Escuta, cara, o chefão que se foda. Esta missão acabou!

Freddy levantou uma das mãos, como se para esbofetear Cambry no banco traseiro. Cambry projetou para a frente o rosto agressivo e assustado, para encurtar a distância.

— Manda, garotão. Ou vai primeiro examinar a sua mão, ter certeza de que não tem nenhum arranhão nela. Porque não é preciso mais do que um arranhão.

A mão de Freddy oscilou no ar por um instante, depois tornou a pousar no volante.

— Aliás, Freddy, é melhor ficar de antena ligada. Se acha que o chefão vai deixar testemunhas, está louco.

— Louco, sim — disse Kurtz com serenidade, e deu um risinho. — Muitos fazendeiros enlouquecem, ou enlouqueceram antes de Willie Nelson e Farm Aid, Deus o abençoe. A tensão da vida, imagino. O coitado do Ed Davis foi parar na Administração dos Veteranos — lutou na Segunda Guerra, entende — e, não muito depois do incidente dos poços, Frank Roberts liquidou a fazenda, mudou-se para Wichita, arranjou trabalho como caixeiro-viajante da Allis-Chalmers. E tampouco os dois poços estavam contaminados. Ele chamou um sanitarista estadual para fazer testes, e o sanitarista concluiu que a água era boa. A raiva não se espalha assim, de qualquer modo, ele disse. Eu me pergunto se o Ripley se espalha assim.

— Pelo menos chame-o pelo nome certo — disse Cambry, quase chispando. — É byrus.

— Byrus ou Ripley, dá tudo na mesma — retrucou Kurtz. — Esses sujeitinhos estão tentando envenenar os nossos poços. Poluir os nossos fluidos preciosos, como fulano ou beltrano disse.

— Você está pouco ligando para isso! — Pearly disse com veemência; Freddy na verdade se sobressaltou com o veneno da voz de Perlmutter. — Só está interessado em capturar Underhill. — Fez uma pausa, depois acrescentou, com uma voz pesarosa: — Você é louco, chefão.

— Owen! — Kurtz gritou, animado como um esquilo. — Quase me esqueci dele! Onde ele está, camaradas?

— Bem adiante — respondeu Cambry, mal-humorado. — Empacado numa porcaria de banco de neve.

— Sensacional! — Kurtz berrou. — Chegando perto!

— Não se iluda. Está se safando. Tem um Humvee, como nós. Com um troço desses, você dirige direto até o centro do inferno, se souber o que fazer. E parece que ele sabe.

— É uma pena. A gente fez algum avanço?

— Não muito — disse Pearly, depois se mexeu, fez uma careta e soltou mais gases.

— Meerda! — exclamou Freddy, em voz baixa.

— Me passe o microfone, Freddy. Canal coletivo. O nosso amigo Owen gosta do canal coletivo.

Freddy passou o microfone de fio enroscado, fez um ajuste no transmissor afixado ao painel de instrumentos e disse:

— Experimente, chefão.

Kurtz empurrou para baixo o botão no lado do microfone.

— Owen? Está aí, recruta?

Silêncio, ruídos de estática e o monótono uivo do vento. Kurtz estava para empurrar o botão de ENVIAR e tentar de novo quando Owen respondeu — claro e agudo, com uma estática moderada, mas sem distorção. A fisionomia de Kurtz não se alterou — o mesmo ar de interesse aprazível —, mas seu coração bateu bem mais depressa.

— Estou aqui.

— Que bom te ouvir, recruta! Que bom! Calculo que esteja em nossa localização, a uns 80. Acabamos de passar a Saída 39, de modo que acho que está mais ou menos correto, não está? — Tinham, na verdade, passado a Saída 36, e Kurtz pensou que estavam um pouco mais próximos do que 80 quilômetros. Metade disso, talvez.

Silêncio no outro lado.

— Encoste, recruta — Kurtz aconselhou com sua voz mais cordial e equilibrada. — Não é tarde demais para salvar alguma coisa dessa confusão. As nossas carreiras estão acabadas, acho que, quanto a isso, não há dúvida... galinhas mortas despejadas de um poço contaminado... mas, se tiver uma missão, deixe-me tomar parte dela. Sou um homem de idade, meu filho, e tudo o que quero é recuperar algo decente dessa...

— Está falando merda, Kurtz. — Alto e bom som, nos seis alto-falantes do Humvee, e Cambry teve de fato a petulância de rir. Kurtz cravou nele um olhar de desprezo. Em outras circunstâncias, esse olhar tornaria cinzenta a pele negra de Cambry, tomado de terror, mas não havia outras circunstâncias, outras circunstâncias haviam sido canceladas, e Kurtz sentiu uma aferroada de medo que não lhe era característica. Uma coisa era saber racionalmente que as coisas estavam de cabeça para baixo; outra, quando a verdade pesa no estômago como um saco de farinha grossa.

— Owen... meu recruta...

— Escute, Kurtz. Não sei se no seu cérebro sobrou algum neurônio sadio, mas, se sobrou, espero que preste atenção. Estou com um homem chamado Henry Devlin. À nossa frente, agora provavelmente uns 160 quilômetros à nossa frente, está um amigo dele chamado Gary Jones, Jonesy. Só que, na verdade, já não é ele. Ele está sob o comando de uma inteligência alienígena que ele chama de Sr. Cinza.

Gary... Cinza**, Kurtz refletiu. Por seus anagramas haverás de conhecê-lo.

— Nada do que aconteceu no Jefferson Tract interessa — soou a voz nos alto-falantes. — O massacre que você planejou é supérfluo, Kurtz... mate-os ou deixe-os morrer sozinhos, não são uma ameaça.

— Está ouvindo? — perguntou Pearly histericamente. — Não são uma ameaça! Não...

— Cale essa boca! — disse Freddy, e lhe deu um tapa. Kurtz mal o notou. Estava sentado bem a prumo no banco traseiro, os olhos brilhando. Supérfluo? Owen Underhill lhe dizia então que a mais importante missão de sua vida se tornara supérflua?

— ... o ambiente, entende? Eles não conseguem viver neste ecossistema. Menos o Sr. Cinza. Porque aconteceu de ele encontrar um hospedeiro que é fundamentalmente diferente. Então, aí está. Se alguma vez defendeu o que quer que fosse, Kurtz... se pode defender alguma coisa agora... pare de nos perseguir e nos deixe cuidar das coisas. Deixe-nos cuidar do Sr. Jones e do Sr. Cinza. Você pode até vir a nos caçar, mas é extremamente duvidoso que consiga caçar os dois. Estão longe demais no sul. E achamos que o Cinza tem um plano. Algo que irá dar certo.

— Owen, você está fatigado — disse Kurtz. — Encoste o veículo. Seja lá o que for preciso ser feito, nós o faremos juntos. Nós...

— Se realmente se importa, vai desistir — disse Owen. A voz soava inexpressiva. — É isso aí. Ponto final. Desligando.

— Não faça isso, recruta! — berrou Kurtz. — Não faça isso, eu o proíbo de fazer isso!

Houve um clique, estridente, depois o silêncio do alto-falante que chiava.

— Foi-se — disse Perlmutter. — Desplugou o microfone. Desligou o receptor. Foi-se.

— Mas o ouviu, não ouviu? — perguntou Cambry. — Esta coisa não tem sentido. Cancele-a.

O centro da testa de Kurtz latejava.

— Como se eu pudesse levar as palavras dele em consideração, depois de ele ter participado de tudo por aqui.

— Mas estava falando a verdade! — disse Cambry, num tom áspero e forte. Voltou-se e encarou Kurtz pela primeira vez, os olhos arregalados, os cantos congestionados com camadas de Ripley, ou do byrus, ou qualquer que fosse o seu nome. A saliva de Cambry borrifou as faces, a testa e a superfície pulsante da máscara de Kurtz. — Ouvi os pensamentos dele! O Pearly também! ELE ESTAVA FALANDO A PURA VERDADE! ELE...

Movimentando-se de novo com uma velocidade arrepiante, Kurtz sacou a pistola de 9 milímetros do coldre na cinta e disparou. O estrondo no interior do Humvee foi ensurdecedor. Freddy gritou, tomado de surpresa, e mais uma vez girou com brusquidão o volante, arremessando o Humvee numa derrapagem diagonal através da neve. Perlmutter berrou, virando o rosto salpicado de vermelho e horrorizado para o banco traseiro. Para Cambry, foi misericordioso — o cérebro explodira para fora da parte posterior do crânio, atravessara a janela e se espalhara na nevasca antes

mesmo que ele erguesse a mão em protesto.

Não viu isso acontecendo, viu, recruta?, pensou Kurtz. A telepatia não o ajudou em absolutamente nada, ajudou?

— Não — disse Pearly, aflitivamente. — A gente não consegue muito com alguém que não sabe o que vai fazer antes do momento de fazer. A gente não consegue muito com um louco.

A derrapagem foi controlada. Freddy era um motorista de primeira, mesmo quando sobressaltado e desorientado.

Kurtz apontou a pistola para Perlmutter.

— Me chame de louco outra vez. Deixe eu te ouvir.

— Louco — Pearly disse de pronto. Os lábios se esticaram num sorriso, abrindo-se sobre uma fileira de dentes na qual havia vários vãos. — Louco-louco-louco. Mas não vai me matar por causa disso. Você matou o seu reserva, e só pode se permitir isso. — A voz ia se elevando perigosamente, o corpo de Cambry tombado contra a porta, tufos de cabelo agitando-se em volta da cabeça desfigurada no vento frio que entrava pela janela.

— Cale a boca, Pearly — disse Kurtz. Sentia-se melhor agora, de novo sob controle. Cambry pelo menos servira para isso. — Agarre-se à sua prancheta e fique de bico calado. Freddy?

— Sim, chefão.

— Ainda está comigo?

— Até o fim, chefão.

— Owen Underhill é um traidor, Freddy, pode me dar um grande louvado seja Deus por isso?

— Louvado seja Deus. — Freddy estava rijo como vara, sentado diante do volante, fitando a neve e os cones de luz dos faróis do Humvee.

— Owen Underhill traiu este país e seus semelhantes. Ele...

— Ele traiu você — disse Perlmutter, quase num sussurro.

— Sim, Pearly, e não queira você, meu filho, sobrestimar a sua própria importância, isso é uma coisa que você não haverá de querer, porque a gente nunca sabe o que um louco vai fazer, você mesmo disse isso.

Kurtz tornou a olhar para a ampla nuca de Freddy.

— Vamos acabar com Owen Underhill... com ele e também com o companheiro dele, Devlin, se Devlin ainda estiver com ele. Entendido?

— Entendido, chefão.

— Enquanto isso, vamos aliviar a carga, certo? — Kurtz tirou do bolso a chave da algema. Estendeu a mão atrás de Cambry, remexeu a mão na massa já fria que não voara pela janela e por fim localizou a maçaneta da porta. Abriu a algema e, mais ou menos cinco segundos depois, o Sr. Cambry, louvado seja Deus, reuniu-se à cadeia alimentar.

Freddy, enquanto isso, tocava com uma das mãos a região da virilha, que esquentava como o diabo. As axilas também, na verdade, e...

Virou um pouco a cabeça e viu que Perlmutter o fitava — enormes olhos pretos num rosto pálido e salpicado de vermelho.

— O que é que está me olhando? — perguntou Freddy.

Perlmutter desviou o olhar, sem nada dizer. Fitou dentro da noite.

** Em inglês: Gray (anagrama de Gary).

Capítulo Dezenove

A Caça Continua

1

O Sr. Cinza gostava de se fartar das emoções humanas, o Sr. Cinza gostava da comida humana, mas o Sr. Cinza, decididamente, não gostava de evacuar os intestinos de Jonesy. Recusando-se a olhar para o que produzira, simplesmente levantou a calça e a abotoou com as mãos um pouco trêmulas.

Deus do céu, não vai se limpar?, perguntou Jonesy. Pelo menos puxe a descarga da porcaria da privada!

Mas o Sr. Cinza queria apenas sair do banheiro. Demorou-se o tempo suficiente para passar uma água nas mãos numa das pias e depois se virou para ir na direção da porta.

Jonesy não ficou exatamente surpreso ao ver entrar o soldado da força pública estadual.

— Se esqueceu de fechar o zíper, meu amigo — disse o soldado.

— Ah. É mesmo. Obrigado, soldado.

— Veio do norte, é? Grandes acontecimentos por lá, segundo a rádio. Quer dizer, quando dá para escutar. Seres extraterrestres, talvez.

— Vim de Derry — retrucou o Sr. Cinza. — Não estou sabendo.

— Por que saiu numa noite assim, se não se importa de eu perguntar?

Diga que é um amigo doente, Jonesy pensou, mas sentiu uma pontada de desespero. Não queria assistir àquilo, quanto mais participar daquilo.

— Um amigo doente — respondeu o Sr. Cinza.

— Mesmo? Bom, meu senhor, eu gostaria de ver a sua carteira de motorista e o regis...

Em seguida os olhos do soldado se esvaziaram. Com passadas largas, as pernas rijas, ele andou em direção à parede onde havia o aviso CHUVEIROS APENAS PARA CAMINHONEIROS. Lá ficou por um momento, tremendo, tentando relutar... e então começou a bater a cabeça no ladrilho com movimentos amplos e bruscos. A primeira batida lhe derrubou o chapéu Stetson. Na terceira batida, o vinho do Porto começou a circular, primeiro escorrendo em filetes nos ladrilhos beges, depois jorrando sobre eles em estrias escuras.

E porque nada podia fazer para impedi-lo, Jonesy se esforçou para pegar o telefone na escrivaninha.

Silêncio. Enquanto comia a segunda porção de bacon ou enquanto defecava pela primeira vez na condição de ser humano, o Sr. Cinza cortara a linha. Jonesy se encontrava sozinho.

2

Apesar do terror que sentia — ou talvez por causa dele —, Jonesy desatou a rir enquanto suas mãos limpavam o sangue nos ladrilhos com uma toalha do Dysart's. O Sr. Cinza consultara o conhecimento de Jonesy acerca da ocultação e/ou remoção de corpos, e localizara o filão principal. Como antigo conhecedor de filmes de terror, romances de suspense e mistério, Jonesy era, por assim dizer, um perito. Mesmo agora, enquanto o Sr. Cinza jogava a toalha ensanguentada sobre o peito encharcado do soldado (o paletó do soldado fora usado para embrulhar a cabeça terrivelmente destroçada), uma parte da mente de Jonesy ia reproduzindo a remoção do cadáver de Freddy Miles em *O talentoso Sr. Ripley*, tanto na versão cinematográfica quanto no romance de Patricia Highsmith. Outros teipes eram também reproduzidos, tantas eram as sobreposições que olhar profundamente demais fez Jonesy sentir vertigem, do mesmo jeito que a sentia ao olhar de uma grande altitude. Essa tampouco era a pior parte. Com a ajuda de Jonesy, o talentoso Sr. Cinza descobrira algo de que gostava mais do que o bacon crocante, bem mais do que se fartar do poço de ira de Jonesy.

O Sr. Cinza descobrira o assassínio.

3

Atrás dos chuveiros ficava um vestiário. Atrás do vestiário havia um corredor que levava ao dormitório dos caminhoneiros. O corredor estava vazio. No fundo dele, uma porta dava para os fundos do prédio, onde havia um beco sem saída dominado pelo remoinho de neve, agora coberto de uma espessa camada. Duas enormes lixeiras Dumpster emergiam do monte de neve. Uma lâmpada protegida produzia um pálido fulgor e projetava sombras volumosas e agressivas. O Sr. Cinza, que aprendia depressa, revistou o corpo do soldado à procura das chaves do carro e as encontrou. Apossou-se também da arma do soldado e a guardou num dos bolsos com zíper da parca de Jonesy. O Sr. Cinza usou a toalha ensopada de sangue para impedir que a porta do beco se fechasse, depois arrastou o corpo para trás de uma das Dumpster.

Tudo isso, do horrendo suicídio induzido do soldado à reentrada de

Jonesy no corredor dos fundos, demorou menos de dez minutos. O corpo de Jonesy estava leve e ágil, todo o cansaço se dissipara, ao menos por aquele momento; ele e o Sr. Cinza se deliciavam com uma outra explosão de euforia de endorfina. E pelo menos um pouco daquele suadouro era da responsabilidade de Gary Ambrose Jones. Não apenas o conhecimento da remoção do corpo, mas os impulsos sanguinários do id sob a fina camada de glacê do "é só de mentirinha". O Sr. Cinza estava no banco do motorista — Jonesy ao menos não tinha de suportar o peso da ideia de que era o assassino primário —, mas ele era o motor.

Talvez mereçamos ser exterminados, Jonesy pensou, enquanto o Sr. Cinza voltava, passando pelos chuveiros (procurando manchas de sangue com os olhos de Jonesy e sacudindo as chaves do soldado na palma da mão de Jonesy à medida que prosseguia). Talvez mereçamos nos transformar em nada exceto um punhado de esporos vermelhos soprados pelo vento. Seria a melhor coisa, Deus nos ajude.

4

A mulher de fisionomia cansada, atrás da caixa registradora, perguntou-lhe se viu o soldado.

— Vi sim — Jonesy respondeu. — Aliás, mostrei para ele a minha carteira de motorista e o registro do veículo.

— Desde tardinha apareceu aqui um monte de patrulheiro — disse a mulher do caixa. — Com tempestade ou sem tempestade. Estão nervosos que só vendo. Parece que tá todo mundo. Eu, se eu quisesse ver gente de outro planeta, alugava um vídeo. Tá sabendo de mais alguma novidade?

— A rádio diz que é tudo alarme falso — ele retrucou, puxando o zíper para fechar a parca. Olhou para a janela entre o restaurante e o estacionamento, verificando o que já constatara: com a mescla de congelação no vidro e a neve que caía lá fora, a visão era inexistente. Ninguém ali dentro veria em qual veículo ele partiria.

— É? Mesmo? — O alívio a fez parecer menos cansada. Mais jovem.

— É. Não espere ver o seu amigo tão cedo, coração. Ele disse que tinha uma grande obra a fazer.

Uma carranca franziu a pele entre as sobrancelhas da mulher.

— Falou isso?

— Boa noite. Feliz Ação de Graças. Feliz Natal. Feliz Ano-novo.

Um pouco disso, Jonesy suspeitava, partia dele. Tentando chegar mais. Fazer-se notar.

Antes que pudesse ver se fora notado, a visão oferecida pela janela do escritório girou, quando o Sr. Cinza se virou e se afastou da caixa registradora. Cinco minutos mais tarde, estava de novo seguindo para o sul na autoestrada, as correntes na viatura do soldado se sacudindo e retinindo,

permitindo-lhe manter a velocidade média de 65 quilômetros por hora.

Jonesy sentiu o Sr. Cinza se estender para a frente, para trás. O Sr. Cinza era capaz de alcançar a mente de Henry, mas não de penetrá-la — assim como Jonesy, Henry era, até certo ponto, diferente. Não importava, porém; lá estava o homem com Henry, Overhill ou Underhill. Através dele, o Sr. Cinza se punha em posição de vantagem. Achavam-se a 110 quilômetros atrás, talvez mais... e parando na margem da autoestrada? Sim, parando em Derry.

O Sr. Cinza sondou mais fundo ainda e descobriu outros perseguidores. Três deles... mas Jonesy pressentiu que o foco principal desse grupo não era o Sr. Cinza, mas Overhill/Underhill. Julgou isso inacreditável e inexplicável, mas parecia ser verdadeiro. E o Sr. Cinza gostou disso também. Nem sequer se deu ao trabalho de procurar o motivo pelo qual Overhill/Underhill e Henry estavam parando.

A principal preocupação do Sr. Cinza se transferiu para um outro veículo, um limpa-neve, se a habilidade de motorista de Jonesy lhe permitisse dirigi-lo. Implicaria um outro assassínio, mas isso não era problema para o Sr. Cinza, cada vez mais humano.

O Sr. Cinza estava tomando gosto.

5

Owen Underhill está parado no barranco, ao lado do cano de esgoto que se projeta da folhagem, e os observa ajudarem a menina de olhos arregalados e suja de lodo — Josie — sair de dentro do cano. Vê Duddits (um moço grandalhão com ombros de jogador de futebol e a improvável cabeleira loira de ídolo de cinema) arrebatá-la num abraço, beijando-lhe o rosto sujo com beijos estalados. Ouve as primeiras palavras da menina:

— Quero ver a minha mãe.

É uma satisfação para os rapazes; nada de polícia, nada de ambulância. Simplesmente ajudaram-na a sair do barranco, através da brecha na cerca, pelo gramado do Strawford Park (as moças de amarelo foram substituídas por moças de verde; nem elas nem a treinadora prestaram atenção aos rapazes e a seu troféu imundo, de cabelo desgrenhado) e depois por Kansas Street até Maple Lane. Sabem onde a mãe de Josie está. O pai também.

Mas não só os Rinkenhauer. Quando os rapazes retornam, há carros estacionados ao longo do quarteirão, nos dois lados da casa dos Cavell. Roberta foi quem propôs chamar os pais dos amigos e colegas de escola de Josie. Farão sua própria busca, afixarão na cidade os cartazes de DESAPARECIDA, ela diz. Não em locais escuros, afastados (que é onde acabam parando os cartazes de crianças desaparecidas em Derry), mas onde as pessoas têm que vê-los. O entusiasmo de Roberta basta para

iluminar uma débil esperança nos olhos de Ellen e Hector Rinkenhauer.

Os outros pais também respondem — é como se estivessem esperando ser solicitados. Os telefonemas começaram pouco depois de Duddits e os amigos saírem de casa (para brincar, Roberta imaginou, e em algum lugar perto dali, porque o calhambeque de Henry está estacionado na entrada), e, quando os rapazes retornaram, havia cerca de duas dúzias de pessoas apinhadas na sala de visitas dos Cavell, tomando café e fumando. O homem que fala com elas é um sujeito que Henry vira antes, um advogado chamado Dave Bocklin. Às vezes seu filho brinca com Duddits. Ken Bocklin também sofre da síndrome de Down, e é um sujeito muito bacana, mas não é como Duds. Na verdade, porém, quem é?

Os rapazes param na entrada da sala de visitas, Josie com eles. Ela está, mais uma vez, segurando a enorme bolsa, com as BarbieKen dentro dela. Mesmo seu rosto está quase limpo, porque Beaver, ao ver todos os carros, deu uma boa limpada nele com um lenço de bolso na entrada para veículos. ("Posso dizer que senti uma coisa esquisita", o Beav confessou mais tarde, depois de todo o sufoco e o fodaréu passarem. "Olhem só eu aqui, limpando essa menina, ela tem o corpo de uma coelhinha da Playboy e o cérebro, grosso modo, de um regador de jardim.") No início ninguém os nota, a não ser o Sr. Bocklin, e o Sr. Bocklin parece não se dar conta do que vê, porque continua a falar.

— Então, o que nós precisamos fazer, minha gente, é nos dividirmos em pequenos grupos, digamos, três casais para cada... cada grupo... e nós iremos... nós... nós. — O Sr. Bocklin vai falando cada vez mais devagar, como um desses brinquedos que precisam de mais corda, e então simplesmente fica ali calado, diante da tevê dos Cavell, fitando. Há um murmúrio nervoso entre os pais reunidos às pressas, que não entendem o que há de errado com ele, estava falando com tanta segurança.

— Josie — ele diz, com uma voz monótona, sem inflexão, o contrário absoluto de sua firme eloquência de tribunal.

— Sim — retruca Hector Rinkenhauer, — esse é o nome dela. O que há, Dave? Você está se sentin...

— Josie — Dave repete, e ergue uma das mãos trêmula. Para Henry (e, portanto, para Owen, que enxerga através dos olhos de Henry), ele parece o Fantasma do Natal Por Vir apontando para a sepultura de Ebeneezer Scrooge.

Um rosto se vira... dois olhos se viram... quatro... os olhos de Alfie Cavell, arregalados e descrentes por trás das lentes dos óculos... e, finalmente, os da Sra. Rinkenhauer.

— Oi, mãe — Josie diz, serena. Levanta a bolsa. — Duddie encontrou a minha BarbieKen. Eu fiquei presa num...

O resto se perde sob o estridente grito de alegria da mulher. Henry jamais ouvira um grito assim em toda a vida, e, embora seja maravilhoso, é também um tanto terrível.

— Freddy me foda — Beaver diz... em tom baixo, num sussurro.

Jonesy está abraçando Duddits, que se assustou com o grito.

Pete olha para Henry e lhe faz um breve aceno de cabeça: A gente se saiu bem.

E Henry responde com outro aceno. É, a gente se saiu bem.

Talvez não tenha sido o melhor momento deles, mas, decerto, foi o segundo melhor momento. E, enquanto a Sra. Rinkenhauer arrebata a filha em seus braços, agora a soluçar, Henry dá um tapinha no braço de Duddits. Quando Duddits se vira para olhar para ele, Henry o beija levemente no rosto. Bom, velho Duddits. Henry pensa. Bom, velho...

6

– É aquela lá, Owen — disse Henry, com tranquilidade. — Saída 27.

A visão que Owen tinha da sala de visitas dos Cavell estourou como bolha de sabão e ele avistou a placa que avultava: MANTENHA A DIREITA PARA A SAÍDA 27 — KANSAS STREET. Nos ouvidos, ainda ecoavam os inacreditáveis gritos de alegria da mulher.

— Você está bem? — perguntou Henry.

— Estou. Pelo menos acho que sim. — Subiu a rampa da saída, o Humvee abrindo caminho na neve. O relógio no painel de instrumentos parara de funcionar como o relógio de pulso de Henry, mas ele achou que via o mais débil relampejo no ar. — Direita ou esquerda, no alto da rampa? Diga agora, porque não quero correr o risco de parar.

— Esquerda, esquerda.

Owen virou o Humvee para a esquerda sob uma luz que dançava e piscava, controlou-o durante uma outra derrapagem e depois seguiu para o sul pela Kansas Street. A neve fora removida da rua, não fazia muito tempo, mas já ia se acumulando.

— A nevasca está parando — disse Henry.

— É, mas não a porra do vento. Você está doido para vê-lo, não? Duddits.

Henry abriu um sorriso largo.

— Um pouco nervoso, mas estou, sim. — Balançou a cabeça. — O Duddits, cara... O Duddits simplesmente faz a gente se sentir bem. Ele é demais. Você vai ver com os seus próprios olhos. Eu só gostaria que a gente não estivesse nessa loucura no raiar do dia.

Owen encolheu os ombros. Quanto a isso, a gente nada pode fazer, disse o gesto.

— Estão morando aqui, no lado oeste, há quatro anos, acho, e eu nunca os visitei na casa nova. — E, sem se dar conta, passou para a fala-pensamento: Mudaram-se depois que o Alfie morreu.

Você não... — Em seguida, em lugar de palavras, uma imagem: pessoas trajando preto sob guarda-chuvas pretos. Uma sepultura na chuva. Um caixão sobre suportes, o DESCANSAI EM PAZ, ALFIE gravado na tampa.

Não, disse Henry, sentindo-se envergonhado. Nenhum de nós o visitou.

?

Mas Henry não sabia por que não o visitaram, embora lhe ocorresse uma frase: O dedo que se move escreve; e, tendo escrito, segue adiante. Duddits fora uma importante (na verdade, a palavra que procurava era vital) parte da infância deles. Depois que o laço se desfez, o retorno teria sido doloroso. Uma coisa era ser doloroso, outra inutilmente doloroso. As imagens que ele associava a sua depressão e ao suicídio cada vez mais certo — o fio de leite escorrendo no queixo do pai, Barry Newman arrastando as nádegas gigantescas ao sair disparado do consultório — escondiam o tempo todo uma outra imagem, mais potente: a do apanhador de sonhos. Não teria sido ele a verdadeira fonte de seu desespero? A grandiosidade do conceito do apanhador de sonhos acoplada à banalidade dos usos aos quais o conceito fora aplicado? Utilizar Duddits para encontrar Josie Rinkenhauer equivalera a descobrir a física quântica e depois usá-la para montar um jogo de videogame. Pior, descobrir que a física quântica era realmente boa apenas para isso. Claro que tinham realizado uma boa ação — sem eles, Josie Rinkenhauer teria morrido dentro do cano como um rato num barril cheio de água de chuva. Mas, convenhamos, não tinham resgatado uma futura ganhadora do Prêmio Nobel da Paz...

Não consigo acompanhar tudo o que está se passando na sua cabeça, disse Owen, de repente imerso no fundo da mente de Henry, mas me parece um bocado arrogante. Que rua?

Melindrado, Henry lhe lançou um olhar feroz.

— Não o visitamos nos últimos tempos, está certo? Podemos parar por aqui?

— Sim — Owen respondeu.

— Mas nós todos lhe mandamos cartões de Natal, está certo? Todo ano, daí eu saber que eles se mudaram para a Dearborn Street, número 41 da Dearborn Street, oeste de Derry, pegue a direita depois da terceira rua.

— Está bem. Se acalme.

— Foda a tua mãe e morra.

— Henry...

— Simplesmente perdemos o contato. Isso acontece. Provavelmente nunca aconteceu com um Sr. Perfeição como você, mas, para nós... para nós... — Henry baixou os olhos, viu que suas mãos estavam cerradas e as forçou a se abrirem.

— Eu falei que está bem.

— Provavelmente o Sr. Perfeição mantém o contato com todos os amigos do colegial, não é mesmo? Vocês provavelmente se reúnem todo ano para quebrar louça, tocar discos do Mötley Crüe e comer Tuna Surprise exatamente como costumavam servir no refeitório.

— Desculpe se te aborreci.

— Ah, mas que porra! Você reagiu como se nós o tivéssemos abandonado. — O que, claro, era praticamente o que tinham feito.

Owen ficou calado. Olhava dentro dos remoinhos de neve com os olhos semicerrados, procurando a placa da Dearborn Street na pálida luz cinzenta da madrugada... e lá estava ela, bem à frente. Um limpa-neve que seguia ao longo da Kansas Street bloqueava a esquina da Dearborn, mas Owen achou que o Humvee conseguiria ultrapassá-lo.

— Não é que eu tenha deixado de pensar nele — disse Henry. Começou a continuar falando por pensamento, mas retomou a enunciação das palavras. Pensar em Duddits era bastante revelador. — Nós todos pensávamos nele. Na verdade, Jonesy e eu íamos visitá-lo na primavera. Aí Jonesy sofreu o acidente e eu me esqueci da visita. Isso é de causar tanta surpresa?

— De modo algum — retrucou Owen, com brandura. Girou o volante para a direita, tornou a girá-lo para a esquerda, para controlar a derrapagem, depois pressionou o acelerador. O Humvee bateu na espessa e dura parede de neve, com uma força suficiente para lançar os dois para a frente contra os cintos de segurança. Em seguida passaram, Owen manobrando o volante para evitar que o veículo batesse nos carros cobertos de neve estacionados nos dois lados da rua.

— Eu não preciso embarcar numa de me sentir culpado com uma pessoa que estava planejando torrar algumas centenas de civis — Henry resmungou.

Owen pisou no freio com os dois pés, arremessando-os de novo para a frente, dessa vez com força suficiente para os cintos exercerem pressão contra eles. O Humvee derrapou numa parada em diagonal na rua.

— Feche essa boca.

Não fale do que você não sabe.

— É provável que eu me torne um

homem morto por sua

— causa, então por que não guarda esse monte de merda

de exagerada

(imagem de um garotinho mimado fazendo beicinho)

— racionalização

para você mesmo?

Henry o fitou, chocado e aturdido. Quando foi a última vez que falaram com ele desse modo? A resposta era provavelmente nunca.

— Só uma coisa me interessa — disse Owen. O rosto pálido, tenso e cansado. — Quero encontrar o seu Typhoid Jonesy e detê-lo. Está certo? Quero que se fodam os seus preciosos sentimentos afetuosos, quero que se foda o seu cansaço, quero que você se foda. Estou aqui.

— Está bem — disse Henry.

— Não preciso de lições de moral de um sujeito que planeja estourar os próprios miolos exagerados e excessivamente instruídos.

— Está bem.

— Então foda a tua mãe e morra.

Silêncio no interior do Humvee. Nada do lado de fora, exceto o monótono ruído estridente de aspirador do vento.

Por fim, Henry disse:

— Vamos fazer o seguinte. Fodo a tua mãe e depois morro; você fode a minha mãe e depois morre. Assim pelo menos evitamos o tabu do incesto.

Owen começou a sorrir. Henry também sorriu.

O que Jonesy e o Sr. Cinza estão fazendo?, Owen perguntou para Henry. Sabe dizer?

Henry passou a língua nos lábios. A comichão na perna havia parado em grande parte, mas na língua havia o gosto de um velho pedaço de estopa velha.

— Não. Estão isolados. O Sr. Cinza é o responsável por isso, provavelmente. E o seu destemido líder? Kurtz? Está chegando perto, não está?

— Está. Se quisermos manter alguma dianteira em relação a ele, é melhor sermos rápidos.

— Então seremos. — Owen coçou a substância vermelha na face, olhou para os fragmentos de vermelho que aderiram aos dedos, depois prosseguiu.

Número 41, você falou?

Sim. Owen?

O que é?

Estou com medo.

Do Duddits?

Mais ou menos, é.

Por quê?

Não sei.

Henry olhou para Owen com tristeza.

Sinto que há algo errado com ele.

7

Era sua fantasia de pós-meia-noite transformada em realidade, e, quando soou a batida à porta, Roberta não conseguiu se levantar. As pernas pareciam feitas de água. A noite passara, mas fora substituída por uma luz da manhã pálida e sombria que não era muito melhor, e ali estavam eles, Pete e Beav, os mortos tinham ido buscar seu filho.

O punho cerrado bateu de novo, ressoando, estremecendo os quadros nas paredes. Um dos quadros era uma primeira página emoldurada do News de Derry, a fotografia mostrando Duddits, os amigos e Josie Rinkenhauer, abraçados, sorrindo como loucos (quão fotogênico Duddits estava na fotografia, quão forte e normal), abaixo de uma manchete que dizia: COLEGAS DE ESCOLA BANCAM DETETIVES, ENCONTRAM MENINA DESAPARECIDA.

Bum! Bum! Bum!

Não, ela pensa, vou ficar aqui sentada e eles acabarão indo embora, terão de ir embora, porque, no caso dos mortos, a gente tem de convidá-los a entrar e, se eu simplesmente ficar quieta aqui sentada...

Mas Duddits passou correndo por ela feito um rojão — correndo, quando, naqueles dias, o simples andar o deixava exausto, e os olhos dele estavam cheios daquele antigo brilho fulgurante, tão bons eles tinham sido para com ele, tanta alegria eles lhe tinham trazido, mas agora estavam mortos, vieram buscá-lo em meio à nevasca e estavam mortos...

— Duddie, não! — ela gritou, mas ele não lhe deu atenção. Passou apressado pela velha fotografia emoldurada, Duddits Cavell na primeira página, Duddits Cavell um herói, as maravilhas jamais teriam fim, e ela ouviu o que ele estava berrando, assim que abriu a porta para a tempestade que ia amainando:

— Eni! Eni! ENI!

8

Henry abriu a boca — para dizer o que nunca soube, porque nada foi dito. Ficou estupefato, chocado. Aquele não era Duddits, não podia ser — era algum tio doente ou irmão mais velho, pálido e aparentemente calvo sob o boné do Red Sox puxado para trás. No rosto, a barba por fazer, crostas de sangue em redor das narinas, olheiras escuras e profundas. E no entanto...

— Eni! Eni! Eni!

O estranho alto e pálido à porta se atirou nos braços de Henry com toda a antiga extravagância de Duddie, fazendo-o recuar no degrau coberto de neve, não pela força de seu peso — era leve como paina —, mas, simplesmente, porque Henry se achava despreparado para a investida. Se Owen não os reequilibrasse, ele e Duddits teriam caído na neve.

— Eni! Eni!

Rindo. Chorando. Cobrindo-o com as beijocas do grande e velho Duddits. Bem no fundo do armazém de sua memória, Beaver Clarendon sussurrou: Se contarem por aí que fiz isso... E Jonesy: Sei, sei, você nunca mais vai andar com a gente, seu bunda-mole. Sim, era Duddits, beijando as faces de Henry salpicadas de byrus... mas a lividez nas faces de Duddits, o que era? Estava tão magro — não, mais que magro, macilento —, o que era? O sangue nas narinas, o odor desprendendo-se da pele... não o odor que se desprendera de Becky Shue, não o odor da cabana tomada pela substância, mas mesmo assim um odor mortal.

E ali estava Roberta, parada no saguão ao lado da fotografia de Duddits e Alfie no parque de diversões de Derry, montado num carrossel, tornando pequeninos os cavalos de plástico de olhos esbugalhados e rindo.

Não fui ao enterro do Alfie, mas mandei um cartão, pensou Henry, e

detestou a si mesmo.

Ela estava com as mãos cruzadas, os olhos cheios de lágrimas, e, embora tivesse engordado nos seios e na cintura, embora o cabelo agora estivesse quase totalmente grisalho, era ela, ela ainda era ela, enquanto Duddits... ah, cara, Duddits...

Henry olhou para ela, abraçando o velho amigo que ainda gritava seu nome. Deu uma palmadinha na omoplata de Duddits. Parecia insubstancial sob a palma da mão, tão frágil quanto o osso da asa de um passarinho.

— Roberta — ele disse. — Roberta, Deus do céu! O que está acontecendo com ele?

— TUDO — ela respondeu e esboçou um sorriso débil. — Soa como nome de detergente de lavar roupa, não soa? Chama-se leucemia linfócita aguda. Foi diagnosticado há nove meses, e, mesmo naquela época, curá-lo já não era uma opção. Tudo o que temos feito, desde então, é lutar contra o relógio.

— Enie! — Duddits exclamou. O velho sorriso simplório lhe iluminou o rosto cinzento e cansado. — A ea era, u ouo ia!

— Exato — disse Henry, e começou a chorar. — A mesma merda, um outro dia.

— Eu sei por que veio aqui — ela disse —, mas não. Por favor, Henry, eu imploro. Não leve embora o meu filho. Ele está morrendo.

9

Kurtz estava prestes a pedir para Perlmutter novas informações sobre Underhill e seu novo amigo — Henry era o nome do novo amigo, Henry Devlin —, quando Pearly emitiu um longo guincho ululante, o rosto voltado para o teto do Humvee. Kurtz ajudara uma mulher a parir na Nicarágua (e sempre tacham a gente de bandido, pensou ele sentimentalmente) e esse grito lhe lembrou o dela, ouvido nas margens do belo rio La Juvena.

— Aguente firme, Pearly! — exclamou Kurtz. — Aguente firme, recruta! Respire fundo, agora!

— Vá se foder! — gritou Pearly. — Veja a situação em que você me meteu, seu puto. VÁ SE FODER!

Kurtz não o condenou por isso. As mulheres costumam dizer coisas terríveis durante o parto, e, embora Pearly sem dúvida fosse um dos sujeitos, Kurtz sabia que estava passando por algo muito semelhante ao parto, como homem algum jamais experimentara. Sabia que seria sensato aliviar Perlmutter do sofrimento...

— Não se atreva — Pearly gemeu. Lágrimas de dor rolavam nas faces manchadas de vermelho. — Não se atreva, seu réptil de merda.

— Não se preocupe, recruta — Kurtz disse com a voz branda, e deu uma palmadinha no ombro trêmulo de Perlmutter. À frente deles soava o

constante retinir do limpa-neve que Kurtz convencera a abrir caminho para eles (uma vez que a luz cinzenta do dia começava a se insinuar no mundo, a velocidade do veículo aumentara para os vertiginosos 57 quilômetros por hora). As lanternas traseiras do limpa-neve fulguravam como estrelas vermelhas turvas.

Kurtz se inclinou para a frente, olhando para Perlmutter com um interesse luminoso nos olhos. Fazia muito frio no banco traseiro do Humvee, por causa da janela estilhaçada, mas, por um momento, Kurtz não se deu conta disso. O casaco de Pearly se inflava como um balão, e Kurtz, mais uma vez, sacou a pistola de 9 milímetros.

— Chefão, se ele soltar...

Antes que Freddy concluísse a frase, Perlmutter produziu um peido ensurdecedor. O fedor foi instantâneo e monstruoso, mas Pearly pareceu não notar. Sua cabeça pousou no encosto do banco, os olhos semicerrados, uma fisionomia de alívio sublime.

— Ah, puta que me PARIU! — Freddy exclamou, e abaixou completamente a janela, apesar da corrente de ar que já circulava no veículo.

Fascinado, Kurtz observou o inchaço da barriga de Perlmutter diminuir. Ainda não, então. Ainda não e, provavelmente, uma sorte. Era possível que a coisa que crescia nas tripas de Perlmutter viesse a calhar. Não era provável, mas possível. Todas as coisas servem a Deus, diz a Bíblia, e isso deveria incluir as fuinhas de merda.

— Aguente firme, soldado — disse Kurtz, dando palmadinhas no ombro de Pearly com uma das mãos e colocando a pistola ao lado no banco com a outra. — Aguente e eleve seus pensamentos a Deus.

— Deus que se foda — disse Perlmutter, mal-humorado, e Kurtz se surpreendeu um pouco. Jamais imaginara que Perlmutter pudesse ser tão profano.

À frente deles, as lanternas traseiras do limpa-neve piscaram brilhantes e o veículo encostou na margem direita da estrada.

— Opa — disse Kurtz.

— O que é que eu faço, chefão?

— Pare atrás dele — instruiu Kurtz. Falou com ânimo, mas tornou a pegar a pistola que pusera no assento. — Vamos ver o que o nosso novo amigo quer. — Acreditava, no entanto, que já sabia. — Freddy, notícias dos nossos velhos amigos? Consegue captá-los?

— Só Owen — respondeu Freddy, com relutância. — Não o sujeito com ele ou o sujeito que estão procurando. Owen está fora da estrada. Numa casa. Conversando com alguém.

— Uma casa em Derry?

— É.

E nisso o motorista do limpa-neve se aproximava, dando passadas largas na neve com as botas de borracha e uma parca encapuzada perfeita para um esquimó. Enrolado na parte inferior do rosto, um enorme cachecol de lã, as extremidades esvoaçando no vento, e não havia necessidade de

Kurtz ter o dom da telepatia para saber que a mulher e a mãe do homem o prepararam para ele.

O limpador de neve se curvou diante de janela e contraiu o nariz ao sentir o cheiro de enxofre e álcool etílico que pairava. Olhou com suspeita para Freddy, para o semiconsciente Perlmutter, depois para Kurtz no banco traseiro, que estava inclinado para a frente e fitava-o com um interesse luminoso nos olhos. Kurtz julgou prudente manter a pistola embaixo do joelho esquerdo, ao menos por enquanto.

— Pois não, capitão? — disse Kurtz.

— Recebi uma mensagem de rádio de um camarada que se diz chamar Randall. — O limpador de neve erguia a voz para se fazer ouvir em meio ao vento. Tinha o sotaque ianque do Maine. — General Randall. Afirmou que falava comigo via satélite, direto da Cheyenne Mountain, no Wyomin.

— O nome não me diz nada, capitão — disse Kurtz, com o mesmo tom de voz animado, ignorando Perlmutter, que gemia "você mente, você mente, você mente".

Os olhos do motorista do limpa-neve se desviaram rapidamente para ele e depois se voltaram para Kurtz.

— O camarada me passou uma frase de código. Saída azul. Significa alguma coisa para você?

— "O nome é Bond, James Bond" — disse Kurtz, rindo. — Alguém está lhe fazendo de bobo, capitão.

— Pediu para eu lhe dizer que a sua participação na missão está encerrada e que o país lhe agradece.

— Fizeram alguma menção a um relógio de ouro, recruta? — perguntou Kurtz, os olhos faiscando.

O limpador de neve lambeu os lábios. Era interessante, Kurtz pensou. Pôde ver o momento exato em que o limpador de neve concluiu que estava tratando com um lunático. O momento exato.

— Sei nada, não, a respeito de relógio de ouro. Só queria dizer que não posso seguir adiante com você. Quer dizer, só com autorização.

Kurtz tirou a pistola do lugar em que a escondia embaixo do joelho e a apontou para o rosto do limpador de neve.

— Aqui está a autorização, recruta, assinada e preenchida em três vias. Serve?

O limpador de neve olhou para a pistola com os longos olhos de ianque. Não demonstrou sentir medo.

— Hum, me parece em ordem.

— Sujeito bacana! — Kurtz riu. — Um sujeito muito bacana! Agora vamos indo. E seria bom ir mais depressa, Deus o abençoe. Tem alguém em Derry que eu preciso... — Kurtz procurou a mot juste e a encontrou: — ... interrogar.

Perlmutter meio que gemeu, meio que riu. O limpador de neve olhou para ele.

— Não ligue para ele, está grávido — disse Kurtz em tom de

segredo. — Daqui a pouco vai estar gritando que quer ostras e picles de pepino.

— Grávido — repetiu o limpador de neve. A voz perfeitamente inexpressiva.

— É, mas não se preocupe. Não é problema seu. Acontece, recruta — Kurtz se inclinou ainda mais para a frente, falando com cordialidade e confidencialidade por cima do cano da pistola —, que esse sujeito que preciso capturar está em Derry agora mesmo. Suponho que retomará a estrada dentro de pouco tempo, porque acho que deve saber que estou no pé dele...

— Ele sabe, sabe sim — interveio Freddy Johnson. Coçou o lado do pescoço, depois baixou a mão até a virilha e a coçou.

— ... mas, nesse ínterim — prosseguiu Kurtz —, penso que posso ganhar algum terreno. Então, vai botar esse velho rabo em movimento ou o quê?

O limpador de neve concordou com um movimento de cabeça e voltou para a cabina do limpa-neve. A luz estava mais brilhante agora. É bastante provável que esta luz pertença ao último dia da minha vida, pensou Kurtz com um moderado assombro.

Perlmutter começou a emitir um som baixo de dor. Arrastou-se por um momento, depois se avolumou num urro. Perlmutter agarrou o estômago novamente.

— Deus! — exclamou Freddy. — Olhe a barriga dele, chefão. Crescendo feito massa de pão.

— Respire fundo — disse Kurtz, e deu uma palmadinha no ombro de Pearly com uma das mãos benevolente. À frente deles, o limpa-neve começara a se movimentar de novo. — Respire fundo, camarada. Relaxe. Relaxe e pense em coisas boas.

10

Sessenta e cinco quilômetros para Derry. Sessenta e cinco quilômetros entre mim e Owen, Kurtz pensou. Nada mal. Vou te buscar, recruta. Preciso te levar para a escola. Ensinar o que esqueceu acerca de ultrapassar a Linha de Kurtz.

Trinta e três quilômetros mais tarde, ainda estavam lá — isso de acordo com Freddy e Perlmutter, embora Freddy parecesse agora menos seguro de si mesmo. Pearly, porém, disse que conversavam com a mãe — Owen e o outro conversavam com a mãe. A mãe não queria deixá-lo ir.

— Deixar quem ir? — perguntou Kurtz. Pouco ligava. A mãe os detinha em Derry, permitindo-lhes diminuir a diferença da distância, por isso que Deus abençoasse a mãe, não importava quem ela fosse ou qual fosse sua motivação.

— Não sei — respondeu Pearly. Os intestinos estavam relativamente aquietados desde que Kurtz conversara com o limpador de neve, mas ele parecia esgotado. — Não consigo ver. Há alguém, mas é como se não houvesse uma mente que eu pudesse penetrar.

— Freddy?

Freddy meneou a cabeça negativamente.

— Owen escapou de mim. Mal consigo ouvir o limpador de neve. É como... sei lá... como perder um sinal de rádio.

Kurtz se debruçou sobre o encosto do banco da frente e examinou de perto o Ripley na face de Freddy. A substância no centro ainda era laranja-avermelhado vivo, mas, em torno das bordas, parecia se tornar branco-acinzentado.

Está morrendo, pensou Kurtz. O sistema de Freddy está matando a coisa ou então o ambiente está. Owen tinha razão. Droga.

Não que isso alterasse as coisas. A linha ainda era a linha, e Owen a ultrapassara.

— O limpador de neve — disse Perlmutter, com a voz fatigada.

— O que é que tem o limpador de neve, recruta?

Só que não havia a necessidade de Perlmutter responder. À frente, cintilando na neve que soprava, havia uma placa com os dizeres: SAÍDA 32 — GRANDVIEW/GRANDVIEW STATION. O limpa-neve de repente acelerou, alçando a pá ao fazê-lo. De imediato o Humvee rodava de novo em pó escorregadio, mais de 30 centímetros de espessura. O limpador de neve nem sequer se incomodou de sinalizar com o pisca-pisca, simplesmente pegou a saída a 80 por hora, levantando uma imensa nuvem de neve em seu rastro.

— Vou atrás? — perguntou Freddy. — Posso vencê-lo, chefão!

Kurtz foi tomado por um forte impulso de dizer que Freddy seguisse em frente — derrotariam o filho da puta do ianque de olhos compridos e lhe mostrariam o que acontecia com quem ultrapassava a linha. Dariam uma pequena dose do remédio de Owen Underhill. O limpa-neve, no entanto, era maior do que o Humvee, bem maior, e quem sabe o que poderia acontecer se entrassem numa competição de choque?

— Continue na autoestrada, recruta — respondeu Kurtz, recostando-se. — De olho na presa. — Contudo, observava com um verdadeiro arrependimento o limpa-neve desaparecer na manhã gelada e ventosa. Não podia nem mesmo alimentar a esperança de que o maldito ianque tivesse pegado uma forte dose de Freddy e Archie Perlmutter, porque a substância não sobrevivia.

Prosseguiram, a velocidade reduzindo-se para 33 quilômetros por hora na neve acumulada, mas Kurtz supunha que as condições melhorariam à medida que se aproximassem mais do sul. A nevasca estava quase no fim.

— E parabéns — disse para Freddy.

— Hein?

Kurtz lhe deu uma palmadinha no ombro.

— Parece que você está melhorando. — Voltou-se para Perlmutter. — Quanto a você, recruta, não sei não.

11

A 160 quilômetros ao norte da posição de Kurtz, e a menos de 4 quilômetros do entroncamento das estradas secundárias onde Henry fora feito prisioneiro, o novo comandante do Vale Imperial — uma mulher de fisionomia dura, quase na casa dos 50 anos — estava ao lado de um pinheiro num vale que recebera o apelido de Limpeza Geral Um. Limpeza Geral Um era, literalmente, um vale da morte. Amontoadas ao longo de sua extensão havia pilhas de corpos entrelaçados, a maioria deles vestidos com roupa laranja de caçador. Ao todo, havia mais de 100. Se os corpos tinham algum tipo de identificação, esta estava presa com fita isolante em volta do pescoço. A maioria dos mortos era identificada com a carteira de motorista, mas também com os cartões Visa e Discover, cartões da Blue Cross e licenças de caça. Uma mulher, com um buraco enorme na testa, fora etiquetada com o cartão da locadora de vídeo Blockbuster.

Parada ao lado da maior pilha de cadáveres, Kate Gallagher estava concluindo uma contagem estimativa antes de escrever o segundo relatório. Numa das mãos segurava o computador Palm Pilot, uma ferramenta que Adolf Eichmann, o famoso contador da morte, decerto teria cobiçado. O Pilot não funcionara anteriormente, mas agora a maioria dos dispositivos eletrônicos voltara a estar on-line.

Kate estava com fones de ouvido e um microfone suspenso diante da máscara que cobria o nariz e a boca. De vez em quando pedia algum esclarecimento a alguém ou dava uma ordem. Kurtz escolhera uma sucessora que era não só entusiasmada como também eficiente. Somando os corpos ali e em outro lugar, Gallagher estimava que haviam caçado pelo menos 60 por cento dos fugitivos. Alguns deles resistiram, o que, decerto, foi uma surpresa, mas, no final das contas, muitos deles simplesmente não eram sobreviventes. A verdade era essa.

— Yo, Katie-Katie.

Jocelyn McAvoy surgiu entre as árvores no lado sul do vale, o capuz atirado para trás, o cabelo curto coberto com um lenço de seda verde, a pistola automática pendurada no ombro. Havia uma mancha de sangue respingado na frente da parca.

— Te assustei, não é? — perguntou para o novo comandante.

— Acho que você fez a minha pressão subir um ou dois pontos.

— Bom, o Quadrante Quatro está limpo, talvez isso o alivie um pouco. — Os olhos de McAvoy faiscaram. — Temos mais de 40. O Jackson tem números rijos para você, e, falando em rijo, eu poderia agora mesmo usar um rijo...

— Me desculpem! Garotas?

Elas se voltaram. Da mata coberta de neve no norte do vale emergia um grupo de meia dúzia de homens e duas mulheres. A maioria de laranja, mas o líder era um sujeito atarracado que trajava o macacão oficial do Grupo Azul por baixo da parca. Ainda usava também a máscara transparente, embora, abaixo da boca, houvesse uma tênue mancha de Ripley que decerto não era oficial. Todos os recém-chegados portavam armas automáticas.

Gallagher e McAvoy tiveram tempo de trocar um único olhar arregalado, pegas no flagra. Em seguida, Jocelyn McAvoy fez o gesto de arrebatar a pistola automática e Kate Gallagher o de arrebatar a Browning que encostara no tronco da árvore. Nenhuma delas o conseguiu. O estrondo das armas foi ensurdecedor. McAvoy foi arremessada a quase 20 metros no ar. Uma de suas botas saltou do pé.

— Este é por Larry! — uma das mulheres de laranja gritava. — Este é por Larry, suas vacas, este é por Larry!

12

Terminada a fuzilaria, o homem atarracado com a barbicha de Ripley reuniu o grupo perto do cadáver de bruços de Kate Gallagher, que tinha a nona graduação de sua classe no West Point antes de se meter em apuros com a doença que era Kurtz. O homem atarracado se apropriou da arma de Kate, que era melhor do que a sua.

— Acredito firmemente na democracia — disse ele —, e vocês, camaradas, façam o que quiserem, mas estou indo para o norte agora. Não sei quanto tempo vai levar para eu aprender os versos de "O Canada", mas vou descobrir.

— Eu vou com você — disse um dos homens, e logo ficou evidente que todos queriam ir com ele. Antes de deixarem a clareira, o líder se abaixou e recolheu o Palm Pilot caído na neve.

— Sempre quis ter um desses — disse Emil "Dawg" Brodsky. — Sou doido pela nova tecnologia.

Deixaram o vale da morte pela mesma direção em que vieram, rumando para o norte. Ao redor deles soavam disparos isolados e rajadas de automáticas, mas, para todos os efeitos, a Operação Limpeza Geral também estava encerrada.

13

O Sr. Cinza cometera um outro assassínio e roubara um outro veículo, dessa vez um limpa-neve DPW. Jonesy não viu acontecer. O Sr. Cinza, depois de aparentemente concluir que não conseguiria fazer Jonesy sair do escritório (não, pelo menos, até que pudesse dedicar todo o seu tempo e toda a sua energia ao problema), resolvera tomar a melhor medida seguinte, que foi isolá-lo do mundo exterior. Jonesy agora achava que sabia como Fortunato deveria ter se sentido quando Montressor o trancou na adega.

Aconteceu não muito tempo depois de o Sr. Cinza pilotar a viatura do soldado estadual na pista da autoestrada que levava para o sul (havia apenas uma, ao menos por enquanto, e isso era arriscado). Jonesy estava dentro de um armário na ocasião, pondo em prática o que lhe parecera ser uma ideia absolutamente brilhante.

O Sr. Cinza cortara a linha do telefone? Pois bem, ele criaria uma nova forma de comunicação, assim como criara um termostato para refrigerar o lugar quando o Sr. Cinza tentara forçá-lo a sair submetendo-o a altas temperaturas. Um fax seria perfeito, decidiu. E por que não? Todos os aparelhos eram simbólicos, apenas visualizações que o ajudavam primeiro a concentrar e depois exercer poderes que existiam dentro dele havia 20 anos. O Sr. Cinza pressentira esses poderes e, após uma aflição inicial, agira com muita eficiência para impedir que Jonesy os utilizasse. O truque era continuar descobrindo maneiras de contornar as barreiras do Sr. Cinza, assim como o próprio Sr. Cinza continuava a descobrir formas de chegar ao sul.

Jonesy fechou os olhos e visualizou um fax semelhante ao do escritório do Departamento de História, com a diferença de que o instalou no armário do novo escritório. Em seguida, sentindo-se como Aladim a esfregar a lâmpada mágica (só que o número de desejos que lhe foi conferido era infinito, desde que não se empolgasse demais), visualizou também uma pilha de papel e um lápis Berol Black Beauty ao lado dela. Depois foi até o armário verificar o quanto fora bem-sucedido.

Muito bem, ao menos à primeira vista... embora o lápis fosse um tanto horripilante, novinho em folha e com a ponta afiada sem uso, mas ainda assim mordido ao longo do corpo. No entanto, assim deveria ser, não era mesmo? Beaver usara lápis Black Beauty, mesmo já nos tempos da escola primária da Witcham Street. Os outros usavam os lápis amarelos mais comuns da Eberhard Fabers.

O fax parecia perfeito, assentado no chão ao lado de uma pilha de cabides vazios e um casaco (a parca de cor laranja berrante que a mãe lhe comprara para a primeira viagem de caça, depois o fez prometer — com a mão no coração — que ficaria vestido com ela em todos os momentos em que estivesse fora da cabana), e emitia um zumbido que era animador.

A decepção surgiu quando ela se ajoelhou diante da máquina e leu a mensagem no visor iluminado: DESISTA JONESY SAIA.

Pegou o fone no lado da máquina e ouviu a voz gravada do Sr. Cinza: “Desista, Jonesy, saia. Desista, Jonesy, s...”

Uma série de batidas violentas, quase tão fortes quanto trovões, fê-lo gritar e se levantar num salto. Ocorreu-lhe em princípio que o Sr. Cinza estava utilizando um daqueles instrumentos de derrubar porta do pelotão da SWAT, forçando a entrada.

Não era a porta, porém. Era a janela, o que, de certo modo, era ainda pior. O Sr. Cinza instalara persianas cinza industriais — de aço, pareciam — em toda a janela. Agora ele não estava apenas preso; estava cego também.

Escrito no interior, bastante legível através do vidro: DESISTA JONESY SAIA. Jonesy se lembrou brevemente de O mágico de Oz — RENDA-SE DOROTHY escrito no céu — e sentiu vontade de rir. Não conseguiu. Nada era engraçado, nada era irônico. Aquilo era horrível.

— Não! — gritou. — Tire-as! Tire-as, seu puto!

Nenhuma resposta. Jonesy ergueu as mãos, com a intenção de quebrar o vidro e bater nas persianas de aço, mas então pensou: Está louco? É isso o que ele quer! Assim que quebrar o vidro, essas persianas desaparecerão e o Sr. Cinza entrará. E você estará perdido, amigão.

Deu-se conta do movimento — o pesado ronco do limpa-neve. Onde estariam eles agora? Em Waterville? Augusta? Ainda mais longe no sul? Na zona em que a precipitação caíra em forma de chuva? Não, provavelmente não, o Sr. Cinza teria trocado o limpa-neve por algo mais rápido, se tivessem se livrado da neve. Mas se libertariam da neve, e logo. Porque estavam indo para o sul.

Indo para onde?

Eu poderia já estar morto, pensou Jonesy, olhando desconsoladamente para a persiana fechada com a mensagem sarcástica. Eu poderia estar morto agora mesmo.

14

No fim, foi Owen quem pegou Roberta pelo braço e — com um olho no acelerado relógio, bastante cônscio de que cada minuto e meio trazia Kurtz quase 2 quilômetros mais perto — disse-lhe que tinham de levar Duddits, ainda que ele estivesse muito doente. Mesmo naquelas circunstâncias, Henry não tinha certeza se poderia ter proferido a frase o destino do mundo depende disso com seriedade. Underhill, que passara a vida portando uma arma em nome de seu país, pôde e proferiu.

Duddits ficou com o braço em torno de Henry, fitando-o extasiado com os olhos verdes brilhantes. Pelo menos os olhos não haviam mudado. Tampouco a sensação que sempre tiveram quando na companhia de Duddits — a de que as coisas estavam perfeitamente bem ou logo estariam.

Roberta olhou para Owen, o rosto aparentemente envelhecendo a cada frase que ele dizia. Era como se uma fotografia maligna registrasse a passagem do tempo.

— Sim — disse ela —, sim, eu entendo que vocês queiram encontrar Jonesy... capturá-lo... mas o que ele planeja fazer? E, se ele viesse para cá, por que não o faria aqui?

— Dona, não sei responder a essas perguntas...

— Aua — disse Duddits de súbito. — Onesy er aua.

Batalha?, a mente de Owen perguntou para Henry, alarmada. Que batalha?

Não se preocupe, respondeu Henry, e de imediato a voz na mente de Owen enfraqueceu, quase inaudível. Temos de ir.

— Dona, Sra. Cavell — Owen lhe tocou os braços de novo, com delicadeza. Henry tinha um grande amor por aquela mulher, embora a tivesse ignorado com certa crueldade ao longo dos últimos 12 anos, mais ou menos, e Owen sabia por que ele a adorava. O motivo se desprendia dela como incenso. — Temos de ir.

— Não. Ai, por favor, digam que não. — Lágrimas rolavam de novo. Não faça isso, dona, Owen queria dizer. As coisas já estão bastante complicadas. Por favor, não faça isso.

— Um homem está vindo para cá. Um homem mau. Temos de partir antes de ele chegar.

O rosto tristonho e perturbado de Roberta se encheu de resolução.

— Então está bem. Se têm de ir. Mas vou com vocês.

— Não, Roberta — retrucou Henry.

— Sim! Sim, posso tomar conta dele... dar os comprimidos dele... o Prednisone... levo comigo as mechas com sabor de limão e...

— Ãe, ia auí.

— Não, Duddie, não!

— Ãe, ia auí! E ura! E ura! — Segura, segura. Duddits ficando mais agitado agora.

— Não temos mesmo mais tempo — disse Owen.

— Roberta — disse Henry. — Por favor.

— Deixem-me ir! — implorou. — Ele é tudo o que tenho!

— Ãe — disse Duddits. A voz agora um tanto infantil. — Oê... ia... AUÍ.

Ela olhou para ele fixamente, o rosto murchou.

— Está bem — disse. — Só mais um minuto. Tenho de ir buscar uma coisa.

Foi ao quarto de Duddits e voltou com um saco de papel, que entregou a Henry.

— São os comprimidos dele — disse. — Ele toma um Prednisone às nove horas. Não esqueça, senão vai respirar com dificuldade e sentir dores no peito. Pode dar um Percocet, se ele pedir, e ele provavelmente vai pedir, porque o frio lhe causa dores. — Olhou para Henry com tristeza, mas sem censura. Ele quase desejou ser censurado. Deus sabia que jamais fizera algo que o tivesse deixado assim tão envergonhado. Não era só o fato de Duddits ter leucemia; era o fato de que a tinha havia tanto tempo e nenhum deles o sabia. — Também as mechas com sabor de limão, mas só

nos lábios, porque a gengiva dele sangra muito agora e as mechas queimam. Há algodão para o nariz, no caso de uma hemorragia. Ah, e o cateter. Está vendo ali, no ombro dele?

Henry aquiesceu com um movimento de cabeça. Um tubo de plástico projetava-se das ataduras. Olhar para aquilo lhe deu uma forte e estranha sensação de déjà vu.

— Quando estiver ao ar livre, mantenha-o coberto... o Dr. Briscoe zomba de mim, mas sempre receio que o frio irá se infiltrar... basta um cachecol... ou mesmo um lenço... — Chorava de novo, os soluços entrecortados.

— Roberta... — Henry começou a dizer. Agora olhava para o relógio também.

— Vou tomar conta dele — disse Owen. — Cuidei do meu pai até o fim. Conheço Prednisone e Percocet. — E mais: esteroides maiores, analgésicos melhores. Nos momentos derradeiros, maconha, metadona e, por fim, morfina pura, tão melhor do que heroína. Morfina, o motor mais suave da morte.

Então a sentiu dentro de sua cabeça, uma estranha sensação pruriente, como pés descalços tão leves que mal tocavam. Pruriente, mas não desagradável. Roberta tentava verificar se o que ele disse acerca do pai era verdade ou mentira. Esse era o pequeno dom que recebera do filho extraordinário, Owen percebeu, e ela vinha utilizando-o por tanto tempo que já não se dava conta de que o utilizava... como Beaver, o amigo de Henry, mastigava palitos. Não era tão potente quanto o dom de Henry, mas existia, e Owen jamais se sentiu tão feliz na vida por ter dito a verdade.

— Mas não era leucemia — ela disse.

— Câncer nos pulmões. Sra. Cavell, nós realmente temos de...

— Preciso de mais uma coisa para ele.

— Roberta, não podemos... — Henry começou.

— É rápido, é rápido. — Correu para a cozinha.

Owen sentiu medo de fato pela primeira vez.

— Kurtz, Freddy e Perlmutter... Henry, não sei dizer onde estão! Eu os perdi!

Henry desenrolou a parte superior do saco de papel e olhou dentro. O que viu, em cima da caixinha de mechas de glicerina com sabor de limão, petrificou-o. Respondeu para Owen, mas sua voz parecia chegar do lado mais remoto de um vale anteriormente desconhecido — droga, insuspeitado. Havia um vale assim, agora o sabia. Uma gamela de anos. Não diria, não poderia dizer, que jamais suspeitara da existência de uma tal geografia, mas como, em nome de Deus, pôde ele suspeitar tão pouco?

— Passaram a Saída 29 — disse. — Uns 33 quilômetros atrás de nós agora. Talvez até mais próximos.

— O que há com você?

Henry enfiou a mão dentro do saco de papel pardo e tirou o pequeno objeto de fios, muito semelhante a uma teia de aranha, que estivera suspenso sobre a cama de Duddits ali e sobre a cama na casa de Maple

Lane antes de Alfie morrer.

— Duddits, onde conseguiu isto? — perguntou, mas, claro, sabia-o. Aquele apanhador de sonhos era menor do que o que pendia do teto da sala principal da Hole in the Wall, mas, afora isso, era parecido.

— Íier — Duddits disse. Não tirara os olhos de cima de Henry. Era como se ainda não acreditasse de fato que Henry estava ali. — Íier e anou. Ara Naal ãa aada.

Embora a capacidade de ler pensamentos estivesse rapidamente se perdendo, à medida que o corpo rechaçava o byrus, Owen entendeu com facilidade; Beaver me mandou, Duddits disse. Para o Natal na semana passada. As pessoas que sofrem da síndrome de Down encontram dificuldade de expressar os conceitos de tempo passado e tempo futuro, e Owen desconfiava que para Duddits o passado era sempre a semana passada, o futuro, sempre a semana seguinte. Owen tinha a impressão de que, se todos pensassem desse modo, haveria muito menos desgosto e rancor no mundo.

Henry observou demoradamente aquele pequeno apanhador de sonhos, em seguida o colocou de novo dentro do saco de papel pardo, no momento mesmo em que Roberta retornou apressada. Duddits deu um largo sorriso ao ver o que a mãe fora buscar.

— Ooby-Doo! — gritou. — A aneia Ooby-Doo! — Pegou-a e deu um beijo em cada face da mãe.

— Owen — disse Henry. Seus olhos brilhavam. — Tenho uma notícia extremamente boa.

— Diga.

— Os filhos da mãe acabaram de fazer um desvio... tentaram evitar um reboque a trator pouco antes da Saída 28. Isso vai lhes tomar uns dez, talvez 20 minutos.

— Graças a Deus. Vamos aproveitar. — Lançou um rápido olhar para o cabide no canto. Pendurado nele havia um enorme casaco de baeta azul com os dizeres RED SOX WINTER BALL impressos nas costas em letras vermelhas berrantes. — Aquele casaco é seu, Duddits?

— Aei! — Duddits respondeu, sorrindo e fazendo que sim com a cabeça. — Eu aaco. — E, quando Owen estendeu a mão para pegá-lo: — Oê iu a ene eonar Osie. — Entendeu também isso e sentiu um arrepio na espinha. Você viu a gente encontrar Josie.

Vira... e Duddits o vira. Só na noite de ontem, ou Duddits o vira naquele dia, 19 anos atrás? O dom de Duddits implicaria também uma espécie de viagem no tempo?

Não era o momento de fazer tais perguntas, mas Owen se sentia quase feliz.

— Eu tinha falado que não iria preparar a lancheira, mas claro que preparei. No fim, acabei preparando.

Roberta olhou para a lancheira — para Duddits, que a segurava, passando-a de uma das mãos para a outra enquanto vestia a enorme parca com dificuldade, que também fora um presente do Red Sox de Boston. Seu

rosto estava inacreditavelmente pálido em contraste com o azul vivo e o amarelo ainda mais vivo da lancheira.

— Eu sabia que ele iria. E que eu não iria. — Seus olhos sondaram o rosto de Henry. — Por favor, eu não poderia ir, Henry?

— Se fosse, poderia morrer diante dele — respondeu Henry, detestando a crueldade do que dissera, detestando também o quanto seu trabalho de toda a vida o preparara para pressionar os botões corretos. — Gostaria que ele visse isso, Roberta?

— Não, claro que não. — E, numa reconsideração, ferindo-o bem no centro do coração: — Maldito.

Andou na direção de Duddits, afastou Owen do caminho e rapidamente correu para cima o zíper da parca do filho. Depois lhe segurou os ombros, o fez inclinar-se e o fitou profundamente. Uma feroz mulherzinha-passarinho. O filho, alto e pálido, flutuando dentro da parca. Roberta parara de chorar.

— Comporte-se, Duddits.

— Ou me onar, ãe.

— Obedeça o Henry.

— Eu ou, ãe. Eu ar Eni.

— Fique sempre junto com eles.

— Eu ou. — Ainda obediente, mas agora um pouco impaciente, desejando ir embora e lembrando-se de como tudo isso trouxera Henry de volta: passeios para comprar sorvete, passeios para jogar minigolfe (Duddits jogara estranhamente bem esse jogo, apenas Pete conseguira derrotá-lo com alguma regularidade), passeios para ir ao cinema; sempre obedeça Henry ou obedeça Jonesy ou obedeça os amigos; sempre comporte-se, Duddits e ou me onar, ãe.

Ela o olhou da cabeça aos pés.

— Eu amo você, Douglas. Você sempre foi um filho muito bom para mim, e amo você muitíssimo. Agora me dê um beijo.

Ele a beijou; a mão dela subindo furtivamente e lhe acariciando o rosto áspero com a barba por fazer. Henry mal suportava observar aquilo, mas observou, indefeso como uma mosca apanhada numa teia de aranha. Cada apanhador de sonhos era também uma armadilha.

Duddits lhe deu um outro beijo mecânico, mas seus olhos verdes brilhantes oscilavam entre Henry e a porta. Duddits estava ansioso para ir embora. Porque sabia que as pessoas à procura de Henry e do amigo estavam próximas? Porque era uma aventura, como todas as aventuras que os cinco viveram nos velhos tempos? Ambos? Sim, provavelmente ambos. Roberta o soltou, as mãos afastando-se do filho pela última vez.

— Roberta — disse Henry. — Por que não contou para qualquer um de nós que tudo isso estava acontecendo? Por que não telefonou?

— Por que você não nos visitou?

Henry teria feito mais uma pergunta — Por que Duddits não telefonou? —, mas a própria pergunta teria sido uma mentira. Duddits telefonara constantemente desde março, quando Jonesy sofreu o acidente.

Lembrou-se de Pete, sentado na neve ao lado do Scout capotado, tomando cerveja e escrevendo DUDDITS repetidas vezes na neve. Duddits, abandonado na Terra do Nunca e lá morrendo, Duddits enviando mensagens e recebendo apenas o silêncio como resposta. Por fim um deles viera, mas apenas para levá-lo embora, sem nada, exceto um saco de comprimidos e a velha lancheira amarela. Não havia amabilidade no apanhador de sonhos. Desejaram somente o bem para Duddits, mesmo naquele primeiro dia; amaram-no com sinceridade. No entanto, o resultado era aquele.

— Cuide dele, Henry. — Roberta transferiu o olhar para Owen. — Você também. Cuidem do meu filho.

— Vamos tentar — retrucou Henry.

15

Não havia lugar para fazer a volta na Dearborn Street; todas as entradas das casas haviam sido bloqueadas pela neve. Na luz da manhã que ia se intensificando, a vizinhança adormecida lembrava uma cidadezinha imersa na tundra do Alasca. Owen engatou a ré do Humvee e desceu a toda velocidade a rua, a pesada traseira do veículo oscilando desajeitadamente de um lado para outro. O para-choque de aço elevado bateu contra um veículo todo coberto de neve estacionado no meio-fio, soou um tilintar de vidro que se partia e depois eles atravessaram mergulhando a barreira de gelo no cruzamento, virando num ímpeto de volta à Kansas Street, rumo à autoestrada. Durante essa manobra, Duddits permaneceu sentado no banco traseiro, todo satisfeito, a lancheira no colo.

Henry, por que Duddits disse que Jonesy quer a batalha? Que batalha?

Henry tentou enviar a mensagem telepaticamente, mas Owen já não conseguia ouvi-lo. As manchas de byrus no rosto de Owen estavam esbranquiçadas e, ao coçá-las distraidamente, ele arrancava grumos da substância com as unhas. A pele embaixo parecia rachada e irritada, mas não de fato ferida. Como se curar de um resfriado, Henry refletiu. Realmente, não é mais grave do que isso.

— Ele não disse batalha, Owen.

— Aua — Duddits concordou, do banco traseiro. Curvou-se para ver a enorme placa verde em que estava escrito: 95 SUL. — Onesy er aua.

Owen franziu a testa; um punhado de cascas de byrus morto caiu como caspa.

— O que...

— Água — disse Henry, e estendeu a mão para trás para dar uma palmadinha no joelho ossudo de Duddits. — Jonesy quer água, é isso o que ele está tentando dizer. Só que não é Jonesy que a quer. É o outro. O sujeito que se chama Sr. Cinza.

16

Roberta foi ao quarto de Duddits e começou a recolher as roupas espalhadas — o jeito que ele as largava a deixava louca, mas imaginava que não precisaria mais se preocupar com isso. Menos de cinco minutos depois de se ocupar com essa tarefa, as pernas fraquejaram e ela teve de sentar na cadeira ao lado da janela. A visão da cama, onde ele vinha passando cada vez mais tempo, assombrou-a. A luz mortiça da manhã sobre o travesseiro, que ainda exibia a depressão circular de sua cabeça, era indizivelmente cruel.

Henry pensou que ela permitira que Duddits partisse porque eles acreditavam que o futuro do mundo inteiro dependia, de algum modo, de encontrar Jonesy, e encontrá-lo sem demora. Mas não era assim. Ela permitira que ele partisse porque era o que Duddits desejava. O moribundo tinha bonés de beisebol autografados; o moribundo tinha também de fazer passeios com os velhos amigos.

Era penoso, porém.

Perdê-lo era muito penoso.

Pôs o punhado de camisetas contra o rosto para bloquear a visão da cama e sentiu o cheiro dele: o xampu Johnson, o sabonete Dial e, sobretudo, o pior de tudo, o creme de arnica que lhe aplicava nas costas e nas pernas quando os músculos doíam.

No desespero, estendeu os braços para ele, tentando encontrá-lo junto com os dois homens que vieram como mortos e o levaram embora, mas a mente dele se foi.

Bloqueou a mente para mim, pensou. Desfrutaram (em grande parte desfrutaram) os dons telepáticos ao longo dos anos, talvez apenas diferentes, num grau menor, da telepatia que a maioria das mães com filhos especiais experimentava (ouvira a expressão comunicação mediúnica inúmeras vezes nas reuniões dos grupos de apoio que ela e Alfie às vezes frequentaram), mas isso agora já não existia. Duddits bloqueara a mente, e isso significava que ele sabia que algo terrível estava para acontecer.

Ele sabia.

Ainda segurando as camisetas contra o rosto e inalando o odor dele, Roberta caiu de novo em prantos.

17

Kurtz estava tranquilo (praticamente tranquilo) até que avistaram sinalizações de estrada e luzes azuis de viatura de polícia na sinistra luz da manhã, e, adiante delas, um enorme semirreboque tombado de lado, como um dinossauro. Em frente delas, tão embrulhado em roupas que o rosto

estava totalmente invisível, um policial indicava com acenos a direção de uma rampa de saída.

— Merda! — Kurtz disse com irritação. Lutou contra um impulso de pegar a pistola e começar a disparar. Sabia que isso seria desastroso, havia outros policiais em torno do veículo tombado, mas, mesmo assim, sentiu o impulso, quase incontrolável. Faltava tão pouco! Tão perto, graças às mãos crucificadas de Jesus Cristo! E então tinham de parar daquele jeito! — Merda, merda, merda!

— O que quer que eu faça, chefão? — perguntou Freddy. Impassível atrás do volante, mas pousara a própria arma, um rifle automático, de través no colo. — Se eu meter bala, acho que consigo passar raspando pela direita. A gente se manda num minuto.

Mais uma vez Kurtz lutou contra o impulso de simplesmente dizer: Sim, mande bala, Freddy, e, se algum desses policiais de azul se puser na frente, passe por cima. Freddy talvez conseguisse passar... mas talvez não conseguisse. Não era o motorista que ele pensou que fosse, de que Kurtz se assegurara. Assim como muitos pilotos, Freddy tinha a errônea crença de que suas habilidades no céu se refletiam nas habilidades na terra. E, mesmo que o conseguisse, estariam marcados. E isso não era aceitável, não depois de o general Bolas Amarelas ter decretado aos gritos a Saída Azul. O cartão que lhe garantia escapar da prisão havia sido revogado. Ele agora era, estritamente, um vigilante sem autoridade legal.

Temos que fazer a coisa mais inteligente, pensou. Por isso me pagam tão bem.

— Comporte-se e siga pelo caminho que ele está indicando — disse Kurtz. — Na verdade, quero que você acene para ele e aprove com o polegar para cima quando subir a rampa. Depois continue seguindo para o sul e retome a autoestrada na primeira oportunidade. — Suspirou. — Deus me livre e guarde. — Inclinou-se para a frente, perto de Freddy o suficiente para ver o Ripley embranquecendo em sua orelha direita. Sussurrou, a voz ardente como a de um amante: — E se a gente parar numa vala, recruta, encostarei a boca de um cano em sua nuca. — Kurtz tocou o ponto onde a nuca se juntava ao crânio. — Bem aqui.

A cara desenxabida de Freddy não se alterou.

— Sim, chefão.

Depois disso, Kurtz agarrou o ombro de Perlmutter, agora quase em estado letárgico, e o sacudiu até os olhos de Pearly se abrirem, as pestanas batendo.

— Me deixa em paz, chefão. Preciso dormir.

Kurtz encostou a boca da pistola na parte posterior da cabeça do ex-ajudante.

— Não. Acorde e brilhe, recruta. Hora de um breve interrogatório.

Pearly gemeu, mas também se endireitou no banco. Quando abriu a boca para dizer algo, um dente caiu na frente da parca. O dente pareceu perfeito aos olhos de Kurtz. Olha, mãe do céu, sem cárie.

Pearly disse que Owen e o novo amigo ainda estavam parados, ainda

em Derry. Muito bom. Delicioso. Não tão bom 15 minutos mais tarde, quando Freddy fez o Humvee descer com dificuldade outra rampa de entrada coberta de neve e retomou a autoestrada. Era a Saída 28, apenas um trevo longe do alvo, mas um erro é um erro.

— Estão de novo na estrada — disse Perlmutter. Soava fraco e exaurido.

— Maldição! — Encheu-se de ira, uma ira doentia e inútil em relação a Owen Underhill, que agora simbolizava (ao menos para Abe Kurtz) toda a lamentável e malograda operação.

Pearly emitiu um gemido profundo, o som de um total e cavernoso desespero. O estômago começara a inflar de novo. Ele o apertava, as faces molhadas de suor. O rosto, normalmente inexpressivo, tornara-se quase bonito com a dor.

Então soltou um outro longo e medonho peido, uma liberação de gases que parecia interminável. O som produzido fez Kurtz se lembrar das engenhocas que ajudou a construir nos acampamentos de verão séculos atrás, matracas que consistiam em latas de estanho e pedaços de cordas enceradas. Zunidores, era como as chamavam.

O fedor que tomou conta do Humvee era o cheiro do câncer vermelho que se desenvolvia na fábrica de tratamento de despojos de Pearly, primeiro nutrindo-se de suas excreções, depois da boa substância. Horrendo. No entanto, depois houve um alívio. Freddy estava melhorando e Kurtz, para começar, não tinha pegado o maldito Ripley (talvez fosse imune; em todo caso, tirara a máscara e a recolocara, indiferentemente, 15 minutos atrás). E Pearly, embora sem dúvida doente, era também valioso, um homem com um radar realmente bom emperrado no rabo. De modo que Kurtz deu uma palmadinha no ombro de Perlmutter, ignorando o fedor. Cedo ou tarde, a coisa sairia de dentro dele, o que significaria, provavelmente, o fim da utilidade de Pearly, mas Kurtz só se preocuparia com isso quando fosse necessário.

— Aguente firme — disse Kurtz com afabilidade. — Peça para a coisa voltar a dormir.

— Seu... idiota... de merda! — disse Perlmutter, ofegando.

— Tudo bem — concordou Kurtz. — O que você diz, recruta, está dito. — Afinal, era um idiota de merda. Owen se revelara um coiote covarde, e quem foi que o colocara na porcaria do galinheiro?

Estavam passando pela Saída 27 agora. Kurtz olhou para o alto da rampa e imaginou que quase via as marcas dos pneus do Humvee que Owen dirigia. Em algum lugar lá em cima, num lado ou no outro da passagem superior, ficava a casa para a qual Owen e o novo amigo fizeram o inexplicável desvio. Por quê?

— Pararam para pegar Duddits — disse Perlmutter. A barriga ia desinchando de novo e o ápice da dor parecia ter passado. Por enquanto, pelo menos.

— Duddits? Mas que diabo de nome é esse?

— Não sei. Estou captando isso da mãe dele. Ele eu não consigo ver.

Ele é diferente, chefão. É quase como se fosse um guri cinzento, em vez de humano.

Kurtz sentiu um arrepio na espinha ao ouvir isso.

— A mãe vê esse tal de Duddits como menino e como homem adulto — disse Pearly. Essa foi a comunicação menos inspirada que Kurtz obtivera dele desde que saíram do Gosselin. Perlmutter falava como se estivesse quase interessado, Deus do céu.

— Talvez seja retardado — disse Freddy.

Perlmutter lançou um olhar para Freddy.

— Pode ser. Mas, seja lá o que ele for, está doente. — Pearly suspirou. — Sei como ele se sente.

Kurtz deu uma outra palmadinha no ombro de Perlmutter.

— Ânimo, recruta. E quanto aos sujeitos que estão procurando? Esse tal de Gary Jones e o chamado Sr. Cinza? — No fundo não se importava, mas havia a possibilidade de que o rumo e o curso de Jones, e de Cinza, se o Cinza existisse fora da imaginação delirante de Owen Underhill, teriam um impacto sobre o rumo e o curso de Underhill, Devlin e... Duddits?

Perlmutter meneou a cabeça, depois fechou os olhos e tornou a encostar a cabeça no banco. A breve onda de energia e interesse pareciam ter passado.

— Nada — disse. — Bloqueado.

— Talvez nem esteja lá.

— Ah, alguma coisa está lá — disse Perlmutter. — É como um buraco negro. — Em devaneio, disse: — Ouço tantas vozes. Já estão enviando reforços...

Como se Perlmutter o tivesse invocado, o maior comboio que Kurtz vira em 20 anos surgiu nas pistas da 1-95 que levavam para o norte. Primeiro, dois enormes limpa-neves, grandes como elefantes, rodando lado a lado com lâminas escarpadas que espumavam neve em ambos os lados, expondo o calçamento das duas pistas. Atrás deles, um par de limpa-areia, também rodando lado a lado. E, atrás destes, uma fileira dupla de veículos militares e de artilharia pesada. Kurtz viu objetos cobertos nas carroçarias de rebocadores que, pela forma, só podiam ser mísseis. Outros rebocadores transportavam radares, telêmetros, só Deus sabia o que mais. Nos intervalos entre eles, havia enormes caminhões de transporte de tropas com capota de lona malhada, os faróis dianteiros fulgurando na luz da manhã que clareava. Não centenas de homens, mas milhares, prontos para o que só Deus sabia — a Terceira Guerra Mundial, o combate corpo a corpo com criaturas de duas cabeças ou talvez os insetos inteligentes de Tropas estrelares, a peste, a loucura, a morte, o dia do Juízo Final. Se alguns dos Vales Imperiais de Katie Gallagher ainda estavam em ação por lá, Kurtz desejou que abandonassem o que faziam e fossem para o Canadá. Levantar os braços para o ar e gritar Il n'y a pas d'infection ici de nada lhes serviria, sem dúvida alguma; essa manobra já havia sido experimentada. E tudo era tão sem sentido. No fundo do coração, Kurtz sabia que Owen estava com a razão quanto a pelo menos uma coisa: tudo estava acabado ali. Podiam

trancar a porta do celeiro, louvado seja Deus, mas o cavalo havia sido roubado.

— Vão trancar para sempre — disse Perlmutter. — O Jefferson Tract se transformou no quinquagésimo primeiro estado. E é um estado policial.

— Ainda capta Owen?

— Sim — Perlmutter respondeu, distraidamente. — Mas não por muito tempo. Ele também está melhorando. Perdendo a telepatia.

— Onde ele está, recruta?

— Acabaram de passar a Saída 25. Devem estar com uma vantagem de uns 25 quilômetros. Não muito mais.

— Quer que eu acelere um pouquinho? — Freddy perguntou.

Tinham perdido a oportunidade de interceptar Owen por causa da porcaria do semirreboque. A última coisa no mundo que Kurtz queria era perder outra oportunidade saindo da estrada numa derrapagem.

— De jeito nenhum — Kurtz respondeu. — Por enquanto, acho que vamos relaxar e deixá-los rodar. — Cruzou os braços e olhou para o mundo branco feito lençol que passava lá fora. Parara de nevar, porém, e, à medida que continuassem rumo ao sul, as condições da autoestrada sem dúvida melhorariam.

Foram 24 horas cheias de acontecimentos. Ele explodira uma espaçonave alienígena, fora traído pelo homem que considerava seu sucessor natural, sobrevivera a um motim e a uma revolta civil e, para completar, fora dispensado do comando por um alegre soldado que jamais ouvira uma arma disparada com raiva. Os olhos de Kurtz se fecharam. Após alguns instantes, ele cochilou.

18

Jonesy ficou sentado à escrivaninha por algum tempo, mal-humorado, às vezes fitando o telefone que deixara de funcionar, às vezes fitando o apanhador de sonhos que pendia do teto (agitava-se um pouco numa corrente de ar que ele mal sentia), às vezes fitando as novas persianas de aço com as quais o puto do Cinza lhe bloqueara a visão. E sempre aquele ronco abafado, soando nos ouvidos e esfriando-lhe o traseiro ao se sentar na cadeira. Poderia ser uma fornalha barulhenta que precisasse de manutenção, mas não era. Era o limpa-neve, avançando fatigado para o sul, para o sul, para o sul. O Sr. Cinza ao volante, provavelmente usando um boné do DPW roubado da vítima mais recente, forcejando o limpa-neve, manobrando a direção com os músculos de Jonesy, escutando os desdobramentos na faixa do cidadão com os ouvidos de Jonesy.

Então, Jonesy, quanto tempo mais vai ficar sentado aqui com pena de si mesmo?

Jonesy, que afundara na cadeira — quase cochilando, na verdade —, endireitou-se ao ouvir isso. A voz de Henry. Não chegando telepaticamente — já não havia vozes, o Sr. Cinza bloqueara todas elas, menos a dele mesmo —, mas, sim, de sua própria mente. E isso o melindrou.

Não tenho pena de mim mesmo, estou bloqueado? Rejeitou o amuo, qualidade defensiva do pensamento; verbalizada, sem dúvida a frase teria sido emitida num lamúrio. Não posso me comunicar fora daqui, não posso enxergar fora daqui, não posso sair daqui. Não sei onde você está, Henry, mas estou numa porcaria de cabina de isolamento.

Ele roubou o seu cérebro?

— Cale a boca. — Jonesy friccionou a têmpora.

Ele roubou as suas recordações?

Não. Claro que não. Mesmo ali dentro, com uma porta trancada à chave com duas voltas entre ele e os bilhões de caixas rotuladas, lembrava-se de ter removido um muco seco da ponta da trança da Bonnie Deal na primeira série (e de ter convidado a mesma Bonnie para dançar no baile do fim da sétima série seis anos mais tarde), de observar atentamente enquanto Lamar Clarendon lhes ensinava a jogar um jogo (conhecido como cribbage pelos comuns e não iniciados), de ver Rick McCarthy saindo da floresta e pensar que era um cervo. Lembrava-se de todas essas coisas. Poderia haver uma vantagem nisso, mas Jonesy não fazia ideia de qual era. Talvez porque fosse grandioso demais, óbvio demais.

Ficar aprisionado assim, depois de todos os romances de mistério que li, zombou dele a versão de Henry produzida por sua mente. Sem falar naqueles filmes todos de ficção científica em que os alienígenas chegam, todos, de O dia em que a terra parou até O ataque dos tomates assassinos. Todos aqueles filmes e você ainda não consegue entender esse sujeito? Não consegue seguir a fumaça dele subindo no céu e ver onde ele está acampado?

Jonesy friccionou a têmpora com mais força. Não se tratava de percepção extrassensorial; era sua própria mente, e por que não conseguia calá-la? Fora apanhado numa porra de armadilha, então que diferença faria? Era um motor sem transmissão, uma carroça sem cavalo; era o cérebro do Donovan, conservado vivo num tanque de fluido nebuloso e sonhando sonhos inúteis.

O que ele quer? Comece a partir daqui.

Jonesy olhou para o apanhador de sonhos no alto, dançando na vaga corrente de ar quente. Sentiu o ronco do limpa-neve, forte o bastante para vibrar os quadros na parede. Tina Jean Schlossinger, esse era o nome dela, e deveria haver, hipoteticamente, um retrato dela ali, uma fotografia em que ela levanta a saia para a gente poder ver a bocetinha, e quantos adolescentes não teriam sido apanhados por esse sonho?

Jonesy se pôs de pé — quase num salto — e começou a andar de um lado para outro no escritório, mancando apenas um pouco. A tempestade passara, seu quadril agora doía menos.

Pense como Hercule Poirot, disse para si mesmo. Use um pouco a massa cinzenta. Não se preocupe com suas recordações, por enquanto, pense no Sr. Cinza. Pense com lógica. O que ele quer?

Jonesy parou. O que Cinza queria era extremamente óbvio. Fora até o Standpipe — onde o Standpipe estivera, pelo menos — porque queria água. Não qualquer água; água potável. Mas o Standpipe não existia mais, destruído na grande tempestade de 1985 — ah, ah, Sr. Cinza, enfim te peguei —, e o atual reservatório de água de Derry ficava no norte e no leste, provavelmente inalcançável devido à tempestade, e não concentrado num único lugar, de qualquer modo. Por isso o Sr. Cinza voltara, depois de consultar o conhecimento armazenado de Jonesy disponível, para o sul mais uma vez. Rumo a...

De súbito, tudo ficou claro. Suas pernas fraquejaram e ele caiu no chão acarpetado, ignorando a combustão da dor no quadril.

O cão. Lad. O cão ainda estava com ele?

— Claro que sim — Jonesy murmurou. — Claro que o filho da puta manteve o cão, posso sentir o cheiro mesmo daqui. Peidando como McCarthy.

Este mundo é hostil ao byrus, e os habitantes deste mundo lutavam com um surpreendente vigor que emanava dos poços profundos da emoção. Má sorte. Mas agora o último guri cinzento a sobreviver desfrutava uma cadeia inquebrantável de boa sorte; ele era como um aloucado jogador de dados de Las Vegas rolando uma sequência de setes: quatro, seis, oito, ah, droga, uma dúzia seguida. Encontrara Jonesy, seu Typhoid Mary, invadira-o e o conquistara. Encontrara Pete, que o conduzira até onde ele desejava ir após a lanterna — a kim — se extinguir. Depois, Andy Janas, o rapaz de Minnesotta. Ele transportava as carcaças de dois cervos mortos pelo Ripley. Os cervos eram inúteis para o Sr. Cinza... mas Janas transportava também o corpo em decomposição de um alienígena.

Corpos frutificantes, pensou Jonesy ao acaso. Corpos frutificantes, de onde é isso?

Não importava. Porque o próximo sete do Sr. Cinza fora o Dodge Ram, o velho Sr. EU □ MEU BORDER COLLIE. O que fez o Sr. Cinza? Alimentou o cão com pedaços do cadáver do guri cinzento? Esfregou o nariz do cão no cadáver e o forçou a inalar aquele corpo frutífero? Não, comer era o mais provável; vamos, meu cãozinho, hora de jantar. Qualquer que tenha sido o processo que produzira as fuinhas, começara nos intestinos, não nos pulmões. Jonesy experimentara uma momentânea imagem de McCarthy perdido na floresta. Beaver perguntara: O que andou comendo, afinal? Cocô de marmota? E o que McCarthy respondera? Mato, musgo e umas outras coisas, não sei bem o quê... eu estava com tanta fome, sabe...

Decerto. Fome. Perdido, com medo e com fome. Sem notar as nódoas vermelhas de byrus nas folhas de alguns arbustos, as pequenas manchas vermelhas no musgo verde com que encheu a boca, sentindo náusea porque em algum lugar, em sua domesticada vida de ah, puxa e ah, céus, lera que podia comer musgo quando se perdesse na floresta, que

musgo não faria mal. Seria possível que todos os que engoliram um pouco de byrus (grãos dele, quase pequeninos demais para serem vistos, flutuando no ar) incubaram um dos monstrinhos malignos que dilacerara McCarthy e depois matara o Beav? Provavelmente não, não mais do que uma mulher que faz sexo sem camisinha engravida. Mas McCarthy foi apanhado... e também o cão Lad.

— Ele sabe a respeito da cabana — disse Jonesy.

Claro. A cabana de Ware, a cerca de 100 quilômetros a oeste de Boston. E conhecia a história da mulher russa, todo mundo conhecia; Jonesy a contara para ele. Era demais de medonha para não contá-la. Conheciam-na em Ware, em New Salem, em Cooleyville e Belchertown, Hardwick, Packardsville e Pelham. Todas as cidades circundantes. E o que, diga-me, essas cidades circundavam?

Ora, o Quabbin, era isso o que circundavam. O reservatório de Quabbin. O abastecimento de água de Boston e da área metropolitana adjacente. Quantas pessoas tomavam diariamente a água de Quabbin? Dois milhões? Três? Jonesy não sabia ao certo, mas muito mais do que o número de pessoas que tomavam da água armazenada no Standpipe de Derry. O Sr. Cinza, rolando sete após sete, uma corrida de eras e agora faltando apenas uma para romper a barragem.

Dois ou 3 milhões de pessoas. O Sr. Cinza queria apresentá-las ao Lad, o border collie e ao novo amigo de Lad.

E, transmitido através desse novo meio, o byrus vingaria.

Capítulo Vinte

A Caça Termina

1

Sul, sul, sul.

Quando o Sr. Cinza passou pela saída de Gardner, a primeira depois de Augusta, a camada de neve no chão estava bem menor, a autoestrada derrapante, porém de novo com duas pistas. Chegara a hora de trocar o limpa-neve por algo menos evidente, em parte porque já não precisava dele, mas em parte também porque os braços de Jonesy doíam com o esforço incomum de controlar o veículo demasiado grande. O Sr. Cinza não se preocupava muito com o corpo de Jonesy (ou dizia isso para si mesmo; na verdade, era difícil não sentir ao menos alguma afeição por algo capaz de proporcionar prazeres inesperados como "bacon" e "assassínio"), mas teria de conduzi-lo ao longo de mais ou menos outros 300 quilômetros. Desconfiava que Jonesy não estava numa forma física muito boa para um homem de meia-idade. Isso se devia, em parte, ao acidente que ele sofrera, mas tinha também a ver com seu emprego. Era um "acadêmico". Como resultado, ignorara bastante os aspectos mais físicos da vida, o que deixava o Sr. Cinza estupefato. Aquelas criaturas eram 60 por cento emoção, 30 por cento sensação, dez por cento pensamento (e 10 por cento, refletiu o Sr. Cinza, eram provavelmente um exagero). Ignorar o corpo como Jonesy o fizera parecia, para o Sr. Cinza, propositado e estúpido. Mas, claro, não era problema seu. Tampouco de Jonesy. Não mais. Agora Jonesy era, aparentemente, o que sempre desejara ser: nada a não ser mente. A julgar por sua reação, na realidade não se importou muito com esse estado, depois de consegui-lo.

No piso do limpa-neve, onde estava deitado, sobre um monte de pontas de cigarro, copos de café de papelão e bolas de papel de embrulho de sanduíche, o cão gemia de dor. O corpo de Lad estava grotescamente intumescido, o torso do tamanho de um barril de água. Logo soltaria gases e o centro do corpo tornaria a desinchar. O Sr. Cinza estabelecera contato com o byrus que se desenvolvia no interior do cão e, por conseguinte, regularia a gestação.

O cão seria sua versão do que seu hospedeiro chamou de "mulher russa". Assim que o cão concebesse, sua tarefa estaria terminada.

Penetrou mentalmente em Jonesy, tateando os outros. Henry e o amigo Owen estavam ausentes, como uma emissora de rádio que interrompe a transmissão, e isso era inquietante. Mais no fundo (passavam

pelas saídas de Newport, a uns 100 quilômetros ao norte da atual posição do Sr. Cinza), havia um trio com um contato bastante nítido: "Pearly." Esse Pearly, assim como o cão, incubava um byrus, e o Sr. Cinza o captou com clareza. Captara também um outro desse grupo — "Freddy" —, mas agora "Freddy" estava ausente. O byrus dentro dele morrera; quem o disse foi "Pearly".

Ali havia uma das placas verdes da autoestrada: POSTO DE PARADA. Ali havia um Burger King, que, de acordo com a identificação nos arquivos de Jonesy, era tanto um "restaurante" quanto uma "lanchonete". Havia bacon ali, e o estômago roncou só de ele pensar nisso. Sim, seria difícil abandonar o corpo, por vários motivos. Proporcionava prazeres, sem dúvida alguma proporcionava prazeres. No entanto, não havia tempo para bacon; era hora de trocar de veículo. E, ao fazê-lo, teria de ser razoavelmente discreto.

A saída para o posto de parada se dividia em duas, com um caminho para VEÍCULOS DE PASSAGEIROS e outro para CAMINHÕES E ÔNIBUS. O Sr. Cinza conduziu o enorme limpa-neve laranja para dentro do estacionamento reservado para caminhões (os músculos de Jonesy tremiam ao girar com esforço a enorme roda da direção) e ficou satisfeito em ver outros quatro limpa-neves, praticamente idênticos ao dele, estacionados juntos. Introduziu o veículo num espaço no fim da fileira e desligou o motor.

Tateou Jonesy. Jonesy estava lá, agachado em sua desconcertante zona de segurança.

— O que está planejando, parceiro? — o Sr. Cinza murmurou.

Nenhuma resposta... mas sentiu que Jonesy escutava.

— O que está fazendo?

De novo, nenhuma resposta. E, de fato, o que poderia ele estar fazendo? Trancado e cego. Contudo, cabia-lhe não se esquecer de Jonesy... Jonesy, com sua sugestão de algum modo estimulante de que o Sr. Cinza desistisse do imperativo — a necessidade de semear — e simplesmente desfrutasse a vida na Terra. De quando em quando, ocorria um pensamento ao Sr. Cinza, uma carta empurrada por baixo da porta do refúgio de Jonesy. Esse tipo de pensamento, de acordo com os arquivos de Jonesy, era um "slogan". Slogans eram simples e objetivos. O mais recente dizia: BACON É SÓ O COMEÇO. O Sr. Cinza estava certo de que isso era verdadeiro. Mesmo no quarto do hospital (que quarto de hospital? que hospital? quem é Marcy? quem quer uma dose?), entendeu que a vida ali era muito gostosa. O imperativo, porém, era profundo e inquebrantável: semearia aquele mundo e depois morreria. E, se tivesse que comer um pouquinho de bacon ao longo do processo, ora, tanto melhor.

— Quem era Richie? Era um Tiger? Por que o matou?

Nenhuma resposta. Mas Jonesy escutava. Atentamente. O Sr. Cinza detestava o fato de ele estar lá dentro. Era (a símile proveio do armazém de Jonesy) como ter uma espinhazinha de peixe entalada na garganta. Não grande o bastante para engasgar, mas grande o bastante para "interceptar".

— Você me aporrinha, Jonesy. — Agora calçando as luvas, as que pertenceram ao dono do Dodge Ram. O dono do Lad.

Dessa vez houve uma resposta. O sentimento é mútuo, parceiro. Então por que não vai para algum lugar onde gostam de você? Por que não faz as malas e põe o pé na estrada?

— Não posso fazer isso — retrucou o Sr. Cinza. Esticou uma das mãos para Lad, que alegre farejou na luva o cheiro do dono. O Sr. Cinza lhe enviou um pensamento de "fique quieto", depois desceu do limpa-neve e começou a caminhar em direção ao restaurante. Atrás deveria ficar o "estacionamento dos empregados".

Henry e o outro sujeito estão na sua cola, seu bundão. Farejando a extremidade do seu cano de escape. Portanto, relaxe. Fique o tempo que quiser aqui. Faça um pedido triplo de bacon.

— Não conseguem me captar — retrucou o Sr. Cinza, a respiração se enovelando diante dele (a sensação do ar frio na boca, na garganta e nos pulmões era única, revigorante, mesmo o cheiro de gasolina e diesel era maravilhoso). — Se não consigo captá-los, não conseguem me captar.

Jonesy riu — de fato, riu. Fez o Sr. Cinza se deter ao lado da lixeira Dumpster.

As regras mudaram, meu amigo. Pararam para buscar Duddits, e Duddits vê a linha.

— Não sei o que isso significa.

Claro que sabe, seu bundão.

— Pare de me chamar assim! — retrucou bruscamente o Sr. Cinza.

Se parar de insultar a minha inteligência, talvez eu pare.

O Sr. Cinza começou a caminhar novamente, e, sim, ali, na virada da esquina, havia um grupo de carros, muitos deles velhos e amassados.

Duddits vê a linha.

Sabia muito bem o que isso significava; o sujeito chamado Pete possuía a mesma coisa, o mesmo talento, embora, provavelmente, não com tanta força quanto aquele outro intrigante, o tal de Duddits.

O Sr. Cinza não gostou da ideia de deixar pegadas que "Duddits" pudesse ver, mas sabia de algo que Jonesy não sabia. "Pearly" acreditava que Henry, Owen e Duddits se encontravam a apenas uns 26 quilômetros ao sul da posição do próprio Pearly. Se de fato fosse esse o caso, Henry e Owen se encontravam a uns 74 quilômetros atrás, em algum lugar entre Pittsfield e Waterville. O Sr. Cinza não achava que isso poderia ser qualificado propriamente como "farejar a extremidade do cano de escape".

Contudo, não seria bom se demorar ali.

A porta dos fundos do restaurante se abriu. Um rapaz com um uniforme que os arquivos de Jonesy identificaram como "roupa branca de cozinheiro" saiu carregando dois enormes sacos de lixo, sem dúvida rumo às lixeiras. O rapaz se chamava John, mas os amigos o chamavam de "Butch". O Sr. Cinza achou que seria divertido matá-lo, mas "Butch" parecia bem mais forte do que Jonesy, sem falar que provavelmente mais jovem e mais ágil. Afora isso, matar produzia efeitos colaterais incômodos, o pior

deles a rapidez com que inutilizava um carro roubado.

Ei, Butch.

Butch se deteve, olhando para ele ressabiado.

Qual é o seu carro?

Na verdade, não era dele, mas da mãe, o que era bom. O calhambeque de Butch ficara em casa, vítima de uma bateria pifada. Usava o veículo da mãe, um Subaru de tração nas quatro rodas. O Sr. Cinza, Jonesy diria, acabara de rolar outro sete do dado.

Butch entregou as chaves de boa vontade. Ainda parecia ressabiado ("de olhos esbugalhados e rabo entre as pernas", como disse Jonesy, embora o jovem cozinheiro não tivesse rabo que o Sr. Cinza enxergasse), mas a consciência se evaporara. "Pronto para ir andando", Jonesy pensou.

Não vai se lembrar disso, o Sr. Cinza falou.

— Não — Butch concordou.

Volte ao trabalho.

— É isso aí — concordou Butch. Pegou os sacos de lixo e andou em direção às lixeiras novamente. Quando seu turno terminasse e ele se desse conta de que o carro da mãe sumira, tudo isso também estaria terminado.

O Sr. Cinza destrancou o Subaru vermelho e entrou. Havia meio saco de batatas fritas no banco. O Sr. Cinza as devorou enquanto dirigia de volta para o limpa-neve. Ao cabo, lambeu os dedos de Jonesy. Gordurosos. Deliciosos. Como o bacon. Pegou o cão. Cinco minutos depois, estava de volta na autoestrada.

Sul, sul, sul.

2

A noite ruge com música, risos e vozes estridentes; o ar se impregna do cheiro de salsichas grelhadas, chocolate, amendoim torrado; o céu viceja com fogos coloridos. Unindo tudo isso, identificando-o, assinando-o como um autógrafo do próprio verão, uma canção de rock-and-roll amplificada pelos alto-falantes instalados no Strawford Park:

Hey pretty baby take a ride with me,
We're goin down to Alabama on the C&C.

E aí vem o caubói mais alto do mundo, um Pecos Bill de quase 3 metros de altura sob o céu ardente, sobranceando a multidão, criancinhas de boca lambuzada de sorvete e entreaberta de espanto, os olhos arregalados; pais sorridentes as erguem nos braços ou as colocam nos ombros para enxergarem melhor. Numa das mãos, Pecos Bill brande o

chapéu; na outra, uma bandeira que diz: DIA DE DERRY, 1981.

We're gonna walk the tracks, stay up all night,
If we get a little bored, then we'll have a little fight.

— Omo ão oês? — Duddits pergunta. Segura numa das mãos um algodão-doce azul, mas esqueceu dele; enquanto observa o caubói de pernas de pau passar sob o céu que arde com fogos de artifício, os olhos tão arregalados quanto os de um menininho de 3 anos de idade. Parados de um lado de Duddits estão Pete e Jonesy; do outro lado, Henry e o Beav. Atrás do caubói vem um séquito de virgens vestais (decerto algumas delas ainda são virgens, mesmo no ano da graça de 1981) de camisa de caubói enfeitada de lantejoulas e botas brancas de caubói, lançando no ar os bastões que conquistaram o Oeste.

— Duds, não sei como é que ele pode ser tão alto — diz Pete, rindo. Arranca um punhado de algodão-doce na mão de Duddits e o enfia na boca aberta do Duddits basbaque. — Só pode ser mágica.

Todos riem do jeito com que Duddits mastiga sem tirar os olhos de cima do caubói de pernas de pau. Duds é agora mais alto do que eles todos, até mais alto do que Henry. Mas não passa de um menino e os faz sentirem-se felizes. Mágica é o que ele é; só encontrará Josie Rinkenhauer no ano seguinte, mas eles sabem — é uma puta mágica. Foi assustador enfrentar Richie Grenadeau e os chapas dele, mas mesmo assim aquele foi o dia mais afortunado da vida deles — todos acham isso.

Don't say no, baby, come with me
We're gonna take a little ride on the C&C.

— Ei, Tex! — Beaver grita, agitando seu próprio chapéu (um boné de beisebol do Derry Tigers) para o caubói alto. — Ô grandão, beije o meu pipi-papão! Quer dizer, sente nele e rebole!

E todos morrem de rir disso (é uma recordação para a vida inteira, sim, a noite em que Beaver se enfileirou com o caubói de pernas de pau no Desfile do Dia de Derry debaixo daquele céu de pólvora ardente), todos menos Duddits, que fita com a expressão imóvel de maravilhamento, e Owen Underhill (Owen!, Henry pensa, como veio parar aqui, companheiro?), que parece preocupado.

Owen o sacode, Owen mais uma vez lhe diz para acordar, Henry, acorde, acorde,

pelo amor de Deus!

Foi o pavor na voz de Owen que por fim arrancou Henry do sonho. Por um momento ainda sentiu o cheiro de amendoim e do algodão-doce de Duddits. Depois o mundo retornou: o céu branco, as pistas da autoestrada cobertas de neve, uma placa verde dizendo AUGUSTA SEGUNDA SAÍDA. Também Owen, que o sacudia, e, atrás deles, um som, rouco e desesperado. Duddits tossindo.

— Acorda, Henry, ele está sangrando! Quer me fazer a porra do favor de acor...

— Estou acordado, estou acordado.

Desafivelou o cinto de segurança, girou o corpo para trás, ficou de joelhos no banco. Os músculos sobrecarregados das coxas guincharam num protesto, mas Henry não lhes deu atenção.

Era melhor do que esperava. Pelo pânico na voz de Owen, esperara uma hemorragia, mas apenas um fio de sangue escorria de uma narina e um visível borrifo de sangue saía da boca de Duddits quando ele tossia. Owen provavelmente achara que o coitado do velho Duds cuspia sangue dos pulmões, quando, na verdade, ferira a garganta com o esforço de tossir. Não que isso não fosse potencialmente grave. Na condição cada vez mais frágil de Duddits, qualquer coisa era potencialmente grave; um casual vírus de gripe poderia matá-lo. Desde o momento em que o viu, Henry sabia que Duddits se aproximava da reta final.

— Duds! — chamou, afobado. Algo diferente. Algo diferente nele, Henry. O quê? Não havia tempo para pensar nisso. — Duddits, respire pelo nariz! Pelo nariz, Duds! Assim!

Henry demonstrou, respirando fundo pelas narinas inflamadas... e, ao expirar, curtos fios brancos foram expelidos das narinas. Como felpas de painas de camarás-bravos, ou sementes soltas de dentes-de-leão. Byrus, Henry pensou. Germinava no meu nariz, mas agora está morto. Eu o estou expulsando, literalmente respiração após respiração. E então entendeu a diferença: a comichão cessara, na perna, na boca e na região púbica. No céu da boca ainda sentia o sabor de tapete velho, mas não comichão.

Duddits começou a imitá-lo, respirando fundo pelo nariz, e logo a tosse foi passando. Henry pegou o saco de papel, encontrou um frasco de remédio para tosse não alcoólico e inócuo, e com ele encheu a tampa do frasco.

— Isto vai ajudar — disse Henry. Seguro nos pensamentos e nas palavras; com Duddits, o modo de falar era apenas um elemento.

Duddits tomou o Robitussin, fez uma careta, depois sorriu para Henry. A tosse parou, mas o sangue ainda escorria de uma narina... e, Henry notou, também do canto de um olho. Nada bom. Bom também não era a extrema palidez de Duddits, bem mais evidente agora do que na casa em Derry. O frio... a noite não dormida... toda a excitação inconveniente a um inválido... nada bom. Estava ficando doente, e, para um paciente em estágio TERMINAL, mesmo uma infecção nasal poderia ser fatídica.

— Ele está bem? — perguntou Owen.

— Duds? Duds é de ferro. Não é, Duddits?

— Eu ero — Duddits concordou e flexionou um braço terrivelmente magro. Seu rosto, chupado e cansado, mas ainda esboçando um sorriso, fez Henry sentir vontade de urrar. A vida era injusta; sabia disso havia muito tempo. Mas aquilo ia além do injusto. Aquilo era monstruoso.

— Vamos ver o que ela colocou aqui para gente comportada beber. — Henry pegou a lancheira.

— Oooby-Doo — disse Duddits. Sorria, mas a voz saía fraca e cansada.

— É, temos um trabalho para fazer agora — Henry concordou e abriu a garrafa térmica. Deu-lhe a pílula matinal de Prednisone, embora ainda não fossem oito horas, e depois lhe perguntou se queria também um Percocet. Duddits refletiu, depois ergueu dois dedos. O coração de Henry se partiu. — Está mal, não é? — perguntou, passando para Duddits dois comprimidos de Percocet por cima do banco entre eles. Nem precisava de uma resposta, gente como Duddits não pedia comprimidos adicionais para ficar num estado de euforia.

Duddits fez um movimento de gangorra com a mão — comme ci, comme ça. Henry se lembrou perfeitamente do gesto, esse movimento de gangorra pertencia a Pete, assim como mastigar lápis e palitos pertencia a Beaver.

Roberta enchera a garrafa térmica de leite com chocolate, a bebida predileta de Duddits. Henry o serviu numa caneca, segurou-a por um momento, enquanto o Humvee derrapava num trecho de estrada liso, depois a passou. Duddits tomou os comprimidos.

— Onde dói, Duddits?

— Aqui. — A mão na garganta. — E aqui. — A mão no peito. Hesitando, corando um pouco, levou a mão à virilha. — Aqui amém.

Uma infecção no trato urinário, Henry pensou. Mas que bom.

— Imido eiora?

Henry fez que sim com a cabeça.

— Os comprimidos melhoram. É só esperar fazerem efeito. Ainda estamos na linha, Duddits?

Duddits fez um enfático movimento afirmativo de cabeça e apontou para o para-brisa. Henry perguntou a si mesmo (não pela primeira vez) o que ele teria acabado de ver. Numa ocasião, perguntou para Pete, que lhe contou que era algo parecido com um fio, em geral fraco e difícil de ver. É melhor quando é amarelo, Pete dissera. Amarelo é sempre mais fácil de captar. Não sei por quê. E se Pete via um fio amarelo, talvez Duddits visse algo assim como uma larga faixa amarela, talvez até mesmo o caminho de tijolos amarelos de Dorothy.

— Se a linha mudar de caminho, diga para a gente, está bem?

— Igo.

— Não vai dormir não, vai?

Duddits fez que não com a cabeça. De fato, nunca estivera tão vivo e desperto, os olhos brilhando no rosto fatigado. Ocorreu a Henry que

lâmpadas elétricas às vezes brilham misteriosamente antes de se apagarem para sempre.

— Se começar a sentir sono, diga, porque aí a gente estaciona. Arranjamos um café para você tomar. Precisamos de você acordado.

— Á.

Quando Henry começou a se endireitar, movendo o corpo dolorido com a máxima cautela possível, Duddits disse outra coisa.

— Enor Ina er eicon.

— Quer, agora? — disse Henry, pensativo.

— O quê? — perguntou Owen. — Essa eu não entendi.

— Ele disse que o Sr. Cinza quer bacon.

— Isso é importante?

— Não sei. Há um rádio comum nesta tranqueira, Owen? Eu gostaria de ouvir algum noticiário.

O rádio se achava na parte inferior do painel de instrumentos e parecia ter sido recém-instalado. Não era parte do equipamento original. Owen estendeu o braço para ligá-lo, mas, em vez disso, freou o veículo quando um sedã Pontiac — tração de duas rodas, sem pneus especiais para neve — surgiu de súbito na frente. O Pontiac oscilou de um lado para outro, por fim resolveu ficar no meio da estrada um pouco mais e disparou. Em breve alcançava pelo menos 90 quilômetros por hora, na estimativa de Henry, e se distanciava. Owen franziu a testa.

— O motorista é você, o passageiro sou eu — disse Henry —, mas se aquele sujeito é capaz disso, sem pneus especiais, por que nós não somos? Seria uma boa ideia ganhar algum terreno.

— O Humvee é melhor na lama do que na neve. Acredite em mim.

— Mesmo assim...

— Depois, vamos ultrapassar aquele sujeito daqui a uns dez minutos. Aposto uma dose dupla de um bom uísque. Vai passar por cima da barreira e despencar no barranco ou rodopiar no meio da estrada. Se tiver sorte, com o lado direito para cima. Ademais, e é só um detalhe técnico, somos fugitivos, fugindo de uma autoridade devidamente constituída, e não salvaremos o mundo se nos meterem numa cadeia qualquer... meu Deus!

Um Ford Explorer — tração nas quatro rodas, mas movimentando-se numa velocidade alta demais para as condições — passou rugindo por eles, levantando uma nuvem de neve. O bagageiro estava sobrecarregado e coberto com uma lona azul. Como esta se achava quase solta, a se bater ao vento, Henry pôde ver o que ela cobria: bagagem. Imaginou que boa parte dela em breve estaria espalhada na estrada.

Tendo cuidado de Duddits, Henry examinou a autoestrada com atenção. O que viu não o surpreendeu de fato. Embora as pistas do norte estivessem quase desertas, as do sul iam se enchendo com rapidez... e, sim, carros vinham de toda parte.

Owen ligou o rádio enquanto um Mercedes passava acelerado por eles, espirrando leques de neve derretida suja. Pressionou o botão PROCURAR, localizou música clássica, tornou a pressionar o botão,

localizou Kenny G clarinetando, pressionou uma terceira vez... e topou com uma voz.

— ... um puta charuto de maconha — disse a voz, e Henry trocou um olhar com Owen.

— Ee aou uta no ádio — observou Duddits do banco traseiro.

— Pois é — disse Henry, e, quando o dono da voz soprou audivelmente ao microfone: — E eu diria que está fumando um charutão também.

— Duvido que a Comissão Federal das Comunicações seja favorável — disse o disc-jóquei após uma longa e ruidosa exalação —, mas, se a metade do que ando ouvindo for verdadeira, então a Comissão é a última coisa com que vou me preocupar. Peste interestelar grassando, meus irmãos e minhas irmãs, essa é a notícia. Chamem isso de Ponto Quente, Ponto Morto ou Além da Imaginação, desistam de ir para o norte.

Uma outra inalação, demorada e ruidosa.

— Os marcianos estão em marcha, irmãos e irmãs, é o que se fala nos municípios de Somerset e Castle. Peste, raios mortais, os vivos vão invejar os mortos. Tenho aqui um anúncio do Century Tires pra tocar, mas que se foda. — Som de algo se quebrando. De plástico, a julgar pelo som. Henry escutava, fascinado. Ali estavam uma vez mais, ali estavam as trevas, suas velhas amigas, não na cabeça, mas na porcaria do rádio. — Irmãos e irmãs, se estiverem no norte de Augusta neste exato momento, aqui vai uma dica do seu companheiro, o Solitário Dave, na WWVE: desviem para o sul. Tipo já. E aqui vai uma musiquinha de desvio.

O Solitário Dave da WWVE rodou The Doors, claro. Jim Morrison zunindo "The End". Owen mudou para a faixa AM.

Enfim localizou um noticiário. O repórter não parecia arrasado, o que significava um avanço, e disse não haver motivo para pânico, o que significava um outro avanço. Depois reproduziu trechos dos discursos do presidente e do governador do Maine, ambos falando, basicamente, a mesma coisa: calma, minha gente, relaxe. Tudo sob controle. Bastante confortante, Robitussin para a política do corpo. O presidente faria um discurso completo para o povo norte-americano às 11 horas.

— Vai ser o discurso que o Kurtz mencionou para mim — disse Owen. — Só que antecipado mais ou menos um dia.

— Que discurso é...

— Psiu! — Owen apontou para o rádio.

Depois de tranquilizar, o repórter tornou a inquietar os ouvintes ao repetir os inúmeros boatos que o disc-jóquei baratinado da FM colocara no ar, só que numa linguagem mais polida: peste, invasores extraterrestres não humanos, raios mortais. Em seguida, a previsão do tempo: nevasca, acompanhada de chuva e ventania, em consequência de uma frente quente (sem falar nos marcianos assassinos) que se aproximava. Houve um som de bip e começou de novo o noticiário que acabara de ser transmitido.

— Óie! — exclamou Duddits. — Ees aaram or ós, emam? — O dedo apontava para além da janela suja. O dedo que apontava, assim como a voz

de Duddits, tremia. Ele tiritava, os dentes batendo.

Owen lançou um breve olhar para o Pontiac — que de fato fora parar sobre a faixa no meio da estrada coberta de neve, entre as pistas norte e sul, e, embora não tivesse capotado, emborcara de lado, os desconsolados passageiros em volta dele — e tornou a olhar para Duddits. Mais pálido ainda do que antes, tremendo, um chumaço de algodão manchado de sangue projetando-se de uma narina.

— Henry, ele está bem?

— Não sei.

— Me mostre a língua.

— Não acha melhor ficar de olho na...

— Está tudo bem comigo, portanto maneire. Me mostre a língua.

Henry acatou. Owen a examinou e fez uma careta.

— Parece que piorou, mas é provável que tenha melhorado. A porcaria toda ficou branca.

— A mesma coisa com o corte na minha perna. A mesma coisa com o seu rosto e as sobrancelhas. Tivemos sorte de não pegar nos pulmões, no cérebro ou nos intestinos. — Silenciou. — O Perlmutter pegou nos intestinos. Está gerando uma daquelas coisas.

— Estão muito atrás, Henry?

— Eu diria que uns 30 quilômetros. Talvez um pouco menos. Então, se puder correr mais... mesmo que só um pouco...

Owen correu, sabendo que Kurtz o faria, assim que se deu conta de que agora participava de um êxodo geral e de que era menos provável que se tornasse alvo da polícia civil ou militar.

— Você ainda está em contato com Pearly — disse Owen. — Apesar de o byrus estar morrendo, ainda está ligado. Ele está... — Apontou o polegar para o banco traseiro, onde Duddits se achava recostado. O tremor diminuíra, ao menos naquele momento.

— Sem dúvida — disse Henry. — Eu o peguei de Duddits antes de tudo isso ter começado. Jonesy, Pete e Beaver também. A gente nem percebeu. Fazia parte da vida da gente. — Sem dúvida, exatamente. Como todos aqueles pensamentos sobre sacolas de plástico, pontes e armas de fogo. Apenas parte da minha vida. — Agora está mais forte. Talvez, com o tempo, volte ao normal, mas por enquanto... — Encolheu os ombros. — Por enquanto, escuto vozes.

— De Pearly.

— Por exemplo — concordou Henry. — Dos outros em quem o byrus está no estágio ativo também. Principalmente atrás de nós.

— Jonesy? O seu amigo Jonesy? E o Sr. Cinza?

Henry balançou a cabeça.

— Mas Pearly ouve alguma coisa.

— Pearly...? Como ele pode...?

— Ele agora tem um alcance mental maior do que o meu, por causa do byrus...

— Do quê?

— A coisa dentro do rabo dele — disse Henry. — A fuinha de merda.

— Ah. — Owen sentiu uma náusea momentânea.

— O que ele ouve não parece ser humano. Não acho que seja o Sr. Cinza, mas bem que poderia ser. Seja o que for, ele o está captando.

Ficaram em silêncio por um momento. O trânsito estava moderadamente intenso, alguns motoristas desvairados (passaram pelo Explorer ao sul de Augusta, caído no barranco e, pelo jeito, abandonado, a bagagem espalhada em redor), mas Owen se considerava um sujeito de sorte. Supunha que a tempestade havia desestimulado muita gente a pegar a estrada. Muita gente resolveria fugir agora, porque a tempestade amainou, mas ele e Owen se achavam à frente da grande leva. De certa maneira, a tempestade atuara em favor deles.

— Quero que saiba de uma coisa — disse Owen por fim.

— Não precisa falar. Está sentado bem do meu lado... de curto alcance... e eu ainda estou captando os seus pensamentos.

Owen estava pensando que encostaria o carro na margem da estrada e desceria, se estivesse convencido de que a perseguição terminaria assim que Kurtz pusesse as mãos nele. Owen não estava, na verdade, convencido disso. Owen Underhill era o objetivo principal de Kurtz, mas este acreditava que Owen não teria cometido um ato de traição tão monstruoso sem coação. Não, meteria uma bala na cabeça de Owen e seguiria em frente. Com Owen, Henry ao menos tinha uma oportunidade. Sem ele, muito provavelmente estaria condenado. E Duddits também.

— Ficaremos juntos — disse Henry. — Amigos até o fim, como se diz.

E do banco traseiro:

— Emos um aio a aer aora.

— Isso mesmo, Duds — Henry estendeu o braço para trás e deu um breve aperto na mão fria de Duddits. — Temos um trabalho para fazer agora.

4

Dez minutos depois, Duddits estava completamente reanimado, apontando para eles o primeiro posto de parada abaixo de Augusta. De fato, estavam próximos de Lewiston agora.

— Eni! Eni! — gritou e começou a tossir de novo.

— Calma, Duddits — disse Henry.

— Provavelmente pararam para tomar um café e comer uma torta de frutas — disse Owen. — Ou mesmo um sanduíche de bacon.

Mas Duddits indicou os fundos, o estacionamento dos empregados. Lá pararam e Duddits desceu. Ficou imóvel, murmurando por alguns segundos, com o aspecto frágil sob o céu nublado e como se açoitado por

todas as lufadas do vento.

— Henry — disse Owen —, não sei qual é a ideia fixa de Kurtz, mas se ele estiver mesmo perto...

Mas então Duddits fez um movimento de cabeça, entrou no Humvee e apontou para a placa de saída. Parecia ainda mais cansado, mas também parecia satisfeito.

— O que, em nome de Deus, isso significa? — perguntou Owen, desorientado.

— Acho que ele trocou de veículo — disse Henry. — Foi o que ele fez, Duddits? Trocou de veículo?

Duddits assentiu com a cabeça, enfaticamente.

— Ouou! Ouou! um arro!

— Está indo mais depressa agora — disse Henry. — Owen, você tem que acelerar. Deixe Kurtz para lá... temos que pegar o Sr. Cinza.

Owen lançou um olhar para Henry... depois tornou a encará-lo.

— O que há de errado? Você ficou pálido.

— Fui um idiota... eu deveria ter percebido desde o começo qual é o objetivo desse puto. A minha única desculpa é a exaustão e o medo, e nada disso terá importância se... Owen, você tem que alcançá-lo. Está indo para o oeste de Massachusetts, e você tem que alcançá-lo antes que chegue lá.

Agora rodavam na neve derretida e o percurso era complicado, mas bem menos perigoso. Owen puxou o Humvee até quase 110 por hora, o máximo a que se atrevia no momento.

— Vou tentar — disse. — Mas a menos que ele sofra um acidente ou tenha uma avaria... — Owen balançou a cabeça de um lado para outro, devagar. — Acho que não vai dar, companheiro. Realmente acho que não.

5

Era um sonho que tinha com frequência quando menino (quando seu nome era Coonts), mas apenas uma ou duas vezes desde as poluções e as transpirações da adolescência. No sonho, ele atravessava correndo um campo sob uma lua cheia do equinócio do outono, com medo de olhar para trás, porque o perseguia, a coisa. Corria o mais depressa que podia, mas, claro, não o bastante, nos sonhos o melhor empenho nunca basta. Depois a coisa chegou tão perto que ele pôde ouvir a respiração seca, sentir o peculiar cheiro seco.

Aproximou-se da margem de um vasto lago tranquilo, embora jamais tivesse visto um lago na cidade seca e triste do Kansas de sua infância, e, embora fosse muito bonito (a lua ardia nas profundezas do lago feito lâmpada), aterrorizou-o, porque lhe barrava o caminho e ele não sabia nadar.

Caiu de joelhos na margem do lago — nesse sentido o sonho era

exatamente igual aos sonhos da infância —, mas, em lugar do reflexo da coisa na água imóvel, o terrível homem-espantalho, com cabeça de estopa empalhada e mãos gorduchas de luva azul, dessa vez viu Owen Underhill, o rosto cheio de manchas. Ao luar, o byrus se assemelhava a enormes tumores pretos, esponjosos e amorfos.

Quando menino, sempre acordava nesse momento (em geral, de pau duro, apesar de que o motivo pelo qual um sonho tão ruim provocava uma ereção só Deus mesmo sabia), mas dessa vez a coisa — Owen — tocou-o de fato, os olhos refletidos na água, recriminadores. Talvez inquiridores.

Porque desobedeceu ordens, recruta! Porque ultrapassou a linha!

Ergueu uma das mãos para repelir Owen, para afastar a mão... e viu sua própria mão ao luar. Cinza.

Não, disse a si mesmo, é só o luar.

Apenas três dedos, porém — seria isso o luar?

As mãos de Owen nele, tocando-o, transmitindo a doença imunda... e ainda assim se atrevendo a chamá-lo de

6

chefão. Acorde, chefão!

Kurtz abriu os olhos e se soergueu com um grunhido, ao mesmo tempo afastando a mão de Freddy. No joelho, não no ombro, Freddy esticando a mão para trás, de onde estava sentado, ao volante, sacudindo-lhe o joelho, mas ainda assim insuportável.

— Estou acordado, estou acordado. — Ergueu as mãos em frente do rosto para prová-lo. Não róseas, bem longe disso, mas não cinzentas, e cada uma exibia os cinco dedos indispensáveis. — Que horas são, Freddy?

— Não sei, chefão... ainda é manhã, é só o que sei com certeza.

Claro. Os relógios todos fodidos. Até o relógio de bolso parara de funcionar. Vítima dos tempos modernos como qualquer um, esquecera-se de dar corda. Para Kurtz, cuja noção de tempo sempre fora no mínimo afiada, eram nove horas, o que significava que cochilara durante umas duas horas. Não muito, mas não precisava de muito. Sentia-se melhor. Bem o bastante, decerto, para perceber a preocupação na voz de Freddy.

— O que é que há, recruta?

— O Pearly falou que perdeu o contato com todos eles. Falou que o Owen foi o último, mas que agora também sumiu. Falou que o Owen está resistindo ao fungo Ripley, senhor.

Pelo retrovisor, Kurtz viu o sorriso encovado, tipo "te peguei", de Perlmutter.

— Qual é o negócio, Archie?

— Negócio nenhum — retrucou Pearly, soando razoavelmente mais lúcido do que antes do cochilo de Kurtz. — Eu... chefão, eu gostaria de

beber um gole de água. Não sinto fome, mas...

— Acho que poderíamos dar uma parada para beber água — concedeu Kurtz. — Quer dizer, se tivéssemos um contato. Mas se perdemos todos eles... o tal de Jones, o Owen e o Devlin... bem, recruta, você me conhece. Vou morder quando estiver morrendo, e mesmo então serão necessários dois cirurgiões e uma pistola para se livrarem de mim. Você vai passar um dia comprido e sedento aí sentado, enquanto Freddy e eu percorrermos as estradas rumo ao sul, à procura de um vestígio deles... a não ser que nos dê uma ajudazinha. Faça isso, Archie, e pedirei ao Freddy que saia da estrada na próxima saída. Eu mesmo, pessoalmente, vou à Stop n Go ou à Seven-Eleven comprar a maior garrafa de água natural Poland que encontrar na geladeira. Que lhe parece?

Parecia excelente, Kurtz percebeu isso só pelo jeito como Perlmutter primeiro estalou os lábios e depois correu a língua para umedecê-los (nos lábios e nas faces de Perlmutter o Ripley ainda estava ativo e denso, quase todas as manchas da cor do morango, algumas da cor do vinho Borgonha), mas o olhar manhoso retornara. Seus olhos, contornados com escamas do Ripley, dardejavam de um lado para outro. E num instante Kurtz entendeu o que estava vendo. Pearly enlouquecera, que Deus o abençoasse. Talvez só mesmo um louco para reconhecer outro.

— Eu falei a verdade para o Freddy. Perdi o contato com todos eles. — Mas Archie pousou o dedo no lado do nariz e de novo olhou dissimuladamente para o espelho.

— Nós os pegamos, e acho que aí sim haverá uma boa oportunidade de curarmos você, camarada. — Kurtz disse isso com o tom de voz seco de quem transmite uma informação. — Então, com qual deles você ainda está em contato? Jonesy? Ou é o mais recente? Duddits? — Kurtz na verdade disse "Dud-Duts".

— Ele não. Nenhum deles. — Mas o dedo ainda no lado do nariz, ainda o olhar dissimulado.

— Diga e você ganha a água — disse Kurtz. — Continue a me dar corda, soldado, e vou lhe meter uma bala e fazê-lo rolar na neve. Leia o meu pensamento e diga se não é verdade.

Pearly, amuado, olhou pelo espelho por mais um instante e disse:

— Jonesy e o Sr. Cinza continuam na autoestrada. Perto de Portland agora. Jonesy falou para o Sr. Cinza como contornar a cidade pela 295. Só que não falou exatamente. O Sr. Cinza está dentro da cabeça dele e, quando quer alguma coisa, acho que simplesmente se apossa dela.

Kurtz escutou isso com um espanto cada vez maior, o tempo todo calculando.

— Tem um cachorro — disse Pearly. — Tem um cachorro com eles. Se chama Lad. É com ele que estou em contato. Ele é... igual a mim. — Seus olhos reencontraram os de Kurtz no retrovisor, mas dessa vez sem dissimulação. No lugar dela havia uma infeliz semissanidade. — Acha que há realmente uma oportunidade de eu voltar a ser... sabe... eu mesmo?

Ciente de que Perlmutter era capaz de ler seus pensamentos, Kurtz

prosseguiu com cautela.

— Acho que há ao menos a possibilidade de você ser libertado de seu fardo. Com a ajuda de um médico que entenda a situação? Sim, penso que desse modo. Uma boa cheirada de clorofórmio e, quando acordar... puft! — Kurtz beijou as pontas dos dedos, depois se dirigiu a Freddy. — Se estão em Portland, qual é a dianteira deles?

— Talvez uns 110 quilômetros, chefão.

— Então acelere um pouco, louvado seja Deus. Não vá nos jogar no barranco, mas acelere. — Cento e dez quilômetros. E se Owen, Devlin e "Dud-Duts" sabiam o que o Archie Perlmutter sabia, ainda estavam na pista. — Quero entender uma coisa, Archie. O Sr. Cinza está dentro de Jonesy...

— Sim...

— E com eles há um cachorro que lê os pensamentos deles?

— O cachorro ouve os pensamentos deles, mas não os entende. Ele ainda é só um cachorro. Chefão, estou com sede.

Ele escuta o cachorro como se escutasse a merda de um rádio, Kurtz se encheu de espanto.

— Freddy, próxima saída. Bebida para todo mundo. — Lamentava fazer uma parada rápida, lamentava perder até mesmo uns 2 quilômetros de Owen, mas precisava de Perlmutter. Feliz, se possível.

À frente ficava o posto de parada onde o Sr. Cinza trocou o limpa-neve pelo Subaru do cozinheiro, onde Owen e Henry fizeram uma breve vistoria porque a linha desembocara lá. O estacionamento estava lotado, mas os três tinham dinheiro trocado suficiente para usar as máquinas à entrada.

Louvado seja Deus.

7

Quaisquer que fossem os bons êxitos e os fracassos da chamada "Presidência da Flórida" (grande parte do relatório sobre ela ainda está para ser escrito), haverá sempre isto: o presidente pôs um ponto final ao Pânico Espacial com o discurso daquela manhã de novembro.

Havia diferentes pontos de vista quanto ao motivo pelo qual o discurso dera resultado ("Não era liderança, era o momento propício", constatou um analista), mas dera resultado. Ávidas de informações consistentes, pessoas em fuga saíram da estrada para ver o presidente falar. Lojas de ferragem em ruas de comércio se encheram de uma multidão de pessoas silenciosas e olhos vidrados. Nos postos de abastecimento ao longo da I-95, os balcões foram fechados. Aparelhos de televisão foram posicionados ao lado de silenciosas caixas registradoras. Os bares se encheram. Em vários lugares, as pessoas franquearam suas casas para quem desejasse assistir à transmissão do discurso. Poderiam

ter ouvido pelo rádio nos carros (como Jonesy e o Sr. Cinza o fizeram) e continuado a dirigir, mas apenas uma minoria optou por essa alternativa. A grande maioria das pessoas desejou ver o rosto do líder. De acordo com os detratores do presidente, o discurso nada conseguiu a não ser interromper o ímpeto do pânico — "Porky Pig poderia ter feito um discurso naquele mesmo momento e conseguido aquele mesmo resultado", um deles opinou. Outro adotou um ponto de vista diferente. "Foi um momento essencial na crise", disse. "Havia talvez 6 mil pessoas na estrada. Se o presidente dissesse a coisa errada, teria havido 60 mil às duas horas da tarde, e talvez 600 mil quando a leva alcançasse Nova York, a maior leva de deslocados desde o Dust Bowl. O povo norte-americano, sobretudo os habitantes da Nova Inglaterra, procurou apoio no líder eleito com uma pequena margem de votos... conforto e segurança. Ele respondeu com o que deve ter sido o mais importante discurso à nação de todos os tempos. Muito simples."

Simples ou não, sociologia ou grande liderança, o discurso abordou o que Owen e Henry esperavam... e Kurtz foi capaz de prever cada palavra e fraseado. No centro, havia duas ideias simples, ambas apresentadas como fatos absolutos e ambas calculadas para aplacar o terror que naquela manhã batia no peito do norte-americano em geral satisfeito. A primeira ideia era que, embora não viessem brandindo ramos de oliveira e distribuindo presentes introdutórios, os recém-chegados não demonstraram qualquer sinal de comportamento agressivo ou hostil. A segunda era que, embora tivessem trazido consigo uma espécie de vírus, este fora contido no interior de Jefferson Tract (o presidente o mostrou numa tela verde Chroma-Key com a mesma desenvoltura com que o homem do tempo mostra um sistema de baixa pressão). E mesmo nessa região estava morrendo, sem qualquer ajuda dos cientistas e dos peritos militares que se encontravam na área.

"Embora, nesta conjuntura, não possamos ter certeza absoluta", afirmou o presidente para os espectadores sem fôlego (os que se encontravam na extremidade do corredor nordeste da Nova Inglaterra eram, talvez compreensivelmente, os que tinham menos fôlego), "acreditamos que os visitantes trouxeram consigo este vírus tal como quem volta de viagem ao exterior pode trazer algum tipo de inseto para dentro do país na bagagem ou num produto comprado. Isso é algo que os inspetores da alfândega procuram, mas, evidentemente", um grande sorriso do grande chefe da nação, "os nossos visitantes recentes não passaram pelo posto de controle da alfândega".

Sim, algumas pessoas sucumbiram ao vírus. Muitas delas, militares. A grande maioria dos que o contraíram ("crescimentos fúngicos não diferentes do pé de atleta", disse o grande chefe da nação) venceu-o sem dificuldade numa reação natural. Uma quarentena fora imposta em torno da área, mas as pessoas fora dessa região não corriam risco, repetindo, não corriam risco. "A vocês que estão no Maine e que abandonaram suas casas", disse o presidente, "sugiro que retornem. Nas palavras de Franklin

Delano Roosevelt, nada temos a temer a não ser o próprio medo”.

Nenhuma menção ao massacre dos guris cinzentos, à espaçonave bombardeada, aos caçadores detidos, ao incêndio no Gosselin ou à fuga. Nenhuma menção aos últimos Vales Imperiais da Gallagher que estavam sendo caçados como cães (eram cães, na opinião de muitos; piores do que cães). Nenhuma menção a Kurtz e nem sequer um sussurro acerca do Typhoid Jonesy. O presidente ofereceu apenas o suficiente para dominar o pânico antes que escapasse ao controle.

Muitos seguiram seu conselho e voltaram para casa.

Para alguns, evidentemente, isso era impossível.

Para alguns, a casa havia sido destruída.

8

O pequeno cortejo avançava rumo ao sul sob um céu escuro, liderado pelo enferrujado Subaru vermelho que Marie Turgeon, de Litchfield, jamais tornaria a ver. Henry, Owen e Duddits estavam 90 quilômetros, ou cerca de 50 minutos, atrás. Saindo do posto de parada Mile 81 (Pearly entornava avidamente a segunda garrafa de água Naya quando reentraram no fluxo do trânsito), Kurtz e seus homens estavam cerca de 120 quilômetros atrás de Jonesy e do Sr. Cinza, 33 quilômetros atrás da principal presa de Kurtz.

Não fosse o céu nublado, um observador num avião em voo baixo teria avistado os três ao mesmo tempo, o Subaru e os dois Humvee, às 11h43, hora oficial do Leste, quando o presidente encerrou o discurso dizendo: “Deus os abençoe, meus concidadãos, e Deus abençoe os Estados Unidos da América.”

Jonesy e o Sr. Cinza estavam atravessando a ponte de Kittery-Portsmouth e entrando em New Hampshire; Henry, Owen e Duddits estavam passando a Saída 9, que dá acesso às comunidades de Falmouth, Cumberland e Jerusalem’s Lot; Kurtz, Freddy e Perlmutter (a barriga de Perlmutter inchava novamente; recostara-se, gemendo e soltando gases nocivos, talvez uma espécie de comentário crítico acerca do discurso do grande chefe da nação) estavam perto da saída de Bowdoinham na 295, não longe do norte de Brunswick. Seria fácil distinguir os três veículos, porque inúmeras pessoas haviam deixado a estrada para ver o presidente fazer o tranquilizador discurso com a ajuda do Chroma-Key.

Recorrendo às recordações admiravelmente organizadas de Jonesy, o Sr. Cinza saiu da 95 e tomou a 495 logo após cruzar a divisa de New Hampshire-Massachusetts... e, orientado por Duddits, que via a passagem de Jonesy como uma linha amarela brilhante, o Humvee seguia atrás. Na cidade de Marlborough, o Sr. Cinza trocou a 495 pela I-90, uma das maiores rodovias Leste-Oeste dos Estados Unidos. No Bay State esta estrada é conhecida como Mass Pike. Na Saída 8, de acordo com Jonesy, sinalizava-se

Palmer, UMass, Amherst e Ware. Dez quilômetros adiante de Ware ficava o Quabbin.

Ele queria o Poço 12; Jonesy o dissera, e Jonesy não podia mentir, por mais que o desejasse. Havia um escritório do Departamento de Água de Massachusetts na Winsor Dam, na extremidade sul do Reservatório de Quabbin. Jonesy o levaria até lá, depois o Sr. Cinza faria o resto.

9

Jonesy não podia continuar mais sentado à escrivaninha — se continuasse, começaria a balbuciar. Do balbucio sem dúvida passaria à tagarelice, da tagarelice à choramingação e, assim que começasse a choramingar, provavelmente correria para os braços do Sr. Cinza, enlouquecido de todo e pronto para ser exterminado.

Onde estamos agora, de qualquer forma?, perguntou a si mesmo. Ainda em Marlborough? Saindo da 495 e pegando a 90? Parece correto.

Não que houvesse algum modo de saber ao certo, uma vez que a janela estava fechada. Jonesy olhou para a janela... e deu um sorriso largo, sem querer. Tinha de sorrir. O DESISTA SAIA FORA substituído pelo que ele agora estava pensando: RENDA-SE DOROTHY.

Eu criei isso, pensou, e aposto que conseguiria fazer a porcaria da persiana sumir, se quisesse.

E daí? O Sr. Cinza instalaria outra, ou talvez borrifasse tinta preta na vidraça. Se não queria que Jonesy olhasse para fora, Jonesy ficaria cego. O fato era que o Sr. Cinza controlava a parte exterior dele. A cabeça do Sr. Cinza explodira, liberara espórulos bem diante dos olhos de Jonesy — o Dr. Jekyll transformado no Sr. Byrus —, e Jonesy os inalara. Agora o Sr. Cinza era...

Uma caceteação, Jonesy pensou. O Sr. Cinza é a caceteação no meu cérebro.

Algo tentou contestar essa opinião, e na verdade ele possuía um pensamento divergente — Não, você entendeu tudo ao contrário, você é que saiu daqui, você é que escapou —, mas o repeliu. Isso era uma baboseira pseudointuitiva, uma alucinação cognitiva, não muito diferente da de um homem sedento que enxerga um oásis inexistente num deserto. Estava trancado ali dentro. O Sr. Cinza estava lá fora, comendo bacon e controlando o cabresto. Se Jonesy se permitisse pensar de outra maneira, seria vítima de um logro de 1º de abril em novembro.

Levantou-se e começou a andar em volta do escritório. Tinha a dimensão de 34 passos. Um passeio curto demais. No entanto, concluiu, era maior do que uma cela de cadeia; os detentos na Walpole, Danvers ou Shawshank o considerariam um palacete. No meio da sala, o apanhador de sonhos dançava e girava. Uma parte da mente de Jonesy contava os

passos; a outra perguntava a si mesma quanto faltava para chegar à Saída 8 da Mass Pike.

Trinta e um, 32, 33, 34. E ali estava ele, de novo atrás da cadeira. Hora do segundo circuito.

Chegariam a Ware muito em breve... mas não parariam lá. Ao contrário da mulher russa, o Sr. Cinza sabia exatamente aonde queria ir.

Trinta e dois, 33, 34, 35, 36. De novo atrás da cadeira e pronto para o giro seguinte.

Ele e Carla tinham tido três filhos quando completaram 30 anos de idade (o quarto nascera havia menos de um ano) e nenhum deles esperara ter um chalé de verão, nem mesmo um modesto, como o de Osborne Road, no norte de Ware, não tão cedo. Depois houve uma mudança sísmica no departamento de Jonesy. Um grande amigo assumira a presidência e Jonesy acabou se tornando professor-assistente pelo menos três anos antes de sua expectativa mais otimista. O salto salarial fora significativo.

Trinta e cinco, 36, 37, 38, e de novo atrás da cadeira. Isso era bom. Era andar dentro da cela, não mais do que isso, mas o tranquilizava.

Naquele mesmo ano, a avó de Carla falecera, e havia uma herança considerável, dividida entre Carla e a irmã, uma vez que o parente mais próximo na geração intermediária estava morto. Assim, ficaram com o chalé e, no primeiro verão, levaram os filhos para Winsor Dam. De lá fizeram uma das excursões regulares de verão. O guia, um empregado da MWA de uniforme verde-escuro, contou-lhes que a área em torno do Reservatório de Quabbin era conhecida como "selva acidental" e se transformara numa das maiores áreas de nidificação de águias de Massachusetts. (John e Misha, os filhos mais velhos, esperavam ver algumas águias, mas ficaram frustrados.) O reservatório fora formado na década de 1930 com a inundação de três comunidades dedicadas à agricultura, cada uma delas com um mercado próprio. Naquela época, as terras que circundavam o novo lago haviam sido desbastadas. Nos cerca de 60 anos seguintes, retornaram ao que a Nova Inglaterra inteira deveria ter sido antes do início das atividades agrícolas e da indústria nos meados do século XVII. Um emaranhado de estradas sulcadas e não pavimentadas subia pelo lado leste do lago — um dos mais puros reservatórios da América do Norte, informou-lhes o guia —, e isso era tudo. Quem desejasse ir além do Poço 12, na Seção Leste, precisaria de botas especiais para uma boa excursão a pé. Isso o guia lhes disse. Lorrington, ele se chamava.

Havia umas 12 pessoas nessa excursão e, àquela altura, haviam retornado ao ponto de partida. Parados na beira da estrada que atravessava Winsor Dam, com vista para o norte do reservatório (o azul luminoso de Quabbin à luz do sol, cintilando com milhões de pontos de luz, Joey dormindo profundamente no carregador Papoose nas costas de Jonesy). Lorrington estava encerrando sua palestra, prestes a lhes desejar um bom dia, quando um sujeito de suéter de malha de algodão levantou um braço feito um escolar e disse: Poço 12. Não foi lá que a mulher russa...?

Trinta e oito, 39, 40, 41, e de volta à cadeira da escrivaninha.

Contando sem de fato pensar nos números, algo que fazia o tempo todo. Carla disse que isso era sinal de uma desordem obsessivo-compulsiva. Quanto a isso, Jonesy nada sabia, mas sabia que contar o acalmava, de modo que partiu para uma nova rodada.

Lorrington contraiu a boca ao ouvir as palavras "mulher russa". Não fazia parte de seu discurso, aparentemente; não fazia parte das vibrações que o Departamento de Água desejava que os visitantes levassem consigo. Dependendo de quais canos municipais corriam ao longo dos cerca de 15 ou 20 quilômetros de seu curso, a água de torneira de Boston era a mais pura, a melhor água de torneira do mundo: essa era a mensagem que desejavam difundir.

Nada sei a respeito, senhor, respondeu Lorrington, e Jonesy pensou: Meu Deus, acho que o nosso guia acabou de contar uma lorota.

Quarenta e um, 42, 43, de novo atrás da cadeira e pronto para recomeçar. Andando um pouco mais depressa agora. As mãos cruzadas diante de si como um capitão de navio andando a passo na coberta de proa... ou andando a passo no brigue depois de um motim bem-sucedido. Achou que isso era o mais provável.

Como Jonesy fora professor de História a maior parte da vida, a curiosidade era uma segunda natureza. Tinha ido à biblioteca um dia naquela semana, tinha procurado a notícia no jornal regional e por fim a localizara. Era breve e insossa — havia no jornal notas sobre festas ao ar livre com mais detalhes e sabor —, mas o carteiro sabia mais e partilhou com prazer seu conhecimento. O velho Sr. Beckwith. Jonesy ainda se lembrava de suas palavras finais, antes de ligar o motor da perua azul-e-branca e rodar pela Osborne Road até a próxima caixa de correio rural; havia uma quantidade enorme de correspondência para entregar na extremidade sul do lago durante o verão. Jonesy caminhou de volta para o chalé, o presente inesperado do casal, pensando que não surpreendia o fato de que Lorrington não desejou falar da mulher russa.

Não constituía de modo algum boas relações públicas.

10

O nome dela era Ilena ou Elaina Timarova — parece que ninguém sabia ao certo qual era o nome. Ela surge em Ware, no início do outono de 1995, num Ford Escort com um discreto adesivo amarelo da Hertz grudado no para-brisa. Descobre-se que o carro fora roubado, e circula a história — não comprovada, mas picante — de que ela o obtivera no aeroporto de Logan, trocando sexo pelas chaves do carro. Quem sabe, poderia muito bem ter acontecido dessa maneira.

Seja como for, ela está evidentemente desorientada, não muito certa da cabeça. Fulano se lembra do machucado numa face do rosto, beltrano,

do fato de que a blusa está abotoada de um jeito errado. O inglês dela é sofrível, mas bom o bastante para levá-la aonde deseja ir: quer orientação para ir ao Reservatório de Quabbin. Anota-a (em russo) num pedaço de papel. Nessa noite, quando a estrada que atravessa Winsor Dam está fechada, o Escort é encontrado, abandonado, na área de piquenique de Goodnough Dike. Uma vez que o carro ainda permanece lá na manhã seguinte, dois funcionários do Departamento de Água (quem sabe, Lorrington talvez fosse um deles) e dois guardas-florestais começam a procurá-la.

Pouco mais de 3 quilômetros adiante de East Street, encontram os sapatos dela. Três quilômetros adiante, onde a East Street não é asfaltada (serpenteia na mata da margem leste do reservatório e na verdade não é uma estrada, mas uma versão da Deep Cut Road em Massachusetts), encontram sua blusa... ah-ah. Três quilômetros adiante da blusa abandonada, termina East Street e uma rodeira de transporte de toras — Fitzpatrick Road — leva para longe do lago. Os homens estão prestes a seguir esse caminho quando um deles vê algo róseo pendendo de um galho de árvore próximo da água. Constatam que se trata do sutiã da mulher.

O terreno aqui é úmido — não exatamente pantanoso —, e eles podem seguir as pegadas da mulher e os galhos quebrados através dos quais ela foi abrindo caminho, causando ferimentos na pele desprotegida nos quais eles preferem não pensar. No entanto, os indícios dos ferimentos estão ali, e têm de vê-los, gostem ou não — o sangue nos galhos e nas pedras faz parte de suas pegadas.

A pouco menos de 2 quilômetros, onde termina a East Street, eles deparam com uma construção de pedra sobre um afloramento. Dá vista para a Seção Leste, no Mount Pomery. Essa construção abriga o Poço 12, ao qual se chega de carro apenas pelo norte. Por que Ilena ou Elaina simplesmente não partiu do norte é um detalhe que jamais será explicado.

O aqueduto que começa no Quabbin percorre cerca de 110 quilômetros a leste até Boston, recolhendo mais água dos reservatórios de Wachusett e Sudbury no caminho (essas últimas duas fontes são menores e não muito puras). Não há bombas; o cano do aqueduto, com 4 metros de altura e 3,5 metros de largura, dispensa bombas para cumprir a função. O abastecimento de água de Boston é fornecido por uma simples alimentação de gravidade, uma técnica usada pelos egípcios há 35 séculos. Doze poços verticais se estendem entre o solo e o aqueduto. Servem de respiradouros e pontos de regulagem de pressão. Servem também como pontos de acesso, no caso de o aqueduto ficar obstruído. O Poço 12, o mais próximo do reservatório, é também conhecido como o poço de entrada. A pureza da água é testada nele, e a virtude feminina também sempre foi testada ali (o prédio de pedra não é trancado e é com frequência um lugar de parada para amantes em canoas).

No primeiro dos oito degraus da escada que leva à porta, encontram a calça de brim da mulher, caprichosamente dobrada. No último degrau está um par de calcinhas de algodão brancas. A porta está aberta. Os homens

se entreolham, mas permanecem calados. Têm uma boa ideia do que encontrarão no interior: uma mulher russa morta, aguente-se firme.

Mas não encontram. A tampa circular de ferro sobre o Poço 12 foi deslocada, apenas o suficiente para criar uma meia-lua de escuridão no lado do reservatório. Um pouco mais adiante da tampa está o pé de cabra que a mulher utilizou para mover a tampa — o pé de cabra deve ter estado encostado atrás da porta, onde há outras ferramentas. E mais adiante do pé de cabra está a bolsa da russa. Em cima da bolsa, uma carteira de notas, aberta para mostrar a carteira de identidade. Em cima da carteira de notas — o vértice da pirâmide, por assim dizer —, o passaporte. Projetando-se dele, um pedaço de papel, coberto de rabiscos que devem ser russo, cirílico, o que quer que os chamem. Os homens supõem que seja um bilhete de suicida, mas, ao ser traduzido, descobre-se que é apenas a orientação anotada pela russa. Na parte inferior do papel, está escrito: Quando a estrada terminar, caminhe ao longo da margem. E foi o que ela fez, despindo-se à medida que caminhava, indiferente aos galhos que perfuravam e aos arbustos que arranhavam.

Os homens param em volta da tampa do poço parcialmente removida, coçando a cabeça e escutando o borbulhar da água enquanto é canalizada para as torneiras, as bicas, as fontes e as mangueiras de jardim de Boston. O som é cavernoso, de algum modo úmido, e há um motivo para isso: o Poço 12 tem 38 metros de profundidade. Os homens não entendem por que ela escolheu fazê-lo desse modo, mas entendem com clareza o que fez, podem vê-la sentada no chão de pedra com os pés balançando; parece uma versão nua da garota nos rótulos White Rock. Dá uma última olhada sobre os ombros, talvez, para se certificar de que a carteira e o passaporte ainda estão onde os colocou. Quer que alguém saiba quem passou por ali, e há nisso algo terrivelmente, inquietantemente triste. Um olhar para trás e então ela escorrega no eclipse entre a tampa parcialmente deslocada e o lado do poço. Talvez tenha tapado o nariz, como uma criança deslizando no escorregador da piscina comunitária. Talvez não. De qualquer maneira, desaparece em menos de um segundo. Olá, trevas, minhas velhas amigas.

11

As últimas palavras do velho Sr. Beckwith a respeito, antes de descer a rua na perua do correio, foram: Pelo que sei, o pessoal de Boston vai bebê-la no café da manhã até o dia dos namorados. Depois deu um sorriso largo para Jonesy. Eu mesmo não tomo essa água. Prefiro a minha cerveja.

Em Massachusetts, como na Austrália, beer é pronunciado beah.

12

Jonesy tinha já caminhado dentro do escritório umas 12 ou 14 vezes. Deteve-se um instante atrás da cadeira da escrivaninha, massageando o quadril sem perceber, depois se movimentou de novo, ainda contando, o velho Jonesy obsessivo-compulsivo.

Um... dois... três...

A história da russa era decerto boa, um exemplo superior das invencionices horripilantes de cidade do interior (casas assombradas onde ocorreram assassínios múltiplos e os locais de terríveis acidentes de estrada também eram boas), e com certeza lançava uma luz clara sobre os planos do Sr. Cinza para o Lad, o desventurado cão border collie, mas de que lhe servia saber aonde estava indo o Sr. Cinza? Afinal de contas...

De volta à cadeira, 48, 49, 50, e, espere aí, espere um pouco. Na primeira vez que andara em volta do escritório, dera apenas 34 passos, não dera? Como agora poderiam ser 50? Não estava andando devagar, engatinhando, nada disso, então como...

Você o ampliou. Andando em volta e ampliando-o. Porque estava impaciente. A sala é sua, afinal. Aposto que poderia torná-la tão grande quanto o salão de baile do Waldorf-Astoria, se o desejasse... e o Sr. Cinza não o deteria.

— Isso é possível? — Jonesy murmurou. Ficou parado junto da cadeira da escrivaninha, uma das mãos nas costas, como quem posa para um retrato. Não precisava de uma resposta à pergunta; a visão bastava. A sala era maior.

Henry estava a caminho. Se Duddits estivesse com ele, seguir o Sr. Cinza seria bastante fácil, não importava quantas vezes o Sr. Cinza trocasse de veículos, porque Duddits via a linha. Ele os conduzira até Richie Grenadeau num sonho, mais tarde os conduzira até Josie Rinkenhauer na realidade, e agora orientava Henry com a mesma facilidade com que um sabujo de nariz aguçado conduz um caçador até a raposa. O problema era a dianteira, a porcaria da dianteira vantajosa do Sr. Cinza. Uma hora, pelo menos. Talvez mais. E assim que o Sr. Cinza jogasse o cão no Poço 12, o jogo estaria terminado. Haveria tempo para interromper o fornecimento de água para Boston — teoricamente —, mas conseguiria Henry convencer alguém a adotar um procedimento tão grande e inconveniente como esse? Jonesy duvidava. E o que dizer das pessoas que beberiam a água quase que imediatamente? Seiscentas e cinquenta em Ware, 11 mil em Athol, mais de 150 mil em Worcester. Essas pessoas teriam semanas, em lugar de meses. Apenas dias, em alguns casos.

Haveria alguma maneira de desacelerar a marcha do filho da puta? Dar a Henry uma oportunidade de alcançá-lo?

Jonesy olhou para o apanhador de sonhos no alto e, ao fazê-lo, algo na sala se alterou — houve um suspiro, quase, o tipo de som que fantasmas produziriam em sessões espíritas. Mas aquilo não era um

fantasma, e Jonesy sentiu alfinetadas nos braços. Ao mesmo tempo, seus olhos se encheram de lágrimas. Ocorreu-lhe uma frase de Thomas Wolfe — ah perdido, uma pedra, uma folha, uma porta não encontrada. Thomas Wolfe, cuja tese era a de que não podemos voltar para casa.

— Duddits? — sussurrou. Os pelos na nuca se eriçaram. — Duddits, é você?

Nenhuma resposta... mas, ao olhar para a escrivaninha, onde estivera o telefone inútil, viu que algo novo fora adicionado. Não uma pedra ou uma folha, não uma porta não encontrada, mas um tabuleiro de cribbage e um baralho de cartas.

Alguém queria jogar o jogo.

13

Dói bastante o tempo todo agora. Mamãe sabe, conta para a mamãe. Deus sabe, conta para Deus. Não conta para Henry, Henry dói também, Henry cansado e entristece. Beaver e Pete estão no céu onde sentam à mão direita de Deus Pai todo justo, criador do céu e da Terra para todo o sempre, em nome de Deus, ei, cara. Isso o entristece, eram bons amigos e jogavam jogos, mas jamais caçoaram. Uma vez encontraram Josie e uma vez viram um sujeito alto, ele um caubói, e uma vez jogaram o jogo.

Isto é um jogo também, só que Pete costumava dizer: Duddits, não tem importância se você ganha ou perde, mas como você joga o jogo, só que dessa vez tem importância, tem, Jonesy diz que tem, Jonesy que não ouve direito, mas logo logo vai melhorar, logo, logo. Mas se não doesse. Mesmo o Perco não ajuda. A garganta dolorida, o corpo treme e a barriga meio que machuca quando tem que fazer cocô, meio que assim, mas não tem que fazer cocô, e quando tosse às vezes sai sangue. Gostaria de dormir, mas tem Henry e o novo amigo dele, Owen, que estava lá no dia em que encontraram Josie e eles dizem: Se ao menos pudéssemos desacelerar a marcha dele e Se ao menos pudéssemos alcançá-lo, e ele tem que ficar acordado e ajudar, mas tem que fechar os olhos para ouvir Jonesy e pensam que está dormindo, Owen diz: Acho que devemos acordá-lo, e se o filho da puta tomar algum outro rumo, e Henry diz: Pois digo que sei aonde ele está indo, mas vamos acordá-lo na I-90 só para garantir. Por enquanto, deixe-o dormir, puxa vida, ele parece tão cansado. E de novo, mas desta vez pensando: Se ao menos pudéssemos desacelerar a marcha do filho da puta.

Olhos fechados. Braços cruzados sobre o peito dolorido. Respirando devagar, a mamãe diz respire devagar quando tossir. Jonesy não está morto, não no céu com Beaver e Pete, mas o Sr. Cinza diz que Jonesy trancado e Jonesy acredita nele. Jonesy está no escritório, nenhum telefone, nenhum fato, difícil falar, porque o Sr. Cinza é malvado e o Sr. Cinza está

com medo. O Jonesy amedrontado vai descobrir quem está realmente trancado.

Quando é que conversavam mais?

Quando jogavam o jogo.

O jogo.

Um tremor o abala. Tem que se esforçar para pensar e dói, sente que está lhe roubando a energia, o pouco de energia que lhe resta, mas dessa vez é mais do que um jogo, dessa vez tem importância quem ganha e quem perde, por isso dá a energia, cria o tabuleiro e cria as cartas, Jonesy chora, Jonesy pensa ah, perdido, mas Duddits Cavell não está perdido, Duddits vê a linha, a linha segue até o escritório, e dessa vez ele fará mais do que marcar com os pinos.

Não chore, Jonesy, diz, e as palavras são claras, em sua mente sempre são, só a boca idiota as amassa. Não chore, eu não estou perdido.

Olhos fechados. Braços cruzados.

No escritório de Jonesy, sob o apanhador de sonhos, Duddits joga o jogo.

14

– Captei o cão — diz Henry. Soou exaurido. — O que carrega o mesmo hospedeiro de Perlmutter. Captei. Estamos um pouco mais perto. Deus do céu, se houvesse um jeito de diminuir a marcha deles!

Chovia agora e Owen esperava que estivessem ao sul da zona de congelamento, se à chuva se juntasse a neve. O vento soprava com violência suficiente para balançar o Humvee na estrada. Era meio-dia, e se achavam entre Saco e Biddeford. Owen espiou pelo retrovisor e viu Duddits no banco traseiro, os olhos fechados, a cabeça apoiada, os braços magros cruzados sobre o peito. Sua fisionomia estava assustadoramente amarela, mas um filete de sangue brilhante escorria de um canto da boca.

— O seu amigo pode ajudar de algum modo? — Owen perguntou.

— Acho que está tentando.

— Pensei que você havia dito que ele estava dormindo.

Henry se virou, olhou para Duddits, depois olhou para Owen.

— Eu estava errado — retrucou.

15

Jonesy carteou, lançou duas cartas no descarte de sua mão, depois pegou a outra mão e adicionou mais duas.

— Não chore, Jonesy. Não chore, não estou perdido.

Jonesy olhou para o apanhador de sonhos no alto, certo de que as palavras partiram dele.

— Não estou chorando, Duds. É a merda da alergia, só isso. Agora, eu acho que você quer jogar...

— Dois — disse a voz vinda do apanhador de sonhos.

Jonesy jogou o dois da mão de Duddits — não foi uma má jogada, na verdade —, depois jogou um sete de sua mão. Isso completava nove. Duddits tinha um seis na mão; a questão era se sim ou não...

— Seis para 15 — disse a voz vinda do apanhador de sonhos. — Quinze para dois. Pipi-papão!

Jonesy riu sem querer. Era Duddits, sim, mas por um momento falou como o Beav.

— Vai, então, marque o pino. — E observou, fascinado, um dos pinos no tabuleiro erguer-se, flutuar e se introduzir no segundo buraco da primeira casa.

De súbito entendeu uma coisa.

— Você sempre soube jogar, não é mesmo, Duds? Marcava os pinos de uma forma maluca só porque isso fazia a gente rir. — A ideia lhe trouxe mais lágrimas aos olhos. Durante aqueles anos todos pensaram que estavam jogando com Duddits, quando ele jogava com eles. E, naquele dia atrás do prédio dos Irmãos Tracker, quem encontrou quem? Quem salvou quem?

— Vinte e um — ele disse.

— Trinta e um para dois. — Vindo do apanhador de sonhos. E de novo a mão invisível ergueu o pino e contou dois buracos à frente. — Ele está bloqueado para mim, Jonesy.

— Eu sei. — Jonesy jogou um três. Duddits pediu 13, e Jonesy jogou da mão de Duddits.

— Mas você não está. Pode falar com ele.

Jonesy jogou seu próprio dois e marcou dois buracos. Duddits jogou, marcou um para a última carta, e Jonesy pensou: *Vencido por um retardado... quem sabe o quê?* Acontecia que Duddits não era retardado. Exausto e moribundo, mas não retardado.

Marcaram os pontos de suas mãos e Duddits estava bem à frente, mesmo sendo aquele o descartado de Jonesy. Jonesy juntou as cartas e começou a embaralhá-las.

— O que ele quer, Jonesy? O que ele quer além da água?

Assassínio, Jonesy pensou. *Gosta de matar gente. Mas basta. Por favor, Deus, basta.*

— Bacon — disse. — Gosta de bacon.

Começou a embaralhar... depois se imobilizou enquanto Duddits lhe ocupava a mente. O Duddits real, jovem e forte, pronto para lutar.

16

A suas costas, no banco traseiro, Duddits gemeu alto. Henry se virou e viu sangue, vermelho como byrus, escorrer de uma de suas narinas. O rosto estava contorcido numa terrível paralisia de concentração. Sob as pálpebras fechadas, os globos oculares giravam velozes de um lado para outro.

— O que há com ele? — perguntou Owen.

— Não sei.

Duddits começou a tossir: ruídos bronquiais profundos e trêmulos. Borrifos de sangue expelidos por entre os lábios.

— Acorde-o, Henry! Pelo amor de Deus, acorde-o!

Henry lançou um olhar assustado para Owen. Estavam se aproximando de Kennebunkport, a não mais de 33 quilômetros da divisa de New Hampshire, a 180 do Reservatório de Quabbin. Jonesy tinha uma fotografia do Quabbin na parede do escritório; Henry a vira. E um chalé por perto, em Ware.

Duddits berrou: uma única palavra repetida três vezes entre acessos de tosse. Os borrifos de sangue não eram densos, ainda não, a substância vinha da boca e da garganta, mas se seus pulmões começassem a se romper...

— Acorde-o! Ele diz que está doendo! Não escuta...

— Não diz que está doendo.

— O que, então? O quê?

— Diz bacon.

17

A entidade que pensava ser o Sr. Cinza — que pensava ser o Sr. Cinza humano — estava com um sério problema, mas ao menos ele sabia disso.

Um homem prevenido vale por dois, Jonesy formulou. Havia centenas de ditados como esse nas caixas de armazenamento de Jonesy, talvez milhares. Alguns deles o Sr. Cinza julgou totalmente incompreensíveis — Mais vale um pássaro na mão do que dois voando era um deles, O que vai em volta vem de volta era outro —, mas um homem prevenido vale por dois era bom.

O problema podia ser resumido no que sentia em relação a Jonesy... e, claro, o fato de sentir já era em si bastante ruim. Podia pensar: Agora que Jonesy está isolado, resolvi o meu problema; eu o coloquei de quarentena assim como os militares tentaram nos colocar de quarentena. Estou sendo seguido — caçado, na verdade —, mas, exceto se o motor enguiçar ou o pneu furar, nenhum grupo de perseguidores tem qualquer possibilidade de me alcançar. Eu estou muito à frente.

Esses eram fatos — verdadeiros —, mas sem sabor. O que tinha sabor era a ideia de ir até a porta atrás da qual seu relutante hóspede estava preso e aos berros: "Fiz a sua caveira, não foi? Fiz a sua caveirinha vermelha, não foi?" O que a caveira, vermelha ou não, tinha a ver com aquilo o Sr. Cinza não sabia, mas era um projetil emocional de um calibre razoavelmente alto que partia do arsenal de Jonesy — tinha uma ressonância infantil profunda e satisfatória. E então esticaria a língua de Jonesy (minha língua agora, pensou o Sr. Cinza com uma inegável satisfação) entre os lábios de Jonesy e lhe "passaria um sabão".

Quanto aos perseguidores, desejava abaixar as calças de Jonesy e lhes mostrar a bunda de Jonesy. Isso era tão disparatado quanto O que vai em volta vem de volta, tão disparatado quanto caveirinha vermelha, mas desejava fazê-lo. Isso se chamava "bundear", e desejava fazê-lo.

Estava, o Sr. Cinza se deu conta, infectado com o byrus deste mundo. Começava com a emoção, evoluía para a consciência sensorial (o paladar para a comida, o inegável prazer selvagem de fazer o soldado estadual bater a cabeça contra a parede ladrilhada do banheiro — o som abafado produzido, tom-tom), e depois evoluía para o que Jonesy chamava de pensamento superior. Isso era uma piada, na opinião do Sr. Cinza, não muito diferente de chamar bosta de alimento reprocessado ou genocídio de limpeza étnica. E no entanto pensar possuía lá seus atrativos para um ser que sempre existira como parte de uma mente vegetativa, uma espécie de não consciência altamente inteligente.

Antes de o Sr. Cinza trancá-lo, Jonesy sugerira que ele abandonasse sua missão e simplesmente desfrutasse ser humano. Agora ele descobria esse desejo em si mesmo, uma vez que sua mente antes harmoniosa, sua mente não consciente, começou a se fragmentar, a se transformar numa multidão de vozes oponentes, umas querendo A, outras querendo B, algumas querendo Q ao quadrado dividido por Z. Teria julgado esse tagarelar horrendo, a matéria-prima da loucura. Em lugar disso, porém, viu-se desfrutando a altercação.

Havia o bacon. Havia "sexo com Carla", que a mente de Jonesy identificava como um ato superlativamente desfrutável, envolvendo uma energia tanto sensorial quanto emocional. Havia dirigir velozmente, sinuca no bar O'Leary's perto do Fenway Park, cerveja, grupos de música ao vivo que tocavam alto e Patty Loveless cantando "Culpa sua me tapear com mentiras de malandra duplicidade não é mais que destratar um coração apaixonado" (o que quer que isso significasse). Havia a vista da paisagem surgindo da névoa numa madrugada de verão. E assassínio, claro. Tinha isso.

O problema era que, se não concluísse sua missão o mais rápido possível, talvez jamais a concluísse. Já não era byrus, mas o Sr. Cinza. Quanto tempo faltava para abandonar o Sr. Cinza e se transformar em Jonesy?

Não vai acontecer, pensou. Pressionou o acelerador e, embora não fosse potente, o Subaru rendeu um pouco mais. No banco traseiro o cão

ganiu... depois uivou de dor. O Sr. Cinza enviou sua mente e tocou o byrus que se desenvolvia no cão. Crescia com rapidez. Quase rápido demais. E havia algo mais — não havia prazer em contatar a mente do byrus, nada do calor que provém de quando um igual encontra um igual. A mente do byrus parecia fria... repugnante...

— Alienígena — murmurou.

No entanto, acalmou-o. Quando o cão fosse colocado no reservatório, o byrus ainda estaria dentro dele. Necessitaria de tempo para se adaptar. O cão se afogaria, mas o byrus viveria um pouco mais, nutrindo-se do cadáver do cão, até o momento propício. Mas antes ele tinha de chegar lá.

Não demoraria muito agora.

Enquanto seguia para oeste na I-90, passando por cidadezinhas (borrifos de bosta, Jonesy as considerava, mas não sem carinho), como Westborough, Grafton e Dorothy Pond (chegando mais perto agora, faltando talvez uns 65 quilômetros), procurava um lugar para colocar a nova e inquieta consciência que não lhe trouxesse complicações. Tentou os filhos de Jonesy, mas retrocedeu — emocionais demais. Tentou Duddits de novo, mas ainda estava em branco; Jonesy roubara as recordações. Por fim se decidiu pelo trabalho de Jonesy, que era ensinar História, e por sua especialidade, que era terrivelmente fascinante. Entre 1860 e 1865, parecia, os Estados Unidos da América dividiram-se em dois, assim como as colônias de byrus o faziam ao se aproximarem do fim de cada ciclo de crescimento. As causas foram diversas, sendo que a principal delas se relacionava à "escravidão", mas, de novo, isso era igual a chamar bosta ou vômito de alimento reprocessado. "Escravidão" nada significava. "Direito de secessão" nada significava. "Preservar a união" nada significava. Basicamente, fizeram o que aquelas criaturas mais sabiam fazer: "endoidaram", o que na realidade era o mesmo que "enlouquecer", mas socialmente mais aceitável. Ah, mas numa escala tão grande!

O Sr. Cinza estava inspecionando caixas e caixas de armamentos fascinantes — metralhas de canhão, palanquetas, balas Minié, balas de canhão, baionetas, minas — quando uma voz o interrompeu.

bacon

Afastou o pensamento, embora o estômago de Jonesy roncasse. Gostaria de comer bacon, sim, bacon era carnoso, gorduroso, escorregadio e satisfatório de uma maneira física, primitiva, mas não era o momento. Talvez depois que se livrasse do cão. Então, se tivesse tempo antes que os outros o alcançassem, comeria até morrer, se o desejasse. Mas não era o momento. Ao passar a Saída 10 — faltavam apenas duas agora —, voltou os pensamentos para a Guerra Civil, para os homens azuis e os homens cinzentos que corriam em meio à fumaça, gritando e espetando-se na barriga, fazendo várias caveirinhas vermelhas, metendo a coronha dos rifles nos crânios dos inimigos, produzindo aqueles inebriantes ruídos de tom-tom, e...

bacon

O estômago tornou a roncar. A saliva se acumulou na boca de

Jonesy e ele se lembrou do Dysart's, das tiras marrons e crocantes no prato azul, era pegá-las com os dedos, a textura tão rija, a textura da carne morta e saborosa...

Não posso pensar nisso.

Uma buzina soou de uma forma irritante, fazendo o Sr. Cinza se sobressaltar, fazendo Lad ganir. Ele tinha entrado numa pista errada, o que a mente de Jonesy identificava como "pista de passagem", e ele desviou o veículo para a margem para deixar os caminhões enormes, indo mais velozes do que o Subaru seria capaz de ir, passar zunindo. Borrifaram o para-brisa do pequeno carro com água barrenta, cegando-o por um instante, e o Sr. Cinza pensou: Te pego te mato te esmago o cérebro seu barbeiro, tom-tom, faço a tua caveira vermelha

sanduíche de bacon

Esse foi como um tiro em sua cabeça. Resistiu, mas a força dele era inteiramente nova. Poderia ser Jonesy? Decerto que não, Jonesy não era tão forte assim. De repente, porém, ele parecia ser todo estômago, e o estômago estava vazio, doía, suplicava. Sem dúvida poderia parar o tempo suficiente para aplacá-lo. Senão, estava inclinado a sair da

sanduíche de bacon!
com maiô!

O Sr. Cinza emitiu um grito inarticulado, sem notar que começara a babar desesperadamente.

18

— Eu o ouço — disse Henry de repente. Pôs os punhos cerrados na têmpora, como se para conter uma dor de cabeça. — Deus, como dói. Está tão faminto.

— Quem? — perguntou Owen. Tinham acabado de atravessar a divisa para dentro de Massachusetts. Na frente do carro, a chuva caía em linhas prateadas que o vento inclinava. — O cão? Jonesy? Quem?

— Ele — Henry respondeu. — O Sr. Cinza. — Olhou para Owen, uma súbita esperança impetuosa nos olhos. — Acho que está encostando o carro. Acho que está parando.

19

— Chefão.

Kurtz estava prestes a cochilar novamente quando Perlmutter se voltou — não sem esforço — e falou com ele. Tinham acabado de passar pelo pedágio de New Hampshire, Freddy Johnson tomando o cuidado de usar a pista com a máquina para dinheiro trocado (receava que o guarda do pedágio pudesse notar o fedor na cabina do Humvee, a janela quebrada atrás, as armas... ou os três).

Kurtz olhou o rosto abatido e suado de Archie Perlmutter com interesse. Com fascínio até. O pálido burocrata minucioso, o da pasta no posto e da prancheta no campo, o cabelo sempre caprichadamente penteado e repartido reto no lado esquerdo? O homem para quem era humanamente impossível aprender a dizer senhor? Esse homem já não existia. Pensamento inconsistente este, ele pensou que a fisionomia de Pearly havia de algum modo ganhado cor. Está se transformando em Ma Joad, Kurtz pensou, e quase deu uma risadinha.

— Chefão, eu ainda estou com sede. — Pearly fitou a Pepsi de Kurtz com um olhar de desejo, em seguida soltou um outro peido abominável. Ma Joad ao trompete no inferno, pensou Kurtz, e dessa vez deu uma risadinha. Freddy xingou, mas não com a revolta chocada anterior; agora parecia conformado, quase enfastiado.

— Lamento, mas esta é minha, recruta. — disse Kurtz. — E eu mesmo estou um bocado seco.

Perlmutter começou a falar, depois semicerrou os olhos ao sentir nova pontada de dor. Peidou de novo, o som mais agudo dessa vez, não um trompete, mas uma criança sem talento soprando um flautim. Os olhos se estreitaram, tornaram-se astutos.

— Me dê uma bebida e eu lhe conto uma coisa que quer saber. — Uma pausa. — Uma coisa que precisa saber.

Kurtz ponderou. A chuva socou a lateral do carro e entrou pela janela aberta. A porra da janela era um pé no saco, louvado seja Deus, o braço do casaco estava todo ensopado, mas ele teria de suportar. Quem era o responsável, afinal de contas?

— Você é — retrucou Pearly, e Kurtz se sobressaltou. Aquela coisa de ler pensamentos era arrepiante demais. A gente pensa que está se acostumando a ela e aí percebe que não, negativo, não está não. — Você é o responsável. Então me dá a merda de uma bebida. Chefão.

— Veja lá como fala, figurão — Freddy resmungou.

— Conte-me o que sabe e poderá beber o resto disso aqui. — Kurtz ergueu a garrafa de Pepsi, agitando-a em frente do olhar torturado de Pearly. Ao fazer isso, não lhe faltou um humorado ódio a si mesmo. No passado comandara unidades inteiras e as utilizara para transformar panoramas geopolíticos inteiros. Agora seu comando se reduzira a dois homens e um refrigerante. Rebaixara-se. O orgulho o rebaixara, louvado seja Deus. Tivera o orgulho de Satã, e, se era culpa sua, era difícil abrir mão dele. O orgulho era o cinto que podia usar para segurar a calça mesmo quando calça já não havia.

— Promete? — A língua recoberta de fungo de Pearly se projetou e lambeu os lábios ressequidos.

— Se estou mentindo, estou me matando — disse Kurtz com solenidade. — Que merda, recruta, leia o meu pensamento.

Pearly o examinou por um momento e Kurtz quase sentiu os dedinhos horripilantes do homem (camadas da substância vermelha germinando agora embaixo de cada unha) em sua cabeça. Uma sensação medonha, mas a suportou.

Por fim, Perlmutter pareceu satisfeito. Assentiu com a cabeça.

— Estou captando mais agora — disse e abaixou a voz num horrorizado sussurro confidencial. — Está me devorando, sabe. Está devorando meus intestinos. Eu sinto.

Kurtz lhe deu um tapinha no braço. Naquele exato instante estavam passando por uma placa que dizia: BEM-VINDO A MASSACHUSETTS.

— Vou cuidar de você, recruta; prometi, não foi? Enquanto isso, conte-me o que está captando.

— O Sr. Cinza está parando. Está com fome.

Kurtz deixara a mão no braço de Perlmutter. Apertou-lhe o braço, transformando as unhas dos dedos em garras.

— Onde?

— Perto do lugar aonde está indo. Há um mercado. — Com uma voz infantil, cantada, que fez a pele de Kurtz se arrepiar, Archie Perlmutter disse: — "A melhor isca, quem pisca? A melhor isca, quem pisca?" — Depois, retomando um tom mais normal: — Jonesy sabe que Henry, Owen e Duddits estão vindo. Por isso fez o Sr. Cinza parar.

A ideia de Owen capturando Jonesy/Sr. Cinza encheu Kurtz de pânico.

— Archie, escute-me com atenção.

— Estou com sede — Perlmutter choramingou. — Estou com sede, seu filho da puta.

Kurtz ergueu a garrafa de Pepsi diante dos olhos de Perlmutter, depois afastou com um tapa a mão de Pearly quando este a estendeu.

— Henry, Owen e Dud-Duts sabem que Jonesy e o Sr. Cinza pararam?

— Dud-dits, seu imbecil! — Perlmutter rosnou, depois gemeu de dor e agarrou o estômago, que estava inchando de novo. — Dits, dits, Dud-dits! Sim, sabem! Duddits ajudou a fazer o Sr. Cinza sentir fome! Ele e Jonesy fizeram isso juntos!

— Não gosto disso — Freddy falou.

Eu também não, pensou Kurtz.

— Por favor, chefão — disse Pearly. — Tenho muita sede.

Kurtz lhe deu a garrafa, observou-o com olhos invejosos enquanto Perlmutter a entornava.

— Chefão, 495 — Freddy anunciou. — O que eu faço?

— Pegue — disse Perlmutter. — Depois a 90, para oeste. — Arrotou. Com estridência, mas felizmente sem cheiro. — Ele quer outra Pepsi. Gosta do açúcar. Da cafeína também.

Kurtz ponderou. Owen sabia que sua presa havia parado, ao menos temporariamente. Agora Owen e Henry correriam, tentando ganhar o máximo possível com aquele atraso de 90 a 100 minutos. Por conseguinte, teriam de correr também.

Qualquer policial que se metesse no caminho teria de morrer, Deus os abençoasse. De um modo ou de outro, aquilo estava chegando a um ponto crítico.

— Freddy.

— Chefão.

— Pise fundo. Faça este puto voar, Deus o ama. Faça este puto voar.

Freddy Johnson acatou a ordem.

20

Nenhum celeiro, nenhum curral, nenhum cercado, e, em lugar de PAUSA PARA A CERVEJA, o aviso na janela mostrava uma fotografia do Reservatório de Quabbin no alto de uma legenda: A MELHOR ISCA, QUEM PISCA?, mas, afora isso, o pequeno armazém seria uma réplica do Gosselin: o mesmo tapume de tábuas velhas, o mesmo telhado de madeira cor de barro, a mesma chaminé torta cuspindo fumaça no céu chuvoso, a mesma bomba de gasolina enferrujada na frente. Outro aviso encostado na bomba, este com os dizeres: SEM GASOLINA POR CAUSA DOS CABEÇUDOS.

Naquele início de tarde de novembro, o armazém estava vazio, a não ser pelo proprietário, um senhor chamado Deke McCaskell. Assim como quase todo mundo, ele passara a manhã grudado na frente da tevê. Toda a cobertura (repetição da repetição, em grande parte, e, com aquela área de North Woods isolada, nenhuma imagem boa do que quer que fosse, só a maquinaria do Exército, da Marinha e da Força Aérea) culminara no discurso do presidente. Deke chamava o presidente de Sr. Okeefenokee, por causa do jeito confuso com que ele fora eleito — mas então ninguém sabia contar a merda dos votos? Embora não tivesse exercido seu próprio direito de votar desde o Gipper (este sim fora um presidente), Deke detestava o presidente Okeefenokee, achava que era um filho da mãe dentuço, pegajoso e indigno de confiança (com uma mulher bonita, porém), e que o discurso das 11 horas não passara do habitual blablablá. Deke não acreditara numa só palavra do velho Okeefenokee. A seu ver, a coisa toda era, provavelmente, um trote, tática de alarme calculada para tornar o contribuinte norte-americano mais inclinado a aceitar o aumento da despesa com a defesa e, por conseguinte, pagar mais imposto. Não havia ninguém no espaço sideral, a ciência o provara. Os únicos alienígenas nos Estados Unidos da América (quer dizer, afora o próprio presidente Okeefenokee) eram os sujeitos que atravessavam a fronteira vindos do México. As pessoas, entretanto,

estavam assustadas, sentadas em casa e assistindo à tevê. Algumas delas apareceriam mais tarde para comprar garrafas de cerveja ou vinho, mas por enquanto o lugar estava tão morto quanto um gato atropelado na rodovia.

Fazia meia hora que Deke desligara o aparelho de televisão — chega, chega, pelo amor de Deus — e, quando soou o sino acima da porta à 1h15 da tarde, estava examinando uma revista da prateleira nos fundos do armazém, onde um aviso decretava: MAIOR DE IDADE OU NADA. Essa publicação tinha o nome de Lasses in Glasses, um nome apropriado, uma vez que todas as garotas nela usavam óculos. Nada além de óculos, sí.

Afastou o olhar da revista, olhou para o recém-chegado e pensou em dizer algo parecido com "Como vai", ou "A estrada ainda está escorregadia", mas nada disse. Sentiu uma onda de inquietação, seguida de uma súbita certeza de que seria roubado... e, se roubo fosse tudo, teria sorte. Jamais fora roubado, não nos 12 anos como proprietário do armazém — quem quisesse se arriscar a ir para a cadeia por causa de uns trocados, havia lugares na área onde trocados mais vultosos poderiam ser obtidos. O assaltante teria que ser...

Deke engoliu a frase. O assaltante teria que ser louco, estava pensando, e talvez aquele fosse, talvez fosse um maníaco que tinha acabado de matar a família inteira e depois resolvera dar uma voltinha, matar mais uma meia dúzia antes de apontar o revólver para si mesmo.

Deke não era paranoico por natureza (era lerdo por natureza, a ex-mulher diria), mas isso não alterava o fato de que de repente se sentia ameaçado pelo primeiro freguês da tarde. Não se preocupava muito com os sujeitos que às vezes apareciam e passavam o tempo no armazém, falando dos Patriots ou dos Red Sox, ou contando histórias sobre os peixões que pegaram no reservatório, mas desejou que alguns deles aparecessem agora. Um monte deles, na verdade.

O homem, no início, apenas ficou parado perto da porta, e, sim, era um bocado estranho. Usava uma parca de caçador cor de laranja e a temporada de caça de cervos ainda não havia começado em Massachusetts, mas isso poderia não significar nada. Deke não gostou mesmo foi dos arranhões no rosto do homem, como se ele tivesse passado pelo menos os últimos dois dias atravessando florestas, e da própria fisionomia, assombrada, remota. A boca se movimentava, como se ele falasse consigo mesmo. Havia ainda uma outra coisa. A luz cinzenta da tarde, que incidia obliquamente através da janela empoeirada da frente, reluzia de uma forma estranha nos lábios e no queixo dele.

O filho da puta está babando, Deke pensou. Aposto que está.

A cabeça do recém-chegado virava de um lado para outro em rápidos e breves tiques, enquanto o corpo permanecia perfeitamente imóvel, lembrando a Deke o jeito como uma coruja permanece perfeitamente imóvel no galho enquanto espreita a presa. Deke pensou, num breve instante, em escorregar fora da cadeira e se esconder atrás do balcão, mas, antes que fizesse mais do que começar a refletir sobre os prós e os

contras de tal decisão (não era um pensador particularmente rápido, a ex-mulher também teria dito), a cabeça do sujeito fez mais um dos movimentos velozes e se voltou direto para ele.

O lado racional da mente de Deke alimentou a esperança (não era propriamente uma ideia clara) de que estava imaginando aquilo, apenas sujeitando-se às fantasias resultantes de todas aquelas notícias esquisitas e rumores ainda mais esquisitos, cada uma delas devidamente relatada na imprensa, que vinham do norte do Maine. Talvez o sujeito apenas quisesse cigarros, um pacote de seis latas de cerveja ou, talvez, uma garrafa de conhaque e um livro fácil, alguma coisa que o ajudasse a passar uma longa noite de chuva e neve num motel distante de Ware ou Belchertown.

Essa esperança morreu quando os olhos do homem encontraram os seus.

Não era o olhar de um maníaco matador de família num passeio privado para parte alguma; teria sido melhor se fosse esse o caso. Os olhos do recém-chegado, longe de vazios, estavam plenos demais. Parecia que milhões de pensamentos e ideias passavam por eles, como uma fita de teleimpressor correndo numa supervelocidade. Era como se estivessem prestes a saltar das órbitas.

E eram os olhos mais famintos que Deke McCaskell vira em toda a sua vida.

— Estamos fechados — disse Deke. As palavras saíram com uma rouquidão que não soava de modo algum como sua voz. — Eu e o meu sócio, ele está lá nos fundos, nós fechamos durante o dia. Por causa do que está acontecendo no norte. Eu... digo, nós... nos esquecemos de pendurar o aviso. Nós...

E continuaria assim por horas — dias, até —, mas o homem de parca de caçador o interrompeu.

— Bacon — disse. — Onde está?

Deke compreendeu, repentina e absolutamente, que se não tivesse bacon o homem o mataria. Poderia matá-lo, de qualquer maneira, mas sem bacon... sim, sem dúvida. Tinha bacon. Graças a Deus, graças a Cristo, graças a Okeefenokee e a todos os cabeçudos ululantes, tinha bacon.

— Refrigerador nos fundos — disse, com sua nova e estranha voz de gralha. Sentiu a revista sob a mão fria como um bloco de gelo. Na cabeça, ouviu vozes sussurrando que não pareciam ser dele mesmo. Pensamentos vermelhos e pensamentos pretos. Pensamentos famintos.

Uma voz inumana perguntou: O que é refrigerador? Uma voz cansada, muito humana, respondeu: Siga pelo corredor, bonitão. Vai vê-lo.

Ouvindo vozes, Deke pensou. Ah, Deus, não. Isso é o que acontece com as pessoas pouco antes de baterem as botas.

O homem passou por Deke e seguiu pelo corredor central de prateleiras. Mancando acentuadamente.

Havia um telefone ao lado da caixa registradora. Deke olhou para ele, depois afastou o olhar. Estava a seu alcance, tinha o 911 no disque-rápido, mas era como se estivesse na lua. Mesmo que reunisse a energia

suficiente para estender a mão até o telefone...

Estou sabendo, disse a voz inumana, e Deke emitiu um breve gemido ofegante. Estava dentro da cabeça, como se tivessem implantado um rádio no cérebro.

Havia um espelho convexo montado acima da porta, um dispositivo conveniente sobretudo no verão, quando o armazém lotava de crianças que iam com os pais para o reservatório — o Quabbin ficava a apenas 30 quilômetros dali — para pescar, acampar ou apenas fazer um piquenique. Os sacaninhas sempre tentavam roubar coisas, principalmente balas e revistas pornô. Deke olhou para o espelho, observando com um terrível fascínio o homem de parca laranja se aproximar do refrigerador. Parou um instante, espiando dentro, depois se apoderou não só de um pacote de bacon, mas dos quatro disponíveis.

O homem retornou pelo corredor central com o bacon, mancando e vistoriando as prateleiras. Parecia perigoso, parecia faminto e parecia também terrivelmente exausto — como um corredor de maratona chegando ao último quilômetro. Olhar para ele deu a Deke a mesma sensação de vertigem que sentia ao olhar para baixo do alto de um lugar muito elevado. Era como olhar não para uma pessoa, mas para várias, sobrepostas e entrando e saindo de foco. Deke pensou rapidamente num filme a que assistira, uma maluca comédia vulgar com cerca de uma centena de personalidades.

O homem se deteve e pegou um pote de maionese. Na ponta do corredor, deteve-se de novo e agarrou um pacote de pão de fôrma. Depois retornou ao balcão. Deke quase pôde sentir o cheiro de exaustão exalando dos poros. E a loucura.

Depositou os artigos e disse:

— Sanduíches de bacon com maiô, no pão branco. São os melhores. — E sorriu. Era um sorriso de uma sinceridade tão exausta e pungente que Deke se esqueceu do medo por um momento.

Sem pensar, estendeu a mão.

— O senhor está b...

A mão de Deke parou como se tivesse colidido com uma parede. Tremeu por um momento sobre o balcão, depois voou no ar e esbofeteou seu próprio rosto — plaft! Afastou-se devagar e parou, flutuando como um hovercraft. O terceiro e o quarto dedos se dobraram devagar sobre a palma.

Não o mate!

Saia e me impeça!

Se me fizer tentar sair, poderá ter uma surpresa.

Essas vozes estavam em sua cabeça.

A mão-hovercraft flutuou para a frente e os primeiros dois dedos afundaram nas narinas, plugando-as. Por um momento, ficaram imóveis, e depois, ah, Deus!, começaram a cavar. E, embora Deke McCaskell tivesse vários costumes duvidosos, roer unha não era um deles. Primeiro os dedos resistiram um pouco a se aprofundarem — bastante apertado —, mas

depois, quando o sangue lubrificante começou a fluir, tornaram-se decididamente folgazões. Contorciam-se como vermes. As unhas sujas cavavam como caninos. Forçaram o caminho mais para cima, escavando na direção do cérebro... ele sentia cartilagem sendo rasgada... ouvia...

Pare, Sr. Cinza, pare!

E de súbito os dedos de Deke voltaram a lhe pertencer. Ele os arrancou do nariz com um plop molhado. O sangue tamborilou no balcão, no revestimento de borracha com o logotipo da Skol, e também na garota nua de óculos cuja anatomia ele estivera examinando quando aquela criatura entrou.

— Quanto devo pagar, Deke?

— Nada! — Ainda o crocito de gralha, mas agora um crocito nasal, porque as narinas estavam entupidas de sangue. — Ah, cara, pegue, leve e vai embora! Some daqui!

— Não, eu insisto. Isso é comércio, no qual artigos de valor real são trocados por moeda corrente.

— Três dólares! — Deke gritou. O choque ia se instalando. O coração batia disparado, os músculos zuniam com adrenalina. Ele acreditava que a criatura estava prestes a ir embora, e isso piorava tudo infinitamente: estar tão perto da continuidade da vida e no entanto saber que ela poderia ser tirada ao menor capricho daquele lunático de merda.

O lunático puxou uma velha carteira surrada, abriu-a e vasculhou dentro dela pelo que parecia uma eternidade. A saliva escorria sem parar da boca enquanto ele se debruçava sobre a carteira. Por fim tirou três dólares. Depositou-os no balcão. A carteira retornou ao bolso. Rebuscou no bolso da calça de brim asquerosa (passou por maus bocados e se mijou todo, Deke pensou), tirou um punhado de trocados e depositou três moedas no revestimento de borracha da Skol. Duas de 25 centavos, uma de dez.

— Gorjeta de 20 por cento — disse o freguês com um orgulho inequívoco. — Jonesy dá 15 por cento de gorjeta. Esta é melhor. Esta é mais.

— Claro — Deke murmurou. O nariz ensanguentado.

— Tenha um bom dia.

— Vai... vai com cuidado.

O homem de parca laranja ficou de cabeça baixa. Deke pôde ouvi-lo escolher várias possíveis respostas. Sentiu vontade de berrar. Por fim o homem disse:

— Eu vou de todo jeito que eu puder ir. — Fez outra pausa. Depois: — Não quero que chame ninguém, amigão.

— Não vou.

— Jura por Deus?

— É. Juro por Deus.

— Eu sou como Deus — observou o freguês.

— É, tudo bem. O que você falar está...

— Se chamar alguém, você sabe. Volto e faço a sua caveira.

— Não vou!

— Boa ideia. — Abriu a porta. O sino soou. Ele saiu.

Por um momento Deke ficou onde estava, como se congelado, grudado no chão. Depois correu em volta do balcão, batendo a coxa com força contra a quina. Ao anoitecer, haveria uma enorme mancha roxa no local, mas, por ora, nada sentiu. Girou a fechadura da porta, passou o ferrolho e se postou ali, espiando para fora. Estacionado em frente do armazém estava a merdinha de um Subaru vermelho, enlameado, também com cara de quem passou por maus bocados e se mijou todo. O homem fez um malabarismo para segurar as compras debaixo de um braço dobrado, abriu a porta e sentou ao volante.

Vai, vai embora, Deke pensou. Por favor, senhor, por amor a Deus, vai embora.

Mas não foi. Em lugar disso, pegou uma coisa — o pão de fôrma — e abriu o pacote com um puxão. Retirou umas 12 fatias. Em seguida, abriu o pote de maionese e, utilizando o dedo como faca, começou a passar a maionese nas fatias de pão. Quando terminava uma fatia, lambia o dedo. Cada vez que o fazia, os olhos se fechavam depressa, a cabeça se inclinava para trás e uma expressão de êxtase lhe enchia o rosto, irradiando da boca. Ao terminar todas as fatias, pegou um pacote de carne e rasgou o papel de embrulho. Abriu a embalagem de plástico interna com os dentes e balançou os 453,59 g de fatias de bacon. Dobrou-as e as colocou numa fatia de pão, depois pôs outra fatia de pão em cima. Devorou o sanduíche como um lobo voraz. A expressão de gozo divino jamais se esvaiu do rosto; era a fisionomia de um homem desfrutando a melhor refeição de gastrônomo de toda a vida. Um nó se formava ao longo da garganta quando cada enorme porção era engolida. Em três mordidas o sanduíche foi consumido. Quando o homem no carro pegou mais duas fatias de pão, um pensamento tomou conta da cabeça de Deke McCaskell, piscando como um letreiro de néon. É bem melhor assim! Quase vivo! Frio, mas quase vivo!

Deke se afastou da porta, movimentando-se com lentidão, como se imerso em água. O cinzento do dia parecia invadir o armazém, obscurecendo as luzes. Ele sentiu as pernas se desarticularem e, antes de o sujo soalho de madeira se inclinar a seu encontro, o cinza ficou preto.

21

Quando Deke despertou, era mais tarde — quão mais tarde não sabia dizer, porque o relógio digital da Budweiser acima da geladeira de cerveja piscava 88:88. Três dentes seus jaziam no soalho, arrancados no momento da queda, ele supôs. O sangue em volta do nariz e no queixo havia secado, como massa esponjosa. Tentou se pôr de pé, mas as pernas não o sustentavam. Em vez disso, arrastou-se até a porta, o cabelo caído no rosto, a rezar.

A prece foi atendida. A merdinha do carro vermelho se fora. No espaço que ocupara, havia quatro pacotes de bacon, todos vazios, o pote de maionese, esvaziado mais da metade, e meio pão branco Holsum. Várias gralhas — havia algumas das grandes nas redondezas do reservatório — haviam descoberto o pão e bicavam as fatias, puxando-as para fora da embalagem rasgada. Adiante — quase perto da Route 32 —, duas ou três gralhas se debatiam com uma maçaroca de bacon solidificado e pedaços de pão mastigados. O almoço gastronômico do monsieur pelo jeito lhe virara o estômago.

Meu Deus, pensou Deke, espero que tenha vomitado a ponto de rebentar as tripas, seu...

Mas nisso suas próprias tripas deram um pulo fantástico e ele tampou a boca com a mão. Teve uma clara e medonha imagem dos dentes do homem mordendo a carne crua e gordurosa que pendia entre as fatias de pão, carne cinzenta com veias marrons como a língua arrancada de um cavalo morto. Deke começou a emitir sons abafados de regurgitação por baixo da mão.

Chegou um carro — justo o que ele precisava, um freguês na hora em que estava prestes a expelir os biscoitos que comera. Não era bem um carro, verificou numa segunda olhadela, tampouco um caminhão. Nem mesmo um utilitário. Era um daqueles Humvee feios, pintado com manchas arredondadas de preto e verde de camuflagem. Duas pessoas na frente e — Deke teve quase certeza disso — outra atrás.

Esticou o braço, virou o aviso de ABERTO pendurado na porta para FECHADO, depois se afastou. Tinha se levantado, conseguido por fim se manter de pé, mas agora sentia que estava perigosamente perto de tornar a cair. Me viram aqui dentro, aposto que me viram, pensou. Vão entrar e perguntar aonde o outro foi, porque estão atrás dele. Querem o homem, querem o sanduíche de bacon do homem. E eu vou contar. Vão me obrigar a contar. E então eu...

A mão se ergueu diante de seus olhos. Os primeiros dois dedos, cobertos de sangue seco até o segundo nó, projetaram-se e se curvaram. Tremiam. Na visão de Deke, era como se acenassem. Oi, olhos, como vão? Aproveitem para olhar enquanto podem, porque nós vamos pegá-los daqui a pouco.

A pessoa no banco traseiro do Humvee se inclinou para a frente, pareceu dizer algo para o motorista, e o veículo recuou num salto, uma roda traseira esmagando a poça de vômito deixada pelo último freguês do armazém. Fez um giro no caminho, parou apenas por um segundo e partiu na direção de Ware e do Quabbin.

Quando desapareceram atrás da primeira colina, Deke McCaskell começou a chorar. Ao andar de volta para trás do balcão (cambaleando e trançando as pernas, mas ainda de pé), seu olhar caiu nos dentes que jaziam no soalho. Três dentes. Dele. Um pequeno preço a pagar. Depois se deteve, fitando as notas de três dólares ainda em cima do balcão. Nelas havia uma pálida camada de penugem vermelho-laranja.

22

– Em ene! Ão aui!

Está falando comigo, Owen, ele pensou enfastiado, mas entendeu Duddits muito bem (não era tão difícil, depois de os ouvidos se acostumarem): Em frente! Não aqui!

Owen virou o Humvee para a direção da Route 32, enquanto Duddits se recostava — caía para trás — e começava a tossir novamente.

— Olhe — disse Henry e apontou. — Está vendo aquilo?

Owen viu. Um monte de embalagens no chão, encharcadas sob a força do aguaceiro que caía. E um pote de maionese. Ele engatou a marcha do Humvee e rumou para o norte. A chuva que batia no para-brisa adquiria uma consistência característica que ele reconheceu: logo ela se transformaria em saraiva e, depois — muito provavelmente —, em neve. Próximo da exaustão agora, e estranhamente triste em consequência da progressiva retração da telepatia, Owen constatou que o que mais lamentava era ter de morrer num dia tão porco.

— Ele está muito na frente agora? — Owen perguntou, não se atrevendo a fazer a pergunta verdadeira, a única que importava: Já estamos atrasados demais? Supôs que Henry lhe diria, se fosse esse o caso.

— Ele está lá — disse Henry distraidamente. Tinha se virado no banco e estava limpando o rosto de Duddits com um pano úmido. Duddits olhou para ele com gratidão e tentou sorrir. Suas faces empalidecidas se cobriam de suor agora, e as manchas negras sob os olhos haviam se espalhado, fazendo-os parecer olhos de mão-pelada.

— Se está lá, por que viemos para cá? — perguntou Owen. Acelerara o Humvee para 113, bastante perigoso naquele trecho de duas pistas no asfalto escorregadio, mas não havia escolha.

— Não quis correr o risco de Duddits perder a linha — explicou Henry. — Se isso acontecer...

Duddits emitiu um forte gemido, passou os braços em torno do estômago e se curvou sobre eles. Henry, ainda de joelhos no banco, afagou a coluna delgada de sua nuca.

— Tenha calma, Duds — disse. — Você está bem.

Mas não estava. Owen sabia disso, e Henry também. Febril, com cólicas, apesar de um segundo comprimido de Prednisone e mais dois Percocet, cuspindo sangue toda vez que tossia, Duddits Cavell se achava quilômetros e quilômetros longe de estar bem. O prêmio de consolação era que a combinação Jonesy-Sr. Cinza também se achava muito longe de estar bem.

Era o bacon. Tudo o que eles esperavam era forçar o Sr. Cinza a parar um pouco; nenhum deles imaginara que sua gula se tornaria tão monstruosa. O efeito sobre a digestão de Jonesy fora razoavelmente previsível. O Sr. Cinza vomitara uma vez no estacionamento do pequeno armazém e tivera que parar mais duas vezes na estrada para Ware,

curvando-se fora da janela e descarregando alguns quilos de bacon cru com uma força quase convulsiva.

Seguiu-se a diarreia. Parara no posto Mobil da Route 9, no sudeste de Ware, sem sequer ter tido tempo de chegar à privada. A placa no lado de fora do posto dizia GASOLINA BARATA BANHEIROS LIMPOS, mas decerto a parte BANHEIROS LIMPOS ficara desatualizada no momento em que o Sr. Cinza saiu. Não matou ninguém no Mobil, o que Henry considerava uma vantagem.

Antes de tomar a via de acesso ao Quabbin, o Sr. Cinza precisara parar mais duas vezes e correr para dentro da mata ensopada, onde tentou evacuar os intestinos sobrecarregados de Jonesy. Àquela altura, a chuva se transformara em enormes flocos de neve úmida. O corpo de Jonesy enfraquecera bastante, e Henry achava que ele fosse desmaiar. Até aquele momento isso não havia acontecido.

O Sr. Cinza ficou furioso com Jonesy, ralhando com ele sem cessar no momento em que tornou a sentar ao volante do carro após a segunda entrada na mata. A culpa era de Jonesy, Jonesy o fizera cair numa armadilha. Decidiu ignorar a própria fome e a gula compulsiva com que comera, detendo-se entre mordidas apenas para lamber os dedos engordurados. Henry vira esse tipo de arranjo seletivo de fatos — enfatizando uns, ignorando completamente outros — inúmeras vezes antes, em seus pacientes. De certa forma, o Sr. Cinza era uma reprise de Barry Newman.

Como está se humanizando, pensou. Quão curiosamente humano.

— Quando diz que ele está lá — perguntou Owen —, o que quer dizer com lá?

— Não sei. Está trancado de novo, ao menos. Duddits, você ouve o Jonesy?

Duddits olhou exausto para Henry e fez que não com a cabeça.

— O inor Ina eu as oas aras — disse. — O Sr. Cinza deu as nossas cartas, mas esse era um uso ao mesmo tempo literal e figurado de uma expressão do idioma. Duddits não dispunha do vocabulário para expressar o que de fato ocorrera, mas Henry o entendeu ao ler seu pensamento. O Sr. Cinza se via impossibilitado de entrar no escritório-fortaleza de Jonesy e dar as cartas, embora, de algum modo, tivesse transformado todas elas em brancas.

— Duddits, como está se sentindo? — perguntou Owen, olhando pelo retrovisor.

— Eu em — Duddits respondeu e imediatamente começou a tiritar. No colo estava a lancheira amarela e o saco de papel pardo com os remédios... os remédios e aquela coisa estranha feita de fios. Envolvendo-o estava o volumoso casaco de baeta azul, e no entanto, mesmo vestido com ele, tiritava.

Está indo depressa, pensou Owen, enquanto Henry aplicava as mechas nas faces do velho amigo.

O Humvee derrapou num trecho escorregadio, dançou na beira do

desastre — uma colisão a 113 quilômetros por hora provavelmente mataria todos eles, e mesmo que não os matasse, colocaria um ponto final em qualquer possibilidade que tinham de deter o Sr. Cinza — e então voltou ao controle.

Os olhos de Owen pousaram no saco de papel pardo, o pensamento retornando à coisa feita de fios. Beaver me mandou. Para o Natal na semana passada.

Tentar se comunicar agora por telepatia era, Owen pensou, como colocar uma mensagem dentro de uma garrafa e jogar a garrafa no mar. Mas mesmo assim tentou, enviando um pensamento em direção a, supôs, Duddits: Que nome você dá para isso, filho?

De súbito, e inesperadamente, viu um espaço amplo, combinação de sala de estar, sala de jantar e cozinha. O verniz do soalho de tábuas de pinho sazonado reluzia. Havia um tapete navajo no chão e uma tapeçaria numa parede — minúsculos indígenas cercando uma figura cinza, o alienígena arquetípico de uma centena de tabloides no supermercado. Havia uma lareira, uma chaminé de pedra, uma mesa de jantar de carvalho. Mas o que atraiu a atenção de Owen (tinha de atrair; achava-se no centro da imagem que Duddits lhe enviou, e brilhava com sua própria luz especial) foi o objeto de fios que pendia do caibro central. Era a versão Cadillac do que estava dentro do saco de remédios de Duddits, entretecido com cores vistosas em lugar do barbante branco opaco, mas, afora isso, idêntico. Os olhos de Owen se encheram de lágrimas. Era o cômodo mais belo do mundo. Sentia-o assim porque assim Duddits o sentia. E Duddits o sentia assim porque era aonde o amigo fora, e ele o amava.

— Apanhador de sonhos — disse o agonizante no banco traseiro, e pronunciou o nome à perfeição.

Owen assentiu com a cabeça. Apanhador de sonhos, sim.

É você, ele transmitiu, supondo que Henry escutava, mas não dava atenção. Essa mensagem se endereçava a Duddits, exclusivamente a Duddits. Você é o apanhador de sonhos, não é? O apanhador de sonhos deles. Sempre foi.

No espelho, Duddits sorriu.

23

Passaram uma placa que dizia: RESERVATÓRIO DE QUABBIN 13 KM PROIBIDO PESCAR NENHUM POSTO DE SERVIÇO ÁREA PARA PIQUENIQUE ABERTA TRILHAS PARA PASSEIO ABERTAS ENTRE POR SUA CONTA E RISCO. Havia mais, mas, a 130 quilômetros por hora, Henry não teve tempo de ler.

— Alguma possibilidade de ele estacionar e caminhar? — Owen perguntou.

— Nem pense nisso — respondeu Henry. — Vai dirigir até onde puder. Talvez atole. É nisso que você deve pensar. Há uma boa possibilidade de que isso aconteça. E ele está fraco. Não terá condição de andar depressa.

— E você, Henry? Vai ter condição de andar depressa?

Levando-se em conta que estava entrevado, que as pernas doíam muito, era uma pergunta legítima.

— Se houver a possibilidade — disse —, vou me esforçar ao máximo. De qualquer maneira, tem o Duddits. Não acho que ele será capaz de fazer uma caminhada muito puxada.

Ou qualquer caminhada, ele não acrescentou.

— Kurtz, Freddy e Perlmutter, Henry. Estão muito atrás?

Henry refletiu sobre isso. Sentia Perlmutter com bastante clareza... e também tocava aquele canibal voraz dentro dele. Era como o Sr. Cinza, exceto que a fuinha vivia num mundo feito de bacon. O bacon era Archibald Perlmutter, outrora um capitão do Exército dos Estados Unidos. Henry não gostou de ir tão fundo. Dor demais. Fome demais.

— Vinte e cinco quilômetros — disse. — Talvez 20. Mas, Owen, isso não importa. Nós vamos derrotá-los. Resta apenas saber se vamos ou não pegar o Sr. Cinza. Precisaremos de sorte. Ou de alguma ajuda.

— E se o pegarmos, Henry? Ainda seremos heróis?

Henry lhe deu um sorriso extenuado.

— Acho que temos de tentar.

Capítulo Vinte e Um

Poço 12

1

O Sr. Cinza dirigiu o Subaru quase 5 quilômetros pela East Street — enlameado, surrado e agora coberto com quatro dedos da neve recém-caída — antes de afundar numa cratera aberta por um cano de água arrebentado e cavilhado. O Subaru enfrentara bravamente vários lamaçais no norte de Goodnough Dike, e a traseira fora submetida a choques tão fortes que o amortecedor e boa parte do cano de escape se partiram, mas a fenda na estrada produzira um efeito drástico. O carro imbicou na cratera e assentou no cano, o motor exposto balindo com estridência. O corpo de Jonesy foi lançado para a frente, e o cinto de segurança resistiu. O diafragma se comprimiu e ele vomitou compulsivamente no painel de instrumentos: nada sólido agora, apenas baba biliosa. Por um momento a coloração do mundo se esvaiu e o rugido estrondoso do motor cessou. Ele lutou obstinadamente para recobrar a consciência, receoso de que, se desmaiasse por um segundo que fosse, Jonesy estaria de algum modo capacitado para reassumir o controle.

O cão ganiu. Os olhos permaneciam fechados, mas as pernas traseiras se contraíam espasmodicamente e as orelhas se agitavam. A barriga se dilatara, a pele se encrespara. O momento se aproximava.

Pouco a pouco, a realidade voltou. O Sr. Cinza respirou fundo várias vezes, induzindo o corpo doente e desastroso a retornar a um estado semelhante à calma. Quanto faltava para percorrer? Não muito, supôs, mas, se o carro estivesse mesmo empacado, teria de andar... o cão, porém, não poderia andar. Teria de ficar dormindo, embora já estivesse, perigosamente, a ponto de acordar de novo.

Acariciou o centro indutor do sono de seu cérebro rudimentar. Limpou a boca pegajosa enquanto o fazia. Parte da mente atentava para Jonesy, ainda lá dentro, cego para o mundo exterior, mas aguardando uma oportunidade qualquer de investir e sabotar sua missão; e, por mais inacreditável que fosse, uma outra parte da sua mente ansiava por mais comida — ansiava por bacon, o próprio alimento que o intoxicara.

Durma, amiguinho. Falava com o cão; falava com o byrus. E os dois escutavam. Lad parou de ganir. As patas pararam de se contrair. As ondas de crispações na barriga abrandaram... abrandaram... cessaram. A calma não duraria, mas, por ora, tudo bem. Melhor não poderia estar.

Renda-se, Dorothy.

— Cale-se! — disse o Sr. Cinza. — Lambe-porre pipi-papão! — Engatou a ré do Subaru e pisou fundo no acelerador. O motor uivou, espantando as aves das árvores, mas nada aconteceu. As rodas dianteiras haviam ficado presas, as rodas traseiras suspensas, girando no ar.

— Merda! — berrou o Sr. Cinza, esmurrando o volante com o punho de Jonesy. — Bananas-por-deus! Freddy me foda!

Orientou a mente para os perseguidores e nada de claro captou, apenas uma sensação de aproximação. Dois grupos, e, no grupo mais perto, Duddits. O Sr. Cinza temia Duddits, pressentia que era o principal responsável pela absurda e irritante dificuldade que envolvia aquela missão. Se conseguisse ficar à frente de Duddits, tudo terminaria bem. Ajudaria saber quão perto Duddits se encontrava, mas eles o bloqueavam — Duddits, Jonesy e o fulano chamado Henry. Os três juntos reuniam uma força que o Sr. Cinza jamais enfrentara, e ele sentia medo.

— Mas ainda estou bastante à frente — disse para Jonesy, saindo do veículo. Escorregou, xingou à maneira de Beaver, depois bateu a porta com força. Nevava de novo, flocos brancos e grandes que enchiam o ar feito confetes e salpicavam as faces de Jonesy. O Sr. Cinza caminhou pesadamente até a traseira do carro, as botas deslizando e afundando na lama. Deteve-se um instante para examinar a extremidade corrugada e prateada do cano que se projetava da cratera e capturara o carro (também caíra vítima, até certo ponto, da curiosidade em grande parte inútil, porém terrivelmente contagiosa, de seu hospedeiro), em seguida caminhou até a porta do carona. — Vou derrotar fácil, fácil os imbecis dos seus amigos.

Nenhuma resposta a essa provocação, mas sentiu Jonesy tal como sentia os demais, Jonesy calado, porém ainda uma espinha na garganta.

Não fazia mal. Ele que se fodesse. O problema era o cão. O byrus estava pronto para sair. Como transportar o cão?

De volta ao armazém de Jonesy. A princípio nada havia lá... mas depois uma imagem da "Escola Dominical", a qual Jonesy frequentara quando menino para estudar catecismo, "Deus" e o "filho unigênito de Deus", que aparentava ser byrus, criador de uma cultura de byrus que a mente de Jonesy identificava ao mesmo tempo como "cristianismo" e "besteirol". Era uma imagem bastante nítida, de um livro chamado "Bíblia Sagrada". Mostrava o "filho unigênito" de Deus carregando um carneiro — quase que o usando. As pernas dianteiras do carneiro pendiam sobre um lado do peito do "filho unigênito", as traseiras, sobre o outro.

Poderia servir.

O Sr. Cinza recolheu o cão adormecido e o colgou na nuca. Já pesava — os músculos de Jonesy estavam estúpida e irritantemente fracos — e pesaria bem mais quando chegasse aonde ia... mas chegaria lá.

Começou a seguir pela East Street em meio à neve que se adensava, usando o border collie adormecido como uma estola de peles.

2

A neve recente estava extremamente escorregadia e, assim que tomaram a Route 32, Freddy se viu forçado a diminuir a velocidade para 65 por hora. Kurtz sentiu vontade de urrar de frustração. O que era pior, Perlmutter ia escapulindo dele, mergulhando num estado mais ou menos de semicoma. E isso num momento, mas que maldito, em que de súbito fora capaz de ler os pensamentos do sujeito que Owen e os novos amigos perseguiam, o sujeito que chamavam de Sr. Cinza.

— Está ocupado demais para se esconder — disse Pearly. Falou em devaneio, como quem está à beira do sono. — Tem medo. Não sei quanto ao Underhill, chefão, mas quanto a Jonesy... Henry... Duddits... tem medo deles. E com razão. Mataram Richie.

— Quem é Richie, recruta? — Kurtz disse sem muita ênfase, mas ele queria que Perlmutter ficasse acordado. Pressentia que chegavam a um ponto em que não precisaria mais de Perlmutter, mas, por enquanto, ainda precisava.

— Não... sei... — A última palavra virou um ronco. O Humvee quase derrapou de lado. Freddy xingou, debateu-se com o volante e conseguiu retomar o controle pouco antes que o Humvee ameaçasse desembocar na vala. Kurtz não prestou atenção. Debruçou-se sobre o banco e deu um tapa na face de Perlmutter, um tapa forte. Ao fazê-lo, passavam pelo armazém com a placa A MELHOR ISCA, QUEM PISCA? na janela.

— Aaaiiii! — Os olhos de Pearly se abriram agitados. Os brancos agora amarelos. Kurtz ligou para isso tanto quanto ligou para Richie. — Nããão, chefão...

— Onde eles estão agora?

— A água — disse Pearly. — A voz fraca, a voz de um inválido petulante. A barriga embaixo do casaco era uma montanha inflada que de quando em quando se contraía. Ma Joad com barriga de nove meses, Deus abençoe e nos ajude, Kurtz pensou. — A áágg...

Os olhos se fecharam de novo. Kurtz ergueu a mão para esbofetear.

— Deixe-o dormir — disse Freddy.

Kurtz olhou para ele, as sobrancelhas arqueadas.

— Tem de ser o reservatório a que ele se refere. E, se for, não precisamos mais dele. — Apontou pelo para-brisa para as marcas de rodas dos poucos carros que naquela tarde passaram antes deles pela Route 32. Marcas pretas e acentuadas em contraste com a neve branca recém-acumulada. — Não vai ter ninguém lá, a não ser nós, chefão. Só nós.

— Louvado seja Deus. — Kurtz se recostou no banco, pegou a pistola de 9 milímetros que descansava no assento, olhou para ela e a enfiou no coldre. — Diga-me uma coisa, Freddy.

— Se eu puder.

— Quando tudo isso terminar, o que lhe parece o México?

— Bom. Desde que a gente não beba água.

Kurtz desatou a rir e deu uns tapinhas no ombro de Freddy. Ao lado de Freddy, Archie Perlmutter afundou ainda mais no coma. Em seu intestino grosso, imerso no suculento depósito de alimento rejeitado e células mortas esgotadas, algo abriu os olhos pretos pela primeira vez.

3

Dois pilares de pedra assinalavam a entrada da vasta extensão de terras que circundava o Reservatório de Quabbin. Depois deles, a estrada se reduzia ao que era, basicamente, uma única pista, e Henry teve a sensação de voltar ao ponto de partida. Não em Massachusetts, mas no Maine, e, embora a placa informasse Acesso a Quabbin, era na realidade, mais uma vez, a Deep Cut Road. Ele de fato ergueu o olhar para o céu plúmbeo, meio que esperando ver as luzes em ciranda. Em lugar delas, viu uma águia de cabeça branca, pairando tão baixo que seria quase possível tocá-la. Ela pousou no galho inferior de um pinheiro e os observou passar.

Duddits levantou a cabeça que apoiara no vidro frio e disse:

— Or Ina á anando aora.

O coração de Henry disparou.

— Owen, você ouviu?

— Ouvi — retrucou Owen e acelerou o Humvee um pouco mais. A neve molhada sob as rodas do veículo era traiçoeira como gelo; agora que a rodovia ficara para trás, havia apenas um único par de marcas de roda que se dirigiam para o norte, rumo ao reservatório.

Estamos deixando pegadas, Henry pensou. Se Kurtz chegar até aqui, nem precisará de telepatia.

Duddits gemeu, apertou o estômago, e o corpo tremeu inteiro.

— Eni, eu ente. Duddits doente.

Henry enxugou as sobrancelhas sem pelos de Duddits, apreensivo com a quentura da pele. Que outros sintomas viriam? Ataques apopléticos, provavelmente. Bastaria um deles, intenso, para levar Duddits embora num instante, dada a fraqueza, e Deus sabia que seria um ato misericordioso. A melhor coisa. Mas doía pensar nisso. Henry Devlin, o suicida potencial. Em vez dele, porém, as trevas devoraram os amigos, um por um.

— Aguente firme, Duds. Está quase no fim. — Mas pressentia que o pior estava por vir.

Os olhos de Duddits tornaram a se abrir.

— Or Ina... emaou.

— Quê? — perguntou Owen. — Essa eu não entendi.

— Ele falou que o Sr. Cinza empacou — disse Henry, ainda enxugando as sobrancelhas de Duddits. Desejando que houvesse pelos a enxugar, lembrando-se que no passado houvera. O cabelo fino e loiro de Duddits. Seu choro os ferira, penetrara-lhes a cabeça como lâmina cega, mas suas

risadas os deixaram muito felizes, bastava ouvir as risadas de Duddits Cavell para acreditarem de novo, por um instante, nas velhas mentiras: que a vida é boa, que a vida de moços e homens, de moças e mulheres, tem um propósito. Há luz além das trevas.

— Mas por que ele simplesmente não atira a porra do cachorro no reservatório? — perguntou Owen. A voz falhando de cansaço. — Por que ele tem de ir até este Poço 12? Só porque a russa também foi?

— Não acredito que o reservatório seja conveniente para ele — disse Henry. — O Standpipe teria servido, mas o aqueduto é melhor ainda. É um intestino com mais de 100 quilômetros de comprimento. E o Poço 12 é a garganta. Duddits, a gente consegue pegá-lo?

Duddits olhou para ele com os olhos exauridos, depois fez que não com a cabeça. Owen esmurrou a coxa, tomado de frustração. Duddits molhou os lábios. Pronunciou duas palavras quase num sussurro rouco. Owen ouviu-as, mas não as entendeu.

— Quê? O que foi que ele falou?

— "Só Jonesy."

— O que isso significa? Só Jonesy o quê?

— Só Jonesy pode detê-lo, imagino eu.

O Humvee derrapou novamente e Henry se agarrou ao banco. Uma das mãos fria se apossou da dele. Duddits o fitou com uma intensidade desesperada. Tentou falar, mas, em lugar disso, tossiu, ruídos entrecortados, molhados e horripilantes. Uma porção do sangue expelido pela boca era acentuadamente mais clara, espumosa e quase rósea. Henry achou que era sangue dos pulmões. E, mesmo enquanto a tosse lhe sacudia o corpo, Duddits não afrouxou o aperto na mão de Henry.

— Transmita os pensamentos para mim — disse Henry. — Consegue me transmitir os pensamentos, Duds?

Por um instante, nada, mas a mão fria de Duddits apertou a dele com mais força ainda, os olhos de Duddits se entrelaçaram com os dele. Em seguida, Duddits e o interior cáqui do Humvee, com o leve odor de cigarros fumados furtivamente, desapareceram. Em seu lugar, Henry vê um telefone público — do tipo antigo, com orifícios de diferentes tamanhos na parte superior, um para moedas de 25 centavos, outro para moedas de dez centavos, outro para moedas de cinco centavos. O zumbido de vozes masculinas e um ruído de estalo, persistentemente familiar. Passado um instante, ele se dá conta de que é o ruído de peças num jogo de xadrez. Está olhando para um telefone público no Gosselin, o telefone do qual ligaram para Duddits após a morte de Richie Grenadeau. Jonesy fizera o telefonema, porque era o único que, tendo um telefone, poderia transferir a cobrança. Os outros se reuniram em volta, todos ainda de casaco porque fazia muito frio no armazém; mesmo vivendo no meio da vasta floresta, com árvores à volta, o velho Gosselin não punha uma só lenha a mais na estufa, mas que pipi-papão. Há dois avisos acima do aparelho. Um diz FAVOR LIMITAR CHAMADAS A CINCO MINUTOS. O outro...

Soou um grande estrondo. Duddits foi lançado contra o encosto do

banco de Henry e Henry, contra o painel de instrumentos. Suas mãos se apartaram. Owen derrapara, saindo da estrada e caindo na vala. À frente deles, as marcas das rodas do Subaru, sumindo agora embaixo da camada de neve recente, seguiam dentro da neve que se adensava.

— Henry! Você está bem?

— Estou. Duds? Você está bem?

Duddits fez que sim com a cabeça, mas a face que batera no banco roxeava com uma velocidade surpreendente. A Leucemia a Seu Serviço.

Owen diminuiu ao máximo a transmissão do Humvee e começou a subir a vala. O Humvee se inclinava num ângulo acentuado — talvez 30 graus —, mas rodou bastante bem assim que Owen o fez se movimentar.

— Apertem os cintos. Mas primeiro aperte o dele.

— Ele estava tentando me dizer alg...

— Pouco me importa o que ele estava tentando dizer. Desta vez escapamos, mas da próxima poderemos despencar. Aperte o cinto dele, depois o seu.

Henry obedeceu, pensando no outro aviso acima do aparelho de telefone público. O que dizia? Algo acerca de Jonesy. Agora só Jonesy deteria o Sr. Cinza, esse era o Evangelho Segundo Duddits.

O que dizia o outro aviso?

4

Owen se viu forçado a diminuir a velocidade para 30 quilômetros por hora. Irritava-o engatinhar assim, mas a neve molhada agora caía com fúria e a visibilidade se tornara quase nula.

Pouco antes de as marcas dos pneus do Subaru sumirem de vez, depararam com o próprio veículo, o focinho enterrado na cratera inundada com água que transbordava na estrada, a porta do carona aberta, as rodas traseiras no ar.

Owen pisou no freio de emergência, pegou a pistola Glock, abriu a porta.

— Fique aqui, Henry — disse e desceu. Correu para o Subaru, curvando-se.

Henry desprendeu o cinto de segurança e se virou para Duddits, agora escarrapachado contra o banco, a respiração entrecortada, mantido na posição de sentado apenas pelo cinto de segurança. Uma face tinha uma coloração amarela de cera; a outra havia sido tomada pelo sangue que se espalhava sob a pele. O nariz sangrava de novo, os chumaços de algodão projetando-se das narinas, ensopados, pingando.

— Duddits, sinto muito — disse Henry. — Isto é um fodaréu.

Duddits assentiu com a cabeça, levantou os braços. Teve forças para sustentá-los no ar apenas por alguns segundos, mas, para Henry, o

significado daquilo pareceu bastante óbvio. Henry abriu a porta e desceu no momento mesmo em que Owen voltava correndo, a Glock agora enfiada na cinta. O ar se impregnava tanto de neve, os flocos tão grandes, que se tornara difícil demais respirar.

— Eu não falei para ficar onde estava? — disse Owen.

— Eu só queria me sentar atrás junto com ele.

— Por quê?

Henry respondeu com calma, embora a voz tremesse um pouco.

— Porque ele está morrendo — disse. — Está morrendo, mas acho que tem mais uma coisa para falar.

5

Owen olhou pelo retrovisor, viu Henry abraçando Duddits, viu que os dois estavam usando cinto de segurança e apertou o próprio cinto.

— Segure-o firme — disse. — O solavanco vai ser dos diabos.

Recuou uns 30 metros, engatou a primeira e avançou, mirando o espaço entre o Subaru abandonado e a vala à direita. A fenda na estrada parecia um pouco mais estreita naquele lado.

O solavanco foi mesmo dos diabos. O cinto de segurança de Owen resistiu e ele viu o corpo de Duddits pular nos braços de Henry. A cabeça calva de Duddits bateu no peito de Henry. Tinham saltado a fenda e voltado a rodar pela East Street. Owen apenas entreviu as últimas pegadas fantasmagóricas na pista branca da estrada. O Sr. Cinza caminhava, eles ainda rodavam. Se ganhassem tempo antes de o patife entrar na floresta...

Mas não ganharam.

6

Num tremendo esforço derradeiro, Duddits ergueu a cabeça. Henry viu com horror e consternação que os olhos de Duddits também se inundavam de sangue.

Claque. Claque-claque. Os risos secos à socapa de velhos, quando alguém realiza o fabuloso salto triplo de obstáculos. O telefone começa a emergir de novo no campo de visão. E os avisos acima dele.

— Não, Duddits — Henry sussurrou. — Não tente. Poupe sua energia.

Mas para quê? Para quê, se não para aquilo?

O aviso da esquerda: FAVOR LIMITAR AS CHAMADAS A CINCO MINUTOS. Aromas de tabaco, aromas de fumaça de lenha, a velha conserva de picles. Os braços do amigo envolvendo-o.

E o aviso da direita: TELEFONE JÁ PARA JONESY.

— Duddits... — A voz flutuando nas trevas. Trevas, as velhas amigas. — Duddits, eu não sei como.

A voz de Duddits chegou a ele pela última vez, exaurida, porém serena: Depressa, Henry... só posso aguentar um pouquinho mais... você tem que falar com ele.

Henry tira o fone do gancho. Pensa absurdamente (mas a situação inteira não era absurda?) que não tem qualquer possibilidade... não muita com uma ridícula moeda de dez centavos. Leva o fone ao ouvido.

Soa a voz de Roberta Cavell, impessoal e profissional:

— Hospital de Massachusetts, como devo encaminhar sua chamada?

7

O Sr. Cinza castigava o corpo de Jonesy ao longo do caminho que levava ao lado leste do reservatório, a partir do ponto em que terminava a East Street, escorregando, caindo, agarrando-se a galhos, levantando-se de novo. Os joelhos de Jonesy lacerados, as calças rasgadas e encharcadas de sangue. Os pulmões ardiam, o coração batia como martelo a vapor. No entanto, o que o preocupava era apenas o quadril de Jonesy, o que se quebrara no acidente. Era uma bola quente e pulsante, dardejando dor pela coxa abaixo até o joelho, até o centro das costas ao longo da espinha. O peso do cão agravava tudo. O cão ainda dormia, mas a coisa dentro dele estava bem desperta, ainda alojada devido à vontade do Sr. Cinza. Uma vez, ao se levantar do chão, o quadril se travou por completo e o Sr. Cinza teve de esmurrá-lo várias vezes com o punho enluvado de Jonesy para que voltasse a se articular. Quanto mais ainda precisaria caminhar? Quanto mais através da neve incessante, maldita, que sufocava e cegava? E qual era a intenção de Jonesy? Qualquer coisa? O Sr. Cinza não se atreveu a renunciar ao insatisfeito desejo ardente do byrus — nada se aproximava nem mesmo de sua mente — de ir até a porta da sala trancada e escutar.

Um vulto espectral surgiu à frente em meio à neve. O Sr. Cinza se deteve, ofegando e perscrutando-o, depois continuou o avanço difícil, segurando as patas flácidas do cão e arrastando o pé direito de Jonesy.

Havia uma placa pregada no tronco de uma árvore: PROIBIDO PESCAR NA CASA DO POÇo. Cento e cinquenta metros adiante da placa, uma escada de pedra se erguia do caminho. Seis degraus... não, oito. No alto havia um prédio de pedra sobre uma fundação de pedra que se arrojava dentro do vazio cinzento e nevoso onde ficava o reservatório — os ouvidos de Jonesy escutavam o ruído da água que batia contra a pedra, mesmo em meio ao bater acelerado e penoso do coração.

Chegara ao local.

Agarrando o cão e usando as últimas energias esgotadas de Jonesy,

o Sr. Cinza começou a subir, titubeando, os degraus cobertos de neve.

8

Ao passarem entre os pilares de pedra que assinalavam a entrada do reservatório, Kurtz disse:

— Pare, Freddy. No acostamento.

Freddy cumpriu a ordem sem objeção.

— Está com a carabina automática, recruta?

Freddy a mostrou. A velha e boa M-16, testada e comprovada. Kurtz assentiu com a cabeça.

— Pistola?

— Magnum 44, chefão.

E Kurtz com a pistola de 9 milímetros, a preferida para trabalhos à queima-roupa. Queria ver a cor do cérebro de Owen Underhill.

— Freddy?

— Sim, chefão.

— Quero que saiba que esta é a minha última missão, e que eu não poderia ter tido um melhor companheiro. — Estendeu o braço e apertou o ombro de Freddy. Ao lado de Freddy, Perlmutter roncava, o rosto de Ma Joad voltado para o teto. Uns cinco minutos antes de chegarem aos pilares de pedra, ele soltara vários, longos e espetacularmente odoríferos peidos. Depois disso, a barriga dilatada de Pearly desinchou de novo. Provavelmente pela última vez, Kurtz pensou.

Os olhos de Freddy, nesse ínterim, ganharam um brilho de satisfação. Kurtz sentiu um prazer imenso. Ele parecia não ter perdido de todo o contato.

— Muito bem, recruta — disse Kurtz. — A toda a velocidade e que se danem os torpedos. Certo?

— Certo, senhor.

Kurtz achou que agora um senhor não fazia mal. Podiam muito bem pôr de lado os protocolos da missão. Agora eram subordinados do capitão William C. Quantrill; os dois últimos guerrilheiros a percorrerem as vastas áreas do oeste de Massachusetts.

Com uma inequívoca careta de repulsa, Freddy apontou um polegar para Perlmutter.

— Quer que eu tente acordá-lo, senhor? Deve estar a quilômetros daqui, mas...

— Por que se incomodar? — perguntou Kurtz. Ainda apertando o ombro de Freddy, indicou a frente, onde a via de acesso desaparecia num muro de branco: a neve. A porra da neve que os perseguira até ali, um merda de um ceifeiro implacável vestido de branco em lugar de preto. As marcas do Subaru haviam sumido de todo, mas as do Humvee que Owen

roubara ainda eram visíveis. Se prosseguissem com rapidez, louvado seja Deus, seguir as marcas das rodas seria como um passeio no parque. — Acho que não precisamos mais dele, o que, para mim, é um grande alívio. Vai, Freddy. Vai.

A traseira do Humvee sacudiu e se estabilizou. Kurtz pegou a automática e a segurou junto da perna. Estou indo atrás de você, Owen. Atrás de você, recruta. E é bom que tenha preparado seu discurso para Deus, porque deverá proferi-lo mais ou menos daqui a uma hora.

9

O escritório que mobiliara tão bem — mobiliara com seus pensamentos e suas recordações — agora se desmantelava.

Jonesy caminhava mancando de um lado para outro, examinando a sala em volta, os lábios tão comprimidos que estavam pálidos, a testa coberta de gotas de suor, embora o lugar tivesse se tornado uma geladeira.

Era a Queda do Escritório de Jonesy, não da Casa de Usher. A fornalha uivava e crepitava embaixo dele, fazendo o soalho estremecer. Uma substância branca — cristais congelados, talvez — escapava entre as grades do respiradouro e deixava uma forma triangular de pó na parede. Onde tocasse, a substância atuava sobre o painel de madeira, ao mesmo tempo apodrecendo-o e empenando-o. Os quadros caíram um por um, tombando no soalho como suicidas. A cadeira Eames — a que ele sempre cobiçara, a própria — partiu-se ao meio, como se atingida por um machado invisível. Os painéis de mogno nas paredes começaram a rachar e se desprender como pele morta. As gavetas deslizaram para fora de seus encaixes e se amontoaram uma por uma no chão. As persianas que o Sr. Cinza instalara para lhe bloquear a visão do mundo exterior vibravam e sacudiam, produzindo um ruído metálico agudo e constante que fazia Jonesy trincar os dentes.

Gritar chamando pelo Sr. Cinza, exigir dele saber o que estava acontecendo, seria inútil... e, ademais, Jonesy dispunha de todas as informações de que precisava. Conseguira atrasar o Sr. Cinza, mas o Sr. Cinza primeiro reagira ao desafio e depois se viu numa posição de vantagem. Viva o Sr. Cinza, que ou alcançara o objetivo ou quase o alcançara. À medida que os painéis se desprendiam das paredes, ele viu a taipa suja por baixo: as paredes do escritório dos Irmãos Tracker tal como os quatro garotos a viram em 1978, alinhados com a testa na vidraça, o novo amigo parado atrás deles como um convite, esperando que terminassem o que quer que tivessem a fazer, esperando que o levassem para casa. Um outro painel se soltou, desprendendo-se da parede com um ruído de papel rasgado, e, por baixo dele, havia um quadro de avisos no qual estava pregada uma única fotografia, uma Polaroid. Não uma misse, não

Tina Jean Schlossinger, só uma mulher qualquer de saia levantada até o fundo das calcinhas, com cara de boba. O belo tapete no chão de repente se enrugou feito pele, revelando as lajotas imundas dos Irmãos Tracker e os girinos brancos, camisinhas largadas por casais que ali entravam para transar sob o olhar desinteressado da mulher da Polaroid que, na verdade, não era ninguém, apenas um artefato vazio do passado.

Ele caminhou com vagar, cambaleando sobre o quadril defeituoso, que não doía tanto assim desde logo após o acidente, ah, sim, de fato, pode crer. O quadril estava cheio de fragmentos e vidro moído; os ombros e o pescoço doíam com uma fadiga feroz. O Sr. Cinza abusava de seu corpo até a morte ao se preparar para a última investida e, quanto a isso, nada havia que Jonesy pudesse fazer.

O apanhador de sonhos ainda permanecia intato. Oscilando de um lado para outro em amplos círculos, mas intato. Jonesy fixou os olhos nele. Achara que estava pronto para morrer, mas não queria partir daquele modo, não naquele fétido escritório. No lado de fora dele, um dia os quatro amigos fizeram algo bom, algo quase nobre. Morrer ali dentro, sob o empoeirado e indiferente olhar da mulher pregada no quadro de avisos... isso parecia injusto. Pouco importava o resto do mundo; ele, Gary Jones, de Brookline, em Massachusetts, em tempos passados de Derry, no Maine, em tempo recente do Jefferson Tract, merecia coisa melhor.

— Por favor, mereço coisa melhor do que isto! — gritou para o objeto em forma de teia de aranha que oscilava no ar, e, na escrivaninha que se desintegrava atrás dele, o telefone tocou.

Jonesy girou sobre o corpo, gemendo ao sentir a dor violenta e complexa no quadril. O telefone do qual ligara antes para Henry fora o do escritório, o Trimline azul. O que se encontrava na superfície trincada do tampo da escrivaninha era preto e canhestro, com um disco em lugar de botões, e com um adesivo que dizia A FORÇA ESTEJA COM VOCÊ. Era o telefone em seu quarto de menino, o que ganhara dos pais como presente de aniversário. O número 949-7784, para o qual transferira a cobrança da ligação para Duddits anos atrás.

Agarrou-o num salto, ignorando o quadril, suplicando para que a linha não se desintegrasse e desconectasse antes de poder atender.

— Alô? Alô! — Balançando-se para a frente e para trás no soalho que tremia e vibrava. O escritório inteiro subindo e descendo como um navio num mar encapelado.

De todas as vozes que esperava ouvir, a de Roberta era a última.

— Sim, doutor, aguarde a chamada.

Houve um clique tão estridente que lhe feriu a cabeça, depois o silêncio. Jonesy gemeu e ia pôr o fone no gancho quando soou outro clique.

— Jonesy? — Era Henry. Indistinto, mas sem dúvida Henry.

— Onde você está? — Jonesy gritou. — Deus do céu, Henry, este lugar está desabando! Eu estou desabando!

— Estou no Gosselin — respondeu Henry —, só que não estou. Onde quer que você esteja, você não está. Estamos no hospital para o qual o

levaram depois do atropelamento... — Um estalo na linha, um zumbido, depois Henry voltou, mais próximo e mais audível. Como se numa linha de serviço de emergência em meio à desintegração toda. — ... mas também não lá!

— O quê?

— Estamos no apanhador de sonhos, Jonesy! Estamos no apanhador de sonhos, onde sempre estivemos! Desde a década de 1978! Duddits é o apanhador de sonhos, mas está morrendo! Está resistindo, só que não sei por quanto tempo mais... — Outro estalo seguido de outro zumbido, penetrante e elétrico.

— Henry! Henry!

— ... saia! — Indistinto de novo. Henry parecia desesperado. — Você tem que sair, Jonesy! Venha ao meu encontro! Corra pelo apanhador de sonhos e venha ao meu encontro! Ainda há tempo! Podemos vencer esse filho da puta! Está me ouvindo? Podemos...

Outro estalo e o fone emudeceu. O aparelho de seu telefone da meninice rachou, partiu-se ao meio e vomitou um incongruente emaranhado de fios. Todos eles laranja-avermelhados; todos contaminados com o byrus.

Jonesy largou o fone e olhou para o apanhador de sonhos que oscilava, aquela efêmera teia de aranha. Lembrou-se de uma frase da qual gostava quando eram garotos, tirada de algum número rotineiro de comediante: Onde quer que esteja, lá está você. Tinha o mesmo peso que A mesma merda, um outro dia, chegara mesmo a ser a preferida à medida que foram crescendo e começaram a se considerar requintados. Onde quer que esteja, lá está você. Só que, de acordo com o telefonema que Henry acabara de lhe fazer, isso não era verdadeiro. Onde quer que pensassem que estavam, lá não estavam.

Estavam no apanhador de sonhos.

Notou que aquele que oscilava no ar, acima das ruínas da escrivaninha, possuía quatro raios de roda que irradiavam do centro. Inúmeros fios entrelaçados eram unidos pelos raios, mas o que unia os raios era o centro — o núcleo de onde emergiam.

Corra pelo apanhador de sonhos e venha ao meu encontro! Ainda há tempo!

Jonesy se voltou e correu para a porta.

10

O Sr. Cinza estava também à porta — a da casa do poço. Trancada. Levando-se em conta o que acontecera com a russa, isso não o surpreendia muito. Trancando a porta do celeiro depois de o cavalo ter sido roubado, era como Jonesy o descrevia. Se dispusesse de uma kim, seria fácil. Tal como era, não se sentia muito perturbado. Um dos interessantes efeitos

colaterais de se ter emoções, ele descobrira, era que elas fazem a gente antecipar, planejar, de modo a não deflagrar um ataque emocional geral quando as coisas dão errado. Esse talvez fosse um dos motivos pelos quais aquelas criaturas vinham sobrevivendo havia tanto tempo.

A sugestão de Jonesy de que ele se entregasse a tudo aquilo — de que vivesse com os naturais, disse ele, uma expressão que, para o Sr. Cinza, era misteriosa e exótica — ocorria-lhe com frequência, mas ele a punha de lado. Cumpriria a missão, realizaria o imperativo. Depois disso, quem saberia? Sanduíches de bacon, talvez. E o que a mente de Jonesy identificava como "coquetel". Uma bebida fresca, restauradora, levemente inebriante.

Uma lufada de vento bateu vinda do reservatório, salpicando-lhe o rosto de neve molhada, cegando-o por um momento. Foi como a batida de uma toalha molhada, devolvendo-o ao aqui e agora, onde tinha um trabalho para terminar.

Esgueirou-se pela esquerda sobre a laje de granito retangular, escorregou, caiu de joelhos, ignorando o uivo do quadril de Jonesy. Não percorrera todo aquele caminho — anos-luz negros e quilômetros brancos — para rolar escada abaixo e quebrar o pescoço ou cair dentro do Reservatório de Quabbin e morrer de hipotermia na água gelada.

A laje fora assentada sobre um monte de pedras trituradas. Curvando-se sobre o lado esquerdo da laje, limpou a neve e começou a tatear em busca de um pedaço de pedra solto. Janelas flanqueavam a porta trancada, estreitas, mas não muito estreitas.

Os ruídos eram abafados e carregados pela forte nevasca, mas escutou o barulho de um motor que se aproximava. Houve um outro, também, mas este já havia cessado, provavelmente no fim da East Street. Estavam chegando, porém tarde demais. O caminho se estendia por cerca de um quilômetro e meio, o terreno coberto de uma vegetação densa e escorregadia. Quando chegassem ali, o cão estaria no fundo do poço, afogando-se e ao mesmo tempo descarregando o byrus no aqueduto.

Encontrou uma pedra solta e a agarrou, agindo com cautela para não desalojar o corpo pulsante do cão encaixado nos ombros. Ainda de joelhos, recuou da beirada da laje e procurou se pôr de pé. A princípio não o conseguiu. A protuberância do quadril de Jonesy inchara de novo. Por fim aprumou o corpo, embora a dor fosse insuportável, como se atingisse os dentes e as têmporas.

Ficou imóvel por um instante, sustentando um pouco acima do chão a perna direita ferida de Jonesy, como um cavalo com uma pedra no casco, apoiando-se na porta trancada da casa do poço. Quando a dor diminuiu um pouco, com a pedra quebrou a vidraça da janela à esquerda da porta. Cortou vários lugares da mão de Jonesy, um dos cortes profundos, e algumas vidraças na parte superior da janela penderam sobre a parte inferior como a lâmina triangular de uma guilhotina, mas ele não deu a menor atenção a essas coisas. Tampouco pressentiu que Jonesy, enfim, saíra do refúgio.

O Sr. Cinza se espremeu pela janela adentro, aterrissou no chão frio

de concreto e olhou em volta.

Achava-se num espaço retangular de cerca de 10 metros de comprimento. Na outra extremidade, uma janela que sem dúvida daria para uma vista espetacular do reservatório num dia claro revelava apenas branco, como se sobre ela um lençol tivesse sido fixado. Num lado dela havia o que se assemelhava a um gigantesco balde de aço, as laterais manchadas de vermelho — não byrus, mas um óxido que Jonesy identificava como "ferrugem". O Sr. Cinza não sabia ao certo, mas imaginou que homens poderiam ser baixados no poço dentro do balde, em situações de emergência.

A tampa de ferro, de mais de um metro lado a lado, encontrava-se no devido lugar, exatamente no meio do piso. Ele notou a chanfradura quadrada num lado da tampa e procurou com os olhos ao redor. Algumas ferramentas estavam encostadas na parede. Uma delas, em meio aos cacos de vidro da janela quebrada, um pé de cabra. Muito possivelmente a mesma ferramenta que a russa usara ao se preparar para o suicídio.

Pelo que ouvi dizer, pensou o Sr. Cinza, o pessoal de Boston vai estar bebendo o último byrus no café da manhã até o dia dos namorados.

Pegou o pé de cabra, mancou penosamente até o centro do lugar, a respiração em vapores frios e brancos diante de si, depois encaixou a extremidade fendida da ferramenta na ranhura da tampa.

O encaixe foi perfeito.

11

Henry larga o telefone, toma fôlego, prende-o... e depois corre para a porta com os dizeres ESCRITÓRIO e PRIVADO.

— Ei! — chia a velha Reenie Gosselin de trás da caixa registradora. — Volte aqui, seu moleque! Não pode entrar aí!

Henry não para, nem mesmo diminui a velocidade, mas, ao entrar pela porta, dá-se conta de que, sim, é um moleque, pelo menos uns 30 centímetros abaixo da estatura definitiva, e, embora use óculos, estes não são tão pesados quanto serão mais tarde. É um moleque, mas, debaixo da cabeleira desajeitada (que ficará mais rala quando chegar à casa dos 30) há um cérebro de adulto. Sou dois, dois, dois dropes de hortelã em um, ele pensa, e, quando irrompe no escritório do velho Gosselin, está cacarejando feito doido — rindo como os quatro riam nos velhos tempos, quando os fios do apanhador de sonhos estavam mais próximos do centro e Duddits marcava os pontos com os pinos. Quase mijei de rir, costumavam dizer; quase mijei de rir, mas que pipi-papão.

Irrompe no escritório, mas não é o escritório do velho Gosselin onde um homem chamado Owen Underhill uma vez reproduziu para um homem cujo nome não era Abraham Kurtz um teipe dos guris cinzentos que

falavam com vozes célebres; é um corredor, um corredor de hospital, e Henry não se surpreende nem um pouco. É o Mass General. Conseguiu.

O lugar é úmido, mais frio do que qualquer corredor de hospital costuma ser, e as paredes estão manchadas de byrus. Em alguma parte, uma voz murmura palavras entre gemidos: Não quero você, não quero uma dose, quero Jonesy. Jonesy conhecia Duddits, Jonesy morreu, morreu na ambulância, Jonesy é o único que conseguirá. Vai embora, pipi-papão, quero Jonesy.

Mas não irá embora. É o astuto Sr. Morte, e não irá embora. Tem um negócio a tratar.

Caminha sem ser visto pelo corredor, onde faz um frio tal que o vapor de sua respiração é visível, um rapaz de parca laranja que ele logo haverá de superar. Desejou estar com a espingarda, a que o pai de Pete lhe emprestou, mas a espingarda se foi, abandonada, sepultada nos anos junto com o telefone de Jonesy que tinha o adesivo de Guerra nas estrelas (todos sentiam muita inveja daquele telefone), com a jaqueta de muitos zíperes de Beaver e o suéter de Pete em cuja frente havia o logotipo da NASA. Sepultados nos anos. Alguns sonhos morrem e têm queda livre, essa é mais uma das verdades dolorosas da vida. Existem tantas verdades dolorosas.

Passa por duas enfermeiras que riem e conversam — uma delas é Josie Rinkenhauer, já adulta, e a outra é a mulher da fotografia Polaroid que viram naquele dia pela janela do escritório dos Irmãos Tracker. Não o veem porque, para elas, ele não está ali; está no apanhador de sonhos, refazendo o trajeto ao longo do fio, correndo para o centro. Sou o homem-ovo, pensa. O tempo tardou, a realidade se curvou; sem parar seguiu o homem-ovo.

Henry seguiu pelo corredor em direção ao som da voz do Sr. Cinza.

12

Kurtz escutou com nitidez através da janela estilhaçada: a gaguez entrecortada dos disparos de um rifle automático. Aquilo provocou nele uma velha sensação de inquietação e impaciência: raiva de que o tiroteio começara sem ele, medo de que estaria terminado antes de chegar lá, nada restando exceto os gritos dos feridos: médico-médico-médico.

— Acelere, Freddy. — Em frente de Kurtz, Perlmutter roncava ainda mais profundamente em seu estado de coma.

— A estrada está muito escorregadia, chefão.

— Acelere, mesmo assim. Tenho o pressentimento de que quase...

Viu um borrão róseo na limpa cortina branca de neve, tão difuso como o sangue de um corte no rosto insinuando-se no creme de barbear, e então o Subaru acidentado surgiu diante deles, o focinho na cratera, a traseira no ar. Nos momentos seguintes, Kurtz retirou todos os pensamentos indelicados acerca das qualidades de motorista de Freddy. O

segundo comandante simplesmente girou o volante para a direita e pressionou o acelerador quando o Humvee começou a derrapar. O enorme veículo obedeceu e saltou sobre a fenda na estrada. A colisão se deu com um tremendo solavanco. Kurtz voou para cima, chocando-se no teto com uma força suficiente para produzir uma chuva de estrelas no campo de visão. Os braços de Perlmutter sacudiram como os de um cadáver; a cabeça atirada para trás e para a frente. O Humvee passou tão rente ao Subaru que a maçaneta da porta no lado do passageiro foi arrancada. Depois o veículo avançou veloz, agora perseguindo um único par de marcas de rodas recentes.

Estou prestes a pôr as mãos em você, Owen, Kurtz pensou. Bem no seu pescocinho tão querido, Deus apodreça esses seus olhos azuis.

A única coisa que o preocupava era aquela irrupção de disparos. O que fora aquilo? O que quer que tivesse sido, não se repetira.

Depois, à frente, outro borrão na neve. Verde-oliva. Era o outro Humvee. Tinham desaparecido, provavelmente desaparecido, mas...

— Aguente firme — disse Kurtz para Freddy. A voz um tanto estrídula. — É hora de alguém arcar com as consequências.

13

Ao chegar ao local em que a East Street terminava (ou se desviava para a sinuosa Fitzpatrick Road a noroeste, dependendo da interpretação dada), Owen ouviu Kurtz atrás dele e imaginou que Kurtz provavelmente o ouvia também — um Humvee não é barulhento como um Harley, mas está longe de ser silencioso.

As pegadas de Jonesy haviam desaparecido por completo, mas Owen conseguiu ver o caminho que conduzia a partir da estrada ao longo da margem do reservatório. Desligou o motor.

— Henry, parece que vamos ter de andar daq... — Interrompeu-se. Vinha se concentrando na direção e não olhara para trás nem pelo retrovisor, por isso estava despreparado para o que agora enxergava. Despreparado e estarrecido.

Henry e Duddits estavam envolvidos no que Owen achou, a princípio, que fosse um abraço derradeiro, as faces hirsutas encostadas uma na outra, os olhos fechados, os rostos e os casacos manchados de sangue. Nenhum deles respirava, pelo que notou, e concluiu que haviam morrido juntos — Duddits em consequência da leucemia, Henry talvez de um ataque cardíaco causado pela exaustão e pela constante tensão não aliviada das últimas 30 horas —, mas nisso distinguiu a minúscula contração das pálpebras. Nos dois.

Abraçados. Ensanguentados. Mas não mortos. Dormindo.

Sonhando.

Owen começou de novo a chamar Henry, mas mudou de ideia. Henry se recusara a abandonar o acampamento em Jefferson Tract sem antes libertar os prisioneiros, e, se conseguiram escapar daquela situação, fora por mera sorte... ou providência divina, se a gente acredita que existe algo mais além de um show de tevê. No entanto, estavam sendo perseguidos por Kurtz, Kurtz persistira feito carrapato e agora se encontrava bem mais perto do que estaria se Owen e Henry tivessem simplesmente fugido dentro da nevasca.

Bom, eu não teria como mudar isso, pensou Owen, abrindo a porta do lado do motorista e descendo do veículo. De algum lugar ao norte, distante no vazio branco da tempestade, soou o guincho de uma águia que se queixava do tempo. Detrás, do sul, vinha o rugido de Kurtz, que se aproximava, aquele maluco irritante. Era impossível saber quão perto ele se achava, devido à droga da neve. Desabando tão rápida e pesadamente, atuava como um deflector de som. Poderia estar uns 6 quilômetros atrás; poderia estar bem mais perto. Freddy com ele, o bosta do Freddy, o soldado perfeito, Dolph Lundgren saído do inferno.

Owen caminhou até a traseira do carro, escorregando e deslizando na neve, amaldiçoando-a, e abriu a porta traseira do Humvee, esperando encontrar armas automáticas, desejando um lançador de foguetes portátil. Nenhum lançador de foguetes, tampouco nenhuma granada, mas havia quatro rifles automáticos MP5 e uma caixa contendo pentes de bala longos, desses de 120 descargas.

No acampamento, agira segundo a vontade de Henry, e Owen imaginava que tinham salvado pelo menos algumas vidas, mas dessa vez não acataria a vontade de Henry — se não tinha pagado o bastante pela porcaria da travessa dos Rapeloew, teria simplesmente que viver com a dívida. Não por muito tempo, também, se Kurtz fosse bem-sucedido.

Henry devia estar dormindo, inconsciente ou unido ao amigo de infância moribundo por meio de algum estranho tipo de combinação mental. Que fosse, então. Desperto e a seu lado, Henry poderia impedir o que precisava ser feito, principalmente se Henry tivesse razão em acreditar que o outro amigo ainda estava vivo, escondido na mente que o alienígena agora controlava. Owen não perderia a oportunidade... e, sem a telepatia, não escutaria Jonesy implorar por sua vida, se ainda estivesse lá. A Glock era uma arma eficiente, mas não segura o bastante.

O MP5 partiria o corpo de Gary Jones ao meio.

Owen se apossou de um, além de três pentes de bala que guardou nos bolsos do casaco. Kurtz mais perto agora — perto, perto, perto. Olhou para a East Street atrás, quase esperando ver o segundo Humvee surgir como um espectro verde-acastanhado, mas, por ora, nada havia. Louvado seja Deus, como diria Kurtz.

As janelas do Humvee já se recobriam de camadas lustrosas de neve, mas pôde ver o vulto difuso dos dois homens no banco traseiro ao passar de volta ao longo do veículo, a passos rápidos agora. Ainda abraçados um ao outro.

— Adeus, rapazes — disse. — Durmam bem. — E, com um pouco de sorte, ainda estariam adormecidos quando Kurtz e Freddy chegassem, pondo um fim na vida deles antes de partirem em busca da presa principal.

Owen se deteve de repente, escorregando na neve e agarrando-se ao comprido capô do Humvee para não cair. Duddits era, sem dúvida, uma causa perdida, mas talvez fosse capaz de salvar Henry Devlin. Era possível.

Não!, parte de sua mente gritou, ao começar a andar de volta para a porta traseira. Não, não há tempo!

Mas Owen resolveu apostar que havia — apostar o mundo inteiro. Talvez pagar um pouco mais do que devia pela travessa dos Rapeloew; talvez pelo que fizera no dia anterior (aquelas figuras nuas cinzentas paradas em redor da espaçonave caída, os braços levantados, como se rendendo); provavelmente apenas pelo Henry, que lhe disse que se tornariam heróis e que tentara, esplendidamente, cumprir essa promessa.

Sem compaixão pelo diabo, pensou, escancarando a porta traseira. Não, senhor, compaixão zero pelo filho da puta.

Duddits era o mais próximo. Owen o agarrou pelo colarinho do enorme casaco de baeta e o puxou. Duddits tombou de lado sobre o banco. O boné caiu, revelando o crânio calvo e reluzente. Henry, com os braços ainda em volta dos ombros de Duddits, foi junto, pousando sobre ele. Seus olhos não se abriram, mas ele emitiu um gemido baixo. Owen se curvou e sussurrou com arrebatamento dentro do ouvido de Henry.

— Não se sente. Pelo amor de Deus, Henry, não se sente!

Owen recuou, bateu a porta, deu três passos para trás, apoiou a coronha do rifle no quadril e disparou. As janelas do Humvee se transformaram em leite e se desintegraram. Cartuchos tilintaram em redor dos pés de Owen. Ele avançou de novo e, através da janela espatifada, inspecionou o banco traseiro. Henry e Duddits continuavam deitados, agora cobertos de estilhaços de Saf-T-Glass, além do sangue de Duddits, e, aos olhos de Owen, pareciam as pessoas mais mortas que jamais vira. Owen esperava que Kurtz estivesse com pressa demais para um exame minucioso. De qualquer forma, fizera o melhor possível.

Escutou um forte som de metal sacudindo e abriu um sorriso. Isso situava Kurtz, graças a Deus — chegaram à cratera onde o Subaru estancara. Desejou com todas as forças que Kurtz e Freddy tivessem colidido com a merda do carro, mas, lamentavelmente, o som não fora tão estrondoso. Contudo, situava-os. Quase 2 quilômetros atrás, quase 2 quilômetros pelo menos. Não era tão mau quanto pensara.

— Tempo de sobra — murmurou, e isso valeria no caso de Kurtz, mas o que dizer da outra extremidade? Onde estaria o Sr. Cinza?

Segurando o MP5 pela correia, começou a percorrer o caminho que levava ao Poço 12.

O Sr. Cinza descobrira uma outra emoção humana desagradável: pânico. Percorrera toda aquela distância — anos-luz através do espaço, quilômetros através da neve — para ser impedido pelos músculos de Jonesy, enfraquecidos e em más condições, e pela tampa de ferro do poço, bem mais pesada do que imaginara. Pressionou o pé de cabra para baixo até que os músculos das costas de Jonesy urraram num protesto agoniado... e foi, finalmente, presenteado com uma breve piscadela de escuridão que veio de debaixo da borda do ferro enferrujado. E com um rangido triturante, quando ela se deslocou um pouco — não mais, talvez, do que uns dois dedos — no concreto. Depois os músculos do lombo de Jonesy se travaram e o Sr. Cinza se afastou do poço, cambaleando, urrando por entre os dentes cerrados (graças a sua imunidade, Jonesy ainda possuía um par de dentaduras completo) e pressionando com as mãos a base da espinha de Jonesy, como se para evitar que explodisse.

Lad emitiu uma série de ganidos lamurientos. O Sr. Cinza olhou para ele e constatou que a situação chegara a um ponto crítico. Embora ainda estivesse adormecido, o abdome de Lad inchara tão bizarramente que uma de suas pernas se projetava rígida no ar. A pele na parte inferior da barriga se esticara quase que prestes a se romper, e as veias dessa região latejavam com a velocidade mecânica de um relógio. Um fio de sangue reluzente jorrou embaixo da cauda.

O Sr. Cinza lançou um olhar maligno para o pé de cabra que se projetava da ranhura na tampa de ferro. Na imaginação de Jonesy, a mulher russa fora uma boneca esbelta de cabelo preto e olhos pretos trágicos. Na realidade, pensou o Sr. Cinza, ela deveria ser espadaúda e musculosa. Não fosse assim, como poderia ter...

Soou uma rajada de disparos, alarmantemente próxima. O Sr. Cinza arquejou e olhou em volta. Graças a Jonesy, agora a corrosão humana da dúvida era também parte de sua constituição, e, pela primeira vez, deu-se conta de que poderia perder a oportunidade — sim, mesmo ali, tão perto de sua meta que era capaz de ouvi-la, o barulho de água corrente iniciando uma jornada subterrânea de quase 100 quilômetros. E tudo aquilo se interpunha no caminho do byrus e aquele mundo inteiro era uma chapa de ferro circular que pesava 60 quilos.

Berrando uma insuficiente e desesperada litania de impropérios à maneira de Beaver, o Sr. Cinza avançou às pressas, o corpo fragílimo de Jonesy contraindo-se para a frente e para trás no ponto de articulação defeituoso do quadril direito. Um deles chegava, o chamado Owen, e o Sr. Cinza ousou não acreditar que faria o tal Owen apontar a arma contra si mesmo. No devido momento, com o devido elemento de surpresa, talvez. Agora não tinha nem um nem outro. E o homem que chegava fora treinado para matar; era a carreira dele.

O Sr. Cinza pulou no ar. Houve um estalo, bastante audível, no que o

quadril sobrecarregado de Jonesy se desprendeu do encaixe inchado que o sustentava. O Sr. Cinza se lançou sobre o pé de cabra com todo o peso de Jonesy. A borda tornou a se erguer, e dessa vez a tampa se deslocou cerca de 30 centímetros ao longo do concreto. A meia-lua negra, através da qual a russa saltara, reapareceu. Não exatamente uma meia-lua, na realidade não mais do que um sutil C maiúsculo feito com uma caneta de calígrafo... mas o suficiente para o cão.

A perna de Jonesy já não suportava o peso de Jonesy (e onde estava Jonesy, de qualquer modo? Ainda não havia nem mesmo um murmúrio do hospedeiro importuno), mas tudo bem. Rastejar serviria.

O Sr. Cinza rastejou então pelo meio do cimento frio do piso até onde jazia o border collie adormecido, agarrou Lad pela coleira e começou a arrastá-lo até o Poço 12.

15

O Salão de Recordações — o vasto depósito de caixas — está também prestes a desabar. O piso treme, como se sob o efeito de um lento e interminável terremoto. No teto, as lâmpadas fluorescentes piscam, acendendo e apagando, conferindo ao espaço um aspecto alucinatório e intermitente. Em alguns lugares, as pilhas altas de caixas caíram, bloqueando alguns corredores.

Jonesy corre o mais rápido que pode. Passa de corredor a corredor, avançando com dificuldade neste labirinto, baseando-se em puro instinto. Repete para si mesmo que ignore a droga do quadril, pois que agora é, de qualquer maneira, apenas mente, mas poderia muito bem ser um mutilado tentando persuadir o membro ausente a parar de pulsar.

Passa correndo por caixas assinaladas com GUERRA AUSTRO-HÚNGARA, POLÍTICA MINISTERIAL, HISTÓRIAS INFANTIS e CONTEÚDO DO GABINETE NO ANDAR SUPERIOR. Salta uma pilha de caixas caídas assinaladas com CARLA, aterrissa com a perna defeituosa e urra de dor. Agarra-se a mais caixas (estas assinaladas com GETTYSBURG) para evitar continuar tropeçando, e por fim avista o fundo do armazém. Graças a Deus; é como se tivesse corrido quilômetros.

Na porta há os avisos UTI, SILÊNCIO POR FAVOR e PROIBIDA A ENTRADA DE VISITANTES. E está certo; trouxeram-no para cá; aqui acordara e ouvira o manhoso Sr. Morte simulando chamar Marcy.

Jonesy irrompe porta adentro, outro mundo adentro, um mundo que reconhece: o corredor branco e azul da UTI onde deu os primeiros passos hesitantes e dolorosos quatro dias após a operação. Tropeça uns 12 passos depois no corredor ladrilhado, vê manchas de byrus germinando nas paredes, ouve a muzak, que, sem dúvida, é inadequada para um hospital; embora o volume esteja baixo, parece os Rolling Stones cantando

“Sympathy for the Devil”.

Mal acaba de identificar a música, o quadril de súbito se torna nuclear. Jonesy emite um grito de surpresa e tomba nos ladrilhos preto-avermelhados da UTI, agarrando a si mesmo. Rola inúmeras vezes, olhando para os painéis de luz fulgurantes, para os alto-falantes circulares dos quais vem a música (“Anastácia gritou em vão”), música de um outro mundo, quando a dor é assim intensa tudo está num outro mundo, a dor torna a substância uma sombra e zomba até mesmo do amor, isso é algo que descobriu em março e tem que redescobri-lo agora. Rola e rola, as mãos agarradas ao quadril inchado, os olhos esbugalhados, a boca repuxada num vasto ricto, e, sim, sabe o que aconteceu: Sr. Cinza. O filho da puta do Sr. Cinza lhe quebrou o quadril de novo.

Depois, de muito longe nesse outro mundo, ouve a voz que conhece, uma voz de criança.

Jonesy!

Ecoando, distorcida... mas não de tão longe assim. Não deste corredor, mas de um dos corredores adjacentes. A voz de quem? De um de seus filhos? John, talvez? Não...

Jonesy, você tem que correr! Ele está vindo para te matar! Owen está vindo para te matar!

Não sabe quem é Owen, mas sabe de quem é a voz: Henry Devlin. Mas não como é hoje, ou como era quando o viu pela última vez, indo com Pete para o mercado do Gosselin; esta é a voz do Henry com o qual cresceu junto, o que disse para Richie Grenadeau que contaria para todo mundo se não parasse, que Richie e seus amigos jamais pegariam Pete porque Pete corria tão veloz como a porra do vento.

Não posso!, responde, ainda rolando no chão. Nota que algo mudou, ainda está mudando, mas não sabe o quê. Não posso, ele quebrou o meu quadril de novo, o filho da puta quebrou...

E então se dá conta do que acontece com ele: a dor está percorrendo um caminho invertido. É como assistir a um videoteipe enquanto é retrocedido — o leite sai do copo e voa para dentro da embalagem, a flor que deveria desabrochar, através do milagre da fotografia com intervalo de tempo, fecha-se.

O motivo se torna evidente quando ele olha para si mesmo e vê a parca laranja berrante que está usando. É a parca que a mãe lhe comprou na Sears para a primeira viagem de caça à Hole in the Wall, a viagem na qual Henry caçou um cervo e todos eles mataram Richie Grenadeau e os amigos dele — mataram-nos com um sonho, talvez sem querer, mas mesmo assim mataram.

Voltou a ser criança, um garoto de 14 anos, e não há dor. Por que haveria? O quadril só vai ser quebrado daqui a 23 anos. E então todas as peças se juntam numa colisão no interior da mente: nunca existiu nenhum Sr. Cinza, não na realidade; o Sr. Cinza vive no apanhador de sonhos e em nenhum outro lugar. Não é mais real do que a dor no quadril. Eu era imune, pensa, levantando-se. Nunca contraí nem sequer uma partícula do byrus. O

que está na minha cabeça não é bem uma recordação, isso não, mas um fantasma de verdade na máquina. Ele sou eu. Deus do céu, o Sr. Cinza sou eu.

Jonesy se levanta com dificuldade e começa a correr, quase perdendo o controle dos pés ao virar uma quina. Mantém-se em pé, porém; é ágil e veloz como só um garoto de 14 anos pode ser, e não há dor, não há dor.

Conhece o corredor seguinte. Há um carrinho estacionado no qual há um urinol. Passando por ele, movimentando-se com delicadeza sobre os pés minúsculos, está o cervo que viu naquele dia em Cambridge pouco antes de ser atropelado. Há uma coleira no pescoço aveludado e, pendendo dela, oscilando feito um amuleto desproporcionado, está seu Magic 8-Ball. Jonesy passa correndo pelo cervo, que olha para ele com meigos olhos de surpresa.

Jonesy!

Perto agora. Bastante perto.

Jonesy, depressa!

Jonesy redobra a velocidade, os pés voando, pulmões jovens respirando facilmente, não há byrus porque ele é imune, não há Sr. Cinza, não nele, pelo menos, o Sr. Cinza está no hospital e lá sempre esteve, o Sr. Cinza é o membro fantasma que você ainda sente, o que, você juraria, ainda está lá, o Sr. Cinza é o fantasma na máquina, o fantasma cujas funções vitais são mantidas pela máquina, e a máquina de manutenção da vida é ele.

Vira outra quina. Aqui há três portas abertas. Adiante delas, ao lado da quarta porta, a única fechada, Henry está parado. Henry com 14 anos, assim como Jonesy; Henry trajando um casaco laranja, assim como Jonesy. Os óculos escorregaram pela ponte do nariz, assim como sempre o fizeram, e ele acena com urgência.

Depressa! Depressa, Jonesy! Duddits não vai resistir muito mais! Se ele morrer antes de matarmos o Sr. Cinza...

Jonesy se reúne com Henry à porta. Deseja atirar os braços em torno dele, abraçá-lo, mas não há tempo.

Tudo isso é culpa minha, diz para Henry, e o diapasão de sua voz é mais alto do que fora em muitos anos.

Não é verdade, Henry retruca. Está olhando para Jonesy com a antiga impaciência que, quando crianças, infundia respeito a Jonesy, Pete e Beaver — Henry sempre pareceu estar bem à frente, sempre prestes a correr para o futuro e deixá-los atrás. Eles sempre pareceram contê-lo.

Mas...

Você poderia dizer também que Duddits matou Richie Grenadeau e que nós fomos seus cúmplices. Ele era o que era, Jonesy, e fez de nós o que somos... mas não de propósito. Era tudo o que ele podia fazer para amarrar os sapatos de propósito, não sabe disso?

E Jonesy pensa: Agiar oê? Agiar ênis?

Henry... Duddits está...

Está resistindo por nossa causa, Jonesy, eu lhe disse. Está nos

conservando unidos.

No apanhador de sonhos.

Isso mesmo. E então, vamos continuar aqui no corredor discutindo enquanto o mundo vai por água abaixo ou vamos...

Vamos matar o filho da puta, diz Jonesy, e estende a mão na direção da maçaneta. Acima há um aviso com os dizeres: AQUI NÃO HÁ INFECÇÃO, IL N'Y A PAS D'INFECTION ICI, e, de súbito, ele vê as arestas pungentes do aviso. É como uma das ilusões ópticas de Escher. Olhe-o de um ângulo e é verdadeiro. Olhe-o de um outro ângulo e é a mentira mais monstruosa do universo.

O apanhador de sonhos, Jonesy pensa, e gira a maçaneta.

O quarto atrás da porta é uma babel de byrus, uma selva de pesadelo coberta com trepadeiras, videiras e cipós torcidos juntos em trançados da cor do sangue. O ar cheira a súlfur e álcool etílico um tanto frio, odor de fluido de arranque despejado num carburador emperrado numa manhã de janeiro com temperatura abaixo de zero. Ao menos não têm que se preocupar com a fuinha de merda, não aqui; ela está num outro fio do apanhador de sonhos, num outro lugar, num outro tempo. O byrus é problema do Lad, agora; ele é um border collie com um futuro bastante sombrio.

O aparelho de televisão está ligado e, embora a tela esteja coberta com byrus, uma fantasmagórica imagem em branco e preto vai filtrando-se nela. Um homem está arrastando o cadáver de um cão ao longo de um chão de concreto. Empoeirado e forrado de folhas mortas do outono, é como um túmulo num dos filmes de terror da década de 1950 a que Jonesy ainda gosta de assistir em seu videocassete. Mas não é um túmulo; está pleno do som cavernoso de água corrente.

No centro do piso, há uma tampa circular enferrujada com a sigla DRAM gravada nela: Departamento de Recursos de Água de Massachusetts. Mesmo através da camada avermelhada na tela da tevê, essas letras sobressaem. Claro que sim. Para o Sr. Cinza — que morreu como um ser físico na Hole in the Wall —, elas significam tudo.

Significam, literalmente, o mundo.

A tampa do poço foi em parte puxada de lado, revelando uma forma de meia-lua de escuridão absoluta. O homem que arrasta o cão é ele mesmo, Jonesy percebe, e o cão não está exatamente morto. Deixa no concreto um rastro de sangue róseo e espumoso, e as pernas traseiras estão se contraindo. Quase pedalando.

Esqueça o filme, diz Henry, quase com rispidez, e Jonesy volta a atenção para a figura na cama, uma coisa cinzenta com o lençol manchado de byrus cobrindo o peito, que é uma extensão plana e cinzenta de carne sem poros, sem pelos, sem mamilos. Embora não possa ver, por causa do lençol, Jonesy sabe que também não há umbigo, porque essa coisa jamais nasceu. É a gestação de um alienígena, arrancada direto das mentes subconscientes daqueles que tiveram contato com o byrus pela primeira vez. Jamais existiram como criaturas reais, alienígenas, ETs. Os cinza,

como seres físicos, foram sempre criados na imaginação humana, no apanhador de sonhos, e estar ciente disso confere a Jonesy um certo alívio. Não fora o único a ser iludido. Ao menos tem isso.

Algo mais o satisfaz: a expressão nos olhos pretos horrendos. É de medo.

16

– Estou firme e carregado — disse Freddy com tranquilidade, parando o veículo atrás do Humvee que perseguiram aqueles quilômetros todos.

— Excelente — retrucou Kurtz. — Cheque esse HMW. Dou a cobertura.

— Certo. — Freddy olhou para Perlmutter, cuja barriga inchava de novo, depois para o Humvee de Owen. O motivo das rajadas que ouviram antes agora estava claro: o Humvee ficara bastante danificado. Restava apenas saber quem foi o autor dos disparos e quem foi o alvo. Pegadas partiam do Humvee, tornando-se cada vez mais indistintas sob a rápida nevasca, mas, por ora, estava claro o bastante. Pegadas de dois pés. Botas. Provavelmente de Owen.

— Prossiga, Freddy!

Freddy saiu de debaixo da neve. Kurtz saiu atrás dele e Freddy o ouviu deslizar a trava da automática. Dependendo do tipo da 9 milímetros. Bem, talvez não houvesse problema; ele era bom no uso de uma automática, não havia dúvida.

Freddy sentiu um momentâneo calafrio lhe percorrer a espinha, como se Kurtz tivesse apontado a automática para lá. Bem lá. Mas isso seria ridículo, não seria? Owen, sim, mas Owen era diferente. Owen ultrapassara a linha.

Freddy correu até o Humvee, curvado, a carabina erguida na altura do peito. Não gostava de ter Kurtz às costas, isso era inegável. Não, não gostava disso de modo algum.

17

Enquanto os dois garotos se aproximam da cama coberta de byrus, o Sr. Cinza aperta repetidas vezes a campainha de emergência, mas nada acontece. Acho que as conexões estão bloquedas com o byrus, Jonesy pensa. Que azar, Sr. Cinza... que azar o seu. Lança um olhar para o aparelho de televisão e vê que o outro ele mesmo no filme levou o cão até a beirada do poço. Talvez seja tarde demais para eles, afinal; talvez não. Não há

como saber. A roda ainda está girando.

Olá, Sr. Cinza, eu queria tanto conhecê-lo, diz Henry. Enquanto fala, retira o travesseiro manchado de byrus de sob a cabeça estreita e sem orelhas do Sr. Cinza. O Sr. Cinza tenta serpear para o outro lado da cama, mas Jonesy o mantém no lugar, segurando o braço franzino de criança do alienígena. A pele da mão não é nem fria nem quente. Nem parece pele, não de verdade. Parece...

Parece nada, pensa. Parece um sonho.

Sr. Cinza?, diz Henry. É assim que dizemos bem-vindo ao Planeta Terra. E põe o travesseiro sobre o rosto do Sr. Cinza.

Sob as mãos de Jonesy, o Sr. Cinza se debate e se contorce. Em algum lugar, um monitor começa a apitar freneticamente, como se esta criatura tivesse de fato um coração, e que agora parara de bater.

Jonesy olha para o monstro agonizante e apenas deseja que isto tenha acabado.

18

O Sr. Cinza levou o cão até o lado do poço que destampara parcialmente. Saindo do estreito semicírculo preto, o ruído constante e cavernoso de água corrente e um cheiro de ar úmido e frio.

Se for feito quando deve ser feito, então é bom que seja feito depressa — isso vinha de uma caixa assinalada com SHAKESPEARE. As pernas traseiras do cão giravam com rapidez, como se ele andasse de bicicleta, e o Sr. Cinza ouviu um som molhado de carne rasgada enquanto o byrus dava estocadas com uma extremidade e mastigava com a outra, forçando a saída. Sob a cauda do cão, começaram os trinos, um som de macaco raivoso. Ele tinha de jogá-lo no poço antes que o byrus saísse; não havia a necessidade absoluta de que nascesse na água, mas, se nascesse, suas chances de sobrevivência seriam bem maiores.

O Sr. Cinza tentou empurrar a cabeça do cão para dentro da brecha entre a tampa e o concreto, mas não conseguiu. O pescoço se dobrou e o focinho do cão, absurdamente sorridente, voltou-se para cima. Embora ainda dormisse (ou talvez agora estivesse inconsciente), passou a emitir uma série de ladridos baixos e sufocados.

E não conseguia introduzi-lo na brecha.

— Freddy me foda! — berrou o Sr. Cinza. Mal notava a dor vociferante no quadril de Jonesy, decerto mal notava que o rosto de Jonesy estava tenso e pálido, os olhos castanho-claros molhados das lágrimas de esforço e frustração. Notara — notara perfeitamente — que algo estava acontecendo. Por trás das minhas costas, Jonesy diria. E quem mais poderia ser? Quem mais senão Jonesy, seu relutante hospedeiro?

— Vá à MERDA! — berrou para o cão danado, odioso, teimoso, um

pouco grande demais. — Vai para o fundo, está me ouvindo? ESTÁ ME...

As palavras estancaram na garganta. De súbito, não conseguia mais gritar, embora o desejasse muito; ah, como gostava de gritar, e esmurrar coisas (mesmo um cão grávido moribundo)! De súbito, não conseguia respirar, quanto mais gritar. O que Jonesy estava fazendo com ele?

Não esperava obter uma resposta, mas houve uma — a voz de um estranho, cheia de ira fria: É assim que dizemos bem-vindo ao Planeta Terra.

19

A oscilante mão de três dedos da coisa cinza no leito do hospital se ergue e de fato afasta o travesseiro por um momento. Os olhos pretos que olham do rosto sem feições características, à parte os próprios olhos, estão desvairados, com medo e raiva. Ele arqueja. Considerando-se que não existe de modo algum — nem mesmo no cérebro de Jonesy, ao menos como um artefato físico —, está lutando furiosamente pela vida. Henry não pode ser solidário, mas compreende. Quer o que Jonesy quer, o que Duddits quer... o que o próprio Henry quer, pois afinal, apesar de todos os seus pensamentos sombrios, seu coração não continuou pulsando? Seu fígado não continuou limpando o sangue? Seu corpo não continuou lutando uma guerra invisível contra tudo, do frio normal até o câncer e o próprio byrus? O corpo é estúpido ou infinitamente sábio, mas, nos dois casos, é poupado do terrível sortilégio do pensamento; sabe apenas como manter sua posição e lutar até não poder mais lutar. Se o Sr. Cinza foi alguma vez diferente, já não é mais diferente. Quer viver.

Mas não acho que viverá, diz Henry, a voz calma, quase branda. Não acho não, meu amigo. E mais uma vez coloca o travesseiro sobre o rosto do Sr. Cinza.

20

O conduto de respiração do Sr. Cinza se abriu. Conseguiu um gole do ar frio da casa do poço... dois... e depois o conduto se fechou de novo. Estavam asfixiando-o, sufocando-o, matando-o.

Não! Pipi-papão! Lambe-porre a porra do meu pipi-papão! NÃO PODEM FAZER ISSO!

Puxou o cão de novo e o virou de lado; era quase como observar um homem já atrasado para o avião tentando fazer o último artigo volumoso caber dentro da mala.

Deste jeito ele passa, pensou.

Sim. Passaria. Mesmo que tivesse que destruir a barriga estofada do cão com as mãos de Jonesy e libertar o byrus. De um jeito ou de outro, a coisa maldita haveria de passar.

O rosto inchando, os olhos saltando das órbitas, a respiração suspensa, uma única veia grossa inchando no meio da testa de Jonesy, o Sr. Cinza empurrou Lad mais para o fundo da brecha e depois começou a esmurrar o peito do cão com os punhos de Jonesy.

Passe, maldito, passe.

PASSE!

21

Freddy Johnson apontou a carabina para o interior do Humvee abandonado enquanto Kurtz, estacionado perspicazmente às costas dele (desse modo era como a repetição do ataque à espaçonave dos guris cinzentos), aguardava para ver o que sucederia.

— Dois fulanos, chefão. Parece que Owen resolveu apagar a gentalha antes de continuar.

— Mortos?

— Me parecem mortos da silva. Deve ser o Devlin e aquele outro, o que foram buscar.

Kurtz se juntou a Freddy, deu uma espiada através da janela espatifada e assentiu com um movimento da cabeça. Pareciam mortos da silva para ele também, um par de toupeiras brancas entrelaçadas no banco de trás, cobertas de sangue e estilhaços de vidro. Ergueu a pistola automática para garantir — uma bala na cabeça de cada um não doeria — e então a abaixou de novo. Owen possivelmente não ouviu o ruído do motor de seu veículo. A neve caía assombrosamente pesada e molhada, um cobertor acústico, e isso era bastante provável. Mas ouviria os disparos. Em lugar disso, voltou-se na direção do caminho.

— Vá na frente, recruta, e cuidado com os passos... parece escorregadio. E ainda pode haver o elemento de surpresa. Seria bom termos isso em mente, não seria?

Freddy concordou com a cabeça.

Kurtz sorriu. O sorriso transformou seu rosto num rosto de caveira.

— Com um pouco de sorte, recruta, Owen Underhill estará no inferno antes mesmo de saber que está morto.

O controle remoto da televisão, um retângulo de plástico, preto e coberto de byrus, jaz na mesinha à cabeceira do leito do Sr. Cinza. Jonesy o pega. Com uma voz que soa sinistramente igual à de Beaver, diz: "À merda esta bosta", e o bate contra a borda da mesinha o mais forte que pode, como quem quebra a casca de um ovo cozido. O controle remoto se arrebenta, esparramando as pilhas e deixando um bastão de plástico recortado na mão de Jonesy. Estende a mão por baixo do travesseiro que Henry está segurando sobre o rosto sovado da coisa. Hesita por um instante, lembrando-se de seu primeiro encontro com o Sr. Cinza — seu único encontro. A maçaneta da porta do banheiro saindo na mão quando a haste central se desprendeu. A sensação de escuridão que era a sombra da criatura incidindo sobre ele. Fora bastante real naquele momento, real como rosas, real como pingos de chuva. Jonesy se voltara para trás e o vira... a coisa... o que quer que o Sr. Cinza fosse antes de ser o Sr. Cinza... parado na enorme sala central. O conteúdo de centenas de filmes e documentários sobre "mistérios inexplicáveis", só que velho. Velho e doente. Preparado, mesmo naquele momento, para este leito na Unidade de Tratamento Intensivo. Marcy, ele dissera, extraindo a palavra direto do cérebro de Jonesy. Arrancando-a como rolha. Abrindo o orifício pelo qual entraria. Depois explodira como uma matraca na véspera do Ano-novo, jogando byrus, em lugar de confetes, e...

...e eu imaginei o resto. Foi isso, não foi? Só um outro caso de esquizofrenia intergaláctica. Foi isso, basicamente.

Jonesy!, Henry grita. Se é para fazer, então faça!

Aí vai, Sr. Cinza, Jonesy pensa. Prepare-se. Porque o troco...

23

O Sr. Cinza introduzira o corpo de Lad a meio caminho da brecha quando a voz de Jonesy lhe encheu a cabeça.

Aí vai, Sr. Cinza. Prepare-se. Porque o troco é um sufoco.

Uma dor dilacerante se instalou no meio da garganta de Jonesy. O Sr. Cinza ergueu as mãos de Jonesy, produzindo uma série de grunhidos engasgados que não alcançariam exatamente o status de gritos. Não sentiu a pele hirsuta e uniforme da garganta de Jonesy, mas sua própria carne áspera. O que sentiu com mais intensidade foi uma escandalosa incredulidade: era a última emoção de Jonesy de que se servia. Isso não pode estar acontecendo. Sempre chegaram nas espaçonaves dos velhos, esses artefatos; sempre ergueram as mãos em rendição; sempre venceram. Isso não podia estar acontecendo.

E no entanto, de algum modo, estava.

A consciência do byrus mais se desintegrou do que desapareceu gradualmente. Ao agonizar, a entidade antes conhecida como Sr. Cinza

reverteu ao estado precedente. À medida que ele se transformava na coisa (e pouco antes de a coisa se transformar em nada), o Sr. Cinza deu um derradeiro e rancoroso empurrão no corpo do cão. O cão afundou na brecha... no entanto, ainda não o suficiente para passar.

O último pensamento com um toque de Jonesy do byrus foi: Eu deveria ter aceitado a sugestão dele. Eu deveria ter...

24

Jonesy atira o toco do controle remoto sobre o pescoço nu e rugoso do Sr. Cinza. A garganta se descasca, abrindo-se feito boca, e uma nuvem de matéria laranja-avermelhada sai em golfadas, tingindo o ar com a cor do sangue antes de cair de volta na coberta numa chuva de pó e felpas.

O corpo do Sr. Cinza estrebucha uma vez, galvanicamente, sob as mãos de Jonesy e Henry. Depois murcha como o sonho que sempre foi e se transforma em algo familiar. Por um momento Jonesy não consegue estabelecer a ligação, mas logo lhe ocorre. Os restos do Sr. Cinza parecem uma das camisinhas que eles viram no soalho do escritório abandonado no depósito dos Irmãos Tracker.

Ele está...

... morto!, é como Jonesy quer concluir, mas então uma terrível pontada de dor o atinge. Não no quadril dessa vez, mas na cabeça. E na garganta. De súbito, há na garganta um colar de fogo. E o quarto inteiro fica transparente, mas fica mesmo. Ele olha através da parede para dentro da casa do poço, onde o cão entalado na brecha está dando à luz uma criatura vermelha vil semelhante a uma fuinha com cruzamento de um enorme verme empapado de sangue. Sabe muito bem o que é: um byrus.

Listrado de sangue, merda e os resíduos de sua própria placenta membranosa, os olhos pretos estúpidos fitando (são os olhos dele, Jonesy pensa, os olhos do Sr. Cinza), está nascendo diante dele, esticando o corpo para fora, tentando se libertar, desejando saltar dentro das trevas e cair na direção do som da água corrente.

Jonesy olha para Henry.

Henry olha para ele.

Por um segundo, seus olhos jovens e sobressaltados se encontram... e então eles também desaparecem.

Duddits, Henry diz. Sua voz chega de muito longe. Duddits está partindo, Jonesy...

Adeus. Talvez Henry quisesse dizer adeus. Antes que o dissesse, os dois desaparecem.

25

Houve um momento de vertigem quando Jonesy se achou exatamente em nenhuma parte, uma sensação de desligamento total. Pensou que tinha de ser a morte, que tinha matado a si mesmo junto com o Sr. Cinza — expondo os próprios defeitos, como dizia o ditado.

O que o trouxe de volta foi a dor. Não a dor na garganta, esta passara e ele conseguia respirar de novo — conseguia ouvir o ar circulando dentro dele em grandes e secas lufadas. Não, a dor era uma velha conhecida. A dor no quadril. Flagrou-o e o lançou ao mundo num giro em torno do eixo inchado e uivante do quadril, fazendo-o dar voltas como uma bola presa a uma vara por uma corda. Havia cimento sob os joelhos, as mão cheias de pelos, e ele escutou um guincho inumano. Ao menos esta parte é real, pensou. Esta parte está fora do apanhador de sonhos.

Aquele medonho guincho inumano.

Jonesy viu a coisa-fuinha bamboleando escuridão adentro, presa ao mundo superior apenas pela cauda, ainda não liberta do cão. Jonesy investiu para a frente e apertou as mãos em torno do centro do corpo escorregadiço e trêmulo no exato momento em que a cauda se desprendeu.

Recuou cambaleando, o quadril latejando, segurando acima da cabeça a coisa que se contorcia e berrava, como um artista ágil com uma jiboia. A coisa se agitava de um lado para outro, os dentes mordendo o ar, curvando-se para trás sobre si mesma, tentando abocanhar o pulso de Jonesy e, em vez disso, cravando os dentes na manga direita da parca, rasgando-a e arrancando emaranhados brancos e leves do enchimento.

Jonesy rodou no eixo do quadril e viu um homem emoldurado pela janela através da qual o Sr. Cinza tortuosamente se introduzira. O recém-chegado, o rosto alongado pela expressão de surpresa, trajava uma parca com camuflagem e portava um rifle.

Jonesy arremessou a fuinha que se contorcia, com o máximo de força possível, que não era muita. Ela voou uns 3 metros, talvez, aterrissou no chão forrado de folhas secas num baque abafado e imediatamente começou a colear de volta na direção do poço. O corpo do cão obstruía parte da brecha, mas não o bastante. Havia espaço para ela.

— Atire nela! — Jonesy gritou para o homem com o rifle. — Pelo amor de Deus, atire nela antes que consiga mergulhar na água!

Mas o homem na janela permaneceu impassível. A última esperança do mundo apenas ficou lá parada, boquiaberta.

26

Owen simplesmente não acreditava no que via. Uma espécie de coisa

vermelha, uma fuinha bizarra sem pernas. Ouvir falar de fenômenos assim era uma coisa; ver de fato era outra. A fuinha serpeava em direção ao buraco do poço no meio do chão. Um cão de pernas rijas para o ar, como que se rendendo, encravado lá.

O homem — devia ser o Typhoid Jonesy — gritava-lhe que atirasse na coisa, mas Owen simplesmente não conseguia erguer os braços. Pareciam revestidos de chumbo. A coisa escaparia; afinal, isso acontecia, o que ele esperara impedir estava para acontecer diante dele. Era o mesmo que estar no inferno.

Observou a coisa avançar serpeando, emitindo um medonho guincho semelhante ao do macaco que era como se ele ouvisse no centro da cabeça; observou Jonesy investindo com uma dificuldade desesperada, esperando agarrá-la ou ao menos afastá-la. Não conseguiria. O cão obstruía o caminho.

Owen ordenou de novo que os braços se erguessem e apontassem a arma para a coisa-fuinha, mas eles não o obedeceram. O MP5 bem que poderia pertencer a um outro universo. Ele deixaria a coisa escapar. Ficaria parado ali em pé como um poste e a deixaria escapar. Deus o ajudasse.

Deus ajudasse a todos.

27

Henry se soergueu no banco traseiro do Humvee, atordoado. Havia alguma coisa no cabelo. Correu a mão no cabelo, ainda sentindo-se imerso no sonho do hospital (só que aquilo não era sonho, pensou), e uma aferroada aguda de dor o devolveu a algo semelhante à realidade. Era vidro. O cabelo estava cheio de vidro. Mais vidro, fragmentos de Saf-T-Glas, cobria o banco. E Duddits.

— Dud?

Inútil, claro. Duddits estava morto. Tinha de estar. Esgotara a debilitada energia que lhe restava para unir Jonesy e Henry no quarto de hospital.

Mas Duddits gemeu. Os olhos se abriram, e, ao olhar dentro deles, Henry retornou àquela estrada fechada coberta de neve. Os olhos de Duddits estavam vermelhos e vazios, os olhos de uma sibila.

— Ooby! — Duddits exclamou. Levantou as mãos e esboçou um gesto de fazer mira, como se segurasse um rifle. — Ooby-Doo! Emos um aio aa aer aora!

De algum lugar à frente na floresta, dois disparos de rifle soaram em resposta. Um intervalo, depois um terceiro.

— Dud? — Henry murmurou. — Duddits?

Duddits o viu. Mesmo com os olhos ensanguentados, Duddits o viu. Henry mais do que o sentiu; por um momento, de fato viu a si mesmo

através dos olhos de Duddits. Como se olhasse através de um espelho mágico. Viu o Henry que existira: um garoto olhando para o mundo através de óculos de aros de chifre que eram muito grandes para o rosto e viviam escorregando até a ponta do nariz. Sentiu o amor que Duddits tinha por ele, uma emoção simples e autêntica, não maculada pela dúvida, pelo egoísmo, nem mesmo pela gratidão. Henry envolveu Duddits nos braços e, ao sentir a leveza do corpo do velho amigo, começou a chorar.

— Você era o sortudo, amigão — disse, e desejou que Beaver estivesse ali. Beaver teria feito o que Henry não sabia fazer; o Beav teria cantado uma canção para Duddits dormir. — Você sempre foi o sortudo, é o que eu acho.

— Eni — disse Duddits e tocou a face de Henry com uma das mãos. Sorria, e suas últimas palavras soaram perfeitamente claras. — Eu te amo, Eni.

28

Dois disparos soaram à frente — estampidos de carabina. E não longe dali. Kurtz se deteve. Freddy se achava a uns 8 metros à frente dele, parado junto a uma placa que Kurtz mal pôde ler: PROIBIDO PESCAR NA CASA DO POÇO.

Um terceiro disparo, depois o silêncio.

— Chefão? — Freddy murmurou. — Parece uma construção lá adiante.

— Consegue ver alguém?

Freddy fez que não com a cabeça.

Kurtz se juntou a ele, achando graça, mesmo àquela altura, do ligeiro sobressalto de Freddy ao lhe tocar o ombro com a mão. Tinha razão em se sobressaltar. Se Abe Kurtz sobrevivesse nos próximos 15 ou 20 minutos, tinha a intenção de entrar sozinho no admirável mundo que houvesse à frente. Ninguém para contê-lo; nenhuma testemunha de seu derradeiro ato de guerrilha. E, embora talvez desconfiasse, Freddy não tinha certeza. Que azar a telepatia ter desaparecido. Que azar do Freddy.

— Parece que Owen encontrou mais alguém para matar. — Kurtz falou baixo junto ao ouvido de Freddy, que ainda exibia alguns filamentos do Ripley, agora branco e morto.

— Vamos pegá-lo?

— Não, pelo amor de Deus — Kurtz retrucou. — Nem pense nisso agora. Acho que é hora, lamentavelmente, e isso acontece a qualquer um, de nos afastarmos do caminho, recruta. De nos misturarmos com as árvores. Observar quem fica e quem volta. Se houver alguém. Esperemos dez minutos, sim? Acho que dez minutos mais do que bastam.

29

As palavras que ocuparam a mente de Owen eram absurdas, porém inequívocas: Scooby! Scooby-Doo! Temos um trabalho para fazer agora!

A carabina se elevou. Não por ação dele, mas, quando a força que erguera a carabina se retirou, Owen foi capaz de assumir tranquilamente o controle. Alternou o seletor automático para a descarga individual, mirou e apertou o gatilho duas vezes. A primeira bala errou o alvo, atingindo o concreto em frente da fuinha e ricocheteando. Fragmentos de concreto voaram. A coisa recuou, voltou-se, viu-o e arreganhou o ninho de dentes.

— É isso aí, belezoca — disse Owen. — Sorria para a câmara.

A segunda bala penetrou diretamente no sorriso desprovido de humor da fuinha. Ela rolou para trás, bateu contra a parede da casa do poço e tombou no concreto. No entanto, mesmo com o rudimento de cabeça estourado, os instintos persistiram. Começou de novo a se arrastar devagar para a frente. Owen mirou e, ao centralizar o alvo, pensou nos Rapeloew, em Dick e Irene. Gente boa. Bons vizinhos. Quando a gente precisava de uma xícara de açúcar ou de uma jarra de leite (ou mesmo de um ombro para chorar), era bater à porta deles e tudo se resolvia. Falaram que foi uma apoplexia medonha!, gritara o Sr. Rapeloew, só que Owen entendeu que ele dissera cegonha. As crianças sempre entendem errado.

Então aquela era pelos Rapeloew. E pelo menino que continuava entendendo errado.

Owen disparou pela terceira vez. A bala acertou o byrus no meio e o partiu em dois. Os pedaços dilacerados estrebucharam... estrebucharam... e se imobilizaram.

Isso feito, Owen girou a carabina num breve arco. Dessa vez mirando o centro da testa de Gary Jones.

Jonesy olhou para ele sem piscar. Owen estava cansado — quase morto de cansaço, era como se sentia —, mas o fulano parecia ter ido muito além desse estado. Jonesy ergueu as mãos vazias.

— Não há por que acreditar — disse —, mas o Sr. Cinza está morto. Cortei a garganta dele enquanto Henry o sufocava com o travesseiro... como acontece em O poderoso chefão.

— Sei — Owen retrucou. Nenhuma inflexão na voz. — E onde, exatamente, você levou a cabo a execução?

— Num Hospital de Massachusetts mental — respondeu Jonesy. Depois soltou a gargalhada mais infeliz que Owen jamais ouvira na vida. — Um em que cervos andam pelos corredores e o único programa na televisão é um velho filme chamado Sympathy for the Devil.

Owen estremeceu ao ouvir isso.

— Atire em mim se tiver que atirar, soldado. Salvei o mundo... com uma ajudazinha de cobertura de sua parte, reconheço de boa vontade. Você poderia me recompensar pelo serviço de uma maneira tradicional. Além do mais, o patife me quebrou o quadril de novo. Um presentinho de recordação

do homenzinho que não existia. A dor é… — Jonesy arreganhou os dentes. — A dor é grande.

Owen sustentou a arma na mesma posição por mais uns instantes, depois a abaixou.

— Pode viver com ela — disse.

Jonesy caiu para trás apoiando-se nos cotovelos, gemeu, apoiou o melhor que pôde o peso do corpo sobre o lado não dolorido.

— Duddits está morto. Ele valia por nós dois juntos… mais… e está morto. — Cobriu os olhos por um momento, depois deixou cair o braço. — Ah, cara, mas que fodaréu tudo isso. Beaver o chamaria assim, um fodaréu total. O oposto de fodarol, entende, que, em beaverês, significa um momento particularmente agradável, mas não necessariamente de natureza sexual.

Owen não fazia a menor ideia do que o homem estava falando; provavelmente, delirava.

— Duddits pode estar morto, mas Henry não. Tem umas pessoas à nossa caça, Jonesy. Pessoas más. Consegue ouvi-las? Sabe onde estão?

Deitado no chão frio e coberto de folhas secas, Jonesy fez que não com a cabeça.

— Sinto muito, mas voltei aos cinco sentidos convencionais. O extrassensorial acabou. Os gregos podem vir com presentes, mas são adeptos do toma-lá-dá-cá. — Riu. — Meu Deus, eu poderia perder o meu emprego por causa de uma piada como essa. Decerto você não quer me matar, não é?

Owen deu a isso a mesma atenção que dera às diferenças semânticas entre fodaréu e fodarol. Kurtz se aproximava, era com esse problema que tinha de lidar agora. Não o ouvira chegar, mas não o ouviria necessariamente. A neve caía tão densa que só não abafava sons fortes. Disparos, por exemplo.

— Tenho de voltar para a estrada — disse. — Fique aqui.

— Tenho escolha? — perguntou Jonesy, e fechou os olhos. — Cara, como eu gostaria de voltar para o meu aconchegante escritório aquecido. Nunca pensei que fosse dizer isso, mas veja só.

Owen se voltou e desceu a escada, escorregando e deslizando, mas conseguindo se manter de pé. Inspecionou a floresta nos dois lados do caminho, mas não detidamente. Se Kurtz e Freddy estivessem à espreita, à espera em algum lugar entre a casa do poço e o Humvee, ele duvidava que os veria a tempo de agir. Talvez visse pegadas, mas, quando o fizesse, estaria tão perto deles que decerto eles seriam a última coisa que veria. Restava crer que ainda se achava na dianteira, e isso era tudo. Tinha de apostar na mera sorte, e por que não? Estivera em inúmeros apertos antes, e a mera sorte sempre lhe dera uma mãozinha. Talvez ela agora…

A primeira bala o acertou na barriga, arremessando-o para trás e enfunando as costas do casaco numa forma de sino. Bombeou os pés, procurando ficar a prumo, também tentando não soltar a MP5. Não havia dor, apenas a sensação de ter sido golpeado na boca do estômago por uma

luva de boxe enorme na mão de um adversário perverso. A segunda bala raspou o lado da cabeça, produzindo uma queimação e uma ardência como as de quando se derrama álcool puro numa ferida aberta. A terceira bala o atingiu bem no alto do lado direito do peito, e ali estava a porta para o outro lado; ele perdeu o controle dos pés e da carabina.

O que Jonesy dissera? Algo acerca de ter salvado o mundo e ter de ser recompensado de uma maneira tradicional. O que não era nada mal, mesmo; para Jesus, levara seis horas; puseram uma placa de gozação acima de sua cabeça e, quando chegou a hora do coquetel, deram-lhe um viscoso vinagre e água.

Jazia meio fora e meio dentro do caminho, vagamente ciente de que algo gritava e não era ele. Soava como um enorme gaio furioso.

É uma águia, Owen pensou.

Conseguiu tomar fôlego e, embora a exalação fosse mais sangue do que ar, foi capaz de se erguer sobre os cotovelos. Viu dois vultos surgirem dos emaranhados de bétulas e pinheiros, curvados, do jeito que se faria um avanço num combate. Um era atarracado e espadaúdo, o outro, magro e grisalho, e, sem dúvida, altivo. Johnson e Kurtz. O buldogue e o sabujo. Sua sorte acabou, no final das contas. No fim, a sorte sempre acaba.

Kurtz se ajoelhou a seu lado, os olhos faiscando. Numa mão segurava um triângulo de jornal. Estava amassado e ligeiramente torto, efeito da longa viagem no bolso traseiro de Kurtz, mas ainda reconhecível. Um chapéu de bicos. Um chapéu de bufão.

— Má sorte, recruta — disse Kurtz.

Owen concordou com a cabeça. Má sorte demais.

— Vejo que encontrou tempo de fazer uma coisinha para mim.

— Encontrei. Você pelo menos atingiu seu objetivo principal? — Kurtz ergueu o queixo na direção da casa do poço.

— Eu o peguei — Owen respondeu com dificuldade. A boca cheia de sangue. Cuspiu-o, tentou respirar e ouviu grande parte do ar escapar chiando através de algum novo orifício.

— Bom, então — observou Kurtz com brandura —, tudo vai bem quando acaba bem, não é mesmo? — Colocou o jornal afetuosamente na cabeça de Owen. O sangue o ensopou de imediato, espalhando-se para cima, tingindo de vermelho a história do UFO.

Soou outro grito em alguma parte do reservatório, talvez de uma das ilhas que eram na verdade colinas elevando-se de uma paisagem propositadamente alagada.

— É uma águia — disse Kurtz, e deu um tapinha no ombro de Owen. — Considere-se com sorte, recruta. Deus enviou uma ave de rapina para lhe cantar uma canção de...

A cabeça de Kurtz explodiu em jatos de sangue, cérebro e osso. Owen viu uma expressão derradeira nos olhos azuis de pestanas brancas do homem: espanto de incredulidade. Por um momento Kurtz permaneceu de joelhos, depois tombou para a frente sobre o que lhe restou do rosto. Atrás dele, Freddy Johnson estava de pé com a carabina ainda erguida e a fumaça

saindo da boca do cano.

Freddy, Owen tentou dizer. Nenhum som, mas Freddy devia ter lido seus lábios. Assentiu com a cabeça.

— Não queria, mas o canalha ia fazer o mesmo comigo. Não precisei ler os pensamentos dele para saber. Não depois de tantos anos.

Acabe com isso, Owen tentou dizer. Freddy assentiu de novo com a cabeça. Talvez restasse, afinal de contas, um vestígio da droga da telepatia no interior de Freddy.

Owen estava enfraquecendo. Cansado e enfraquecendo. Boa noite, senhoras encantadoras, boa noite, David, boa noite, Chet. Boa noite, príncipe encantado. Estirou-se na neve, e foi como deitar de costas numa cama estofada com a mais macia das penugens. De algum lugar, débil e denso, ouviu a águia tornar a gritar. Tinham invadido seu território, perturbado a paz nevosa do outono, mas logo partiriam. A águia reaveria para si o reservatório.

Somos heróis, Owen pensou. Mas claro que somos. À merda o seu chapéu, Kurtz, nós somos h...

Jamais ouviu o disparo final.

30

Houve outros disparos; agora reinava o silêncio. Henry ficou sentado no banco traseiro do Humvee ao lado do amigo morto, procurando decidir o que fazer em seguida. Era remota a possibilidade de que todos tivessem matado um ao outro. Mais remota ainda a possibilidade de que os mocinhos, ou melhor, de que o mocinho tivesse matado os bandidos.

O primeiro impulso após essa conclusão foi abandonar o Humvee a toda pressa e se esconder na floresta. Depois olhou para a neve (Se eu alguma vez tornar a ver a neve, pensou, será demasiado cedo) e rejeitou a ideia. Se Kurtz, ou quem quer que estivesse com ele, voltasse dali a meia hora, as pegadas de Henry ainda estariam visíveis. Eles as seguiriam e, ao final delas, atirariam nele como num cão raivoso. Ou uma fuinha.

Pegue uma arma, então. Atire neles antes que atirem em você.

Uma ideia melhor. Estava longe de ser um Wyatt Earp, mas sabia atirar. Atirar em homens era bastante diferente de atirar em cervos, não era preciso ser um psiquiatra para perceber isso, mas ele acreditava, dada a nítida linha de fogo, que conseguiria atirar naqueles sujeitos com pouquíssima hesitação.

Estava esticando a mão para pegar na maçaneta quando ouviu um praguejar de surpresa, um baque e um outro disparo. Este soou muito próximo. Henry achou que alguém perdera o equilíbrio e fora parar na neve, descarregando a arma ao cair sentado. Talvez o filho da puta tivesse atirado contra si mesmo? Seria demais esperar isso? Não teria sido só...

Mas não. Nada de alegria. Henry ouviu um gemido baixo quando a pessoa que caíra se levantou e tornou a cair. Havia apenas uma opção, e Henry a adotou. Deitou-se no banco, passou os braços de Duddits em volta de seu corpo novamente e simulou estar morto. Não achava que haveria alguma chance de a estratégia dar certo. Os bandidos haviam passado por ali a caminho do reservatório — evidentemente, enquanto ele ainda estava vivo —, mas, ao passarem, deviam ter estado com muita pressa. Agora era bem menos provável que se deixassem ludibriar por alguns buracos de bala, por vidros espatifados e pelo sangue das hemorragias derradeiras do pobre Duddits.

Henry escutou estalos fracos de passos na neve. A julgar pelo som, uma pessoa. Provavelmente o abominável Kurtz. O último homem a ficar em pé. As trevas aproximando-se. Morte na tarde. Não mais suas velhas amigas — ele agora apenas simulava a morte —, mas, mesmo assim, aproximando-se.

Henry fechou os olhos... esperou...

Os passos seguiram adiante do Humvee, sem se deterem.

31

O objetivo estratégico de Freddy Johnson era, por ora, tanto prático quanto muitíssimo a curto prazo: queria manobrar o Humvee sem atolar. Se conseguisse, queria passar pela cratera na East Street (onde caíra o Subaru que Owen perseguia) sem cair na vala. Se retornasse à via de acesso, ampliaria um bocado seus horizontes. A ideia da Mass Pike lhe ocorreu num lampejo ao abrir a porta do Humvee do chefão e se sentar ao volante. Havia uma porção de terras ocidentais ao longo da I-90. Uma porção de lugares onde se esconder.

O cheiro rançoso de gases e de álcool etílico gélido o golpeou como um soco ao fechar a porta. Pearly! Maldito Pearly! Na excitação, esquecera-se completamente do puto daquele filho da mãe.

Freddy se voltou, levantando a carabina... mas Pearly ainda se achava inconsciente. Era desnecessário usar outra bala. Bastaria atirar Perlmutter na neve. Com sorte, Pearly morreria congelado sem jamais ter acordado. Ele e seu companheiro insep...

Pearly, porém, não estava dormindo. Nem inconsciente. Nem em coma, nem mesmo isso. Pearly estava morto. E estava... encolhido, de certo modo. Quase mumificado. As faces chupadas, ocas, enrugadas. As órbitas dos olhos eram covas profundas, como se, por trás dos véus finos das pálpebras fechadas, os globos oculares tivessem caído no que era agora um balde oco. E o corpo se encontrava estranhamente inclinado na porta do carona, uma perna erguida, quase cruzada sobre a outra. Como se ele tivesse morrido tentando expor uma nádega furtivamente. O macacão agora

estava escuro, as cores pálidas sujas da cor da lama, e o assento embaixo dele estava molhado. As estrias da mancha que se expandiam na direção de Freddy eram vermelhas.

— Mas que m...

Do banco traseiro se elevou um guincho de ferir os tímpanos; era como escutar um potente estéreo de súbito no volume máximo. Pelo canto do olho direito, Freddy percebeu um movimento. Uma criatura inconcebível surgiu no retrovisor. Arrancou-lhe a orelha e depois lhe atacou a face, penetrou-lhe a boca num ímpeto e lhe prendeu o maxilar pela gengiva. Depois a fuinha de merda de Archie Perlmutter dilacerou a lateral da face de Freddy assim como um homem faminto dilaceraria uma coxa de frango.

Freddy urrou e descarregou a arma na porta do carona do Humvee. Ergueu um braço e tentou repelir a coisa; seus dedos escorregaram na pele lustrosa de recém-nascido. A fuinha recuou, jogou a cabeça para trás e engoliu o que rasgara feito um papagaio com um naco de carne crua. Freddy tateou à procura da maçaneta da porta do lado do motorista e a localizou, mas, antes que a puxasse, a coisa investiu de novo, dessa vez enterrando a boca na carne musculosa no ponto de junção do pescoço e do ombro de Freddy. Houve um vasto jato de sangue quando a jugular estourou; jorrou contra o teto do Humvee, depois começou a pingar como chuva vermelha.

Os pés de Freddy estremeceram, batendo no pedal do freio do Humvee num rápido sapateado. A criatura no banco traseiro tornou a recuar, pareceu refletir, depois deslizou feito serpente sobre o ombro de Freddy. Saltou em seu colo.

Freddy gritou uma vez quando a fuinha lhe dilacerou as entranhas... e depois nunca mais gritou.

32

Henry permaneceu encolhido no banco traseiro do outro Humvee, observando enquanto o vulto no veículo estacionado atrás dele se sacudia de um lado para outro atrás do volante. Henry ficou satisfeito com a queda densa da neve, ficou igualmente satisfeito com o sangue que se esparramava, atingindo o para-brisa do outro Humvee, obscurecendo parcialmente a visão.

Tal como estava, via tudo muito bem.

Por fim o vulto atrás do volante parou de se mexer e caiu de lado. Uma sombra volumosa se ergueu sobre ele, parecendo se agigantar em triunfo. Henry sabia o que era; vira uma na cama de Jonesy, na Hole in the Wall. Algo que ele pôde notar foi que havia uma janela quebrada no Humvee que os perseguira. Duvidava da inteligência da coisa, mas quão inteligente precisaria ser para registrar ar fresco?

Não gostam do frio. O frio as mata.

Sim, de fato matava. Mas Henry não pretendia aceitar isso assim, e não só porque o reservatório estivesse tão perto que ouvia a água bater nas pedras. Algo acumulara uma grande dívida, e apenas ele sobrara para apresentar a conta. O troco é um sufoco, como Jonesy sempre observara, e chegara o momento do rateio.

Curvou-se sobre o banco. Nenhuma arma. Curvou-se ainda mais para a frente e com o polegar abriu o porta-luvas. Nada dentro dele, exceto um monte de faturas, recibos de gasolina e um livro brochado esfrangalhado com o título Como ser o melhor amigo de si mesmo.

Henry abriu a porta, saiu na neve... e seus pés imediatamente voaram sob o corpo. Caiu sobre as nádegas num baque e raspou as costas no para-lama elevado do Humvee. Freddy me foda. Levantou-se, tornou a escorregar, agarrou-se na parte superior da porta aberta e dessa vez conseguiu se manter em pé. Andou bem devagar até a traseira do veículo em que estava, nunca afastando o olhar do outro, estacionado atrás. Ainda via a coisa lá dentro, sacudindo-se e se agitando, nutrindo-se do motorista.

— Fique onde está, belezoca — disse Henry, e começou a rir. O riso pareceu uma loucura frenética, mas isso não o deteve. — Bote alguns ovos. Eu sou o homem-ovo, afinal de contas. O seu afável homem-ovo da vizinhança. Que tal um exemplar de Como ser o melhor amigo de si mesmo? Tem um aqui.

Ria tanto que mal conseguia falar. Deslizando na neve molhada e traiçoeira como um garoto que saiu da escola e se pôs a caminho da colina mais próxima de esquiação. Apoiando-se no flanco do Humvee tanto quanto podia, sendo que praticamente nada havia em que se apoiar uma vez passadas as portas. Observando a coisa se agitar e se movimentar... e de repente já não pôde mais vê-la. Opa. Mas onde teria se enfiado? Num dos filmes bobos de Jonesy, este é o momento em que começa a música, Henry pensou. O ataque das fuinhas de merda assassinas. Isso o fez rir de novo.

Tinha chegado à traseira do veículo. Havia um botão que se pressionava para abrir a janela traseira... a menos, claro, que estivesse trancada. Mas, provavelmente, não estava. Não foi desse modo que Owen entrou atrás? Henry não se lembrava. Era-lhe impossível se lembrar. Sem dúvida não estava sendo o melhor amigo de si mesmo.

Ainda rindo, lágrimas vertendo dos olhos, pressionou o botão com o polegar. A janela traseira se abriu. Henry a escancarou e espiou dentro. Armas, graças a Deus. Carabinas do Exército, do tipo que Owen portava em sua última ronda. Henry pegou uma e a examinou. Trava de segurança, verificada. Seletor de disparo, verificado. Pente de balas com a inscrição EXÉRCITO U.S.A. CAL 5.56 120 DESCARGAS, verificado.

— Tão simples que até um byrus pode usar — disse Henry e riu mais um tanto. Curvou-se, prendendo o estômago e deslizando na neve, tentando não cair de novo. As pernas doíam, as costas doíam, o coração doía mais do que tudo... e ainda assim ele ria. Era o homem-ovo, era o

homem-ovo, era a hiena ridente.

Caminhou até o lado da direção do Humvee de Kurtz, a arma erguida (a trava de segurança na posição, esperava piamente, destravada), música arrepiante executada na cabeça, mas ainda rindo. Havia a escotilha da gasolina; sem dúvida alguma. Mas onde estava Gamera, o Terror que Veio do Espaço?

Como se tivesse escutado seu pensamento — e, Henry se deu conta, isso era perfeitamente provável —, a fuinha investiu a cabeça contra a janela traseira. A que estava, agradecidamente, inteira. A cabeça estava lambuzada de sangue, cabelo e pedaços de carne. Os medonhos olhos de uva preta fitaram os de Henry. Sabia ela que havia uma saída, uma escotilha de emergência? Talvez. E talvez entendesse que usá-la significava uma morte rápida.

Arreganhou os dentes.

Henry Devlin, que certa vez ganhara o prêmio de desvelo compassivo da Associação Norte-Americana de Psiquiatras por um artigo educativo para o *New York Times* intitulado "O Fim do Ódio", arreganhou os dele em resposta. Uma sensação boa. Depois fez um "o", tocando as pontas do polegar e do indicador. Por Beaver. E por Pete. A sensação foi boa também.

Quando ergueu a carabina, a fuinha — estúpida, talvez, mas não totalmente estúpida — sumiu de vista. Tudo bem; Henry não tinha a menor intenção de atirar através da janela. Mas gostou da ideia de que ela estava no piso do veículo. O mais perto possível da gasolina, belezoca, pensou. Com o polegar, pressionou o seletor de descarga para o automático e disparou uma longa rajada dentro do tanque de gasolina.

O ruído da arma era ensurdecedor. Surgiu um enorme rombo recortado onde antes havia o bocal do tanque, mas por um momento nada mais houve. Isso basta quanto à versão de Hollywood de como essa merda funciona, Henry pensou, e então ouviu um assovio roufenho, evoluindo para um chiado gutural. Ele recuou dois passos e de novo os pés voaram de sob o corpo. Dessa vez o tombo muito provavelmente lhe salvou os olhos e talvez a vida. A traseira do Humvee de Kurtz explodiu um segundo depois, as chamas golpeando debaixo do veículo em enormes pétalas amarelas. Os pneus traseiros se ergueram da neve. Fragmentos de vidro borrifaram o ar nevoso, desabando sobre a cabeça de Henry. Depois o calor começou a esquentá-lo e ele se afastou engatinhando rapidamente, arrastando a carabina pela correia e rindo alucinadamente. Houve uma segunda explosão e o ar se encheu de remoinhos de estilhaços de granada.

Henry se levantou como quem sobe uma escada de mão, usando os galhos inferiores de uma árvore à mão como degraus. Pôs-se em pé, arfando e rindo, as pernas doendo, as costas doendo, na nuca uma estranha sensação de ressalto. Toda a traseira do Humvee de Kurtz era tragada pelas chamas. Ele pôde ouvir a coisa lá dentro, guinchando furiosamente enquanto ardia.

Andou num círculo amplo até a porta do carona do Humvee incendiado e apontou a carabina para a janela quebrada. Ali ficou por um

momento, franzindo o cenho, depois se deu conta do motivo pelo qual aquilo parecia tolo. Todas as janelas do Humvee agora estavam espatifadas; todo o vidro, exceto o para-brisa. Começou a rir de novo. Mas que pateta ele era! Pateta total!

Através do inferno de chamas na cabina do Humvee, ainda pôde ver a fuinha serpeando de um lado para outro feito um bêbado. Quantas descargas restavam no pente, caso a merda da coisa saísse? Cinquenta? Vinte? Cinco? Não importava quantas balas restavam, teriam de bastar. Não se arriscaria a voltar ao Humvee do Owen para buscar outro pente.

Mas a coisa não saiu.

Henry ficou vigiando por cinco minutos, depois mais cinco. A neve caía, e o Humvee ardia, entornando fumaça preta no céu branco. Henry ali ficou, pensando no desfile do Dia de Derry, Gary U.S. Bonds cantando "New Orleans", e aí passou um homem muito alto de pernas de pau, aí passou o lendário caubói, e como Duddits se exaltara, pulando sem parar. Pensando em Pete, parado em frente da DJHS, as mãos em concha, fingindo fumar, aguardando a saída dos outros. Pete, cujo plano fora ser capitão da primeira expedição tripulada da Nasa a Marte. Pensando em Beaver e sua jaqueta Fonzie, Beav e os palitos de dente, Beav cantando para Duddits, o barco do bebê um sonho de prata. Beav abraçando Jonesy no casamento de Jonesy e dizendo que Jonesy tinha de ser feliz, tinha de ser feliz por eles todos.

Jonesy.

Quando se sentiu plenamente seguro de que a fuinha estava morta — incinerada —, Henry começou a percorrer o caminho, para ver se Jonesy ainda vivia. Quanto a isso, não tinha muita esperança... mas descobriu que tampouco havia abandonado as esperanças.

33

Apenas a dor prendia Jonesy ao mundo, e no início ele pensou que o homem de rosto abatido e sujo de fuligem ajoelhado a seu lado fosse um sonho ou uma derradeira invenção da imaginação. Porque parecia ser Henry.

— Jonesy? Ei, Jonesy, está aí? — Estalou os dedos na frente dos olhos de Jonesy. — Terra para Jonesy.

— Henry, é você? É mesmo?

— Sou eu — respondeu Henry. Olhou para o cão ainda parcialmente introduzido na brecha da tampa do Poço 12, depois tornou a olhar para Jonesy. Com uma ternura infinita, afastou de sua testa o cabelo ensopado de suor.

— Cara, como você demorou... — Jonesy começou a falar, mas o mundo flutuou. Fechou os olhos, concentrou-se, abriu-os de novo — ... demorou para voltar do armazém. Lembrou-se do pão?

— Sim, mas perdi as salsichas.

— Que pipi-papão. — Trêmulo, Jonesy respirou fundo. — Na próxima vez, eu mesmo vou.

— Lambe-porre, amigão — disse Henry, e Jonesy imergiu na escuridão, sorrindo.

Epílogo

Dia do Trabalho

O universo, ele é um sufoco.

NORMAN MACLEAN

Outro verão por água abaixo, Henry pensou.

Não havia tristeza nesse pensamento, porém; o verão fora bom, e o outono também seria bom. Sem caça este ano, e sem dúvida haveria as visitas ocasionais dos novos amigos militares (os novos amigos militares queriam ter certeza, acima de tudo, de que em sua pele não se desenvolvia nenhuma vegetação vermelha), mas o outono seria bom mesmo assim. Ar fresco, dias claros, noites longas.

Às vezes, nas horas pós-meia-noite de suas noites, o velho amigo de Henry ainda vinha visitá-lo, mas, quando o fazia, simplesmente se sentava no escritório com um livro no colo e esperava que ele se fosse de novo. No fim, sempre ia. No fim, o sol sempre nascia. O sono que a gente não tinha numa noite às vezes vinha na noite seguinte, e então vinha feito amante. Isso ele aprendera desde o último novembro.

Estava tomando uma cerveja na varanda do chalé de Jonesy e Carla em Ware, situado à margem do Pepper Pond. A extremidade sul do Reservatório de Quabbin ficava a uns 6 quilômetros a noroeste do lugar onde estava. E East Street, claro.

A mão que segurava a lata de Coors tinha apenas três dedos. Ele acabara perdendo os outros dois devido a uma gangrena causada pelo frio, talvez enquanto esquiava pela Deep Cut Road, vindo da Hole in the Wall, talvez enquanto arrastava Jonesy num trenó improvisado de volta ao Humvee que sobrara. O outono passado fora sua temporada de arrastar pessoas na neve, assim lhe parecia, e com resultados variados.

Perto da pequena faixa de praia, Carla Jones se ocupava com a churrascada. Noel, o bebê, andava com passos incertos em volta da mesa de piquenique à esquerda dela, o cueiro caído. Todo alegre, brandia numa das mãos uma salsicha grelhado. Os outros filhos de Jonesy, com idades de 11 a 3 anos, estavam na água, espadanando e gritando uns com os outros. Henry supôs que deveria haver algum valor no imperativo bíblico acerca de ser frutuoso e procriador, mas achava que Jonesy e Carla o tinham levado a limites absurdos.

Atrás dele, a porta de tela bateu. Jonesy saiu, carregando um balde cheio de cervejas geladas. A coxeadura não parecia de todo má; dessa vez o médico apenas disse que se danasse o equipamento original e substituiu a

peça toda por aço e Teflon. Acabaria acontecendo de qualquer modo, o médico dissera para Jonesy, mas, com um pouquinho mais de cuidado, patrão, teria ficado com o velho por mais cinco anos. Fora operado em fevereiro, pouco depois de terminadas as "férias" de seis semanas de Henry e Jonesy com os agentes militares e o pessoal do programa psíquico.

Os militares propuseram incluir a substituição do quadril como cortesia do Tio Sam — uma espécie de coda aos interrogatórios —, mas Jonesy recusara com agradecimentos, afirmando que não desejava privar seu próprio ortopedista do trabalho, sua companhia de seguro da conta.

Nesse período, tudo o que os dois queriam era sumir do Wyoming. Os apartamentos eram bons (quer dizer, desde que se acostumassem a viver no subterrâneo), a comida era quatro estrelas (Jonesy engordou quase 5 quilos, Henry quase 10), e os filmes eram sempre estreias. A atmosfera, no entanto, era um bocado igual à do Dr. Strangelove. Para Henry as seis semanas foram infinitamente piores do que para Jonesy. Jonesy sofrera, mas sobretudo com o quadril descarrilado; as lembranças da partilha do corpo com o Sr. Cinza ganharam a consistência dos sonhos num espaço de tempo extraordinariamente curto.

As lembranças de Henry, por sua vez, só ficaram mais fortes. As do celeiro eram as piores. Os interrogadores foram piedosos, nenhum Kurtz na equipe, mas Henry não parava de pensar em Bil, Marsha e Darren Chiles, o Sr. Charutão-de-Newton. Com frequência o visitavam em sonhos.

Da mesma forma Owen Underhill.

— Reforços — disse Jonesy, pondo o balde de cerveja no chão. Depois sentou na vergada cadeira de balanço de assento de vime ao lado de Henry, com um gemido e uma careta.

— Mais uma e chega — disse Henry. — Tenho que dirigir de volta a Portland daqui a mais ou menos uma hora e dispenso um OUI.

— Fique para dormir — disse Jonesy, observando Noel. O bebê se sentara na grama embaixo da mesa e parecia decidido a introduzir o resto da salsicha no umbigo.

— Com os seus filhos fazendo algazarra até a meia-noite ou mais tarde? — perguntou Henry. — Vendo o melhor dos filmes de terror de Mario Bava?

— Botei de lado as tolices de terror — disse Jonesy. — Hoje vamos ter um festival de Kevin Costner, começando com O guarda-costas.

— Entendi você dizer nada de filmes de terror.

— Engraçadinho. — Encolheu os ombros, deu um sorriso largo. — Como queira.

Henry ergueu a lata de cerveja.

— Aos amigos ausentes.

Bateram as latas e beberam.

— Como vai Roberta? — Jonesy perguntou.

Henry sorriu.

— Vai muito bem. Tive as minhas dúvidas durante o enterro...

Jonesy assentiu com a cabeça. No enterro de Duddits, eles a

flanquearam, o que fora bom, porque Roberta não tinha condições de ser independente.

— ... mas agora está se recuperando. Fala em abrir uma loja de artesanato. Acho uma ideia boa. Claro que ela sente a falta dele. Depois que Alfie morreu, a vida dela era Duds.

— A nossa também — disse Jonesy.

— É. Penso que sim.

— Me dói tanto o fato de a gente tê-lo deixado sozinho todos aqueles anos. Quero dizer, tinha leucemia e nós nem mesmo sabíamos.

— Claro que sabíamos — retrucou Henry.

Jonesy olhou para ele, as sobrancelhas levantadas.

— Ei, Henry! — Carla chamou. — Como quer o hambúrguer?

— Cozido! — respondeu gritando.

— Pois não, senhor. Seja gentil e venha buscar o bebê, sim? A salsicha já está mais para cachorro-sujo. Tire dele e o leve para o pai.

Henry desceu os degraus, pescou Noel debaixo da mesa e o carregou de volta em direção à varanda.

— Enie! — Noel gritou com vivacidade. Estava com 18 meses.

Henry se deteve, sentindo um arrepio percorrer a espinha. Era como se um fantasma o tivesse chamado.

— Enie, ome omida! Ome omida! — Noel bateu animado no nariz de Henry com o cachorro-sujo, para sublinhar a importância de sua tese.

— Obrigado, vou esperar o meu hambúrguer — disse, e prosseguiu.

— Ão ome ia omida?

— Eni ome a omida dele, meu fofinho. Mas acho que vou guardar essa coisa nojenta. Vai ganhar outro assim que ficar pronto. — Pinçou o cachorro-sujo da mãozinha de Noel, depois o colocou no colo de Jonesy e retomou a cadeira. Quando Jonesy acabou de limpar a mostarda e o ketchup do umbigo do filho, o menino tinha quase adormecido.

— O que quis dizer com "claro que sabíamos"? — Jonesy perguntou.

— Ora, Jonesy, convenhamos. Talvez o tenhamos deixado, ou tentamos, mas acha que Duddits alguma vez nos deixou? Depois de tudo o que aconteceu, acredita mesmo nisso?

Muito devagar, Jonesy balançou a cabeça.

— Algo disso estava se desenvolvendo, se desenvolvendo à parte, mas algo disso tinha a ver com o Richie Grenadeau. Atuou sobre nós como a travessa dos Rapeloew atuou sobre Owen Underhill.

Jonesy não precisava perguntar qual era o significado disso; no Wyoming, tiveram todo o tempo de que precisavam para se colocarem a par das histórias um do outro.

— Há um velho poema sobre um homem que tenta fugir de Deus — diz Henry. — Chama-se "O Cão do Céu". Duddits não era Deus, Deus me perdoe, mas era o nosso cão. Nós corremos o mais depressa e o mais longe que pudemos, mas...

— Jamais escaparíamos do apanhador de sonhos, não é? — disse Jonesy. — Nenhum de nós conseguiria. E aí eles chegaram. Os byrus.

Esporos estúpidos em espaçonaves construídas por alguma outra raça. É isso o que eram? Eram só isso?

— Acho que nunca vamos saber. Houve resposta apenas para uma pergunta no outono passado. Durante séculos olhamos para os astros e nos perguntamos se estamos sozinhos no universo. Bom, agora sabemos que não estamos. Grande oba, hein? Gerritsen... lembra-se de Gerritsen?

Jonesy fez que sim com a cabeça. Claro que se lembrava de Terry Gerritsen. Psicólogo da Marinha, encarregado da equipe de interrogadores do Wyoming, sempre brincando que era característico do Tio Sam mandá-lo para um posto onde a água mais próxima era o brejo das vacas de Lars Kilborn. Gerritsen e Henry eram bastante chegados — se não exatamente amigos, era porque a situação não o permitia. Jonesy e Henry foram bem tratados no Wyoming, mas não eram hóspedes. Contudo, Henry Devlin e Terry Gerritsen eram colegas de profissão, e essas coisas contaram.

— Gerritsen começou pressupondo que duas perguntas haviam sido respondidas: que não estamos sozinhos no universo e que não somos os únicos seres inteligentes no universo. Custei a convencê-lo de que o segundo postulado tinha base numa lógica frágil, uma casa construída na areia. Não acho que eu tenha conseguido convencê-lo, mas devo pelo menos ter plantado uma semente de dúvida. O que quer que o byrus seja, não é construtor de espaçonaves, e a raça que construiu as espaçonaves pode ter desaparecido. Pode na verdade ser também byrus agora.

— O Sr. Cinza não era um idiota.

— Nem uma vez sequer ele entrou na sua cabeça, com isso eu concordo. O Sr. Cinza era você, Jonesy. Roubou as suas emoções, as suas recordações, o seu gosto pelo bacon...

— Deixei de comê-lo.

— Não me surpreende. Ele também roubou a sua personalidade básica. Isso incluiu as manias subconscientes. Fosse lá o que fosse em você que gostava dos filmes de terror do Mario Bava e dos faroestes do Sergio Leone, fosse lá o que fosse que vidrava no medo e na violência... cara, o Sr. Cinza adorava essa merda. E por que não? Eram ferramentas de sobrevivência primitivas. Sendo o último de sua espécie num ambiente hostil, agarrou cada porcaria de ferramenta em que podia deitar mão.

— Besteira. — A rejeição de Jonesy se estampou em seu rosto.

— Não é. Na Hole in the Wall, você viu o que esperava ver, que era um alienígena de Arquivo-X misturado com Contatos imediatos de terceiro grau. Inalou o byrus... Não duvido que houve pelo menos esse contato físico... mas você era completamente imune a ele. Assim como, agora o sabemos, pelo menos 50 por cento da raça humana parece ser. Você pegou uma intenção... uma espécie de imperativo cego. Caramba, não há palavra para isso, porque não há palavra para eles. Mas penso que a coisa entrou porque você acreditou que existia.

— Você está afirmando — disse Jonesy, olhando para Henry por cima da cabeça do filho adormecido — que eu quase destruí a raça humana porque tive uma gravidez histérica?

— Ah, não — Henry retrucou. — Se fosse só isso, a coisa passaria. Não teria resultado em mais do que uma... uma fuga musical. Mas, em você, a ideia do Sr. Cinza ficou presa como mosca numa teia de aranha.

— Presa no apanhador de sonhos.

— Sim.

Silenciaram. Logo Carla os chamaria e eles comeriam cachorros-quentes, hambúrgueres, salada de batata e melancia, sob o escudo azul do céu infinitamente permeável.

— E você diz que tudo não passou de coincidência? — perguntou Jonesy. — Que simplesmente aconteceu de eles baixarem no Jefferson Tract e simplesmente aconteceu de eu estar lá? E não só eu. Você, Peter e o Beav. Mais Duddits, não se esqueça, a apenas uns 300 quilômetros ao sul. Porque foi Duddits que nos manteve unidos.

— Duddits foi sempre uma faca de dois gumes — disse Henry. — Josie Rinkenhauer num... Duddits o descobridor, Duddits o salvador. Richie Grenadeau no outro... Duddits o assassino. Só que Duddits precisava de nós para matar. Tenho certeza disso. Nós tínhamos a camada subconsciente mais profunda. Suprimos o ódio e o medo... o medo de que Richie Grenadeau realmente nos pegaria, como jurou que pegaria. Sempre tivemos um lado mais sombrio do que Duds. A ideia de maldade que ele tinha era contar os seus pontos no cribbage para trás, e mais com espírito de brincadeira do que outra coisa. Ainda assim... lembra-se de quando Pete cobriu os olhos de Duddits com o boné e o Duds bateu na parede?

Jonesy se lembrava, vagamente. Acontecera perto da rua do comércio. Quando eram jovens e a rua do comércio era o lugar para se ir. A mesma merda, um outro dia.

— Por um bom tempo depois disso, Pete perdeu toda vez que nós jogamos o jogo do Duddits. O Duddits sempre contava para trás, e nenhum de nós dizia nada. Provavelmente achávamos que era só coincidência, mas, levando em consideração tudo o que sei agora, estou inclinado a duvidar disso.

— Pensa que até o Duddits achava que o troco é um sufoco?

— Aprendeu com a gente, Jonesy.

— Duddits deu ao Sr. Cinza uma cabeça de ponte. A mente de ponte dele.

— Sim, mas também deu a você uma fortaleza... um lugar para se esconder do Sr. Cinza. Não se esqueça disso.

Não, Jonesy pensou, jamais esqueceria.

— Tudo isso, do nosso lado, começou com Duddits — disse Henry. — Ficamos estranhos, Jonesy, depois que o conhecemos. Você sabe que é verdade. As coisas com o Richie Grenadeau foram só as grandes coisas, as que se destacavam. Se examinar a sua vida, verá outras. Tenho certeza.

— Defuniak — murmurou Jonesy.

— Quem é?

— O garoto que flagrei trapaceando pouco antes do meu acidente. Eu o flagrei mesmo não estando lá no dia em que o teste foi aplicado.

— Está vendo? Mas no fim foi Duddits que derrotou o filho da puta cinzento. Vou dizer uma outra coisa: acho que Duddits salvou a minha vida no fim da East Street. Acho perfeitamente possível que, quando o ajudante do Kurtz espiou dentro da traseira do Humvee e nos viu — eu me refiro à primeira vez —, na cabeça dele havia um Duddits dizendo: "Não se preocupe, sua mula velha, vai cuidar da sua vida, eles estão mortos!"

Mas Jonesy não deixara de lado o pensamento inicial.

— E devemos acreditar que o byrus que nos ligava... nós, entre tantas pessoas neste mundo... foi mera coincidência aleatória? Porque Gerritsen acreditava nisso. Não falou com todas as letras, mas o enfoque foi bastante claro.

— Por que não? Há cientistas, homens brilhantes como Stephen Jay Gould, que acreditam que a nossa própria espécie existe graças a uma sucessão de coincidências ainda mais longa e ainda mais improvável.

— E você acredita nisso?

Henry ergueu as mãos. Mal sabia responder sem invocar Deus, que voltara a fazer parte de sua vida nos últimos meses. Pela porta dos fundos, por assim dizer, e no silêncio das muitas noites insones. Mas seria necessário invocar o antigo deus ex machina para compreender aquilo?

— Acredito que Duddits somos nós, Jonesy. L'enfant c'est moi... toi... tout le monde. Raça, espécie, gênero; jogo, partida, resultado. Somos, somados, Duddits, e todas as nossas aspirações nobres se reduzem apenas a saber onde está a lancheira amarela e aprender a calçar os sapatos do lado certo, agiar oê, agiar ênis. As nossas emoções mais perversas, num sentido cósmico, reduzem-se apenas a contar os pontos num descarte, pondo os pinos ao inverso, e depois passar por bobo.

Jonesy o observava com fascínio.

— Isso é inspirador ou horrível. Não sei dizer qual.

— E não tem importância.

Jonesy refletiu um instante, depois perguntou:

— Se formos Duddits, quem canta para nós? Quem canta a canção de ninar, ajuda-nos a dormir quando estamos tristes e amedrontados?

— Ah, Deus ainda faz isso — respondeu Henry, e puxaria a própria orelha. Escapara, apesar de todas as intenções.

— E Deus evitou que a última fuinha entrasse no Poço 12? Porque se aquela coisa tivesse caído na água, Henry...

Tecnicamente, a fuinha incubada dentro de Perlmutter foi na verdade a última, mas era um ponto mínimo, um fio de cabelo que não precisava ser partido ao meio.

— Teria causado confusão, isso nem discuto; por uns dois anos, fosse ou não acabar com o Fenway Park a menor das preocupações de Boston. Mas destruir a nós? Penso que não. Éramos uma coisa nova para eles. O Sr. Cinza sabia disso; aqueles teipes seus sob hipnose...

— Não fale sobre eles. — Jonesy escutara dois deles e acreditava que fazê-lo fora o maior erro que cometeu durante o período no Wyoming. Escutar a si mesmo falar como o Sr. Cinza, sob profunda hipnose se

transformar no Sr. Cinza, fora como escutar um fantasma malévolo. Houve momentos em que pensou que deveria ser o único homem na face da Terra que realmente entendia o que é ser estuprado. Era melhor esquecer certas coisas.

— Desculpe.

Jonesy gesticulou para demonstrar que estava bem — não era problema —, mas empalideceu visivelmente.

— Só quero dizer que, num grau maior ou menor, somos uma espécie que vive no apanhador de sonhos. Não gosto do jeito que isso soa, falso transcendentalismo, retine no ouvido como um mero tin, mas tampouco temos as palavras certas para esta parte. Talvez no fim inventemos uma, mas, por enquanto, apanhador de sonhos deverá servir.

Henry se mexeu no assento. Jonesy fez o mesmo, mudando ligeiramente a posição de Noel no colo. Um apanhador de sonhos pendia acima da porta do chalé. Henry o trouxera como presente para a casa e Jonesy o pendurara imediatamente, assim como um camponês católico prega um crucifixo na porta do chalé numa época de vampiros.

— Talvez tenha sido apenas atraído para você — disse Henry. — Para nós. Do jeito que as flores se viram para acompanhar o sol, ou do jeito que as limalhas de ferro se alinham ao sentirem a atração de um ímã. Difícil saber ao certo, porque o byrus é muito diferente de nós.

— Acha que ele volta?

— Ah, sim — respondeu Henry. — Ele ou outros.

Olhou para o céu azul do dia de final de verão. Em algum lugar na distância, na direção do Reservatório de Quabbin, uma águia gritou.

— Acho que pode levar esse para o banco. Mas não hoje.

— Vocês aí! — Carla chamou. — O almoço está pronto!

Henry pegou Noel do colo de Jonesy. Por um momento suas mãos se tocaram, seus olhos se tocaram, e suas mentes se tocaram — por um momento viram a linha. Henry sorriu. Jonesy sorriu em resposta. Depois desceram a escada e atravessaram o gramado lado a lado, Jonesy mancando, Henry com a criança adormecida nos braços, e naquele momento a única escuridão eram as sombras seguindo o rastro de seus passos na relva.

Lovell, Maine
29 de maio, 2000

Nota do Autor

Nunca fui tão grato por escrever quanto durante o tempo em que trabalhei (de 16 de novembro de 1999 a 29 de maio de 2000) em O apanhador de sonhos. Sofri um enorme mal-estar físico durante esses seis meses e meio, e o livro me ajudou a suportá-lo. O leitor perceberá que porções desse mal-estar físico me perseguiram e integraram a história, mas lembro-me bem mais do alívio sublime que encontramos em sonhos vívidos.

Inúmeras pessoas me ajudaram. Uma delas foi minha mulher, Tabitha, que simplesmente se recusou a chamar este romance pelo título original, que era Câncer. Considerava-o feio e um convite à má sorte e a contratempos. Por fim cedi a seu modo de pensar, e ela já não se refere a ele como "este livro" ou "o livro das fuinhas de merda".

Agradeço também a Bill Pula, que me levou de carro ao Reservatório de Quabbin, e a seus colegas, Peter Baldracci, Terry Campbell e Joe McGinn. Outro grupo de pessoas, que talvez prefiram que seus nomes não sejam mencionados, levou-me num Humvee até a área da Guarda Nacional Aérea e insensatamente me deixou dirigir, garantindo-me que eu não conseguiria atolar a besta. Não atolei, mas por um triz. Voltei sujo de lama e feliz. Essas pessoas gostariam também que eu declarasse ao leitor que os Humvees têm um melhor desempenho no barro do que na neve; quanto a isso, inventei as capacidades do veículo para adequá-las ao andamento da narrativa.

Os agradecimentos devem ser feitos também a Susan Moldow e Nan Graham, da Scribner, a Chuck Verrill, que editou o livro, e a Arthur Greene, que o agenciou. E não devo me esquecer de Ralph Vicinanza, meu agente de direitos internacionais, que encontrou pelo menos seis maneiras de dizer "Aqui não há infecção" em francês.

Uma observação final. Este livro foi escrito com o melhor processador de texto do mundo, uma caneta-tinteiro de cartucho Waterman. Escrever à mão o primeiro rascunho de um livro longo assim colocou-me em contato com a linguagem de uma maneira que havia anos eu não experimentava. Cheguei mesmo a escrever uma noite (durante um apagão) à luz de vela. Raramente encontramos oportunidades como essa no século XXI, e devemos saboreá-las.

E, para você que chegou até aqui, obrigado por ter lido minha história.

Stephen King

Permissões

"Dying Man", © 1956 Atlantic Monthly Co. The Waking, © 1953 Theodore Roethke, extraído de Collected Poems of Theodore Roethke, utilizado com a permissão de Doubleday, uma divisão de Random House, Inc.

"Scooby Doo Where Are You", de David Mook e Ben Raleigh © 1969 (renovado) Mook Bros. West & Ben Raleigh Music Co. Todos os direitos reservados a o/b/o Mook Bros. West nos Estados Unidos, administrados por Warner-Tamerlane Publishing Corp. Todos os direitos reservados a o/b/o Ben Raleigh Music Co. nos Estados Unidos, administrados por Wise Brothers Music LLC. Todos os direitos internacionais, excluindo-se os Estados Unidos, controlados por Unichappell Music, Inc. Todos os direitos reservados. Utilizado com permissão. Warner Brothers Publications U.S. Inc., Miami, FL 33014.

"Sympathy for the Devil", letra e música de Mick Jagger e Keith Richards, © 1968, renovado em 1996, ABKCO Music Inc.

McElligots Pool, de Dr. Seuss™. Copyright de Dr. Seuss Enterprises L.P. 1947, renovado em 1975, reimpresso com permissão de Random House, Inc.

"I Am the Walrus", de John Lennon e Paul McCartney © 1967 Sony/ATV Tunes, LLC. Todos os direitos administrados por Sony/ATV Music Publishing, 8 Music Square West, Nashville, TN 37203.

"Yes We Can Can", letra e música de Allen Toussaint © 1970 (renovado em 1998), 1973 SCREEN GEMS-EMI INC. Todos os direitos reservados. Copyright internacional assegurado. Utilizado com permissão.

The Man Who Wasn't There, de Hughes Mearns © 1925, Doubleday & Co., utilizado com permissão de Petra Cabot.